



BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

ELIZABETH ADLER

AUTORA DE VERÃO NA RIVIERA · REGRESSO A ITÁLIA · REENCONTRO EM BARCELONA

Os Cinco Herdeiros

*Uma herança milionária.
Um herdeiro desconhecido.
Uma teia de segredos... e perigo.*



160.000
LIVROS
VENDIDOS
EM PORTUGAL



Ficha Técnica

Título original: *The Rich Shall Inherit*

Autor: Elizabeth Adler

Tradução: Margarida Malcato

Revisão: Domingas Cruz

ISBN: 9789897417672

QUINTA ESSÊNCIA

uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Elizabeth Adler, 1989

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com

www.quintaessencia.com.pt

www.leya.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Bem-aventurados os mansos; porque eles herdarão a terra.
Mateus 5:3-9

1

A luz da manhã iluminava o vale verde e dourado quando Mike Preston entrou impientemente na cozinha e ligou a máquina do café. Para dizer a verdade, já estava farto da vista das montanhas de Santa Ynez; era um homem que precisava do ritmo implacável e da agressão de Nova Iorque para motivá-lo – ainda assim, fora para escapar a esse estilo de vida frenético que procurara a solidão da Califórnia.

O talento de Mike como jornalista de investigação garantira-lhe um prémio Pulitzer há sete anos pela sua exposição atrevida da corrupção ao mais alto nível. Era um história emaranhada de negócios de armamento e subornos que acabara no afastamento, pela porta pequena, de um general muito conhecido e herói da Guerra da Coreia e na demissão de dois membros do gabinete pessoal do Presidente.

O livro que se seguira levava-o à fama e fortuna, dando-lhe mais dinheiro do que ele achava correto algum homem ter, e abrira-lhe as portas de uma nova carreira como leitor convidado em cidades tão distantes como Genebra, na Suíça, e Stanford, na Califórnia. Também o tornara uma celebridade televisiva relutante e mudara-lhe para sempre o estilo de vida.

Não era apenas o facto de agora poder comprar um apartamento luxuoso em Sutton Place com painéis de carvalho e uma biblioteca privada, tal como uma vista para o East River, ou de estar nas listas de todas as principais festas de Nova Iorque, ou das empregadas dos melhores restaurantes o

passarem à frente para lhe darem a melhor mesa, mas, por uma razão que ainda desconhecia, a fama parecia tê-lo tornado mais atraente. Mulheres lindas, que pareciam saídas de anúncios publicitários a perfumes ou da revista *Vogue* a envergarem vestidos do Calvin, do Óscar ou do Bill, ameaçavam as suas mestres de cerimónias para garantirem um lugar ao lado dele no jantar; acariciavam-lhe o braço, destapavam um pouco as partes íntimas enquanto ele bebia vinho, e faziam-lhe sugestões ao ouvido que teriam chocado a sua tia Martha que vivia em Madison, no Wisconsin.

Se Mike não conseguia perceber o que as mulheres viam nele, a tia Martha certamente conseguia. Os seus traços eram irregulares e o nariz destroçado era o legado de um jogo infantil de ténis que correria mal, contudo, os olhos, profundamente encovados, eram da cor de um mar cinzento de inverno e o cabelo curto e espesso estava normalmente despenteado, pois tinha o hábito de lhe passar com a mão quando estava concentrado. Mike pensava que parecia um miúdo de sete anos que andara à pancada, mas a tia Martha compreendia as mulheres; sabia que ele era a combinação inesperada da aparência de um camionista de dois metros com uma mente intelectual e sensível que causava aos corações femininos alguns sobressaltos. E agora, claro, adicionava-se o seu sucesso internacional. «Mike Preston» era um nome que podia abrir portas.

Mike ganhara a reputação de homem que conseguia ver para além da fachada pública dos ricos e poderosos até às cruas emoções que se escondiam por baixo, motivando-os a agir como tolos, o que acabava por arruiná-los. Os seus três *bestsellers* tinham sido escritos com esse elemento adicional de *suspense* – um ângulo de «quem-o-fez» que os tornara populares, estivesse ele a escrever sobre a vida real de um gigante de automóveis, um escândalo empresarial ou um homicídio espetacular. No entanto, já tinham passado dois anos desde que o seu livro fora publicado e ele prometera a si próprio que ali, em Santa Barbara, ia finalmente pensar na ideia para o próximo. Contudo, já ali estava há seis semanas e a máquina de escrever ainda tinha a capa, o cesto de papéis permanecia vazio e o chão sem folhas de papel amachucadas. Caíra que nem uma patinho nas graças do sol da Califórnia, do céu azul – e das loiras bronzeadas.

O *Los Angeles Times* do dia anterior ainda estava no balcão, por ler, pelo que Mike o levou para a varanda de sequóia. Colocando os pés no parapeito, começou a ler as reportagens diárias sobre política, terrorismo

global, homicídios, propriedades e automóveis, moda e cozinha... Um rápido resumo de desastres, conflitos e consumismo em trinta páginas...

Atirando-o para o chão, olhou-o enojado... Prometera a si mesmo que não leria o jornal durante dois meses para poder confirmar a sua teoria de que, quando o voltasse a ler, tudo estaria na mesma... Não teria perdido nada. Ou teria? Olhou novamente para o jornal amassado no chão, os seus olhos como que atraídos por um íman para o quadro negro publicitário, no canto inferior direito. Destacava-se das outras páginas como se estivesse escrito a letras vermelhas. Dizia:

PROCURA-SE HERDEIRA

POR PARTE DO ASSISTENTE DO TRIBUNAL DE GENEVRA SOBRE O PATRIMÓNIO DE POPPY MALLORY

NASCIDA A 5 DE JUNHO DE 1880, EM SANTA BARBARA, CALIFÓRNIA, FALECIDA A 15 DE JUNHO DE 1957, NO VENETO, EM ITÁLIA

PROCURA-SE UMA FILHA OU, SE JÁ TIVER MORRIDO, O SEU DESCENDENTE.

POR FAVOR, ENVIAR INFORMAÇÃO PARA O ADVOGADO JOHANNES LIEBER, N.º 14, RUE GARONNE, GENEVRA, SUÍÇA, OU TELEFONAR PARA O 73-63-03, GENEVRA

Mike esqueceu-se do café que queimava na cozinha, esqueceu-se do céu azul, das loiras e do tentador e preguiçoso sol da Califórnia. Reconhecia uma ótima história quando a via – e aquela era boa de mais para perder. O nome de Poppy Mallory parecia cheirar a mistério e intriga. Ele só conseguia imaginar as dezenas – ou talvez centenas – de pessoas esperançosas que responderiam ao anúncio.

Olhou para o mar, tentando perceber a razão pela qual Poppy Mallory, uma mulher nascida ali, naquele mesmo condado, morrera sozinha em Itália, tão longe de casa. Porque não se chegara a filha ainda à frente para reclamar a herança? E se, como era possível, a filha já tivesse morrido, quem seria o herdeiro ou a herdeira? Só havia um sítio para o descobrir. Olhou para o relógio de pulso e verificou que deviam ser quatro e meia da

tarde na Europa. A seguir, pegou no telefone e marcou o número do advogado Johannes Lieber, em Genebra.

Mr. Lieber era obviamente um advogado importante – foram precisas três mensagens através da sua secretária para convencê-lo a aceitar a chamada, e só o fez porque Mike enfatizara o seu nome famoso.

– Mike Preston? O autor de *A Fuga de Robbelard*? Admiro muito o seu trabalho – dissera-lhe Lieber. – Foi uma das melhores peças de jornalismo de investigação que alguma vez vi. É claro que somos todos suspeitos de aquisições de controlo corporativas, onde as pessoas fazem fortunas ao manipular o mercado com informações privadas, mas foi preciso alguém como o senhor para trazê-lo a público e nomear alguns culpados. Dou-lhe os meus parabéns pela sua coragem em enfrentar o poder estabelecido e ganhar.

Mike sorriu.

– Bem, obrigado, Mister Lieber. Fico sempre contente por conhecer um fã. Mas estou a ligar-lhe com esperança de que me possa conceder algumas informações privadas a mim próprio. Sobre Poppy Mallory.

– É da família? Ou talvez tenha informações novas? – Lieber tornou-se subitamente profissional.

– Não, senhor. Sou apenas um escritor em busca de uma boa história. Estava a pensar se me poderia dizer quem era Poppy Mallory e quanto vale o seu património.

Fez-se um grande silêncio e depois Lieber respondeu.

– Não estou certo da ética desta conversa, Mister Preston. Tenho de pensar na minha cliente.

Mike passou a mão pelo cabelo, impaciente.

– Como não tem herdeira, creio que ainda não tem, de facto, uma cliente, pois não? Senhor? – adicionou ele, tentando agradar. – Acabou de dizer que eu tinha feito um ótimo trabalho com *A Fuga de Robbelard*. Bom, talvez possa fazer o mesmo tipo de trabalho para si, com a Poppy Mallory. Afinal de contas, pode dizer que sou o seu homem no lugar certo, encontro-me precisamente em Santa Barbara, onde tudo começou. Podemos ajudar-nos mutuamente. Eu investigo a história de Poppy Mallory e, se encontrar a herdeira desaparecida, ou o herdeiro, posso escrever o livro. Se não for bem-sucedido, ou se a herdeira desaparecida acabar por aparecer sem mistério algum, não escrevo livro nenhum. O que me diz?

– Bem... – A voz de Lieber parecia cautelosa pelo que Mike franziu o sobrolho. De repente, desejava aquela história mais do que tudo o que desejara nos últimos anos. Tinha de descobrir algo sobre Poppy Mallory, o seu instinto dizia-lhe que havia mais qualquer coisa para além de uma herdeira desaparecida, havia algo de especial naquela mulher.

– Posso dizer-lhe que o património Mallory é considerável – afirmou Lieber –, sim, considerável... à volta de quinhentos ou seiscentos...

– Mil?

– Oh, milhões, meu caro amigo, *milhões*. Talvez até mais, quando conseguirmos aceder a tudo.

Mike assobiou baixinho.

– Então acho que terá uma luta em mãos. Será inundado de reivindicações de todos os vigaristas que veem aqui uma oportunidade de fazer dinheiro fácil.

Lieber suspirou profundamente.

– Isso é um problema, claro, mas ainda temos esperança de encontrar a filha de Madame Mallory viva. «Madame» é um título de cortesia, como compreende. Poppy Mallory nunca foi, ao que sabemos, casada.

– Está bem – disse Mike. – E se a «herdeira» já tiver morrido? Quem herdará os milhões?

– Quem, realmente? – perguntou Lieber com um risinho. – Se é que alguém herdará.

Fez-se um curto silêncio e depois Lieber disse:

– Vou confiar em si, Mister Preston, pois acredito que me poderá ajudar. Agradeço a sua assistência, ainda que seja pouco ortodoxa. Seja como for, trata-se de um caso muito pouco ortodoxo. O testamento de Madame Mallory só veio a público por causa da questão do título da parcela de uma propriedade em Beverly Hills. Ela morreu em casa, na sua Villa Castelletto, perto de Verona, em Itália. Há muitos anos que vivia sozinha. Pelos vistos, não recebia ninguém e não tinha um único amigo. Para além disso, ninguém na zona parecia lembrar-se de nada a respeito dela. A primeira vez que o meu escritório ouviu falar de Poppy Mallory foi quando fomos contactados por uns advogados californianos cujos clientes desejavam adquirir uma propriedade em Beverly Hills, aparentemente na posse dela. O testamento de Poppy fora preparado por um advogado do país local, um homem velho e negligente. O património arruinava-se e o advogado também acabou por

morrer, pelo que o seu negócio foi assumido por outro que mais tarde se mudou para Milão e levou os ficheiros consigo. O escritório de Milão tornou-se conhecido por lidar com a lei internacional e, em mil novecentos e sessenta e oito, acabou por fundir-se com o nosso. Quando a questão do título da propriedade se colocou, uma busca pelos nossos arquivos revelou um testamento não testemunhado e o mistério. Como não tinha testemunhas, o testamento nunca foi validado e só pode ser tomado como uma indicação de quem a herdeira de Poppy, ou herdeiros, poderão ser. E é por isso que estamos na posição onde nos encontramos. Cabe-nos a nós encontrar a verdadeira herdeira. Por isso – concluiu ele, bruscamente –, a Poppy permanece um enigma.

– Suponho que tenha colocado este anúncio a nível internacional – comentou Mike rapidamente. – Pode dizer-me que resposta teve até agora?

Lieber riu-se.

– Digamos que o senhor não foi o *primeiro* a ligar.

– Obrigado, Mister Lieber. – Mike folheava já as páginas da lista telefónica de Santa Barbara sem encontrar nada com o nome *Mallory*. – Agradeço a sua cooperação. Acha que poderia mandar-me um fax com a lista dos reclamantes que tem até agora? Prometo guardá-la com a minha vida – acrescentou a brincar.

Ao pousar o auscultador, soube exatamente para onde se dirigir a seguir.

2

O velho papagaio arrepiou as penas devido à brisa fria, húmida e penetrante que rodopiava na névoa do Grande Canal de Veneza. Esvaía-se através das fragmentadas paredes de estuque ocre do Palazzo Rinardi, erguendo-se até aos tetos com vigas de madeira e infiltrando-se nos cortinados de seda tão fragilizados pela idade que ameaçavam desfazer-se em pó. A plumagem do pássaro era o único toque de cor no que fora um quarto sumptuosamente colorido, contudo, naquela manhã, até o seu fato de selva alegre parecia ter submergido na húmida luz de novembro de Veneza.

Levantou uma das patas sob as penas, fletindo-a ligeiramente, pelo que os anéis de esmeralda e diamantes captaram a luz com um brilho impressionante. Poppy mandara-os fazer na *Bulgari*, dando instruções aos joalheiros para usarem apenas as melhores pedras e, ao longo de mais de oitenta anos, o seu adorado animal de estimação usara um resgate na forma de joias à volta das pernas finas. O seu grosso poleiro era de ouro maciço, arranhado e gasto pelos seus constantes saltos para cima e para baixo, e, no final, tinha um puxador do tamanho de uma bola de ténis, incrustado de joias preciosas. Uma enorme gaiola dourada com a forma de um palácio das histórias de Sherazade, com curvas e arcos gastos pelo tempo de vida do animal, encontrava-se em cima de uma mesa, num dos cantos da sala. Contudo, atualmente, o papagaio limitava-se a agachar-se no seu poleiro, a olhar e esperar por Aria, tal como fazia com Poppy.

O sussurrar suave de pés escorregadios soou ao longo do corredor de mármore, pelo que ele ergueu a cabeça quando o maciço puxador da porta girou e Fiametta, coxeando devido à arterite, colocou o tabuleiro do pequeno-almoço em cima de uma mesa do século dezassete. Os seus olhos cansados e encovados olhavam enquanto a velha mulher puxava as cortinas brancas da cama de dossel para trás, fazendo ruídos de reprovação à medida que pedaços de tinta caíam dos postes, acrescentando mais cicatrizes à decoração perfeita de rolos, flores e espaldares que tinham durado mais de duzentos anos.

– Aria – chamou ela, abanando o ombro da rapariga –, acorda!

A sua voz parecia diferente naquela manhã, estava excitada e o papagaio agitava-se no poleiro dourado, fletindo as asas.

– Vai-te embora, Fiametta – respondeu a voz abafada de Aria –, não quero acordar.

– Mas tens de acordar, é o teu aniversário! – A voz da velha mulher tremeu de entusiasmo à medida que Aria se movia com inquietação.

– É exatamente por isso que não quero acordar – murmurou Aria na almofada –, vai-te embora e deixa-me dormir.

– Que coisa bonita de se dizer! – Fiametta puxou firmemente o cobertor para trás.

– Está um *gelo* – gemeu Aria, puxando os cobertores até aos ombros cobertos pelo pijama. – Oh, vai-te embora, Fiametta. Deixa-me sozinha com a minha tristeza!

A velha mulher olhou-a com uma expressão de carinho e exasperação. Nunca deixava de se admirar com a beleza de Aria, especialmente porque quando ela era criança não podia ser chamada de beleza; a sua magreza extrema, juntamente com os olhos azul-escuros e grossas pestanas curvadas que lhe dominavam o rosto pequeno, davam-lhe o ar de uma órfã mal nutrida. Muitas vezes, Fiametta ficava com o coração nas mãos, temendo um membro partido enquanto a via subir às árvores com a agilidade de um macaco, ou a saltar, segura, as pedras do caminho do riacho bravo que separava o parque em redor da Villa d'Oro. No entanto, a delicadeza de Aria fora enganadora. Ela era tão forte como um touro, pensava Fiametta com orgulho, e tão graciosa e elegante como uma gazela. Havia quem comparasse a aparência genuína de Aria à da jovem Audrey Hepburn, e quem argumentasse que ela tinha a beleza pura de Grace Kelly, mas,

independentemente disso tudo, Fiametta sabia que Aria não se parecia com ninguém a não ser com ela própria. Era única.

Arranjou as almofadas confortavelmente por baixo das costas de Aria enquanto a rapariga se movia e erguia, relutante.

– Assim é muito melhor – disse ela à medida que Aria lhe colocava um braço magro à volta do pescoço e a beijava com carinho nas duas faces.

– *Ciao*, Fiametta – murmurou Aria, com um sorriso a aparecer-lhe no rosto jovem. – Para quê esta confusão toda? Não tomo o pequeno-almoço na cama desde que tirei as amígdalas, aos doze anos! – Ela sorria, mas os seus olhos estavam tristes e o papagaio moveu-se no poleiro a guinchar para lhe chamar a atenção. – *Luchay, caro* – disse ela –, vem cá.

O papagaio voou do poleiro para a mesa e dali para a cómoda, fazendo o caminho até ela através de pequenos saltos.

– Pobre *Luchay* – murmurou Aria, triste –, acho que hoje estamos todos a sentir a idade, não é? – Ele saltou para cima do seu braço esticado, caminhando gentilmente para o ombro, onde se aninhou contra a face, picando-lhe delicadamente a orelha e fazendo suaves barulhos guturais.

O tabuleiro do pequeno-almoço estava pousado com uma toalha gasta de linho branco, com um delicado laço veneziano em cima, e continha um copo de cristal fissurado com sumo de laranja, um cesto com rolinhos frescos, um prato com manteiga amarela suave, e outro com compota de um vermelho vivo feita por Fiametta com morangos selvagens de verão que cresciam nas colinas junto à Villa d'Oro. Um jornal imaculadamente dobrado estava pousado junto ao lindo prato azul e branco – um dos últimos do serviço *Haviland* que fora feito para a Baronesa Marina Rinardi, há cento e cinquenta anos.

A mão de Fiametta tremia enquanto ela pegava no jornal.

– Lê-o, *cara!* – exclamou ela. – Toma, lê-o, rápido.

Aria aceitou o jornal, surpreendida.

– Mas o que tenho de ler? É apenas o jornal, as mesmas velhas notícias de sempre. A não ser que... *alguém tenha morrido?* – Corou, envergonhada pela vaga esperança que lhe fez tremer a voz.

– Não se trata da pessoa em que estás a pensar. Mas, sim... de certa forma.

– O dedo de Fiametta, distorcido pela artrite, apontou, tremelizando, para o fundo da página. O anúncio em busca da herdeira Mallory, sublinhado a duas linhas negras, destacava-se do resto da página.

– E então? – perguntou Aria, confusa.

– É a *Poppy*! – exclamou Fiametta. – A *Poppy Mallory*!... Não percebes? Só podes ser *tu* a herdeira, Aria. *És tu*!

Aria voltou a ler a nota, só que agora um pouco mais esperançosa. E se fosse verdade? E se ela fosse realmente uma herdeira? Podia resolver o destino que se lhe pendurava sobre a cabeça como a espada de Dâmocles.

Havia apenas seis meses que a sua mãe lhe contara a notícia surpreendente de que o fundo da família Rinardi finalmente secara; já não havia dinheiro e agora ela esperava que Aria fizesse a sua parte e casasse com um homem rico, um homem que ela lhe escolhera – Antony Carraldo.

O nome provocara um arrepio na coluna de Aria, pelo que olhara para a mãe com horror. Ouvira inúmeros rumores sobre Carraldo – toda a gente ouvira, apesar de nunca ninguém ter provado nada, nem ter tentado provar. A mãe dissera-lhe que ela não devia acreditar nos rumores, não passavam de histórias inventadas por pessoas com inveja da fama e da fortuna dele.

– Pense, menina – dissera ela –, acha que o seu pai teria sido o melhor amigo dele se o que dizem fosse verdade?

Era estranho, pensara Aria, surpreendida, que Carraldo tivesse sido o melhor amigo do *Papa*. De certa forma, ele estivera sempre ali, nas suas vidas, uma figura sombria que mantinha a distância... Ela até se lembrava de lhe ter segurado a mão no funeral do *Papa*...

– Não se preocupe – dissera Francesca –, ele prometeu tomar muito bem conta de si. Terá tudo o que uma mulher quer no mundo.

– Pois, uma mulher como a mãe! – Aria respondera com as lágrimas a encherem-lhe novamente os olhos.

A mãe limitara-se a rir, num som leve e inconstante, sem alegria.

– De qualquer forma, sempre achei que o Carraldo estava à espera de que crescesse – dissera ela.

É claro que Aria se recusara a fazê-lo; explodira, chorara, dissera que não vivia no tempo medieval, que as mães já não casavam as filhas com quem queriam... Que fugiria para qualquer lado... a milhares de quilómetros de Carraldo. Depois, a mãe parara a sua fúria com uma simples afirmação.

– *Se recusar* – afirmara Francesca Rinardi, sem qualquer emoção –, *não responderei pelos meus atos*.

Aria olhara aterrorizada para os seus límpidos olhos azuis, depois, Francesca fora-se simplesmente embora, deixando-a a refletir sobre tudo.

Aria compreendera a ameaça de Francesca, e também sabia que ela era bem capaz de cometer suicídio. Para uma mulher como a mãe, um mundo sem luxo, que ela considerava ser a necessidade da vida, era um mundo onde não valia a pena viver. Assustada, soubera naquela altura que Francesca a deixara sem alternativa.

E agora, o dia do seu décimo oitavo aniversário, era o dia em que ficava noiva de Antony Carraldo. Voltou a olhar para o anúncio negro que procurava a herdeira desaparecida de Poppy Mallory.

– Poppy... – suspirou ela, esperançosa. – Vieste salvar-me? Nem sequer sei quem és, apenas sei o teu nome. Poppy.

– *Poppy* – repetiu *Luchay*. – *Poppy, Poppy*, cara. *Poppy, chérie, Poppy, darling*.

Olharam para ele espantadas enquanto ele voava para o poleiro, ainda a guinchar asperamente.

– *Poppy* – disse ele outra vez, mais claramente, há muito não habituado ao som daquele nome que parecia lembrá-lo de reflexos antigos.

– *Luchay!* – gritou Aria, entusiasmada. – Claro. *Tu* conhecias a Poppy. *Tu* sabias tudo sobre ela! – Os olhos arregalaram-se à medida que se apercebia do que o papagaio sabia. – E – acrescentou calmamente –, *tu* sabes quem é a sua verdadeira herdeira.

Eram cinco e meia da manhã e o avião elegante e preto de Antony Carraldo, *Gulfstream III*, com o seu distinto emblema de um corvo dentro de um círculo dourado, esperava no asfalto do aeroporto de Malpensa, em Milão, com os motores ligados e prontos para descolar com destino a Londres. O *Mercedes* preto e comprido, com os vidros fumados para ocultar o ocupante, aproximou-se devagar. O empregado que esperava nos degraus chamou inteligentemente a atenção por antecipação. Ele sabia que Carraldo sairia do carro antes de o motorista ter tempo de puxar o travão de mão, quanto mais para dar a volta e abrir a porta ao seu patrão.

Carraldo subiu rapidamente os degraus.

– Bom dia, Enrico – disse ele, acenando, simpático.

– Bom dia, senhor. O capitão está pronto para descolar assim que o senhor mandar – respondeu o empregado.

Carraldo acenou.

– Vamos embora.

Sem olhar novamente, sentou-se e apertou o cinto de segurança, pegando no primeiro de uma dúzia de jornais internacionais que lia todas as manhãs. Estavam há poucos minutos no ar quando ele abriu o *Il Giorno*. Enrico apareceu com um cafeteira de café num tabuleiro de prata. Serviu-o habilmente, habituado ao silêncio do patrão. Sabia que Carraldo usava todos os minutos disponíveis do dia para trabalhar; agora estaria a verificar os mercados monetários internacionais, tal como o mercado da arte. Pensava para si próprio que Carraldo tinha provavelmente um ovo em cada cesto.

Acenando um agradecimento, Carraldo bebericou o café. Era uma mistura especialmente feita para ele em Paris, grossa, escura e rica, que nunca o deixava de transpor para um estado de inconsciência total, fosse uma, duas ou cinco horas da manhã. Contudo, naquela manhã, ele não precisava disso. O anúncio, fortemente marcado a negro, saltava das páginas do *Il Giorno* com o impacto de uma pequena bomba.

Poppy Mallory. Olhou embasbacado para o nome do passado. Era um nome que o fazia recuar, para uma mulher que nem sequer conhecera. Mas sabia que era um nome que podia ter um efeito devastador no seu futuro.

Antony Carraldo tinha cinquenta e um anos. Era de estatura média com um tronco fino, porém musculado, e a sua pele cor de azeitona possuía o ligeiro bronze dos muito ricos durante todo o ano. O seu rosto magro era bastante ossudo e tinha a testa larga e o tipo de nariz empinado das antigas estátuas romanas. Carraldo não ficaria deslocado se envergasse uma toga nos degraus do Senado romano no tempo de César, todavia, andava sempre imaculadamente vestido com fatos feitos à medida – linho creme no verão e azul-escuro com riscas finas no inverno, e camisas azul-claras simples e leves do mais puro algodão. Para um homem tão formal, os seus sapatos eram um pouco excêntricos – *mocassins* com borlas do *Westons*, em Paris –, contudo, as gravatas eram discretas, às riscas ou com pintas, e feitas com seda italiana. Tinha uma boca firme, que raramente sorria, e falava com tons calculados como se cada frase fosse muito bem pensada antes de ser dita. As mãos eram elegantes, com unhas bem arranjadas, e não usava anéis. Um relógio simples de ouro branco feito à mão pela casa Vacheron & Constatin era o seu único acessório – e era-o exclusivamente por razões práticas e não por vaidade.

À superfície, Carraldo parecia o que era – um homem rico, meticoloso e

educado. Durante os últimos trinta e cinco anos fizera fortuna como negociante de arte e, como filantropo, colocara muito desse dinheiro ao dispor das suas grandes paixões: a música, a ópera e a pintura.

Carraldo viajava pelo mundo no seu avião privado para fazer grandes negócios de arte. Era dono de uma luxuosa *villa* de viragem do século nas colinas de Portofino, de uma enorme casa na Via Michelangelo Buonarroti, em Milão, e de um antigo, porém totalmente recuperado *palazzo*, em Veneza. Também possuía uma casa em Belgrave Square, Londres, e mantinha uma suíte permanente no Pierre Hotel, em Nova Iorque. Cada propriedade continha uma fortuna em quadros, esculturas e outros tesouros artísticos e era mantida numa ordem imaculada por uma equipa de empregados.

No entanto, havia outra casa, de que ninguém tinha conhecimento, uma *villa* grande e oculta perto de Nápoles, que visitava uma vez por mês, sem falhar. Permanecia lá exatamente dois dias e duas noites e depois regressava à sua vida normal de Milão.

Carraldo não era um homem de festas, mas era visto nos mais importantes encontros sociais internacionais, particularmente naqueles que envolviam os mundos da arte e da música. Estava envolvido no Spoleto Festival e na Bienal de Veneza e, quatro ou cinco vezes por ano, dava festas sumptuosas nas suas casas – um baile de máscaras em Veneza para o Carnaval de Lenten; uma festa de verão em Portofino; um encontro de iminentes fãs de ópera num jantar em Milão. Sem contar com estas ocasiões, a sua vida privada era precisamente isso – privada. Mas também se falava sobre ela nos bares e cafés de meia dúzia de cidades internacionais.

Dizia-se que a suave fachada de Antony Carraldo escondia mil segredos, que o seu dinheiro não provinha apenas da sua magnífica experiência em negociar arte, mas que havia outras formas mais sinistras de ele acrescentar milhões à sua conta bancária da Suíça todos os anos. E, apesar da sua aparência urbana, diziam ainda que o apetite sexual de Carraldo era insaciável.

Comentava-se que Carraldo era um homem de ferro cujas infinitas sessões noturnas o deixavam ainda em controlo e às suas parceiras exaustas – e que gostava de sexo bruto.

– Orgias – diziam –, deboches com a duração de uma semana com todas as perversões imagináveis...

Mas Carraldo, suave e com um leve sorriso, era impermeável aos rumores e nunca *ninguém* recusava um convite para uma das suas festas.

O único homem em que ele alguma vez confiara fora no seu grande amigo Paolo Rinardi, mas Paolo morrera tragicamente há catorze anos e agora não havia ninguém que soubesse verdadeiramente como Antony Carraldo amealhara a sua enorme fortuna, e *quem* ou *o quê* ele era. *Ninguém sabia a verdade.*

À medida que o elegante avião negro se aproximava da pista do aeroporto de Heathrow, uma pilha de jornais caíram aos pés de Carraldo. Ele franziu o sobrolho, pressionando os dedos da mão contra a têmpora enquanto a dor flutuava no seu peito como a lâmina de uma faca pequena. Tirando uma caixa de prata que trazia no bolso, pegou num comprimido pequeno e colocou-o debaixo da língua, recostando-se no banco à espera que fizesse efeito e pensando no anúncio extraordinário. Tinha quase a certeza de que se Francesca Rinardi tinha algo a ver com ele, diria que Aria era a herdeira da fortuna de Poppy Mallory, quer acreditasse ser verdade ou não. Mas, se fosse, ele estaria à beira de perder o único tesouro que valorizava no mundo. E Carraldo não era um homem que perdia facilmente.

Chamou Enrico, pediu-lhe para ligar, via rádio, para o Banco Credito e Marítimo, em Zurique, na Suíça. Falou com Giuseppe Alliere, o seu presidente, dando-lhe instruções para usar os seus contactos de forma a obter do escritório do advogado Johannes Lieber uma lista com os potenciais reclamantes do património de Poppy Mallory.

Claudia Galli decidiu odiar Paris naquele dia. Detestava as suas avenidas antigas com árvores alinhadas e os edifícios bonitos; detestava as mansardas e os seus pátios de pedra; detestava os cafés e restaurantes e as suas montras brilhantes a mostrarem as mais belas e luxuosas roupas do mundo. Detestava tudo aquilo porque não tinha dinheiro e, na sua opinião, não ter dinheiro em Paris era um pecado.

Um pequeno gato preto correu rente aos seus pés, levando-a quase a desequilibrar-se, à saída do elevador do seu elegante edifício de apartamentos perto da Avenue Foch, e ela tentou dar-lhe um pontapé furioso com o pé magro, impecavelmente calçado num sapato *Maud Frizon* de pele de crocodilo.

– Estúpido – murmurou ela. Falida ou com dinheiro, Claudia detestava gatos.

Emergindo na rua, deteve-se para olhar para o céu outonal. As nuvens pareciam baixas e ameaçadoras e havia um vento frio a arrancar as últimas folhas dos ramos escuros das árvores. Aconchegando-se mais na sua gola, agradeceu a Deus por, pelo menos, ainda ter um bom casaco de peles – claro que não era pele de *marta* – há muito que se desfizera das peles de marta –, mas, pelo menos, também não era *vison*. Uma gabardina era um compromisso perfeitamente aceitável na escala do estatuto social. E, por falar em escala e estatuto social, ao que estava agora reduzida a sua vida?

Claudia vivia num pequeníssimo estúdio na parte traseira de um edifício elegante com uma vista aproximada para os caixotes do lixo. Achava que poderia ter encontrado algo maior tendo em conta o preço, num *arrondissement* mais barato, contudo, ali ao menos tinha uma boa morada, que era o que contava. E, além disso, não antecipara passar muito tempo naquele apartamento. Naquele momento, por exemplo, esperara estar a seleccionar uma mão-cheia de convites; pensara passar o Natal na *villa* dos Malinkoff, no sofisticado novo *resort* mexicano da Costa Careyes, a seguir talvez uma semana ou duas no chalé dos Lister, em Gstaad, e depois seguiria para os Barbados... No entanto, naquele ano, os convites não se tinham concretizado. As suas «amigas» haviam percebido que andava à procura de um novo marido e não estavam dispostas a arriscar os seus ao tê-la por perto. Claudia era conhecida por não ter escrúpulos nestes assuntos. Tinha trinta e seis anos e era considerada uma mulher bonita – bem, uma mulher bastante *atraente* – alta, com ancas estreitas e subidas, seios redondos maiores do que estava na moda, mas considerados uma das suas melhores características. No entanto, por vezes, tal como agora, ser demasiado atraente não lhe era benéfico.

Mordeu o lábio, furiosa, e procurou um táxi. Claro, Pierluigi dir-lhe-ia que ela já não tinha dinheiro para pagar um táxi, mas o maldito nunca apanhara o metro na vida, porque esperava que ela o fizesse?

– Rue de Rivoli, Angelina's – disse ela secamente ao motorista, esperando encontrar lá alguém que pagasse a conta e lhe oferecesse café e brioche.

O café chique estava praticamente vazio, apenas duas ou três mesas com turistas. Naturalmente, pensou Claudia de mau humor, toda a gente que era

alguém estava em Nova Iorque para o concerto de Pavarotti e para a festa da «Moda» do Museu de Arte Moderna... ela também teria lá estado, mas as companhias aéreas disseram-lhe friamente que o seu cartão de crédito já não estava válido e que por isso tinham de cancelar a reserva.

A culpa era toda do seu pai, pensou, zangada, culpando-o, como fazia sempre, por todos os seus problemas. Aleksandr Galli fora um solitário e excêntrico que rejeitara o nome da família Rinardi a favor do da mulher, Galli. Recusara-se a viver na *villa* da família ou no *palazzo* veneziano, dizendo adeus às propriedades e ao título de Barão Rinardi a favor do seu primo Paolo. Claudia nunca lhe perdoara; ela teria dado bom uso às casas, cheias de tesouros caros. Em vez disso, quando ele morrera, tudo o que lhe deixara fora a remota Villa Velata, que ninguém queria!

Ela olhou tristemente para a sua chávena de café, colocando-lhe duas colheres do proibido açúcar e decidindo ligar a Pierluigi mais uma vez, em Nova Iorque. Ele teria de acabar por retribuir as suas chamadas, ainda que estivesse zangado com ela. Pierluigi nunca conseguia ficar longe dela por muito tempo. *Precisava dela*. O seu irmão gêmeo era um agente imobiliário muito bem-sucedido e, apesar de ter havido alguns relatórios perturbadores nos jornais sobre o mercado nos últimos meses, tinha a certeza de que Pierluigi estaria bem. Ele nunca deixava nada meter-se no caminho do seu sucesso.

Enquanto folheava as páginas do *Le Monde* para verificar os relatórios do mercado de valores, Claudia viu o anúncio à procura da herdeira de Poppy Mallory. Os seus olhos arregalaram-se enquanto o examinava, depois, recostou-se na cadeira, molhou o brioche no café e deu uma grande e satisfatória dentada. Aquilo podia ser exatamente o que ela precisava... talvez, e apenas talvez, a sua sorte mudasse... se conseguisse perceber como fazê-lo. E também apenas talvez não viesse a ter de telefonar mais ao odioso Pierluigi. Ainda tinha de fazê-lo. Mas só até que precisasse dele.

O rosto de Pierluigi Galli estava impassível quando se sentou na elegante mesa que lhe fora apresentada no Regency Hotel, na Park Avenue, em Nova Iorque, a ouvir atentamente o que o seu companheiro de pequeno-almoço dizia.

– Claro que teria sido melhor se tivesses saído há seis meses – dizia-lhe

Warren James, mordendo o mais delicioso bolo de mirtilo que já provara –, mas ainda não é demasiado tarde... ainda! – acrescentou, mastigando o bolo pensativamente.

Pierluigi brincava com a sua linda tigela com fruta fresca. Era um homem abstémio e a comida e bebida elegante não eram muito atraentes para ele. Nunca bebia café nem chá e agora bebericava um copo de água *Badoit* sem dizer nada.

– Foi uma tolice continuar quando o mercado de metais estava tão arriscado – declarou Warren, fazendo sinal ao empregado para trazer um novo cesto de bolos –, e, na minha opinião, tens muita sorte por teres saído com a roupa do corpo. Assim como assim, levaste uma grande pancada... Por amor de Deus, homem, numa altura destas eu esperava que saíesses do mercado, como todos os outros, e não que continuasses a dar tiros no escuro!

– Eu sei isso tudo, Warren – respondeu Pierluigi, suavemente. – E agora que o teu sermão acabou, voltamos ao ponto da nossa reunião. Preciso do teu apoio para poder avançar com o meu próximo projeto. *Preciso de cinco milhões*, Warren... e *rápido*.

O banqueiro olhou para ele sob as cinzentas sobrancelhas espessas.

– Desculpa, Pierluigi, mas não consigo arranjar esse valor. Ouve – acrescentou, razoavelmente –, há muitos anos que temos uma ótima relação e eu respeito o teu jeito para o negócio. As matérias-primas são um negócio arriscado e, ainda assim, tu sempre soubeste intuitivamente quando entrar e quando sair, mas, desta vez, podes estragar tudo. Como somos amigos há muito tempo, Pierluigi, posso oferecer um milhão. Mais não.

– Obrigado, Warren. – Levantando-se, Pierluigi alisou os vincos das suas calças impecavelmente passadas a ferro e abotoou o casaco. – Estou atrasado para outra reunião – disse ele, calmamente –, pelo que tenho de ir andando. – A sua voz tinha um som levemente gélido e Warren olhou para ele, cauteloso. Pierluigi tinha a reputação de ser um homem implacável nos negócios e particularmente com os inimigos.

– Ouve, Pierluigi – protestou ele –, não podias sinceramente esperar mais... dadas as circunstâncias.

– Tens toda a razão, claro – respondeu ele, sem sorrir – e não tenho outra opção senão aceitar a tua oferta. Obrigado, Warren... Eu pago a conta quando sair. – Virando-se, deixou o banqueiro com a boca cheia de bolo de

mirtilo e a testa franzida.

Lá fora, o céu estava cinzento e um vento frio soprava na esquina. Pierluigi ergueu a gola do seu casaco azul-escuro de caxemira à medida que andava garbosamente ao longo de Park Avenue. Queria caminhar um pouco, pensar nalgumas coisas antes de se dirigir para Wall Street. Ainda eram sete e meia da manhã e normalmente ele só entrava no escritório às cinco da tarde. Pouca coisa interessava a Pierluigi Galli para além do trabalho – o tipo de trabalho específico que ele escolhera. Gostava de ser um mediador de matérias-primas porque tudo não passava de um grande jogo e, até há algumas semanas, ele ganhara sempre. Contudo, agora, perdera uma parte substancial da sua considerável fortuna amealhada e, se não voltasse a ter financiamento – mais do que Warren estava disposto a oferecer, e Warren não era o único banqueiro da cidade –, estaria metido num grande sarilho. Na verdade, a soma de que precisava estava mais próxima dos vinte milhões do que dos cinco que pedira a Warren. Esperara juntá-la a partir de várias fontes, mas agora parecia que seria forçado a arranjar ele próprio até um terço desse montante.

Um táxi aproximou-se do passeio como resultado do seu braço esticado, entrou e deu a morada do seu escritório em Wall Street. Pierluigi nunca tinha problemas em arranjar táxis, as melhores mesas dos restaurantes mais elegantes de Nova Iorque e a atenção das empregadas. Havia um ar de comando na sua figura de rosto esquelético e impecavelmente vestida que, de certa forma, o fazia patrão de outros que inspecionava, provocando uma resposta de serventia. Todavia, nunca dava gorjetas grandes e raramente sorria. Simplesmente esperava que o servissem e era isso que obtinha. O trânsito estava parado na esquina da rua cinquenta e dois e a rua Lexington e, suspirando, abriu o *The Wall Street Journal* e começou a verificar os valores do mercado.

Muito mais tarde nesse noite, quando estava sozinho no seu escritório decorado por um decorador profissional, onde as paredes de um verde-escuro elegante estavam adornadas de quadros a óleo de paisagens inglesas e virgens italianas, e as prateleiras de frontão de madeira escura mostravam filas de livros com capa de pele, Pierluigi pegou novamente no jornal. E, desta vez, leu o anúncio sobre Poppy Mallory. Deu-lhe muito em que pensar.

Servindo-se de um copo de uísque de malte escocês, de dez anos, de

Glenfidditch, bebericou-o com um sorriso. Com que então, pensou, os esqueletos da família saíam do armário – finalmente. Muito, muito oportuno.

* * *

O espesso cabelo loiro de Orlando Messenger brilhava ao sol irregular de Londres enquanto atravessava a passadeira de Sloane Square em direção à enorme loja W. H. Smith, no lado sul; mas não era apenas o seu cabelo loiro que virava as cabeças de todas as mulheres – o resto da sua pessoa condizia com a aparência nórdica. Orlando tinha um metro e noventa e cinco de altura e um bronzeado dourado natural que fazia com que os seus olhos azuis parecessem ainda mais azuis. A sua boca generosa erguia-se ligeiramente nos cantos e o nariz era levemente comprido e muito direito.

Estava de volta a Inglaterra para uma exposição dos seus mais recentes trabalhos numa galeria elegante de Mayfair, e encontrava-se a caminho da Smith's para comprar um exemplar do *The Times* para verificar que o anúncio ainda lá estava. Sem se incomodar em colocar-se na fila, pegou no jornal, atirou uma moeda à rapariga da caixa e saiu da loja sem se aperceber dos olhares fulminantes dos clientes que ainda esperavam na fila para pagar. Caminhando de regresso através do trânsito, atravessou a Sloane Street em direção ao L'Express.

Orlando acenou à empregada, observando casualmente as mesas para ver se encontrava rostos familiares, porém, o café estava quase vazio àquela hora da manhã. Pediu um café duplo, sentou-se num banco alto preto e cromado no bar e folheou as páginas até encontrar a secção das Artes. Sim, ainda lá estava – não era tão grande como esperara, mas, ainda assim, era muito proeminente: *Exposição de Arte dos mais recentes trabalhos a óleo, aguarela e guache de Orlando Messenger na Galeria Maze, Cork Street, Mayfair, Londres, de 15 de novembro a 15 de dezembro.*

Bom, já estava. Tudo o que restava agora era que as pessoas aparecessem e comprassem os seus quadros. Tinha a certeza de que a inauguração estaria apinhada com nomes internacionais – alguns com casas onde ele já pernoitara, outros que ele já pintara e outros com quem já tinha feito amor. Todavia, estes não eram *compradores*. Estas pessoas esperavam que as coisas lhes fossem *oferecidas*! O que Orlando precisava agora era de

clientes *reais*.

Já não havia dinheiro na família Messenger. Antes de morrer, o pai afirmara que o dinheiro fora gasto na educação caríssima de Orlando, na sede da sua falecida mulher por *gin* e cruzeiros longos e em grandes perdas em jogos de bridge e casinos. Não que alguma vez tivesse havido uma grande fortuna, mas agora existia apenas uma casa velha e não muito grande numa zona fora de moda do campo, que, depois de meio século de negligência, precisava de um balúrdio para se tornar habitável.

Orlando observou o jornal e bebericou o café, agradecendo a Deus por, pelo menos, agora os ingleses saberem fazer um café decente. Era impossível não ver o grande anúncio em busca da herdeira de Poppy Mallory, um quadrado enorme rodeado a preto de forma a saltar da página, pelo que ele ficou a olhá-lo durante algum tempo. Depois, sorrindo à empregada que sabia ficar cheia de arrepios e com o coração derretido, pediu outro café duplo e um *croissant*. No entanto, devia ter pedido champanhe, pois Orlando Messenger acabara de ver a resposta a todos os seus problemas.

Embora fosse outono, o calor da Califórnia assolava a autoestrada Ventura, enviando pequenas ondas de calor trémulo distorcidas pela luz através do para-brisas de Lauren Hunter, como ondinhas num pequeno riacho. Ela girou o antigo *Ford Mustang* na rampa da saída de Encino e dirigiu-se para a Ventura Boulevard, pegando automaticamente num *Kleenex* para limpar o suor da testa. Um carro sem ar condicionado naquele tempo da Califórnia era o equivalente moderno ao *Inferno* de Dante, e Lauren conhecia muito bem o *Inferno* – não só estudara o trabalho de Dante no Redlands High, como também vivera pessoalmente uma espécie de inferno, às vezes considerando que se teria safado melhor na simples versão do lago de fogo e enxofre... Contudo, prometera a si própria que tentaria nunca mais pensar naquilo outra vez; que de agora em diante, sempre que os acontecimentos dos anos passados lhe viessem à mente, iria simplesmente reprimi-los. É claro que o psiquiatra dissera que não devia reprimi-los, mas abandonar as memórias e os medos. Dissera-lhe que ela devia contar a sua história em sessões de grupo tal como os outros faziam, mas Lauren não era capaz. Era melhor que ninguém soubesse.

Dirigiu o carro para Ventura, virando à esquerda para o parque de estacionamento subterrâneo. Descolando-se do assento de plástico quente e pegajoso devido ao calor, alisou a saia curta por cima das pernas magras. Descolou a camisola firme e recentemente passada a ferro dos seios, pensando, enojada, que parecia ter saído de uma sauna. Sentindo-se tão murcha como se já tivesse passado o dia a trabalhar, em vez de o estar a começar, Lauren bateu com a porta do carro sem se incomodar a trancá-lo – quem queria roubar o chaço velho? Duvidava que lhe dessem cinquenta dólares por ele. Cabisbaixa, subiu os degraus do estacionamento e encaminhou-se para o Denny's Coffee Shop, onde trabalhava como empregada de mesa.

Sabia que tivera sorte em arranjar aquele emprego, mas às vezes quando via as raparigas jovens a almoçar juntas ou simplesmente a passar o tempo enquanto bebiam café, envergando roupas de ginástica giras ou calças de ganga da *Guess* e *Reeboks*, ficava consciente da diferença entre si e elas. Invejava a sensação de não ter grandes responsabilidades e conversar sobre aulas, roupa e namorados. O seu rosto já fora arrogante e ávido como os delas, porém, agora, estas raparigas nem sequer a consideravam parte do grupo. Se olhassem para ela, viam apenas uma jovem abatida com olhos cansados e cabelo ruivo-aloiado limpo, preso num rabo-de-cavalo. Lauren podia ter qualquer idade entre os vinte e os trinta, mas, na realidade, tinha só dezoito anos.

Lavou a cara e as mãos na casa de banho das mulheres e arranjou o cabelo, mal se dando ao trabalho de se olhar ao espelho. Sabia o que veria e não gostava. Havia alturas em que pensava que se não fosse por Maria podia ter acabado bem. Mas Maria, que podia facilmente ser considerada a destruidora da sua vida, era também a sua única alegria.

Lauren sorriu ao pensar no bebé; tinha catorze meses e uma carinha muito linda, com bochechas redondas e uma expressão doce nos olhos azuis, e já com uma cascata de caracóis espessos e escuros. Claro que lhe disseram que o bebé devia ser dado para adoção ou posto numa instituição o mais rapidamente possível, mas assim que Lauren o vira e o segurara, fora-lhe impossível dá-lo. Estava determinada a amá-lo. Significara desistir da oportunidade de ir para a universidade e, em vez disso, arranjar o primeiro trabalho que lhe aparecesse, mas ela sabia que valeria a pena.

O ar frio do ar condicionado relaxou-a de imediato. Eram onze e meia e a

multidão para o almoço já entrava, maioritariamente homens de fato, sem casaco e com as gravatas folgadas, bebendo café e falando de negócios. Era Hollywood e Lauren pensou que a maior parte deles parecia agentes ou advogados – ou vendedores de automóveis espertos.

Prosseguiu com os seus deveres, servindo eficazmente e com um sorriso até às duas e meia, altura em que a multidão começou finalmente a dispersar. Com um suspiro de alívio, começou a limpar as mesas, a arranjar os guardanapos e os individuais de papel e colocou os cartões com a ementa do dia nos cantos certos. Pegando num exemplar do *Los Angeles Times* deixado para trás, meteu-o debaixo do braço. Pouparia o dinheiro da compra e lê-lo-ia mais tarde.

O dia pareceu ainda mais longo do que o habitual e às quatro, quando finalmente saiu para ir buscar Maria, sentia-se exausta. Teria apenas tempo para tomar duche e dar o jantar ao bebé, depois dar-lhe-ia banho e brincaria um pouco com ele, antes de começar o seu trabalho da noite como empregada de mesa numa discoteca do Valley.

Só depois de acabar o seu turno no Teddy's Barn, cheio de notívagos, e de chegar a casa pouco depois das duas da manhã, Lauren tinha tempo para si própria. Pagava à *babysitter*, ia ter com Maria e mudava-lhe a fralda, vestia uma enorme e deslavada camisa de noite e servia-se de um copo de leite frio. Com um grande suspiro de alívio, meteu os pés em cima de uma cadeira e desdobrou o jornal.

Estava a meio de uma dentada gigante da quase fria fatia de piza que comprara para o jantar a caminho de casa quando reparou no anúncio a preto. *Procura-se herdeira...* Que palavras mágicas, pensou Lauren, melancólica, de certeza que toda a gente queria ser uma herdeira! Observou rapidamente o resto do anúncio e recostou-se, franzindo confusamente as sobancelhas. O seu próprio segundo nome era Mallory – Lauren *Mallory* Hunter. O seu coração começou a bater depressa quando se lembrou de que a mãe estava sempre a dizer que se tratava de um apelido... Mas, mais do que isso, ela sentia que alguma vez, algures no passado, já ouvira falar de *Poppy Mallory*.

3

Mike caminhava lentamente pelos corredores do Gabinete de Registos do Condado, examinando as altas prateleiras de madeira cheias de livros enormes de capa dura, cada um marcado com um ano. Havia apenas um livro fino, o do ano de 1880, e os dos anos anteriores eram ainda mais estreitos – uma recordação de como a região de Santa Barbara fora recentemente fundada. O pó erguia-se das páginas amareladas e frágeis, flutuando nos raios de luz que penetravam pela janela alta à medida que ele folheava o volume até encontrar a entrada. Estava escrita numa caligrafia antiga, desbotada num castanho-claro.

Data de nascimento da criança: 15 de junho de 1880

Sexo: feminino

Nome: Poppy Mallory

Mãe: Margaret Mallory (nome de solteira James). Idade 33

Pai: Jeb Mallory, rancheiro e senhor deste condado. Idade 54

Local de nascimento: Casa Mallory, Rancho Santa Vittoria, Condado de Lompoc.

Recostou-se na cadeira com um suspiro de satisfação. Pelo menos agora sabia onde Poppy nascera e onde morrera – e os nomes dos seus pais. Folheou as páginas do livro de registos, examinando descontraidamente a

entrada anterior.

Data de nascimento da criança: 1 de junho de 1880

Sexo: feminino

Nome: Angel Irina Ampara Konstant

Mãe: Rosalia Konstant (nome de solteira Abrego) Idade 35

Pai: Nik Konstant, rancheiro e senhor deste condado. Idade 42

Local de nascimento: Casa Konstant, Rancho de Santa Vittoria, Condado de Lompoc

Virou a página, verificando... Sim, lera corretamente. Havia *dois* bebês raparigas, nascidas com poucas semanas de diferença e habitantes no mesmo rancho. Por isso, de certeza que as famílias tinham sido chegadas; as crianças teriam brincado juntas, talvez até tivessem ido à escola juntas, e, como meninas novas, deviam ter partilhado a dor e a alegria do crescimento, e segredos...

Com um ruído triunfante, Mike fechou o livro e colocou-o na prateleira. Quase por acaso, encontrara uma pista. Agora tinha a certeza de que havia alguém ali, em Santa Barbara, uma filha, ou talvez uma neta, da família Konstant, que teria sabido algo sobre Poppy Mallory. Como era habitual na sua profissão, sabia que o método mais simples era o melhor. Só precisava de procurar na lista telefónica o nome «Konstant»!

Hilliard Konstant mostrou-se sereno e um pouco crispado ao telefone.

— Não recebo muitas pessoas por estes dias — dissera ele a Mike —, e não vejo motivo para recebê-lo a si, juvenzinho. — Só quando Mike mencionou ser um escritor à procura de uma história a atitude dele mudou. — Um livro, é o que diz? Sobre os Konstant?

— Os Konstant e os Mallory, senhor — acrescentou Mike, impetuoso.

— Esteja aqui às cinco da tarde. Sabe o caminho para o rancho?

— Imagino que seja fácil de encontrar — respondeu Mike, visualizando hectares de prados intactos. Estava enganado.

A enorme estrada Rancho Road, curvada para escoar as fortes chuvadas da primavera, repartia-se por entre os condomínios que se iam espalhando onde fora, no passado, o Rancho Santa Vittoria. Muros com nomes como

Vittoria Oaks e El Rancho revelavam vislumbres de bonitas casas suburbanas e jardins aparados. Ocasionalmente, via-se um carvalho enorme, restos de um matagal ou centenas de metros de cerca de madeira em redor de um espaço com pôneis a pastar, como lembrete de que na altura de Poppy Mallory tudo aquilo fora campo com gado, ovelhas e *cowboys* verdadeiros.

Mike conduziu o *Suzuki* alugado com tração às quatro rodas através das labirínticas e infinitas avenidas suburbanas até a estrada pavimentada terminar repentinamente no cimo de uma colina, mudando para uma simples estrada de asfalto, orlada em ambos os lados por choupos antigos tão altos que pareciam rasgar o céu de um azul brilhante. Um arco de ferro forjado mostrava um sinal que dizia O RANCHO SANTA VITTORIA e a marca NK.

Depois de seguir durante quase um quilómetro, a estrada terminou diante de uma antiga *hacienda* branca, com um profusão de clematis e buganvílias a verter dos seus pórticos. Uma fonte de azulejos azuis espalhava arcos brilhantes de água sob a luz do Sol e um jardineiro japonês olhou para cima, curioso, acenando antes de voltar ao seu trabalho de amor pelos canteiros. Enquanto caminhava em direção à casa, Mike reparou que tudo estava muito bem tratado; o chão imaculado e os velhos degraus de tijoleira tinham sido limpos até ficarem brilhantes como esmalte. A porta da frente abriu e, quando ele espreitou lá para dentro, uma voz masculina gritou, tentando-o.

– Entre, entre. É o Mister Preston, presumo.

O *hall* frio de azulejos parecia lúgubre após a refulgente luz do Sol, no entanto, ainda assim, teria sido impossível não ver Hilliard Konstant – apesar de ele se encontrar numa cadeira de rodas. Tinha mais de um metro e oitenta de altura e ombros de ex-jogador de futebol americano. O seu esparsos cabelo branco fora cuidadosamente penteado de forma a tapar a zona sem cabelo, e os seus pálidos olhos azuis, sob as hirsutas sobrancelhas brancas, pareciam olhar a distância para além de Mike, como se já estivesse impaciente para que ele se fosse embora.

– Entre, depressa... – ordenou Hilliard, mal-encarado, dirigindo a cadeira através de um par de portas de carvalho que davam para o seu lugar sagrado. – Espero que aceite uma bebida enquanto me diz por que razão me faz perder tempo.

As paredes estavam cheias de livros do chão ao teto e alguns –

obviamente uma coleção valiosa de volumes antigos – estavam trancados, em segurança, atrás de portas de vidro. Chamas ardiam na enorme lareira de pedra, apesar de estar uma tarde quente, e sobre a cornija havia um retrato de um jovem alto e de ombros largos, com cabelo loiro cor de trigo e os olhos pálidos de Hilliard. Tinha o braço em volta de uma bonita mulher de aparência espanhola, cujos olhos escuros e risonhos brilhavam, matreiros.

– Eu sei, eu sei o que está a pensar – disse Hilliard, irritado. – É *claro* que me pareço com ele. É o meu avô. Era russo e ela mexicana, uma combinação extraordinária para aquele tempo, não acha? Foi pintado por volta do ano de mil oitocentos e oitenta e cinco, se não estou em erro.

Passou-lhe um pequeno copo de xerez branco e seco.

– *Manzanilla* – disse ele, olhando, ansioso, enquanto Mike bebia um gole. Era extremamente seco e Hilliard desatou a rir quando Mike fechou os olhos e tossiu. – Não é uma bebida para meninos, mas é melhor do que todos os vossos uísques pomposos. Isso, e um ou dois copos de bom vinho ao jantar, são dos poucos prazeres que me restam. – Subitamente, fixou Mike com um olhar azul pálido. – O que quer saber exatamente sobre os Konstant?

Mike passou uma mão apreensiva pelo cabelo espesso e escuro; Hilliard Konstant era um cliente difícil.

– Para lhe ser franco – começou ele –, sou um homem em busca de uma história. Hoje saiu um anúncio no *Los Angeles Times*, um advogado, em Genebra, está à procura dos herdeiros de Poppy Mallory...

– Estava a ver que nunca mais me dizia – comentou o homem idoso, secamente. – Posso dizer-lhe isto, Mister Preston, não há muito que eu saiba sobre os Mallory que o senhor não possa descobrir na Sociedade Histórica de Santa Barbara. As duas famílias eram amigas. Mais do que isso, eram parceiras. Mas os Mallory desapareceram daqui há muito tempo. Nunca perguntei porquê, pensei que tivessem morrido, como acaba por acontecer com toda a gente. Sou o último dos Konstant, sabe? Nunca fomos bons a «reproduzir-nos». Quase todos os que restavam foram levados pela guerra, a Segunda Guerra Mundial, a Guerra da Coreia, do Vietname, o meu próprio filho morreu lá, *o que* matou a sua mãe. Desde então que sou sozinho. Não, não – disse ele, antecipando a pergunta de Mike –, não foi uma guerra que me fez isto, foi um cavalo estúpido e burro. Eu estava a brincar aos «rancheiros», compreende, a tentar passar o meu tempo aqui... depois de

tudo o que aconteceu.

Olhou pela janela, para a vista através do vale.

– Às vezes, penso como seria a minha vida se o meu pai não tivesse vendido o rancho. Quando era miúdo adorava animais, adorava montar a cavalo, pular cercas, brincar aos *cowboys* a sério... é claro que isto era muito verdadeiro naquele tempo, ainda era um rancho real. Só quando cresci é que se tornou um quintal enorme. – Sorriu, com aprovação, enquanto Mike terminava a *manzanilla*. – Já se habituou ao sabor? – perguntou ele, alegre. Sem esperar por uma resposta, virou abruptamente a cadeira. – Venha comigo – ordenou.

Deteve-se diante de um par de documentos emoldurados, pendurados no *hall*. Mike podia ver que um deles estava escrito num pergaminho amarelo e rachado, na mesma forma de caligrafia elaborada e angulosa que os livros de registos do Gabinete de Registos.

– Este é o título de propriedade original do Rancho Santa Vittoria. Eram só vinte hectares. Exatamente o que temos agora! Irónico, não é? Conhece o velho ditado: pai rico, filho nobre e neto pobre? – O seu riso era irónico quando acrescentou. – Não que interesse agora, quando eu morrer vai tudo para a família da minha mãe, os Abrego. Há dezenas deles por aí, algures. – Apontou vagamente para o vale. – E ricos como Creso, também. É claro que não precisam de nada disto, a não ser talvez por um sentimento familiar. – Tossiu, impaciente, como se quisesse esconder uma emoção que estava desejoso por mostrar a Mike. – Agora, este – disse ele, apontando para o outro documento emoldurado –, este é o contrato original da parceria entre Nik Konstant e Jeb Mallory.

– Eles eram parceiros?

– Claro que eram parceiros, por que raio viveriam praticamente ao lado um do outro e trabalhariam a mesma terra? Leia-o, está bem?

O pedaço de cartão amarelado dizia no cabeçalho, Clancey irish saloon, kearney street, São Francisco, e, por baixo, cervejas americanas importadas... Uma dúzia de uísques diferentes... Diariamente balcão para almoços do meio-dia até às duas. No centro, estava escrito com letra firme: *Jeb Mallory e Nik Konstant detêm partes iguais no Rancho de Santa Vittoria, em todas as suas terras e cabeças de gado. Este documento tem a data de dez de abril de 1856.*

Jeb Mallory assinara o seu nome de forma floreada, mas o nome de Nik

estava escrito com as letras cuidadosas de um homem que acabou de aprender a escrever.

– O meu avô tinha acabado de desembarcar da Rússia – explicou Hilliard –, ainda estava a aprender inglês. Jeb Mallory americanizou o nome. Tal como vê, tornaram-se parceiros enquanto bebiam num *saloon*. Sempre se disse que Nikolai aprendeu muito com Jeb Mallory. E, provavelmente, mais do que gostaria.

– Como assim?

Ele encolheu os ombros.

– Se eu tivesse sabido, juvenzinho, ter-me-ia esquecido. Tenho setenta e quatro anos e, nesta idade, já dá muito trabalho lembrarmo-nos do dia de hoje, quanto mais do passado. Ainda assim, espero que esteja tudo ali, se por acaso continuar interessado em procurar. – Apontou para a biblioteca. – Tudo o que os Konstant escreveram encontra-se ali, devidamente encadernado e guardado. Provavelmente, há um ou dois diários antigos, naquela altura as mulheres interessavam-se por essas coisas, sabe? Dava-lhes que fazer, penso eu, anotar os nascimentos, as mortes e os casamentos... Já não serve para os meus olhos, a tinta desbotada e a caligrafia elaborada. Eu era um soldado, compreende, Mister Preston, um homem que gostava do exterior, nunca tinha tempo para conversas de circunstância. É por isso que agora sou tão mau conversador.

Mike estava ansioso por deitar as mãos ao material inutilizado, porém, o idoso pareceu muito cansado de repente.

– Talvez eu possa vir amanhã? – sugeriu.

– Disparate, disparate. – Os olhos pálidos de Hilliard estavam, de súbito, suplicantes. – Há anos que eu não falava assim com ninguém, e não me importo de admitir que gostei. As pessoas já não vêm aqui, sabe – acrescentou tristemente –, só o jardineiro japonês que o senhor viu, e não fala inglês, pelo menos não muito *bem*. E, claro, há a Mary, a minha empregada, uma mulher simpática mas que passa o tempo todo a ver televisão... eu próprio não a suporto. Tome outro xerez, sim? – questionou ele, ansioso, virando a cadeira novamente na direção dos livros. – Fazemos assim, se quer pesquisar estes documentos todos, porque não se instala aqui por um período de tempo? Pode trabalhar até tarde, sozinho, não é isso que os escritores fazem? E, depois, pode fazer-me perguntas sempre que quiser.

– Está combinado – aceitou Mike, quase não acreditando na sua sorte. No

entanto, ao apertar a mão do idoso, viu que os olhos dele o levavam a questionar-se, de uma forma desconfortável, sobre aquilo em que se estava a meter.

A enorme velha casa estava silenciosa, à exceção do tiquetaquear de um relógio no *hall*, quando Mike afastou a antiga cadeira de pele da mesa. Franziu o sobrolho quando as rodas gemeram por estarem perras pela falta de uso. Eram três e meia da manhã e ele estivera a ler na biblioteca desde as oito da noite, quando Hilliard Konstant se retirara para dormir. A grande mesa de carvalho estava cheia de livros e papéis, a maior parte antigos livros de contabilidade e documentos relacionados com a gestão do rancho, que não era de todo o que ele procurava.

Caminhou ansiosamente pela tapete cor de ameixa, demasiado desperto para ir para a cama e dormir. A biblioteca tinha nove metros de comprimento e sete de largura, e todas as suas paredes estavam cobertas de livros. Hilliard não lhe dera pista alguma sobre por onde começar, dissera apenas:

– Está tudo ali, algures, juvenzinho. Sirva-se!

Às vezes, Mike apanhava Hilliard a olhar para ele com um brilho sardónico nos olhos azuis, como se estivesse a desfrutar de alguma piada secreta, pelo que pensou que ele poderia saber mais do que dizia – como, por exemplo, *onde* procurar naquelas paredes cobertas de prateleiras!

Atravessou, inquieto, o *hall* em direção à enorme sala que ocupava o comprimento todo da casa. Era como estar numa máquina do tempo. Hilliard dissera-lhe que as paredes se conservavam tal como naquela altura, com a mesma cor desbotada de azul-damasco escolhida por Rosalia Konstant, há mais de oitenta anos, apesar de a seda a condizer que tinha coberto os sofás e as cadeiras ter sido substituída mais tarde por uma mistura de alegres padrões florais. Mike olhou para os retratos gémeos de um rapaz e uma rapariga, pendurados sobre a cornija da lareira. Eram os filhos de Rosalia e Nik Konstant: Gregorius – conhecido sempre como Greg – e a irmã, Angel, a rapariga que nascera a poucas semanas de Poppy. Ele sabia que Greg era o pai de Hilliard, mas ele contara-lhe muito pouco sobre Angel, a não ser que era famosa pela sua aparência.

Apenas com nove anos, Angel tinha sido uma beleza. Era pequena, de

compleição fina, olhos enormes e azul-claros do pai e uma nuvem de cabelo loiro suavemente encaracolado. Envergava um vestido de folhos cor-de-rosa, segurava num pequeno cão preto com uma coleira rosa a condizer e sorria docemente, embora confiante, ao artista. *Angel e Trotty 1889* estava inscrito na base da moldura barroca. Mike apostava que, depois de crescer, Angel se transformara numa sedutora, já ali o evidenciava, no retrato – a confiança na sua beleza e na sua posição como filha dos Konstant, ricos e proprietários das terras.

Aos dezasseis anos, Greg era alto, com cabelo escuro, e bonito, com os olhos castanhos e risinhos da mãe. Era um rapaz robusto e quisera que o seu retrato fosse pintado ao ar livre para poder incluir o seu cavalo favorito. Estava encostado à cerca de madeira, a segurar num largo chapéu de montar mexicano, enquanto o polegar da outra mão se encontrava garbosamente metido dentro do cinto de pele com uma fivela de prata ao centro, de que tinha um imenso orgulho. No cercado, atrás dele, um lindo garanhão cor de avelã com uma risca branca no centro do focinho pastava, satisfeito. *Greg com Vassily 1889* era a legenda no fundo da moldura igual à outra.

Greg mostrava um sorriso animado e o olhar direto dos Konstant e Mike observou atentamente os dois irmãos, a pensar no que se escondia por detrás de fachadas tão confiantes e se a vida lhes teria dado o que obviamente esperavam.

Atravessou a sala de jantar fechada à procura de uma cerveja gelada, na zona original da casa, construída pelos índios duzentos anos antes. Agora era uma cozinha impecável e eficiente, porém, a lareira antiga e aberta onde um criado índio cozinhou as refeições de Nik Konstant ainda se encontrava a um canto.

Mike deu um toque nas brasas brilhantes com o pé enquanto se instalava numa velha cadeira de baloiço de costas altas, com uma lata de cerveja na mão. Apesar dos eletrodomésticos modernos, aquela divisão tinha um ambiente diferente. Ali sentado, a olhar para as brasas, podia perfeitamente estar a viver no século passado... com Nik e Rosalia, Greg e Angel. *E Poppy Mallory!*

Mike supôs que devia estar a dormir quando a resposta lhe ocorreu... mas, claro, era completamente lógico. Estava à procura no sítio errado. O que ele buscava nunca poderia ser encontrado numa biblioteca. Onde guardam as famílias os seus tesouros e segredos? Nos sótãos!

– Perguntei-me quanto tempo demoraria a pensar no sótão – disse Hilliard, sorrindo maliciosamente. – Há anos que ninguém lá vai, e, enfim, só tem montes de coisas velhas. Se houvesse lá em cima alguma coisa valiosa, um dos Konstant já a teria vendido!

– Não estou à procura de coisas valiosas, senhor – protestou Mike. – Estou à procura de informações.

– Informações? *Bah...* não vai encontrar nada lá em cima a não ser antigos programas de teatro, cartões de bailes e muita roupa comida por traças. – De repente, ele cedeu. – Mas, se quer lá ir...

Hilliard estava enganado – a roupa não tinha sido comida por traças. Mas havia um monte dela, cuidadosamente dobrada entre folhas de papel dentro de baús e arcas antigas enormes, com etiquetas de navios atlânticos e hotéis europeus. Mike vasculhou através de vestidos de seda usados para o chá, e vestidos de seda rija usados para a tarde, espirrando ao pegar numa capa de pele de lontra de um castanho-dourado, que outrora fora macia e maleável, mas que agora se encontrava ressequida e rachada, apesar de o forro de tafetá ter conservado o seu vermelho alegre. Havia vestidos de noite bordados com contas brilhantes e pérolas opacas e um magnífico vestido azul de seda e *chiffon* com a marca *Worth, Paris* lá dentro.

Após algumas horas, Mike não encontrara nada que lhe interessasse pelo que fechou a última arca com irritação. Tratava-se de uma coleção digna de um museu, mas não o fizera avançar na busca de Poppy Mallory.

Sacudindo uma grossa camada de pó do tampo de uma velha secretária, passou os dedos ao longo das iniciais gravadas *AK*, imaginando a bonita Angel, entediada com as lições, a escrevê-las na madeira suave com um gancho de cabelo. Lá dentro, havia uma coleção de objetos de rapariga, uma pilha de programas antigos de teatro e concertos, muitos cartões de bailes ainda com pequenos lápis agarrados, um bonito buquê de flores secas. Depois, por fim, alguns conjuntos de cartas presas por uma fita. E, por baixo, um livro com capa de pele azul com a seguinte impressão desbotada: *Rosalie Konstant – O Seu Diário – Vol. I, 1863*. Havia mais – *Vol. II & III* – e um fino livro de seda cor-de-rosa: *O Diário de Angel Konstant, dos 12 aos 18 anos*. E, por fim, um livro simples de pele castanha com a inscrição: *Margaret Mallory – O Seu Diário – 1873*.

Margaret Mallory! O cabelo de Mike eriçou-se quando ele passou, entusiasmado, a mão cheia de pó por cima dele.

Saindo do sótão a correr, dispôs os seus achados na mesa da biblioteca, organizando os cartões de baile em pequenas pilhas junto dos conjuntos de cartas e dos preciosos diários. Com um suspiro de satisfação, começou a ler.

Dois dias depois, dobrou a última carta, apertou cuidadosamente a fita vermelha e recostou-se na cadeira, olhando pela janela, confuso.

– Um copo de mais pura *manzanilla* pelos seus pensamentos – sugeriu Hilliard da ombreira da porta.

Virando a cadeira, Mike sorriu-lhe.

– Desculpe, estava a quilómetros daqui... ou a milhares de anos!

– Então? – Hilliard fez avançar a sua cadeira para dentro da divisão, em direção à mesa das bebidas, e serviu dois copos de xerez. – Já resolveu o mistério da herdeira de Poppy Mallory?

Mike passou pensativamente a mão pelo cabelo, franzindo o sobrolho.

– Não... mas é um começo... – O mais engraçado era que tinham escrito tantas coisas sobre Poppy que ele sentia que quase a conhecia, pelo menos, a jovem Poppy. Mas, quase de súbito, ela desaparecera das páginas dos diários como se nunca tivesse existido.

Mike achou que Hilliard nunca mais ia para a cama, contudo, quando a noite caiu, ele acabou por se retirar. Virando a cadeira de rodas para a porta da biblioteca, sorriu com sarcasmo.

– Acho que o seu trabalho está a descartá-lo, Mike Preston – comentou num tom amargo da voz. – Nada na vida é tão simples como parece, enfim, segundo a minha experiência. – Dando abruptamente a volta à cadeira, atravessou o *hall* em direção ao seu quarto.

Mike observou-o, confuso. Depois, olhou para a pilha de cartas e diários na mesa da biblioteca.

– Muito bem, Poppy Mallory – disse determinado –, captaste a minha atenção... Tenho de saber o que aconteceu. E, quando o fizer, contarei ao mundo a tua história!

Ele sabia que teria de usar a imaginação para colmatar as pontas soltas deixadas pelos diários, porém, agora já fazia ideia de como eram as personagens envolvidas. Metendo uma folha nova na máquina de escrever, escreveu:

– No início havia Nikolai Konstantinov e Jeb Mallory...

4

1856, CALIFÓRNIA

Jeb Mallory celebrava o seu trigésimo aniversário, sozinho, no Clancey's Saloon, na rua Kearney, em São Francisco. Bebia rapidamente o seu terceiro uísque irlandês, seguido de um *beer chaser*¹, acenando ao empregado do bar para lhe trazer outro. A recordação da passagem turbulenta dos anos desde que era um rapaz de catorze anos no sudoeste irlandês a aprender, da pior maneira, a arte de jogar jogos de azar, até ao viajado jogador profissional que já vira muita coisa no mundo, não o deprimia porque simplesmente ele não pensava muito no assunto. Jeb era um homem do momento. Quando lhe perguntavam ele dizia sempre que não tinha passado, contudo, a verdade era que preferia esquecê-lo – ou, pelo menos, embelezá-lo para que condissesse com a empresa para a qual trabalhava no momento. Não que esses anos tivessem sido maus – sempre se divertira muito. Tivera muitos ganhos e poucas perdas, e a quantidade normal de mulheres bonitas, a maior parte delas com o luxuoso cabelo ruivo e a pele branca quase transparente que eram a sua queda. E era verdade que o dinheiro fácil lhe corria também facilmente por entre os dedos. Contudo, o facto era simples: os seus pontos altos não tinham sido suficientemente altos e os seus pontos baixos tinham sido meramente aborrecidos, pelo que Jeb ansiava pelo derradeiro entusiasmo do grande jogo... o que fazia com que uma fortuna estivesse ao virar de uma carta.

Pedindo outra bebida, encostou o enorme corpo esguio contra a parede e

olhou para o jogo de póquer que decorria. O seu rosto estava impávido, mas, por dentro, ele fervilhava de excitação. Jogava póquer desde os nove anos, aperfeiçoando a arte nas tabernas pobres, clandestinas e sujas da sua terra natal. Agora, jogava a três níveis: suave, intuitivo – e com uma capacidade estranha para perceber o entusiasmo subentendido de um homem que segurava boas cartas. Jeb era um mestre do *bluff*, um conhecedor de caracteres – e um homem para quem o jogo significava mais do que dinheiro. O seu único problema era não ter dinheiro *suficiente* naquele momento para entrar no jogo!

Havia um homem na mesa cujo progresso Jeb seguia há três noites consecutivas – um rancheiro do cimo da colina, perto de Lompoc. Tivera um jogo vistoso, fazendo grandes apostas e enganando os outros, rindo-se alto quando ganhava – o que acontecia a maioria das vezes. O som da sua gargalhada vitoriosa era uma irritação constante e Jeb tinha vontade de lhe dar um murro na cara rosada ou de jogar contra ele. Virou-se, encolhendo os ombros; não faria nenhuma das duas coisas. Se queria voltar a jogar ali, precisava de arranjar dinheiro – e depressa.

Tinha exatamente vinte dólares no bolso, o que não combinava de todo com o seu estilo de vida extravagante! Sorriu, tristemente, ao lembrar-se da rapariga que lhe roubara a carteira no quarto de hotel, há uma semana. Não a culpava – afinal, ele deixara-a em cima da cómoda, recheada de notas bancárias. Limitara-se a rir da sua estupidez e da boa sorte da rapariga, pensando que talvez até fosse um bom preço a pagar.

Virou a atenção para um jovem sentado, sozinho, a uma mesa junto à janela. Não passava de um rapazote, mas tinha o corpo de um homem, com um metro e noventa ou noventa e dois de altura, um tronco enorme e ombros poderosos. Uma madeixa de cabelo loiro e espesso caía-lhe sobre a sobancelha e o seu rosto ossudo e largo estava barbeado. Os olhos eram de um azul tão pálido que pareciam refletir a luz, ocultando-lhe a expressão. Jeb conseguia ver que era estrangeiro – e que não saíra do barco há muito tempo. Estava sozinho, pelo que Jeb pensou que teria as poupanças trazidas do velho continente bem guardadas num cinto próprio à volta da cintura. Bebericando uma cerveja, pensou bem no seu plano antes de se aproximar e se sentar junto dele.

– Jeb Mallory – apresentou-se, estendendo a mão com um sorriso amigável.

O gigante jovem loiro apertou-lhe a mão, cauteloso.

– Nikolai Konstantinov – respondeu –, de Arkhangelsk. – O simples facto de dizer o nome da terra natal fez com que Nikolai se sentisse saudoso, pelo que desviou o olhar perante a emoção que ameaçava desfazer-lhe a fachada estóica.

– Arkhangelsk? Onde fica isso? – perguntou Jeb, acendendo um charuto fino e instalando-se confortavelmente na cadeira de madeira de costas altas.

– Na Rússia.

– Ora aí está um sítio onde nunca fui. Diz-me lá, rapazote, como é?

– É melhor do que aqui – suspirou Nikolai, observando o nevoeiro cinzento que pressionava, húmido e escuro, as janelas do *saloon* cheio de fumo. Lembrou-se da pequena e apertada casa de madeira junto ao rio Dvina que sempre lhe parecerá muito acolhedora nas noites escuras e geladas do longo inverno de Arkhangelsk. Mas sabia que estava a romantizar as coisas – não havia segurança nenhuma nessa casa. A família Konstantinov era muito pobre e era essa a razão pela qual ele se encontrava ali agora, em São Francisco. «Tenho dezoito anos e buscarei a minha fortuna como os outros homens», dissera Nikolai à mãe chorosa, quando se viera embora. «Já li sobre o ouro que há na *Amerika*, ouro que está à espera que um homem suficientemente forte o reclame. Um dia, trarei esse ouro todo da Califórnia para a nossa casa, Matushka, e viverás como uma princesa, tal como o meu pai sempre te prometeu.»

– Deixa-me oferecer-te um copo de uísque – sugeriu Jeb.

Os olhos azul-claros de Nikolai voltaram, depois de verem as planícies geladas da Rússia, e encontraram-se com os de Jeb, suspeitos.

– Quem ser tu? – exigiu saber. – Porque comprar bebida?

Jeb encolheu os ombros.

– Somos apenas dois estrangeiros numa cidade estranha – respondeu ele –, é um gesto amigável, só isso. E tu pareces precisar de um amigo.

– De onde seres? – perguntou Nikolai enquanto Jeb acenava ao empregado para lhe trazer dois uísques, irlandês, e dois *beer chasers*.

Jeb Mallory sorriu.

– Do leste da Irlanda... um dos melhores filhos do County Clare – respondeu ele. – Mas sou um homem do mundo, Nikolai, um homem do momento. O que vês, aqui e agora, é o que eu sou.

Nikolai bebeu rapidamente o uísque e examinou o seu novo conhecido

por cima da borda do *beer chaser*. Duvidava que aquelas feições bonitas, e aqueles olhos azuis brilhantes pudessem esconder algo de realmente mau no passado de Jeb, apesar de ter a certeza de que aquele homem bonito de cabelo escuro já despedaçara muitos corações desde a costa leste da Irlanda até à costa leste da *Amerika*.

– Então, estar aqui para também procurar ouro? – perguntou ele, pondo-se mais à vontade sob o olhar amigável de Jeb.

– Já foste aos campos de ouro, rapazote?

– Ainda não. Primeiro ganhar dinheiro para viver. Haver uma construção em Union Street. Carregar tijolos para cima e para baixo, em andaimes. Ser trabalho difícil e perigoso, um homem poder cair, mas dinheiro ser bom.

Nikolai bebericou o *beer chaser*, pensando nos dólares agarrados à sua cintura, num cinto oculto cosido pela mãe. Descobrira recentemente que ter dinheiro no bolso lhe trazia uma espécie de consolo e dignidade e, para ele, esse cinto com dinheiro parecia mais aconchegante do que um casaco novo sobre as costas ou uma grande refeição dentro do estômago.

– Em breve, ter dinheiro para procurar ouro – acrescentou ele, contente.

Pedindo mais bebidas, Jeb olhou com pesar para o padrão de pequenas manchas circulares na superfície limpa da mesa.

– Detesto ser eu a dizer-te isto, rapazote – disse ele, tristemente –, mas se estás à procura da tua fortuna, estás à procura no sítio errado. – Nikolai olhou para ele, sem expressão, e aproximou-se. – Queres ver um homem rico? – perguntou Jeb num murmúrio. – Olha para o rancheiro naquela mesa ali, o que tem um casaco de camurça e botas de pele altas. Aquilo é que é um homem *rico*! E queres saber como enriqueceu, meu amigo? Comprou terra aos antigos proprietários espanhóis junto do rio Santa Ynez e depois pôs lá umas ovelhas e talvez algum gado. A seguir, tudo o que teve de fazer foi sentar-se e ver os lucros crescerem. E, com esses lucros, comprou *mais* terra. *Terra*, Nikolai Konstantinov. Era o que tu e eu devíamos estar a tentar obter, um grande pedaço da linda terra da Califórnia... Metros quadrados, hectares, quilómetros quadrados de terra. Terra para termos gado, para criarmos ovelhas, terra para construirmos casas e cidades... – Acenou com a mão e apareceram bebidas frescas diante deles como por magia.

Nikolai bebeu o uísque com vontade.

– Mas e o ouro...? – começou ele.

– Rapazote, uma mão-cheia de pó de ouro dragado com o teu suor e vida

arriscada não te trará fortuna alguma! Já muitos o tentaram antes de ti. Acredita, Nikolai, aquele rancheiro tem muito mais dinheiro do que cem esperançosos garimpeiros. Agora, estou a dizer-te isto confidencialmente... eu próprio quero ter um pedaço de terra... junta-te a mim, rapazote, e também tu poderás ficar rico.

Os olhos azul pálidos de Nikolai estavam fixos em Jeb enquanto o ouvia, fascinado.

– Não há vista mais bonita do que um pedaço de terra verde – prosseguiu Jeb –, à espera de uma manada ou de um rebanho... à espera de pôr os dólares nas mãos de um homem. É certo que tu e eu podíamos comprar uma bela propriedade para aqueles lados, rapazote. O Rancho... Rancho Santa Vittoria, chamemos-lhe assim... E podíamos construir uma grande casa senhorial na nossa terra, com um grande piano na sala de estar e um ótimo fogão na cozinha. Digo-te, rapazote, podíamos ter um castelo russo-irlandês no topo de uma colina californiana!

Jeb fez uma pausa para respirar, bebendo o uísque, com os penetrantes olhos azuis a brilhar de entusiasmo sob as espessas sobrancelhas escuras.

– E espera até veres as raparigas mexicanas, meu amigo, todas com cabelo preto lustroso, olhos castanhos risonhos e pele da cor de pêssego veranil. – Os olhos dele semicerraram de alegria à medida que bebia e pedia outra rodada.

Nikolai não sabia se era a visão dos hectares verdes ponteados por gado e ovelhas ou a casa senhorial com o grande piano – ou até as belas raparigas de olhos escuros –, mas, de certa forma, a capacidade de Jeb para transformar as palavras em imagens fazia com que o futuro de ambos parecesse uma realidade e as suas suspeitas desapareceram como a neblina da Baía num dia de sol escaldante.

– Como? – quis saber ele, entusiasmado. – Como conseguir nossa terra?

O empregado colocara outra bebida diante dele, que Nikolai bebeu sem quase se aperceber.

Jeb olhou-o nos olhos com um suspiro.

– *Esse*, Nikolai, é que o problema. Eu sei que aquele rancheiro tem terra para vender, mas receio não ter dinheiro para a comprar. Não sem um parceiro, quero eu dizer.

– Eu ser teu parceiro – declarou Nikolai. – Eu ter dinheiro guardado... cento e cinquenta dólares. Chegar para a minha parte?

Os olhos de Jeb semicerraram-se quando Nikolai começou a desatar o cinto com o dinheiro que trazia por baixo da camisa. O montante era menos do que ele esperara, mas teria de servir.

– Rapazote, não posso ficar com o teu dinheiro tão arduamente ganho – disse ele, solene –, não seria correto.

– Mas nós ser parceiros – gaguejou Nikolai. – Esta terra ser nossa...

– Bem, se tu insistes – concordou Jeb, relutante –, mas vamos dividir as partes *iguais* agora, não quereria que ficasses com menos.

– Parceiros iguais – sorriu Nikolai, com o rosto largo vermelho da bebida.

– Espera aí – disse Jeb, pegando na caneta que tinha no bolso –, é melhor pormos isto por escrito para teres a certeza de que é sério.

Pegando num cartão do balcão que proclamava Clancey's irish saloon, kearney street, São Francisco, cervejas importadas... Uma dúzia de uísques diferentes... Diariamente balcão para almoços do meio-dia até às duas, virou-o de costas e começou a escrever... Jeb Mallory e... fez uma pausa, franzindo o sobrolho. – Não vale a pena, sabes – murmurou ele –, não serve de nada.

Nikolai engasgou-se com o uísque à medida que os seus sonhos ameaçavam desaparecer de súbito.

– O que queres dizer não servir de nada? – quis saber, ansioso.

– O teu nome. É demasiado estrangeiro, demasiado confuso. Não podes ser rancheiro com um nome como Konstantinov! – Jeb refletiu um pouco e depois disse: – Nikolas Konstant... Nik Konstant! Ora aqui está um nome que soa muito bem. Um nome *americano*! Gostas?

– Nik Konstant – concordou Nikolai, a sua própria voz parecendo um pouco estranha, ressoando nos seus ouvidos como se estivesse a quilómetros de distância.

– Combinado, então. – *Jeb Mallory e Nik Konstant detêm partes iguais no Rancho Santa Vittoria, em todas as suas terras e cabeças de gado. Este documento tem a data de dez de abril de 1856.* Após assinar o nome com um floreado, passou a caneta a Nik. – Assina aqui, rapazote – incitou ele, observando Nikolai, pouco habituado ao alfabeto americano, a assinar o nome devagar, desenhando cada letra com cuidado. Depois, Jeb deu um dólar ao empregado e pediu-lhe para assinar como testemunha.

– Pronto, está feito – declarou ele, entregando o cartão a Nik. – Guarda

este documento e vai ter comigo ao Marco's Livery Stables² amanhã de manhã, de madrugada. Aluga dois cavalos e pede para que estejam prontos e à espera, para começarmos bem cedo. – Olhou para Nik, cujo rosto parecia pálido e pegajoso do suor. – Estás com mau ar para bebidas, rapazote – comentou ele. – É melhor voltares para o teu quarto e dormires um pouco.

– Marco's Livery Stables – murmurou Nik, cambaleando ao levantar-se da mesa, com o espesso cabelo cor de trigo a cair-lhe sobre os olhos.

– De madrugada – assentiu Jeb, pegando-lhe no braço e guiando-o para a porta. Observou impassivelmente enquanto o rapazote, colocando os pés no chão com uma grande concentração, caminhava devagar pela Kearney Street. – Boa sorte, rapazote – murmurou ele ao entrar de novo no Clancey's Saloon.

O jogo de póquer do canto parecia ter-se prolongado noite dentro e, com cento e cinquenta dólares no bolso, Jeb estava pronto para vencer o rancheiro que gostava de fazer *bluff*. Afinal, não acabara de provar que aquela noite estava cheio de sorte? A sorte dos irlandeses, pensou, a sorrir, enquanto se sentava à mesa e acendia um fino cigarro castanho. Com aquilo e o seu talento para as cartas, como poderia perder?

Nik esperava há mais de três horas. O sol há muito que dispersara na matutina manhã, pintando o pátio do Marco's Livery Stables de uma fina cor dourada primaveril enquanto ele espreitava para o fundo da estrada, pela enésima vez, à procura de um sinal de Jeb. Sentia-se enjoado ao pensar no dinheiro tão arduamente ganho, no quanto teria significado para a sua família, e em como, cheio de esperança e sonhos, o entregara tão inocentemente a Jeb na noite anterior!

Culpando o álcool por tê-lo transformando num tolo, olhou para a sofisticada carruagem amarela que entrava no pátio. O cocheiro apressou-se a abrir a porta e Jeb saiu de lá de dentro, ainda a envergar elegantemente as roupas da noite anterior, uma espessa camisola branca e um casaco preto, com um enorme e perfumado charuto na mão. Com um aceno indiferente a Nik, virou-se para sorrir à mulher que se encontrava dentro da carruagem. Nik viu que ela tinha um cabelo ruivo flamejante, cerca de trinta anos e era incrivelmente bonita. Parecia corada e sem fôlego e, ao inclinar-se para a

frente, o seu vestido de cetim amarelo revelou um peito branco tão grande que o coração de Nik quase deu um solavanco.

Jeb passou-lhe a mão pelo intenso cabelo vermelho e com um ardente beijo final saiu e fechou a porta da carruagem, acenando à medida que o cocheiro dirigia a sofisticada carruagem amarela através dos portões.

– Eu... Eu pensar que não vires – gaguejou Nik, sentindo o suor frio do alívio a descer-lhe pela coluna.

– Só estou um pouco atrasado, nada mais. – Jeb tirou uma carteira enorme do casaco. – Toma, rapazote, aqui tens o teu dinheiro de volta e mais um extra. Ontem à noite tive sorte e gostaria de partilhar o que ganhei contigo – acrescentou ele, magnanimamente.

– Mas... ser quinhentos dólares! – engasgou-se Nik, contando rapidamente o dinheiro. – Tu dares a mim dinheiro, então não sermos mais parceiros?

Jeb exalou o fumo do charuto, desconfortável, enquanto o rapaz o olhava com olhos azuis pálidos e severos.

– Eu gosto de ti, rapazote, por isso vou contar-te toda a verdade – começou ele, semicerrando os olhos contra o fumo ondulante. – Eu sou um jogador profissional – declarou abertamente – e, como deves saber, Nik, não há nada no mundo que possa curar um homem dessa aflição! O empregado do bar disse-me no início da semana que havia um grupo de homens dos ranchos a gastar dinheiro e a divertir-se na cidade... e que eram grandes jogadores. E ali estava eu, sem grande coisa para me poder juntar ao jogo mais fácil da cidade! E ali estavas tu... E, de certa forma, percebi que tinhas uns dólares num cinto agarrado à cintura. Estou a ser sincero contigo, rapazote, nunca vi um rancho verdadeiro na minha vida... Mas sou bom com as palavras. Pareceu-te espetacular, não foi? Tão bom que te separaste do teu dinheiro tão arduamente ganho. A minha mãe estava sempre a dizer que eu devia ter ido para padre... Teria feito grandes sermões.

O rosto de Nik ficou furiosamente vermelho e Jeb recuou tão depressa como o outro ergueu o punho.

– Espera um pouco – implorou ele –, não fiques tão zangado por te ter enganado... Isso acontece com frequência às pessoas da tua tenra idade. Mas deixa-me avisar-te de que há muitos outros homens ansiosamente à espera para te tirarem o dinheiro. Pronto, pronto... acalma-te, rapazote – pediu ele, nervoso, enquanto Nik o agarrava pelo colarinho. – Estou aqui, não estou?

Não acabei de te devolver o dinheiro e de te dar mais algum?

Nik baixou os braços, olhando para o dinheiro ainda amachucado na sua mão.

– Então, não sermos parceiros? – murmurou ele, com o sonho despedaçado. – Não haver rancho?

– Cento e cinquenta dólares não te comprem muita terra, rapazote – retorquiu Jeb, secamente. – Nem sequer lá em baixo, no vale de Santa Ynez.

Nik afastou-se quando uma grande onda de desespero se apoderou dele e as lágrimas ameaçaram cair-lhe dos olhos. Fora um tolo não só por ter pensado que investiria o seu dinheiro, como também por ter acreditado que arranjava um amigo – e um parceiro...

Jeb observava-o enquanto contemplava a sorte que tivera na noite anterior. Fora muito estranha a forma como tudo acontecera. Não só ganhara uma fortuna – como o sonho que inventara para separar Nik do seu dinheiro fora tornado realidade no último ato de desespero enganador de um homem derrotado. Tivera a intenção de convertê-lo em dinheiro vivo no banco, mas agora pensava melhor. Reparou na largura de ombros de Nik, no poder e na força pura do seu tronco e braços, nos músculos definidos. Sabia que o rapaz era honesto; tinha a certeza de que seria de confiança – e de certeza absoluta que seria um ótimo trabalhador. E, quando nós próprios somos donos de um rancho, que outras qualidades procuramos num parceiro?

– Vá lá, parceiro – disse ele, encostando-se ao cavalo que esperava inquieto por entre as pedras, desejoso de se soltar. – Esqueci-me de te dizer que o dinheiro que investiste no jogo de póquer também nos fez ganhar um rancho...

Apareceu uma leve esperança nos olhos de Nik que depois se esvaneceu.

– Mentires. Outra vez! – comentou ele, amargo.

– Acabaram-se as mentiras, rapazote. Já te disse, sou um homem com sorte. Agora anda, sim? Ou recebo mais alguma coisa por ser teu parceiro?

Nik saltou logo para cima de um dos cavalos. Não sabia se havia de acreditar no irlandês ou não, mas seguiu-lo na mesma, pois Jeb Mallory tinha aquela qualidade quase mágica de *quase* tornar os sonhos realidade. E, embora não fossem bem o que pareciam, quando se estava na sua presença, isso não tinha importância.

* * *

Do cimo das colinas de Santa Rosa até ao rio de Santa Ynez, e serpenteando pelo vale abaixo por vários quilómetros, encontravam-se hectares de pastos verdes. Olhando para o horizonte a oeste, Nik só conseguia ver uma cordilheira de milho verde e dourado, enquanto por trás havia sombras escuras dos desfiladeiros onde ursos cinzentos se escondiam, emergindo à noite em busca de presas. À distância, um coioite uivava, à espera, e uma brisa ondulava a relva, forçando vários reflexos prateados no rio que corria, depressa.

O vale estava viçoso e verde devido às chuvas tumultuosas da primavera e a sua serenidade espaçosa parecia prometer uma vida impossível na gelada e sombriamente florestada Arkhangelsk. Nik soube, naquele momento, que as palavras de Jeb não tinham sido meros sonhos. Aquela era realmente a terra das oportunidades. *Aquela* era a riqueza da *Amerika*.

Quando Jeb olhou através do vale, lembrou-se, pela primeira vez em muitos anos, do chalé em Ikskerry, na Irlanda. Viu na sua mente a terra nua e mal nutrida, tão pobre e esfomeada como as pessoas que lutavam pela sua existência por meio dela. Lembrou-se do pai – uma figura curvada e derrotada aos trinta anos –, a idade que ele tinha agora. Pensou na mãe, esforçando-se para fazer crescer umas poucas flores, um buquê de beleza patética na terra podre junto à porta do chalé. Cheirando a fragrância húmida e profunda da terra fértil, imaginou-a ponteada de gado e ovelhas, vendo-a a produzir – *a dar-lhe uma fortuna!*

Descendo da sela, abriu o pergaminho do título de propriedade com fanfarra.

– Podemos não ser donos de tudo o que vemos – disse ele, sorrindo a Nik –, mas cinquenta destes hectares podem agora chamar-se Rancho Santa Vittoria. – Depois, e porque Jeb gostava de tudo à grande, acrescentou: – É suficiente para um bom *começo*. – Nik retribuiu-lhe o sorriso e apertou-lhe a mão. – Sabes uma coisa, rapazote? – acrescentou, rindo-se. – O meu velho pai costumava dizer que não se consegue nada nesta vida sem trabalho árduo. Parece que estou sempre a provar que ele estava enganado.

¹ *Beer chaser* é uma bebida com pouco álcool que se toma depois de uma bebida bastante alcoólica como uísque. (N. da T.)

2 Um *Livery Stable* era um estábulo onde se podiam alugar cavalos ou carroças ou guardá-los mediante pagamento de uma avença. (*N. da T.*)

5

1856-1873, CALIFÓRNIA

A velha mansão fora construída sob a curva da colina. Estava sombreada por plátanos e carvalhos e tinha apenas duas divisões. Numa delas, uma velha índia, enrolada num poncho às riscas fizesse chuva ou fizesse sol, cozinhava refeições fumegantes em cima de um fogão aberto; a outra divisão era usada para dormir.

Nik passou as primeiras semanas a montar, sozinho, através da terra deles, maravilhado com a sua sorte, enquanto Jeb fora a Santa Barbara ter «uns encontros» e fazer o registo da propriedade. Nik não estava sozinho, apesar de passar dias sem ver viva alma, acampando por baixo das estrelas, à noite, com um ouvido atento ao uivo do coioite e outro ao sussurrar secreto dos ursos caçadores. Contudo, nada perturbava a sua solidão e nunca se sentira tão feliz como agora.

Quando Jeb regressou, trouxe a notícia de que ia ao Missouri comprar ovelhas e que, para isso, precisaria dos quinhentos dólares que dera a Nik.

– Quantas ovelhas comprares com quinhentos dólares? – perguntou ele, entusiasmado.

– Confia em mim, rapazote – respondeu Jeb, evasivo –, teremos um monte delas.

Eram aos milhares. Desta vez, Nik não se deu ao trabalho de perguntar nada, limitava-se a fazer o seu trabalho de rancheiro e a tomar conta das

ovelhas enquanto Jeb negociava mais hectares de terra de pasto.

A princípio, Jeb parecia contente com o seu novo papel, gerindo o rancho com Nik, todavia, após alguns meses, a antiga inquietude apoderou-se dele e fê-lo passar mais tempo em Santa Barbara e, quando isso confirmava ser demasiado polido e pequeno para ele, Jeb voltava para as luzes brilhantes de São Francisco. Às vezes, Nik não o via durante semanas, depois, ele aparecia subitamente parecendo cansado e satisfeito consigo próprio, e, muitas vezes, com um monte de notas no bolso do colete. Mas já não falava da grande casa senhorial com um grande piano na sala de estar, nem no ótimo fogão da cozinha, pelo que Nik se apercebeu de que o seu amigo estava sempre demasiado inquieto para se dedicar a uma vida no rancho. Ele rapidamente descartava esse problema com um encolher de ombros. Não fazia mal, ele era suficientemente forte para trabalhar pelos dois.

À medida que os anos foram passando, Nik plantou grão na sua terra e construiu um enorme celeiro para guardá-lo. Contratou os melhores pastores do mundo – oriundos do País Basco, em Espanha – para tomarem conta das suas ovelhas e vaqueiros mexicanos para conduzirem e guardarem a enorme e jovem manada. Erigiu currais para os animais e construiu cabanas compridas e baixas para dar guarida aos trabalhadores. Trabalhava arduamente, durante horas indeterminadas, e adorava o que fazia. Nunca se sentia cansado, era forte como um touro, e o trabalho físico acabou por lhe moldar o corpo jovem, pelo que a sua aparência bonita, jovem e loira enrijeceu como as dos homens que trabalham ao ar livre, com olhos azuis pálidos vivos num rosto severo e bronzeado. Enviava dinheiro para casa, para a família na Rússia, porém, nunca fora capaz de se libertar do trabalho constante no rancho para ir visitá-la.

Na maior parte do tempo, Nik estava ocupado ou demasiado cansado para pensar em mulheres e, quando Jeb vinha a Santa Barbara, era sempre um perfeito cavalheiro, tirando educadamente o chapéu às jovens senhoras e às suas mães e fazendo palpitar corações sob impecáveis camisas de gola alta e renda branca.

Jeb mantinha as suas mulheres em São Francisco, mas foi Nik quem se apaixonou primeiro – e por uma rapariga que não era apenas adorável, mas também um belo «partido»! Ele tinha apenas vinte e cinco anos e Rosalia

Abrego era a filha de dezoito anos de um dos maiores rancheiros de gado do vale de Lompoc. E o seu pai não estava muito inclinado a vê-la casada com um emigrante russo que ninguém sabia quem era!

Os dois tinham-se conhecido na Loomis's Saddlery Store, em Santa Barbara, e bastou um olhar de lado por parte dos brilhantes e pestanudos olhos castanhos de Rosalia e um leve, porém encantador, sorriso na direção dele para quebrar a timidez de Nik e interromper o seu romance de sete anos com o Rancho Santa Vittoria.

Apaixonado, passava o tempo em redor da loja de estrebaria, ou a andar lentamente na curva do pequeno hotel da State Street, à espera de ver Rosalia. Quando finalmente a voltou a ver, ganhou coragem para falar com ela e ela surpreendeu-o ao convidá-lo para um piquenique que ia fazer com alguns jovens amigos, na praia. O calor fervente de Rosalia compensou a timidez de Nik; ela parecia falar o suficiente pelos dois. E, algumas semanas mais tarde, quando ele finalmente a beijou à sombra de um plátano, perceberam que se amavam.

Don Jose era um homem muito rico e via o romance com suspeição, porém, depois de investigar o jovem russo e de não ouvir outra coisa que não fosse ele ser um excelente trabalhador e estar a fazer prosperar o Rancho de Santa Vittoria, acabou por dar a sua bênção.

O casamento, com Jeb como o bonito padrinho a partir inúmeros corações, foi a ocasião de uma grande *fiesta*, mas, depois, Nik foi incapaz de levar a sua noiva para casa, para o Rancho de Santa Vittoria, pois o pai dela recusava-se a permitir que Rosalia comesse a vida de casada numa cabana de duas divisões. Em vez disso, alugaram alguns quartos no Arlington Hotel, onde Nik se juntava a ela sempre que podia escapar do trabalho no rancho. Entretanto, duas casas novas estavam em construção na propriedade, uma no antigo sítio da casa do índio para Jeb e outra em redor de uma antiga mansão no meio dos hectares extra de terra que agora existiam no rancho, dados à filha por Jose Abrego como prenda de casamento.

Quando ficou acabada, a casa dos Konstant no Rancho Santa Vittoria era uma das casas mais bonitas do vale de Lompoc, mas a posse mais preciosa de Nik era o documento da parceria, escrito no velho cartão do *saloon*, agora emoldurado e pendurado no *hall* principal para que todos o pudessem ver. A sua alegria foi ensombrada pela notícia da morte da mãe; mas

continuava a enviar regularmente dinheiro às irmãs. Os Konstantinov de Arkhangelsk já não eram pobres.

Rosalia montava muitas vezes com Nik, sentando-se com uma perna de cada lado, vestindo calças como as dos vaqueiros e ajudando com as novas cabeças de gado, para além de também supervisionar cuidadosamente a sua nova casa. Tinham agora uma boa cozinheira na cozinha e eram servidas refeições excelentes à sua mesa, pelo que Nik perdeu a timidez e tornou-se um anfitrião afável para os amigos e para a família de Rosalia. Nik Konstant era um homem feliz – à exceção de um pequeno pormenor. Esperava que um bebé nascesse rapidamente – um filho que continuasse o seu nome. Todavia, dois anos tinham passado e Rosalia ainda não ficara grávida e, ainda que não dissesse nada, havia uma réstia de preocupação nos seus olhos.

A casa dos Mallory, no Rancho de Santa Vittoria, permanecia vazia durante a maior parte do tempo – apesar de ter agora um grande piano na sala de estar e sofisticada mobília de mogno escuro na maior parte dos quartos, tal como Jeb dissera que teria. Porém, Nik sabia que, como de costume, quando Jeb alcançava os seus sonhos, perdia logo o interesse neles. Ocasionalmente, chegava de São Francisco com carruagens cheias de gente e a enorme casa acenderia as suas luzes como uma árvore de Natal. Eram servidos grandes banquetes de comida a todas as horas enquanto o vinho fluía e os cantores – importados da ópera italiana ou de companhias de teatro de revista francesas que apareciam em São Francisco – tratavam do entretenimento. Nenhuma família local ia a esses jantares pois dizia-se que havia mulheres na casa dos Mallory cuja moral só podia ser descrita como perdida – e que não faziam esforço nenhum para ocultá-lo.

Nik começou a comprar mais gado para os hectares novos do crescente Rancho Santa Vittoria e eles tornavam-se cada vez mais ricos, ganhando «dólares de pele» por venderem as peles dos animais a comerciantes de Nova Inglaterra, que fabricavam botas e sapatos, e por venderem os chifres para fabricar botões, bem como a gordura para fabricar velas e sabão.

Por volta de 1873 – dezassete anos depois de Jeb ter ganho o rancho no jogo –, Nik Konstant e Jeb Mallory detinham cento e quarenta hectares de terra e mais de oitenta mil cabeças de gado, bem como setenta mil ovelhas.

Nik trabalhava arduamente no rancho e Jeb vivia a vida de um solteiro rico na sua nova mansão de Russian Hill, em São Francisco. E, para que a felicidade de Nik fosse total, Rosalia tinha-lhe finalmente dado um filho. Chamava-se Gregorius Aleksandr Abrego Konstant e era mais conhecido por Greg.

Por estranho que parecesse, com o nascimento da criança, Jeb começou a passar mais tempo no rancho. Aparecia inesperadamente na casa dos Konstant e almoçava com eles, observando o rapaz, que crescia com os brilhantes olhos azuis semicerrados e um sorriso amarelo.

– Nunca pensei dizer isto – admitiu ele um dia a Rosalia –, mas daria tudo para ter um filho como o Greg.

– Isso é fácil – comentou ela, rindo-se –, tudo o que tens de fazer é casar.

– Ah, Rosalia – respondeu ele, com um suspiro –, *essa* é a parte difícil. Receio estar demasiado velho para mudar de vida.

Conheceu Margaret James pouco tempo depois, a bordo de um *ferry* de São Francisco para Santa Barbara, onde ela planeava passar o dia a pintar. Margaret perdera os pais para a febre tifóide de 1871 e, para se sustentar, trabalhava como professora de arte na Belmont, uma escola preparatória para rapazes, em São Mateo. Ficou muito surpreendida quando o elegantíssimo Mr. Mallory, que todos a bordo pareciam tratar com o maior respeito, meteu conversa com ela.

Estava no *deck*, nessa altura, a tentar captar as cores que mudavam no céu com as suas aguarelas. Era natural que fosse tímida, mas Jeb falava com grande à-vontade, fazendo perguntas sobre Belmont e fazendo-a corar ao elogiar-lhe o talento para a pintura.

Margaret tinha vinte e seis anos, cabelo suave de um acobreado-escuro, firmemente apanhado num coque no alto da cabeça, pele imaculada de um branco leitoso, olhos cinzentos e uma personalidade a condizer e a sua boca grossa descia ligeiramente nos cantos como se estivesse triste. No entanto, apesar da sua forma reservada de ser, Margaret ria-se facilmente das piadas de Jeb e a sua timidez derreteu logo perante o encanto dele. Ainda assim, era exatamente o oposto dele no que ao temperamento dizia respeito e foi com total surpresa que recebeu o pedido de casamento dele... afinal, Jeb Mallory tinha quarenta e sete anos e era um homem muito conhecido na cidade, com uma reputação de gostar de mulheres fáceis e vistosas. E era muito, muito rico.

O Arlington Hotel, de Santa Barbara, foi o local escolhido para o maior casamento que se dava naquelas zonas há muito anos e, após a persuasão de Rosalia, a sociedade de Santa Barbara perdoou Jeb pelas suas indiscrições e acorreu em peso.

As janelas compridas do bonito salão de baile ficaram abertas na noite quente de verão, enquanto os convidados deambulavam alegremente no jardim sob as lanternas chinesas penduradas nas árvores de magnólias recheadas de flores brancas, como se se tivessem enfeitado para a noiva. *Mariachis* mexicanos fizeram uma serenata aos recém-casados e o melhor champanhe francês fluía em centenas de copos de cristal, prontos a serem erguidos num brinde a Jeb e Margaret.

Para Margaret, o dia do seu casamento foi um triunfo. E Jeb Mallory sabia que escolhera bem – Margaret era inteligente, culta e atraente; era forte e saudável. Daria a mãe perfeita para o seu filho.

6

1873-1880, CALIFÓRNIA

Margaret Mallory nunca foi capaz de contar a ninguém como fora a sua noite de núpcias. Era uma recordação que preferia apagar e guardar no canto mais recôndito da sua mente. É claro que sempre soubera qual seria o seu papel de esposa, no entanto, também sabia que não era expectável uma *senhora gostar* do que acontecia – da maneira que Jeb dizia que gostavam.

– Todas gostam, menos tu – gritara ele, amargamente.

Depois, deitara-se junto ao marido que dormia ao lado dela, a pensar. O seu corpo cheio de nódoas negras doía, mas ela já era grandinha para não chorar. Passada uma hora, quando teve a certeza absoluta de que ele dormia, foi à casa de banho e lavou-se. Depois, escovou o cabelo, vestiu uma camisa de noite lavada e olhou-se ao espelho. Surpreendentemente, parecia muito pouco diferente. Nunca ninguém saberia da sua vergonha e da terrível e humilhante experiência por que passara nessa noite. Todavia, não havia volta a dar. Ela era a Mrs. Jeb Mallory. E sabia que no futuro, quando o marido «precisasse» dela, não o recusaria. Oh, não, deitar-se-ia e deixá-lo-ia fazer-lhe o que quisesse; pensaria simplesmente noutra coisa... Na cor dos cortinados novos ou no que comer no almoço do dia seguinte.

Uma mulher tinha as suas próprias armas de vingança, pensara Margaret, friamente, enquanto atravessava de novo o quarto e se voltava a deitar ao lado do marido. E, ao ver a primeira luz da manhã entrar pela fresta dos

cortinados de veludo dourado, soube que as utilizaria.

Desse dia em diante, Jeb passava a maior parte do seu tempo longe de casa. Margaret não sabia onde ele ia, ou com quem estava, e nunca perguntou. *Porém, quando estava em casa, nunca deixava passar um dia sem reclamar os seus direitos de marido.*

À medida que os anos foram passando, Rosalia Konstant perguntava a si própria como aturava Margaret as coisas que se passavam entre ela e Jeb.

– Ele passa aqui um dia e depois vai-se embora – dissera ela a Nik, zangada – para a sua verdadeira vida: jogo e mulheres bonitas de São Francisco.

Nik encolheu os ombros.

– Ele casou com Margaret pelos motivos errados – respondeu Nick – e, como não teve o filho que queria, perdeu o interesse, como acontece sempre.

Para compensar as longas ausências de Jeb, ele e Rosalia faziam tudo para serem bons para Margaret, mas a casa deles estava sempre cheia de barulho e familiares alegres do lado dos Abrego, o que só parecia contrastar com a enorme e triste casa de Margaret. Viam-na ficar cada vez mais reservada, preenchendo os dias com a criação de um belo jardim.

Espinheiros altos faziam agora sombra no meio dos seus espaçosos relvados e a estrada que dava tanto para a casa dos Konstant como para a dos Mallory estava delineada por lindos e jovens choupos, que eram uma maravilha de se ver, de um verde delicado no verão e de um dourado metálico no outono. Todos os anos, aquando da primeira vaga de frio, as folhas caíam num abrir e fechar de olhos, deixando as árvores transformadas nuns meros esqueletos negros e nus, no meio da sua glória dourada tombada no chão.

Contudo, o que Margaret mais gostava para além dos hibiscos totalmente floridos, dos loendros graciosos e das enormes e abundantemente perfumadas rosas inglesas, era das papoilas. Todos os verões, o campo à frente da casa mudava de um brilhante verde primaveril para uma massa de folhas prateadas e depois para um mar de flores escarlates que tremiam com o vento. Parecia uma pesada carpete vermelha com apontamentos de centáureas de um azul vivo, aqui e ali. Ela sentava-se, sozinha, na sua varanda, nas longas noites de verão, a absorver aquela beleza passageira – pois durava apenas alguns dias, antes de o vento lhes arrancar as pétalas e as

derramar, como *confetti*, por toda a colina.

Rosalia mal se atreveu a dizer a Margaret, em novembro de 1879, que sabia estar novamente grávida. Greg já tinha quase sete anos e ela e Nik tinham rezado durante tanto tempo para terem um segundo filho que ela borbulhava de felicidade. Porém, quando finalmente contou a Margaret, ficou chocada com a sua resposta.

– Para dizer a verdade – disse Margaret, baixando os olhos e corando modestamente –, o Jeb e eu também vamos ter um bebé. Por volta da mesma altura que o vosso.

Depois disso as coisas mudaram. Jeb enviou uma carruagem inteira com mobília infantil das lojas mais chiques de São Francisco, juntamente com um enorme cavalo de baloiço e brinquedos de todos os feitios. Vinha a casa com mais frequência e eles repararam que tratava muito bem Margaret, falando-lhe ternamente, apesar de nunca a beijar ou de mostrar qualquer gesto de afeição. E, quando Jeb estava ausente, Margaret falava dele e do bebé; era sempre «Jeb isto» e «Jeb aquilo»... Como se fossem um casal normal.

A filha de Rosalia nasceu no dia 1 de junho de 1880. Foi um parto fácil e o bebé tinha cabelo loiro muito claro e olhos mais azuis do que o pai. Foi batizada Angel, em memória da cidade russa de Archangel, onde Nik nascera, e Irina, em honra da mãe de Nik, e Ampara, em honra da mãe de Rosalia... Angel Irina Ampara Konstant.

Quando Margaret entrou em trabalho de parto, duas semanas depois, Jeb ficou muitíssimo nervoso. Foi num dia húmido de junho em que o sol fervia, vermelho-escuro e feio, num céu cinzento, quando ele se encaminhou para a varanda a contorcer-se enquanto os gritos impotentes de Margaret quebravam a quietude tempestiva. Gritou furiosamente com o médico por deixá-la sofrer, bem como à parteira para que se despachasse, aterrorizado com a hipótese de o bebé sofrer danos devido a um parto tão complicado. Suou, barafustou e rezou até e, passadas dezoito horas de trabalho de parto, a criança nasceu.

– Uma linda rapariga – disse-lhe o médico, fatigado. – É um homem de sorte, Mister Mallory, a sua mulher passou um mau bocado.

Sem dizer uma palavra a Margaret, Jeb atravessou pesadamente o quarto e olhou para a criança que se encontrava no berço. Conservava as mãos fechadas em punhos enquanto olhava para a criatura encarnada que tivera a

certeza ser um rapaz... Ora, até já escolhera o nome: James Rogan Fitzgerald Mallory, em honra do seu avô, do seu pai e da sua mãe...

Em silêncio, dirigiu-se à cama e beijou a mulher na face. Mas Margaret leu a desilusão amarga nos seus olhos e sabia que, para ele, falhara.

– Ficarás bem – disse ele, pouco à vontade. – O doutor Svensen garantiu-mo. Estás com dores ou estás desconfortável?

Margaret abanou a cabeça, fechando os olhos e tentando não chorar.

– Comprei-te isto, um presente... – comentou, atirando-lhe um alfinete com uma safira. – Pelo nascimento... – De súbito, voltou a dirigir-se ao berço. O bebé parecia-lhe quase anónimo; podia ser a filha de qualquer um. Ele não sentia nada – nenhuma emoção, nenhuma ligação com a criaturinha pequena que criara.

A tempestade surgiu de repente e, quando o trovão rasgou as montanhas, ele olhou pela janela, sem expressão.

A chuva caiu pesadamente, transformando o alegre campo de papoilas num riacho ondulante escarlate e prateado.

– Temos de lhe dar um nome – disse Margaret, cansada.

Jeb encolheu os ombros, com os olhos postos na colina.

– Chama-lhe Poppy³ – sugeriu, pouco interessado, à medida que se encaminhava para a porta. Ao romper da manhã, voltou para São Francisco sem se despedir.

Uns dias mais tarde, Margaret encontrava-se deitada numa *chaise longue*, na varanda, com o seu bebé dentro do berço, ao seu lado. Nik e Rosalia tinham ido visitá-la e, apesar de ela ter inventado desculpas para explicar a ausência de Jeb, conseguia ver que não acreditaram.

– Eu sei que ele queria um rapaz – suspirara Rosalia antes de se ir embora. – Tens a certeza de que ele é feliz... De que está tudo bem?

– Ele adora a criança – mentira ela. – Ora, até lhe deu o nome.

– Mas porque não lhe deu nomes de família? Nomes com significado? – perguntara Rosalia, confusa.

Margaret fingiu um sorriso.

– Tu conheces o Jeb, é um homem do momento... Deu-lhe o nome do campo de papoilas californianas que se encontra lá fora.

Apesar de os médicos a terem avisado de que ainda não devia levantar-se da cama, Margaret já se sentia muito forte e, com uma vontade repentina de sentir o calor do sol na pele, pegou no bebé e caminhou lentamente pelos

relvados suaves no sopé da colina.

Poppy descansava calmamente nos braços dela, olhando em volta com os olhos muito abertos e de um azul intenso à medida que Margaret entrava no campo de flores, que agora lhe davam pelos joelhos. Com um sentimento de tristeza, ajoelhou-se entre elas, segurando a filha para que ela as pudesse ver.

– Olha, pequenina – murmurou ela –, olha para a beleza destas flores californianas e vê porque te deu o teu pai o nome delas. Vês como as pétalas dançam na brisa? Parecem um bando de borboletas vermelhas. – Segurou a criança um pouco mais para a frente para que ela pudesse espreitar o maravilhoso coração púrpura da flor delicada. – Nunca te esqueças disto, minha filhinha, o teu pai deu-te o nome delas por causa da sua beleza.

Erguendo a cabeça, olhou para a terra em seu redor – toda ela, e mais que não via, pertencia ao seu marido e ao parceiro deste.

– E tudo isto também será teu, um dia. Toda esta terra rica e maravilhosa – sussurrou, mas o bebé continuava a olhar para as flores, parecendo cativado com as cores e os aromas.

³ Em inglês «Poppy» significa papoila. (*N. da T.*)

1880, CALIFÓRNIA

Rosalia olhou, triste, por cima do ombro à medida que se afastava da casa dos Mallory. As sombras moviam-se e as vidraças das janelas refletiam apenas o vazio. Não havia cães deitados preguiçosamente no pórtico, gatos junto à porta da cozinha, nem éguas com os potros nos cercados, como em sua casa. E também não havia bebé nenhum a apanhar o sol da tarde, dentro de um berço.

De todas as vezes que visitava Margaret, a sala de estar encontrava-se sempre limpa e a brilhar, com os pesados cortinados dourados a caírem, meio fechados, em pregas impecáveis. Nunca havia livros nem jornais pousados aqui e ali, nem brinquedos espalhados pelo tapete turco. Os sofás inchados e muitos cheios não tinham impressões de que alguém lá se sentara recentemente, e nem sequer se ouvia o som de uma mosca.

Parecia vazia, pensou Rosalia com um arrepio, como uma casa onde não vivia ninguém há anos. Sacudiu o pequeno chicote prateado, fazendo trotar o cavalo, desejosa de deixar tudo aquilo, e Margaret, para trás.

Só Deus sabia como ela dera o seu melhor para penetrar na bolha defensiva que Margaret construía à sua volta, contudo, esta recusava-se firmemente a reconhecer o facto de que Jeb a deixara. Não era visto em casa desde que Poppy nascera, há seis meses, e Margaret ainda falava dele como se ele pudesse regressar no dia ou na semana seguinte, fazendo de conta que

tudo estava perfeitamente normal.

– O Jeb só sentiu necessidade de viajar um pouco – dissera ela, desviando-se das perguntas bem-intencionadas de Rosalia sobre o paradeiro dele. – Sempre foi um homem que gostou muito de viajar. – E servira o chá do pesado bule de prata para as chávenas de porcelana pura tão calmamente como se acreditasse nas suas próprias palavras.

Nik dissera nessa manhã que a casa de Jeb na Russian Hill, em São Francisco, ainda estava fechada e que só o zelador permanecia na residência, instalado na cave. Também referira que os advogados dele tinham recebido um telegrama de Monte Carlo, França⁴, a ordenar-lhes que depositassem outra quantia substancial na conta de Mrs. Mallory. Pelo menos, Jeb não era negligente com as suas responsabilidades *financeiras*.

Nesse dia, Rosalia perguntara deliberadamente a Margaret se ela tivera notícias de Jeb, pensando se ela referiria o dinheiro.

– Ora, mas é claro. Quase me esquecia. Recebi uma linda carta dele, muito longa, de Monte Carlo, em França. Aquilo parece ser muito excitante. – A voz de Margaret elevava-se para um tom nervoso, e estava tão obviamente a mentir que Rosalia sentiu pena dela. – O Jeb é um grande escritor de cartas, tem muito jeito com as palavras, sabes? Quase senti que estava lá com ele.

– De certeza que não viu mais do que tu e eu já vimos – respondeu ela, veemente. – A jogar! É isso que o Jeb está a fazer em Monte Carlo.

O queixo de Margaret erguera-se, orgulhoso.

– Talvez – anuira ela, suavemente –, mas ainda toma muito bem conta de mim.

Os grandes olhos castanhos de Rosalia encheram-se de compaixão. Margaret parecia bastante cansada e farta. O seu intenso cabelo ruivo perdera o brilho e a pele estava tão pálida que era quase translúcida. Parecia uma mulher que não dormia à noite, uma mulher que dava voltas na cama, torturada pelas recordações. E, ainda assim, tinha um laivo de paciência nos olhos que, de certa forma, dava a Rosalia a impressão de que também poderia ser uma mulher à espera de vingança.

Se não fosse pelo bebé, Rosalia sabia que não se teria forçado a manter as visitas semanais. Margaret nunca parecia contente por vê-la e teria sido muito mais fácil deixar de lá ir, contudo, como Jeb era seu amigo e parceiro, Nik sentia-se responsável por ela e pela filha. E, ainda que Margaret

pudesse estar a reprimir o ódio pelo pai, não havia dúvidas de que amava muito a filha.

Rosalia pensou que, embora Poppy não pudesse ser considerada bonita como a sua filha Angel, tinha o seu encanto particular. Possuía cabelo ruivo e os olhos do pai, muito azuis e despertos, com uma encantadora inclinação para cima nos cantos. Todavia, uma coisa era Margaret fingir que não se passava nada e escolher viver uma vida de reclusa, outra bem diferente era submeter a filha a tamanha solidão, pois não deixava que Poppy visitasse Angel.

A estrada de terra deixou o cume da colina e os telhados de telhas vermelhas e brilhantes da sua própria *hacienda* começaram a aparecer. Sentindo-se em casa, o pónei avançou mais depressa, ansioso pelo mimo de aveia que sabia que o esperava, e Rosalia também ficou com outro ânimo, ao pensar na sua família e no amor e segurança da sua própria casa. Sair da casa dos Mallory era como ser libertada de uma prisão, pensou ela, culpada, pois por mais que se esforçasse, o seu coração continuava a não ser capaz de *amar* Margaret.

O tempo quente fora de estação persistiu até dezembro, trazendo consigo uma praga de moscas que se aglomeravam à volta do gado e dos cavalos, e encontravam o caminho de casa, zumbindo em redor da cozinha, apesar da cortina de contas brilhante que chocalhava no vento forte e seco. Pela primeira vez, Rosalia estava feliz por o jovem Greg ter sido enviado para o colégio, em San Mateo; ficaria longe do calor poeirento e repleto de doenças. Ela mantinha Angel no berçário, longe do vento quente e das moscas predadoras, e negligenciava as visitas habituais a casa dos Mallory.

Algumas semanas mais tarde, o antigo índio dos Mallory veio ter à porta deles. Vivia na original casa de adobe, no Rancho Santa Vittoria, e fora cozinheiro e zelador de Jeb desde o início. Caminhara os oitenta quilómetros descalço, com o velho poncho às riscas colocado em redor do rosto para afastar o pó. A governanta dos Konstant, Inez, já estava na cozinha junto ao fogão, e olhou para ele com desdém quando ele lhe exigiu que fosse acordar o *Señor* e a *Señora* Konstant.

– O *Señor* já se levantou e está nos pastos – respondeu ela, ofendida por ele lhe exigir semelhante coisa – e a *Señora* precisa de descanso.

– *Acorda a tua patroa.* – Os olhos desbotados do índio brilhavam, maníacos, ao aproximar-se dela.

A velha e gorda Inez recuou, nervosa.

– Eu vou acordar a *Señora*, agora – gaguejou ela, apressando-se a subir as escadas tão rápido quanto as suas coxas gordas lho permitiram.

Rosalia estava sentada, direita, quando Inez a abanou.

– É o bebé? – gritou ela, saltando da cama e correndo para a porta. – Aconteceu alguma coisa?

– Não, não, *Señora*, não é o bebé. É o velho Índio dos Mallory. Está aqui, na cozinha. Diz que tem de a ver. Eu não soube o que fazer. – Ela enrolava as mãos, nervosa, no avental branco e limpo, parecendo à beira das lágrimas.

Vestindo um roupão, Rosalia desceu as escadas e entrou na cozinha.

– O que se passa? – perguntou, ansiosa.

– A *Missus* ficou doente há dois dias – explicou o índio, gravemente. – Disse que estava bem, mas eu já vi a doença antes. A filha de Mister Jeb não devia lá estar. É perigoso.

O rosto de Rosalia empalideceu.

– Mistress Mallory está assim tão doente?

– A doença piorou de repente. A *Missus* morreu ontem à noite. Mas a filha de Mister Jeb não morrerá. Eu trouxe-a para si.

– A Margaret? Morreu? – suspirou Rosalia, levando a mão ao coração. – Oh, não... Não, não é verdade...

Os olhos estranhos e opacos do índio olharam para os dela.

– É verdade – afirmou ele, impassível.

– Mas porque não pediste ajuda? – chorou ela.

– A *Missus* não precisava de ajuda. Era o que ela queria – respondeu ele.

– Eu sei. – Virou-se para a porta. – Venha comigo.

Rosalia seguiu-o até lá fora, olhando para o cesto, feito rapidamente com ervas e pousado à sombra de um jovem plátano. Lá dentro, estava Poppy, a dormir.

⁴ Monte Carlo é um distrito e o nome da principal cidade do principado do Mónaco, que se localiza no sudeste francês. É um microestado soberano e não pertence à França. (*N. da T.*)

Quando se encontrava em Los Angeles, Mike ficava sempre no Beverly Hills Hotel. Tinha a certeza de que pairavam ali vibrações criativas, deixadas nos tempos em que o hotel albergava estrelas de cinema famosas, realizadores extravagantes e escritores trabalhadores. Ou talvez fosse apenas a ostentação de serenidade luxuosa e antiga do lugar que o inspirava. O que quer que fosse, ele escrevera a maior parte do seu *A Fuga de Robbelard* num jorro glorioso e inspirado de dois meses num dos «chalés» cor-de-rosa e gostava do local desde então. O hotel tinha sido construído em 1912, quando a vila de Beverly Hills consistia em nada mais do que campos de cultivo e poucas estradas de terra novas e, logo desde o início, cumprira o seu papel de hotel elegante e rei de Hollywood.

O pequeno-almoço foi-lhe servido prontamente às nove e meia, após ele completar uma hora no corte de ténis com o professor do hotel, já de duche tomado e vestido, pronto para o que quer que a jornada lhe trouxesse. Enquanto bebia o café e comia a tosta de centeio, examinou a lista de Lieber dos reclamantes do património de Poppy Mallory. O advogado dividira-a em duas secções – os «Possíveis» e os «Improváveis». Havia algumas centenas de nomes na segunda secção – e apenas cinco nos Possíveis... Aria Rinardi, em Veneza; os gémeos Claudia Galli, em Paris, e Pierluigi Galli, em Nova Iorque – que pareciam apresentar uma reivindicação conjunta, apesar de terem contactado Lieber em separado; Orlando Messenger, em

Londres; e Lauren Mallory Hunter, ali mesmo, em Los Angeles.

Mais valia começar com a rapariga local, pensou Mike, lendo o breve resumo da reivindicação de Lauren – pelo menos ela tinha o nome correto. Dizia que a sua bisavó fora supostamente criada num rancho perto de Santa Barbara... Tanto a bisavó como o bisavô tinham morrido antes de ela nascer... O nome da mãe era Sonia Mallory Hunter. Mike voltou a verificar a idade de Lauren; tinha apenas dezoito anos. Então porque não era *Sonia* Hunter a reclamar o património? Haveria problemas entre mãe e filha? Ou talvez Sonia não tivesse visto o anúncio, simplesmente; afinal, algumas pessoas nunca liam os jornais mensais.

De qualquer forma, a história da avó de Lauren, em Santa Barbara, era a mais frágil reclamação possível e completamente improvável – apesar de ela ter uma Bíblia de família com provas acerca do nome Mallory. Lieber incluía-a por causa disso – e do facto de as datas coincidirem. E Mike pensou que, quando a comparava a algumas das fantasias na lista dos Improváveis, talvez não fosse assim tão rebuscado.

Pegando no telefone, marcou o número de Lauren. Deixou-o tocar umas doze vezes, mas ninguém atendeu, pelo que tentou ligar para o Denny's Coffee Shop, em Ventura, pensando que talvez ela já estivesse a trabalhar. A rapariga que atendeu disse-lhe que era o dia de folga de Lauren.

– Mas ela vai estar no Teddy's Barn mais tarde – informou ela, alegremente –, trabalha lá como empregada de bar quase todas as noites.

Mike tentou ligar novamente para o número dela – de certeza que estaria em casa se era o seu dia de folga. No entanto, voltou a não ter resposta e pousou o auscultador, irritado... Não podia fazer mais nada a não ser esperar pela noite.

Lauren deixou o telefone tocar. Não devia ser nada de importante, provavelmente era apenas do Denny's a dizer que precisavam da ajuda de mais uma empregada e se ela podia aparecer. Mas naquele dia não podia, nem sequer se pagassem o triplo... Era o seu dia com Maria. Estava deitada na cama, a contemplar preguiçosamente o que fariam. O bebé dava pontapés no ar com as perninhas gordinhas, fazendo pequenos barulhos como se tentasse apanhar o colorido móbile de pássaros por cima do berço. Lauren ouvira falar de crianças que estavam sempre a chorar e a endoidecer

as suas mães, mas Maria era um bebé muito calmo e nunca dava preocupações. Nunca chorava quando era deixada na creche durante o dia, nem com uma *babysitter* durante a noite; e sorria sempre que a via.

— Maria — chamou ela, sorrindo encantadoramente enquanto os lábios da criança pareciam copiar os dela e formar uma palavra; só que o som que saiu da sua boquinha foi estranhamente alto e não tinha qualquer semelhança à palavra Maria. — Hás de conseguir, querida — disse ela, encorajando-a —, continua a tentar. — No entanto, se fosse sincera consigo própria, não tinha a certeza de que ela conseguiria. Quando a ama ouvira Maria pela primeira vez, olhara para Lauren de modo simpático e dissera:

— A Maria é um pouco diferente, só isso.

Lauren pegara na criança e corra para casa, tentando não pensar no olhar dos olhos da mulher quando o dissera, pois só confirmava o que ela própria suspeitara. Fora finalmente forçada a aceitar o facto de Maria ser diferente, perdida numa espécie de mundo privado só dela. Estava «estragada», pensou Lauren, triste, usando a palavra mais fácil que conseguia encontrar, pois nunca diria que Maria era «atrasada» ou «mentalmente incapacitada» ou nenhuma dessas verdades horríveis, o que de certa forma só fazia com que ela a amasse e protegesse ainda mais. O que não era surpreendente tendo em conta que Maria ultrapassara muita coisa antes de nascer. No pior pesadelo de Lauren, Maria já tinha idade para ir à escola e as autoridades apercebiam-se do problema. Ela abraçava-se a Maria, a gritar, enquanto lhe tentavam tirar o bebé. Acordava muitas noites a suar de medo, incapaz de ver uma saída para o dilema. E sabia que, quando acontecesse, como aconteceria certamente, tanto ela como a criança morreriam com o coração despedaçado.

Recostou-se às almofadas, observando a pequenina concentrada no seu jogo com o mobile de pássaros, e pensando quantas vezes um coração podia ser partido. A primeira vez que lhe acontecera fora aos doze anos. Alguém telefonara da fábrica da *Boeing*, onde o pai trabalhava como supervisor de produção, a dizer que ele tivera um enfarte e morrera antes de cair no chão. A sua mãe repetira-lhe exatamente as mesmas palavras e a terrível imagem do pai a cair no chão gravara-se-lhe para sempre na mente.

Pensara então como podia lidar com o peso de chumbo que já fora o seu coração, mas, como a maior parte das coisas, com o tempo, a natureza aliviara-lhe a dor e, passado algum tempo, recuperara. A fenda seguinte no

seu coração viera dois anos mais tarde quando a mãe lhe dissera que queria voltar a casar. Até essa altura, Lauren fora uma vulgar estudante escrupulosa do Redlands High, fazendo tudo o que as jovens de catorze anos faziam – estudava muito quando era preciso e divertia-se muito quando não era. Tinha sempre uma festa a que ir ao fim de semana e um convite para dormir em casa de amigas. Iam às compras em grupo nos centros comerciais, aos sábados de manhã, e motivavam a equipa de futebol da escola nas tardes outonais de sábado. Agora, claro, apercebia-se de que a mãe ainda era uma jovem de apenas trinta e quatro anos e que o mais natural era apaixonar-se e casar-se novamente. Todavia, naquela altura, após toda a dor por que passaram por causa do pai, parecera-lhe o supremo grau de traição.

Tivera imensos ciúmes e sabia agora que se comportara irrazoavelmente e transformara as vidas delas num inferno, no entanto, fora a única forma que conhecera de fazer ouvir a sua opinião.

– Nunca me disseste que andavas a sair com ele – gritara ela à mãe –, nunca disseste uma palavra. Aposto que ele ainda nem sequer *ouviu falar* de mim!

– Claro que ele já ouviu falar de ti – respondera Sonia Hunter, suavemente –, ora, contei-lhe tudo sobre ti... Sabe que és uma grande nadadora e sabe que és boa aluna e que queres tentar ir para a universidade de Stanford. Até sabe que tiveste varicela aos três anos e quanto custou o teu aparelho dos dentes.

– Porque lhe contaste essas coisas? – gritou ela. – São coisas que o meu pai *verdadeiro* sabia, não *ele*!

Sonia Hunter suspirara, resignada; as pessoas diziam sempre que se podia esperar esse tipo de comportamento quando se contava aos filhos que se queria voltar a casar, porém, isso não tornava nada mais fácil. Sonia tinha cabelo loiro até aos ombros, cujo brilho era ajudado por várias visitas ao salão de cabeleireiro, e possuía aquela aparência impecável e refinada de mulher que se mantinha em forma. Frequentava aulas de ginástica num ginásio e exercitava nas máquinas até ter consciência de todos os músculos do seu corpo. Bebia muitos sumos frescos e era uma apaixonada pela comida saudável, tendo criado a filha na mesma dieta saudável. Os seus dentes podiam ter aparelho, mas brilhavam de um branco tão vivo que parecia terem sido polidos, os olhos azuis lindos eram muito brancos e a sua

pele não tinha uma única imperfeição e, tal como a mãe, não tinha um grama de gordura a mais no corpo.

Sonia adotara uma expressão corajosa em relação à atitude rebelde de Lauren e, aos fins de semana, quando Doug vinha de San Diego, onde trabalhava como advogado, tentava muito arduamente manter tudo num «estilo familiar» para que a filha não se sentisse posta de parte. Mas Lauren tinha catorze anos e estava a passar por uma dura adaptação à jovem feminilidade. Detestara a ideia de a mãe dormir com Doug e todos os outros miúdos da escola também ficarem a saber disso. Começou então a ter más notas e a não fazer os trabalhos de casa, saindo pelos bairros com um grupo de miúdos de dezasseis anos.

Lauren fora uma menina tímida e era mais feliz no meio de uma multidão. Nem sequer tinha a certeza do que dizer a um rapaz se tivesse um encontro a *sério*. Sabia que não era linda de morrer e desejava ser mais alta, mas era certamente gira, com um corpo ágil e magro, pernas torneadas e pequenos seios pontiagudos. A mãe dissera-lhe sempre que ela tinha uma «aparência fresca e sofisticada», com a pele lisa, o cabelo brilhante e o bronzeado natural da Califórnia.

Quando tirara o aparelho que mais parecia os carris de um comboio, a atitude de todos os rapazes mudara subitamente e o seu telemóvel nunca parava de tocar. Começara a usar saias mais curtas para mostrar as pernas e, finalmente, ganhara confiança para ter encontros, sozinha. Continuava a ser tímida, porém, os rapazes também o eram, e, na maior parte das vezes, limitavam-se a comer num café ou no restaurante chinês, e talvez a ir ao cinema. Depois, conduziriam um pouco pelas ruas circundantes até encontrarem um lugar silencioso onde pudessem estacionar e namorar um bocadinho no banco de trás – só que ela nunca os deixava passar da primeira base. Não sabia muito bem porquê, pois algumas das outras raparigas faziam-no – ou, pelo menos, *diziam* que o faziam –, mas não era algo que ela quisesse. Era uma grande responsabilidade – crescer demasiado. Decidira que, no geral, preferia dormir em casa de amigas, coscuvilhar e rir, do que «curtir» com um rapaz qualquer no banco de trás de um carro, na noite quente da Califórnia.

Quando a mãe e Doug finalmente casaram, disseram a Lauren que teria de sair de Redlands High e mudar-se para uma nova escola, em San Diego, para onde eles iriam morar, e olharam-na, chocados, quando ela se

enfureceu e chorou rios de lágrimas, perguntando como eram capazes de lhe fazer aquilo. Não sabiam eles que todas as suas amigas estavam ali? Todas as pessoas que ela conhecera, na sua vida inteira? E, agora, só porque tinham casado, ela tinha de deixar toda a gente e começar do zero? E os exames? Estava quase a fazer dezassete anos, os exames para a universidade aproximavam-se... Como esperavam eles que ela passasse se ia para uma nova escola, com uma rotina nova e professores também novos que não a compreendiam? Eles sabiam que era muito importante para ela entrar na Stanford.

– É injusto – gritou, e não iria, recusava-se!

– Ela tem razão – acabara por dizer Doug a Sonia, nervosamente –, a miúda está certíssima. *Não* é justo.

Lauren parara de chorar, olhando para ele desconfiada, pensando o que estaria a tramar. Mas depois ele prosseguiu.

– É só mais um ano, Sonia, ela tem de aproveitar a oportunidade que tem. Eu limito-me a ir a San Diego todos os dias e, quando ela for para a faculdade, podemos mudar-nos todos para lá.

Lauren olhara para ele, a sorrir; parecia que afinal ia ficar tudo bem. E depois, de repente, tudo desmoronou. E ela desejou com todo o seu coração nunca ter-se queixado e ter ido viver com eles, calmamente, para San Diego.

Por volta das sete horas da tarde, não sabia quem estava mais cansada, se ela ou Maria. O bebé, exausto do ar fresco e das novas experiências do jardim zoológico, já se encontrava a dormir no berço. Lauren maquilhara-se, fatigada, vestiu os colãs pretos e calçou os sapatos de salto alto. Teddy ultimamente queixava-se de que ela parecia magra de mais.

– Estás a perder as curvas todas, Lauren – avisara ele. – Se não fosse pelo facto de teres um belo rabo e um bom par de pernas, já te tinha despedido.

– Obrigadinha! – respondera ela, zangada.

– Serve bebidas – disse ele, encolhendo os ombros –, sabes para o que foste contratada. É certo que consegues transportar as bebidas sem fazê-las cair, dar o troco certo e não meter dinheiro ao bolso, mas há mais centenas de raparigas que também conseguem. Os tipos gostam de olhar para ti quando os serves. Por isso, é melhor saíres dessa dieta que estás a fazer e

atinares.

Por mais que detestasse admiti-lo, Lauren sabia que ele tinha razão; o Teddy's Barn era famoso por causa das suas empregadas atraentes. Só que ela nunca tinha tempo nem dinheiro para comer corretamente e comia a primeira coisa barata que encontrava.

A discoteca estava calma quando ela lá chegou, só ali se encontravam dois tipos no bar e uma ou duas pessoas a beber nas mesas pouco iluminadas das traseiras. O grupo que tratava do entretenimento dessa noite estava a preparar-se no palco, a testar os microfones, e as outras empregadas estavam de pé, a cochichar. Ela penteou o cabelo, acrescentou um toque de batom e uma borrifadela de aroma *Giorgio*, e juntou-se a elas.

Mike Preston observava-a do seu assento no bar, verificando a sua aparência contra a pequena fotografia colorida que viera anexada às notas de Lieber. A foto parecia ter sido tirada do anuário do liceu, pelo que ela parecia infantil e doce, com o cabelo loiro-acobreado impecável, grandes olhos azuis e um sorriso cativante e tímido. No entanto, aquela rapariga de colãs pretas era demasiado magra; parecia cansada e revelava um pequeno franzido de preocupação no meio das sobrancelhas. Questionou-se, desconfortável, sobre o que teria acontecido à adolescente cativante para se ter transformado naquela jovem mulher desleixada.

Ela colocava tabuleiros nas mesas e verificava as velas nos pequenos recipiente vermelhos de modo a certificar-se de que não precisariam de ser substituídas. Pegou no copo e dirigiu-se a ela.

– Lauren Hunter? – perguntou. A cabeça dela ergueu-se prontamente e olhou-o com olhos muito abertos e assustados. – Peço desculpa se a assustei – disse ele, gentil. – Sei o seu nome porque mo deu Johannes Lieber, o advogado de Genebra. Ele pediu-me para falar consigo. Não obtive resposta quando liguei para sua casa. No Denny's disseram que trabalhava aqui, à noite.

– Johannes Lieber? – perguntou ela, perplexa.

– É sobre o património de Poppy Mallory.

As pernas de Lauren tornaram-se subitamente fracas, pelo que se sentou numa das cadeiras.

– Isso significa que sou eu a herdeira?

– Receio bem que ainda não saibamos quem é a herdeira – afirmou Mike rapidamente. – Lieber só quer que eu fale consigo e descubra mais alguns

pormenores. – A desilusão revelou-se nos olhos dela quando o olhou e ele acrescentou: – É claro que também não significa que não é a herdeira, estou aqui apenas para verificar a sua história.

– Compreendo. Bem, não tenho muito mais a dizer. Escrevi tudo o que sabia na carta que envie a Mister Lieber. Nem sequer tinha a certeza de que valia a pena, mas a minha mãe sempre me disse que não chegamos a lado nenhum se não tentarmos, por isso foi o que fiz. De qualquer forma, tudo o que eu disse na carta era verdade!

– Não duvido disso – respondeu ele. – Só gostaria de conversar consigo sobre ela um pouco mais, se puder ser.

Ela olhou, nervosa, para a sala que enchia depressa.

– Eu agora tenho de trabalhar – retorquiu, levantando-se.

– Pode encontrar-se comigo depois? – perguntou Mike. – A que horas sai?

– À uma. Mas, não sei... Teria de ligar à minha *babysitter*.

– Compreendo – disse Mike, com a história dela subitamente a fazer-lhe sentido.

– Não, não compreende – respondeu ela, olhando-o diretamente nos olhos. – Não compreende, de todo. Estarei aqui à uma da manhã.

A pensar no que ela quisera dizer, ele terminou a bebida, observando-a a mover-se pelas mesas, ocupada e eficiente. Era obviamente boa no que fazia, atinada e eficaz. E muito trabalhadora – ele sabia que ela tinha um emprego diário no Denny's. Era jovem e esperta, e devia estar na universidade, mas era óbvio que sabia agora porque não estava. Tinha uma responsabilidade. Um filho para educar; outra boca para alimentar.

Mike preencheu o seu tempo com um filme na Hollywood Boulevard, um jantar no Musso e Frank's e estava de volta ao Teddy's à meia-noite e quarenta e cinco. Lauren acenou-lhe quando o viu.

– Uma hora – gesticulou ela com os lábios do outro lado da sala, apontando para o seu relógio.

Mike sentou-se no bar e pediu uma bebida, observando a multidão confusa na pista de dança. A música estava tão alta que vibrava no seu peito e pensou como era ela capaz de aguentar aquilo, noite após noite. E depois ainda tinha de ir para casa cuidar do filho, que, sem dúvida, acordava às seis da manhã pronto para o dia, enquanto a pobre Lauren teria de enfrentar mais uma jornada de trabalho no Denny's. Esperou sinceramente que ela fosse a

herdeira de Poppy Mallory, o dinheiro fazia-lhe falta!

– Olá – disse ela junto dele. Vestia calças de ganga azuis por cima dos colãs e um antigo casaco de ganga. Tirara o batom e o rímel e não parecia ter mais de dezasseis anos. Chocado, Mike lembrou-se que era pouco mais velha que isso. Pegou-lhe no braço e guiou-a através da multidão. Parecia magro e frágil sob a manga de ganga. Fê-lo sentir-se protetor, como se quisesse alimentá-la...

– Tem fome? – perguntou ele.

– Um pouco – respondeu ela.

– O que gosta de comer?

– Comida chinesa – respondeu, hesitante.

Ele levou-a ao New Moon, na Ventura Boulevard, e observava enquanto ela devorava crepes de ovos, um bife com molho de feijão preto e *noodles* de Singapura.

– Sente-se melhor? – perguntou ele, com um sorriso.

– Pode crer! – retorquiu ela, com um suspiro satisfeito. – Obrigada, Mister Preston. Estava ótimo! Há um ano que não comia nada tão bom.

Mike pensou como era triste que a sua melhor refeição fosse num restaurante chinês de segunda categoria e com mesas de plástico, mas, pelo menos, ela parecia feliz e mais relaxada. E ficava muito mais bonita sem aquela expressão de preocupação nos olhos azuis. Eram de um azul muito bonito – profundo e demasiado revelador. Ele sentia-se capaz de lhe ler a mente através das expressões que mudavam e se refletiam nos olhos.

– Quem é o senhor, exatamente? – perguntou ela, bebericando uma *Coca-Cola*. – Quero dizer, sei que tem alguma coisa a ver com Mister Lieber, mas *o quê*, exatamente?

– Na verdade, sou escritor – disse ele.

– *Esse* Mike Preston! – exclamou ela, com os olhos redondos chocados. – Eu li os seus livros!

– Culpado! – respondeu com um sorriso. Lauren analisou-o com um novo interesse.

– Nunca tinha conhecido um autor famoso – referiu ela –, nem o vencedor de um Pulitzer. No Teddy's achei que a sua cara não me era estranha e, claro, agora lembro-me de o ver em alguns programas de televisão. Pensava que tinha um ar estranho – acrescentou. – Do género derrotado, como Jean-Paul Belmondo... É muito mais bonito na vida real. – A mão dela voou-lhe

para a boca enquanto corava. – Parece que digo sempre o que penso – disse, desculpando-se – e é normalmente a coisa errada. Ainda assim – acrescentou, sorrindo, matreira –, desta vez, é verdade.

Os olhos deles encontraram-se através da mesa enquanto se analisavam mutuamente, sem falar, pelo que Lauren sentiu um arrepio de apreensão correr-lhe pela coluna abaixo. Havia algo no olhar dele que a perturbava, um olhar que não estava habituada a ver nos olhos de um homem... Não era o género de «vamos lá» que recebia dos tipos no Teddy's, era mais profundo do que isso – e, de certa maneira, mais íntimo...

– Como conhece o Jean-Paul Belmondo? – perguntou Mike sem tirar os olhos dela. – É tão jovem...

– Às vezes, quando chego a casa, depois de sair do Teddy's, não consigo dormir, por isso vejo aqueles filmes estrangeiros antigos que dão na televisão... – O olhar dele era perturbador, pelo que ela desviou o rosto, bebericando a *Coca-Cola*. – Mas, afinal, de onde vêm os autores famosos?

Ele sorriu perante a ingenuidade dela.

– Este aqui vem de Madison, no Wisconsin. Fui criado pela minha tia Martha, depois de o meu pai morrer e de a minha mãe ter fugido com um vendedor itinerante. Aí está a base para uma bela história!

– Como foi ser criado em Madison, no Wisconsin? – perguntou ela. – Nunca fui para além de San Diego.

Ele encolheu os ombros.

– Era a pequena e normal casa do tipo rancheiro num subúrbio de classe média. A tia Martha conservava todos os bons valores antigos, igreja ao domingo, respeito pelos mais velhos, devoção à ética de trabalho e amor à pátria. Eu tinha de cortar a relva do jardim e deitar fora o lixo para ganhar a minha mesada e fazer outras tarefas que ela considerava ajustadas a um jovem em pleno crescimento. Hasteávamos a bandeira do pátio da frente todas as manhãs e baixávamo-la todas as noites ao pôr do sol, e os trabalhos de casa tinham de ser sempre feitos antes de haver a oportunidade ínfima de ir jogar basquete, ou ir ter com a malta, ao *drive-in*.

– Aposto que tinha um carro com *barbatanas* – comentou Lauren com um sorriso.

– Pode acreditar que sim. E conto-lhe o que tinha mais: bolinhos caseiros quando chegava a casa da escola, a melhor tarte de mirtilo do mundo e o assado de domingo da minha tia Martha, consigo cheirá-lo agora, o seu

aroma viverá para sempre na minha memória. – Ela sorriu-lhe, com olhos simpáticos e interessados, e ele disse repentinamente: – Sabe, Lauren, a tia Martha foi mais do que uma parente simpática que me acolheu. Eu tinha nove anos, estava perdido e assustado por ter sido abandonado, e desesperadamente preocupado com o grande vazio que era o futuro. Foi o amor dela que me fez ultrapassar tudo, até os anos difíceis da adolescência... Fui sempre demasiado alto e as roupas deixavam logo de me servir, isso irritava-a... «A despesa», estava sempre a dizer, «não consegues pensar na despesa e parar de crescer, Michael?»

Lauren riu-se e ele ficou em silêncio por um bocado.

– Não sei porque lhe conto isto – disse ele, calmamente –, mas sabe bem falar dela a alguém.

– Ainda está viva? – perguntou Lauren gentilmente.

Ele sorriu.

– Está, pois. Telefono-lhe uma vez por semana, independentemente de onde estiver. Falamos durante mais ou menos uma hora sobre isto e aquilo, as suas reuniões na igreja, a minha última digressão, como se estivéssemos sentados lado a lado na mesa da cozinha, a comer uma das suas belas refeições. – Fez uma pausa, olhando para Lauren. – Já me viu passar por todas as crises na minha vida – acrescentou –, incluindo a do casamento falhado.

– Era muito jovem?

Ele assentiu.

– Tínhamos os dois vinte e três anos e andávamos no mesmo ano da Northwestern... Acho que estava condenado desde o início, mas nessa idade não o percebemos... – Ele parou, novamente consciente de como ela era jovem.

– O senhor é diferente – comentou Lauren, suavemente.

– Diferente? De quem?

– Oh, diferente dos outros tipos com quem saio, acho eu.

– Isso é porque sou mais velho – respondeu Mike, com um suspiro de arrependimento –, apesar de, aos trinta e sete, não esperar ser colocado no papel de homem muito mais velho.

Lauren riu-se e ele gostou do som; ondulava alegremente em redor do pequeno restaurante tristonho, pelo que os outros clientes viraram as cabeças, a sorrir, para ver quem estava tão contente, e ele viu como ela

deveria ter sido – antes de Maria.

– O homem velho em busca de uma herdeira jovem – disse Lauren, matreira. Depois, subitamente séria, afirmou: – Mas não sou eu, pois não? Coisas dessas não acontecem a raparigas como eu.

Ele inclinou-se para a frente e segurou-lhe a mão através da mesa. Parecia ossuda e um pouco áspera – de todo aquele trabalho, supunha ele.

– Ainda não sabemos isso – começou ele, apertando-lhe os dedos encorajadoramente. – Estamos apenas no começo das nossas investigações. Ainda ando em círculos. Vi o anúncio no jornal e telefonei a Lieber para ver se nos podíamos ajudar mutuamente. Sou um escritor em busca de uma história e ele é um advogado inundado de reivindicações dos tais herdeiros de Mallory. Estou a tentar ajudar a separar os falsos dos verdadeiros e, ao mesmo tempo, a desvendar a história de Poppy Mallory.

– Então acha que sou um dos falsos?

– Falsa, não, Lauren – declarou ele com cuidado –, mas a sua história é, bem... um pouco frágil.

Ela assentiu.

– Na verdade, não passa de boatos, sabe? Uma história que passou de geração em geração. À exceção da Bíblia de família com os nomes lá dentro. Nós chamamo-nos mesmo Mallory – referiu ela, encolhendo os ombros. – Mas acho que milhares de outras pessoas também se chamam. Seja como for, nunca conheci a minha bisavó nem o meu bisavô, mas a minha mãe sempre disse que a minha bisavó tinha crescido num grande rancho perto de Santa Barbara.

Ela olhou para baixo, para o prato vazio, e ele reparou, surpreendido, na súbita expressão de medo que lhe atravessou o rosto.

– Diziam que, depois de casar, a minha bisavó ficou um pouco louca – continuou ela com uma voz muito baixa. – Teve um bebé e depois fugiu do marido, pelo que a criança foi dada para adoção. Esse bebé era a minha avô.

– Está a dizer que a sua bisavó era Poppy Mallory?

– Não – negou Lauren simplesmente –, não podia ser. Era muito nova para isso. Mas talvez fosse a filha de Poppy Mallory.

– Compreendo. – Mike olhou, pensativo, para as notas de Lieber. – Sim, isso faz com que as datas batam certo. A Poppy nasceu em mil oitocentos e oitenta e a filha terá nascido por volta de mil oitocentos e noventa e oito ou

mil e novecentos... Ainda não sabemos bem.

– Ainda não sabe? Mas eu pensava que sabia. Pensava que me poderia dizer...

– Receio que não seja assim tão simples. Mas é aí que eu entro. Estou a recolher toda a informação e espero poder decifrar a história de Poppy para sabermos quem é a herdeira ou o herdeiro.

– Lamento não ter sido de grande ajuda – retorquiu Lauren, cansada. – Acho que não tenho grande hipótese.

– A esperança é a última a morrer, caso contrário eu não estaria aqui. Há imensas histórias que nem vale a pena verificar. Ficaria espantada com o número de pessoas que responderam ao anúncio.

Ela pareceu subitamente exausta e cabisbaixa.

– Tenho de ir para casa. A *babysitter* ficará preocupada. Obrigada pela refeição, Mister Preston.

– Foi um prazer conhecê-la, Lauren – disse ele francamente. – Cuide da sua filhinha.

– Ela não é minha filha – respondeu ela abruptamente. – É minha irmã.

– *Sua irmã?*

Ela assentiu.

– A minha mãe estava só casada há um ano. O Doug era advogado em San Diego, e nós devíamos mudar-nos para lá para viver com ele, mas eu queria primeiro acabar o secundário no Redlands High. Estava a fazer os exames para a universidade, sabe, e tinha lá todos os meus amigos... Enfim, o Doug iria a San Diego todos os dias e às vezes a mãe ia ter com ele enquanto eu ficava com uma amiga. A minha mãe estava grávida e muito feliz. Normalmente, ia de avião para San Diego para estar com ele, mas já estava de oito meses e as companhias aéreas não o permitiam. Num fim de semana iam de carro para lá enquanto eu ia para uma festa qualquer e depois dormiria em casa de uma amiga. A polícia apareceu mais tarde, nesse noite, e disse-me que o carro tinha sido abalroado por um condutor bêbado, na Estrada 101. O Doug teve morte imediata e a minha mãe foi ligada a uma máquina. Fui ao hospital para a ver. Parecia tão bonita e em paz e respirava para um daqueles ventiladores que acho que fazia com que os seus pulmões subissem e descessem... Não sei. Disseram que o bebé ainda estava vivo e que fariam uma cesariana. O bebé estava bem... Mas depois de ela nascer, desligaram a máquina da minha mãe.

Os seus olhos azuis não tinham lágrimas e a sua voz não muito séria prosseguiu.

– Queriam dar a Maria para adoção. Disseram que não seria problema nenhum, que havia imensos casais simpáticos à espera de um bebé, com boas casas, dinheiro, tudo o que ela precisava. Mas eu nunca deixaria que o fizessem. Lutei e lutei e como não puderam contestar o facto de ela ser minha meia-irmã, tiveram de a deixar comigo. Tinha-me saído muito bem nos meus exames, ofereceram-me um lugar na Stanford, que era a minha ambição, mas a Maria vinha em primeiro lugar. Afinal – disse ela com um pequeno riso engasgado –, só terei trinta anos quando a Maria tiver dezoito, pelo que posso sempre ir para a universidade mais tarde... Não há nada de mal em começar um pouco mais tarde, pois não?

– Nada, mesmo – afirmou Mike calmamente. – É uma rapariga corajosa, Lauren Hunter.

– Ela é tudo o que tenho – respondeu simplesmente. – E não me arrependo da minha decisão nem um bocadinho. A Maria é tudo para mim.

Ele acompanhou-a até ao parque de estacionamento, esperando enquanto ela entrava no seu velho *Mustang*. Ligou a ignição e baixou o vidro da janela.

– Entrarei em contacto consigo, Lauren – prometeu ele, baixando-se para olhar para ela. Os olhos deles voltaram a encontrar-se. – Boa sorte.

– Boa noite, Mike – disse ela, um pouco sem fôlego. – Mais uma vez obrigada pela comida chinesa. Foi intensa.

Mike sentiu dificuldade em afastar Lauren Hunter da sua mente nessa noite; o seu sorriso galante assombrou-lhe os sonhos, pelo que deu muitas voltas na cama. Acordou na manhã seguinte a sentir-se cansado e deprimido, desejando poder dizer-lhe que todos os seus problemas ficariam resolvidos e que ela era a herdeira de Poppy Mallory. Contudo, infelizmente para Lauren, a vida real era muito mais complicada do que isso. Poppy não poderia saber que esperança e sonhos o seu testamento desencadearia.

O quarto luxuoso parecia abafado enquanto ele se mantinha deitado a pensar na história que emergia dos diários de Rosalia sobre Poppy e o seu pai, Jeb...

9

1881, CALIFÓRNIA

Jeb Mallory desembarcou do barco a vapor costeiro *Santa Rosa*, balançando alegremente a sua bengala. A bengala, com puxador de prata com a forma da cabeça de um leão, fora supostamente feita para um príncipe russo que, num jogo, apostara a sua herança e todas as suas posses. Jeb comprara-a casualmente numa loja de penhores de Monte Carlo, com a intenção de a dar de presente a Nik, todavia, decidira que gostava do ar burguês que ela lhe dava e mantivera-a para si.

Vestia um par de calças cinzentas grossas e um casaco preto de lã feito por um dos melhores alfaiates de Londres. As suas botas de pele eram feitas à mão, e por medida, no mais recente estabelecimento caro e em voga de Londres, e o leve sobretudo de caxemira que usava pelos ombros fora comprado em Paris. A gravata, de um cinzento metálico, vinha de Itália, e fora-lhe garantido pelo joalheiro de Monte Carlo que o enorme alfinete de pérola que usava viera das mais profundas águas dos mares do sul. Com o brilhante chapéu colocado exatamente no ângulo correto, ele parecia a figura perfeita de um homem de luto.

Retirando um enorme charuto de uma caixa para charutos de ouro maciço, cortou impecavelmente a ponta com uma pequena tesoura dourada. Aproximando as mãos, acendeu-o com um fósforo de madeira retirado de outra caixa dourada e, depois, exalando luxuriosamente, sorriu ao grupo de

crianças maravilhadas que se tinham agrupado para ver o barco na doca de São Francisco e que o viam agora a ele.

Enquanto subia para o ônibus do Arlington Hotel que esperava no cais, Jeb olhou em volta para os outros passageiros, inclinando o chapéu para cumprimentar a mulher do arquiteto local. Ela estivera presente no seu casamento e ficou surpreso quando ela virou o rosto como se não o reconhecesse. Encolheu os ombros, indiferente; afinal, estivera ausente durante tanto tempo que pensou que parecia um estrangeiro na sua nova indumentária europeia.

A cidade parecia ainda mais pequena do que ele se lembrava. O ônibus rolava devagar passando pela curva da praia, Castle Rock, a grande e branca casa Diblee, Punta del Castillo, com os seus maravilhosos tetos pintados por um artista francês e magníficos jardins. Era a obra-prima de Santa Barbara e exatamente o gênero de casa que Jeb gostaria de construir. Só que não em Santa Barbara, pensou, com um sorriso. Era demasiado provinciana. Não, com a sua nova fortuna construiria a sua mansão ao longo das margens do rio Hudson, em Nova Iorque, ou talvez em Newport, no estado de Rhode Island, ao lado de magnatas das estradas, gigantes do petróleo e capitães da indústria como Rockefeller, Vanderbilt e J. Pierpont Morgan.

O ônibus passou pelo mercado de peixe Larco's onde os mesmos pelicanos de sempre picavam num monte de restos de peixe, tal como ele fazia sempre. À direita encontrava-se a antiga casa de adobe azul do Dr. Shaw, rodeada por uma cerca de ferro, e, mais abaixo na rua, o mesmo engraxador de botas exercia a sua tarefa como sempre, diante da casa Morris. Passaram pelo estábulo de Al e Seth Loomi onde Nik vira pela primeira vez Rosalia, pela mercearia do Shaw, pelo ferreiro, à esquerda, a pôr ferraduras num cavalo numa forja brilhante de um vermelho-alaranjado. Na rua de sentido único ficava a Chinatown, com os seus velhos homens de cabelo grisalho atado em rabos-de-cavalo a usar gorros de seda pretos, sentados diante das suas lojas a fumar pensativamente os longos cachimbos enquanto as mulheres de casacos e calças de seda faziam um grande estardalhaço com os pés pequeninos ao longo do passeio de madeira.

Nada mudara – e nunca mudaria, pensou Jeb, fumando o seu charuto para afastar o cheiro peganhento do incenso chinês. Reparou na igreja católica de tijolo vermelho, mas lembrou-se que Margaret não estava lá enterrada; estava no pequeno cemitério presbiteriano, no topo da colina. E sem dúvida

que o seu rosto estava virado para a parede, pensou ele, amargamente. Era óbvio que tinha pena que Margaret tivesse morrido, mas, na verdade, não sentia nada por ela. Bloqueara-o com eficácia da sua cama e do seu coração. Quem podia culpá-lo por procurar diversão noutros lados?

Quando o condutor virou para os largos portões do Arlington Hotel, ele sentiu-se como se tivesse estado fora anos e não apenas dez meses; agora era um homem do mundo, incompatível com o ritmo de vida lento de Santa Barbara. A sua nova e vasta fortuna, adquirida nas mesas de Monte Carlo, pesava-lhe nos bolsos e ele estava desejoso de desfrutá-la. Porém, primeiro, tinha algo a resolver com Nik Konstant.

Quando o gerente lhe mostrou o quarto, o seu rosto corou de raiva. Era a mesma suíte que partilhara com Margaret na noite de núpcias.

– Este quarto não é satisfatório – disse ele, severo. – Faça o favor de me arranjar outro.

– Mas, senhor, Mister Mallory, esta é a nossa melhor suíte – protestou o homem.

– Então, arranje-me a segunda melhor! – gritou ele, dirigindo-se para o bar. Nunca pensara que Margaret voltasse a chateá-lo, mas, por Deus, uma olhadela àquele quarto e todas as más recordações tinham simplesmente voltado. Só quando bebericou o segundo uísque e o *chaser* Jeb se permitiu pensar em Nik.

Estivera noutro bar – no bar ricamente decorado do famoso Hotel de Paris, em Monte Carlo – quando a carta de Nik lhe fora entregue e, para seu horror, a sua mão trêmula e as lágrimas assolaram-lhe os olhos quando a leu.

Esprei estes meses todos que regressasses para, pelo menos, assistires ao funeral de Margaret, escrevera Nik, mas tudo o que recebemos foi um telegrama teu. Não te consigo explicar por palavras mais suaves que considero o facto de não teres estado aqui, onde devias ter estado, o único motivo para a doença ter aparecido e piorado. Resumindo, acho que és o único culpado pela morte de Margaret. Nunca te perdoarei, Jeb, e escrevo-te para te dizer que deves considerar o fim da nossa amizade. Em relação à nossa parceria, como já não pareces interessado no Rancho Santa Vittoria, estou disposto a comprar a tua parte nos termos que tu e os teus advogados considerarem adequados.

Apesar de não teres referido a tua filha no telegrama, nem expressado qualquer preocupação para com ela, ou o seu paradeiro, digo-te que estamos a tomar muito bem conta dela. Para o caso de te interessar, é uma criança muito esperta. Que Deus te perdoe, Jeb Mallory, porque eu certamente não poderei fazê-lo.

Assinara Nikolai Konstantinov.

À medida que bebia o terceiro uísque, Jeb soube que tinha de falar com Nik nessa mesma tarde.

Há uma hora que esperava, sozinho, na biblioteca da casa dos Konstant, quando Rosalia regressou finalmente das cabanas dos carneiros. Apressou-se a ir à sala, com o cabelo a querer sair-lhe da trança e um pequeno cordeiro frágil acabado de nascer, a que chamavam de *lepe*, nos braços.

– Jeb! – exclamou ela, com os olhos castanhos a abrirem de espanto. – Não estávamos à tua espera.

– O viajante regressa – respondeu ele, levemente, beijando-lhe a face suave. – Como estás, Rosalia?

– Tenho de arranjar um sítio quente junto ao fogão, na cozinha, para este pobre *lepe* – disse ela, recuando, insegura. – Tem de ser alimentado à mão, sabes?

– O que me trouxe aqui foi algo mais importante do que *lepes* – respondeu Jeb, satisfeito por tê-la desconcertado. – Estou aqui para vos agradecer pelo que fizeram por Margaret. Queria dar-vos isto. – Pegou num molho de notas de mil dólares e entregou-lho. – Como pagamento pelo vosso cuidado – concluiu a sorrir.

Rosalia olhou para o molho de notas, horrorizada.

– Eu só fiz o que qualquer pessoa teria feito. Só tenho pena de não ter lá estado quando ela precisou de mim. Não preciso do teu agradecimento, Jeb.

– *É claro que ela precisa do teu agradecimento!*

Nik atravessou a sala e colocou um braço protetor à volta de Rosalia. A sua camisola estava manchada de sangue por causa do nascimento do cordeiro e, com os olhos zangados e pálidos, parecia um homem selvagem.

– Nik, rapazote, era exatamente o que eu estava a dizer. É claro que ela precisa do meu agradecimento. Vocês os dois precisam. Nunca poderei

agradecer-vos o suficiente pelo que fizeram por Margaret.

– A Rosalia merece o teu agradecimento – disse Nik, com desdém –, mas não o teu dinheiro de jogo. Ganhaste-o quando Margaret estava no leito de morte, Jeb? Ou quando estava a ser sepultada? Talvez gostasses de ouvir mais alguns pormenores? Sobre como ela sofreu? Porque morreu sozinha? Sobre como se encontrava demasiado exausta e definhada de preocupação e tumulto que causaste, para lutar contra a febre tifóide? – Atravessou a sala, zangado. – Ainda assim, terias gostado do funeral, Jeb. Todos foram, todas as pessoas que foram ao vosso casamento, há alguns anos. Todos, *exceto tu*. – Os lábios de Nik fecharam, tensos. – O marido perfeito com o seu belo traje de luto europeu. – Virou costas, cansado. – Recebeste a minha carta. Estou disposto a comprar a tua parte para que nunca mais tenhas de vir ao Rancho Santa Vittoria. Diz apenas o montante que os advogados tratarão do resto.

O rosto de Jeb corou de fúria.

– Lá se vai aquela nossa bela amizade, rapazote. E a parceria! Lembras-te, Nikolai Konstantinov? Do rapaz fresco que saiu do barco e que eu acolhi sob minha proteção? Lembras-te de que fui eu, Jeb Mallory, que nos ganhou este rancho? *Sem mim* – acrescentou, desdenhoso –, *não serias nada!* E, agora, dizes que queres «comprar a minha parte»!

– Eu lembro-me disso. – Nik aproximou-se, elevando-se sobre ele, ameaçadoramente. – O dinheiro que financiou o teu jogo pelos primeiros cinquenta hectares era *meu* e foi o *meu* trabalho árduo que fez do rancho o que ele é hoje. Diz-me o que fizeste para fazê-lo crescer, Jeb Mallory. Onde estiveste tu durante todos estes anos? *A jogar e a fornicar em São Francisco!*

Rosalia viu-se obrigada a meter-se entre os dois homens, ainda com o cordeiro nos braços.

– Nik, por favor, não gosto de te ouvir falar assim!

Ele virou-se com um encolher de ombros enojado, mas Jeb agarrou-lhe o braço.

– Meti muito dinheiro neste lugar, *Nikolai Konstantinov* – declarou ele através de dentes cerrados – e, por Deus, se não tivesses feito o que fizeste por Margaret, matar-te-ia agora mesmo por causa do que acabas de dizer!

O riso de Nik estava repleto de contentamento.

– Isso é tão típico de ti, Jeb – respondeu ele. – Lutar pela tua honra,

mesmo que já não tenhas nenhuma.

– *Vai para o inferno* – gritou Jeb, levantando o punho enquanto Rosalia corria a separá-los.

– Por favor, oh, por favor, não faças isso – pediu ela. – Não tragas violência à minha casa!

Jeb recuou, rígido de raiva. Olhou para Nik.

– Tudo o que te tenho a dizer é que *nunca* terás a minha parte do rancho. Por Deus, rapazote, garantirei que nunca mais ganhas um cêntimo meu. *Nunca porás as mãos nas minhas coisas.*

Nik cruzou os braços, impassível.

– Veremos. – Encolheu os ombros. – É o que veremos.

Jeb saiu da sala e Rosalia correu atrás dele, com o *lepe* ainda junto ao peito. Ele não podia ir-se embora assim, sem mais nem menos, pensava ela, nervosa. Sem sequer perguntar pela filha? Sem sequer a ver?

– Jeb – gritou ela enquanto ele descia as escadas. – *Jeb. Então e a Poppy?*

Ele parou como se tivesse sido atingido, depois, virando a cabeça, olhou para ela.

– A Poppy – repetiu ele, como um homem a lembrar-se de algo que esquecera. – Claro. A *Poppy*. Onde está ela?

– No quarto das crianças, com a Angel.

Ele subiu as escadas, caminhando a passos largos pelo enorme e largo patamar que dava para a ala das crianças. Embalando o *lepe* como uma ama, Rosalia correu atrás dele. Angel dormia no berço junto à porta, com os caracóis loiros a caírem como uma auréola em volta da cabeça e as pestanas douradas, como vassouras, a saírem das pálpebras frágeis e lilases, sobre bochechas rechonchudas e cor-de-rosa. Poppy estava desperta, com o cabelo a espetar junto às orelhas e os olhos azuis em alerta a olharem, curiosos, para Jeb.

Ele retribuiu o olhar com um sobressalto de reconhecimento; ela tinha o cabelo e a pele pálida da mãe, mas, por Deus, saíra ao seu lado mais irlandês! Tirando o suave cobertor de lã do berço, enrolou-o em redor dela.

– Jeb! – Rosalia correu atrás dele quando ele se dirigiu para a porta, com o bebé debaixo dos braços como se fosse um cesto de roupa suja. – Para onde a levas? Jeb, Jeb... Oh, por favor...

– Eu disse a Nik que ele nunca mais poria as mãos nas minhas coisas. E

isso inclui a minha filha – gritou ele ao atravessar o corredor.

– Nik! Para-o, para-o! – gritou ela.

– Não posso – respondeu Nik, tristemente. – A Poppy é filha *dele*, não minha.

– *Pelo menos, nisso, tens razão, rapazote* – gritou Jeb do topo das escadas. – *E digo-te mais uma coisa: nunca mais me verás a mim, nem a ela!*

Rosalia pensou ter ouvido o bebé chorar à medida que ele a embalava no ombro e subia para a carruagem. Depois, foram-se embora.

Mike afastou a cadeira da secretária e espreguiçou-se, cansado. O relógio *art deco* marcava cinco e meia da manhã e ele estava exausto. A história fluíra-lhe; era o início de Poppy, todavia, ainda havia muito mais para ser escrito, muito mais a ser descoberto.

Ao deitar-se na cama, soube que ainda precisava de resolver o enigma sobre a personalidade de Poppy e pensou como seria uma criança fruto de tanta paixão e crueldade. Fogo e gelo, talvez?

10

1881-1886, CALIFÓRNIA

Poppy e Jeb ficavam na suíte mais extravagante que o Sir Francis Drake Hotel, em São Francisco, podia oferecer enquanto a casa de Russian Hill era decorada para incluir um quarto de criança. Assim que se instalaram, Jeb ligou à sua amiga e amante de longa data, Maraya Kent, cantora e bailarina principal do espetáculo de revista *Follies* e mulher com um coração de ouro, e pediu-lhe para lhe encontrar uma ama.

Maraya pensou por um momento e disse:

– Tenho a rapariga certa para ti. Estará aí amanhã.

No dia seguinte, Louise LaSalle veio à entrevista para a posição de ama de Poppy. Louise também era uma bailarina que, por razões óbvias, caíra em desgraça e Maraya fazia-lhe um favor ao arranjar-lhe trabalho estável. Dissera a Jeb que era uma rapariga do campo, que tinha mais onze irmãos e que, por isso, sabia tudo sobre criar bebés. Isso, e o facto de também ela ter lindos olhos escuros e o par de seios mais empinado que Jeb via há algum tempo, garantiram-lhe o trabalho.

Nessa primeira noite, após deitar Poppy no seu sofisticado quarto de tetos altos no Sir Francis Drake Hotel, Louise vestiu o seu roupão de seda preferido e foi até ao quarto de Jeb para oferecer ao pobre viúvo um pouco de consolo. Claro que ele aceitou.

Jeb insistiu para que Louise, como ama de Poppy, usasse uniforme e, passando-lhe um molho de notas para as mãos pequenas e desejosas,

mandou-a comprar o que quisesse. Ao ver o resultado mais tarde, deu uma enorme gargalhada. Louise tirara a roupa até só envergar o corpete preto e as *culotes* de seda vermelha e, ao baixar-se para apanhar a luxuosa combinação também vermelha, empinou o rabo de forma sugestiva na direção dele. Apoiando uma perna na mesa, levantou as saias novas e endireitou a liga dos seus belos colãs de seda vermelha. Jeb grunhiu de luxúria enquanto os seios lustrosos dela vertiam, mal tendo tempo de lhe mostrar a blusa de seda branca, pois ele arrancou-lhe a vestimenta e, enquanto ela se ria, deitou-a de costas, afastou-lhe as pernas e tomou-a depressa. E, se Poppy chorasse nessa noite, nenhum deles a ouviria.

A ama de Jeb, parecendo saída de um teatro de revista francês, tornou-se o falatório de São Francisco. Tamborilava de um lado para o outro nas suas botas de atacadores altas, saíotes vermelhos sob saias ardilosamente curtas, e seios arrebitados e enterrados em blusas baixas enquanto empurrava Poppy no sofisticado carrinho de vime. Empinando o nariz, Louise recebia os olhares com um grande sorriso, pensando que talvez o escândalo lhe pudesse valer um papel principal nos *Follies*.

Jeb adorava a notoriedade que Louise criava, embora não a amasse e ela também não fosse mulher para reclamar a sua cama. Apesar das generosas gorjetas de Jeb e da sua amabilidade, a gerência do hotel começava a ficar desconfortável por causa do seu comportamento e festas selvagens e foi com alívio que, uns meses mais tarde, ficou a saber que a casa estava pronta e que Mr. Mallory se ia embora.

Ele dera o dia de folga a Louise e, com Poppy sentada no joelho, dirigiu uma carruagem aberta através do sol brilhante do início de junho de São Francisco até Russian Hill.

O novo mordomo inglês desceu as escadas a correr para ajudá-los, mas Jeb afastou-o, colocando Poppy debaixo do braço na sua maneira habitual. Ela usava um vestido de linho branco com uma gola de renda francesa e botas pequenas com botões feitas do mais suave couro branco. Enquanto a carregava e subia os degraus, passando pelos criados que esperavam, o cabelo ruivo dela brilhou ao sol e a nova governanta murmurou, a sorrir, que ela parecia um crisântemo de outono.

Jeb marchou pela grandiosa escadaria de mármore até ao quarto de

brincar, com um charuto numa mão e Poppy debaixo do braço.

– Aposto que pensavas que me tinha esquecido – disse-lhe ele, a rir. – Bem, minha querida, enganaste-te! Nunca ninguém poderá dizer que o teu papá se esqueceu do teu primeiro aniversário. – Poppy olhou-o com os olhos muito abertos, pelo que ele atirou a cabeça para trás, a rir-se. – Claro, e aposto que sabes o que eu estou a dizer, apesar de só teres um ano. Tens um olhar nesses belos olhos azuis que eu reconheço. És mesmo um pedaço do teu mais puro lado irlandês! Não te preocupes, o teu velho pai sabe exatamente o que uma menina precisa, independentemente da idade dela! – Abrindo a porta, pousou-a no meio do chão.

Tinha comprado todos os brinquedos que imaginava que uma criança gostaria. Havia regimentos de bonecas com rosto de porcelana e olhos azuis brilhantes que abriam e fechavam, com verdadeiro cabelo loiro, preto e ruivo. Havia bebês que guinchavam quando Jeb os pressionava para os mostrar a Poppy e bonecas de trapos com caras pintadas. Havia cães de brincar com casacos de lã e rodas, gatos de pano e coelhos felpudos. Havia uma casa de bonecas cheia de mobília, soldados de brincar, uma quinta e pilhas de livros com gravuras impressas. Havia bolas de borracha coloridas e cordas de saltar com sinos. E, ao fundo, um enorme cavalo de baloiço de madeira. Era de um preto brilhante com uma risca branca no focinho e uma crina branca feita de crina verdadeira. Os seus cascos estavam pintados de vermelho-escuro e a sua sela e rédea eram prateadas e brancas.

Pondo as bonecas de lado, Poppy gatinhou até ao cavalo. Segurando-se aos estribos, colocou-se de pé e manteve-se assim durante um bocado, tremendo, instável, e olhando suplicante para Jeb até ele pegar nela ao colo e a sentar na sela.

– Pronto, menina do papá – riu ele –, vamos lá ver se consegues montar. – Um enorme sorriso iluminou o rosto de Poppy e ele retribuiu-lho. – Sabes que nomes vamos pôr-lhe? – perguntou ele velhacamente. – Vamos chamar-lhe *Nik*. Visto que ele também é um autêntico cavalo!

O seu humor mudou radicalmente ao pensar em Nik e, retirando Poppy da sela, chamou o mordomo e pediu-lhe uma garrafa de champanhe. Poppy estava sentada no meio dos seus novos brinquedos a observar solenemente enquanto ele bebia rapidamente a primeira garrafa e pedia mais. Ia na terceira garrafa quando disse de repente:

– Olha, é mau beber sozinho, sabes? Toma, bebe um gole. – E, inclinando

o copo, verteu um pouco de champanhe para a sua boquinha. Ela engasgou-se quando o vinho borbulhante lhe atingiu a garganta, tossindo e pestanejando com os olhos cheios de lágrimas.

– Bem, quem diria, a minha filha tem gostos extravagantes, tal como o pai – gritou ele, grunhindo com um riso de bêbado. – Poppy – disse ele, dando-lhe um beijo na bochecha redonda –, sabes quem és, não sabes? *És a menina do papá. E nunca te esqueças disso.*

O mordomo inglês durou apenas um mês na casa dos Mallory. Dizendo a Jeb que considerava a posição desadequada, foi-se embora, chocado com as festas selvagens, as sessões de jogo semanais e com aquilo a que a governanta chamava «negligência criminosa» de Poppy.

– Ela está a ser criada como uma pequena pagã – disse a governanta a Jeb, categórica –, sem um horário regular e com todas aquelas... Aquelas mulheres extravagantes que andam pela casa. E a ama deixa muito a desejar. Não consigo aguentar mais, Mister Mallory, digo-lhe que me está a partir o coração.

– Bem, não podemos ter uma governanta de coração partido, Mistress Drake, por isso, é melhor ir-se embora. Imediatamente – respondeu Jeb, friamente. – Dou-lhe umas semanas de trabalho adiantadas em vez de um aviso.

Mrs. Drake ficou chocada, com o rosto gordo a corar de raiva.

– Por lei, tenho direito a um mês – respondeu ela.

Jeb encolheu os ombros.

– Nesse caso, fique e trabalhe durante um mês.

Ela olhou para ele furiosa, mas sabia que ele ganhara e saiu, murmurando baixinho sobre a «imoralidade e o julgamento de Deus aos maldosos».

Jeb limitou-se a suspirar e a enviar outro recado a Maraya. Em breve, a casa grande ficou repleta de bailarinas desempregadas e cantoras que podiam formar o seu próprio coro e, nalgumas noites, era o que ele fazia, entretendo amigos de forma principesca com champanhe e lagosta que chegavam para encher um navio de carga. A casa de Russian Hill tornou-se um *rendez-vous* para pessoas do teatro que chegavam a São Francisco e Jeb dava festas em honra de cantores de ópera, atores shakespearianos, estrelas de variedade, acrobatas, músicos e escritores de teatro. *E jogadores.*

Contudo, ainda tinha charme e dinheiro suficientes para manter a sua posição na sociedade arrogante de São Francisco. Aparecia todas as noites

no seu camarote do teatro, imaculado, de gravata branca e fraque, e era convidado para todos os bailes, festas e *soirées* musicais. Lindas raparigas de boas famílias, intrigadas com a sua reputação, namoriscavam extravagantemente com ele enquanto Jeb namoriscava discretamente – e muitas vezes seduzia – as mães delas. E todas elas sentiam que podiam mudar a ovelha negra charmosa e torná-lo um membro respeitável da sociedade. Tudo o que ele tinha de fazer era casar com elas.

Poppy era mantida como o lindo animal de estimação da casa.

– Uma linda gatinha malhada de olhos azuis – chamava-lhe Jeb. Quando Louise se tornou demasiado exigente, ele substituiu-a por uma nova «ama», e depois por outra, e depois por outra. Ninguém permanecia mais de alguns meses. E ele esqueceu-se do segundo aniversário de Poppy, e do terceiro, mas não fazia diferença, pois ela não conhecia crianças para convidar para a festa, e, de qualquer forma, havia sempre festas onde ela tinha permissão para bebericar a sua própria taça de champanhe através de uma palhinha, e comer lagosta e bolo de chocolate, e Jeb sentia-se orgulhoso por ela não vomitar.

Quando ela tinha quatro anos, Jeb sentiu novamente vontade de viajar e levou-a consigo para França. Poppy caminhou apressadamente em volta da estação Union Square Railroad Station, observando os enormes comboios a bufar e a expelir fumo, e, quando embarcaram, viu que tinha um pequeno quarto para si com uma cama especial que saía da parede, enquanto lá fora o mundo passava. Após dois dias e duas noites, acordou em Chicago e apanhou outro comboio para Nova Iorque. Ela, o Papá e a mais recente ama, tal como toda a *entourage* de amigos do Papá, passaram a noite no Waldorf Hotel, levantando-se cedo para se dirigirem até Wall Street e dali para o cais, onde o enorme navio transatlântico os esperava. Poppy pensava que a deslocação era a melhor parte da viagem, pois, assim que chegasse a França, ninguém compreenderia uma palavra do que ela dissesse. No entanto, recebia imensos presentes e vestidos bonitos de lojas caras. E, depois, após outra viagem de comboio em direção ao sul, chegaria a Monte Carlo.

Desta vez, Jeb arrendara uma *villa* nas colinas. Assim que chegaram, a sua ama de longa data desapareceu e foi substituída por uma francesa que a levava todos os dias a ver o mar. Poppy pensou que era uma bênção, correr ao longo da beirinha da água, saracoteando os dedos dos pés na areia

húmida e escavando com a sua pazinha. Mas tinha muitas saudades do Papá porque ele agora andava sempre sem ela. Às vezes, enquanto ela tomava o pequeno-almoço na ensolarada sala de jantar, estava ele a chegar a casa. Vinha ter com ela com o casaco pendurado num dos ombros, o colarinho rijo desapertado e a gravata branca metida no bolso. Ela achava que ele parecia cansado e muito bonito quando falava com ela.

– Olá, minha querida, como está a menina do papá? – E dava-lhe um grande beijo a cheirar a uísque na testa antes de subir as escadas e dormir o resto do dia.

Quando tinha cinco anos e estava de regresso a São Francisco, Jeb decidiu que já era altura de Poppy aprender a ler, pelo que contratou uma jovem mulher chamada Mademoiselle Grenier para lhe ensinar o alfabeto e os números. *Ma'mzelle* Grenier era uma jovem parisiense com maravilhosas pernas magras e compridas que fora deixada sem um cêntimo quando a companhia itinerante para a qual trabalhava faliu. Ocasionalmente, Jeb entrava no quarto de brincar para ver como iam as lições e Poppy reparava que *Ma'mzelle* acariciava o cabelo, corava e tornava-se ainda mais «francesa». Jeb limitava-se a sorrir a *Ma'mzelle*, compreensivo, e a dizer-lhe para ir ter com ele ao escritório às duas da tarde.

– Anda, *ma petite* – disse ela às cinco para as duas, sentando Poppy à pressa a uma mesa, com alguns pratos com tinta colorida e um pincel. – Faz um desenho bonito do teu papá, está bem? Eu volto daqui a pouco.

Poppy decidiu fazer um desenho do seu amigo preferido, o cavalo de baloiço. Dá-lo-ia ao Papá e talvez ele o pusesse numa moldura com um vidro e o pendurasse ao lado dos quadros escuros e aborrecidos do escritório. Quando acabou, olhou para ele satisfeita, depois, olhou em volta à procura de *Ma'mzelle*. Há muito que ela se tinha ido embora e Poppy sentia-se sozinha no quarto de brincar, mesmo com *Nik*, o cavalo, com quem podia falar. E queria muito dar o desenho ao papá... Mas a *Ma'mzelle* dissera para ela ficar ali... Esperou durante o que pareceu ser uma eternidade e, depois, saltando da cadeira, correu em direção à porta.

O corredor com uma alcatifa vermelha que dava para a ala do quarto de brincar estava vazio e Poppy avançou em bicos de pés para o *hall* de cima, inclinou-se ao corrimão e escutou. A casa estava completamente silenciosa e, de repente, ela sentiu-se assustada. E se todos se tivessem ido embora e a tivessem deixado ali? Nunca estivera sozinha antes... Abraçando o desenho

junto ao peito, desceu silenciosamente a grande e curva escadaria de mármore. Continuava sem ouvir nada enquanto avançava pelo corredor em direção ao escritório do papá, pois fora o sítio que ela ouvira o papá dizer a *Ma'mzelle*.

O enorme puxador de latão foi muito difícil de rodar para a sua pequena mãozinha, contudo conseguiu finalmente fazer com que ele se soltasse, empurrou a porta e entrou lá dentro. O escritório do papá era uma das maiores divisões da casa, com uma enorme secretária de mogno e uma grande cadeira de pele que Poppy adorava por rodar como um carrossel. As paredes estavam revestidas com painéis de carvalho maciço e os sofás e as cadeiras dispostos em redor de uma elaborada lareira de mármore cinzento. Armários altos com portas de vidro guardavam livros importantes com capas de couro e pesados cortinados verdes caíam e curvavam à volta de três janelas altas. Ao fundo, havia uma grande mesa de bilhar com pernas grossas e volumosas e uma base verde. Era iluminada por um candelabro elegante, com globos vermelhos a deixar cair lágrimas de cristal douradas que tilintavam, muito bonitas, sempre que Poppy lhes passava os dedos.

Só que naquele dia elas tilintavam sem ajuda e a luz de um rosa-avermelhado brilhava por cima da base verde e de *Ma'mzelle*, que tirara todas as suas roupas e se encontrava estendida ao longo da mesa, enquanto o papá se deitava em cima dela.

Poppy olhava-os, confusa, assombrada pelos gemidos estranhos de *Ma'mzelle* e pelo comportamento esquisito do papá. Decidindo que devia ser um jogo novo, sorriu.

– Papá? – chamou ela na sua voz baixa e doce. – Também posso brincar?

Ma'mzelle gritou e sentou-se, tapando os enormes e trémulos seios com as mãos. Poppy levou as mãos aos ouvidos, chocada.

– Não devia gritar, *Ma'mzelle* – informou ela, severa. – Não é educado.

– Oh, meu Deus – exclamou Jeb, saindo de cima da mesa e ajustando a sua roupa. – Poppy, o que estás a fazer aqui?

– Vim para te dar o meu desenho, papá. Esperei e esperei que a *Ma'mzelle* voltasse, mas ela estava aqui, contigo. – Ela olhou reprovadoramente para o pai e Jeb grunhiu. Pegando-lhe no braço, conduziu-a para o outro lado da divisão enquanto *Ma'mzelle* pegava nas suas roupas e se vestia, apressada.

– Isto foi... Ah... Coisas de adultos, minha menina, não tinha nada a ver

com brincar – explicou ele, sério. – Devias ter ficado no teu quarto, como te foi dito. Estou muito zangado contigo, Poppy.

Vieram-lhe as lágrimas aos olhos.

– Mas eu só te queria dar o desenho porque te amo – sussurrou ela.

Jeb olhou-a.

– Muito bem, menina do papá – disse ele, passando-lhe a mão pelo cabelo ruivo que ainda lhe lembrava Margaret. – Mas quero que me prometas que vais esquecer o que viste nesta sala. Esquece que a *Ma'mzelle* esteve aqui. Está bem?

Poppy assentiu.

– Prometo, papá – concordou ela. Mas pensou que o papá devia gostar muito de *Ma'mzelle*, pois ela ficou com eles durante muito tempo e foi por isso que a primeira língua em que Poppy aprendeu a ler e a escrever foi o francês.

Poppy não tinha horas de ir para a cama, nem horas especiais para se levantar ou almoçar. Muitas vezes, se tivesse havido uma festa na noite anterior, só acordava à tarde e, depois, jantava às onze da noite. Por vezes, estava na cama e o barulho acordava-a, pelo que ia até lá abaixo na sua camisa de noite branca de flanela, com o brilhante cabelo ruivo penteado em duas tranças grossas, e uma boneca de pano debaixo do braço. As mesas verdes na sala de jogo estariam repletas de homens tensos e silenciosos, fumando charutos ou cigarros, e enviando espirais de fumo na direção das luzes baixas de tom esverdeado. «Empregadas» de airosas saias curtas e pretas e botas altas de atacadores, andavam de um lado para o outro a oferecer refrescos e o cheiro a uísque irlandês e a *bourbon* do Sul pairava no ar. Dois aparadores gemiam sob enormes tabuleiros de prata com carnes, pudins, fruta e frutos secos, enquanto garrafas abertas do melhor vinho francês se mantinham negligenciadas ao lado de jarras com o mais raro vinho do porto.

Poppy caminhava pelos aparadores, provando o peru e o fiambre, passando um dedo desleixado pelo creme do topo de uma qualquer sobremesa elaborada que o cozinheiro francês e as suas assistentes tinham passado o dia a preparar. Enfiava o dedo na musse de chocolate e lambia a cobertura de açúcar no topo de outro bolo. Ninguém se importava. E,

quando enfiou os dedos pegajosos nas imaculadas calças cinzentas de Jeb, ele limitou-se a afastá-la, irritado, e a dizer-lhe para ir procurar a última ama.

Jeb apostava em quase tudo – mil dólares na carruagem que virasse primeiro a esquina da rua, um anel de diamantes da *Cartier* na soprano que conseguisse manter por mais tempo a nota mais alta, os seus botões de punho de rubis na rapariga do coro do novo teatro de revista que tivesse as pernas mais compridas. Viajava até Nova Iorque, Chicago, Filadélfia e Boston em busca de um novo jogo de póquer interessante. Porém, era nas festas de jogos que dava na sua própria casa que as apostas eram maiores.

Primeiro começaram a surgir boatos que depois ganharam impulso. Alguns homens tinham deixado de ir aos jogos de póquer de Jeb por se queixarem de que as apostas estavam cada vez mais altas. Diziam que ele perdia dinheiro, que já apostara três vezes a fortuna que ganhara em Monte Carlo e que gastava muito mais do que ganhava. Diziam que a sua parte do Rancho Santa Vittoria só o tornava dono de terra, que não lhe dava dinheiro, e era de dinheiro que ele precisava para apostar. Após seis meses de azar, os boatos diziam que Jeb estava falido.

– Que disparate – murmuravam as jovens que o observavam através de binóculos feitos de pérolas, na ópera. – Ora, ele continua com uma bela aparência. Um homem à beira do desastre nunca poderia apresentar-se assim, tão calmo, relaxado e sorridente.

– É claro que não está falido – zombavam os convidados que chegavam para a festa do sexto aniversário de Poppy, olhando, maravilhados, para os buquês de milhares de rosas e cravos que Jeb mandara pintar especialmente do mesmo tom de azul dos olhos de Poppy. Azul-damasco cobria as mesas compridas, grinaldas azuis estavam penduradas no teto e uma pequena montanha de presentes brilhantes e embrulhados com papel azul esperavam para ser abertos.

Poppy sentou-se na sua cadeira de aniversariante, à cabeceira da mesa, envergando um lindo vestido azul de cetim, pintalgado de rosas cor-de-rosa que Jeb encomendara de Paris. Bebericando champanhe, observava o mágico, que era o jovem empregado da casa, o malabarista, que era um lacaio, e as bailarinas, que eram empregadas, com os grandes olhos azuis

muito abertos. Reparou em muitas meninas bonitas a beijarem homens velhos de caras vermelhas, tapando os ouvidos quando elas gritavam a rir. Observava as pessoas a dançar alegremente ao som da música da orquestra de dez músicos e reparou que devoravam com ganância a codorniz assada, as vieiras, a lagosta e o caviar, à medida que o champanhe caro entornava, desleixado, sobre as toalhas azuis.

À meia-noite, o bolo de Poppy foi trazido numa salva de prata. Era o maior bolo que ela alguma vez vira e depois aconteceu algo muito engraçado: de súbito, o bolo abriu-se e, do topo, saíram duas lindas raparigas vestindo apenas colãs pretas de rede com ligas de um vermelho brilhante e usando colares de contas. Dançavam sobre a mesa, com os seios a baloiçar, e pontapeavam o ar com as pernas altas enquanto Poppy e todos os convidados se riam às gargalhadas.

À medida que o barulho, a música e as gargalhadas reverberavam em redor da sala alta, Jeb pediu silêncio subitamente.

– Um brinde à minha filha, Poppy, no seu importantíssimo sexto aniversário – declarou ele, colocando-a sobre a mesa. – À menina do papá.

– À menina do papá! – brindaram os convidados divertidos.

Depois, Jeb entregou-lhe uma caixa de pele azul e, quando ela a abriu, viu que lá dentro se encontrava um lindo e brilhante colar azul.

– Safiras e diamantes – disse Jeb, alto, mostrando o desadequado presente a toda a sala. – Achei que já era altura da minha rapariga preferida ter algumas joias.

Os homens olharam-no, especulativos, as senhoras suspiravam ao observarem o presente e os olhos de Poppy brilhavam tanto como as safiras.

Jeb sorriu, satisfeito, por a festa luxuosa e o gesto extravagante terem posto fim aos boatos da sua falência e aumentarem as suas possibilidades de crédito. No entanto, desta vez, ele tinha uma leve preocupação nos olhos.

Algumas semanas mais tarde, Poppy foi acordada antes de amanhecer pelo som de loiça a partir e portas a bater. Levantavam-se vozes zangadas, pelo que, pegando na boneca de trapos, correu para o seu local de observação habitual atrás do balaustrada e olhou para a cena no *hall* principal. A pesada porta de carvalho mantinha-se escancarada e ela conseguia ver *Ma'mzelle* e

outras empregadas a subirem para uma carruagem bonita, levando cestos e caixas com elas. O cozinheiro francês mantinha-se no *hall*, de punho erguido e a gritar, zangado. Agora Poppy já sabia francês suficiente para perceber que ele reclamava sobre dinheiro. Observou-o, espantada, a agarrar num par de castiçais de prata e a ir-se embora da casa com eles debaixo dos braços. Os outros criados seguiram rapidamente o seu exemplo, agarrando objetos caros, caixas de prata e vasos chineses, até quadros de parede – tudo o que conseguissem carregar até às carruagens que os esperavam. Depois, a porta bateu e a casa mergulhou novamente no silêncio.

Poppy agarrou-se ao corrimão à espera que o papá viesse a correr e se apercebesse do que estava a acontecer. Para onde iam todos? E porque levavam aquelas coisas todas?

O enorme relógio do *hall* tiquetaqueava pesadamente e ela ouviu o murmurinho suave da máquina a preparar-se para dar as horas certas. *Un, deux, trois, quatre, cinq, six*, contou ela. Uma hora por cada ano de vida que tinha. Com um eco débil, o tilintar morreu e ela ergueu-se e correu através do *hall* e do corredor, em direção aos aposentos do papá. O pequeno átrio com cadeiras douradas e espelhos altos em rococó italiano estava vazio. O papá sempre a avisara para ela não o perturbar se ele estivesse a dormir, pelo que ela abriu a porta do quarto dele com cuidado e espreitou em volta, respirando o mais depressa que podia. Contudo, a enorme cama de mogno de quatro postes ainda estava coberta pela colcha preta de seda chinesa decorada com dragões, e não fora aberta. Ela lembrou-se que, por vezes, quando o papá chegava a casa muito tarde e tinha bebido muito, limitava-se a tirar a roupa e a dormir em cima da cama do seu quarto de vestir. Espreitou lá para dentro, esperançosa, porém, ele também não se encontrava ali.

Poppy levou a mão fortemente fechado à boca para reprimir um soluço de medo. Onde estava o papá? Ter-se-ia ido embora como os outros? O que faria ela se ele nunca mais voltasse? O pânico percorreu-lhe as pernas à medida que corria novamente pelo corredor e descia as escadas, abrindo porta atrás de porta, à procura dele.

O caos reinava em todas as divisões, cadeiras e mesas encontravam-se tombadas e objetos de valor partidos. Olhou, chocada, para a cozinha. Sacos de farinha e açúcar e outros bens secos tinham sido entornados no meio do chão de pedra e uma enorme leiteira de metal estava virada em cima deles.

Os grandes fogões, que normalmente eram mantidos acesos e quentes as vinte e quatro horas do dia para o caso de Jeb ou os seus convidados desejarem uma refeição, estavam frios e com cinzas espalhadas nas grelhas. Enquanto observava, um pequeno rato castanho emergiu por baixo do armário. Correu entre os pés dela, pelo que Poppy fugiu, a gritar, atravessando de novo os corredores em direção ao *hall* principal. Abrindo a porta de rompante, desceu as escadas a correr e saiu para a rua.

Correu e correu, soluçando de medo, ainda com a pequena boneca de trapos debaixo do braço – da forma como o papá a costumava carregar a ela quando era pequenina. Eram apenas seis e meia e o sol ainda não fizera desaparecer a neblina matinal de São Francisco e, entre as suas lágrimas e a névoa, Poppy não reparou no homem até bater contra ele.

– Oh, oh, pequenina – disse, gentilmente, uma voz masculina preocupada. – O que foi? Como anda uma rapariguinha como tu a correr pelas ruas a esta hora da manhã? Sozinha, descalça e de camisa de dormir? – Pegando-lhe na mão, disse encorajadoramente. – Oh, vá lá, não pode ser assim tão mau... Olha, a tua boneca não está a chorar.

O cabelo ruivo de Poppy destacava-se selvaticamente e o seu rosto estava vermelho do medo e da histeria. Soluçava demasiado para falar e, pegando nela ao colo, o homem disse, gentil:

– Está tudo bem, menina. Estás perdida, é só isso. Olha, há ali uma esquadra. Por que não vamos até lá e falamos com aqueles senhores simpáticos sobre o que podemos fazer para te ajudar?

Demorou algum tempo até Poppy se acalmar de modo a dizer-lhes o seu nome. O sargento da polícia suspirou, baixinho.

– É a filha de Jeb Mallory – comentou ele, numa voz surpreendida.

Entre soluços, Poppy bebericou um copo de leite e contou o que sucedera.

– É melhor mandar lá alguém – instruiu o sargento. – Ver se Mister Mallory já regressou.

Mas os jovens polícias voltaram meia hora mais tarde e disseram que não, que Mr. Mallory não regressara e deixara uma pessoa de vigia, pois todas as portas estavam abertas e, por aqueles dias, todo o cuidado era pouco.

Poppy passou a noite na esquadra da polícia, a dormir num divertido beliche numa das celas com grades e um grande cadeado, a beber limonada e a comer jardineira que os polícias lhe trouxeram do *saloon*, do outro lado

da estrada. Até podia ter gostado de toda aquela novidade não fosse o facto de estar muito preocupado com o papá.

Quando Jeb finalmente entrou de rompante na esquadra a exigir saber o que eles estavam a fazer com a sua menina, o sargento disse-lhe sem meias-palavras e com um forte sotaque irlandês exatamente o que pensava de um pai que deixava a filha de seis anos sozinha.

Murmurando que era uma longa história, Jeb colocou um maço de notas nas mãos do sargento.

– Para o Fundo Recreativo da Polícia – disse ele, com um sorriso, enquanto pegava na mão de Poppy e voltava com ela para Russian Hill.

– Já passou, minha querida – sossegou-a, sem oferecer qualquer explicação sobre o que se passara. – Vamos sair desta casa não tarda nada. Afinal, é demasiado grande só para nós os dois, não é? Talvez viajemos outra vez para o estrangeiro. Gostavas?

– Monte Carlo? – perguntou ela, alegre.

– Porque não? – respondeu ele, sorrindo.

Poppy suspirou de contentamento, agarrando-se mais à boneca de trapos. Tudo estava bem outra vez.

A história escandalosa da filha esquecida de Jeb Mallory que passara a noite na cela da esquadra da polícia enquanto ele jogava póquer, e a bisbilhotice sumarenta de que os seus empregados lhe tinham esvaziado a casa e ido embora por não serem pagos há vários meses, correram São Francisco como um furacão. Os boatos de que Jeb perdera a fortuna no jogo foram de novo alimentados e os Mallory eram o principal tópico de conversa de todas as festas sociais, *saloons* e bares da cidade.

Jeb e Poppy limitaram-se a ficar sossegados e juntos na casa enorme, silenciosa e destruída, a evitar toda a gente. Poppy achou maravilhoso ter o papá só para si, apesar de se perguntar porque não vinha ninguém limpar a sujidade. Jeb abria inúmeras garrafas de champanhe que tinham sobrado do último *stock*, bebendo constantemente enquanto fazia ovos cozidos, mexidos e estrelados na cozinha suja, até Poppy se queixar de que já não conseguia comer mais ovos, depois ele fez um assado divertido com batatas e *bacon*. Era tudo muito estranho, mas divertido.

Uma semana mais tarde, de manhã, alguém bateu à porta com força e um

homem de ar severo entregou a Jeb uma folha de papel. Poppy assistiu, surpreendida, enquanto Jeb tentava ripostar contra ele, porém o homem limitou-se a recuar e a dizer:

– É uma ordem do tribunal, Mister Mallory, pelo que é melhor não ignorá-la. Esta propriedade foi legalmente reclamada por Mister Bud Mayhew como pagamento de uma promessa escrita feita para sanar uma dívida de jogo. Lamento, senhor, mas é assim.

Pegando na mão de Poppy, Jeb guiou-a escadas acima e começou a fazer as malas. Algumas horas depois, encontravam-se diante da grande escadaria com todos os seus pertences em redor, enquanto Jeb fechava firmemente a enorme porta de carvalho e guardava a chave no bolso. A seguir, chamou uma carruagem e disse ao condutor para os levar ao cais. Tinham de apanhar o barco a vapor para Santa Barbara.

Mais tarde, no convés, Poppy, surpreendida, viu o papá retirar a grande chave de latão do bolso e deixá-la cair à água, vendo-a desaparecer entre as ondas.

– Está tudo bem, minha menina – tranquilizou ele com um sorriso. – Há muito mais de onde isto veio. Só preciso que a sorte me volte a sorrir. E ainda temos bens, tu e eu. Temo-nos um ao outro, não é? E ainda temos metade do Rancho Santa Vittoria!

Francesca Rinardi tinha o género de beleza clássica e fria que exigia espanto e respeito. O seu suave cabelo loiro, traços impecáveis e corpo alto e esguio tinham-na levado ao topo da sua profissão em Paris, onde fora a modelo perfeita, rodopiando nos salões verde pálido com candeeiros de cristal da *Dior* e da *Balmain*.

– Era diferente ser modelo antes de as minissaias mudarem a profissão, nos anos sessenta – dizia ela frequentemente à filha, Aria. – As melhores modelos pareciam da realeza, sempre perfeitamente aprumadas e vestidas. Só *nos* dávamos com gente da alta sociedade. Para os outros, éramos uma visão inalcançável.

O que ela não lhe contara era que o seu pai tinha sido um agricultor belga numa vila perto de Liège e a mãe uma mulher do campo roliça e confortável, e que ela os deixara aos dois quando trocara a casa de três divisões no campo por Paris e uma carreira profissional. Gastara o dinheiro arduamente ganho que eles lhe haviam dado, orgulhosos e cheios de amor, num bilhete de primeira classe no comboio para Paris por saber que não conheceria ninguém que fosse alguém na segunda classe, e a sua aposta fora ganha. O homem de meia-idade sentado no lugar ao lado do seu, que a ajudara com a bagagem, era um industrial da seda e, casualmente, acabara de conhecer a *Diretrice* da casa *Balmain*.

Depois disso, fora fácil. Francesca inventou um novo passado para si

própria como única filha de um proprietário de terras recentemente falecido e nunca mais se incomodou em manter o contacto com a sua família verdadeira. Eliminara-os da sua vida como se eles tivessem morrido.

Francesca tinha vinte e seis anos quando conheceu Paolo Rinardi numa festa, em Paris. Sempre que olhava para a outra ponta da sala, apanhava-o a olhar para si, até que finalmente perguntara ao anfitrião de quem se tratava.

– É Paolo Rinardi – disse-lhe ele. – O *Barone* Rinardi. A família dele detém um dos títulos mais antigos de Itália, tal como um dos mais belos *palazzos* de Veneza. – Também lhe dissera que Paolo tinha propriedades no campo e um grande apartamento em Paris e que era solteiro...

Paolo era alto, com uma grenha loira e espessa, que usava mais comprida do que era habitual naqueles dias simplesmente porque estava tão concentrado a escrever o seu livro *As Vidas dos Poetas Românticos* que se esquecia de a cortar. Era frequente passar semanas intermináveis a trabalhar no livro, fechado na enorme biblioteca da sua casa de campo, a Villa d'Oro, sem ver viva alma. *A não ser Antony Carraldo.*

Porém, após conhecer Francesca, Paolo esquecera-se do trabalho e só pensava nela, indo ao ponto de ficar em Paris apenas para estar com ela. Francesca conseguira a sua posição e decidira que, embora ele não fosse o milionário internacional que ela esperara apanhar, pelo menos oferecia-lhe uma fortuna familiar confortável, um nome nobre e a hipótese de ser a anfitriã de três casas enormes pelo que concordou em casar com ele.

Foi uma sumptuosa festa no Palazzo Rinardi: o vestido de cetim branco da noiva fora uma cortesia da casa *Balmain* e a família dela não foi convidada. *Mas Antony Carraldo esteve presente.*

Imediatamente após a lua de mel, Paolo voltou a enterrar-se na biblioteca da Villa d'Oro; tudo o que ele queria era uma vida sossegada no campo junto da jovem mulher. Carraldo era a única pessoa com permissão para lhe interromper os pensamentos.

Aparecia do nada e, depois de um jantar num silêncio confrangedor com Francesca, os dois retiravam-se para a biblioteca e ficavam lá até de madrugada. Ela ia para o seu quarto, furiosa, pensando no que teriam eles tanto para falar e, por vezes, descia as escadas e colava a orelha à porta a tentar ouvir o que diziam, no entanto, tudo o que ouvia era o murmúrio baixo de vozes. Na manhã seguinte, a garrafa de brande estaria vazia e ela encontraria folhas anotadas na secretária de Paolo.

– O que estiveram a fazer toda a noite? – perguntava friamente.
– O Carraldo deu-me ótimas sugestões para o meu capítulo sobre Verlaine – respondia ele entusiasmado. – Eu disse-lhe que era ele que devia estar a escrever este livro! O homem é tão talentoso, Francesca, não há *nada* que não saiba.

Na opinião de Francesca, Antony Carraldo sabia demasiado. Parecia sempre que os seus olhos escuros podiam ver através dela. Além disso, pensava, o homem tinha algo de estranhamente sinistro. Sempre que o seu *Mercedes* preto aparecia na estrada e ela observava Paolo a correr para o cumprimentar, lembrava-se dos boatos e, quando ele lhe pegava na mão com a sua mão fria e a beijava, sentia um arrepio na espinha.

Não demorou muito tempo a aperceber-se de que a fortuna da família Rinardi estava em declínio. Paolo era completamente inábil e permitira que o dinheiro da família se esvaísse em investimentos pouco rentáveis. Quando ela o questionara sobre o assunto, encolhera os ombros e dissera que os advogados tomariam conta de tudo, limitando-se a seguir a enterrar novamente a cabeça no seu livro enquanto a *villa* e o *palazzo* definhavam gradualmente à volta deles.

Francesca pensava se seria mais fácil arranjar uma anulação ou um divórcio e como poderia lucrar no mercado internacional de casamentos com o título de Baronesa Rinardi quando descobriu que estava grávida. Teria de esperar.

Paolo escolheu os nomes da filha. Aria porque achava que a filha era tão bonita como as suas canções de ópera preferidas; acrescentou Maria em honra da sua mãe e do seu ídolo, Maria Callas, e Angelina, em honra da avó. Para fúria de Francesca, também pedira a Carraldo para ser o padrinho de batismo, contudo, e felizmente, ele recusou.

Francesca detestava estar presa a uma criança. Deixá-la ao cuidado de Fiametta, a ama que já estava com os Rinardi há duas gerações, e que fora a própria ama de Paolo, permitiu-lhe andar de festa em festa em Roma e Paris, e passar meses longe de casa, em casa de «amigos» nas *villas* de verão da Riviera Francesa. Paolo compreendeu, demasiado tarde, que a fachada de beleza clássica por que se apaixonara era tudo o que havia e, desapontado, dividia o seu tempo entre o trabalho e a filhinha pequena, que adorava.

Aria tinha seis anos quando Paolo contraiu o vírus raro que lhe atacou o

sistema nervoso e o matou em apenas três meses. Pela primeira vez, Francesca ficou feliz por ver Carraldo, que, com uma expressão gélida no rosto e sem mostrar qualquer emoção, tratou do funeral e pagou as contas. Quando os advogados explicaram que havia muito pouco dinheiro, ela ficou chocada por descobrir que nem sequer podia vender a *villa*, nem o seu conteúdo, quanto mais tocar nos objetos do *palazzo*. Estava tudo na posse de um fundo familiar que seria entregue à herdeira de Paolo – Aria.

Francesca ficou furiosa. Tinha trinta e quatro anos, estava presa a duas casas luxuosas em locais onde nem sequer queria viver, e a uma criança pequena. Aceitara de imediato a ajuda de Carraldo, porém, para seu espanto, tudo o que ele lhe dava era a quantia exata de dinheiro que precisava para pagar as suas despesas diárias.

Deixando Aria ao cuidado de Fiametta, Francesca voou até Roma onde alugara um pequeno apartamento e arranjava um trabalho como *vendeuse* numa das lojas dos estilistas de topo. O salário não era muito alto, mas adquiria roupas boas a preço de saldo e os contactos sociais eram espetaculares. Ia a todas as festas, estava ocupada desde a madrugada até à noite e o seu rosto tornou-se subitamente familiar nas revistas e colunas de mexericos internacionais.

Nas visitas rápidas que fazia a casa, para receber no *palazzo* ou dar uma festa na *villa*, via, claro, a filha, porém, Aria era uma criança irritante e Maria-rapaz, mais interessada em subir às árvores e brincar com coelhos e cães do que tomar chá no salão com os amigos da mãe e, de qualquer forma, acabava sempre por entornar limonada no lindo vestido que Francesca lhe comprava especialmente para a exibir.

Carraldo raramente ia ao Palazzo Rinardi, apesar de ser meticoloso com os pagamentos dos estudos de Aria e das suas despesas. Como prenda de batismo, oferecera-lhe uma preciosa taça de prata executada pelo famoso ferreiro do século dezoito, Paul de Lamerie, e Francesca muitas vezes olhava para ela, melancólica, desejando poder vendê-la. Porém, a imagem dos olhos negros de Carraldo, se acaso descobrisse que a taça se encontrava novamente no mercado, detinha as suas intenções.

No décimo sétimo aniversário da filha, Francesca fora forçada a analisar de novo a sua posição. As mulheres mais novas fugiam agora com os potenciais prémios de casamento e não com pobres viúvos. Ela estava «na prateleira»! Foi então que pensou em Aria.

A sua filha Maria-rapaz transformara-se numa linda e atraente jovem e certamente dezassete anos já era idade suficiente para encontrar um marido rico. Ao pegar na fotografia numa moldura de prata que tinha na mesa de cabeceira, decidira, criticamente, que a filha não era tão bonita como ela fora. O rosto de Aria era forte, com enormes olhos azul-escuros sob sobrancelhas arqueadas, nariz aquilino, boca larga e o género de ossos que lhe davam carácter. No entanto, havia algo na postura do corpo alto e magro, no seu andar confiante de pernas compridas e na maneira assumida como encarava o mundo de frente e de queixo levantado que fazia virar a cabeça de todos os que por ela passavam na rua. Francesca sabia que, com cuidados e roupas certas, Aria podia ser o género de beleza invulgar que permanecia na cabeça de um homem.

Mas Aria também era teimosa e voluntariosa – nunca fazia o que Francesca queria. Lembrou-se, com um suspiro, de todas as festas de chá sabotadas por causa da limonada entornada e apercebeu-se de que não seria uma tarefa fácil. A filha era a adolescente típica: tinha um grupo de amigas e amigos, mas também gostava de passar tempo sozinha na *villa*, a montar a cavalo, a pintar ou a ouvir música demasiado alta na sua aparelhagem.

É claro que, atualmente, os jovens esperavam «amor». Mas do que Aria precisava era de um homem mais velho e experiente; um homem que soubesse o que queria – e o que estava a pagar. Francesca voltou a suspirar; Aria não parecia importar-se com o facto de os seus amigos terem dinheiro ou não – e certamente não casaria com o homem que a mãe escolhesse só porque sim... Teria de ser muito mais inteligente do que isso... Foi então que chamou Antony Carraldo. O que ele dissera surpreendera-a, no entanto, depois de pensar rapidamente sobre o assunto, ficara encantada. Ainda assim, demorara algum tempo a elaborar um plano com que Aria concordasse.

* * *

– Querida – dissera Francesca, na manhã seguinte. – Acho que já é altura de ficar a saber uma coisa importante... Uma coisa... – A sua voz quebrou com um soluço, e Aria desviara os olhos do pequeno-almoço e olhara para cima, com olhos muito abertos e alarmados.

– O que foi, mãe? Está doente?

– Não... Bem, nem por isso, apesar de os médicos me terem avisado... – A mão de Francesca tremeu um pouco quando ela a fez passar, cansada, pelos olhos. – A verdade, Aria, é que nós, os Rinardi, já não temos dinheiro. É claro que depois de trabalhar tantos anos estou exausta, mas expliquei aos médicos que tenho de continuar a trabalhar, se não como tomaria conta de si? É tão difícil para uma mulher da minha idade deslocar-se entre o emprego, em Roma, e a jovem filha que precisa dela, em Veneza; mas sei que é o meu dever. Oh, Aria, se soubesse a *verdade*! Como me sacrifiquei em nome do «dever»! Como me devotei ao trabalho para educá-la; ora, até sacrifiquei o facto de estar aqui consigo, a minha única filha, porque o seu pai nos deixou sem um tostão...

– Não, não deixou – respondeu Aria, na defensiva. – Como pode dizer que ficámos sem um tostão, mãe? Como se o pai nos tivesse deixado na rua a pedir esmola? A mãe trabalhou porque gostava e ganhava muitas roupas bonitas.

– Aria! Queria que eu sofresse num trabalho que detestava? Não se engane, trabalhei para trazer o muito necessitado dinheiro extra para casa. Tentei mantê-lo afastado de si para a proteger enquanto era criança, mas a verdade é que o dinheiro do fundo Rinardi não teria mantido o seu horrível papagaio *Luchay* a sementes de girassol! Receio bem que seja única e exclusivamente porque me esforcei para manter tudo em ordem que agora a menina está decentemente vestida e andou em escolas boas. *E, agora, sinto-me exausta.* – Pressionando uma frágil mão branca cansada na sobancelha, Francesca afundara-se graciosamente numa frágil *chaise longue* de brocado.

Aria olhara para ela, duvidosa. Após tantos anos, ainda não conseguia perceber quando a mãe dizia a verdade e quando estava a representar. Ainda assim, se o que ela dizia sobre o fundo Rinardi fosse verdade, então, de onde viera o dinheiro que pagava a sua educação? E como tinham conseguido manter o *palazzo* e a *villa*? Lembrando-se dos vastos telhados ondulantes da Villa d'Oro, encolheu os ombros perante o pensamento do valor que custariam a reparar.

Pensara tristemente no pai. Para ela, a Villa d'Oro ainda era o lugar especial que partilhara com ele; nunca se sentira tão feliz em mais sítio nenhum durante a sua vida como quando passava tempo com Paolo. O amor deles fora muito descomplexado, muito natural e fácil, bastante diferente do

conjunto de emoções complicado que sentia pela mãe. Por vezes, Aria pensava como podia desgostar de tantas coisas em Francesca e, ainda assim, amá-la. E como conseguia desprezar Francesca devido à sua existência superficial e social e, ainda assim, querer sempre a sua aprovação.

A mãe deixara cair a mão e olhava languidamente para o vazio. Parecia *realmente* exausta, pensara Aria, de súbito preocupada. E se estivesse *mesmo* doente? Tinha de fazer algo para ajudá-la. Arranjaria um trabalho. Pensou carinhosamente nos seus estudos de arte na universidade de Florença; pintar era uma obsessão e tencionava que fosse o seu ganha-pão, mas, agora, teria de esperar.

– Oiça, mãe – disse ela –, tem de ir para a Villa d’Oro, é mais sossegado e pode descansar e fortalecer-se. Eu deixo a universidade, arranjo um emprego e tomo conta de si. – Acariciou com ternura o cabelo loiro de Francesca.

– Não faça isso, Aria – queixou-se a mãe, arranjando o cabelo. – Vou sair para almoçar. – Depois, olhou para ela, surpreendida. – Um emprego? E o que faria? Venderia máscaras de Carnaval e vidro de Murano aos turistas? Trabalharia num hotel como empregada ou camareira, talvez? Parece não compreender, Aria. O fundo Rinardi está virtualmente no fim. Tudo o que tem é isto aqui, à sua volta... Estas paredes a cair e antiguidades velhas que não podemos vender porque pertencem ao mesmo maldito fundo que não tem dinheiro! *Estou a dizer-lhe, Aria, não posso continuar assim!*

Pendurando o casaco nos ombros, Francesca pegou na mala e dirigiu-se para a porta. Quando a abriu, virou-se, olhando para a filha ainda sentada aos pés da *chaise longue*.

– Quero que saiba, Aria, que estou no meu limite. Se isto não for resolvido como deve ser, então... – Fez uma pausa dramática. – *Então simplesmente não sei o que serei capaz de fazer!* – E, abruptamente, saiu da sala.

Aria envolveu a barriga com os braços quando o medo se apoderou dela. O que quisera a mãe dizer com *não sei o que serei capaz de fazer?* Não podia ter querido dizer que por não terem dinheiro... *matar-se-ia?* As lágrimas correram-lhe pelo rosto quando pensou na possibilidade de para a mãe um mundo sem o luxo que ela achava essencial à vida era um mundo onde simplesmente não valia a pena viver. Contudo, havia um novo olhar de desespero nos olhos de Francesca, tal como uma estridência nervosa na voz

que tinha um terrível som de verdade. Levantando-se do sofá, Aria correria aterrorizada para o salão em busca de Fiametta.

Ninguém sabia exatamente quantos anos tinha Fiametta – nem a própria Fiametta se lembrava, com o seu rosto de noz enrugado e as mãos inchadas pela arterite, podia ter entre os setenta e os cento e setenta anos! Por título e trabalho – apesar de Francesca não lhe pagar um salário há anos – era a ama de Aria; mas, para a família Rinardi, sempre fora muito mais do que isso; Fiametta era mais como uma avó amorosa, bem como amiga e confidente de Aria, que lhe contava todas as coisas que não podia dizer à mãe, e amava-a muito.

A velhota estava sentada à mesa de carvalho limpa, no centro da cozinha alta e antiquada que antigamente precisara de uma equipa de quinze pessoas para a gerir. Tinha o cabelo grisalho e áspero atado num carrapito um pouco acima do pescoço, um corpo grande, confortável, e o peito enorme de uma avó eterna. Envergava um avental branco engomado por cima de um vestido preto e cortava vegetais para o *risotto* do almoço com as mãos inchadas pela arterite que faziam do trabalho algo dolorosamente vagaroso.

O seu olhar brilhante e inocente mudou para um franzido de preocupação ao ver as lágrimas de Aria.

– O que foi, *carina*? – perguntou, levantando-se quando Aria se aninhou nos seus braços. – Ora, filha, diz à Fiametta o que aconteceu. – Deu umas palmadinhas suaves nas costas de Aria, como faria a uma criança cansada.

Franzira o sobrolho de modo ameaçador quando Aria relatara a sua história. Conhecia Francesca há mais de vinte anos e havia qualquer coisa naquilo que não parecia verdadeiro. Ela não era do género suicida, era demasiado fria e manipuladora para isso.

– Mas, Fiametta – insistiu Aria –, foi o que ela disse! E parecia tão diferente, nunca a vi assim, tão... estranha e nervosa.

– A tua mãe nunca está nervosa – respondeu ela de repente –, não tem menos dinheiro agora do que tinha há seis meses. O que isso significa é que agora decidiu fazer alguma coisa!

– Fazer alguma coisa? – perguntou Aria, confusa. – Mas o *que* vai ela fazer?

No dia seguinte, a mãe dissera-lhe que ela tinha de se casar com Carraldo. E

deixara claro que não havia alternativa.

– Casar! – Aria levantara-se, entornando o copo de água. – De que está a falar, mãe? Só tenho dezassete anos! Não me quero casar. Nunca senti amor por ninguém.

– Amor! – Francesca gritara, trocista. – O amor não tem nada a ver com o casamento. O amor é meramente um capricho, nunca dura. *Mas o dinheiro, sim.* Terá casas, joias fabulosas, roupas de alta costura, peles; viajará pelo mundo em aviões e iates privados. Será uma estrela do panorama internacional.

– Quer dizer que serei tudo o que a mãe gostaria de ser! – respondera Aria. – *Não entende? Eu não sou como a mãe.* Sou como o pai, quero ser uma artista, quero pintar grandes quadros que darão prazer a inúmeras gerações...

– Muito bem, Aria – replicou Francesca, friamente. – Pensemos no seu pai. Lembra-se de como *ele* se sentia em relação a este belo *palazzo*? Lembra-se de como gerações da família Rinardi o apelidaram de casa? *O seu pai venerava a história deste palazzo. Adorava todos os paus, as pedras e os vidros da Villa d'Oro.* O seu pai teria feito tudo, Aria, para manter a história e o nome dos Rinardi vivos! Por isso, não imagine que é por mim que sacrifica a sua liberdade... É pelo seu pai e por todos os Rinardi que fizeram com que agora se orgulhe do seu nome.

Aria passara muito tempo sentada sozinha à mesa de jantar, a pensar no pai.

Já não se lembrava bem do rosto dele, mas conseguia recordar-se de pequenos episódios e coisas que tinham feito juntos. E a sua memória mais clara era do dia em que ele lhe trouxera o papagaio.

Fora numa tarde feia de fevereiro, com a ameaça de neve no céu cinzento de Veneza, pelo que as cores carnavalescas do animal a deslumbraram.

– O nome dele é *Luchay* – dissera-lhe o pai –, e é muito mais velho do que a Aria e eu. Nasceu nas profundezas da selva amazónica, num país muito longínquo chamado Brasil, mas duvido que se lembre disso agora. Costumava viver com a sua tia-avó Helena e, antes disso, vivia com alguém chamada Poppy Mallory. O *Luchay* sabe dizer o nome Poppy, pelo que não se surpreenda se o ouvir.

– Ele dirá o meu nome? – perguntou ela, passando um dedo tímido pela asa suave do animal. Retirara-o quando o papagaio virara de repente a

cabeça, olhando para ela com os seus olhinhos de topázio.

– Atrevo-me a dizer que sim, um dia – concordou Paolo –, quando a conhecer melhor e saber que o ama.

Depois, ergueu Aria para lhe mostrar a esmeralda preciosa e o anel de diamantes à volta das pernas magras de *Luchay*, o poleiro adornado de joias e a maravilhosa gaiola dourada e ela bateu palmas, rindo-se de contentamento. O papagaio gozou logo com o seu riso, pelo que ela e o pai se riram ainda mais com o facto de o papagaio se rir deles. Daí em diante, *Luchay*, ela e o pai partilhavam uma relação especial da qual Francesca fora excluída e, até agora, a mãe detestava o pássaro.

Aria levou as mãos à cabeça que lhe doía; a pressão emocional da mãe e as recordações do pai eram demasiado; tinha simplesmente de sair dali e agarrou num casaco que se encontrava no *hall* e correu para fora da casa.

Os candeeiros de rua lançavam círculos de luz pálida em redor do Campo Morosini e uma neblina com lufadas que mais pareciam algodão-doce fluía nas sombras enquanto ela atravessava o Campo San Vidal a correr e passava pela igreja de San Stefano, ziguezagueando através dos becos familiares de pedra até emergir na direção oposta à do Teatro La Fenice. Os sons de uma orquestra sinfónica a tocar as *Quatro Estações* de Vivaldi filtravam-se da fachada altamente iluminada, com a batida urgente da música do *Verão* a condizer com a do seu coração. Aria pensava nas vezes em que o pai devia ter caminhado por aquelas mesmas pedras e entrara no belo e antigo teatro barroco para ouvir as grandes estrelas da ópera. Pensava em como o pai gostara de música, de Veneza e dela e soube que não suportaria desapontá-lo. Nem pôr em risco o que poderia acontecer à mãe. Devia aceitar as suas responsabilidades.

Afastando-se desesperadamente do teatro, mergulhou de novo nas sombras dos becos. As lojas ainda estavam abertas e as pessoas passavam, apressadas, por ela, encaminhando-se para cafés e restaurantes. Olhou para as raparigas sorridentes que davam o braço aos namorados ou faziam compras, a rir, em grupos coscuvilheiros, e apercebeu-se de súbito de que já não fazia parte desse mundo. Fora forçada a crescer. Nessa altura, uma mulher emergiu de um salão de cabeleireiro muito bem iluminado, com um cão pequeno nos braços. O airoso laço vermelho que afastava o pelo do cão dos seus olhos pequenos e brilhantes condizia na perfeição com o laço que prendia o cabelo da própria mulher, fazendo Aria sorrir. O otimismo da

juventude acalmou-a um pouco. Podia ter de fazer o que a mãe pedia, pensou, entrando no salão, mas não tinha de lhe facilitar a vida!

– Sim, podemos atendê-la agora – dissera-lhe a rececionista. – O Giorgio vai recebê-la.

– Quero cortar o cabelo todo – disse Aria, com a voz a tremer, incerta.

– Mas, *signorina*, tem um cabelo tão bonito – protestou o cabeleireiro, passando os dedos pelo grosso véu de seda. – Só um pouco, talvez, mas mais não...

– Todo – ordenou ela, com as lágrimas a assolarem-lhe novamente os olhos. – Agora.

Uma semana depois, ela parara de chorar e concordara finalmente em conhecer Carraldo. Ele nunca se atrasava e Fiametta respondeu à campainha da porta precisamente às oito da noite. Aria contara-lhe o que se passava e ela oferecera-lhe logo todas as suas poupanças.

– Não é muito, querida filha – disse ela a chorar –, mas é o suficiente para poderes fugir e começar uma vida noutro lado. O que é muito melhor do que te venderes ao Carraldo!

Porém, Aria foi resoluta.

– Não há alternativa, Fiametta – afirmara ela, leal. – É o meu dever.

Sentiu um arrepio na coluna quando Carraldo lhe pegou na mão com as suas.

– A marota cortou o seu lindo cabelo – jorrou a mãe no silêncio. – Parece um miúdo de rua. Mas, felizmente, crescerá um pouco a tempo do casamento.

– Quero que seja muito franca comigo – começou Carraldo, ignorando Francesca. – A sua mãe concordou em que lhe pergunte se quer casar comigo, mas é claro que só a Aria me pode dar a resposta. Compreendo que tudo isto seja um choque para si e não quero que se sinta pressionada. Tudo o que posso dizer é que adorava genuinamente o seu pai, era o meu melhor amigo. E adoro-a desde que nasceu. Se disser que sim, farei tudo o que estiver ao meu alcance para fazê-la feliz.

Aria sentiu-se como se estivesse a ver uma peça de teatro; parecia flutuar num limbo entre o passado breve e o futuro desconhecido e, apesar de Carraldo ser gentil, teve a sensação de que aquilo era apenas a superfície do vulcão.

– Aria? – chamou a mãe, ansiosa.

– Aceito, *signore* – respondeu ela, baixando os olhos. As mãos de Carraldo pousaram nos seus ombros e depois os seus lábios rasparam-lhe a face num beijo leve.

– Obrigado, Aria – agradeceu ele.

Tirou uma pequena caixa azul de uma mala, abriu-a e ofereceu-lha. Aria olhava, boquiaberta, para a enorme e deslumbrante esmeralda que se encontrava lá dentro. Não tinha diamantes decorativos em volta porque não precisava. Era apenas uma única e enorme joia verde cujo tamanho e simplicidade proclamavam a sua raridade e importância.

– Veio da arca do tesouro de um marajá – disse-lhe Carraldo. – Gostei da sua cor magnífica e da falta de decoração ostensiva. Pensei que pudesse agradá-la.

Ela encolheu-se; a enorme esmeralda parecia-lhe um símbolo de ligação.

– Não posso fazê-lo, não posso usá-la – suspirou ela.

– Mas o que se passa consigo, Aria? – perguntou Francesca numa voz estridente. – Qualquer rapariga no mundo inteiro ficaria encantada com um anel destes.

– Por favor, Antony – implorou ela –, não podemos esperar um pouco... Até eu fazer dezoito anos... – Os dezoito pareciam estar a anos-luz de distância, a uma eternidade.

– Como quiser – disse ele calmamente. – Posso esperar uns meses. Mas devemos casar logo a seguir.

Os olhos de Carraldo pareceram de súbito ansiosos pelo que ela concordou prontamente.

– Sim, sim, prometo. Dê-me só algum tempo.

– Fez de mim um homem muito feliz – referiu ele, levantando-se. – O meu avião espera-me no aeroporto Marco Polo para me levar a Nova Iorque. Decorre lá um importantíssimo leilão de arte. Janta comigo quando eu regressar? – Ela assentiu silenciosamente, observando, enquanto a mãe o acompanhava à porta. Carraldo fora gentil, encantador e bondoso. Tratara-a como se ela fosse um objeto raro e precioso que podia ser manipulado e

admirado e, de certa forma, tivera a sensação de que, quando se tornasse mulher de Antony Carraldo, seria mais uma peça da sua famosa coleção.

Durante duas semanas, Aria fora para a cama aliviada por ter passado mais um dia sem a chegada de Carraldo, acordando todas as manhãs receosa que ele telefonasse ou exigisse que cumprisse a promessa de jantar com ele. Ficou tão tensa e nervosa que, quando ele finalmente ligou, foi quase um alívio.

Ignorando as instruções de Francesca para que usasse o novo e elegante fato de seda da *Ungaro* que se vira forçada a comprar, vestiu uma saia branca simples e uma camisola de seda preta, unindo as duas em redor da cintura magra com um largo cinto de pele preta. Calçou sabrinas pretas, sem meias nas pernas bronzeadas, e Francesca ficou furiosa.

– Pelo menos leve algumas joias – pediu ela à medida que Aria permanecia irredutível em relação à sua escolha –, as minhas pérolas ou os brincos de diamantes. – Mas Aria colocou um enorme par de brincos pretos e brancos de fantasia nas orelhas pequenas e recuou para examinar o efeito. Passou as mãos pelo cabelo curto, espetando-o, e Francesca gemeu.

– Mãe! – exclamou Aria, irritada. – Pode parar de tentar transformar-me em algo que não sou? Sou quem sou e uso o que gosto e, se é isto que o Carraldo quer, então é o que receberá. Mas não mudarei para lhe agradar a si ou a ele.

Ouviram o ruído do barco lá fora, pelo que Francesca se apressou para as escadas, à espera que Fiametta abrisse as grandes portas que davam para o Grande Canal. Ela regressou momentos depois segurando um envelope na mão contorcida.

– O Signore Carraldo está atrasado, *signora* – informou ela. – O barqueiro está à espera para levar Aria ao seu encontro.

Francesca tirou-lhe o envelope das mãos. Estava endereçado a Aria, mas ela abriu-o de qualquer maneira.

Minha querida, escrevera Carraldo em letra grande e firme. *Perdoe-me por não ir ter consigo pessoalmente, principalmente no nosso primeiro encontro, mas, infelizmente, apercebo-me de que chegarei atrasado. O meu barqueiro, Giulio, trá-la-á até mim e espero ansiosamente vê-la.*

Assinara simplesmente *Antony Carraldo*.

A aparência descontraída de Aria escondia a sensação nervosa que sentia quando entrou na lancha preta e elegante de Carraldo. A sua bandeira pessoal, o corvo preto num círculo dourado, flutuava na proa quando o barqueiro, vestindo um casaco branco e um boné naval decorado com uma trança dourada, fez deslizar a lancha para o canal repleto de barcos. Esperara ser levada diretamente a casa de Carraldo, de modo a esperar por ele ali, mas, em vez disso, o barco ganhou velocidade e avançou, com um ruído profundo, através da lagoa.

– O Signore Carraldo pediu-me para levá-la ao aeroporto para se encontrar com ele – explicou o barqueiro e Aria pensou nervosamente que Carraldo devia estar impaciente para vê-la para se querer encontrar com ela no seu avião.

Um motorista esperava-a no cais e seguiram no grande *Mercedes* preto através do aeroporto, onde um poderoso jato *Gulfstream* preto esperava na pista, mais uma vez decorado com a insígnia do corvo de Carraldo.

A empregada que aguardava cumprimentou-a e escoltou-a pelos degraus da aeronave até um salão coberto de camurça cinzenta.

– A Signorina Rinardi – anunciou ela.

Carraldo desviou o olhar do catálogo do leilão e levantou-se, a sorrir.

– Aria. Perdoa-me por não ter ido buscá-la? Enviei Giulio porque sabia que chegaria atrasado.

– Não me teria importado se tivesse chegado atrasado – respondeu ela timidamente. – Eu própria não sou muito pontual.

– Receio bem que a pontualidade seja um dos meus hábitos. O meu pai era muito rigoroso com o tempo. Penso que organizava as nossas vidas ao minuto.

Aria olhou para ele, surpreendida. Por incrível que parecesse nunca imaginara que Carraldo tivesse tido um pai verdadeiro; talvez fosse humano, afinal. Apercebeu-se de um barulho que vinha de fora, quando os degraus foram retirados e os motores começaram a acordar. Depois, as portas foram fechadas e os motores rugiram ao atravessarem a pista.

– Mas, para onde vamos? – gritou ela, alarmada.

– Sente-se, Aria, e aperte o cinto de segurança – disse-lhe Carraldo, calmamente. – Vou levá-la a jantar a minha casa.

– Mas nem sei onde mora. – Ela apertou o cinto, obediente. – Pensei que jantaríamos aqui, em Veneza.

– Eu tenho muitas casas – respondeu ele –, mas suponho que tenho de considerar Milão o meu lar, pois é também a sede dos meus negócios. Também será o seu lar principal, Aria, pelo que pensei que gostasse de o ver. – Sorriu. – Não se preocupe, chegará a casa a tempo da hora de dormir.

O avião avançava sem esforço pelo ar e, de repente, tudo o que havia sob eles era o azul profundo da lagoa e o mar. Aria olhou nervosamente para Carraldo; estavam finalmente sozinhos e Veneza podia estar a milhares de quilómetros dali.

Ele mostrou-lhe o avião, orgulhoso. Era o mais pequeno dos seus *Gulfstream*, disse ele, e o que utilizava para andar de cidade em cidade. Os outros dois eram *Gulfstream IV*, com capacidade transatlântica. Um era mantido no aeroporto Kennedy, em Nova Iorque, e o outro no Charles de Gaulle, em Paris. Todos estavam pintados da mesma cor preta brilhante, tinham o emblema com o corvo de Carraldo e o interior estava decorado da mesma forma. As paredes, janelas, cadeiras, espelhos, camas, tinham todas a mesma camurça cinzenta. Carraldo não permitira sequer um toque de cor e afirmara que achava o efeito monocromático relaxante depois de agradar os olhos com tantos quadros excitantes durante o período do seu trabalho como comerciante de arte.

Ele questionou-a sobre a sua pintura e por que razão desistira do curso em Florença.

- Porque me vou casar – respondera ela, baixando os olhos.
- Então, temos de lhe arranjar cursos novos – respondeu ele rapidamente.
- Não se preocupe, encontro-lhe o melhor professor do mundo.

Aria interrogou-se porque não compreendia ele que não era a mesma coisa. Não sentiria apenas falta dos ensinamentos, mas também dos amigos, dos risos e da diversão de quando estavam juntos em cafés e festas.

O empregado apareceu para perguntar se desejavam alguma coisa.

- Champanhe? – sugeriu Carraldo.
- Obrigada, mas posso pedir antes uma *Coca-Cola*? – Ela corou quando ele sorriu, olhando de soslaio para o perfil dele quando pediu ao empregado para trazer duas *Colas*. Pensou que o seu nariz de falcão fazia com que o rosto ossudo parecesse arrogante e as sombras púrpuras sob os olhos profundamente encovados davam-lhe um ar ainda mais obscuro. Supôs que algumas mulheres achavam Carraldo um homem atraente, contudo, ele fazia-a sentir pouco à vontade.

– Sabia que também tenho uma casa em Portofino? – perguntou ele, encontrando os olhos dela.

– Não – respondeu ela –, mas não sei quase nada a seu respeito.

– Temos de retificar isso – comentou ele rapidamente –, no entanto, acho que lá será feliz, Portofino está sempre cheia de gente jovem. E depois, claro, há a casa de Londres e o apartamento de Nova Iorque. Gosta de viajar, Aria?

– Ainda não tive muita oportunidade para o fazer.

Ela bebericou a *Coca-Cola*, desconfortável. Estava servida num delicado copo de cristal *Baccarat*, com suaves cubos redondos de gelo e pedaços de limão, todavia, ela tê-lo-ia trocado num abrir e fechar de olhos por uma simples lata de *Cola*, partilhada com os amigos da universidade.

Quando o avião se preparou para aterrar, Aria pensou, surpreendida, que a meia hora de voo passara a correr. Outro *Mercedes* preto e comprido aguardava para os transportar do aeroporto de Malpensa até à cidade.

– Os seus carros também são todos iguais? – perguntou ela. – Como os interiores dos seus aviões?

Carraldo encolheu os ombros.

– Como sempre, há uma boa razão para isso. Uma vez, tive um acidente grave, quase morri. Guiava o velho *Mercedes* do meu pai, um carro que ele tinha há anos porque adorava o estilo. A direção era tão perfeita que fui capaz de retirar o carro do perigo. Desde então conduzo sempre *Mercedes*, e este modelo em particular é perfeito para as minhas necessidades.

Claro, pensou ela, melancólica, uma homem como Carraldo tinha sempre uma razão para tudo, nunca agia por impulso. Todos os atos eram muito bem pensados e planeados. Mas, se era assim, então por que razão queria ele casar com ela?

Um mordomo de casaca preta e luvas brancas abriu a porta quando o *Mercedes* parou. Carraldo transformara a casa alta de pedra cinzenta do século XVIII num lar do século XXI. O chão era de madeira clara e as únicas carpetes eram dois tapetes de seda chinesa, que brilhavam suavemente nas paredes, como um par de quadros sofisticadamente subtis. As paredes da sala inferior haviam sido retiradas para criar uma vasta área de tetos altos e duas lareiras de mármore trabalhado estavam acesas em lados opostos. As paredes eram de um creme simples e os sofás grandes de linho castanho-acinzentado. A luz, indireta, era projetada por candeeiros baixos ou

lâmpadas esguias de alta tecnologia em feixes e uma linda aparelhagem *Bang & Olufsen* sussurrava o som de Ashkenazy a tocar Mozart através de colunas tão altas como a própria Aria.

Ela olhou em volta à espera de ver a famosa coleção de arte de Carraldo, no entanto, à exceção dos bonitos tapetes, as paredes estavam nuas. Não havia uma única pintura, nem uma única escultura ou objeto decorativo.

– Todas as coisas nestas divisões têm uma função – explicou Carraldo. – Tal como referi, vejo tantos trabalhos de arte todos os dias que preciso de deixar a mente descansar numa simplicidade absoluta. À exceção dos meus quadros preferidos que penduro no meu quarto. São a última coisa que vejo antes de adormecer. Ficam durante um mês e depois mudo-os. Não gosto de me afeiçoar muito a nenhuma posse.

O feminino jarro de flores no centro da mesa de jantar de aço e vidro parecia deslocado, com lírios do vale, gipsofilas, jasmim-de-madagascar, junquilhos e botões de rosa creme. Como um buquê para um jovem noiva, pensou Aria, surpreendida.

– Escolhi-as para si – disse-lhe Carraldo. – Pensei que pudessem ser o género de flores de que gosta.

Aria corou, zangada; pensaria ele que ela era assim tão infantil? O mordomo ofereceu-lhe uma taça de champanhe e ela bebeu um grande gole, subitamente determinada a comportar-se tão mal quanto podia.

A refeição foi constituída por um simples jantar italiano, impecavelmente apresentado e servido, mas Carraldo comeu pouco, recostando-se na cadeira a bebericar o seu champanhe e a observá-la com um leve sorriso sardónico. Evitando os olhos dele, Aria bebia o champanhe como se fosse água, sem dizer nada.

Tomaram o café em silêncio e depois, finalmente, ele pegou-lhe na mão e disse:

– Tenho algo para lhe mostrar antes de se ir embora.

Sentiu-se tonta por causa do champanhe ao atravessar o corredor aos tropeções junto a ele e entrar numa sala que era obviamente o escritório. Um aparador de carvalho do século XVIII, com as gavetas em pele roxa a desmaiar para um rosa, contrastava com a simplicidade moderna de uma mesa de granito que servia de secretária. Tudo ali estava imaculadamente arrumado, com papéis perfeitamente empilhados ao lado de livros de aspeto importante. O telefone era preto e as cortinas das janelas num tom creme

condiziam com a cor das paredes. Aria considerou que, tanto quanto parecia, Carraldo vivia a sua vida frugalmente e, encolhendo os ombros, imaginou como seria o seu quarto, pensando numa cela fria e monocromática. Uma paisagem pequena e emoldurada estava disposta num cavalete e ela reconheceu-a imediatamente como sendo um Manet.

– Oh... Que bonito – gaguejou, inclinando-se para a frente para a observar mais de perto.

– Pensei que gostasse – comentou calmamente Carraldo, agradado.

Aria deslocava-se em volta do quadro, intrigada.

– Como conseguiu o Manet fazê-lo? – sussurrou ela, esquecendo-se por um momento onde estava e com quem estava. – Como criou ele uma sensação tão mágica com um pincel e um pouco de tinta? Isto é tão... tão íntimo, sinto-me como se estivesse ali, naquele prado junto ao rio, num solarengo final de tarde de domingo.

– Quando Manet submeteu este quadro ao Salão de Paris, em mil oitocentos e sessenta, rejeitaram-no – disse-lhe Carraldo –, pensaram que era estranho, feio.

Aria olhou-o, chocada.

– É muito triste pensar que não tiveram noção de que este quadro seria muito apreciado mais tarde, embora Manet devesse saber que o Salão estava enganado.

Carraldo virou-se com um encolher de ombros.

– Van Gogh nunca vendeu um único quadro durante a vida. O que tento fazer agora, Aria, mesmo com as minhas limitações, é descobrir jovens artistas com talento que eu possa ajudar durante o seu percurso e, quem sabe, acabar por encontrar um mercado para o seu trabalho. No entanto, a vida deles não é fácil. É necessária muita coragem para se ser artista e muito tempo para construir uma carreira.

– Não sabia que era isso que fazia – respondeu ela, surpreendida.

Carraldo tirou o Manet do cavalete e ofereceu-lho.

– Comprei-o para si – revelou ele abruptamente. – Por favor, aceite-o.

Os olhos dela abriram-se muito, espantados.

– *Comprou este Manet... para mim?* Mas isso é impossível... Quero dizer... Ninguém faz coisas destas.

– Não consegui impressioná-la com a joia do marajá – respondeu Carraldo, cortês –, mas é óbvio que a Aria considera o quadro mais

apelativo. É seu.

Ela hesitou, olhando para a pintura, chocada com o presente magnífico.

– Não posso – acabou por dizer. – Por favor, não me pergunte porquê, mas simplesmente não posso aceitar. Ainda não.

Carraldo voltou a colocar o Manet no cavalete sem dizer mais nenhuma palavra.

– Está na hora de voltar – disse ele, cortês.

Aria olhou nervosamente para ele quando se apressou para a porta; parecia tão frio de repente e ela ficou com medo.

Quando o *Mercedes* arrancou rapidamente para o aeroporto, ela disse a si mesma que estava a ser tola, encontrava-se um pouco ébria de todo aquele champanhe. É claro que Carraldo nunca a magoaria. Porém, teve a sensação de que ficara zangado por ela ter recusado o seu presente e a fúria de Carraldo era uma força desconhecida.

Recostou-se no assento do avião, de olhos fechados; quando finalmente olhou para Carraldo, ele estava imerso no seu catálogo de arte e a viagem foi feita em silêncio total.

O carro preto esperava para os levar à lancha e, quando o barco avançava pelos canais, ele disse-lhe:

– Estou contente por termos tido esta oportunidade para falar. Sinto que nos conhecemos um pouco melhor agora.

Mas à medida que Aria observava o elegante *Riva* preto a mergulhar na noite veneziana, soube que tal não era verdade. Ela não conhecia melhor o verdadeiro Antony Carraldo. E ainda tinha medo dele.

Naquele dia era a grande inauguração da exposição de Orlando Messenger na Maze Gallery, em Londres, e, embora muita gente rica consumisse grandes quantidades de champanhe de segunda categoria, ainda havia muito poucos autocolantes vermelhos a denunciar uma venda. Orlando sorria encantadoramente a todos, aceitando cumprimentos rápidos de mulheres chiques cujos vestidos tinham provavelmente custado mais do que os seus quadros, e, ao mesmo tempo, mantinha os ouvidos abertos às coscuvilhices internacionais que todos pareciam considerar mais importantes do que o seu trabalho. Malditos fossem, pensou ele, zangado, podiam falar de quem anda a dormir com quem nos seus almoços intermináveis, não tinham de o fazer agora!

Orlando ouvia dizer desde criança o quanto era bonito, quão extraordinária era a sua cor, quão encantadora era a sua natureza. O mais estranho era que tal não parecera ter-lhe subido à cabeça. Durante algum tempo desfrutara dos benefícios de algumas das melhores escolas públicas britânicas, onde, por uma inexplicável razão qualquer, adquirira a capacidade de ser expulso – demasiado frequentemente para agradar aos pais. É que Orlando detestava a escola. O pedopsiquiatra explicara aos pais que a natureza do filho era totalmente contrária à ligeira disciplina do dia a dia, ainda que a rigorosa disciplina da aprendizagem não constituísse problema nenhum para ele. Aliás, ele era bastante inteligente, com um QI

de 158.

Orlando demonstrara o seu sentido artístico e, com um suspiro de alívio, os pais mandaram-no três anos para uma escola de arte em Florença com a condição de permanecer com os familiares da mãe e respeitar determinadas regras, afinal, tinha apenas dezasseis anos. Aí conseguira dar a impressão social de jovem estudante de arte bem-educado, de boas maneiras e encantador, enquanto ao mesmo tempo mantinha uma série de casos amorosos com as amigas da tia.

– Pelo menos foi só com mulheres – comentara o tio com alívio quando a tia descobriu e o denunciou amargurada. – Com estes jovens ingleses nunca se sabe!

Por alguma razão, a sua estadia no estrangeiro prolongara-se – depois de Florença fora para Paris, depois para o Sul de França e ainda fizera um *tour* pelas ilhas gregas. Contudo, não era rapaz de pintar paisagens – o seu território era o chique urbano, as *villas*, os apartamentos opulentos e as casas dos seus muitos conhecidos. Capatava facilmente os traços fisionómicos e depressa se apercebeu de que não havia melhor maneira de conquistar uma mulher do que dizer-lhe que *tinha* de pintar o seu retrato ou a sua casa. As mulheres não constituíam problema para Orlando Messenger. Nenhuma espécie de problema.

– Orlando! Que bom ver-te outra vez. Não nos víamos há uma eternidade... Devem ter passado o quê? Dois anos?

A mulher pequena e incrivelmente chique envergava um vestido preto e a sua boca grande era uma ferida vermelha brilhante na face branca ao sorrir-lhe.

– No mínimo, Pamela – respondeu ele, pegando-lhe na mão e evocando o seu charme. – Senti a tua falta.

– Eu também, querido. – Os seus grandes olhos castanhos sob o peso de sombra cinzenta e rímel preto olharam, matreiros, para ele. – Tenho um novo chalé em Gstadt – murmurou, permitindo que a sua mão demorasse na dele. – Vem passar o Natal... Vamos dar uma grande festa, já somos vinte e seis, acho eu...

– Parece ótimo – disse ele, sorrindo-lhe.

– Que bom, podes fazer um quadro do novo chalé.

Ela atravessou a sala nos saltos vertiginosos que usava sempre para lhe darem os necessários centímetros extra, colocando os braços em volta de outro homem, um escritor que Orlando conhecia, e repetindo praticamente as mesmas palavras da conversa que acabara de ter com ele. Pamela fizera das suas conquistas «criativas» um hábito e Orlando pensou amargamente que, com o dinheiro que tinha, ela podia escolher à vontade. Ele iria a Gstaad passar o Natal e ela esperaria que ele a entretivesse na cama – se e quando ela quisesse – e, em troca, lhe fizesse uma bela e pequena aguarela da casa dela. Trabalho árduo outra vez!

Olhou mal-humorado para os quadros ainda por vender; eram bonitos e coloridos e tinham um toque comercial, pois ele quisera guiar o seu talento para o que os clientes procuravam em vez de se dar rédea solta e pintar o que *queria*, da forma que *queria*. Tinha de parar, dissera a si próprio amargamente, era um excelente artista, talvez até dos melhores. O problema é que não queria passar fome, gostava demasiado da vida de *bon vivant*. E era aí que entrava o nome de Poppy Mallory.

Telefonara de imediato ao advogado de Genebra e contara-lhe a sua história. Lieber ouvira-o e depois dissera:

– E que documentos tem para comprovar o que diz, Mister Messenger?

O que podia ele dizer? Virara o escritório do pai de pernas para o ar em busca de certidões de nascimento, de cartas e documentos de família, mas não encontrara nada. Lieber parecera duvidoso.

– Envie-me uma declaração por escrito, Mister Messenger. Diga-me se encontrar algo de substancial – acrescentou, sem o afastar muito porque, afinal, a história dele podia ser verdadeira.

Orlando suspirou, frustrado, olhando para a multidão elegante, a rir e a coscuvilhar; com o dinheiro de Poppy podia ser um deles em vez de ser sempre o *outsider*, sem nunca mais ter de seduzir as Pamelas deste mundo. Seriam elas a tentar seduzi-lo a ele – e, por Deus, ele faria com que *elas* trabalhassem arduamente!

– Ora, ora – disse Peter Maze, o dono da galeria –, olhem só para o que o vento trouxe! Meu Deus, Orlando, os deuses devem gostar de ti! É o Antony Carraldo.

Ele avançou, sorrindo, enquanto estendia a mão ao homem sombrio e de aparência dura que se mantinha junto à porta. Os olhos de Orlando brilhavam; sabia que Carraldo não era apenas um grande comerciante de

arte, mas um mecenas de jovens artistas há pelo menos duas décadas, tendo estabelecido alguns nomes importantes. Carraldo era um salvador de artistas, um autêntico patrono, no sentido antigo do termo, e precisamente o que Orlando precisava. E Carraldo também não era homem de perder tempo. Ele sabia que não teria ido ali caso não estivesse interessado. Bebeu o champanhe calmamente, observando e esperando que Peter os apresentasse, mas Carraldo apontava para o quadro exposto na montra.

Viu Peter Maze brilhar de contentamento e depois foi afixado um autocolante vermelho no quadro. *Carraldo comprara a sua aguarela de Portofino.*

Pousando a taça de champanhe, Orlando atravessou a multidão.

– Ah, Orlando – disse Peter –, vem conhecer Antony Carraldo.

– Acabei de comprar um dos seus quadros – comentou Carraldo.

– Fico lisonjeado por alguém com o seu discernimento ter gostado do meu trabalho ao ponto de o comprar, Signore Carraldo – disse ele.

Os olhos escuros e encovados de Carraldo encontraram-se, sinistros, com os dele por um momento.

– O seu trabalho é encantador – começou por dizer –, tem um toque bonito.

– Mas não é o que eu queria realmente fazer, senhor – respondeu Orlando com sinceridade. – É comercial, apontado para os bolsos destas pessoas. Se pudesse ter rédea solta, se pudesse dar-me ao luxo de pintar o que quisesse...

– Porque não pode? – perguntou Carraldo.

Ele encolheu os ombros.

– Pelo mesmo de sempre, dinheiro. Ou falta dele. Tenho de ganhar a vida.

– Como todos nós.

– Carraldo! És mesmo tu? Pensei que estivesses em Nova Iorque para o leilão de Van Gogh. – Uma mulher americana alta e magra, envergando um magnífico casaco de peles apesar de estar muito calor lá dentro por causa das luzes, colocou-se entre eles. – Sabias que o Henry está cá? Tens de vir e dizer-lhe olá.

– Talvez nos voltemos a encontrar – disse Carraldo quando a mulher o arrastou dali para fora – e boa sorte com o seu trabalho.

– O que faz ele aqui? – perguntou Orlando a Peter Maze, furioso.

– Passou pela montra e viu o teu quadro de Portofino. Ficou contente por ver a sua própria *villa* lá pintada, foi isso.

Bolas, pensara Orlando, zangado, até o grandioso Antony Carraldo só queria um quadro da própria casa! Estava condenado a pintar *villas* para o resto da vida!

– Já ouviste os últimos boatos sobre ele? – perguntou Peter, com os olhos pequenos a brilhar com um júbilo maldoso. – O Carraldo está apaixonado! O nome dela é Aria Rinardi. É linda e jovem, e ainda nem sequer tem dezoito anos... Ele pediu-a em casamento. Pelos vistos, ela é tão pobre como um rato de igreja e por isso aceitou. Quem podia recusar *aquela* quantidade de dinheiro? Enfim, o estranho é que agora a mãe dela afirma que ela é a herdeira Mallory e, apesar de a mãe a empurrar para este casamento, a Aria não sabe se quer casar. Afinal, com a sua própria fortuna, que rapariga no seu perfeito juízo quererá casar com o misterioso Signore Carraldo?

Orlando olhou-o, chocado.

– A herdeira Mallory? Mas quem é ela?

– Não viste o anúncio? Pensava que toda a gente o tinha visto. Esse é que é o problema, parece que ninguém sabe quem é a Poppy...

– Não é isso, idiota – disparou Orlando. – Quem é a *Aria Rinardi*?

Peter olhou-o, ofendido.

– Não fiques tão sentimental, Orlando, não combina contigo. Enfim, se tens de o saber, é a filha de um barão italiano falecido e pobre. Daí a necessidade de um marido rico. Vive em Veneza, num maravilho *palazzo* a cair aos bocados que provavelmente precisa de milhões para ser recuperado. Ela não serve para ti, meu rapaz. Do que tu precisas é de uma mulher tão rica como o Carraldo! – Ele riu-se no seu tom elevado enquanto Orlando olhava para ele.

– O que eu preciso é que tu vendas mais alguns dos meus quadros – ripostou ele, atravessando a multidão que rodeava Carraldo, zangado. Bebericando uma taça de champanhe, observou-o secretamente, pensando sobre o que acabara de ouvir. Tinha de descobrir mais sobre Aria Rinardi, mas sabia que não podia perguntar a Carraldo.

– Lamento, mas tenho de ir – dizia Carraldo. – Já devia estar a caminho de Paris, a esta hora. Sim, estarei em Nova Iorque na semana que vem. – Apertou algumas mãos, deu beijinhos em faces perfumadas e, ao virar-se

para sair, encontrou os olhos de Orlando. – Gostei muito de ver o seu trabalho. – Fez uma pausa quando lhe ocorreu algo. – Comprei o quadro de Portofino para o oferecer à minha noiva – referiu. – Ela andou um ano numa escola de arte, em Florença, e o seu género preferido são as aguarelas. Sente falta do trabalho agora e penso que beneficiaria de alguma instrução. Se o ajudar, e se estiver interessado, posso oferecer-lhe o emprego de tutor durante um par de meses. Seria em Veneza, claro, mas podíamos arranjar uma forma de colocá-lo numa *pensione*. Não creio que achasse as horas demasiado trabalhosas, deve dar-lhe tempo para pintar *o que realmente quer*.

Não era propriamente o golpe de sorte que Orlando esperava quando Carraldo caminhou em direção à porta, mas era seguramente um presente caído do céu. Aria Rinardi era-lhe oferecida numa bandeja!

– Seria uma honra, senhor – disse ele, a sorrir. – E o facto de ser em Veneza é um bónus!

Carraldo assentiu.

– Vou pedir à minha secretária que o contacte. Então, adeus, Mister Messenger.

Apesar de a sala estar quente e cheirar a gente, a mão de Carraldo era fria quando Orlando a apertou. Olhou-o nos olhos pouco à vontade. Era verdade o que diziam: havia algo de sinistro naquele homem.

Carraldo era um homem de palavra: a sua secretária contactara Orlando no dia seguinte para tratar dos pormenores da sua estadia em Veneza; o bilhete de avião era em classe económica e a *pensione* que seria a sua casa durante um par de meses era modesta, porém, o salário era generoso. Esperavam que chegasse a Veneza na semana seguinte, se fosse conveniente para ele. Era, certamente, pensou ele, fazendo as malas e ligando para a Maze Gallery para verificar como iam as vendas e saber quando podia ir levantar o seu dinheiro. Dava-lhe tempo suficiente para ir primeiro a Genebra falar com Mr. Lieber e descobrir exatamente o que se passava. Se houvesse mais reclamantes do património de Poppy Mallory, ele tencionava descobrir quem eram.

Os escritórios de advocacia Lieber & Lieber, em Genebra, eram ultramodernos e muito elegantes e a jovem rececionista loira fora obviamente escolhida para condizer. Ela desviou o olhar inquiridor do telefone na mesa de pau-rosa, sorrindo, bonita, quando os seus olhos encontraram os de Orlando.

– *M'sieur?* – disse ela.

– Olá – respondeu ele, aproximando-se e inclinando-se no balcão. – Sou Orlando Messenger e gostaria de falar com Mister Lieber.

– Tem marcação, Mister Messenger? – perguntou ela, afastando o cabelo loiro e curto de modo consciente.

– Lamento, não tenho marcação. Acabo de chegar de Londres. É sobre o património de Poppy Mallory, pensei que ele me pudesse receber, só por quinze minutos ou assim.

– Lamento – respondeu ela, com os olhos azuis a abrirem muito, solidários. – Receio que Mister Lieber não receba ninguém sem marcação. É um homem muito ocupado, sabe.

– Tenho a certeza que sim – respondeu ele – e é, obviamente, um homem com muito bom gosto.

Ela virou a cabeça para o lado, olhando-o de forma inquisitiva.

– Por tê-la escolhido como rececionista – acrescentou ele com um sorriso desarmante. Ela suspirou, abanando a cabeça perante o atrevimento dele, mas sorria. – Oiça – disse ele, rapidamente –, voei de Londres especialmente para falar com ele. Lamento não ter feito marcação, simplesmente não pensei nisso. Não há forma nenhuma de me poder meter na agenda só por dez minutos?

– Se quiser, posso perguntar à secretária dele – sugeriu ela.

Ele sabia que ela tinha consciência de que ele a observava a atravessar a tapete cor de bronze, com as ancas a balançar e a mostrar um belo par de pernas, pelo que sorriu. Ela bateu a uma porta e desapareceu lá para dentro, emergindo, momentos depois, com um livro vermelho debaixo do braço.

– Esqueci-me que a secretária pessoal de Mister Lieber hoje foi almoçar mais cedo, mas trago aqui o livro de marcações. Vejamos o que diz. – Ele olhou por cima do ombro dela quando ela passou o dedo pela lista. – Lamento – disse ela, incerta –, mas hoje o dia já está completamente cheio. Como pode ver, ele até marcou o tempo que cada reunião deve demorar... Não há sequer uma pausa de um minuto. Eu avisei-o que era um homem

muito ocupado.

Orlando assentiu.

– Compreendo – respondeu ele calmamente. – Então acho que terei de tentar amanhã.

Ela olhou para ele com o sobrolho franzido quando a linha interna soou. Atendeu imediatamente.

– Sim, Mister Lieber? – disse ela. – Lamento, a sua secretária ainda não voltou, mas, se quiser, posso fazer a chamada, senhor. Sim, Mike Preston, Santa Barbara, Califórnia. Sim, senhor, é para já. – Suspirando «um momento» a Orlando, marcou o número. – Mister Preston? Tenho Mister Lieber a ligar de Genebra para si. Um momento, senhor. – Passou a chamada e virou-se novamente para Orlando. – Lamento, Mister Messenger – disse ela, solidária. – Gostaria de poder ajudá-lo. Talvez devesse falar com a secretária pessoal quando ela voltar.

– Está bem. – Ele suspirou, mas depois o seu rosto iluminou-se e sorriu. – E que tal se tiver compaixão de um rapaz solitário esfomeado? Adorava ter a sua companhia ao almoço.

Ela riu-se.

– Um prémio de consolação, Mister Messenger? – perguntou ela.

– Não, de todo – respondeu ele, galante. – Seria uma honra para mim.

Ela olhou-o, refletindo. Ele era bonito, tinha ar de rapazola e era muito sedutor...

– Porque não? – acabou por dizer. O telefone voltou a tocar e ela atendeu.

– Sim, Mister Lieber? Enviar um fax com outra cópia dos reclamantes do património de Poppy Mallory a Mister Preston, na Califórnia? A que tem os números europeus. Sim, senhor, vou já buscá-la à mesa da sua secretária. – Sorrindo a Orlando, apressou-se a entrar novamente no escritório, regressando com várias folhas de papel que colocou no fax, marcando o número. Pegando na mala, sorriu-lhe, contente. – Vou só dizer a outra das raparigas que vou almoçar – disse-lhe, desaparecendo pelo corredor.

Orlando olhou para a máquina. Parara de trabalhar e as folhas de papel estavam mesmo ali – a lista com os nomes dos reclamantes da fortuna de Poppy e os seus motivos. Olhando rapidamente em volta, pegou nelas e folheou as páginas, mas não tinha tempo de as ler; já podia ouvir a rapariga a regressar pelo corredor. Sem um segundo de hesitação, meteu a lista no bolso e foi ter com ela.

– Detesto comer sozinho – comentou ele – e, além disso, não sei onde ir em Genebra. – Sorriu-lhe com ar vencedor. – Mal posso esperar para saber mais sobre si. Quem é? E o que está a fazer num escritório de advogados aborrecido quando devia ser, obviamente, modelo em Paris? Tenho contactos ótimos nesse meio, sabe?

– A sério? – perguntou ela, esquecendo-se do fax e da lista e com os olhos a brilhar enquanto desciam juntos no elevador.

Carraldo sentou-se sozinho no escritório da grande casa vazia, em Belgravia. Já estava em Londres há quatro dias e ainda não sabia o que fazer. O seu único propósito era entregar o Renoir ao cliente londrino, celebrar a compra do homem num almoço tranquilo em Connaught e voar de volta para Veneza para o jantar de aniversário de Aria – e do compromisso; contudo, o anúncio da herdeira de Poppy Mallory não lhe saía da cabeça o dia todo, como uma dor irritante que se recusava a passar. Pensara em telefonar a Francesca para ver o que se passava, ou até perguntar à própria Aria, mas tivera medo da resposta. Não era o tipo de medo físico profundo que sentira enquanto criança, nem o tipo de intimidação que sentira anos mais tarde quando as suas circunstâncias mudaram; era um medo muito mais subtil, e muito mais torturado.

Francesca queria reclamar o dinheiro de Poppy, e ele podia adivinhar como o faria, apesar de saber que, ainda assim, ela desejaria conservá-lo como marido da filha – para Francesca, era muito melhor ter duas fortunas do que só uma. No entanto, se Aria tivesse uma fonte alternativa de dinheiro para dar à mãe, ele sabia, no fundo do seu coração, que ela não casaria com ele. Mas ainda tinha duas opções em aberto: sentar-se e deixar que o destino seguisse o seu caminho ou tomar medidas para assegurar que nunca se conseguiria provar que Aria era a verdadeira herdeira.

Telefonara para o Palazzo Rinardi depois de ler o anúncio. A *baronessa* saíra, informara uma Fiametta mal-encarada, e Aria também tinha saído e,

não, ela não sabia quando regressariam.

– Diga-lhes que um assunto urgente me mantém em Londres – pedira ele – e que estou de regresso na próxima semana. E, por favor, diga a Aria que peço desculpa pelo nosso jantar de compromisso, mas, como já esperámos tanto, não custa esperar mais um pouco.

Em seguida, telefonara à florista e encomendara seis dúzias de rosas brancas para serem enviadas a Aria.

Dando voltas instáveis ao copo de brande, ouvia os sons do silêncio da vasta casa... O crepitar dos troncos na lareira, a melodiosa voz de Pavarotti num volume baixinho da aparelhagem, o murmurar desmaiado e distinto de um táxi londrino que virava a esquina. E, depois, os seus pensamentos voltaram-se, como acontecia sempre que se encontrava sozinho, para o passado.

Carraldo e Francesca Rinardi nunca haviam sentido grande afeição um pelo outro. Ela apercebeu-se, ao casar com Paolo Rinardi, que Carraldo a conhecia pelo que ela era – vazia e superficial. No entanto, quando Paolo morreu, ele escondera a profunda tristeza pelo único amigo e tomara conta de tudo, certificando-se de que Paolo era sepultado com o devido respeito no jazigo dos Rinardi.

A pequena Aria de seis anos apertara-lhe a mão com confiança quando o cortejo fúnebre largara pela lagoa enevoadá até à ilha fúnebre de San Michele e ele sentira como se estivessem ambos a partilhar a sua dor. Enquanto a guiava, a chorar, pela igreja, fora possuído por uma sensação avassaladora e possessiva de amor. Depois, mantivera a distância por causa de Francesca, mas assegurara-se sempre de que as despesas financeiras de Aria eram satisfeitas. Nas ocasiões desconfortáveis em que via a rapariga, ela parecia ter medo dele, escondendo-se nervosamente atrás de Fiametta, pelo que ele se perguntava o que lhe teria dito Francesca.

Tinham passado cinco anos desde que vira Aria quando Francesca lhe telefonou a pedir para ir ao Palazzo Rinardi e as fotografias do salão lhe mostraram que ela se tornara uma beleza, numa forma contemporânea e delicada – e, no entanto, havia algo do pai nela. Ele ouvira Francesca e apercebera-se surpreendido de que a preparava para o mercado de casamentos – para ser vendida ao que desse mais. É claro que sabia que

poderia ter-lhe simplesmente dado o dinheiro que ela queria e lavado as mãos naquela ocasião, porém, também sabia que não havia forma de satisfazer a ganância de uma mulher daquelas. Queria sempre mais – e ele tinha a certeza de que usaria Aria para consegui-lo.

Pensou na situação naquela noite, dizendo a si próprio que tinha dois bons motivos para casar com Aria. O primeiro era o facto de não poder deixar a filha do velho amigo Paolo ser humilhada por Francesca. O segundo era muito mais pessoal, um motivo que ele sabia ser benéfico para ela. No entanto, também havia um terceiro motivo. Aria era demasiado jovem para ser usada como isco de Francesca; precisava de tempo para crescer e fortalecer para maturar – tornar-se mulher. E, quando pensou na mulher em que Aria se tornaria, compreendeu de imediato que a queria com a mesma paixão possessiva que o fazia pagar milhões por um Rembrandt ou um Monet. Aria era a juventude e a inocência personificadas e, naquele momento, ele precisava dela.

Sentara-se toda a noite com uma garrafa de brande, tal como fazia agora, a olhar para a lareira sem chamas da sua casa solitária, pensando no velho amigo e preocupando-se com o que fazer, perguntando-se se Paolo aprovaria e lembrando-se daquela noite, há trinta e três anos, quando confessara a verdade sobre si próprio a Paolo.

Conhecera Paolo pela primeira vez num noite memorável no Teatro La Fenice, em Veneza, numa apresentação de *Norma*, cantada por Maria Callas. Carraldo permanecera no seu assento após o público entusiasta ter saído, ainda sob o feitiço dramático da cantora e, vendo que o seu vizinho também se conservava no lugar, igualmente apaixonado por «Norma», sugeriu que partilhassem uma garrafa de champanhe para celebrar.

Quando Paolo lhe contara sobre o seu grande interesse por poemas românticos, Carraldo convidara-o a ir ao seu apartamento para analisar a sua coleção de livros e manuscritos raros. Uma amizade baseada em interesses mútuos cresce rapidamente e eles passaram muitas noites juntos a discutir arte, música e poesia, continuando as conversas através de cartas quando Carraldo se encontrava numa das suas muitas casas ou fora em negócios.

Carraldo sabia que a família Rinardi era antiga, mas Paolo dissera-lhe que, após quatro séculos, o dinheiro da família estava a esgotar-se. Os seus

pais já tinham morrido e ele era um impraticável sem emenda, quando recebia a mesada, paga pelo fundo da família de três em três meses, gastava-a de imediato num furacão alegre de livros antigos, objetos de arte e bom vinho. Tinha uma linda voz ressonante e ouvi-lo declamar poemas em italiano ou recitar sonetos de Shakespeare em inglês, e Virgílio em latim, era como ouvir música. Ele achava-o fascinante e Paolo estava igualmente intrigado com o ar misterioso de Carraldo e com a sua inexplicável riqueza – só os quadros da sua casa valiam uma fortuna. Era uma atração de opostos. Gostavam da companhia um do outro e nunca faziam perguntas pessoais. Eram bons amigos.

Ocasionalmente, nas horas escuras antes do amanhecer, desfrutando de uma garrafa de brande, falavam dos seus sentimentos mais íntimos – de mulheres, amor... e sexo. E, numa noite, Carraldo apercebeu-se de que já não era capaz de viver com a sua consciência; devia contar-lhe a verdade ou acabar com a amizade. Era um momento decisivo, pois Paolo era o único homem de quem Carraldo se permitira aproximar e a única pessoa com quem baixava a guarda e expressava os seus sentimentos. Agora, arriscava perder o homem que amava como amigo e irmão verdadeiro. Sabia que não tinha hipótese. Paolo devia ser o juiz dessa amizade.

Encontravam-se os dois na sua *villa* de Portofino. Estava uma fria noite de outono e tinham passado o dia a velejar. Jantaram bem e depois, relaxados, estavam amigavelmente sentados em frente à lareira a beber um brande aromatizado quando Carraldo disse de repente:

– Tenho de te contar uma coisa.

O seu rosto estava pálido e os olhos escuros sérios e, percebendo que era importante, Paolo ouviu sem fazer perguntas enquanto Carraldo relatava a história da sua vida.

Disse que achava ter nascido no ano de 1937, apesar de não ter certeza da data porque todos os registos haviam sido destruídos. Nem sequer tinha a certeza de quem eram os seus pais, pois, desde que se lembrava, vivia com uma senhora chamada Antonella, num apartamento alugado, húmido e sem luz, em Nápoles. Lembrava-se de que nunca lhe chamava «Mama» – era sempre «Antonella», pelo que assumia que ela não era a sua mãe biológica, porém, devia ser de uma categoria superior em relação aos vizinhos, pois mantinha-o sempre limpo e bem vestido. E, por alguma razão, ela sempre lhe chamara «Antony» e não «Antonio», a versão italiana do nome.

Benito Mussolini e o fascismo já tinham assegurado o controlo e, assolada pela onda de entusiasmo histórico do líder alemão, Hitler, em abril de 1939, a Itália invadiu a Albânia. Alguns meses mais tarde, a Itália, agora aliada da Alemanha, entrou em guerra com os Aliados e depois com a Rússia.

À medida que a Segunda Grande Guerra destruía a Europa, a vida tornava-se cada vez mais difícil; não havia comida para todos porque os agricultores tinham sido enviados para a frente de combate, no entanto, para o jovem Antony, que não sabia melhor, tudo parecia bastante normal. O seu recreio eram as ruas sujas e cheias de lixo dos *bassi*; os amigos eram os filhos dos habitantes do edifício e ele aprendeu o dialeto e a linguagem grosseira daquele ambiente. Por volta dos cinco anos, tinha o vocabulário de um miúdo de rua e conhecia os caminhos labirínticos de becos e degraus entre os edifícios altos, que eram o território da sua casa, e conseguia reconhecer os donos dos apartamentos pelos quais passava através das roupas penduradas à janela.

Em setembro de 1943, sob o comando do tenente-coronel Mark Clark, o quinto exército dos Estados Unidos invadiu a costa oeste de Itália, em Salerno, e, quando a luta começou gradualmente a aproximar-se, Nápoles foi bombardeada constantemente. A cidade estava em ruínas, mas a vida quotidiana prosseguia. Numa manhã solarenga, no final de setembro, as forças americanas cercaram a cidade e, em minutos, todo o bloco de apartamentos onde Antony morava foi atingido, deixando escombros a arder e corpos para trás. Um desses corpos era o de Antonella. Antony escapara à morte só porque fora fazer um recado, ir à padaria comprar pão fresco para o almoço. Tinha seis anos, era muito magro, com grandes olhos castanhos e um espesso cabelo negro, e ficara sozinho nas ruas de Nápoles durante a guerra.

Nessa noite, descobriu que não estava realmente sozinho – havia outras crianças na mesma situação, dezenas delas – centenas, talvez. Ele ainda não era capaz de contar para além de vinte, pelo que não tinha a certeza de quantas eram, mas eram muitas. As outras crianças avisaram-no de que os soldados americanos vinham aí e o levariam se descobrissem que ele era órfão. Muitos já tinham sido levados pelas autoridades, diziam, e nunca

mais haviam sido vistos. No dia seguinte, a cidade caiu nas mãos dos Aliados e, aterrorizado pelos tanques, pelas armas e pelos estrangeiros que marchavam, Antony escondeu-se nas ruínas da cidade bombardeada, aprendendo com os outros a pedir esmola e comida – e a roubar. Roubavam tudo a que podiam deitar a mão – roupa lavada dos estendais que vendiam aos traficantes que depois a colocavam novamente no mercado; malas de velhotas e comida de vendedores e padeiros descuidados. Eram pequenos, espertos e de aparência inocente – quem suspeitaria de meninos tão pequenos? À noite, dormiam entre as ruínas, nos restos do que antes tinham sido colchões e cadeiras. Eram um grupo de vinte ou mais, unidos por um único objetivo – sobreviver.

Após um ano a esquivar-se às autoridades e a aprender a ser criminoso, Antony mal conseguia lembrar-se de outra forma de vida. Um dia, roubou um *kit* de limpeza para calçado debaixo do nariz do dono, que estava sentado num café a desfrutar de um copo de vinho e do almoço. Desta vez, não foi ter com o seu grupo à sede, nas ruínas, escondeu-se atrás de uma cortina de veludo poeirenta da sacristia de uma igreja local. Nessa noite, pensou muito sobre o seu próximo passo. Tinha sete anos e aprendera muito no ano que passara – era um ladrão rápido e competente, sabia onde se livrar de bens roubados e quanto custavam; sabia como roubar e como arranjar comida suficiente para sobreviver. E sabia o que significava estar sozinho. Com o *kit* de limpeza para calçado podia ter o seu próprio «negociozinho», ganhando dinheiro de modo honesto e não as poucas moedas que o grupo lhe dava. Significava abandonar os camaradas, mas era uma oportunidade que não podia desperdiçar.

Antony foi suficientemente esperto para ir de um *bassi* para outro, mais para oeste. A Itália estava cercada e, em pouco tempo, ele aprendera que um miúdo de rua magríssimo e de trapos, com uma história de órfão para contar, podia ganhar muito mais dinheiro a engraxar os sapatos dos jovens soldados americanos que se sentavam nos cafés das praças. Fazia um bom trabalho e eles punham-lhe frequentemente uma moeda extra na palma estendida, oferecendo-lhe chocolates e afagando-lhe o cabelo despenteado e sujo quando se iam embora. Mas Antony não se apercebia de que estava a ser observado.

Subia, confiante, os degraus do cimo do beco em direção às ruínas particulares que adotara como nova casa, quando o apanharam por trás.

Colocaram-lhe um braço em volta do pescoço e ele sentiu o frio do metal nas costelas quando o atacante o forçou a deitar-se no chão. Estava assustado mas não largaria o seu *kit* sem uma luta e, arqueando as costas, pôs-se de pé. Virando-se rapidamente, deu um pontapé na virilha do atacante. Com um grito de agonia, o rapaz caiu no chão, contudo, de imediato, outros dois tomaram o seu lugar, batendo-lhe e dando-lhe pontapés até ele escorrer sangue.

– Muito bem, miúdo, estás *pronto* para ouvir? – grunhiram eles.

Antony ficou espantado por eles ainda ali estarem e não terem simplesmente fugido com o seu *kit*, pelo que olhou para eles, desorientado, com olhos meio fechados e negros. Eram muito mais velhos do que ele, e muito maiores, pelo que sabia estar derrotado.

– Ouvir o quê? – respondeu. – Porque não levam simplesmente o *kit* e me deixam em paz?

– Não é isso que queremos – sussurrou o rapaz, colocando o pé enfiado numa pesada bota de soldado no peito de Antony. – Agora cala a boca e ouve.

Com os olhos fixos na bota perigosa, Antony fez o que lhe mandaram, ouvindo que devia trabalhar com o seu *kit* como de costume, mas que, de futuro, por cada lira que fizesse, metade devia ir para os seus novos sócios. Não havia alternativa quanto à questão – aqueles miúdos de catorze anos eram agora os seus patrões. Em troca, prometeram que a zona onde ele trabalhava, em redor da igreja, ficaria protegida... Mais nenhum engraxador poderia trabalhar ali. O raptor passou o polegar pelo fio da navalha, fazendo força com o pé no peito de Antony.

– De acordo? – perguntou ele, aproximando a faca.

Antony assentiu.

– Sim – gaguejou ele.

– Encontras-te connosco todas as tardes, às duas – ordenou o rapaz – e outra vez às onze da noite para fazeres os teus pagamentos. E não penses que nos podes enganar, serás vigiado. Se tentares fazer alguma coisa – ele passou a navalha pelo pescoço de Antony com um sorriso ameaçador –, sabes o que te espera. *Isto* foi só um aviso para que vejas que não estamos a brincar.

Enquanto eles desapareciam na noite, Antony esforçava-se por se pôr de pé. Limpou o sangue do rosto com um trapo sujo e, com o *kit* de limpeza

para calçado debaixo do braço, regressou, a coxear, ao seu refúgio. Demorou apenas um par de semanas a perceber que estava no lado mau do negócio – *ele* fazia o trabalho todo e *eles* lucravam. Eles usavam o *cérebro* – ele usava apenas as *mãos*! Pela primeira vez, compreendeu o que significava ser patrão – e prometeu a si próprio que, mais cedo do que tarde, era o que ele seria.

Uma noite, os seus sócios não apareceram para levar a sua parte e ele ouviu dizer que tinham sido apanhados na sua última tentativa de assalto pelos militares que tiravam jovens órfãos e criminosos das ruas. Estava novamente livre – e pronto para expandir o negócio.

O «lar» de Antony era adjacente a uma casa mortuária decrepita e, nas noites frias, ele partilhava a cama de palha do estábulo com o caduco par de cavalos negros que de certa forma – através da superstição e medo – tinham sobrevivido ao talho. Com plumas pretas nas cabeças, ainda puxavam a carruagem antiga até ao cemitério local. Apesar de os cavalos serem velhos e débeis, o negócio da funerária florescia e Antony observava a carruagem, seguida da tribo de pessoas enlutadas, tristes e vestidas de preto avançar lentamente pelas ruas em direção à igreja. Reparou que muitos dos idosos, sofrendo as privações da guerra, estavam a morrer, mas havia também muitos caixões de crianças. As doenças, numa Nápoles destruída pela guerra, corriam desenfreadas e continuava a não haver muita comida, acontecendo também muitos acidentes numa cidade recentemente mecanizada. Apenas os fortes sobreviviam.

As famílias dos mortos não planeavam os funerais – era uma questão do imediato e conveniente, a casa mortuária mais próxima de casa. Seria fácil arranjar negócio, pensou Antony, se o dono de uma casa mortuária se aproximasse e se oferecesse para lhes aliviar o fardo final da organização. Mas, obviamente, apenas o dono da casa funerária local ouvia falar dos mortos, e alguém tinha de arranjar a informação sobre quem estava a morrer, ou tinha morrido, para que ele pudesse levá-la rapidamente a uma casa funerária rival de modo a que eles pudessem reclamar o negócio. E se ele, Antony, pudesse ser essa pessoa, poderia exigir uma percentagem por cada funeral. Seria bastante fácil fazer o reconhecimento do bairro – toda a gente sabia sempre tudo sobre toda a gente, os vizinhos coscuvilhavam incessantemente no mercado, na padaria ou nas janelas das suas casas – porém a velocidade era essencial. Precisaria de ser *rápido* para que os seus

planos resultassem. *Precisaria de uma bicicleta.*

No dia seguinte, um jovem soldado americano, com calor e a suar na sua *T-shirt* caqui, pesadas calças de lã e botas, prendeu seguramente a sua bicicleta ao portão de ferro de uma passagem antes de entrar num bar em busca de uma cerveja fresca. Emergindo das sombras, Antony olhou cuidadosamente para os lados da rua vazia. Ajoelhando-se, experimentou um molho de chaves «trocadas» por um dia com um conhecido pelo seu *kit* de limpeza de calçado. Após seis tentativas, o cadeado abriu, ele montou a bicicleta e fugiu.

Fez o seu primeiro «negócio» com a casa mortuária da porta ao lado e pediu apenas cinco por cento. Correndo para cima e para baixo os becos degradados dos edifícios alugados na sua bicicleta, tornou-se perito na saúde dos habitantes dos *bassi*. O negócio era movimentado na casa funerária e depressa pôde vender o seu *kit* por uma bela soma – mais uma percentagem semanal do que ele fizesse – e expandir as suas atividades de modo a incluir uma segunda casa mortuária. O seu primeiro cliente subiu a percentagem para dez, temendo a concorrência, e foi então que Antony soube que a maré virara. *Era agora um patrão.*

Recrutou rapazes de outros *bassi* para trabalharem para ele até ter uma equipa de uma dúzia a cobrir a cidade. Num abrir e fechar de olhos, ganhava mais dinheiro do que o que podia gastar.

Com dez anos, Antony parecia um rapaz robusto de catorze, pelo que decidiu adicionar os convenientes quatro anos à sua idade. Vivia num apartamento sem pagar renda por cima da funerária, com uma mulher que o mantinha limpo e fazia refeições ocasionais, e uma quantia de dinheiro que conservava escondida sob as tábuas do chão. Quando fez catorze anos, e dizia ter dezoito, conseguiu comprar, através de um advogado, um apartamento de duas assoalhadas. Pagou-o em dinheiro.

Uma noite, regressava sozinho a casa quando um carro parou junto dele e de lá de dentro saíram dois homens. Sentiu o cano de uma pistola pressionar-lhe dolorosamente as costelas e soube que não se tratava de um simples assalto.

– Entra – ordenou o homem mais alto – e tem calma. Só te vamos levar ao encontro de alguém, é só isso.

Os olhos dele foram vendados e pareciam estar a conduzir em círculos antes de o carro finalmente guinchar e parar. Antony subiu

desajeitadamente alguns degraus entre os raptores e só quando uma voz suave lhes deu permissão é que removeram a venda.

Estava numa sala opulenta, iluminada apenas por um candeeiro, que não sabia que existia. O seu apartamento inteiro teria cabido num canto daquele sala sumptuosa. As paredes tinham painéis do chão ao teto e carpetes pálidas suaves espalhavam-se pelo chão de carvalho polido. Havia muitos sofás e cadeiras forradas a seda, pequenas mesas com jarras de flores perfumadas e um tronco que ardia na lareira enorme. Um homem pequeno e sombrio, com o rosto sulcado devido à idade, estava sentado numa cadeira de costas altas perto da lareira, a observá-lo enquanto ele olhava, boquiaberto, para os lindos quadros que adornavam as paredes.

– Gostas deles, não gostas? – perguntou o velhote numa voz trémula. – O que está à tua esquerda é um Ghirlandaio. O nu que admiras é Ticiano. O que está à tua esquerda é um Veronese... E, na parede oposta, os meus Canaletto preferidos. – Sacudiu o cigarro para que as cinzas caíssem num cinzeiro. – São todos roubados, claro, não por mim, pelo exército do *Führer*. – Encolheu os ombros. – Se eu os desse, provavelmente acabariam no armazém de um museu qualquer. Acho que são mais apreciados aqui.

Antony olhava para ele, encantado.

– O que quer de mim? – perguntou por fim. – Onde estou?

– Há algum tempo que te observo, Carraldo. És um jovem muito empreendedor. Ouvi dizer que, apesar de reclamares o contrário, ainda só tens catorze anos, não é assim?

Antony olhou-o zangado; o que interessava a idade dele àquele homem se não era da polícia? Claro que não era... Aquele homem era rico, tinha poder. *De repente, percebeu quem era aquele homem...* Já ouvira o seu nome ser mencionado por vozes impressionadas e com um pouco de medo. As pernas falharam-lhe e agarrou-se às costas de uma cadeira com as mãos a tremer. Contudo, a raiva rapidamente ultrapassou o seu medo.

– Quer prejudicar o meu negócio – disse ele sem emoção –, é por isso que estou aqui, não é? Para o senhor mo tirar... Trabalhei muito por tudo o que tenho, *signore*, e maldito seja eu se lho entregar... Pode fazer o que quiser, bater-me, *matar-me*... Nunca o darei, *nunca*!

O seu rosto estava roxo de raiva, mas o homem sorriu serenamente.

– Acalma-te, Carraldo – disse-lhe, acendendo um novo cigarro –, estamos aqui para discutir o assunto como cavalheiros. O teu negócio dá-te uma boa

rede de segurança, e eu sei *exatamente* quanto. É claro que to poderíamos ter tirado facilmente, se quiséssemos, *sabes como as coisas são feitas*. Mas receio que seja demasiado trivial incomodar-nos com isso. – Ele encolheu os ombros, sacudindo as cinzas do cigarro e Antony olhava-o com os olhos muito abertos e já sem raiva. Agora tinha medo. Sabia o que o homem quisera dizer, mas ainda não fazia ideia por que razão se encontrava ali.

– Senta-te aqui ao meu lado, Carraldo – disse ele, indicando um sofá de brocado pálido. – Não tenho dúvidas de que ouviste certas coisas a meu respeito, sobre os meus negócios e os meus métodos. – Antony assentiu. – Então, tudo o que posso dizer é que não debes acreditar em *tudo* o que ouves. Estás aqui, Carraldo, porque preciso de um jovem rapaz como tu a meu lado. Oh, há imensos rufias e idiotas sem cérebro disponíveis para trabalhos mais... mundanos, e adorariam receber o que te vou oferecer a ti. Mas não há muitos *cérebros*, Carraldo, não há muitos jovens com cabeça, que sejam capazes de tomar decisões, capazes de liderar. Penso que, com treino, *tu* podes ter essa capacidade. Estás sozinho no mundo e eu gosto disso, sem laços familiares nem ligações. Eu não tenho filhos, Antony Carraldo – continuou ele, apagando o cigarro meio fumado – e ando à procura de um herdeiro para o meu... império. – As suas sobrancelhas grisalhas ergueram-se na testa enrugada quando o olhou. – Então, rapaz? O que dizes?

Antony engoliu em seco, nervoso.

– Não sei nada sobre o seu negócio – murmurou ele. – Só sei o que faço... Nunca andei na escola... Não percebo nada de quadros. Aqueles nomes que mencionou não significam nada para mim. Nunca estive numa sala como esta, vivo na rua desde os seis anos. O que pode querer de alguém como eu? Pode arranjar um homem educado, alguém que saiba como se comportar. Não tenho nada para lhe oferecer a si ou ao seu negócio.

– É precisamente aí onde quero chegar, Carraldo. Emprego gente licenciada, contabilistas e advogados para o meu negócio. Tenho estado a observar-te de perto. *Conheço-te*. És jovem, podes ser ensinado, podes aprender... *mas não há escola que ensine o que as ruas dos bassi te ensinaram*. Um dia, o meu negócio precisará de *ti*, Antony Carraldo. E as recompensas serão grandes, maiores do que alguma vez sonhaste.

Antony passou as mãos perplexas pelo tapete de cabelo escuro. Estavam a oferecer-lhe o mundo numa bandeja... Mas ele sabia qual era o negócio

daquele homem, sabia que era um dos líderes de uma rede criminosa que assolava Itália. Era um homem assustador – e, ainda assim, o que oferecia era muito tentador... Riqueza... Posição... *Poder*. Mas, o que lhe pediria em troca?

– Nunca matarei um homem por dinheiro – afirmou ele, empurrando a cadeira para trás, com desdém.

– Meu caro Carraldo, nunca ninguém te *pedirá* para matares alguém – respondeu o homem com um sorriso conhecedor. – Esqueces-te de que serás *tu* a dar as ordens.

Antony assentiu, concordando. Compreendia.

– O que me vai acontecer agora?

O homem recostou-se na cadeira de brocado, a sorrir.

– Fizeste uma escolha sensata. Esta noite mudas-te para aqui, o teu quarto já está pronto. Amanhã chega um tutor de Inglaterra e começarás a tua educação.

– Mas o meu apartamento, as minhas coisas...

– Não precisarás de nada do passado. O teu apartamento será vendido e o dinheiro colocado numa nova conta bancária. Não receberás *nada* até que a tua educação esteja terminada e eu esteja satisfeito.

Antony olhava para ele cheio de dúvidas; estava a fazer um pacto com o diabo – e se falhasse? Tremeu ao pensar no que podia acontecer. Contudo, a atração daquele derradeiro poder era muito forte...

– Mais uma coisa antes de te retirares para o teu quarto. – A voz do homem era quase estridente na sua frieza, enquanto acendia outro cigarro. – És um rapaz jovem, acabaste de fazer catorze anos, no entanto já se fala muito das tuas preferências sexuais... e inclinações. De agora em diante, vais controlar as tuas necessidades. Não trarás escândalo nenhum à minha Família. – Virando-se, pegou num livro, abriu-o na página com um marcador de prata. – Podes ir agora – disse ele friamente.

Antony sabia que se vendera a uma estranha forma de escravatura, mas deu consigo ansioso por aprender. Devorava os livros que o tutor lhe dava, esgotando-o por não querer ir-se embora quando as lições terminavam. A matemática era muito fácil para ele, praticava-a desde os seis anos. Porém, agora, o mundo abria-se-lhe geograficamente e o passado tornava-se realidade através das brilhantes aulas de História. E a beleza da palavra escrita, da música e da arte estendiam-lhe novas avenidas de conhecimento

e prazer. Quando não estava a estudar, passava o tempo na biblioteca do homem, descobrindo com deleite volumes raros, uns atrás dos outros. Retirando-os com cuidado das prateleiras, maravilhava-se com a sua idade e páginas frágeis e iluminadas. Tocava nas suaves capas de pele com dedos sensíveis, imaginando o encadernador a criar aquelas obras de arte de forma a durarem séculos. Estudava os quadros dos mestres que adornavam todas as salas da mansão, aprendendo sobre as qualidades e técnicas de cada artista e depressa formou opiniões determinadas sobre os que gostava e porquê.

Impecavelmente vestido com calças cinzentas e uma camisa azul com uma gravata simples de seda azul e um *blazer* de botões dourados, jantava todas as noites com o homem. Apesar de ele o tratar pelo nome, Antony pensava sempre nele como «o homem», como se, subconscientemente, quisesse manter a sua identidade secreta. O homem questionava-o sempre muito astutamente sobre as suas lições diárias, assentindo, agradado, quando ele respondia de forma rápida e inteligente. Decidiu que Antony não fazia suficiente atividade física e que devia começar a receber lições de ténis, natação e esgrima. Antony preferia a esgrima. Envergando um uniforme branco, usando uma máscara e brandindo uma espada sentia-se como o Douglas Fairbanks num dos filmes antigos que o homem gostava de ver várias vezes por semana no seu pequeno cinema da cave.

Ficou surpreendido com a facilidade de mergulhar numa vida de luxo, onde as coisas são sempre feitas por outras pessoas. A mansão e os seus terrenos eram imaculadamente mantidos por um silencioso bando de empregados e jardineiros; as suas roupas era lavadas e passadas a ferro; o pequeno-almoço era-lhe trazido para a sala de aulas onde ele já se encontrava a estudar às seis da manhã, e onde também almoçava. O jantar era sempre com o homem, maravilhosamente servido por um empregado de luvas brancas e sempre com o melhor vinho cuja excelência e características o homem se esforçava por lhe explicar. É claro que havia um preço a pagar. Os lindos jardins estavam rodeados de muros altos e patrulhados por guardas armados com cães pretos e agressivos. Havia mais guardas no portão e em cada porta. Existiam sistemas de alarme e holofotes. A mansão mantivera o homem prisioneiro durante quase meio século. Contudo, também havia uma constante ida e vinda de pessoas, algumas de aspeto oficial, outras sinistras, e outras humildes dos *bassi*. O homem recebia

todas.

Era uma vida solitária para um jovem, claro, Antony estava habituado. Mas era rica e interessante e ele desejava que continuasse para sempre, a não ser numa coisa. No sexo. Ou na falta dele. A vida nas ruas de Nápoles não permitira que o sexo fosse um assunto privado e ele observara o primeiro ato sexual numa passagem escura, com apenas seis anos. Alguns dos rapazes mais velhos tinham-se oferecido para fazer sexo com homens adultos a troco de dinheiro, e outros pareciam ter encontros sexuais frequentes que descreviam graficamente e com grandes pormenores exagerados. Antony ouvira-os falar sobre como era e quão bom era o sexo, e sentira os movimentos das suas próprias partes privadas. Aos treze anos, parecendo ter dezassete, fora a um apartamento onde ouvira que um velhote estava a morrer, esperando chegar lá primeiro para vender o funeral. A mulher que abrira a porta era jovem, com vinte e três ou vinte e quatro anos, de peito grande e ancas largas. O seu cabelo escuro ondulado batia-lhe nos ombros e, ao abrir a porta, olhou para ele com ar suspeito, fechando o roupão de seda barato no peito. Com um esforço, Antony desviou os olhos do peito dela e explicou que ouvira dizer que ela precisava de um funeral.

– Oh, sim, ele está mesmo a morrer. *Graças a Deus!* – exclamou ela. Depois, olhando para ele, acrescentou. – É melhor entrares para discutirmos as coisas.

Ela sentou-se ao lado dele num sofá de veludo gasto. Através de uma porta entreaberta no lado oposto, Antony viu um homem deitado na cama, com o rosto cinzento pálido virado na direção deles.

– Não sei como ele está a aguentar – comentou ela, olhando indiferente para o outro lado da sala –, o médico disse que devia ter morrido há uma semana. É velho, já teve o seu tempo... Está na altura de ir ter com o criador e deixar o caminho livre para um homem mais novo. – Ela olhou-o, pensativa, depois foi à cozinha e voltou com uma garrafa de vinho tinto aberta.

– Quantos anos tem o seu pai? – perguntou educadamente Antony.

– *O meu pai?* – exclamou ela com um riso de gozo. – *Este* não é o meu pai! É o meu *marido!* – Enchendo dois copos, passou-lhe um. Quando se encostou para a frente, o roupão abriu na zona do peito e Antony bebericou rapidamente o vinho, apertando desesperadamente os joelhos quando se sentiu endurecer. Os seios dela eram como duas peras pesadas e a pele de

azeitona parecia suave, os mamilos escuros e bicudos.

– Bebe mais – disse ela, voltando a encher-lhe o copo –, depois podes dizer-me o que estás a fazer aqui. – A mão cheiinha pousou deliberadamente na coxa dele quando ela se chegou para a frente, olhando-o nos olhos sem ter intenção de se tapar. Esvaziando o copo, disse, asperamente: – Fazes ideia do que é fazer amor com um homem *velho*? Tregar para a sua cama à noite e ter as suas mãos frias a rastejar sobre ti enquanto ele remexe para conseguir o seu próprio prazer? Consegues imaginar o que é *isso*? – Ela olhou cruelmente para a porta entreaberta. – Beijar-te com a baba a escorrer pela boca? Deus... – murmurou ela, com as mãos subitamente a passarem pelo corpo de Antony. – Tu não sabes como *esperei* que ele morresse, como *esperei* para que carne quente e fresca se juntasse à minha. – Antony pôs a mão no seio dela e ela tremeu. – Ohhh, Deus – gemeu ela –, só quero que façam amor comigo da maneira como uma mulher gosta... Há algo de errado nisso?

O roupão dela deslizou-lhe dos ombros quando se deitou de costas no sofá, puxando Antony para cima de si. Automaticamente, ele enterrou a cabeça nos seios dela e foi como se, de súbito, se transformasse noutra pessoa. Sentia-se forte, poderoso, como se possuísse todas as mulheres do mundo. A mulher voltou a gemer de prazer quando viu a ereção dele. Quando entrou nela, Antony pensou ouvir um choro silencioso vindo do quarto com a porta entreaberta e, virando a cabeça, viu os olhos do velhote fixos neles.

– Mais – implorou ela –, com mais força, mais força... Vá lá, *magoa-me*...

Ele deu-lhe com força, aumentando o ritmo, mordendo-lhe os mamilos enquanto as unhas dela lhe passavam pelas costas. Apesar de ser a sua primeira vez, ele esgotou-a, dando-se ao luxo de ejacular apenas quando ela lhe pediu para parar.

Antony vestiu-se depressa. Ainda zombeteiramente nua, ela atravessou a sala em direção ao quarto e olhou para o velhote.

– Bom, isto finalmente bastou – disse ela numa voz gelada. – O velho filha da mãe morreu. – O seu riso estridente seguiu Antony pela porta e escadas abaixo, quando ele fugira para uma rua familiar.

Depois da primeira vez, fora muito mais fácil encontrar sexo – estava à venda em todas as esquinas ou acontecia num primeiro encontro. De súbito,

parecia a Antony que o mundo todo girava em redor do sexo. Tinha-o obviamente absorvido e depressa descobriu as festas onde o sexo era o nome do jogo. E descobrira que gostava com duas raparigas... ou até três... e que aquela primeira vez marcara-o bem... Gostava de agressividade... Queria ouvi-las gemer tanto de dor como de prazer, implorar-lhe por misericórdia... Queria o derradeiro poder sobre elas. Era o seu mestre e elas eram as suas escravas.

Agora, na *villa*, tinha de se manter celibatário e dirigir os pensamentos para a aprendizagem. Estranhamente, passado algum tempo, começou a gostar da autodisciplina. Sentia-se como uma freira noviça e simplesmente dirigia a energia para jogos vorazes de *squash*, natação e esgrima.

Não havia dúvidas de que o homem gostava cada vez mais dele. Quando Antony se queixou de fortes dores no barriga, o homem chamou logo o médico e, quando lhe foi diagnosticada uma apendicite, foi pessoalmente ao hospital com ele num grande *Mercedes* preto conduzido por um motorista, com uma escolta de batedores e sirenes. Permaneceu no hospital durante a operação, deixando um monte de cigarros meio fumados no cinzeiro da sala de espera privada. Quando Antony saiu da sala de operações, o homem certificou-se de que ele já não corria perigo antes de se ir embora. Regressou mais tarde nessa noite com enormes cestos de flores e fruta e uma caixa de livros que ele próprio selecionara, pensando serem do agrado de Antony.

Depois disso, começou a ficar com Antony mais tempo durante o dia e, gradualmente, começou a ensiná-lo sobre o seu negócio, explicando-lhe como estava estruturado e quais eram as suas áreas específicas. Quando Antony fez legitimamente vinte e um anos, e ainda reclamava mais quatro, conhecia todos os segredos do homem e sabia o que esperariam dele enquanto herdeiro.

Dois meses mais tarde, o homem teve o seu primeiro enfarte. Não foi fatal, mas confinou-o a uma cadeira de rodas. Pareceu repentinamente fragilizado e Antony apercebeu-se de que gostava muito dele. O homem tirara-o das ruas cruéis da cidade e fizera dele um ser civilizado; educara-o e certificou-se de que se tornava culto e sabedor. Mas, quando Antony rezava para que ele não morresse, não era só porque se preocupava, mas também porque não queria substituir o homem como chefe do «negócio».

Uma noite, estavam ambos calmamente sentados a ler depois do jantar,

quando Antony fechou o livro e deus as boas-noites. Sentia-se cansado e queria ir cedo para a cama.

– Não me deixes ainda, filho – disse o homem na sua voz trémula e fraca.

– Claro que não, senhor. – Antony voltou a sentar-se ao lado dele. – Posso trazer-lhe alguma coisa? Qualquer coisa que queira?

– Está ali um documento. – Ele apontou com a cabeça para a mesa de mármore redonda junto à janela. – Traz-mo, sim? – Antony foi buscá-lo. – Agora, lê-o – disse calmamente o homem – e diz-me o que achas.

Antony leu o Documento de Adoção Formal. *O homem queria que ele se tornasse seu filho legal.* Ele olhou para o papel, não querendo olhar para os olhos ansiosos do homem. Sempre imaginara que caso não suportasse mais aquela vida e não quisesse assumir o lugar do homem na «Família», descobriria uma forma de se ir embora. Deixaria aquela casa, Itália, encontraria uma nova vida. Contudo, se assinasse aquele documento, tornar-se-ia no filho legítimo do homem. E não haveria escapatória possível.

– É a única forma, sabes? – disse o homem. – Se fores meu filho – ergueu o braço tenso para apontar para a sala, a casa, os quadros e as obras de arte –, tudo isto será teu. – Suspirou, cansado. – Há outros à espera, como tubarões, para se apoderarem de tudo quando eu já cá não estiver. Não podemos deixar que isso aconteça, Antony, pois não? A minha coleção... Tantos tesouros... Tanta beleza... Para eles só importa o valor monetário. Mas eu sei que *tu* amarás tudo como eu amei. *Tu és verdadeiramente meu filho.*

Antony assinou o documento com uma mão trémula, chocado com o olhar de pura felicidade nos olhos do homem quando lho entregou.

– Eu disse uma vez que esperava que não te arrependesses de te juntares a mim – recordou calmamente o homem – e agora posso assegurar-te que não te arrependerás.

Dois meses depois, o homem sofreu um segundo e poderoso enfarte que o matou em poucos minutos. E Antony deu consigo a tornar-se mestre e dono de todos os que ele supervisionava. E o novo chefe da «Família».

O funeral foi realizado com uma pompa discreta e assistiram apenas Antony, os «executivos» de topo do homem e uma dúzia de homens silenciosos, de luto e olhos sombrios que lhe eram completamente

desconhecidos. Após a cerimónia, disseram-lhe de modo cortês que era altura de falarem de negócios. Ocultando os seus nervos, Antony ouviu-os enquanto eles lhe resumiam o papel que esperavam que ele cumprisse. Devido à sua inexperiência, disseram eles, suavemente, acharia difícil gerir um negócio tão complexo. Propuseram-lhe ajudá-lo tratando de várias «situações»; seria muito melhor para todos se os deixasse tratar daquelas várias situações... Não haveria problemas, nem lutas... A fortuna pessoal do homem era um direito de Antony, disseram; mas, claro, os quadros e as obras de arte nunca tinham realmente *pertencido* ao homem e seriam agora incorporadas ao negócio.

Antony olhava para eles com desprezo. Tinham cometido o erro de tomá-lo por tolo e fervia de raiva contida – não por ele próprio, mas pelo homem. Estavam simplesmente a dividir o negócio em pedaços hábeis – uma parte para cada um e as migalhas para ele. Ele contraiu-se, esperando que dissessem o que queriam até o silêncio assolar finalmente a sala imponente, pelo que o olharam, expectantes, à espera de uma resposta.

Era irónico, pensou ele, que o que lhe ofereciam era a saída que ele sempre achara querer. Mas, agora, sabia que não podia aceitá-la – não por desejar ser o «Padrinho» da Família, mas porque não podia desiludir o homem que o transformara de miúdo de rua rude em ser humano civilizado, alguém que podia tomar o seu lugar junto dos seus pares intelectuais, no que Antony sempre pensara ser «o mundo real». Ele sabia que aqueles sorridentes barões do crime não pertenciam à liga do homem, e também sabia que aquilo era um teste de lealdade que o homem previra quando fizera dele o seu herdeiro.

Mantendo a voz baixa, agradeceu-lhes as ofertas e disse-lhes que não precisava de ajuda e que não havia motivo nenhum para renunciar à sua parte da herança. Antes que pudessem responder, ele acrescentou.

– Acho que devem ter em mente, senhores, que eu fui treinado para tomar conta do negócio, e muito bem treinado. A minha Família é leal e fará o que eu mandar. Acho que vão aperceber-se de que as coisas serão tão eficientes como quando o meu pai era vivo. – Foi a primeira e última vez que ele chamou o homem de «pai», pelo que se emocionou ao proferir a palavra, desejando ter sido capaz de a dizer antes de ele morrer. – Quanto aos quadros e às obras de arte – prosseguiu –, faziam parte da coleção pessoal do meu pai. Foi seu desejo específico que se mantivesse intacta. Prometi-lhe

que garantia que o seu desejo era cumprido.

Cada um dos homens abraçou-o à medida que saía da sala, oferecendo condolências e boa sorte para o seu sucesso, contudo, Antony sabia que não seria a última vez que ouviria falar deles. Também sabia que não podia permitir-se tornar-se um prisioneiro na sua própria mansão, como o homem tinha feito. Preferia morrer. O homem era velho, já vivera a sua vida quando a armadilha fechara, mas Antony ainda era novo. Tencionava cumprir a sua promessa ao homem, mas também viver a sua vida, sem guardas nem armas. Sabia que teria de ganhar essa liberdade e o respeito das outras Famílias.

Uma semana depois, conduzia o grande *Mercedes* preto do homem pela estrada costeira quando reparou, através do espelho retrovisor, que estava a ser seguido por uma carrinha carregada de vegetais. A estrada era estreita, caindo, inclinada, pelo enorme penhasco até ao mar e a carrinha aproximava-se depressa, forçando-o deliberadamente a escorregar. Não havia dúvidas de que quem quer que estivesse a conduzir a carrinha o queria matar. Instintivamente, pressionou o acelerador e, quando a carrinha o atingiu de lado, o poderoso carro impulsionou-se para a frente, com os pneus a chiarem enquanto ele se desviava através da estrada estreita. A carrinha parou de repente e, colocando o *Mercedes* em marcha-atrás, deu a volta depressa, voltando para trás no caminho que seguira. Acelerou e embateu contra a carrinha, fazendo-a bater contra a barreira e cair do penhasco. Puxou o travão de mão e deixou-se ficar sentado por um momento, a suar em bica e com o corpo todo a tremer. Depois, limpando a testa com um lenço, saiu do carro e espreitou lá para baixo. O mar cor de esmeralda fervilhava no sopé do penhasco selvagem e de um castanho-avermelhado, com apenas uma ou duas caixas de beringelas a darem à superfície. Sabia agora que não perdera a reação de menino de rua de atingir antes de ser atingido e de bater com força. Ser o vencedor – ou não sobreviver. De futuro, encararia a vida segundo aquele conceito.

Na semana que se seguiu houve um incêndio na *villa*. Só o facto de Antony estar com dificuldade em adormecer e ter ido à biblioteca procurar uma bebida e algo para ler salvara o edifício – e a sua vida. Salvou o Ticiano e o Veronese, porém, entre outras posses, perdeu o Ghirlandaio e os Canaletto preferidos do homem e sentiu-se mal por tê-lo desiludido.

Depois, uma noite, foi sozinho ao teatro, pedindo ao motorista para ir

buscá-lo a seguir. De repente, decidiu que não suportava a solidão da *villa* mais uma noite. Precisava de vida... mulheres... *sexo*. Enviando o motorista para casa, desapareceu nos *bassi* em busca dos seus prazeres particulares. Quando apareceu, passados dois dias, com um aspeto pálido e grandes olheiras, soube que o carro fora encontrado no fundo de uma estrada, crivado de balas. O motorista morrerá. Foi então que percebeu que aquilo era guerra. Conhecia os seus inimigos – e era ele ou eles.

O velho instinto de sobrevivência, aprendido na infância nas ruínas de Nápoles, dera-lhe força quando reunira os seus executivos e fizera os seus planos sem dó nem piedade. Dentro de poucos meses, cada um dos homens que assistira ao funeral do homem encontrara o caminho da sua própria sepultura. E, daí em diante, ninguém questionava a capacidade de Antony Carraldo para herdar o império do homem. Com um sorriso amarelo, lembrou-se da primeira noite em que o homem o chamara e ele dissera com desdém:

– Nunca matarei um homem por dinheiro.

– Nunca ninguém te *pedirá* para matares alguém – respondera o homem com um sorriso conhecedor. – Esqueces-te de que serás *tu* a dar as ordens.

E Antony soube que, se precisasse, voltaria a dar as mesmas ordens. Contudo, ganhara a sua liberdade.

Naquela altura, estava tão imerso no negócio que não havia volta a dar. Era um administrador soberbo, mas detestava o que fazia. Ver enormes quantias de dinheiro a amontoarem-se constantemente nos bancos internacionais nunca lhe dera o tipo de prazer que a pequena pilha de notas escondida sob as tábuas do chão do seu primeiro apartamento lhe dera. Procurava diversão nos seus dois grandes e verdadeiros amores, a música e a arte. Ia frequentemente à ópera e assombrava as galerias, fazendo viagens a exposições especiais, a vendedores e comprando astutamente. Estava num leilão da Sotheby's, em Londres, quando começou a conversar com um velhote de ar aristocrático e, enquanto tomavam uma bebida no clube dele, dissera a Antony que ainda tinha uma quantidade enorme de quadros, apesar de ter sido forçado a vender os antigos mestres, há muitos anos. Impressionado com o conhecimento de Carraldo, o velhote convidou-o a passar o fim de semana na sua casa de campo para que ele pudesse ver os

quadros pessoalmente.

Havia imensos espaços vazios pálidos nas paredes, onde tinham estado os antigos mestres, contudo, à medida que atravessavam os corredores infundáveis e passavam por salas frias e com eco, Carraldo encontrou vários quadros de grande charme e valor decorativo. Ofereceu a Lorde Beston um preço justo por eles, o qual aceitou de imediato.

Em seguida, enquanto bebiam um copo de uísque na biblioteca para celebrar o negócio e aquecer os ossos depois da visita à mansão não aquecida, Carraldo reparou num par de pequenos quadros meio escondidos num canto escuro. Um enorme armário tapava-os da vista, mas ele reconheceu-os logo como raros Canaletto, pintados durante a estada do artista em Londres. Disse a Lorde Beston que tinha a certeza que eram autênticos e muito valiosos e, depois, ofereceu-lhe dez por cento mais do que sabia que fariam num leilão, tendo consciência de que podia revendê-los imediatamente com um lucro de trinta por cento. Aconselhando-o a verificar com outro comerciante de arte antes de aceitar a oferta para ter a certeza de que não era enganado, Carraldo regressou a Londres. Os dois quadros foram entregues por Lorde Beston no seu hotel no dia seguinte e, entusiasmado com a emoção do seu primeiro grande achado, Carraldo sentiu que não só justificara a fé que o homem depositara nele, como também descobrira o seu verdadeiro propósito de vida.

Milão era uma rica cidade industrial não célebre como centro de arte internacional, razão pela qual ele decidira abrir a sua galeria ali. Seria o primeiro. Comprando um estabelecimento numa rua discreta e elegante, redecorou o interior para criar uma grandiosa galeria moderna. Era dividida em duas secções – uma para os quadros do passado e outra para os novos jovens artistas que ele descobria, e cujas carreiras patrocinava em troca de representar o seu trabalho. Aprendera bem as suas lições e, com o seu olho conhecedor e uma sensação intuitiva para o que era bom, atraiu rapidamente a atenção de colecionadores, que o encarregavam de encontrar trabalhos feitos pelos artistas específicos por quem estavam interessados. A Carraldo Gallery foi um sucesso e um ano mais tarde abriu uma segunda galeria em Paris. Em dois anos, o nome «Carraldo» rivalizava com os grandes do mundo de arte internacional em Nova Iorque, Londres e Paris.

Viajava constantemente, procurando tesouros escondidos, há muito perdidos nos poeirentos palácios e mansões antigos; e passava semanas a

vaguear alegremente através dos estúdios surrados e temporários de jovens artistas esfomeados com a esperança de encontrar um com o génio extraordinário, especial e fervente. E, nessas raras ocasiões em que encontrava um talento assim, era mais valioso para ele do que qualquer outra coisa no mundo.

Contudo, num determinado dia de cada mês, regressava religiosamente a Nápoles. No início passava lá muito tempo, dez dias ou pelo menos uma semana, mas, à medida que controlava gradualmente o negócio da Família, foi possível delegar mais nos seus executivos – embora não tanto que lhes desse muito poder. O homem ensinara-o bem. Mas havia três homens – e apenas três – que sabiam como contactá-lo a qualquer hora – em qualquer lugar do mundo.

O fogo extinguiu-se e só as brasas já acinzentadas permaneciam na enorme lareira enquanto Carraldo bebia as últimas gotas de brande e olhava para o amigo. Paolo tinha simplesmente ouvido a história dele em silêncio e agora Carraldo reparava que a sua mão estava tão apertada à volta do copo que era um milagre ele não partir.

– Durante anos – dissera Carraldo –, guinei entre duas vidas diferentes, mudando de uma *persona* para outra, entre Nápoles e Milão. Mas houve uma coisa que o homem nunca conseguiu mudar em mim. A minha necessidade de *sexo*. *O sexo tem dominado a minha vida!* Às vezes, penso que pertenço mais ao meu corpo e às suas necessidades do que ao «negócio» do homem. – Encolheu os ombros. – É claro que tento manter os meus casos amorosos discretos, mas tenho noção de que correm boatos. Por isso, Paolo, vêes agora porque nunca me poderei dar ao luxo de ter uma relação próxima com uma mulher. Nunca lhe poderia contar *nenhum* dos meus segredos. O homem avisou-me uma vez para nunca me apaixonar. «Destruir-te-á», disse ele, «como quase me destruiu a mim.» O *amor* nunca fez parte da minha vida.

Avançara até à lareira, dando pontapés nos troncos mortos na grelha.

– Mais uma coisa – disse ele, finalmente –, eu era o «bom filho», não o filho pródigo da parábola. O negócio tem agora muitos mais milhões, espalhados por bancos de todo o mundo, do que quando o homem morreu. – Fez uma pausa, os seus olhos sombrios fixaram-se no rosto de Paolo. – Mas

juro que nunca toquei num cêntimo. Considerei a fortuna pessoal que o homem me deixou uma herança passada de pai para filho. Usei-a para financiar as minhas galerias e o meu negócio de arte. Sou um homem muito rico, Paolo. *Mas nada do que possuo, as casas, os carros, os barcos, os tesouros, tocou no negócio.*

Pousando um braço na cornija da lareira, olhou para o fogo extinto com receio de olhar para Paolo, com receio do que ele poderia dizer... Não suportava ouvir.

– Por favor, não te inibas se te quiseses ir embora – dissera ele, gaguejando as palavras. – Não tenho o direito de pedir a tua amizade.

Paolo caminhou para junto dele e colocou um braço em redor dos seus ombros.

– Meu caro Antony – disse suavemente –, quando um homem tem a coragem de mostrar a alma a outro, é sinal de verdadeira amizade. Fico muito contente por teres sentido que me podias contar esta história.

Carraldo sentira a tensão a abandonar-lhe o corpo, como uma mola apertada a relaxar. Tinha a noção de que as lágrimas lhe escorriam pela face mas não conseguia pará-las.

– Estive toda a vida sozinho – referiu ele emocionado. – Quando te conheci foi como encontrar o meu irmão.

– E será sempre assim – assegurou-lhe Paolo. – Só sei que és Antony Carraldo, o meu amigo.

Nunca nenhum dos dois voltou a mencionar aquela noite, nem aquela conversa.

Carraldo suspirou profundamente, olhando para a lareira apagada e fria, tal como fizera quando estivera com Paolo. Mas Paolo morrera há muitos anos. Era o passado e Aria era o futuro.

A lista dos reclamantes de Lieber da fortuna de Poppy Mallory encontrava-se na mesa junto à janela e, servindo-se de outro copo do melhor brande, voltou a olhar para o nome «Orlando Messenger». Não se apercebera quando se oferecera para o ajudar que também ele andava atrás do dinheiro de Poppy, apesar de a sua história parecer mais rebuscada do que as dos outros – à exceção da de Lauren Hunter. Sentira uma onda de desespero em Orlando sobre o desperdício do seu talento, pelo que,

impulsivamente, decidira dar-lhe uma oportunidade. É claro que ainda não conhecia suficientemente o seu verdadeiro trabalho para patrociná-lo; Orlando teria de provar o seu valor antes de esperar uma ajuda financeira séria.

Olhando pela janela para a noite vazia de Londres, Carraldo pensou que não faria muita diferença que tanto Orlando como Aria reclamassem o património – contudo, Francesca ficaria furiosa quando soubesse. Sorriu com ferocidade perante o pensamento. Esperava que Orlando ficasse com o dinheiro; esperava que Pierluigi ficasse com o dinheiro; qualquer um – menos Aria.

Claudia espreguiçou-se languidamente, olhando para o bonito relógio de mesa dourado e lápis-lazúli da *Cartier*, um dos poucos ornamentos que tinham restado do seu casamento. Eram dez e meia da manhã, o telefone tocava e ela ficou muito aborrecida. Os seus amigos sabiam que nunca lhe podiam ligar antes das onze; precisava do seu sono de beleza, principalmente agora que estava a ficar mais velha.

Suspirando exasperadamente, colocou uma pequeníssima almofada de seda em cima do telefone, enterrando a cabeça entre as cobertas... Devia ter-se esquecido de ligar o atendedor de chamadas na noite anterior! Quem quer que estivesse a ligar era muito persistente, e não era nenhum dos seus amigos, pois conheciam muito bem a sua rotina – por isso, só podia ser alguém a exigir-lhe dinheiro. Filisteus.

O toque acabou finalmente por parar e ela suspirou de alívio. Espreguiçou-se luxuriosamente, passando as mãos pelo corpo suave e comprido, pensando qual seria a sensação para um homem acariciá-la assim. Por vezes, desejava ser outra pessoa para fazer amor consigo, só para saber como era. Quase o conseguira uma vez, pensou a sorrir, quase...

Claudia tinha noção da sua sensualidade desde os treze anos. Fora uma criança rebelde – demasiado rebelde, pensava agora amargamente. Se tivesse sabido naquela altura que a sua aparência e atração sexual iam ser as suas únicas vantagens, tê-las-ia utilizado melhor. Em vez disso, fugira da

calma vida aristocrática numa confusa *villa* de mármore no meio de nenhures.

Sentando-se, acendeu um cigarro com um isqueiro dourado da *Cartier*, afastando o fumo com uma mão perfeitamente arranjada. Bolas! O verniz de uma das unhas saltara. Era a última gota! Recostou-se nas almofadas, fumando serenamente e pensando nos pais.

Aleksandr Rinardi tinha cinquenta anos quando os gémeos nasceram, em 1952, e olhara com desconfiança para os pedaços de humanidade que gerara, pensando como poderia evitar que eles acabassem com a tranquilidade da sua vida. Era casado com Lucia Galli apenas há dois anos e ela fora a primeira mulher a penetrar na camada fria e solitária que ele formara à sua volta desde os nove anos de idade. Não se interessava minimamente por aqueles bebés, dissera a si próprio, *minimamente!* Mas faziam Lucia feliz pelo que estava preparado para aceitá-los.

A pequena e calma Lucia era o brilho dourado do coração de Aleksandr que o fazia ansiar por todas as manhãs ao encontrá-la nos seus braços, e ir para a cama todas as noites e dormir com ela ao lado, enquanto ele, um insone, lia durante toda a noite à luz trémula de uma vela para que a luz do candeeiro não a incomodasse. Ele só queria Lucia: sem bebés e sem mais nada – nem mesmo um cão. Até adotara o apelido dela, Galli, abandonando o seu próprio apelido odiado Rinardi assim como o título de barão.

Quando os gémeos Pierluigi e Claudia cresceram, aperceberam-se de que eram uma família de um só pai; Lucia era tanto mãe como pai para eles e tratava-os com indulgência, deixando-os correr livremente numa tentativa de compensar a negligência do pai.

Claudia apagou o cigarro, furiosa. Não havia dúvidas de que se a mãe tivesse voltado para o hospital quando teve as complicações após a operação à vesícula, ainda estaria viva. E quão diferente poderia ter sido a sua vida! Mas ela quisera lá ficar, na Villa Velata, a salvo com Aleksandr. *A salvo!* Depois de ela morrer, o pai dedicara-se aos jardins, planeando um lago novo e enorme, que nunca parecia estar terminado, e esquadrinhando visões fantásticas em papéis de quiosques e pavilhões, jardins e paisagens ingleses, franceses e italianos em miniatura, sem prestar atenção nenhuma aos filhos que cresciam.

Rebelde e curiosa, Claudia tivera o seu primeiro encontro sexual aos treze anos com um dos rapazes do estábulo. Ela vagueara, olhando para o seu

peito musculado e rabo pequeno e apertado, com desejo, durante semanas, e de vez em quando ele olhava para ela, esboçando-lhe um pequeno sorriso conhecedor. Ela retribuía o sorriso sem fôlego enquanto se ocupava a fazer festas ao cavalo, nunca desviando os olhos dele. Um dia, ele encostara-se à porta do estábulo a vê-la trabalhar. Era uma manhã quente de verão, ela vestia uma camisa, calças de montar e nada por baixo e sabia que ele olhava excitadamente para os seus seios a balançarem sob a camisa. Pousando a escova, virou-se para encará-lo, esticando os braços para cima para que ele pudesse ver através da camisa fina, enquanto ela arranjava o cabelo. Os olhos dele passaram atrevidamente pelo corpo dela e, com um riso sardónico, dirigiu-se para dentro do estábulo e desabotoou as calças. Enquanto ela observava sem fôlego, ele olhou-a zombeteiramente e urinou num arco transparente e perfeito para a palha que se encontrava no chão do estábulo.

Foi o ato mais erótico que ela podia ter imaginado e, sentindo uma humidade quente entre as pernas, colocou lá a mão instintivamente. Quando ele terminou, virou-se para encará-la, com a mão entre as pernas e os olhos fixos no membro dele, inchando agora que ele a observava. Ainda com o sorriso conhecedor, ele avançara para ela e mantivera-se ali, exposto.

– Toca-lhe – incitou-a. – Vá lá, toca-lhe, é o que queres fazer, não é? – Os olhos dela focaram-se no pénis grosso e elástico e ela soubera que ele tinha razão, ela queria tocar-lhe... queria-o muito... Era quente, duro e suave nas suas mãos e ele desapertara-lhe a camisa e acariciava-lhe os seios, puxando-lhe os mamilos rijos com luxúria; ela queria aquilo, queria-o a ele e a tudo o que ele lhe quisesse fazer; queria fazer tudo e sentir tudo. Queria foder até doer.

Em retrospectiva, ele não fora um grande amante, mas fora jovem, grande e duro e ela deixara-o fazer o que quisesse, aprendendo como tirar o máximo partido dos seus bens até tomar gradualmente o controlo da situação. Encontravam-se todos os dias nos estábulos, por vezes duas ou três vezes; ela não se fartava dele. Claudia sorriu ao acender outro cigarro. É claro que na altura não sabia que estava a ser observada, mas isso era outra história.

Aos dezasseis anos, fugira com o filho da mãe do *concessionaire* do Forte dei Marmi, o *resort* na costa da Toscana que as boas famílias italianas patrocinavam sempre no verão. Nesse momento, o pai não tivera dúvidas;

agira de imediato. Ela fora banida do testamento e ele nunca mais a queria voltar a ver. E nunca mais a vira – nem sequer no seu leito de morte, três anos depois.

Nessa altura, Claudia já ia no quarto – ou quinto – amante. O rapaz da praia não durara muito tempo – só o suficiente para lhe dar uma educação compreensiva sobre a arte do sexo e o gosto pela linguagem porca, depois disso, a sua vontade de mudança e luxúria guiara-a pelas garras e camas de alguns homens estranhos. O oficial do exército inglês que adorara a sua juventude e a obrigava a usar o uniforme de ginástica e as cuecas azul-escuras que enviara especialmente para uma escola de Londres; o mestre de equitação de Viena, que gostava do seu próprio chicote; o costureiro francês que gostava de a ver a fazer com outra pessoa... mas todos mantinham a voluptuosa e jovem Claudia no estilo a que mais estava habituada.

Fora tudo há imenso tempo, pensou ela, deprimida. Ainda bem que progredira daquela juventude mal aproveitada para uma linha mais lucrativa de homens, estabelecendo o seu nome através de um par de ex-maridos ricos como membro proeminente do panorama internacional. Só agora a última pensão de alimentos acabara e, com ela, a *entr  e* na única sociedade de que gostava.

O telefone voltou a tocar e ela olhou para ele exasperada. Suspirando, revirou os olhos e atendeu, apertando os len  ois em redor da sua nudez.

– *All  ?* – disse ela, asperamente.

–    Claudia Galli?

A voz do homem era profunda e agradável mas totalmente desconhecida, pelo que ela olhou suspeitosamente para o auscultador.

– *S  , pronto* – respondeu, severa, com receio de ser alguém a ligar por causa de mais uma fatura por pagar.

– Claudia, peço desculpa se a acordei – disse ele. – O meu nome    Orlando Messenger, sou amigo de Bibi Mouton. Encontrei-a em Londres na semana passada e, quando referi que estaria em Paris, ela sugeriu que, já que estaria sozinho, poderia telefonar-lhe. Estava a pensar se estaria livre para almoçar.

«Almoçar?», pensou Claudia rapidamente... se dissesse que sim, ele saberia que a sua agenda estava vazia; mas se dissesse que estava demasiado ocupada, perderia um bom restaurante e a oportunidade de conhecer alguém novo – e a voz dele parecia muito agradável, uma linda e

educada voz inglesa...

– Obrigada, Orlando – agradeceu ela docemente. – É muito simpático da sua parte convidar-me, mas receio já ter um almoço tardio combinado.

– Que pena – respondeu ele, parecendo bastante desapontado. – Estava ansioso por conhecê-la. A Bibi falou-me tanto de si...

Claudia hesitou.

– Ainda assim, detesto pensar em si sozinho em Paris, principalmente quando a Bibi lhe pediu que me ligasse... espere um pouco, deixe-me ver o que posso fazer. – Ela fez uma pausa, batendo com a unha reflexivamente no auscultador. – Eu sei que isto é um pouco atrevido – disse ela com um risinho –, para lhe dizer a verdade, Orlando, são pessoas muito *aborrecidas*! Se estiver livre esta noite, posso cancelar o jantar... inventar uma desculpa qualquer. Aliás, quanto mais penso nisso, mais aliviada fico com a ideia de *não* as ver. Sabe como é, não é?

– Sei, sim – disse ele a rir – e agradeço o sacrifício.

– Então, encontramo-nos no bar do Ritz às nove? – disse ela, a sorrir.

– Lá estarei – prometeu ele.

Claudia sempre gostara de entrar a matar; nunca *caminhava* para dentro de uma sala, *desfilava*. Naquela noite estava envolta em peles escuras, que contrastavam com a sua tez cremosa, e o cabelo, de um castanho achocolatado, estava penteado para trás e atado com um laço *Chanel*. Por baixo do casaco de peles usava um vestido de lã preto *Alaïa* cujas camadas cobriam o seu corpo como uma segunda pele. Sapatos de salto alto de veludo preto e lindas luvas de veludo também preto com uma bainha em pele completavam a *toilette*. Tinha um magnífico anel de diamantes na mão direita, uma esmeralda falsa de grandes proporções na mão esquerda, e uma bracelete e brincos brilhantes *Chanel* com a forma do duplo C. Sabia que estava maravilhosa quando se deteve à beira da porta, deixando o casaco abrir casualmente e a mão pousada no peito lindo enquanto examinava a sala. Naturalmente todos olhavam para ela, porém, os olhos dela captaram um homem loiro extremamente atraente sentado num canto, sozinho. Meio a sorrir, ele levantou-se e dirigiu-se a ela.

– Claudia Galli? – perguntou, estendendo-lhe a mão.

– Orlando? – disse ela, com os olhos azuis luminosos a acenderem com

interesse. Meu Deus, ele era deslumbrante! O que Bibi lhe oferecera naquela noite! Ficar-lhe-ia a dever um favor... – Peço desculpa por chegar tão tarde – disse ela com a voz arrastada e áspera –, mas talvez a Bibi lhe tenha dito que é o meu defeito. Não tenho noção do tempo, simplesmente.

– Não faz mal – respondeu Orlando, cortês. Eram nove e vinte e cinco e ele sentia-se tão aliviado por ela estar ali que desvalorizara os minutos passados a bebericar a sua bebida e a pensar se ela viria.

– Sempre adorei o bar do Ritz – comentou ela, aconchegando-se na cadeira e deixando que as peles lhe caíssem dos ombros de modo atraente. – É uma espécie de casa fora de casa.

Orlando sorriu.

– E onde é a sua verdadeira casa, Claudia? – perguntou ele, fazendo sinal ao empregado.

– A minha verdadeira casa? – Ela suspirou profundamente. – Houve tantas, tantas em que pensar... é deprimente. Mas suponho que a Villa Velata seja a «casa», pelo menos foi onde nasci, e é minha e do meu irmão. Não que sinta grande amor por ela. E, claro, também tenho o meu apartamento na rue des Arbres. E o Orlando?

– Madame? – perguntou o empregado.

– Oh, um *cocktail* de champanhe, por favor – pediu ela.

– E o *m'sieur*?

– Igual – disse ele. – Há uma casa de campo onde passei a maior parte da minha infância. É minha, agora que o pai morreu, mas raramente lá vou. Tenho um pequeno apartamento em Londres, um estúdio, onde faço o meu trabalho.

– Mas é *artista*? Que fascinante. Que tipo de artista é, Orlando?

– Oh, agora pinto retratos, paisagens. – Ele encolheu os ombros, modesto.

– Um pouco de tudo. Mas no próximo ano planeio especializar-me mais.

– Retratos – ofegou Claudia, excitada. – Que *interessante*. Sempre quis que fizessem o meu retrato, antes que seja tarde.

– Tarde? – perguntou ele com um sorriso.

– Uma mulher deve ser pintada *antes* de fazer um *lifting* à cara – retorquiu ela, séria. – Depois terá perdido a flexibilidade jovem da expressão. Será rija e... pouco delineada... sem caráter. Não que precisemos de *muito* caráter, sem nenhuma linha ou rugas de expressão, só o suficiente para uma pessoa real brilhar.

As bebidas chegaram e ele pegou no copo.

– A si, Claudia – brindou – e ao seu caráter que brilha lindamente, sem precisar de linhas ou *liftings*.

Ela sorriu ao erguer o copo.

– A um feliz primeiro encontro, Orlando – murmurou ela.

O jantar no Jamin, onde Claudia conseguira inteligentemente reservar uma mesa, foi requintado e caro. Enquanto pagava a conta, Orlando pensou que custava um dos seus quadros pequenos, mas não se arrependeu. Claudia era um bônus; era linda, charmosa, muito sensual e boa conversadora. As palavras jorravam-lhe dos lábios bonitos e cheios tão facilmente como a respiração e por entre a conversa de circunstância e os boatos havia pequenas pepitas de informação. Já dissera duas vezes que esperava ficar muito rica brevemente, sem ele ter de referir Poppy Mallory, e agora ele esperava a sua oportunidade.

– Gostaria de ir dançar? – perguntou ela, ajustando a gola de pelo sob o queixo e olhando para os olhos dele enquanto esperavam pelo táxi, lá fora. – Ou talvez prefira vir até minha casa... para uma última bebida?

– Sim – disse ele, simplesmente. – Gostaria muito, Claudia.

– É um apartamento pequeno – avisou ela, quando o táxi os deixou na *rue des Arbres*, no rés-do-chão... – Como disse, vivo em tantos sítios, estou sempre a mudar. Mas é aqui que guardo as minhas roupas!

Os cortinados estavam corridos, afastando a vista para os caixotes do lixo, e o apartamento parecia acolhedor e elegantemente decorado com centenas de objetos caros e candeeiros de luz suave.

– Brinde, querido? – proferiu ela, arrastando as palavras e atirando o casaco de peles para cima de uma cadeira. Servindo dois copos, sentou-se no sofá junto a ele. – Claro que, quando receber a minha herança – disse ela, olhando para ele de forma sonhadora –, vou comprar um lugar maior para poder ter mais armários para as minhas coisas. Pessoalmente ocupo muito pouco espaço, mas são as minhas posses que precisam de uma casa maior. – Riu-se. – O Pierluigi ficará furioso, claro, detesta quando gasto dinheiro. Mas ele é tão rico, às vezes digo-lhe que é apenas avaro. Ele fica mesmo furioso comigo, Orlando. – Ela olhou-o com uns olhos azuis perplexos. – Consegue entender?

– Não – respondeu ele, aproximando-se e suavizando-lhe com o dedo o franzido que ela tinha entre as sobrancelhas. – Não consigo entender que alguém se zangue consigo, Claudia. Mas ele então também vai herdar o dinheiro?

– Sim. – Ela suspirou. – Vai. É uma história estranha... Deve ter visto o anúncio no jornal. «Em busca de uma herdeira desaparecida... Poppy Mallory... Bem, sou eu... e o Pierluigi. Somos gémeos, sabe, e o nosso pai era filho de Poppy Mallory.

O seu pai era o filho de Poppy Mallory!

Ela riu-se perante a expressão chocada.

– Eu sei, é incrível, não é? Mas é verdade, sabe. O nome verdadeiro do papá era Aleksandr Rinardi, barão Aleksandr Rinardi, só que ele detestava tanto os Rinardi que prescindiu do nome e do título. A minha avó não era a sua mãe verdadeira, a mãe verdadeira era Poppy. E, por isso, claro, o marido da avó sempre o odiou por ele não ser seu filho. É tudo tão ilógico quando uma pessoa se põe a pensar... Foi por isso que o Aleksandr foi alienado do resto da família e foi sempre um solitário. O verdadeiro mistério é por que razão Poppy nunca voltou para vir buscá-lo.

– Suponho que tenha provas que confirmem essa história – comentou Orlando, casualmente, bebericando o brande.

– Oh, acho que podem encontrar provas suficientes na Villa Velata e na Villa d'Oro para confirmarem tudo – retorquiu ela, espreguiçando-se luxuriosamente. – Não há dúvidas de que o dinheiro é nosso. – Riu-se com rouquidão. – E desta vez não vou deixar que o Pierluigi deite as mãos à minha parte. Tenciono fazer uma longa e gloriosa jornada de compras!

– Quando vale o património? – perguntou ele, curioso.

– Milhões – respondeu ela, sonhadora –, centenas de milhões, Orlando. Consegue imaginar? – Inclinando-se para a frente, beijou-o levemente na boca. – Quando for rica – disse ela, a sorrir –, vou pedir-lhe que pinte o meu retrato. Como uma odalisca, um nu exótico.

– Vejo-a mais como um Goya – murmurou ele, colocando a mão sob o queixo dela e inclinando-lhe a face para a luz –, creme, chocolate e azul... É uma mulher linda, Claudia.

– E em breve muito rica – murmurou ela, sorrindo enquanto ele a beijava.

Claudia era uma daquelas raras mulheres que ficam mais bonitas despidas

do que vestidas, e o olho artístico de Orlando apreciou todas as curvas deliciosas, tal como o seu corpo apreciou o prazer luxurioso dela enquanto faziam amor. Foi uma noite longa e lânguida e ele quase se arrependeu quando a manhã chegou e teve de se ir embora.

– Voltaremos a ver-nos? – perguntou Claudia, sonolenta, enquanto ele se vestia rapidamente e lhe dava um beijo de despedida.

– Claro que sim – assegurou –, achas que agora que te encontrei te deixo escapar?

Ela esboçou um sorriso endiabrado.

– Desde que não andes atrás do meu dinheiro.

– Não, Claudia – respondeu ele, voltando a beijá-la –, não é o teu dinheiro. Estou de volta a Paris na próxima semana. Eu ligo-te.

– Eu poderei estar em Itália, na Villa Velata – disse ela. – Deixo-te uma mensagem no atendedor de chamadas.

– Prometes? – perguntou ele, ajeitando a gravata.

– Prometo. – Ela sorriu. – Até breve, Orlando.

Mike leu o postal que Lauren lhe enviara pela quinta vez. A imagem era de uma das piscinas de Hockney, azul-marinha e branca e cheia de ondas da dourado luz do Sol. No verso, ela escrevera... *A minha mãe sempre disse que era bonito escrever a agradecer, mas, enfim, eu queria mesmo fazê-lo. Foi muito bom conhecê-lo. Boa sorte na sua viagem à Europa e espero que encontre a herdeira desaparecida.* Assinou, *Um beijinho, Lauren,* e por alguma razão tola, Mike sentiu-se profundamente comovido.

Pegando no telefone, marcou o número. Tocou e tocou mas ninguém respondeu e, desligando, ligou para Madison, no Wisconsin. Desta vez atenderam o telefone ao segundo toque.

– Olá, tia Martha – disse ele –, como estão as coisas?

– Na mesma, Michael, apesar de poderes ver com os teus próprios olhos se fosses capaz de abandonar esse carrossel de vida social em que estás metido e viesses para casa.

O tom dela era severo, pelo que ele sorriu; a tia Martha começava sempre por dizer aquilo primeiro e depois – como agora – falava-lhe dos defeitos do novo pregador da igreja, do novo chapéu horrendo de Joanna Handspacher, e que a filha de Mary Griffith lhe dera o terceiro neto – e, por isso, quando ia ele arranjar uma mulher respeitável e simpática, e a fazia tia-avó? Pelo menos, teria qualquer coisa de que se orgulhar no próximo Ladies Lunch

Circle em vez de lhe estarem sempre a pedir autógrafos do sobrinho. Na sua opinião, os autógrafos eram ridículos e não sabia por que razão os outros os queriam...

– Vá lá, tia Martha – protestou ele, a rir –, sabe que tem orgulho de mim.

– Orgulho? Claro que tenho orgulho... O que tem isso a ver com o facto de te casares? Toda a gente me está sempre a lembrar que já tens trinta e sete anos. Como se eu precisasse que mo lembrassem!

Ele conseguia imaginá-la a sorrir enquanto falava; o seu cabelo curto e escuro estaria suave e cuidadosamente encaracolado, a mostrar as orgulhosas entradas prateadas junto às têmporas – apesar de ela sentir ainda mais orgulho por serem naturais. A maior parte das suas amigas já estava completamente grisalha ou, como ela costumava dizer sarcasticamente, gastava dinheiro no cabeleireiro a pintar o cabelo de uma ridícula cor de tom azul.

– A idade é um estado de espírito – dissera ela sempre a Mike –, não tem nada a ver com a nossa aparência. – Ele lembrava-se disso agora, com Lauren em mente.

– O que está no forno, tia Martha? – interrompeu-a. – Cheira muito bem.

Ela riu-se num som robusto e alegre que fazia sempre com que os outros que estivessem a seu lado se rissem também.

– Que tolinho – disse ela, indulgente –, na verdade, é o teu prato preferido, carne assada.

– Tia Martha, não como carne assada há anos, quando eu voltar tem de a fazer, está bem?

– Tenho saudades tuas – afirmou ela calmamente. – Quando voltas?

Mike suspirou.

– Desculpe, tia, ainda vou demorar um pouco. Tenho de ir a Nova Iorque esta tarde e daí parto para Londres, Genebra e depois para Veneza. Em trabalho.

– *Humpf*, e que trabalho, todas essas belas cidades. Deve ser um novo livro, então?

Ele explicou.

– É uma história estranha e ainda estou a tentar percebê-la ou, pelo menos, estou no início. Ando no rasto de um herdeiro, ou herdeira, desaparecido de uma fortuna misteriosa.

– O que tem uma fortuna de misteriosa? – questionou ela. – Ou é uma

fortuna ou não é.

– A história de como essa fortuna foi feita é que ainda é um mistério – disse ele, a rir. – Vou à Europa para tentar compreendê-la.

– Bom, boa sorte, então, filho. Vem ver-me quando voltares, está bem?

Mike hesitou.

– Tia Martha?

– Sim? O que foi, Michael? Estou a ver a Millie Hutchins a dirigir-se para cá. Vem jantar... Deixa estar, a porta está aberta, ela que entre.

– Tia Martha, conheci uma rapariga... aqui, em Los Angeles – fez-se silêncio do outro lado da linha, pelo que ele se apressou a continuar. – Quero dizer, eu mal a conheço, só estive com ela uma vez, mas, bem... Há qualquer coisa nela...

– Bom, graças a Deus – disse ela, a rir. – Trá-la cá a casa quando voltares.

Ele sorriu, olhou para a mala de viagem em cima da cama, à espera de ser feita; o seu avião partia dali a duas horas, era melhor despachar-se. As notas que tinha sobre a vida de Poppy Mallory, compostas com a ajuda dos diários de Rosalia e Angel, encontravam-se em cima da secretária e ele aproximou-se, olhando para elas pensativamente. Era engraçado, mas sentia a mesma sensação de ternura por Poppy que sentia por Lauren e, como Deus sabia, precisavam ambas de muita compaixão.

1886, CALIFÓRNIA

Nik observou a menininha de cabelo ruivo que olhava através do balcão da loja de Mrs. Price's Candy Store, mordendo o lábio, concentrada, a olhar para os brilhantes jarros de vidro de bombons e gomas. Não havia dúvida de que era a filha de Jeb, era muito parecida com ele.

– Duas gomas e um bombom, por favor – decidiu a criança, segurando ansiosamente nos seus dois cêntimos.

– Falta-te um cêntimo, menina – respondeu Mrs. Price, bondosa. – Receio que tenhas de escolher outra coisa.

– Eu pago. – Nik colocou o cêntimo extra no balcão e Poppy olhou para ele, surpreendida.

– Mas como posso devolver-lhe o dinheiro? – perguntou ela, cheia de dúvidas. – Não o conheço.

– Mas eu conheço-te a ti... E conheci a tua mãe – respondeu Nik, a sorrir.
– Chamas-te Poppy, não é?

Ela retribuiu-lhe o sorriso.

– *Como* sabe?

– És muito parecida com... – Nik hesitou; não queria mencionar o nome de Jeb. – Tens o cabelo ruivo da tua mãe – acabou por dizer.

– A sério? – Os olhos dela esbugalharam-se de contentamento. – Nunca ninguém me tinha dito que a minha mãe tinha cabelo ruivo! – Nik franziu o

sobrolho, surpreso com o que ela dissera, enquanto Poppy chupava uma goma. – Como se chama? – perguntou ela.

– Sou Nik Konstant.

Ela desatou a rir.

– Eu tenho um cavalo de baloiço que se chama *Nik*. O papá deu-lhe esse nome porque tinha um amigo... – Ela levou a mão à boca, de súbito; afinal de contas, não lhe podia chamar cavalo, pois não? – Oh, bem, é um cavalo lindo – acrescentou, sem convicção – e eu adoro-o. Mas está em São Francisco. – Encostou-se ao balcão, amigavelmente, enquanto Nik fazia várias compras e Mrs. Price as metia num saco de papel. – Para quem são os doces? – perguntou ela, lambendo os dedos pegajosos com a língua pintada de rosa.

– São um presente para a minha filha, Angel.

– Angel! – Ela franziu o sobrolho. – Que nome esquisito⁵. Quantos anos tem?

– A tua idade, seis anos. – Ele sorriu, guardando os doces.

– Não conheço meninas da minha idade – referiu Poppy com um ar importante. – Só conheço senhoras adultas.

Nik suspirou.

– Bem, há muitas meninas em Santa Barbara, talvez venhas a conhecer alguma.

– Talvez venha a conhecer a Angel – respondeu Poppy, esperançosa, depois ficou triste. – Mas eu sei que não. Não há crianças no Arlington Hotel e também não espero que haja alguma na casa dos Mallory. Enfim, o papá diz que vai comprar um pônei verdadeiro só para mim.

O seu sorriso ansioso e os brilhantes olhos azuis eram tão parecidos com os de Jeb que fazia impressão. Nik voltou-se de costas.

– Que bom, Poppy – respondeu ele, saindo pelo pátio de madeira.

Ela correu atrás dele, ansiosa.

– Mister Konstant – chamou. – Gostaria muito de conhecer outra menina.

O seu olhar desejoso atravessou-o e ele amaldiçoou Jeb mais uma vez por aquilo que ele fazia à pobre criança solitária.

– Logo se vê – gritou ele, acenando um adeus.

– Prazer em conhecê-lo, Mister Konstant – gritou Poppy, triste, inclinando-se sobre o pátio a vê-lo partir.

Na Goux's Liquor Store, já mais distante, Nik ouviu a história toda sobre

os desastres financeiros de Jeb contada por um homem que acabara de desembarcar num barco a vapor. E, antes de o dia terminar, toda a cidade de Santa Barbara sabia. Só confirmava a opinião deles de que Jeb Mallory não era flor que se cheirasse.

– Não pode ser verdade – gaguejou Rosalia quando ele lhe contou. – Como pôde ele perder a fortuna? Voltou de Monte Carlo com milhões!

– O Jeb é capaz de estoirar um milhão de dólares tão depressa que nem temos tempo de pestanejar – respondeu Nik, encolhendo os ombros. – É um homem invejoso. O mundo gira à volta dele e das suas necessidades. Não vêes que é como uma criança, Rosalia? Quando quer alguma coisa tem de ser *agora*, e o que ele quer mais do que tudo é jogar. Não se importa com as consequências ou quem magoa. – Servindo-se de um copo de brande da licoreira, olhou para ela, sombrio. – A Poppy tem os olhos dele, sabes, *e* o sorriso dele. Não há equívoco quanto à sua filiação. É uma criança simpática, Rosalia. E muito só.

Rosalia sentiu-se grata; Angel era feliz e dormia, segura, no seu quarto de criança; Greg encontrava-se em casa por causa das férias de verão; e tinha Nik. Agradeceu a Deus por a sua casa ser mais do que quatro paredes que lhe davam abrigo, era um sítio que oferecia o aconchego e estabilidade, o amor e segurança de uma família verdadeira.

– Temos de a convidar a vir cá – afirmou ela calmamente. – Afinal, não podemos culpar os filhos pelos pecados dos pais, pois não?

Poppy arrastava os pés pela poeira e folhas mortas acumuladas no pátio da casa dos Mallory enquanto Jeb tocava à campainha pela terceira vez, impaciente. Parecia desleixada e degradada, com a tinta branca a estalar e as cortinas de um verde desmaiado penduradas de qualquer maneira nas janelas sujas. A cerca em volta do jardim, com os canteiros demasiado grandes de Margaret, estava repleta de heras e o que tinham sido relvados verdes era agora terra castanha e seca abandonada.

Ouviram o som de passos lentos e arrastados, depois as botas pesadas pararam, uma chave girou, enferrujada, na fechadura há muito não usada e por fim a porta abriu pesadamente.

Poppy escondeu-se aterrorizada atrás do papá quando um índio, com um ar tão velho como Matusalém, lhes apareceu à frente. A sua face castanha tinha milhares de rugas e os seus olhos estavam ensombrados com cataratas que quase o cegavam; ainda assim, ele sabia que Jeb Mallory voltara e fez-lhe uma vénia. Jeb passou por ele e entrou no *hall* sombrio, abrindo os cortinados até a luz do Sol inundar a sala. Parando junto à mesa do *hall*, Poppy escreveu o seu nome em letras grandes e desordenadas na grossa camada de pó. Em seguida, dizendo ao índio que Lian Sung, o seu criado chinês, esperava na carruagem para levar as provisões para dentro, Jeb levou-a em direção às escadas de carvalho.

– A criança – comentou o índio na sua voz lenta e sonora – tem o cabelo da mãe.

Jeb olhou-o; o velho cretino e astuto ainda podia ver perfeitamente o que queria, apesar das cataratas!

– Ele é a segunda pessoa que me diz isso – comentou Poppy, excitada. – Ele também conhecia a minha mãe?

– O que queres dizer? Quem mais tem andado a falar contigo sobre a tua mãe? – perguntou Jeb, surpreendido.

– Esqueci-me de te dizer, conheci um homem na loja de Mistress Price, no outro dia. Ele disse que sabia quem eu era porque tinha o cabelo da minha mãe. Papá, porque nunca me disseste que ela tinha cabelo ruivo?

– Com quem falaste? – quis ele saber, agarrando-a com força pelos ombros. – Quem foi?

Os olhos de Poppy esbugalharam-se muito com medo enquanto ela respondia.

– Ele disse que se chamava Nik Konstant e que tem uma menina da minha idade. Chama-se Angel. Eu disse-lhe que achava que era um nome tolo, papá...

– Não quero que voltes a falar com Nik Konstant! – ordenou ele numa voz gélida que ela mal reconheceu. – Ou com outro Konstant qualquer. Estás a perceber, Poppy? *Nunca!*

– Mas ele pareceu ser um homem tão simpático... – vacilou ela.

– Faz o que te mando! – ordenou Jeb, largando-a tão abruptamente que escorregou para cima do corrimão.

Poppy assentiu. A sua cabeça baixou e lágrimas assustadas caíram-lhe dos olhos; odiava quando o papá se zangava, era ainda pior do que quando bebia

muito e a ignorava, ou quando se envolvia num jogo de cartas qualquer e se esquecia de vir para casa. Ela seguiu-o, triste, através de um corredor comprido e escuro até ao seu antigo quarto.

Era um quarto grande na parte sudeste da casa, com grandes janelas de ambos os lados, contudo, mesmo quando os cortinados foram abertos e a luz do Sol penetrou, Poppy pensou que não tinha um ar muito simpático. De repente, sentiu falta do seu quarto de renda, seda e cetim sumptuosos em Russian Hill, com todos os seus brinquedos familiares e *Nik*, o cavalo de baloiço. Até nem se importava de aturar a *Ma'mzelle* se pudesse voltar para lá. Pestanejando para afastar as lágrimas, sorriu corajosamente enquanto deambulava, tocando na cama de ferro pintada de branco com a colcha trabalhada, pensando como a sua textura era dura. Olhou tristemente para a pequena cómoda de pinho e para as cadeiras com assentos de vime e depois, vendo uma cadeira de baloiço confortável junto à janela, sentou-se. Com a boneca de trapos apertada junto ao peito, balançou suavemente para trás e para a frente, absorvendo os pormenores da sua nova, porém velha, casa. Tentou imaginar a sua misteriosa mãe de cabelo ruivo ali, metendo-a na cama quando ela era muito pequenina, e segurando-a no colo naquela mesma cadeira de baloiço, tal como as mães das histórias faziam. E voltou a perguntar-se porque nunca ninguém falava da mãe. Virou-se para perguntar ao papá, mas ele tinha-se ido embora e por isso ela foi atrás dele.

Ele encontrava-se à porta de um enorme quarto escuro. Uma fresta de luz entrava por uma brecha nos cortinados e um espelho comprido, com manchas cinzentas devido à oxidação, refletia as suas imagens distorcidas. Tudo lá dentro era escuro, pensou Poppy, escondendo-se atrás dele – a grande cama de madeira, a cómoda pesada, os cortinados de veludo poeirentos... Não era um quarto muito bonito.

– Este era o teu quarto e o da mamã? – sussurrou ela, pois o quarto ficara muito tempo em silêncio para ela falar num tom normal.

– Era – respondeu Jeb, abruptamente, fechando a porta. Ela seguia-o como um pequeno cão enquanto ele atravessava o corredor e abria portas e cortinados. – Vou dormir aqui – disse ele, escolhendo um quarto no lado oposto da casa, e Poppy pensou, nervosa, que parecia ficar muito longe do seu quarto.

Estava a ficar tarde e, depois de um estranho jantar de arroz chinês feito por Lian Sun, ela aconchegou-se na sua cama fria do quarto antigo, com a boneca de trapos apertada nos braços e os olhos muito fechados. O papá deixara a porta aberta e uma luz de presença a arder, porém, ainda assim, a sua mente estava cheia de pensamentos estranhos sobre o silêncio pesado do quarto que costumava ser da mãe, o índio assustador com uns estranhos olhos brancos e a razão pela qual o papá não queria que ela falasse com Nik Konstant quando ele era um homem tão simpático. Ficou muito triste ao aperceber-se de que agora nunca conheceria a menina Angel e lágrimas de medo e confusão caíram-lhe dos olhos até, por fim, a exaustão a enviar para um sono inquieto.

– Papá – disse ela umas semanas mais tarde enquanto subia a colina nas traseiras da casa ao lado dele –, onde estão as papoilas?

Os olhos azuis de Jeb semicerraram-se ao olharem para ela.

– Há anos que não crescem aqui papoilas... Desde que nasceste. Ora, quem te falou delas?

– Ninguém – respondeu ela inocentemente –, lembrei-me, apenas.

– Não me mintas, Poppy – disse ele, zangado. – É impossível que te lembres. O velho índio deve ter andado a falar contigo... Ou terá sido Nik Konstant?

Poppy baixou a cabeça, sem dizer nada, aterrorizada por ele pensar que ela estava a mentir, pensando por que motivo o papá não se comportava como antigamente, quando tudo era feliz e bonito.

– Papá – disse ela um pouco depois –, porque não convidamos todos os teus amigos e damos uma festa, como costumávamos fazer na outra casa? Isto é tão solitário e tenho saudades de toda a gente. – Ela olhou para ele esperançosa e acrescentou. – Também sentes falta, papá?

Com uma pontada, Jeb lembrou-se da nota que recebera de Rosalia a perguntar se Poppy podia ir visitá-los e da sua recusa cordial. Mas, bolas, também se sentia sozinho. Estava farto do rancho e farto de Poppy e sentia falta do seu estilo de vida extravagante... Precisava de uma mulher e precisava de um jogo de póquer! E certamente não encontraria nenhum dos dois no Rancho de Santa Vittoria.

– Vamos fazer assim, Poppy – disse ele de repente –, do que realmente

precisas é de um pônei. Sim, um pônei pequeno, preto e rápido como *Nik*, o cavalo de baloiço. Só que verdadeiro. Gostarias que o teu velho pai te ensinasse a montar, minha querida?

Os olhos azuis de Poppy brilharam e ela saltou para cima e para baixo de entusiasmo.

– Oh, sim, papá, sim. Quando? Quando posso tê-lo?

– Vou agora mesmo comprar-to – respondeu ele, colocando-a nos ombros e correndo pela colina abaixo.

– Também posso ir? – pediu ela, agarrada ao cabelo dele, a rir.

– Bem, não, desta vez, não – respondeu ele, pousando-a no chão do pórtico. – É melhor que a menina do papá fique à espera. Assim será uma surpresa maior, não achas?

Poppy olhava, desapontada, enquanto ele dava instruções a Lian Sung e mandava o índio tomar conta dela. Depois, foi-se embora na pequena carruagem preta e amarela, fazendo o cavalo acelerar num trote à medida que se aproximava da estrada sombria.

– Já volto, querida – disse ele, acenando.

Porém, ela ficou sentada nos degraus da frente durante muito tempo, observando a nuvem de pó levantada pelo cavalo a desvanecer no horizonte.

Lian Sung varria o *hall* quando ela finalmente entrou.

– Posso ajudar a varrer? – perguntou ela, a espirrar fortemente, esperando poder fazer padrões no pó, mas ele limitou-se a encolher os ombros e ela lembrou-se de que Lian falava um inglês muito mau que só o pai entendia. Ela tentou falar um pouco de francês, mas Lian continuou a varrer.

A barriga dela reboava furiosamente e olhou para a cozinha, mas o índio assustador estava sentado no seu lugar do costume junto à lareira, pelo que ela voltou a encolher-se. O seu quarto pareceu vazio e ainda mais silencioso quando se sentou na cadeira de baloiço e começou a pensar na mãe. O pai dissera-lhe que ela morrera quando Poppy ainda era um bebé e ela pensou que não era nada justo uma mãe fazer isso. De súbito curiosa, atravessou o corredor em bicos de pés e dirigiu-se ao quarto misterioso.

A grande chave de latão encontrava-se na fechadura e, usando as duas mãos e todo o seu peso, conseguiu dar-lhe a volta. Um raio de luz entrava pelos cortinados e ela atravessou o quarto e abriu-os com cuidado, olhando em redor, à luz do Sol, à procura de uma fotografia da mãe, pensando como

teria sido ela, como teria soado e se a teria amado. Mas não havia fotografias nem retratos nas paredes, apenas uns quantos desenhos de homens e mulheres com ar angelical.

Por baixo de uma das janelas havia uma pequena secretária de abrir feita de boa madeira escura e incrustada com padrões de madrepérola. Poppy passou a mão pela superfície, deixando os dedos arrastarem, culpados, sobre a pequena chave dourada. Sabia que não era correto mexer nas coisas das outras pessoas, mas, afinal, era a sua mãe... Abrindo-a rapidamente, olhou lá para dentro. Remexeu num decepcionante molho de papéis e cartas antigos e voltou a atenção para o armário que se encontrava por baixo. Havia uma prateleira cheia de livros de esboços com quadros pintados e bonitas aguarelas da casa e dos jardins, e Poppy folheou-os, curiosa, durante algum tempo. Depois, reparou num livro com capa de pele castanha no canto mais afastado do armário e reconheceu o nome Mallory nas letras douradas da frente. Mallory! O seu próprio nome! Com esforço, decifrou o nome *Margaret*... E por baixo dele *O Seu Diário*. Corando de excitação, apertou o livro contra o peito... Era o livro da sua mãe e, dentro dele, ela devia dizer o que fazia, como se sentia, como era o seu mundo... Talvez até a mencionasse.

Poppy espreitou, ansiosa, para as páginas amareladas, mas a caligrafia era demasiado difícil para a sua limitada capacidade de leitura. Passou tristemente o dedo pelas páginas, esperando sentir a presença da mãe e ali, na página próxima do fim, reconheceu uma palavra: POPPY. O seu próprio nome escrito pela sua própria mãe!

Abraçou o livro novamente. Guardá-lo-ia para sempre e, um dia, quando já fosse suficientemente grande para ler corretamente, saberia o que a mãe escrevera sobre ela. Até lá seria o seu próprio segredo – nem sequer diria ao papá, pois ele podia tirar-lho.

Metendo o livro debaixo do bibe, onde ninguém o conseguiria ver, saiu e correu para o seu quarto, onde o escondeu atrás do antigo quadro de brincar. Suspirando, aliviada, por ninguém ter reparado no seu «roubo», limpou o pó das mãos e voltou lá para fora, para os degraus da frente, à espera que o papá voltasse.

A primeira noite em que ele não voltou, ela disse a si mesma que ele devia

estar à espera que o pônei ficasse pronto. Ficava no seu lugar do costume, nos degraus da frente, de madrugada, a espreitar a estrada, e não se ia embora até estar demasiado escuro para poder ver alguma coisa. Ainda que tentasse dizer a si mesma que o papá estava atrasado porque se demorava a escolher o pônei *perfeito*, chorava até adormecer. O terceiro dia pareceu interminável. Lian Sung colocou comida ao lado dela, mas ela não era capaz de comer. Limitava-se a sentar-se nos degraus até escurecer, à espera. O velho índio apareceu de repente nas sombras e agarrou-lhe a mão, Poppy gritou, aterrorizada, quando ele a forçou a entrar em casa. Mas ele só se limitou a abanar a cabeça e a dizer:

– Mister Jeb volta quando volta. É assim que ele é. Tu és criança, tens de ir para a cama.

Ninguém lhe acendera o candeeiro da mesinha de cabeceira nem lhe trouxera um copo de leite e, reprimindo os soluços, Poppy dava voltas no escuro, ouvindo os uivos dos coiotes nas colinas e os esquisitos pios das corujas intrusas, imaginando que conseguia ouvir o adejar de criaturas estranhas e assustadoras no quarto.

Com a cara pálida e a tremer, saiu de casa quando o Sol se levantou no quarto dia, sentando-se sozinha nos degraus, com os braços em volta dos joelhos e o queixo afundado no peito, à espera.

Quando Jeb finalmente regressou pouco depois das quatro da tarde, ela estava curvada na varanda de madeira, a dormir.

– Olá, menina do papá – disse ele, com o seu típico sorriso lépido –, não achas que devias vir ver o teu novo pônei?

– Papá! – gritou ela, acordando e descendo os degraus em direção aos braços dele. – Oh, papá! Pensei que nunca mais voltarias. Pensei que te tinhas ido embora e me tinhas abandonado para sempre... – Os braços dela enrolaram-se à volta do pescoço dele, segurando-o com força enquanto as lágrimas de alívio lhe começavam a escorrer pela face.

Ele olhou amargamente para a janela do antigo quarto de Margaret, pensando por que maldita razão ela tivera de morrer e deixá-lo com a responsabilidade toda! Era óbvio que ele amava Poppy, mas um homem não podia estar sempre agarrado a uma garotita.

– Não era preciso estares tão preocupada, Poppy – disse ele, pousando-a novamente no chão –, o papá volta sempre. Bom, vamos lá ver o pônei, sim? – No entanto, enquanto caminhavam em direção ao cavalo que

esperava, Jeb jurou a si próprio que, assim que a sua sorte mudasse para melhor, arranjaria uma nova ama ou governanta para a criança e voltaria a viajar. Não havia coisa, criança ou mulher que o pudesse prender durante tanto tempo!

Poppy deu um molho de erva muito bem feito ao pônei castanho e gordinho e acariciou-lhe os flancos, excitada.

– Se quiseres montar um cavalo, tens de aprender a fazê-lo – avisou-a Jeb, sentando-a na sela.

Durante dois dias ele manteve o pônei numa rédea curta, fazendo-o andar primeiro e depois trotar em círculos, enquanto Poppy aprendia a reconhecer o ritmo do cavalo, a usar os joelhos para controlá-lo e a segurar as rédeas tão levemente como penas, sem nunca as puxar pela boca suave do pônei. Em breve estaria a trotar sozinha em redor da cerca, sentando-se facilmente na sela, com as costas direitas e relaxadas, e rindo-se de contentamento quando o pônei começava a galopar.

Ela chamou-lhe *Spider*⁶ por causa das suas longas pernas e levantava-se de madrugada para o alimentar, penteá-lo e limpar o estábulo, pensando que, com o papá em casa e o seu novo pônei para tratar, devia ser a menina mais feliz do mundo.

Quando Jeb lhe disse que ia a Santa Barbara em trabalho e voltaria na manhã seguinte, Poppy não se preocupou, pois também estava ocupada a tratar do *Spider*. Contudo, como ele ainda não regressara ao anoitecer do dia seguinte, voltou a sentir o antigo medo corrosivo no estômago. Quando a noite caiu no terceiro dia, as suas lágrimas solitárias e assustadas voltaram a cair. Em busca de consolo, saiu de casa e enroscou-se no estábulo junto a *Spider*, confortada pelo seu calor sólido e pelos aromas limpos do estábulo. À medida que os dias foram passando, ela perdeu a conta ao tempo que Jeb estava fora. Limitava-se a montar *Spider* em círculos solitários em volta da casa dos Mallory, com medo de se afastar muito e perder a sua chegada.

Quando Jeb finalmente voltou, sorriu jovialmente, com os intensos olhos azuis a brilhar, contentes, e exigindo saber como estava a correr a equitação dela. Não disse nada sobre onde estivera ou o que fizera.

Na terceira vez que tal aconteceu, Lian Sung foi-se embora, murmurando no seu inglês estranho que aquela não era uma boa casa. Poppy seguiu-o em

silêncio em cima de *Spider* enquanto ele descia o caminho arenoso com os seus bens às costas, parando no topo da colina quando ele desapareceu no meio de um bosque de plátanos. Depois, dirigiu *Spider* lentamente de volta à grande casa silenciosa – agora vazia, só com o velho índio assustador.

Os dias arrastavam-se e até o índio parecia ter-se esquecido de que ela se encontrava ali, mal virando a cabeça para olhá-la com os seus estranhos olhos opacos sempre que ela ia à cozinha em busca de um pedaço de pão azimo, que ele cozinhava no fogão aberto, de queijo ou de uma maçã. Todas as manhãs, ela punha a sela em *Spider* e montava até ao topo da colina, olhando primeiro para a ruela poeirenta para ver se o pai voltava contente para ela e depois para a estrada arenosa que Jeb lhe dissera ir dar à casa dos Konstant. Poppy pensava saudosamente como seria ter um pai como Nik e achou que Angel tinha muita sorte, pensando, outra vez, que aspeto teria ela.

Dia após dia, ela hesitava no topo da colina, olhando, absorta, para a estrada arenosa e imaginando Angel, desejando montar até à casa dela e encontrá-la, mas Jeb fizera-a prometer que nunca falaria com um Konstant. Ainda assim, decidiu, ele não a proibira de olhar para um, pois não? Enterrando os joelhos nos flancos de *Spider*, seguiu a estrada a galopar depressa.

A estrada parecia não ter fim e Poppy começou a ficar preocupada com a possibilidade de estar perdida quando, de repente, para lá de alguns carvalhos, viu telhados de telhas vermelhas e ali, por baixo dela, no vale, a casa mais bonita que ela já vira.

A casa dos Konstant não era nada parecida com a sua casa de madeira cinzenta com a antiga cabana de adobe, que era agora a cozinha, metida num dos lados. Era brilhante, branca, e construída em volta de um jardim, com um grande portão arqueado e portas de ferro forjado num lindo padrão de asas de cisnes. O repuxo de uma fonte de azulejos azuis brilhava ao sol como graciosas cordas de diamantes e as longas cadeiras confortáveis, agrupadas na varanda de colunas, pareciam perfeitas para se descansar nos dias quentes. E por todo o lado havia potes de terracota com gerânios, lobélias, begónias, fúcsias, hibiscos, buganvílias e rosas, espalhados numa manifestação de cor que maravilhou os olhos de Poppy. Via jardineiros a trabalhar nos sombreados jardins de flores das traseiras da casa e alguém a apanhar vegetais no jardim murado, em baixo. E, num enorme cercado, uma

menina com o cabelo muito claro que brilhava como ouro ao sol, preparava o seu pônei preto para uma série de saltos, elevando-os cada vez mais para admiração de Poppy.

Poppy percebeu logo que devia ser Angel e, até à distância, podia ver que ela era linda. Porém, havia ali mais alguém, um rapaz alto e escuro, de camisola aos quadrados que seguia em direção a Angel e fazia festas no pescoço do cavalo enquanto falava com ela. A Angel sortuda tinha um *irmão*, tal como uma mãe e um pai... Oh, que sortuda, que sortuda era Angel! Permanecendo à sombra dos carvalhos, Poppy fez avançar *Spider*, mantendo-se atenta para tentar apanhar as vozes deles na esperança de ouvir o que diziam e desejando fazer parte daquela linda cena. Um sino tocou de repente e *Spider* relinchou enquanto ela puxava as rédeas de qualquer maneira.

Uma mulher pequena e de cabelo escuro encontrava-se no pátio a tocar um sino de prata e a dizer numa voz que ecoou até ao topo da colina:

– Angel... Greg... O almoço está pronto. *Vamos almozar!*

Descendo do pônei, Angel desapertou as cilhas e tirou a sela. O seu irmão deu uma palmada forte no lombo do animal e os dois riram quando este desatou a correr e entrou no cercado. Ofegante de inveja e entusiasmo, Poppy observava-os a trepar a cerca e, de braço dado, a avançarem em direção à linda casa onde a mãe os esperava no pátio.

– Venham, meninos – disse Rosalia. – Parece que os cavalos são mais importantes para vocês do que a comida! – E acariciou o cabelo loiro de Angel com afeto à medida que os seguia para dentro da casa bonita.

Poppy sentou-se durante algum tempo a olhar para a casa e a pensar, com inveja, nos seus habitantes. Refletia, esfomeada, que eles almoçavam todos os dias à mesma hora e o que comiam. Pensou se depois sairiam outra vez cá para fora e montariam o pônei ou se a mãe de Angel insistiria para que descansassem. E, quando finalmente se virou para ir embora, e fez com que *Spider* trocasse, teve a certeza de que a mãe e o pai de Angel a aconchegariam nessa noite e que, todas as manhãs, quando ela acordava, estariam lá para ela.

Caminhando suavemente para não acordar o índio, procurou o seu jantar essa noite, partindo um pedaço de pão e servindo-se de um copo de leite espumoso e cremoso que o índio tirara da vaca, debaixo da macieira, nessa manhã. Levando-o para o seu local habitual no topo dos degraus, mastigou

devagar, olhando para além do jardim selvagem que dava para a estrada, desejando que o papá aparecesse magicamente ao virar da curva. Mas, claro, ele não apareceu e, quando finalmente ficou demasiado escuro para ver alguma coisa, deu meia-volta e entrou na casa silenciosa.

Sentou-se na beira da cama, com o queixo nas mãos e as pernas a balançar, pensando novamente em Angel Konstant e lembrando-se do seu cabelo claro e do som do seu riso divertido. Havia algo de fresco, puro e bonito em Angel – ela tinha uma aura qualquer, como se fosse um verdadeiro anjo. Levantando-se da cama, Poppy olhou para a sua imagem no espelho. O vestido de algodão azul estava sujo, com manchas de leite na parte da frente. O seu rosto estava encardido de baba e com um bigode de leite seco à volta do lábio. Não se lembrava da última vez em que penteara o cabelo porque não tinha ninguém que lhe dissesse para o fazer, encontrando-se este despenteado no topo da cabeça e com as tranças desfeitas há dias. Erguendo as mãos, olhou para os círculos sujos por baixo das unhas roídas e comparou as pernas arranhadas e sem meias dentro das botas cheias de lama à imagem imaculada de Angel.

Zangada, despiu o vestido e procurou uma camisa de noite limpa no roupeiro. Depois, desfez as tranças e atacou o cabelo com uma escova de arame, tentando remover os embaraços, sem sucesso. O jarro de água estava demasiado alto e, de qualquer forma, era muito pesado, pelo que ela subiu para cima da cadeira e mergulhou primeiro uma mão e depois a outra na água fria e esfregou-as na face, limpando a sujidade com uma áspera toalha de linho branca. Por fim, ajoelhou-se ao lado da cama e, com as mãos juntas, rezou, porém, naquela noite, não rezou apenas para o papá voltar para casa, também pediu a Deus para a tornar igual a Angel Konstant. E, também nessa noite, sonhou com o lindo pónei preto a saltar, com o irmão e a irmã a regressarem para junto da senhora com uma voz tão doce como o próprio sino prateado, só que, no sonho, não era Angel que estava lá, era ela!

Quando o papá finalmente regressou, foi sem o seu sorriso habitual e sem o saco de presentes. Poppy mantinha-se em silêncio no cimo das escadas de mogno quando ele entrou de rompante na casa, com o rosto cheio de fúria.

– Bolas, Poppy – grunhiu ele, reparando de repente nela. – Tinha-me

esquecido de ti!

Ela olhou-o, chocada... *Como poderia o papá ter-se esquecido dela? Era impossível... Ela nunca se esqueceria dele...*

Ele voltou a suspirar.

— Está bem — disse, aborrecido, e sem sequer lhe dar um beijo, passou por ela e entrou no quarto das crianças. — Acho que não há mais nada a fazer a não ser levar-te comigo.

Poppy observava-o em silêncio enquanto ele abria as gavetas da sua cómoda e começava a encher uma mala pequena com as suas coisas, demasiado aborrecida por ele se ter esquecido dela para lhe perguntar onde iam.

— Prepara-te para dormir — disse Jeb, bruscamente, fechando a porta do quarto dela atrás de si. — Amanhã partimos de madrugada.

Poppy deitara-se na cama gelada, sem sono, a tremer de medo — não com o pensamento no *lugar* para onde iam, nem por causa da *razão* por que partiam, mas com a ideia de o papá se ter esquecido dela. Estava de pé e bem vestida antes do amanhecer, à espera em frente à porta do quarto dele, com o seu pequeno saco e a boneca de trapos debaixo do braço, como o papá costumava carregá-la quando era pequenina. Quando Jeb finalmente abriu a porta, quase tropeçou nela.

— Não queria que te esquecesses de mim, papá — disse-lhe Poppy, com os olhos muito abertos de medo.

Ele olhou para ela em silêncio. Já era suficientemente mau ter perdido a casa e a sua parte do Rancho Santa Vittoria para um vaqueirozinho de meia-tigela de Montecito, quanto mais ter de ficar agarrado a Poppy. Bolas, já era demasiado duro um jogador andar na estrada sozinho, sem uma criança para cuidar! Pegando no saco dela, atravessou o corredor tão rapidamente que ela teve de correr para o acompanhar.

— E o *Spider*? — perguntou ela, sem fôlego. — Vem connosco?

Também se esquecera do maldito pónei.

— Estará à tua espera para quando voltares — mentiu descaradamente. — Vá, despacha-te.

O índio, agarrado à trouxa, esperava no *hall* de entrada.

— Não voltarei a vê-lo, Mister Jeb — disse ele, com a voz outrora sonora

transformada num sussurro. – Você e eu vamos sair desta casa de vez.

Jeb olhou-o fixamente. O velho índio tinha sempre razão. Estava ali desde o início e agora era o fim.

O índio fez-lhe uma vénia com a cabeça grisalha.

– Já não falta muito – murmurou, quando eles passaram por ele e saíram para a madrugada clara.

[5](#) *Angel* em português significa anjo. (*N. da T.*)

[6](#) *Spider* significa «aranha» em português. (*N. da T.*)

1887

O papá disse-lhe que iam «viajar» e Poppy sonhara com o regresso a Monte Carlo, porém, não aconteceu nada disso. Desta vez, tinham uma cabina muito pequena no barco a vapor que ia para São Francisco, na parte mais baixa do barco onde as ondas batiam de lado, enjoando-a. Contudo, apesar de ela chorar, o papá limitava-se a ficar deitado no seu beliche a beber uísque irlandês de um frasco prateado e a ressonar muito alto antes de finalmente adormecer.

Desembarcaram em São Francisco com as pernas cansadas e, quando ela perguntou, esperançosa, se iam voltar para a casa de Russian Hill, Jeb limitou-se a agarrá-la pelo braço e a metê-la no ónibus que os levaria para a estação Union Square Station. Poppy assolou-o com uma carrada de perguntas, mas ele disse-lhe, zangado, para estar quieta pelo que ela se afundou no seu canto, amuada.

Desta vez não havia quartos elegantes no grande comboio que seguia para Chicago, apenas a parte de um assento duro que lhe arranhava as pernas e, quando se queixou de que tinha fome, Jeb comprou sandes embaladas e maçãs a um homem com um grande tabuleiro preso ao pescoço. Poppy acabou finalmente por adormecer, com a cabeça encostada ao braço do papá, segurando fortemente a manga do casaco e sonhando ser Angel Konstant no seu pônei preto a saltar cem vezes, enquanto o comboio reboava e fazia barulho através do vasto país.

Quando acordou, a sua cabeça estava pousada no sobretudo elegante e suave do papá, mas ele já lá não estava. O pânico voltou a assolar-lhe o estômago quando o pensamento de que ele poderia ter-se esquecido outra vez dela, e saído sozinho do comboio, lhe invadiu a mente.

– Onde está o papá? – perguntou à arrogante mulher de preto que se encontrava à sua frente enquanto esfregava os olhos.

– Pelo cheiro, deve estar no bar! – exclamou ela. – Não sei o que um homem daqueles pensa ao deixar uma menininha como tu sozinha enquanto se embebeda!

Poppy olhou-a, cautelosa, à medida que deslizava do assento áspero e passava por ela.

– O papá não é bêbado – respondeu da segurança da porta – e não me deixou! É o melhor papá do mundo! – Em seguida, correu pelo corredor, para longe da língua afiada e da fúria da mulher, que não gostara da resposta torta.

Parou para pedir direções a um homem de cabelo grisalho que deu uma gargalhada monumental quando ela lhe perguntou onde era o bar, depois atravessou o corredor, apressada, balançando de um lado para o outro e fazendo ricochete nas paredes quando o comboio deslizou inesperadamente numa curva. Quando finalmente chegou ao bar, compreendeu porque tanto gostava o papá de lá estar.

Era mais alegre do que a carruagem sombria com a arrogante mulher de preto. Candeeiros bonitos de vidro trabalhado em forma de esferas espalhavam um brilho aconchegante sobre paredes vermelhas apinhadas, painéis de madeira brilhante e prateleiras cintilantes com garrafas e copos. Poppy manteve-se à porta à procura do pai, no meio da linha de homens com rostos cor-de-rosa no bar de mogno, sentindo os aromas familiares a uísque de malte e *bourbon* e o cheiro amargo do lúpulo da cerveja. Acabou por vê-lo, sentado a uma mesa com outros quatro homens, a baralhar as cartas.

Sem reparar nos olhares divertidos dos clientes, atravessou a multidão até à mesa dele.

– Papá! – gritou ela, fazendo-se silêncio. – Estás aqui! Pensei que te tinhas ido embora sem mim outra vez!

Os parceiros de jogo de Jeb ergueram as sobrancelhas, sorrindo quando ele olhou para ela com um olhar frio. Pousando as cartas, disse

calmamente:

– É claro que não te deixei, Poppy. A simpática senhora que estava na carruagem disse que ficaria de olho em ti.

– Não gostei dela – declarou Poppy muito alto, enquanto ele lhe pegava na mão e a levava para fora do bar. – Ela disse que tu não tinhas nada que te embebedar e me deixares sozinha.

Pesadas gargalhadas masculinas seguiram-nos pelo corredor instável e a mão de Jeb subitamente apertou a dela com força.

– Au! – guinchou ela. – Estás a magoar-me, papá!

– E tens sorte de não te dar umas palmadas, minha menina – ralhou ele, zangado. Baixando-se para os seus olhos ficarem à altura dos dela, afirmou calmamente e com um tom de fúria na voz que fez Poppy tremer: – *Nunca mais vens à minha procura, Poppy. Estás a perceber?* – A voz dele tremeu ao acrescentar: – *Nunca mais vens atrás de mim! Nunca mais!* – Segurando-lhe a mão, arrastou-a em silêncio e a tremer de novo para a carruagem e, dando-lhe uma maçã e a boneca, disse-lhe para voltar a adormecer ou distrair-se a olhar pela janela, que *volto já*. Mas Poppy já sabia o suficiente para compreender o que *volto já* significava... Significava que viria ter com ela quando acabasse o que estivesse a fazer de tão importante – mais importante do que ela – e não antes. E isso poderia demorar dias ou semanas ou meses... ou a eternidade.

Quando o comboio chegou a Chicago, Poppy pensou que a disposição do papá tinha melhorado. Levou-a de imediato para um hotel elegante e ela correu alegremente a inspecionar tudo e a sentir-se logo em casa nas salas de veludo e brocado da grande suíte. No entanto, não teve oportunidade de ver muito a cidade, pois o papá mandou que lhe instalassem uma mesa de jogo no quarto e, tanto ele como outros homens, passaram a noite inteira a jogar póquer e a beber uísque, enquanto ela dormia, aconchegada, no centro da enorme cama de ferro.

Enquanto o papá dormia durante o dia, Poppy divertia-se a vaguear pelo grande hotel, a conversar com as camareiras e os empregados e, principalmente, com o porteiro, que lhe dissera que recebiam ali muitas pessoas famosas – estrelas da ópera e do teatro.

– Mas eu conheço-as! – exclamou ela quando ele disse uma série de

nomes, recordando-se de como costumavam encher a sua casa de Russian Hill, noite após noite.

– Claro que conheces – brincou ele, dando-lhe palmadinhas na cabeça e dizendo a um moço de recados que passava para ir comprar frituras para a linda menina de cabelo ruivo.

Em pouco tempo, Poppy tornou-se conhecida nos hotéis mais elegantes de Filadélfia, Pittsburgh, Boston e Nova Iorque, tal como em Chicago. Mas isso só acontecia quando Jeb ganhava. Quando perdia, instalavam-se em pensões decadentes de zonas degradadas, por onde Jeb a arrastava rapidamente através das ruas sujas, com o colarinho aberto, evitando os olhares zangados dos arruaceiros, vagabundos e bêbados que se encontravam nos passeios. Ela habitou-se ao silêncio, a pequenos-almoços gordurosos tomados ao lado de trabalhadores da construção civil com caras vermelhas e estivadores com cheiro a suor, pelo que cedo aprendeu a controlar a língua quando senhorias desconfiadas lhe perguntavam quando pagava o papá a renda.

Em breve começou a entender o padrão. Quando o papá ganhava, tornava-se alegre e simpático, e ela podia pedir o que quisesse ao serviço de quartos, e quando a sorte voltava a não sorrir, eram reduzidos a um quarto frio numa pensão qualquer junto à estação de comboios ou às docas, com o chão frio e castanho de linóleo, sem um tapete para os seus pés descalços pousarem quando se levantava da cama de manhã, tendo sorte se conseguisse comer uma sandes. Vagueava livremente pelos hotéis, mas nas pensões o papá proibia-a de sair do quarto quando ele não estava. Quando ela se aborrecia, ia para junto do patamar ouvir as vozes, muitas vezes elevadas de raiva, que surgiam dos outros quartos, e ia cheirar o estranho aroma a couve cozida que pairava nas escadas. Depois, por alguma razão, percebeu que nunca mais veria o seu amado pónei *Spider*.

Havia já várias semanas que se encontravam num pequeno hotel da baixa de uma cidade nova para ela, St. Louis; e, como de costume, Jeb saía em busca de um jogo, deixando Poppy sentada na cama a mastigar uma fatia de bolo. Os seus olhos seguiram-no ansiosamente quando a porta se fechou atrás dele. Ela não gostava daquele hotel. O papá dissera que estava repleto de vendedores que viajavam com malas de cartão e que os corredores cheiravam a desinfetante. O homem na receção tinha uma grande constipação e espirrava com desdém sempre que ela ia até ao *hall* em busca

de distrações, mandando-a logo de volta para o quarto gélido.

Ainda assim, nessa noite a sua cama era quente e ela tinha a boneca de trapos para embalar e, sonhando o sonho que se desvanecia de que era Angel Konstant no meio da família carinhosa e numa casa bonita, adormeceu depressa.

Na manhã seguinte, levantou-se cedo, lavou-se e vestiu-se, esperando que o papá pudesse ter tido uma noite com sorte e, quando voltasse, a pudesse levar a um café para tomar o seu pequeno-almoço preferido: queques de mirtilo e sumo de maçã. Sentou-se na beira da cama com as pernas a balançar e a cantar a canção que ouvira o organista tocar na rua, quando dera amendoins ao seu doce macaco de casaco vermelho. Esperou o que pareceu uma eternidade, mas o papá não vinha. Desapontada, Poppy olhou pela janela suja, para as ruas cinzentas e escorregadias devido à chuva da cidade cinzenta e anónima.

Quando a manhã deu lugar à tarde, a chuva passou a neve e a sua barriga começou a reboar furiosamente. Inclinou-se, deprimida, no parapeito, respirando para as vidraças de forma a limpar a fina camada de gelo. Quando ficou demasiado escuro para ver lá para fora, meteu-se na cama para se manter quente, tentando desesperadamente não chorar.

– O papá disse para nunca mais ir atrás dele – repetiu alto, saltando com o som da sua própria voz no quarto frio e silencioso. Repetiu-o inúmeras vezes na noite comprida, gélida e pouco sonolenta. «Volto já», dissera o papá, como de costume, quando se fora embora e Poppy tinha a certeza de que ele voltaria.

O seu estômago estava compacto de medo e fome na tarde seguinte, e, vestindo o casaco, desceu as escadas frágeis e mal atapetadas, apressando-se na receção e rezando para que o homem não a visse.

– Ei! – disse ele, agudo. – Onde está o teu pai? Diz-lhe que deve duas semanas de renda e que, se eu não receber o dinheiro amanhã de manhã, estão na rua!

Poppy encolheu-se junto à parede, aterrorizada. Se o papá não voltasse naquela noite, metiam-na na rua – e depois o papá não seria capaz de a encontrar!

– O que foi? – perguntou o empregado, olhando-a com um pouco mais de bondade. – A culpa não é tua, miúda. Tens é pouca sorte em ter um pai assim, só isso.

– Não é verdade – respondeu Poppy, abanando o cabelo ruivo até ele se soltar das tranças e batendo com os pés, furiosa. – O meu papá é o melhor papá do mundo, o melhor! – Depois, começou a chorar, soluçando incontrolavelmente quando as portas dos patamares se abriram e os hóspedes espreitaram, curiosos, para a cena.

– Mas o que se passa com aquela criança? – gritou uma mulher de bombazina preta dos pés à cabeça e um grande alfinete ao pescoço. – Porque se está a portar tão mal?

– Receio não saber, senhora – respondeu o empregado, preocupado –, mas não vejo o pai dela há alguns dias e ele deve mais de duas semanas de renda. Parece-me que a poderá ter abandonado.

– Abandonado? Ora, pobre criança. Temos de fazer alguma coisa, já. – Descendo as escadas de madeira de modo autoritário, olhou para Poppy, manchada de lágrimas, desalinhada e ainda a chorar. – Vou telefonar aos serviços sociais da cidade – decidiu ela –, há lares para crianças abandonadas e vou ver se eles lhe arranjam um quarto, nem que tenha de ser eu própria a levá-la para lá!

Poppy pontapeava, arranhava e lutava enquanto eles a empurravam para dentro da carruagem com o homem de ar oficial dos serviços sociais.

– Não! – gritava ela. – Não! O papá nunca me encontrará!

– Encontrar-te? – respondeu ele, irritado. – É claro que não te encontrará! Nem sequer andará à tua procura!

O lar de crianças era um edifício de granito cinzento situado no meio de um caminho de arbustos e relva, coberto de neve. Sebes de loureiros melancólicas acumulavam-se contra janelas inferiores sem cortinas e Poppy pensou que parecia mais escuro e mais cinzento do que qualquer outro sítio onde já estivera na sua vida. Grupos de crianças mal vestidas encostavam-se contra as paredes de verde institucional, olhando para ela, com os chupados rostos brancos chocados com os seus gritos à medida que o homem a entregava a uma matrona envergando um vestido azul-escuro e um avental branco, dizendo:

– É uma histérica. O pai é um bêbado e um jogador. Foi-se embora sem pagar a conta do hotel. E também a deixou para trás.

– Nãooooooo... – gritava Poppy. – Não é verdade. Ele não é nada disso e

ama-me... O papá nunca me deixaria, nunca, nunca, nunca... – Mas ela sabia que ele já o tinha feito.

– Vá lá, criança – disse a matrona, bruscamente –, tens de tomar um banho e ver se tens piolhos. Depois, dar-te-emos roupas limpas e podes jantar.

Poppy não fazia ideia o que eram piolhos, mas não queria jantar, tudo o que queria era que o papá a encontrasse. As suas lágrimas pareceram secar, porém, o seu corpo ainda se agitava com soluços secos quando a matrona a arrastou relutantemente pelas escadas sem carpetes.

Ela pontapeou e cuspiu quando uma enfermeira lhe inspecionou o cabelo e o corpo e a mergulhou num banho de água morna que cheirava a desinfetante. Depois, foi vestida com o mesmo uniforme cinzento das outras crianças e o seu cabelo ruivo desmanchado foi penteado numa trança tão apertada que lhe magoava a cabeça. Sem mais força para lutar, foi de novo conduzida lá para baixo, exausta, para uma sala onde filas de crianças se encontravam sentadas em bancos a comer o jantar. A mulher colocou-a na ponta da mesa e uma tigela de guisado castanho e gorduroso foi posta à sua frente. Poppy olhou para o guisado e em seguida para as dezenas de pares de olhos curiosos. Depois, vomitou.

Durante os dois dias seguintes, Poppy esteve de cama com uma grande febre. No terceiro dia, como a febre subsistia, deram-lhe pequenas porções de papa quente. Estava sentada na cama estreita, segurando a indesejada tigela, exausta, quando ouviu um tumulto no *hall*.

– Onde está ela? – berrava Jeb, zangado. – Onde está a minha filha? Como se atreveram a levá-la e a metê-la neste maldito lugar?

Atirando a tigela ao chão, Poppy saltou da cama e abriu a porta.

– Papá, oh, papá! – gritou ela, contente. – Eu disse-lhes que tu não me tinhas abandonado... Eu disse-lhes que tu virias... Eu disse-lhes que era a menina do papá e que tu nunca me deixarias!

– Claro que não, foi tudo um mal-entendido – gritou ele quando os braços dela lhe agarraram firmemente o pescoço. – Eu estive um pouco indisposto durante alguns dias, caso contrário estaria com ela. Já acabou, menina do papá. – Ele olhou para a matrona, para as suas assistentes e para as crianças que espreitavam através das portas das salas de aulas. – Nunca mais se

atrevam a cometer um erro destes! – grunhiu ele, levando Poppy dali para fora para um táxi que esperava. – Devia pôr-vos em tribunal por terem causado tanta tristeza à criança e por terem-na privado do pai! – Mas é claro que nunca o faria, pois ele próprio acabara de sair da jurisdição do tribunal, após passar lá várias noites desconfortáveis por se embebedar e perturbar a ordem pública. Mas Poppy não podia saber isso.

Jeb e Poppy atravessaram o país, instalando-se em cidades grandes e pequenas, no entanto, nunca voltaram a St. Louis. Subúrbios industriais tristes e estações de comboio tornaram-se paisagens familiares através das janelas das carruagens, quando os comboios partiam para os seus variados destinos e uma expressão nova e surpreendente foi adicionada ao seu vocabulário: *escapar à noite sem pagar*.

A primeira vez que Jeb a acordou no meio da noite e lhe disse para se vestir, Poppy pensou que se tratava de um jogo novo e excitante. Ele pediu-lhe para ela ver se era capaz de descer as escadas o mais silenciosamente possível, atravessar o corredor e sair pela porta, e, abafando os risinhos, ela conseguiu ser tão silenciosa como um rato. Eles riram alto ao atravessarem juntos as ruas da noite calma, balançando as malas, e Jeb disse-lhe que ela daria um ótimo gato ladrão⁷, o que quer que isso fosse – o que parecia algo que ela gostaria de ser.

O tempo que passavam em hotéis elegantes era cada vez menos e já não havia bonecas nem vestidos novos e, passado algum tempo, Poppy começou a desejar que não tivessem de brincar ao gato ladrão tantas vezes. O amargo tempo de inverno era demasiado gélido e desolador para se ser arrastada para fora da cama quente e ter de atravessar as ruas frias no meio da noite. O papá dissera-lhe para não se preocupar, talvez na próxima semana conseguissem ir para Monte Carlo, para o sol e para a *villa* nas colinas.

Na vez seguinte em que o papá não regressou, Poppy ficou demasiado assustada até para chorar, limitando-se a olhar de modo sombrio para a senhoria da pensão de Pittsburgh quando esta lhe disse que chamara os serviços sociais. E, desta vez, quando a levaram, ela submeteu-se silenciosamente à busca humilhante, à roupa gasta e às meias de lã usada. Contudo, recusou-se a dizer uma palavra que fosse, virando a cabeça quando era questionada e mantendo os dentes teimosamente cerrados até

doerem. Desta vez, o papá esteve fora durante duas semanas e ela quase perdera a esperança quando ele apareceu por fim.

– Tive imensa dificuldade em encontrar-te, querida – disse ele, contente, quando ela se atirou a ele, a tremer.

Voltou a acontecer em Nova Iorque e em Boston e Poppy começou a rezear o momento em que Jeb saía pela porta, com medo de que ele nunca mais voltasse. Acabou por aceitar o facto de que semana sim, semana não ela acabaria num lar de crianças diferente, submetendo-se à sua disciplina e privações em silêncio ou a gritar de raiva, contando os dias e as noites até o papá voltar a encontrá-la. Só que ele nunca explicava a razão pela qual não regressara ao hotel, nem lhe dizia onde estivera e o que andara a fazer de tão importante que não podia ir buscar a «menina do papá».

As coisas começaram subitamente a melhorar. Era verão e estavam de novo em Filadélfia, num grande hotel. Jeb vestia roupas novas e elegantes e levou Poppy a uma loja onde ela escolheu dois vestidos novos, um casaco azul-claro e lindas botas azul-escuras com atacadores vermelhos. Mais tarde, ela tomou um banho luxurioso na enorme banheira branca de ferro fundido com patas de leão, secando-se depois em grandes toalhas brancas suaves, sentando-se, contente, enquanto o papá lhe penteava o longo cabelo ruivo até este secar e formar caracóis macios.

Quando o papá foi à barbearia do hotel, ela sentou-se aos seus pés, fazendo caretas à medida que via o barbeiro pôr-lhe toalhas muito quentes no rosto, que deviam arder. Observava, fascinada, o homem passar a longa e brilhante lâmina pelo rosto do papá, deixando-o suave e cor-de-rosa, e experimentou o perfumado elixir dos homens no seu próprio pescoço, pondo-o da forma que o barbeiro disse e cheirando, deliciada, o seu aroma masculino.

Depois, o papá surpreendeu-a ao dizer-lhe que era o sétimo aniversário dela e que ele planeava levá-la a jantar a um grande restaurante. Poppy sentiu-se muito importante, adulta e bonita, no seu novo vestido de seda azul com o colarinho francês *point d'alençon*. Todos os empregados festejaram e o papá disse-lhe que podia escolher o que queria comer. Depois, trouxeram-lhe um pequeno bolo só para ela, com sete velas e o seu nome – POPPY – escrito a azul em cima da cobertura branca. Ela pensou, um pouco triste, que, se todos os amigos do papá ali estivessem, teria sido como nos velhos tempos da casa de Russian Hill.

Tinha muito sono quando Jeb a aconchegou nessa noite.

– É a minha menina crescida – disse ele, a sorrir, quando ela se afundou nas almofadas, cansada e feliz. – Aqui vamos nós – disse ele, enfiando a antiga boneca de trapos por baixo dos cobertores e dando-lhe um grande abraço e um beijo. Os olhos dela já fechavam quando ele se dirigiu para a porta. – *Já volto* – disse ele, atirando-lhe um beijo.

Passaram três dias antes de os empregados do hotel perceberem que Poppy estava sozinha. O gerente foi muito bondoso com ela; meteu-a num pequeno quarto só para ela e certificou-se de que era alimentada e tratada durante mais uma semana, antes de perceber que Jeb não voltaria. Depois, telefonou para os serviços sociais.

Desta vez, Poppy não chorou, limitou-se a subir em silêncio para a carruagem, à espera de ser levada para a sua nova prisão. Já não estava zangada com o papá, sentia-se apenas exausta e assustada e muito, muito sozinha.

No lar de crianças fez o que lhe mandaram, submetendo-se às regras sem as questionar. Manteve os olhos colados ao chão, sem nunca olhar para as outras crianças, para a governanta ou para as assistentes. Limitava-se a contar os dias em francês, a única língua cujos números aprendera, e a esperar que Jeb viesse buscá-la.

As semanas arrastavam-se até Poppy já não conhecer os números para contar mais e os dias tornaram-se um entorpecimento cinzento de cheiros a lar, de comida gordurosa e fria e de lições aborrecidas de leitura, língua e aritmética que só lhe davam dores de cabeça. Depois, uma manhã, olhou em volta da enorme sala de aulas e apercebeu-se de que, desta vez, o papá já não viria buscá-la, que ficaria ali para sempre. Pegando na cadeira, atirou-a violentamente contra o chão e saiu da sala a correr e a gritar.

A governanta O'Dwyer era uma mulher de bom coração que entrara no negócio de cuidar de crianças com o conhecimento de que o seu próprio estado civil de solteira era permanente e que, por isso, nunca teria filhos seus. Era uma mulher dedicada que há muito travava batalhas duras com as autoridades por lares com melhores condições para os jovens e preocupava-se profundamente com o facto de eles serem vistos como números na cadeia institucional. Quando Poppy, de rosto vermelho e a tremer, foi levada à sua frente por uma professora irritada, ela disse-lhe para se sentar, acalmar-se e dizer-lhe o que se passava.

– Não quero estar aqui! – berrou ela, olhando-a, zangada.

– Pobre criança – disse a governanta gentilmente –, ninguém quer estar aqui. Mas é o único refúgio que os órfãos e as crianças abandonadas têm. É um sítio para os sem-abrigo, minha querida.

– Mas eu não sou uma *sem-abrigo*! – gritou Poppy, depressa. – Vivo na casa dos Mallory, no rancho do meu papá, em Santa Barbara. Chama-se Rancho Santa Vittoria. O meu papá deve lá estar agora...

A governanta olhou, cética, através dos pequenos óculos de aros dourados, mas o rosto da criança transparecia a verdade.

– Isso deve ter sido há muito tempo, Poppy – decidiu ela. – Receio que estejamos muito longe da Califórnia.

As sobancelhas de Poppy revelaram uma expressão de desespero quando ela pensou no papá, tentando visualizá-lo na casa dos Mallory, no entanto, parecia que a imagem não se formava. A governanta tinha razão. Ela recordou, saudosa, a cena feliz que testemunhara secretamente há muito tempo, e ter conhecido Nik Konstant na loja de doces, e o seu rosto encheu-se com uma esperança repentina.

– Nik Konstant sabe onde o meu papá está – disse ela, com ânsia. – Ele é meu amigo. *Ele* sabe que eu não sou uma criança sem-abrigo. Por favor, oh, *por favor*, não pode perguntar-lhe? Não lhe pode dizer que eu estou aqui? – Ela não fazia ideia se Nik poderia ajudar, contudo, ele era o seu único contacto com a realidade e com o pai e a imagem da sua força e estabilidade brilharam como uma réstia de esperança na mente dela.

– Logo se vê, minha querida – disse a governanta suavemente, quando a mandou de volta para a professora que aguardava. – Logo se vê.

Mas Poppy já vivera o suficiente para perceber que tais palavras não significavam absolutamente nada.

A governanta O'Dwyer não conseguiu dormir nessa noite; de alguma forma, a imagem do rosto pálido e apaixonado da criança, com os olhos azuis brilhantes, continuava a aparecer-lhe na mente e ela podia ouvir Poppy a dizer vezes sem conta: *Eu não sou sem-abrigo, Nik Konstant é meu amigo.*

Na manhã seguinte, pegou no telefone raramente usado do seu escritório e, ligando-o, pediu para a ligarem a Santa Barbara. Após uma longa espera,

passaram-na para a casa dos Konstant e ela deu consigo a falar com uma mulher encantadora que disse ser Rosalia Konstant.

Uma semana mais tarde, mandaram Poppy lavar as mãos e a cara, escovar e pentear muito bem o cabelo e depois descer as escadas e apresentar-se no escritório da governanta às doze horas. Perguntando-se o que teria feito desta vez, bateu à porta da governanta precisamente à hora certa.

Um olhar de espanto atravessou-lhe o rosto e ela olhou para Nik e Rosalia como se eles fossem deuses que tinham descido do Monte Olimpo para encontrá-la.

– Está tudo bem, Poppy – disse Nik, calmamente. – Vamos levar-te para casa connosco. Nunca mais terás de voltar para aqui.

O rosto de Poppy enrugou e levou ferozmente as mãos aos olhos, tentando impedir as lágrimas de caírem. No entanto, as suas lágrimas não eram de alívio por ter sido salva do lar de crianças, e não eram de alegria por o seu sonho estar finalmente a concretizar-se e ela ir viver com os Konstant. Poppy chorava porque já não era a *menina do papá*. A sua infância fora sacrificada por um capricho dele e um baralho de cartas. E ela nunca mais queria voltar a vê-lo.

⁷ Em inglês *cat burglar*, um ladrão que consegue entrar e sair da casa das pessoas à noite, enquanto elas estão a dormir, sem ser apanhado. (*N. da T.*)

19

1897, CALIFÓRNIA

Deitada na cama na manhã do seu décimo sétimo aniversário, Poppy pensou que os dez anos anteriores tinham sido a infância mais idílica que alguém poderia ter e detestava ter de deixar tudo para trás e crescer. Dezassete anos era uma idade muito velha! Olhou para Angel, ainda a dormir na outra cama. O sol da manhã, brilhando através da janela aberta, batia-lhe no cabelo, transformando-o num dourado pálido. A sua tez branca estava corada do sono e Poppy pensou, com um suspiro, que parecia que acabara de fazer uma longa passeata ao ar fresco, enquanto ela, com a sua pele pálida, provavelmente parecia ter dormido debaixo de uma pedra como um sapo! É claro que todos reconheciam que Angel era uma beleza, contudo, ainda assim, Poppy nunca sentira inveja dela. Tornaram-se amigas mal se conheceram.

Quando deixou o lar de crianças com Nik e Rosalia, Poppy tomou uma decisão: a partir desse dia nunca mais choraria – nunca mais. Defender-se-ia e lutaria! Olhara agressivamente para Angel, a rapariga cujo lugar sonhara ocupar durante muito tempo, desafiando-a a odiá-la e Angel retribuía o olhar com aqueles olhos incrivelmente claros e surpreendidos. Poppy sentia-se corar, pois apesar de Rosalia lhe ter comprado roupas novas, ela estava incrivelmente magra e ainda tinha aquela aparência chupada e abatida de criança de orfanato.

– Meu Deus – dissera Angel, chocada –, pareces mesmo um bicho-pau

com cabelo ruivo! – E rira-se, uma gargalhada baixa e contagiosa a que era impossível resistir e Poppy rira-se também pela primeira vez desde que se lembrava. Depois, Angel avançara e abraçara-a. – Tenho esperado e esperado a semana inteira para que viesses – disse ela. – Sei que vamos ser as melhores amigas.

Poppy adorara Angel de imediato. Desejou que o seu cabelo pudesse ser de um loiro macio e quase branco como o dela, em vez de ser um frisado selvagem de caracóis embaraçados; desejou que os seus olhos pudessem ser de um azul confiante e pálido como um lago cristalino cuja profundidade guardava um segredo mágico; desejou que a sua pele fosse cor-de-rosa e branca em vez de pálida e com sardas; e desejou poder ser pequena e com ossos delicados como Angel, em vez de ser alta e desengonçada.

Começara a falar com o ligeiro ceceio de Angel, levantava o queixo da mesma forma que ela quando se ria e enrugava o nariz quando não gostava de alguma coisa. Até tentara mudar os seus passos compridos e ansiosos para ficarem mais parecidos com o andar gracioso de Angel, até Rosalia a chamar à parte para lhe explicar que não havia duas pessoas iguais. Ela sabia que Poppy admirava Angel, mas Angel era uma pessoa e Poppy outra.

– E nós gostamos de ti tal como és – acrescentara ela a sorrir.

É claro que Poppy se apercebera de que fora tola, contudo, tal não cessara o seu desejo de ser Angel Konstant em vez de Poppy Mallory.

Quando tinham oito anos, Nik decidiu que elas estavam a ficar demasiado selvagens no rancho e, em vez de galoparem o dia todo nos pôneis para evitarem a governanta, foram mandadas para a escola em Santa Barbara, onde os Konstant tinham construído uma linda casinha de madeira branca, com grandes janelas saídas e altas empenas vitorianas, na De La Vina Street. Havia um campo de ténis, um campo de cróquete e jardins maravilhosos com um pomar e pérgolas de clemátides e rosas, estábulos para os seus novos cavalos, um enorme armazém de troncos para os grandes fogões da cozinha e as lareiras, uma cerca branca à frente e havia a escola.

Angel achava tudo muito divertido e mergulhou na nova vida com a sua calma habitual, mas Poppy detestava. Odiava ter de estar na escola todas as manhãs quando preferia montar a cavalo e desconfiava da camaradagem das outras raparigas. Achava mais fácil travar amizade com os rapazes e depressa aprendeu com eles a dar socos à homem, pelo que nunca mais

ninguém gozou com o seu cabelo ruivo porque conheciam o seu temperamento ansioso e o poder daquele pequeno punho.

Angel era uma das raparigas mais populares de Santa Barbara e, apesar de todos se lembrarem que o pai de Poppy não era «flor que se cheirasse» e saberem que os Konstant a tinham acolhido, nunca ninguém falava disso.

A única coisa que Poppy sabia fazer melhor do que Angel era estar em cima de um cavalo. Angel montava bem para uma rapariga, mas Poppy montava como um homem. Parecia pouco confiante na sela, só quando se observasse a recolher o gado com Nik e Greg se percebiam as suas capacidades notáveis. Vestia uma velha camisa branca de Greg e uma saia preta de montar de pele de veado, com rachaduras para proteger as pernas da fricção, dava com as esporas na sua égua e subia até ao topo da colina íngreme atrás de um novilho, depois mergulhava precipitadamente para baixo para o guiar de volta à manada, que se encontrava à espera. Com o *sombrero* preto enterrado insolentemente quase até aos olhos, deixava-se ficar sentada no seu cavalo à espera com os *vaqueros* enquanto o comprador fazia as suas escolhas para os matadouros. Em seguida, dava a volta ao animal e trabalhava tão depressa como qualquer outro dos *vaqueros* profissionais, arrebanhando os animais suados e zangados até um ponto de descanso junto à margem do rio.

– Devias ter nascido rapaz – costumava brincar Greg Konstant –, aliás, até parecerias um se cortasses esse horrível cabelo encaracolado! – E desapertava a fita que o prendia, deixando o cabelo cair-lhe nos ombros para que o vento o entrelaçasse e o pusesse à frente dos seus olhos.

Greg tinha dentes quadrados e brancos, olhos castanhos que formavam rugas nos cantos quando sorria, e era um dos jovens mais bonitos de Santa Barbara. Poppy sentia-se muito orgulhosa por ele ser seu irmão – ou *quase* seu irmão.

Ocasionalmente, as recordações obscuras voltavam para assombrá-la e perguntava-se onde estaria o pai. Sonharia que era a «menina do papá» outra vez e lembrar-se-ia tão bem da expressão nos olhos do gerente do hotel quando lhe dissera que o seu pai não voltaria e que tinha chamado os serviços sociais como se fosse no dia anterior... Fora uma mistura de simpatia, contentamento e humilhação que descera pela coluna de Poppy.

Despertando fria e pegajosa do seu pesadelo, desceu depressa para os estábulos e selou a linda égua árabe que lhe tinham oferecido quando fizera catorze anos. Depois, galopou pela colina, tentando livrar-se do medo que um dia o papá voltasse e a levasse outra vez.

Ignorando a cerca, meteu-se por um atalho familiar, desacelerando quando chegou ao topo da colina que dava para a casa dos Mallory. Nik contara-lhe há muito a história da visita do vaqueiro convencido e insolente de Montecito que reclamara ser o seu novo parceiro. Jeb deitara tudo a perder – e também tinha colocado Nik e o Rancho Santa Vittoria em risco. Fora forçado a hipotecar tudo o que tinha para voltar a comprar o que o pai dela deitara fora de maneira tão displicente. A terra que devia ser a herança de Poppy.

A casa dos Mallory não estava ocupada, mas Nik certificava-se sempre de que era bem mantida. Cintilava com uma camada fresca de tinta branca e as suas janelas brilhavam à luz do Sol. Poppy deixou a égua a pastar, desceu devagar a colina, que ainda se lembrava estar coberta de papoilas, apesar de lhe terem dito que nunca mais tinham ali crescido papoilas desde a tempestade do ano em que ela nascera.

Uma raiva começara a fervilhar dentro dela quando olhou para a casa dos Mallory e para os belos e ricos hectares que se espalhavam até onde a vista alcançava e odiou ainda mais o pai por ter perdido no jogo não só a sua infância, mas tudo o que devia ser dela. Disse a si própria que, se o seu pior pesadelo se concretizasse e ele regressasse e tentasse fazer com que ela saísse dali, lutaria, gritaria e pontapearia... Preferia morrer a ir com ele!

– Uma moeda pelos teus pensamentos? – Angel bocejou ao sentar-se na cama, passando as mãos pela cascata sedosa de cabelo pálido. – Estás com um ar muito solene para quem faz anos.

Poppy abraçou os joelhos e olhou em frente, pensativa.

– Estava a desejar que o meu pai morresse – respondeu amargamente.

– Que coisa para se dizer!

– Mas é verdade, Angel. Teria sido mais fácil aceitar que sou órfã do que aceitar que fui abandonada. É mil vezes pior não nos quererem. Juro por Deus que, se um dia tiver filhos, nunca, *nunca* os deixarei!

Angel levantou-se da sua cama e aconchegou-se ao lado de Poppy.

– Olha para a coisa desta forma – sugeriu ela simpaticamente. – O facto de o teu pai te ter deixado como deixou foi uma sorte para toda a gente. O

Greg e eu recebemos uma irmã e a mãe e o pai têm uma filha extra. Nunca ninguém diria que és a mesma rapariga que chegou aqui naquela noite de inverno, há dez anos. Eu lembro-me de olhar para ti e de pensar que as crianças dos lares deviam ter uma aparência especial, pois estavas tão pálida, mirrada e assustada. E eras tão magrinha, parecias mesmo um bicho-pau com cabelo ruivo.

Poppy suspirou, passando as mãos pela cabeleira embaraçada e irregular.

– Não mudei muito, pois não? – retorquiu a rir.

Os seus rostos estavam lado a lado na almofada e Angel examinou-a atentamente. A pele de Poppy era creme. Um desmaiado trilho de sardas atravessava-lhe a cana do pequeno nariz direito, por baixo, os olhos de gata de um azul intenso estavam delineados por pestanas de um cobre-escuro e as sobrancelhas erguiam-se em duas asas direitas, dando-lhe um ar estranhamente insolente. Tinha maçãs do rosto proeminentes e deslumbrantes, uma boca larga e, de certa forma, um ar vulnerável, e dentes fortes e brancos. Aos dezassete anos, Poppy já não parecia um bicho-pau, tinha seios levantados e pontiagudos, uma cintura fina e um traseiro deliciosamente curvado que Angel invejava. É claro que era inadequadamente alta, mas tinha uma graça natural e algum... Angel não conseguia encontrar a palavra correta... estilo! Sim, era isso, até em cima de um cavalo Poppy tinha estilo!

– Mudaste imenso – afirmou ela convictamente. – A sério, Poppy, tudo o que tens de fazer é olhar-te ao espelho para verificares. Acho que és maravilhosamente bonita e elegante.

– Bonita? Elegante? – escarneceu Poppy. – Deves estar a falar de outra pessoa... Essa é mais uma descrição para ti que para mim, Angel.

Angel suspirou.

– Sabes que não é verdade – respondeu, leal.

– Angel – disse Poppy –, achas que, agora que temos dezassete anos, nos vamos apaixonar?

– Espero que sim. – Angel espreguiçou-se com luxúria. – Mal posso esperar! Como achas que é uma pessoa apaixonar-se?

– Imagino que deva ser muito excitante – murmurou Poppy, batendo com os joelhos um no outro e pousando o queixo em cima deles, pensativa. – Será espetacular... Como voar nas enormes asas de uma águia, arqueando e elevando-se de felicidade...

– Oh, Poppy, como somos diferentes. – Angel riu-se. – Eu imagino que estar apaixonado seja mais caloroso e sonhador... Sentir-me-ei leve e maravilhosamente feliz e carregarei esse pequeno brilho caloroso de felicidade no coração todos os dias.

Poppy franziu o sobrolho, olhando para as largas vigas de carvalho no teto.

– Angel – disse ela, passado algum tempo –, como achas que os bebés entram na nossa barriga?

– É um mistério para mim. – Angel suspirou. – A mãe diz que nos contará quando nos casarmos, não antes. Quero dizer, só pode ser algo simples como o que os carneiros fazem com as ovelhas e as vacas com os touros.

Os seus olhos encontraram-se e riram conspiratoriamente.

– *Blec!* – fez Poppy.

– *Blec!* – concordou Angel e desataram a rir. – Já sei – disse ela, de repente –, aquela que casar primeiro promete contar à outra como é, quero dizer, precisamente como é fazê-lo e senti-lo. – Estendeu o pequeno dedo mindinho rosado.

– Prometo contar – concordou Poppy, solenemente, ao prender o seu dedo mindinho ao de Angel.

– Combinado, é um pacto solene – afirmou Angel. – Nunca te deverás esquecer, Poppy.

– Não esquecerei – respondeu ela –, mas, de qualquer forma, tens de te certificar de que casas primeiro. Todos os rapazes de Santa Barbara já estão apaixonados pela Angel Konstant – acrescentou ela, melancólica.

* * *

Rosalia nunca deixava de se surpreender com o facto de duas personalidades tão diferentes se darem tão bem. Angel era muito calma, feminina e doce. Poppy era volátil e uma Maria-rapaz. Angel era responsável, de trato fácil e considerava quase tudo «divertido», enquanto Poppy era rebelde e desconfiada. Angel era confiante e Poppy era tímida, apesar de muitas vezes ocultar a timidez sob reações ultrajantes que pareciam demonstrar que pretendia chamar a atenção. E, claro, tinham aparências muito distintas, a loira pequena e relaxada e a ruiva vibrante e alta!

Abanou a cabeça, surpreendida, ao ouvir guinchos e risos femininos, gritos e gargalhadas masculinas de duas dezenas de jovens que se haviam literalmente empilhado em carroças de feno para a viagem até ao Rancho Hope e o piquenique na praia. Poppy colocara-se, excitadamente, no topo do feno e, levantando as saias brancas, balançou nos fardos com o habitual *sombrero* preto enterrado até aos olhos e o cabelo ruivo já a escapar do apanhado mais adulto. Os seus olhos azuis brilhavam de travessura e, gritando, triunfante, empurrou um dos rapazes para fora da carroça.

Angel encostou-se preguiçosamente a um dos fardos de feno, com uma coroa de flores selvagens, feita por um jovem admirador, a coroar-lhe o cabelo loiro penteado ao alto. Tinha um olhar matreiro nos olhos quando o dispensou com um encolher de ombros, virando-se para namoriscar com outro rapaz.

Rosalia olhou para Nik com as sobrancelhas erguidas de desespero.

– São demasiado selvagens – disse ela. – Acho que já é altura de serem domadas e conheço o lugar certo. Mistress Diblee falou-me de uma ótima escola privada para raparigas, em São Francisco, que dá a garantia absoluta de transformar jovens filhas rebeldes em mulherzinhas encantadoras.

Chegaram à Academia para Jovens Senhoras de Miss Henderson, em Berkeley, com uma mala cheia de roupas feitas pela modista local, Miss Mathews, e com o belo Greg Konstant, de vinte e quatro anos, recentemente licenciado em Harvard, como seu acompanhante. Angel entrou no *hall* confiante com Poppy a segui-la, relutante. A grande casa era graciosa e estava elegantemente mobilada, com muitos quadros emoldurados nas paredes e cortinados de renda nas janelas. Havia uma alcatifa oriental vermelha e flores em todo o lado, cuidadosamente arranjadas pelas alunas de um dos seus cursos de «artes femininas». Contudo, apesar do seu aroma, para Poppy, a casa cheirava a lar de crianças.

Ouviu-se uma azáfama de risos e sussurros nas escadas e ela olhou para cima e encontrou os olhares curiosos de uma dúzia de raparigas que desapareceram a correr quando a diretora em pessoa apareceu para os receber. Miss Henderson tinha cabelo grisalho suave, usava uma austera saia cinzenta, uma blusa de seda branca com um colarinho alto e um enorme alfinete de topázio pregado ao pescoço, pelo que Poppy a odiou logo. Ela

não quisera de todo ir para ali, e, naquela ocasião, Angel desapontara-a.

Quando Rosalia lhes dissera, pela primeira vez, que iam para aquela escola em São Francisco, Poppy gritara e deambulara pelo seu quarto, atirando o cabelo para trás, zangada, e desejando saber por que razão tinham de ir.

– Deve ser horrível – gritou ela –, com todas aquelas raparigas tontas da alta sociedade, e sem póneis, nem rancho, nem nenhuma das coisas de que gostamos, Angel!

– Oh, eu não sei – respondera Angel, penteando o cabelo e olhando-se ao espelho, sonhadora. – Pode ser divertido. Mistress Diblee disse à mãe que nos levarão à ópera, a galerias de arte e a museus, e que aprenderemos a falar um pouco de francês, apesar de tu já falares, e talvez um pouco de italiano para que possamos conversar com qualquer diplomata estrangeiro que venha a Santa Barbara. Aprenderemos a cumprimentar a realeza, só para o caso de conhecermos alguns dos seus membros, e a darmos jantares em sua honra. – Riu-se ao olhar para a face revoltada de Poppy. – Oh, vá lá, Poppy – disse ela –, aposto que vamos conhecer todo o tipo de raparigas simpáticas. E talvez até alguns rapazes adequados por quem nos apaixonaremos!

Poppy saltara para cima da cama e puxara os lençóis até às orelhas. Não queria ouvir o que Angel dizia, não queria ir para São Francisco e não queria ir para a escola de raparigas. Não queria apenas que nada na sua vida mudasse.

– Mister Konstant – disse Miss Henderson, estendendo a mão a Greg –, é um enorme prazer conhecê-lo. É claro que todos em São Francisco conhecem o seu pai e o famoso Rancho Santa Vittoria. Ora, dizem que é o maior rancho da Califórnia.

– E é mesmo, senhora – respondeu Greg, cortês. – Mas, quando o meu pai chegou a este país, era um emigrante russo sem um tostão. Trabalhou muito para ser bem-sucedido.

Os olhos de Miss Henderson tremeluziram quando ela comparou a fortuna dos Konstant com a sua falta de nome de família, porém, pensava depressa.

– Ah, mas a família da sua mãe, os Abrego, é uma das famílias mais antigas da Califórnia. – Sorriu, estendendo a mão fria a Angel. – E esta é a Angel. Que nome invulgar, querida.

– Fui batizada em honra da cidade natal do meu pai, senhora, Archangel – respondeu ele, tímida.

As sobrancelhas de Miss Henderson ergueram-se de surpresa.

– Que incomum – respondeu ela. – Ainda assim, minha querida, tenho a certeza de que vais encontrar aqui muitos amigos adequados. – O seu olhar voltou-se para Poppy, que se encontrava atrás de Angel. – E esta é a rapariga Mallory? – perguntou ela, friamente. Não quisera aceitá-la na escola, mas os Konstant tinham insistido para que as duas meninas permanecessem juntas.

– Outro nome muito conhecido em São Francisco – respondeu Poppy, erguendo o queixo, desafiadora. – Todos conheciam o meu pai.

– Se conheciam! – Miss Henderson voltou-lhe as costas com desdém. – Mister Konstant, posso oferecer-lhe chá? Deve ter sido uma viagem longa e cansativa.

– Não, obrigado, senhora – respondeu ele, educado. – Tenho de ir. E confio que cuidará muito bem das minhas *duas* irmãs. – Poppy olhou-o, agradecida, quando ele lhe deu um beijo de despedida. – Coragem – murmurou-lhe Greg com um sorriso encorajador. Depois, foi-se embora.

* * *

Havia doze quartos na escola de Miss Henderson, cada um com duas raparigas, pelo que o coração de Poppy entristeceu quando Angel foi levada para um que partilharia com Dorothea Wilkes Frazer e ela percebeu que ficariam separadas.

– É claro que já ouviste falar dos Frazer, uma família de São Francisco bem conhecida – gabou-se Miss Henderson. – Tenho a certeza de que tu e a Dorothea se darão lindamente.

– Claro que sim – respondeu Angel, sorrindo a Dorothea que era gordinha e tinha cabelo escuro –, será divertido.

A cabeça de Poppy baixou quando a frase preferida de Angel «será divertido» lhe soou aos ouvidos, sendo levada a um quarto com uma rapariga de ar mal-encarado e cabelo acobreado, que olhava para ela de forma antipática.

– Terás de partilhar o quarto com Laura Banks – informou Miss Henderson. – Oh, Deus – acrescentou ela, surpreendida –, não tinha

reparado que vocês as duas têm cabelo vermelho. Espero que não haja choque de «temperamentos». – O seu olhar pousou, em tom de aviso, em Poppy quando ela fechou a porta, deixando-a sozinha com Laura.

– A cama junto à janela é minha – disse Laura a Poppy, abruptamente – e a cómoda de nogueira. Partilhamos o roupeiro e as minhas coisas já lá estão, tens de te acomodar com o espaço que sobra. – Cruzando os braços, olhou-a friamente. – E mais uma coisa, o meu cabelo não é de um *vermelho* vulgar como o teu. O meu é *castanho-avermelhado*.

Poppy olhou para ela de forma gélida enquanto abria o roupeiro. Laura tinha vestidos para todas as ocasiões possíveis, ocupando o espaço todo. Retirando um vestido de noite de *organza* verde-alface, olhou-o criticamente.

– Só uma cor tão feia como esta podia combinar com o teu cabelo castanho-avermelhado – comentou, atirando-o para o chão. Depois, ignorando os gritos chocados de Laura, retirou um monte de roupas do roupeiro. – Agora temos um espaço igual. Receio que tenhas de encontrar outro sítio para pões esse lixo.

As faces de Laura ardiam enquanto olhava para Poppy.

– Fazes ideia de quanto custam estes vestidos? – Olhando com desprezo para as novas vestimentas de Poppy que tinham sido feitas pela modista mais popular de Santa Barbara, anunciou, cáustica: – É claro que não fazes. Não penses que não vou fazer queixa a Miss Henderson sobre isto – acrescentou. – Estás aqui há cinco minutos e já estás a causar problemas.

– Se fizeres isso, Laura Banks – ameaçou Poppy, apertando o pequeno punho com força –, dou-te um murro. E aviso-te que o Greg diz que eu bato muito bem.

– Quem é o Greg? – perguntou Laura, recuando, nervosa.

– O Greg é o meu irmão – respondeu Poppy com um sorriso triunfante.

– Oh, não, não é – exclamou Laura. – O Greg Konstant é o irmão de *Angel*! Todos nós sabemos quem *tu* és! Espera só até o meu pai ficar a saber que eu partilho o quarto com a filha do Jeb Mallory, que vais ver.

Poppy sentiu o sangue quente subir-lhe à cara. Há anos que ninguém mencionava o nome do seu pai, porém, aquela rapariga *sabia*. A porta abriu-se de repente e Angel apareceu a sorrir às duas.

– Olá, meninas – gritou ela. – Oh, que quarto tão bonito, é muito melhor do que o meu. – Estendeu a mão a Laura. – Sou Angel Konstant – disse ela,

a sorrir.

Poppy mordeu o lábio para que ele não tremesse quando se inclinou sobre a mala, tirou as suas roupas e meteu-as no roupeiro.

– Oh, Poppy, as pessoas não são todas tão simpáticas? – disse Angel. – Eu disse-te que isto seria divertido!

A maior parte dos empregados e das raparigas era bastante simpática e educada, mas Poppy sentia que eles sabiam que ela era «diferente». E todos queriam ser amigos de Angel. Seria pela sua beleza, pelo seu sorriso, pelo seu charme? Poppy refletia a um canto, observando as raparigas aos empurrões por um lugar junto a Angel ao jantar, ou a passarem papelinhos onde lhe perguntavam se queria ser a sua melhor amiga. Ou seria também pelo dinheiro Konstant? Ela só se apercebia agora de que os Konstant eram muitíssimo ricos. Via, invejosa, os professores passarem a mão pelo pêlo de Angel, desculpando-a de imediato por não ser boa aluna a Francês e por não se lembrar corretamente do lugar dos copos de vinho à mesa de um banquete, nem dos nomes dos pintores do período renascentista italiano. Até Miss Henderson fazia tudo para ser simpática com ela e, pela primeira vez, Poppy apercebeu-se de que Angel não era apenas uma rapariga bonita – era a filha do poderoso Nik Konstant. Angel era uma «herdeira».

Todas as noites depois da chamada, as raparigas tinham permissão para ler e conversar jovialmente no «salão», nome que Miss Henderson dava à enorme sala do primeiro andar. Tocavam, à vez, os noturnos de Chopin no *Steinway* de ébano e, ocasionalmente, alguém cantava ou lia poesia romântica, no entanto, na maior parte das vezes, limitavam-se a conversar e a bisbilhotar.

Como habitualmente, Angel era o centro de um pequeno grupo de raparigas que riam juntas e sussurravam segredos e Poppy observava-as com inveja do seu lugar junto à janela onde fingia ler um livro. Ela e Laura nunca falavam uma com a outra e, apesar de as outras raparigas serem simpáticas, nenhuma delas era «sua amiga». E, agora, parecia que Angel também não o era. Incapaz de aguentar mais, tirou o casaco do roupeiro, desceu as escadas e abriu a grande porta da frente. Apressou-se pela rua, virando a esquina, sem pensar onde ia, apenas feliz por respirar o ar fresco da liberdade.

O relógio do *hall* dava as oito e meia quando Poppy voltou a entrar pela porta da frente da escola, pensando se alguém teria dado pela sua falta. Atirando o chapéu e o casaco para dentro do roupeiro sob as escadas, entrou no salão, olhando em volta, apreensiva; mas não precisava de se preocupar. Meredith McGuinn tocava a «Sonata ao Luar» erradamente pela centésima vez e as outras raparigas cochichavam em pequenos grupos. Parecia que ninguém sequer notara que ela saíra.

– Poppy! – Angel forçou o caminho através da pequena multidão de raparigas que a rodeava. – Poppy, mas onde te meteste? A Miss Tremaine andava à tua procura e tive de lhe dizer que estavas com dor de cabeça, mas a camareira disse que te viu sair pela porta da frente!

Fez-se silêncio quando vinte pares de olhos contemplaram Poppy, chocados.

– Saíste mesmo? – perguntou Dorothea, espantada.

Poppy encolheu os ombros.

– Claro que saí – confirmou ela indiferente. – Não sei como conseguem suportar estarem fechadas nesta espelunca aborrecida, dia após dia. Pensei apenas em visitar... um sítio que conheço.

– Mas, Poppy... Onde? – suspirou Angel, entusiasmada.

Poppy sabia que agora tinha a atenção delas e esboçou um sorriso misterioso.

– Não posso dizer – respondeu –, mas voltarei lá muito em breve. É muito mais divertido do que estar aqui. – Levantando-se, bocejou exageradamente. – Estou terrivelmente cansada – comentou, olhando-as com um ar superior. – Tenho de ir para a cama.

Angel não conseguia imaginar onde poderia Poppy ter ido, tinha a certeza de que ela não conhecia ninguém em São Francisco. Deixando as outras raparigas a falar em vozes abafadas sobre a escapadela, seguia-a escadas acima, em direção ao quarto.

Poppy estava sentada na beira da cama, com as mãos no colo e uma expressão desesperada no rosto.

– Eu estava tão preocupada – confessou Angel, abraçando-a. – Porque desapareceste assim? Fiquei tão assustada quando a Miss Tremaine chamou para a cama e lhe tive de mentir sobre ti. Disse apenas que estavas com uma dor de cabeça.

– Bem, é verdade, estou mesmo. – Poppy arrastou a mão até à testa

enrugada.

– *Onde* foste? – perguntou Angel, exasperada.

Poppy voltou a encolher os ombros.

– Caminhei, só – respondeu sinceramente –, foi só isso. O que for preciso para sair daqui.

– Como podes dizer isso? – perguntou Angel, surpreendida. – Ora, isto aqui é tão divertido.

Poppy suspirou.

– Claro que é, Angel – replicou ferozmente. – Claro que é divertido. Para ti.

– Sabem o que são relações sexuais? – perguntou Poppy uma noite, quando as raparigas se sentavam para conversar como habitualmente. Um silêncio surpreendido caiu sobre a sala quando ela acrescentou: – Eu sei.

– Sabes? – Elas engasgaram-se e aproximaram-se.

Angel observava-a com um ar cansado. Parecia que, desde que chegara a casa do seu passeio, Poppy tentava comportar-se de forma cada vez mais escandalosa.

– Relações sexuais é que os bois fazem com as vacas – declarou Poppy –, só que é entre homens e mulheres.

As raparigas engasgaram-se com a sua atrevida escolha de palavras.

– Mas, como? – suspirou Dorothea, ansiosa. – *Como* fazem eles, Poppy?

Ela sorriu-lhes.

– Bem – disse –, o homem tem uma coisa igual à do touro e mete-a dentro da mulher.

– Lá dentro? – perguntou Meredith, chocada.

– Bem fundo – afirmou Poppy, sem vergonha –, sabem como é. – Esticou um dedo e os olhos das outras seguiram-no, espantadas. – Eu sei que é verdade – acrescentou ela –, porque já li sobre isso num livro de medicina de Miss Henderson que se encontra no escritório dela. Também tem imagens... Imagens realmente estranhas. Quero dizer, mostra o pénis de um homem e tudo...

As mãos das raparigas voaram para as suas bocas quando ela proferiu a palavra, pelo que a olharam, chocadíssimas.

– Não acredito numa só palavra – troçou Laura –, estás a inventar tudo,

como se soubesses tudo.

– Não, não estou – retorquiu Poppy, desafiadora. – Até digo mais, tenho o livro de medicina lá em cima. Toda a gente pode vê-lo, se quiser – acrescentou magnanimamente.

– Oh, Poppy – murmurou Angel, angustiada. – Não devias tê-lo feito... – Mas Poppy já liderava as outras raparigas pelas escadas acima.

– Uma de cada vez – ordenou ela, quando Dorothea a seguiu para o quarto, a rir-se. – As restantes esperam cá fora.

Momentos depois, Dorothea emergiu, de rosto corado e ar deprimido.

– Como é? – suspiraram as outras. – Ela tem mesmo as imagens?

Dorothea limitou-se a assentir, depois, levando as mãos à boca, correu pelo corredor em direção ao seu quarto e vomitou.

Houve um burburinho de especulação e risos excitados enquanto as outras esperavam que a rapariga seguinte emergisse...

– Como é? – perguntaram em coro quando ela apareceu, um minuto mais tarde. Ela riu-se, com o rosto corado de vergonha.

– Meu Deus, não fazia a mínima ideia de que eu era assim – disse ela. – Mas os homens! *Ugh!*

Miss Henderson ouviu o alvoroço ao atravessar o *hall* a caminho da sua habitual caneca de chocolate quente com um exagerado acrescento de brande francês, uma pequena receita que a ajudava logo a adormecer, há vinte anos. Enquanto subia as escadas ajeitou o suave cabelo grisalho e ajustou o alfinete de topázio, pensando, zangada, no que podiam estar as raparigas a fazer agora. Olhou surpreendida ao vê-las juntas à porta do quarto de Poppy.

– O que se passa aqui? – estoirou ela, fazendo-as saltar. – Aconteceu alguma coisa? – Acrescentou um tom de alarme. *Nunca se sabia com aquela rapariga Mallory...*

– Não, oh, não, Miss Henderson... Desculpe, Miss Henderson – murmuraram elas, saindo para o corredor em direção aos seus quartos.

– Ah, Miss Henderson, está aí – gritou Angel, tentando desesperadamente distraí-la. – Tenho estado para lhe perguntar sobre uma viagem à Europa que a mãe está a planear para nós, no ano que vem. Seria inconveniente ir ao seu escritório agora para falarmos disso? – Ela mostrou a Miss Henderson um enorme sorriso, encaminhando-se para as escadas e rezando para que ela a seguisse.

– Certamente que sim, criança – respondeu Miss Henderson, pensando no seu chocolate quente. Depois, lembrando-se de quem Angel era, sorriu, bondosa. – Ora, porque não vens ao meu escritório amanhã, às três? – sugeriu ela –, podemos falar amanhã. – Olhou para cima, surpreendida, ao ver Meredith McGuinn sair do quarto de Poppy com o rosto tremendamente chocado e vermelho.

Abrindo a porta de rompante, entrou no quarto.

– O que se passa aqui? – perguntou, roxa de fúria quando os olhos pousaram no livro aberto numa determinada página. Poppy não tentou escondê-lo, olhando insolentemente quando Miss Henderson o fechou e colocou debaixo do braço.

– Sua rapariga malvada – guinchou Miss Henderson, com a proeminente maçã de adão a mexer enquanto se esforçava para dizer a Poppy o que pensava dela. – *Sua prostitutazinha! És uma desgraça* – acabou por dizer –, mas, também, com as *tuas origens* não seria de esperar outra coisa. Eu sabia que nunca devia ter-te aceite. Se Mister Konstant não tivesse sido tão insistente, nunca o teria feito!

Poppy olhou para o chão sem dizer nada, mas Angel reparou que os seus punhos estavam cerrados com força.

– Serás expulsa desta escola imediatamente – espumou Miss Henderson. – Vou telefonar a Mister Konstant agora mesmo e dizer-lhe isto. Laura – rosnou ela –, hoje dormirás no quarto ao fundo do corredor. Ninguém se deve aproximar desta... rapariga *nojenta*!

– Oh, Poppy – disse Angel, desesperada –, olha para o que fizeste! Agora vais ser expulsa.

– Ótimo – respondeu Poppy, solenemente –, foi exatamente por isso que o fiz.

Mas a expressão nos seus olhos era vazia e Angel correu para ela e abraçou-a.

– Não deixarei que ninguém te leve embora – prometeu –, nunca seremos separadas, Poppy, *nunca*. Prometo-te... Não deixarei que o façam.

Os olhos suplicantes de Poppy encontraram os dela.

– Falas a sério, Angel? – sussurrou. – Dizes mesmo que nunca seremos separadas?

– Claro que sim. Vou telefonar agora mesmo ao pai – prometeu ela. – Vou dizer-lhe que a culpa não foi tua, que aquela estúpida mulher não devia

ter livros desses por aí, para as meninas os encontrarem. Ficaré tudo bem, Poppy. Prometo.

Ao meio-dia do dia seguinte, Miss Henderson foi forçada a dar um pequeno gole no seu brande enquanto pensava no seu dilema. Nik Konstant dera-lhe um sermão por ela ter um livro daqueles, apesar de ter dito que se tratava de um livro puramente médico.

– Então se é um livro médico – argumentou ele logicamente –, qual é o grande mal? É apenas biologia humana, Miss Henderson, e todas as mulheres sabem disso. Pensava que o seu estabelecimento teria uma supervisão mais rigorosa, mas agora estou a ponderar tirar daí as minhas *duas* filhas. Tenho a certeza de que compreende o escândalo que causaria se fosse forçado a semelhante ato... E por essa razão. Imagino que os outros pais também não ficariam satisfeitos com este pequeno mal-entendido, não acha?

Bebericando o brande vagarosamente, Miss Henderson soube que não tinha escolha a não ser permitir que Poppy ficasse.

Poppy fora colocada num quarto individual e Angel fez tudo para estar com ela nessa noite. Estava sentada na cama, com o cabelo selvagem domado em duas tranças, e Angel pensou que parecia algo patética e vulnerável apesar de toda a fanfarronice.

– Poppy, agora tens de ver se te comportas – disse ela séria –, porque da próxima vez Miss Henderson vai mesmo expulsar-te.

– Não me importo – respondeu Poppy –, não percebes, Angel? Não aguento isto. Só quero ser enviada de volta para casa, onde sou feliz!

– Feliz? – disparou Angel. – E quão feliz imaginas que a mãe e o pai vão ficar se fores expulsa daqui? O pai não acorreu já uma vez em tua defesa? Pensa o quão *infelizes eles* ficarão, Poppy, antes de fazeres alguma estupidez.

– Nunca pensei nisso – confessou Poppy, olhando para Angel, triste. – Sou tão estúpida e egoísta, só penso em mim.

– Eu ajudo-te – disse Angel com o desespero a desaparecer tão depressa como surgira. – Estamos aqui juntas. Tenta apenas divertir-te. Prometo-te

que é mesmo divertido – acrescentou esperançosa.

Poppy tentou realmente redimir-se aos olhos de Nik e Rosalia. Começou por manter o quarto arrumado e as roupas impecáveis. Apanhava o cabelo e segurava-o com mil ganchos para que fosse impossível cair. Prestava atenção às aulas e comportava-se perfeitamente nas visitas ao teatro e às grandes casa de São Francisco, cujos portões estavam abertos às elegantes raparigas de Miss Henderson para que elas pudessem estudar as coleções de pintura, escultura e mobília antiga. As outras raparigas admiravam o seu atrevimento e eram agora muito mais simpáticas com ela, pelo que Poppy e Angel estavam, de novo, a partilhar o quarto. Apesar da desaprovação de Miss Henderson, ela começava a sentir que, finalmente, encontrara o seu lugar na escola e que até podia vir a gostar de lá estar.

Todas as semanas, algumas raparigas eram escolhidas para fazerem os arranjos de flores espalhados pela casa e, num dia frio de dezembro, seco e desagradável com a promessa do Natal no ar, foi a vez de Poppy fazer os arranjos do *hall* principal. Ela escolhera pedaços de azevinho e visco, grossos, de um vermelho brilhante e bagas brancas. As hastes de madeira apresentavam dificuldades, pelo que pedira uma faca de cozinha emprestada para as separar. Era um trabalho duro, mas tencionava que fosse o arranjo de Natal mais bonito que a escola Henderson alguma vez vira. Estava tão concentrada na sua tarefa que mal reparou quando a campainha da porta tocou, no entanto, quando uma jovem empregada passou por ela para ir atender, ela meteu-lhe um ramo de azevinho no cabelo, maliciosa.

– Oh, menina, o que vão as pessoas pensar? – riu a rapariga quando correu para abrir a porta.

– Azevinho, não é? – disse uma voz familiar da ombreira da porta. – Bem, todos sabemos o que quer dizer, não é, minha querida?

Poppy deslizou a tempo de ver Jeb dar um beijo na boca da rapariga chocada.

– Olá, menina do papá – gritou ele, com o mesmo sorriso vivo, como se nada tivesse acontecido.

Poppy sentiu-se zozna enquanto o via caminhar na sua direção. Ele estava tal e qual como ela se lembrava – e, ao mesmo tempo, não. Parecia mais velho – muito mais velho; os seus olhos tinham papos e o rosto inúmeras

rugas, e a mão que ele estendeu para ela apertar tremia ligeiramente. Contudo, os olhos ainda eram do mesmo tom azul brilhante dos dela e o seu rosto era o que ela via todos os dias, de manhã, ao espelho.

Ao recordar-se, o ódio assolou-a quando ela recuou, e as outras raparigas juntaram-se nas escadas, curiosas, quando a camareira assustada corria a chamar Miss Henderson.

– Eu não sou a tua menina – gritou ela numa voz trémula.

– Claro que és... Tu lembras-te, não é? Sempre foste a menina do papá. E eu não te disse sempre que voltaria para te vir buscar? Bem, aqui estou, minha querida, o teu velho papá chegou finalmente!

Angel atravessou o patamar a correr em direção ao grupo de raparigas silenciosas.

– O que foi? – gritou ela. – O que se passa?

– É o Jeb Mallory – sibilou Laura, excitada –, veio buscar a «sua menina»... Meu Deus, que história *isto* dará!

Angel olhou horrorizada para a cena do *hall*. A voz de Poppy tremia enquanto se repetia.

– Eu não sou a *tua menina*. Por favor, vai-te embora. Nunca mais te quero ver. *Nunca mais!*

– Claro que queres – respondeu Jeb, dirigindo-se a ela. – Não me digas que te vais tornar tão intransigente como a tua mãe só porque um homem cometeu uns erros. E que tal se vestires o casaco para irmos almoçar qualquer coisa e pôr a conversa em dia? Aposto que não queres ficar aqui agora que o teu papá está em casa, pois não? E aposto que os Konstant ficarão felizes por se livrarem de ti, agora que voltei. Aluguei uma suíte no Saint Francis. Será tal e qual como nos velhos tempo, eu e a menina do papá!

– Eu não sou a *menina do papá* – berrou Poppy quando ele estendeu os braços. – Não sou, não sou, *não sou!*

– Poppy, oh, Poppy.

Angel correu escadas abaixo em direção a ela enquanto Poppy erguia a faca de cozinha no punho cerrado e, em pânico, atacava o pai.

– Oh, Poppy.

Angel voltou a suspirar quando Jeb caiu de joelhos no chão, com o seu sangue a formar uma enorme mancha escura no tapete oriental vermelho.

1898, ITÁLIA

A tia Melody Abrego ficara contente quando Rosalia lhe pedira para ser a acompanhante das suas duas filhas na visita à Europa. Ela ouvira a história de Poppy e o seu coração sentira pena da pobre criança – apesar de ela já não ser realmente uma criança, era uma jovem mulher, muito atraente na sua própria maneira esquisita, quase felina. Não podia compará-la a Angel, claro, pois Angel era especialmente bonita. A tia Melody esperava apenas que todos os franceses malvados e os italianos românticos não andassem atrás delas.

Ela e Greg supervisionaram as raparigas excitadas que entravam na estação de comboios de São Francisco em rota para a grandiosa viagem europeia. Colocando o chapéu de palha mais firmemente sobre a pilha de cabelo grisalho, a tia Melody ajeitou o casaco armado e aliviou os sapatos novos. Os seus pés tinham sempre tendência para inchar e, agora que já estava nos sessenta, e era mais cheiinha do que costumava ser, eram a desgraça da sua vida; mal podia esperar para embarcar no comboio e tirar os sapatos no conforto do seu quarto privado. Esperava que as meninas não quisessem andar muito em Paris e que se comportassem. Não que ela previsse problemas com Angel, mas Poppy era imprevisível.

Rosalia dissera-lhe que o que Poppy fizera não fora intencional, ficara apenas assustada com Jeb; dissera que as cicatrizes de infância nunca curariam e que podiam agradecer a Deus por ninguém poder apelidar Poppy

de «assassina» (a tia Melody encolhia só de pensar na palavra), pois Jeb Mallory sobrevivera. No entanto, apesar de as suas feridas terem sarado, os médicos disseram que o fígado de Jeb estava tão arruinado da bebida que precisaria de atenção constante durante um longo período de tempo. Nik oferecera-se para pagar todas as despesas e, além disso, pusera de parte uma soma considerável para Jeb que seria paga mensalmente para o resto da sua vida – com a condição de que ele se afastasse de Poppy e do Rancho Santa Vittoria.

Nik estava fora quando o «acidente» ocorrera e foi Greg quem fora para São Francisco após a terrível chamada telefónica de Miss Henderson. Ele referira-lhes que as raparigas tinham sido levadas para o escritório de Miss Henderson e que haviam sido proibidas de falar com quem quer que fosse. As suas roupas tinham sido colocadas nas malas e a bagagem estava à espera no *hall* quando ele chegou, e as outras raparigas espreitaram, curiosas, do patamar do salão para verem a famosa Poppy antes de ela se ir embora para sempre.

Miss Henderson abrira a porta do escritório de rompante.

– O teu irmão chegou, Angel – informou ela friamente. – Já lhe expliquei que não havia necessidade de teres esperado aqui com... com esta rapariga, mas que insististe.

– Oh, Greg – suspirou Angel, abraçando-o –, é horrível, horrível... Estou tão assustada. Olha só para ela... Não consigo fazer com que fale, nem que se mexa...

Poppy estava sentada numa cadeira fria e de pele, com os joelhos junto ao peito e o rosto enterrado nos braços.

– Vim buscar-te – disse-lhe Greg, passando uma mão consoladora pelo seu cabelo espetado. – Vai correr tudo bem, vais ver. Vá lá, Poppy, olha para mim... Falas comigo?

Movendo um pouco o braço, ela olhou para ele com um sombrio olho azul.

– Nunca mais poderei voltar para casa – sussurrou ela –, não percebes, Greg? Eles acham que matei o meu pai!

– Graças a Deus o teu horrível pai está vivo – disparou Miss Henderson. – E não é graças a ti, sua rapariga malvada, que nós não estamos todos na cadeia!

Angel virou-se, zangada.

– Esteja calada, sua mulher horrorosa – gritou ela –, não sabe nada sobre esta situação. A culpa não foi da Poppy.

– A culpa não foi dela? Então foi outra pessoa que esfaqueou Jeb Mallory? É isso que estás a tentar dizer-me? Receio que tenha havido demasiadas testemunhas para vocês escaparem com essa mentira!

– Não é mentira – gritou Angel, desesperada. – Oh, não percebe.

– Poppy – disse Greg suavemente –, o teu pai não morreu. Está bem vivo. Mas prometo-te isto, ele nunca mais te incomodará. Desta vez, certificarmos-nos disso. Ele sairá da tua vida para sempre. – Pegando nela ao colo, disse: – E, agora, vou levar-te para casa. A tua família está à tua espera. Precisamos de ti, Poppy. E tu precisas de nós.

Os olhos castanhos de Greg refletiam mais do que compaixão por Poppy; ele apaixonara-se por ela assim que a vira. Esperara somente que crescesse na esperança de que, quando fizesse dezoito anos e acabasse a escola, pudesse começar a olhar para ele com mais do que apenas afeto de irmã. Queria que ela o visse como uma mulher vê um homem que ama e que lhe retribui o amor.

As outras raparigas emitiram soluços de choque quando, com Poppy nos braços, a levou através do *hall*.

– Adeus, Angel – disseram algumas e outras corajosas acrescentaram: – Adeus, Poppy... E boa sorte.

Durante os meses seguintes, Greg e Poppy tornaram-se inseparáveis. Ela agarrara-se a ele como se ele fosse a sua corda de salvação, contando-lhe os segredos da sua infância dolorosa, quando era arrastada de cidade em cidade, indo de pensão para hotel, sempre sozinha e acabando sempre no lar de crianças. Contara-lhe os seus pesadelos, nos quais Jeb voltava e tentava levá-la de novo e o quão chocada e assustada se sentira quando ele atravessara a porta. Confessou que não se lembrava de espetar a faca no pai; quisera apenas fugir dele, nem suportava que lhe tocasse... E detestava a forma como ele olhava para ela.

– És tu que estás ferida, Poppy – assegurara-lhe Greg, com ternura –, mas agora acabou. Nunca mais o verás. E prometo-te que um dia te farei esquecer isto tudo. Serás tão feliz, será como se nunca tivesse acontecido nada.

Ao passear com ela pelos jardins na noite em que a mãe lhes contara sobre a viagem à Europa, teve um pressentimento.

– Estarás fora seis meses – disse ele, preocupado. – Não quero que te esqueças de mim. Conheces o ditado, longe da vista, longe do coração.

– Como me poderia esquecer de ti? – perguntou ela, olhando-o, confusa. – Ora, aposto que Angel e eu falaremos de ti o tempo todo. Quem me dera que também viesses.

– Pois, é precisamente isso... Não quero que te apaixones por outra pessoa, Poppy – afirmou ele. – Acho que, o que quero é que te apaixones por mim.

Ela olhou para o seu bonito rosto, confusa.

– Mas como podes dizer isso? Tu és meu irmão.

– *Não sou teu irmão, Poppy* – gritou ele, segurando-lhe as mãos com força. – Não percebes? *Sou Greg Konstant e tu és Poppy Mallory. E eu amo-te.*

– *E tu não percebes* – suspirou Poppy, com os olhos angustiados – *que eu só queria que tu fosses meu irmão?*

E fugiu para casa, com o cabelo ruivo a esvoaçar ao vento, como se mal pudesse esperar para estar longe dele.

Depois disso evitava-o, permanecendo junto de Angel até à altura de se irem embora, mas Greg insistira em levá-las a São Francisco para vê-las partir.

A locomotiva gigante bufou mais alto e o carregador apressou-se pelo comboio, fechando as portas. Angel deu um beijo de despedida a Greg, limpando uma lágrima excitada do olho ao embarcar, e ele sorriu quando os olhos de Poppy encontraram finalmente os seus.

– Por favor, não te vás embora zangada – pediu ele –, afinal, eu disse apenas que te amava.

– Eu sei. – Ela baixou os olhos. – Desculpa, Greg. É que eu nunca pensei... Nunca me apercebi...

– Promete-me apenas que pensarás em mim – disse ele –, que ainda não me porás de parte, Poppy.

Quando a tia Melody voltou a dizer para se despacharem, os olhos dele fixaram-se nos dela por um momento; depois, deu-lhe um beijo na face, virou-se e subiu para o comboio.

– Adeus – gritaram elas, baixando a janela enquanto o comboio se afastava da plataforma –, adeus... Escreveremos...

– Greg – gritou Poppy sobre o ruído do comboio que partia –, Greg...

Prometo...

Paris era tudo o que Poppy sonhara que fosse. Os céus de maio de um azul-claro sem nuvens, as árvores em flor ao longo dos *grands boulevards* e o sol primaveril batia nas mesas dos cafés onde elas descansavam com um *citron pressé*, observando o mundo parisiense a passar. Arrastando os pés, surpreendidas, atrás do guia, viram as maravilhas no Louvre e observaram, admiradas, a Mona Lisa e a Vitória de Samotrácia.

– Tirem notas, meninas – ordenou a tia Melody, sentando-se num banco de mármore e abanando-se com o guia enquanto acalmava os pés nos seus sapatos demasiado apertados. – O vosso pai quererá saber o que aprenderam.

Sentaram-se na nave inspiradora da Catedral de Notre-Dame a ouvir o hino ascendente do coro de rapazes com vozes de querubins, e demoraram-se entusiasmadas diante de lojas que vendiam chocolates negros deveras aromatizados e pastéis com creme, ou patê de *foie gras* e queijos amargos e estranhos. Compraram bibelôs em lojas caras e levaram tempo a decidir-se numa loja chique e pequena de chapéus, na rue de la Paix. Até se habituaram a beber um pequeno copo de vinho ao jantar, sob o olhar atento da tia Melody – apesar de ela própria beber sempre três ou quatro. Depois queixava-se de que estava com sono, dizendo que tinham de ir para a cama – logo quando Paris despertava!

Todos os dias, caminhavam e caminhavam até a tia Melody gritar por misericórdia e Angel admitir que também estava cansada, contudo, Poppy ainda não vira tudo. A cidade parecia brilhar de entusiasmo, como uma miragem, e ela queria vê-la, agarrá-la... Saber que era real antes de desaparecer. Ou antes de ter de se ir embora.

A tia Melody recusava-se a levá-las a Montparnasse, dizendo que não era «adequado» e Poppy estava determinada a perceber porquê. Uma tarde, quando a tia Melody se encontrava a dormir após o elegante almoço no conforto do Hotel Lotti, e de Angel estar a dormir sobre o seu livro, Poppy vestiu o casaco e saiu para explorar sozinha. Sentou-se num café, bebericando limonada por baixo de um toldo às riscas, ignorando os olhares atrevidos dos homens que passavam e perguntando-se o que havia de desadequado num lugar tão encantador como aquele. Vagueou sozinha

através das ruas bonitas e das praças perto da Sacré-Coeur, espreitando, admirada, sobre os ombros de artistas ocupados nos seus cavaletes, captando magnificamente a cena que ela via à sua volta. Deambulou diante das fachadas de pequenas casas de espetáculos com pôsteres e fotografias das últimas *artistes* e subiu a íngreme Butte, olhando para as mulheres de aparência excêntrica que se demoravam nas ombreiras das portas, apressando o passo quando elas retribuía o olhar, com desdém. Numa ocasião, um homem pegou-lhe no cotovelo e falou com ela, mas ela limitou-se a olhá-lo com arrogância e, murmurando *Pardon, mademoiselle, je m'excuse...* foi-se embora. Os pés de Poppy saltavam, leves, à medida que atravessava as bonitas pontes, parando para admirar as barcaças carregadas de vegetais frescos do campo; muitas vezes, havia famílias inteiras a bordo e até um pequeno cão empoleirado na popa, e ela acenava às crianças, que retribuía o aceno, dizendo *Bonjour, ma'mzelle*.

É claro que ela nunca falava com ninguém e foi para o Hotel Lotti antes de a tia Melody se levantar e meter a cabeça dentro da porta delas, dizendo, alegre:

– Então, meninas? Gostaram da sesta? Tenho a certeza que se sentem revigoradas como eu e prontas para o teatro desta noite.

Usaram os seus melhores vestidos. O de Angel era de seda cor-de-rosa com lacinhos e flores, e o de Poppy de cetim amarelo-manteiga com pequenas contas circulares. No teatro, o público era mais entusiasmante do que a peça de Molière, que era toda em francês.

– Já viste tantas mulheres elegantes? – sussurrou Poppy a Angel, ao espreitarem através dos binóculos de ópera para o público chique que enchia gradualmente os felpudos assentos vermelhos.

– De repente, sinto-me uma campónia – murmurou Angel, olhando para o seu vestido cor-de-rosa, pesarosa. – E eu que pensava que o vestido de Miss Mathews era o mais bonito que eu já vira... Até agora!

– Tu pareces exatamente o que uma jovem deve parecer – comentou a tia Melody, aprovando – e muito adequada para Santa Barbara.

Os olhos de Angel encontraram os de Poppy, exasperados.

– Mas, tia Melody, nós não estamos em Santa Barbara – sibilou ela –, estamos em *Paris*!

Passaram metade da noite sentadas a compor um telegrama urgente para Nik e Rosalia. «A não ser que queiram que as vossas filhas fiquem

conhecidas como meras campônias, com uma severa falta de estilo e uma sobrecarga de cultura, é imperativo irmos ao salão de Monsieur Worth e comprar vários novos vestidos parisienses.»

Esperaram ansiosamente pela resposta, gritando de alegria ao lerem: «Um vestido e um fato de dia podem ser adquiridos a M. Worth, mas foi-me assegurado por quem sabe que Madame Marcel, na rue de Valence, é igualmente boa e muito menos cara. Podem comprar o que quiserem desde que a tia Melody ache adequado. Beijinhos, mãe e pai.»

O salão de M. Worth, na rue de la Paix, era muito grande, com *boiserie* verde e enormes espelhos *Louis Quinze*. Uma *vendeuse* de olhar arrogante pediu-lhes para se sentarem e Poppy e Angel empoleiraram-se desconfortavelmente em cadeiras douradas, com a tia Melody ao meio, à espera que o *Maître* ficasse livre.

– Que modista tão pretensioso – desabafou a tia Melody após quinze minutos de espera. – Isto é intolerável! – exclamou ela após meia hora; finalmente, pediu à *vendeuse* para dizer a Monsieur Worth que, se não as atendesse de imediato, ir-se-iam embora.

– Oh, tia Melody, não – pediu Angel, angustiada –, não, *por favor, temos* de ficar...

– Tia Melody, é muito importante – gemeu Poppy. Estavam tão perto dos seus vestidos parisienses que não podiam deixar que nada as detivesse agora.

– O *Maître* está com a Princesse de Vignes – informou a *vendeuse*, com desdém. – Ela está a encomendar o guarda-roupa de outono.

– O guarda-roupa de outono? – perguntou Angel, espantada. – Mas, meu Deus, ainda estamos na primavera.

– Em Paris, *mademoiselle*, encomendamos os nossos guarda-roupas com uma estação de avanço. A *Princesse* já tem o seu guarda-roupa de verão.

As grandes portas duplas na ponta do salão foram de repente abertas e uma mulher majestosa, envergando um casaco de seda azul-escuro e um chapéu enorme com lindas rosas cor-de-rosa, atravessou a sala com o próprio *Maître* a segui-la.

– Lembre-se, Worth – ordenava ela. – Precisarei de tudo a tempo da minha viagem à Rússia, em outubro. E tenha um cuidado especial com as

zibelinas, afinal, não queremos que os russos, *que percebem muito de peles*, digam que Mister Worth é o segundo melhor, pois não?

O seu riso maldoso reverberou nos candelabros do salão quando ela fez uma pausa e, erguendo os *lorgnette*, olhou para Angel e depois para Poppy.

– Quem são? – perguntou em francês à *vendeuse*.

Ela encolheu os ombros.

– Não são ninguém, *Princesse* – respondeu ela. – Só turistas americanas.

– *Ah, les petites Américaines!* – Olhou mais fixamente à medida que a tia Melody lhe retribuía o olhar, desconfortável, depois disse algo muito rápido em francês que provocou risos à *vendeuse*.

Evocando todo o francês de que se lembrava, Poppy pensou ter sido capaz de fazer a tradução correta e olhou para ela, confusa...

– São encantadoras – dissera ela – e o contraste é magnífico! A loira é exatamente como uma rosa que floresce no Natal, pálida, rara e linda. Os homens quererão protegê-la, guardá-la, admirá-la. E a outra, a fogosa, é como uma cereja num pomar de verão; os homens quererão certamente roubá-la da árvore, devorá-la e lamber os sucos dos dedos!

– O que está ela ali a dizer? – quis saber a tia Melody, zangada. – Poppy, tu falas francês, o que disse ela?

Baixando os olhos, Poppy examinou os sapatos poeirentos, corando, pouco à vontade.

– Eu... não tenho a certeza, tia Melody – murmurou ela, quando, com mais uma alegre e maldosa gargalhada, a *Princesse* atravessou o salão, deixando uma lufada de lírios do vale no ar. É claro que ela sabia precisamente o que a *Princesse* dissera, só não sabia se o tinha compreendido... Contudo, teve a impressão de que não devia dizê-lo à tia Melody.

A *vendeuse* levou-as até um salão mais pequeno cheio de espelhos e a tia Melody observou, zangada, quando, sem falar, o *Maître* inspecionou primeiro Angel e depois Poppy. Batendo palmas, chamou meia dúzia de assistentes que aguardavam.

– Tragam o *chiffon* azul-safira para a *petite* – gritou, apontando para Angel. – E para a outra... – um ligeiro brilho de satisfação assolou-lhe os olhos quando observou Poppy –, para *la cerise*, a cereja, algo mais subtil para arrefecer o cabelo. O cetim verde-musgo, talvez... Ah, não, ela é demasiado jovem. Já sei... O veludo cinzento, *oui, c'est parfait!*

Mais uma vez, Poppy corou de vergonha quando a tia Melody resmungou em voz alta.

– Que maneiras horríveis e não há um que fale o inglês de Deus.

– *Madame* – disse o *Maître* num inglês perfeito –, o meu pai era inglês.

– Então porque não disse logo? – estoirou a tia Melody, irritada. – Já nos fez esperar muito tempo, juvenzinho, é melhor que valha a pena.

– Há aquelas – disse M. Worth, desenrolando metros e metros de *chiffon* safira do enorme rolo de tecido – que esperariam um ano inteiro para atravessar as portas do Salon Worth. Quando os vestidos são do *Maître*, toda a gente sabe. As minhas roupas conferem distinção até à mais desajeitada das jovens. – Pôs a seda com mestria em redor de Angel, colocando alfinetes e ajustando-a, testando primeiro de uma maneira e depois de outra, em seguida, chamou outra assistente para tirar as medidas a Angel. – Como a *Princesse* notou – disse ele à tia Melody –, ambas as suas meninas são encantadoras, a beleza fria da loira e o encanto fogoso da ruiva. Mas, *nos meus vestidos*, elas tornar-se-ão sensacionais.

– *Hum* – fungou ela, sem saber bem o que ele quisera dizer. Ainda assim, conseguia ver que não se enganara em relação a Angel. O azul combinava na perfeição com a sua tez branca e rosa, aprofundando-lhe a cor dos olhos, e, ainda que ele tivesse apenas colocado o material em volta dela, o seu toque de mestre era inegável. E Poppy, em veludo de seda tão fino que caía da peça como um rio de mercúrio, agarrando-se ao seu peito elevado até à cintura fina tão suavemente como a pena de uma pomba, fazendo-lhe brilhar a pele creme como alabastro, já parecia sensacional.

– Bem – fungou ela, arrogante –, pelo menos sabe o que faz, Monsieur Worth. E, pelo menos, vocês, raparigas, honrar-me-ão.

Ao chegar a Nova Iorque, Mike telefonou de imediato a Pierluigi Galli a sugerir uma reunião. Lera no *The Wall Street Journal* que o império Galli andava instável e os boatos espalharam-se no *Times* e noutros jornais de referência. Diziam agora que o império Galli não estava apenas instável, mas prestes a ruir.

Primeiro, a secretária com ar preocupado disse que ele não se encontrava disponível para ninguém – independentemente de quem fosse.

– Oiça – disse Mike –, diga-lhe que quero falar com ele sobre o património de Poppy Mallory. Diga-lhe que Johannes Lieber, de Genebra, me pediu para lhe telefonar. Vou para Londres amanhã, mas estou disposto a ficar em Nova Iorque até que ele me possa receber.

– Eu ligo-lhe depois, Mister Preston – disse ela secamente.

Sentindo-se impotente, Mike foi até ao seu clube, deu trinta voltas na piscina, fez uma massagem, tomou um banho gelado e, depois de verificar que não tinha mensagens, deu um passeio pela Quinta Avenida até ao F. A. O. Schwartz, onde comprou um enorme urso de peluche para a miúda de Lauren Hunter, pedindo-lhes que o embrulhassem e enviassem para a morada. No cartão, escreveu, *Não sei qual de vocês é que merece, ou precisa, mais disto, mas não há dúvidas de que a Maria o partilhará contigo*. Tal como ela, assinou, *Beijinho, Mike*.

Havia um entusiasmo natalício no ar gelado quando ele atravessou outra

vez a Quinta Avenida. A montra profusamente decorada da Saks, com a cena de Natal animada, era o centro das atenções, com a gigantesca árvore de Natal do Rockefeller Plaza e o ringue de patinagem apinhado ficando em segundo lugar. Não havia nada como o Natal de Nova Iorque, decidiu ele, comprando um saco de castanhas assadas ao vendedor no canto do Plaza; uma espécie de alegria extra pairava no ar. Esperava que o ursinho ajudasse a tornar o Natal de Lauren um pouco mais feliz.

Havia uma mensagem no seu atendedor de chamadas que lhe pedia para ligar a Mr. Galli quando regressasse. A secretária parecia ainda mais apreensiva.

– Mister Galli está demasiado ocupado para o receber esta tarde e parte para Paris amanhã – disse-lhe ela. – Pergunta se o senhor pode vir ter ao escritório esta noite, por volta das sete e trinta.

Os escritórios de Pierluigi eram tão luxuosos como Mike esperara; paredes escuras, carpetes suaves e bons quadros. Nada era excessivo, contudo, havia uma inconfundível opulência no ar que acompanha o sucesso. A secretária fazia horas extraordinárias, parecendo mais preocupada do que parecera ao telefone.

– Vou informá-lo que já chegou, Mister Preston – disse ela, cansada.

– Devem estar a ser dias difíceis – comentou Mike, empático.

Ela assentiu quando o intercomunicador tocou.

– Mais para ele do que para mim, coitado. Não sei como está a aguentar... Todas aquelas reportagens estúpidas nos jornais... Oh, Mister Galli, Mister Preston chegou. – Pousando o telefone, disse a Mike: – Pode entrar.

Pierluigi estava de pé junto à janela, olhando para o trânsito de Manhattan, trinta andares abaixo. Vestia um fato magnificamente feito à medida, num azul muito escuro de riscas diplomáticas, e uma gravata sóbria. O seu rosto estava tão pálido como as cinzas de uma grelha, e, quando se voltou, Mike pensou que os seus olhos tinham esse mesmo sentimento de morte.

– Mister Preston – disse ele, estendendo a mão –, em que posso ajudá-lo?

– Peço desculpa por interromper num período tão complicado – disse Mike –, mas Johannes Lieber pediu-me para falar consigo.

– Sente-se, por favor. – Pierluigi sentou-se no seu lugar atrás de uma antiga secretária de madeira escura que parecia saída da sala de um nobre italiano. – Johannes Lieber? É empregado de Mister Lieber? Ou podemos

ser apresentados num livro no futuro?

– Tenho de admitir que há uma forte possibilidade de isso acontecer – concordou Mike –, depende de como a história evoluir.

– Compreendo. E como está a história a evoluir neste momento?

– Tal como Poppy, é um enigma. Descobri alguma coisa sobre os pais de Poppy e a sua infância, mas ainda nada que me leve a uma conclusão satisfatória.

– Como *quem* é o herdeiro ou a herdeira?

– Exatamente. Lieber referiu-me a razão por que se considera o senhor, juntamente com a sua irmã, o beneficiário. Gostaria de saber se há mais alguma coisa que possa acrescentar a isso. – Pierluigi olhou com ar ameaçador para a secretária e Mike pensou, desconfortável, que parecia ser um homem que se controlava com algum esforço. Havia um conjunto de emoções há muito contidas, violência sinistra que procurava ser libertada...

– Não tenho nada a acrescentar à história que já conhece – afirmou Pierluigi por fim. – Acredito que tudo o que disse a Lieber é a verdade. Pode ver a lógica por si mesmo. Poppy Mallory era minha avó. – Levantou-se com desdém e Mike percebeu que a entrevista tinha terminado. Se sabia mais alguma coisa, Pierluigi não dizia.

Pierluigi não o acompanhou à porta e, quando Mike se virou para olhar para ele, estava novamente à janela, a olhar para o trânsito. Parecia um homem abandonado num navio que se afundava.

A recordação do rosto fino de Pierluigi e dos seus olhos escuros aflitos assombraram Mike durante o filme que foi ver para relaxar e enquanto comia uma refeição leve no Carnegie Deli, onde tentou distrair-se a olhar para a jovem da caixa, que discutia ao telefone com o namorado, enquanto ele tentava pagar a conta.

– Não me venhas com tretas, meu – sibilou ela, tirando o troco de Mike. – Já passei por isto e não preciso de passar outra vez. – Atirando o troco para o balcão, sentou-se no chão com o auscultador colado ao queixo. – Eu sei que és casado... – dizia ela quando ele saiu.

Um táxi guinchou até parar em resposta à sua chamada.

– Para onde? – grunhiu o motorista, um irritável jovem hispânico com uma ferida de lâmina na face.

– Park e sessenta e um – disse-lhe Mike.

– Que elegância – exclamou o motorista com desdém, acelerando e atijando um taxista ao seu lado para ver quem dominava a estrada. Balançando no desordenado assento de plástico, Mike tentou não ouvir a conversa deles quando gritaram um ao outro, com as janelas baixas, como se fosse meio-dia. – O que ‘tás a conduzir? Uma ambulância de merda? – gritou o motorista dele.

– Vai-te foder, *cowboy* – gritou o motorista rival.

– Desculpe a linguagem – disse o motorista, amigavelmente –, mas ele é mesmo um cabrão. – Mike suspirou enquanto eles faziam corridas pelos buracos de Manhattan; a entusiasmante sensação natalícia da Quinta Avenida derretia como a neve que caía, desaparecendo na água suja dos passeios. Era altura de se ir embora.

De regresso ao hotel, examinou outra vez a lista de Lieber antes de adormecer. Tinha de reunir com mais três pessoas: Orlando Messenger, Claudia Galli e Aria Rinardi. Telefonou para a British Airways e confirmou o seu bilhete de avião para Londres para a manhã seguinte.

Aria desembrolhou o quadro que Carraldo lhe enviara, esperando que não fosse o Manet e desejando que a mãe não se chegasse tanto a ela.

– O que é, Aria? Deixe-me ver. – Francesca tirou-lho e inspecionou-o criticamente. – Achava que o melhor negociante de arte era capaz de fazer melhor do que isto – disse ela desdenhosamente. – Não vale nada!

Aria olhou para o quadro, atenta; era uma pequena aguarela de Portofino e, quem quer que fosse o artista, tinha um toque suave e uma forma de captar o calor da pequena vila piscatória italiana no seu belo verão.

– Eu gosto, mãe – respondeu. – É encantadora. Gostaria de ficar com ela.

Francesca inclinou-se sobre a mesa do pequeno-almoço e, com o queixo sobre a mão, olhou para a filha.

– Às vezes, Aria – começou devagar –, penso que nasceu sem cérebro. Recusa um Manet, recusa uma esmeralda do marajá que vale uma enormidade e acha que este presente é encantador e deseja ficar com ele. Esta aguarela *barata* é o que devia recusar! A sério, minha menina, onde está o seu bom senso?

– Se está tão convencida de que sou a herdeira de Poppy, mãe, porque

continua a insistir que eu case com Carraldo? – Aria afastou o cabelo dos olhos e olhou para a mãe.

– É só por precaução, querida – replicou Francesca, irritada. – Quero dizer, e se todos aqueles advogados decidirem que a menina não é a herdeira? Não que fosse verdade, claro, mas sabe como eles conseguem ser matreiros. Simplesmente não estão preparados para aceitar a minha palavra, querem «provas». E, quando se cometem os erros que Poppy Mallory cometeu, a única coisa que não se deixa por aí são *provas*. Eu própria o disse a Lieber. «O que espera? Uma certidão de nascimento? A mulher teve um bebé ilegítimo que foi criada pelos Rinardi e a Aria é descendente direta dessa criança. O dinheiro é obviamente dela.»

– E depois ele explicou-lhe que Angel Rinardi cuidara de três crianças, duas raparigas e um rapaz, e a questão é saber qual delas era a filha de Poppy. – Aria acabou de referir a história, exausta; já a ouvira uma centena de vezes.

– Havia as gémeas – insistiu Francesca friamente – e toda a gente sabe que a Helena nunca casou, pelo que a sua avó, Maria-Cristina, é a única herdeira lógica. Afinal, o testamento especificava uma «herdeira», uma *filha*, não um filho, por isso, qualquer alegação de que Aleksandr Rinardi era filho de Poppy é ridícula, pouco importa o que dizem Pierluigi e Claudia Galli.

– E se a Helena, a filha que nunca casou, for mesmo filha de Poppy? Quem recebe o dinheiro?

– Essa é uma hipótese tola – zombou Francesca –, além disso, toda a gente sabe que a Maria-Cristina era a rebelde, tal como a mãe, Poppy.

– Como sabe tanto sobre Poppy, mãe, quando os outros parecem não saber nada? – perguntou Aria, trocista.

– Intuição, minha querida. – Francesca respondeu de modo confiante ao dirigir-se para a porta. – Eu percebo as mulheres.

Aria riu de gozo.

– Acho que é melhor começar à procura das certidões de nascimento, mãe – ironizou ela –, Mister Lieber não vai gostar da sua «intuição».

– Devolva essa pintura sem valor! – ordenou Francesca, saindo da sala, zangada.

Aria abriu a carta que acompanhava o quadro a pensar no que teria Carraldo para dizer desta vez. Ele parecia ter aceite calmamente o

adiamento do noivado oficial, muito mais calmamente do que a sua mãe, que perdera a cabeça; no entanto, ela tinha a sensação de que o magoara e isso preocupava-a. Não pensara que Carraldo fosse um homem que pudesse ficar magoado com pouco; parecia demasiado poderoso, demasiado invencível – e, quando alguém era assim tão rico, nunca se pensava que pudesse ser magoado.

Assim que tivesse tempo, Carraldo voaria para Veneza para estar com ela e almoçariam ou jantariam juntos, porém, Aria insistia sempre para que fossem a um restaurante pelo que nunca ficavam a «sós». Ele falaria dos quadros que vira nessa semana, ou dos trabalhos que vendera e comprara, e especialmente dos seus jovens artistas, e ela ficava com a impressão de que estes eram uma fonte de prazer e orgulho na sua vida. Todavia, ele raramente lhe tocava ou segurava a mão, e, graças a Deus, pensava ela com alívio, nunca tentara beijá-la.

Minha querida Aria, escrevera ele na sua letra elegante e firme, espero que goste deste pequeno esboço de Portofino. Reparei nele na montra de uma galeria, em Londres, na semana passada, e vi que a minha própria villa aparecia lá. Conhecendo o seu talento para as aguarelas, pensei que pudesse gostar de o ter. Não me esqueci de que me disse que teve de desistir dos seus estudos na escola de arte, nem da minha promessa de lhe arranjar um professor. Creio que este jovem artista revela capacidades e, por isso, pedi-lhe para vir a Veneza para a ensinar durante alguns meses. Sei que nunca aceita os meus presentes; mas esta também é uma forma de ajudar este artista a ganhar algum dinheiro tão necessitado e, ao mesmo tempo, respeito próprio. O nome dele é Orlando Messenger, e entrará em contacto consigo amanhã ou por estes dias. Por favor, diga que sim desta vez.

Assinara simplesmente, *Antony*.

Ela dobrou a carta, pensativa: talvez Carraldo não fosse tão mau como as pessoas diziam. Lembrava-se de que o pai, Paolo, gostara dele e confiara nele, contudo, ainda assim, havia muitos boatos – toda a gente dizia que era um homem cruel e sem coração. Voltou a suspirar; não sabia o que pensar, mas era óbvio que, desta vez, não podia recusar o seu presente, pois privaria o artista de uma ótima oportunidade para ganhar dinheiro.

Orlando Messenger telefonou no dia seguinte e ela combinou encontrar-se com ele no Florian's, para tomar chá. Ele surpreendera-a ao telefone ao falar italiano, ainda que com um encantador sotaque inglês, e dissera-lhe

que estivera dois anos na mesma escola de arte que ela frequentara.

– Por isso – dissera ele, rindo-se –, já temos alguma coisa em comum.

Ela apressava-se na tarde fria e cinzenta pela Piazza San Marco, com o portfólio debaixo do braço, e, empurrando a porta do Florian's, entrou para o seu calor vaporoso. As salas de chá do Florian's existiam há mais de dois séculos e, quando Veneza fora ocupada pelos austríacos no início do século XIX, os venezianos tomavam sempre café no Florian's enquanto o inimigo patrocinava o Quadri's, o café rival. Byron tomara chá ali e Elizabeth Barrett Browning bebera o seu chocolate quente; as paredes espelhadas tinham refletido os famosos e notáveis e o Florian's não mudara a decoração de assentos de veludo vermelho e mesas com tampo de mármore desde o dia em que abrira.

Aria olhou para as mesas, à espera de ver um artista magro, esfomeado e com barba, e ficou surpreendida quando um jovem alto e bonito, com espesso cabelo loiro, olhou para os seus olhos, expectante.

– Aria? – perguntou ele, levantando-se.

– Deve ser o Orlando – respondeu ela, com o coração a bater mais rápido quando ele lhe apertou a mão. – Não estava à espera que tivesse esta aparência!

Orlando riu-se ao sentar-se em frente a ela na pequena mesa de mármore.

– Eu também não esperava que a Aria tivesse essa aparência! – respondeu ele.

E não esperara, de facto; era alta, jovem e cheia de estilo, muito bonita de uma forma original. Tinha o tipo de estrutura óssea que um artista desejaria pintar, sobancelhas chocantemente aladas, e os seus olhos azuis, pesadamente cobertos de pestanas, eram devastadores. Era óbvio que aquela rapariga não precisava de casar com Carraldo. Com aquela aparência podia casar com quem quisesse! Depois, lembrou-se que ela poderia não casar com Carraldo; a aposta era que poderia ser a herdeira Mallory e, logo, uma mulher rica como todas as outras que ele conhecia, capaz de seleccionar e escolher consoante a sua vontade. Todavia, tal como ele, ainda tinha de prová-lo. Suspirou; seria uma pena perder aquela inocência e encanto para a autossatisfação do dinheiro em demasia.

– Está a analisar-me – comentou Aria, desconfortável.

– Desculpe. Estava a pensar que gostaria de pintá-la – retorquiu ele e, para variar, não era apenas uma afirmação de engate, falava a sério.

– Não sabia que fazia retratos.

– Trabalho tanto a óleo como a guache e a aguarela. Normalmente faço retratos a óleo, mas primeiro gostaria de a pintar a carvão e depois tentar a aguarela. No entanto, não foi isso que me trouxe aqui, pois não? O Signore Carraldo pediu-me para a ajudar.

O empregado apareceu e ela pediu chá com limão.

– Trouxe o meu portfólio para lho mostrar – disse ela timidamente.

Ele aceitou-o e observou cada esboço atentamente. Eram paisagens suaves e místicas e em cada uma delas ela captara a essência da cena. Tinha talento, não havia dúvidas acerca disso.

– Estão bons – disse-lhe ele –, mas acho que vejo onde precisa de ajuda. É uma questão de estrutura, sabe, aqui... e aqui. – Inclinando-se mais para ela, Orlando apontou para o que queria dizer. – Se o foco tivesse sido este, tudo o resto teria irradiado dele. É uma questão de o ver, só isso.

– Claro – concordou ela –, agora compreendo. Parece demasiado óbvio, nem acredito que fui estúpida ao ponto de não o ver.

– Não faz mal. – Ele encolheu os ombros. – Começaremos amanhã e verá que depressa desenvolverá o seu olhar. Depois, devíamos falar sobre o uso da lavagem de cor para obter um pouco mais de definição. Mas isso será mais tarde.

– É muito difícil ser um artista profissional? – perguntou Aria, colocando os desenhos e os esboços de novo no portfólio. – Foi o que sempre quis ser.

Orlando olhou para ela; nunca conhecia raparigas assim, que olhassem para ele tão doce e confiadamente, com olhos capazes de derreter o coração, pelo que se sentiu um estranho numa terra estranha. Ela estava a anos-luz daquelas mulheres duras e brilhantes que vivem de coscuvilhices, dietas e champanhe.

– É difícil – admitiu ele – e tenho de o aceitar. É muito fácil ganhar a vida a pintar o tipo de coisas que as pessoas gostam de pendurar nas paredes como parte da decoração da casa. Nunca ninguém fará fortuna com isso, mas dá o suficiente para viver e é uma armadilha fácil. Decidi que, se quiser pintar o que realmente quero, tenho de o fazer *agora*, mesmo que signifique morrer à fome numa valeta! É aí que entra o Carraldo. Suponho que ele lhe tenha dito que nos conhecemos na Maze Gallery, em Londres. Eu estava a expor e ele comprou uma imagem de Portofino. Conversámos e falei-lhe da minha ambição. Ele ofereceu-me este emprego para me ajudar. – Orlando

riu-se. – Dois meses em Veneza a ensinar uma bela rapariga! Como poderia recusar? Oh, mas peço desculpa – disse ele rapidamente –, não devia falar assim, sei que é a noiva de Carraldo.

– Ainda não sou a noiva de Antony Carraldo – apressou-se Aria a corrigir –, mas disse que me casaria com ele. Agora já não tenho tanta certeza.

– Mas, porquê? – perguntou ele, sério. – Porque põe sequer essa opção em cima da mesa? É evidente que não está apaixonada por ele se não não teria tantas dúvidas. Uma rapariga encantadora como a Aria podia casar com quem quisesse... Realmente com quem quisesse.

– A minha mãe não concorda – respondeu ela, corando. – Diz que ninguém quer casar com uma rapariga pobre, nem mesmo com o apelido Rinardi. Estamos sem dinheiro, sabe? Temos o *palazzo* e a *villa*, mas tudo pertence ao fundo da família. A minha mãe... Bem, a minha mãe é uma pessoa muito especial. Trabalhou muito, diz ela, para me dar uma boa educação e manter o estatuto. Ela... Bem, acho que me *arranjou* um casamento.

Orlando olhou para ela, chocado.

– Não sabia que esse tipo de coisa ainda existia. Mas não tem de aceitar, pois não?

– A minha mãe está doente. Eu sou tudo o que ela tem. Tenho de tomar conta dela. Carraldo era um velho amigo do meu pai.

Orlando assobiou, incrédulo. Recostando-se no assento, disse:

– Então, Aria, quando é o grande dia?

– Não sei – murmurou ela, olhando para a chávena de chá fumegante. – Esperava agora não ter de casar com ele.

– Porquê? – Ele inclinou-se para a frente, fascinado pela curva das pálpebras dela e pela sombra que as pestanas compridas criavam na face suave. O cabelo escuro despenteado brilhava com madeixas cor de avelã sob os candeeiros vermelhos e os olhos azuis encontravam-se muito abertos com uma nova esperança ao olhar para ele.

– Talvez tenha visto o anúncio nos jornais sobre a procura da herdeira desaparecida de Poppy Mallory? – perguntou ela. Sorriu quando Orlando assentiu. – Parece que toda a gente o viu. Bem, a minha mãe pensa que *eu* sou a herdeira Mallory. Diz que a minha avó era filha dela. Se eu herdar o dinheiro de Poppy, dá-lo-ei à minha mãe. Depois, ficarei livre.

– Livre de Carraldo, quer dizer? – perguntou Orlando gentilmente.

Ela abanou a cabeça.

– Seria maldoso pô-lo nesses termos. Às vezes, Carraldo é... Oh, não sei, não o entendo. Às vezes, ele assusta-me.

Orlando inclinou-se sobre a mesa e pegou-lhe na mão.

– Não se preocupe – disse ele, protetor. – Não há nada a temer.

Ela sorriu-lhe, grata, do outro lado da mesa. A sua mão sentia-se segura na dele; ele fazia-a sentir-se segura. Com o seu cabelo loiro e grande beleza masculina, era como um cavaleiro de armadura brilhante que vinha para a salvar.

– Começamos as lições amanhã? – perguntou ele, apertando-lhe a mão para consolá-la.

Aria assentiu, sorrindo-lhe.

– Mal posso esperar – respondeu ela simplesmente.

A reivindicação de Orlando era curiosa, pensou Mike, caminhando através da chuva fria e húmida de Cork Street, em Londres, em direção à Maze Gallery. Tal como Pierluigi e Claudia, ele argumentava que a criança de Poppy tinha sido um rapaz e não uma rapariga. No entanto, a história de Aleksandr Galli era baseada em pura psicologia, enquanto a de Orlando, segundo o que ele já sabia, era baseada em mera especulação.

Examinou os quadros na montra antes de entrar; eram bonitos, decorativos e definitivamente atraentes, no entanto, ele conseguia dizer que não eram muito bons. A galeria era acolhedora e estava muito bem iluminada, pelo que Mike entrou agradado, deixando do lado de fora a tarde cinzenta e molhada. Um homem pequeno e gorducho olhou-o inquisitoriamente, calculando se ele seria um potencial comprador ou mais um mirone e Mike sorriu.

– Boa tarde – disse ele –, Mister Maze por acaso está?

– Sou eu – respondeu o homem, avançando para ele. – Peter Maze. Em que posso ajudá-lo?

– Mike Preston – apresentou-se ele, estendendo a mão. – Estou à procura de Orlando Messenger.

– O que andou o Orlando a tramar? – perguntou Maze, apreensivo.

Mike riu-se.

– Ele devia andar a tramar alguma coisa?

– Com o Orlando nunca se sabe, tem um pé em todo o lado. E é terrível com as mulheres... Pensei que o senhor pudesse ser um marido irritado em busca de vingança. – Ele riu-se, como se pedisse desculpa. – É claro que não quis dizer isso, Orlando é um bom tipo e um excelente pintor.

– Talvez seja um bom artista, Mister Maze – concordou Mike –, mas não é excelente.

– Bem, sabe, está a basear a sua opinião apenas no que vê aqui. Mas sei o que digo. O Orlando é um ótimo artista e podia ser grande se se concedesse essa oportunidade. Deixe-me dizer-lhe, se ele começar a pintar o que quer, estas pinturinhas valerão uma fortuna como «primeiras obras de Orlando Messenger». Devia comprar uma, Mister Preston, enquanto o preço é justo, pois agora que o Antony Carraldo o tomou sobre a asa, um dia veremos uma obra-prima.

– Carraldo? O famoso negociante de arte?

– Esteve aqui há umas semanas, na inauguração da exposição de Orlando. Comprou um quadro e ofereceu-lhe um emprego em Veneza como professor da noiva, aparentemente ela percebe de aguarelas. Porém, foi uma ótima desculpa para tirar Orlando da dificuldade em que se encontrava e permitir-lhe ganhar algum dinheiro e ter tempo para pintar «o que quiser», para citar o próprio artista. É claro que Orlando ficou extasiado, veio aqui receber o seu pagamento adiantado e foi-se logo embora. Espero ver uma diferença marcada no seu trabalho quando voltar.

– Oh, estou só de passagem por Londres. Foi um amigo em comum que sugeriu que nos encontrássemos – apressou-se a dizer Mike. – Acho que vou ter de me encontrar com ele noutra altura. Só mais uma coisa, Mister Maze, o que quis dizer com «dificuldade em que se encontrava»? Que dificuldade? Drogas, bebida?

– Oh, não! A Poppy era muito rígida em relação a isso! Não, o problema dele é gostar das boas coisas da vida e não ter dinheiro para as comprar. – Encolheu os ombros, atirando os braços para cima graficamente. – É jovem e muito bem-parecido e as mulheres gostam dele... Pode imaginar o resto. Mas acho que o jovem Orlando está a tornar-se amargo, está cansado de ter de «pintar» para pagar o jantar. E, acredite em mim, algumas dessas senhoras ricas e estrangeiras são capazes de ser muito más. Sabem usar o poder do dinheiro em alguém como Orlando, e gostam de todo o tipo de humilhações que cada um dos presentes que oferecem traz. É um preço

elevado a pagar, Mister Preston, e acho que ele já está farto.

– O dinheiro e o poder – comentou Mike – sempre dominaram o mundo.

– Sim, bem, tenho a sensação de que o Orlando pensa que já é altura de *ser* o rei. Agora, posso mostrar-lhe um dos seus quadros, Mister Preston?

– Gostava de poder dizer que sim – respondeu Mike, com um sorriso –, mas não são o meu estilo. Ainda assim, obrigado pelo tempo que me dispensou.

– Foi um prazer conhecê-lo – disse Peter Maze quando a porta se fechou atrás de Mike.

Mike ficou o tempo suficiente em Genebra para conhecer Johannes Lieber. O advogado era um homem pequeno e rechonchudo, mas tinha uma presença autoritária. Com cerca de sessenta anos, o rosto enrugado e os olhos que examinaram Mike, do lado oposto da mesa, estavam habituados a procurar os defeitos do caráter de um homem.

A sua expressão dura transformou-se num sorriso que Mike retribuiu, com alívio. Por um instante, sentira-se num tribunal, pronto para ouvir a sentença, porém, agora, Lieber parecia o tio preferido da família.

– Está a fazer um ótimo trabalho – disse a Mike –, pelo menos sabemos *quem* é Poppy Mallory, ainda que não saibamos o que ela fez para amealhar esta fortuna. – Fez uma pausa. – Diz que vai para Veneza esta noite?

Mike assentiu.

– Primeiro queria ir a Paris falar com Claudia Galli, mas, quando liguei, tudo o que recebi foi uma mensagem do seu atendedor de chamadas a dizer que estava fora e só regressaria na semana seguinte. Então, pensei em ir primeiro a Veneza.

– Uma reivindicação interessante, a dos Galli – comentou Lieber, pensativo. – Não acha estranho, Mister Preston, encontrar uma intriga destas numa única família?

Mike encolheu os ombros.

– Pela minha experiência, não é nada estranho. A única coisa capaz de pôr membros familiares a maquinarem uns contra os outros é uma grande empresa. Acredite, não há grande escolha. Não nos esqueçamos que a maior parte dos assassinatos são cometidos dentro do círculo familiar.

Lieber riu-se.

– Bem, pelo menos a Poppy não matou o pai, apesar de Deus saber que ele parecia que merecia.

– Prefiro pensar que ela o atacou com a faca porque entrou em pânico – retorquiu Mike, sério. – Pelo que sei sobre ela, Poppy Mallory não era esse tipo de mulher.

– Ah, mas que tipo de mulher era ela? – perguntou Lieber. – *Esse* é o enigma que ainda tem de desvendar, Mister Preston.

No avião rumo a Veneza, Mike percebeu que ele tinha razão. Ainda não conhecia a verdadeira Poppy Mallory. Poppy – a mulher.

Era a semana antes do Natal e Mike decidiu que já que tinha de passar a quadra festiva sozinho em Veneza, podia fazê-lo no conforto do Hotel Cipriani. A lancha privada do hotel foi buscá-lo e ele avançava depressa pela lagoa até à ilha de Giudecca. Ao desembarcar, virou-se para olhar para a incrível vista sobre a lagoa do Palácio dos Doges e a Piazzetta, parecendo um palco medieval na brilhante luz do Sol.

O Cipriani deu-lhe as boas-vindas no seu luxo pouco ostensivo e, enquanto almoçava um espetacular almoço tardio de caranguejo com carapaça pontiaguda e *tortellini* recheados com musse de frango, que se derretia na boca, Mike pensou em Aria Rinardi e Orlando Messenger. Dois dos possíveis herdeiros de Poppy Mallory, juntos por um catalisador na forma de Antony Carraldo, o homem mais misterioso do século.

A única coisa que todos os reivindicadores tinham em comum era a necessidade de dinheiro. Orlando estava farto de agradar as amantes ricas e, apesar disso, não estava disposto a abandonar o estilo de vida rico. Não queria «sofrer» pela sua arte. E embora Mike ainda não a tivesse conhecido, parecia que Aria Rinardi queria comprar o seu bilhete de saída do casamento com Carraldo ao dar o dinheiro de Poppy à mãe – queria liberdade. Lauren Hunter precisava do dinheiro para que ela e a irmã bebé pudessem ter vidas decentes e talvez irem para a universidade de Stanford. Pierluigi Galli precisava do dinheiro para financiar o seu império. Enquanto, segundo Lieber, Claudia «precisava» do dinheiro para fazer o que sempre fizera – gastá-lo.

A única questão era que ninguém parecia perguntar onde arranjava Poppy tanto dinheiro. Se a história de que ela tivera um bebé e fora deserdada pela

família fosse verdadeira, então o que fizera ela sozinha na Europa?

Regressando ao quarto, telefonou a Francesca Rinardi.

– *Pronto?* – disse uma voz clara e impessoal.

– É a Baronessa Rinardi? – perguntou ele.

– *Sí.* Quem fala?

– O meu nome é Mike Preston. Johannes Lieber pediu-me para contactá-la.

– Lieber? – perguntou ela com um tremelique na voz. – O que deseja, Mister Preston?

– Mister Lieber pretende que eu fale consigo sobre o testamento de Poppy Mallory – respondeu ele bruscamente. – É óbvio que ainda nada está decidido, mas estamos a investigar cada história aprofundadamente.

– Esteja aqui esta tarde, às cinco – ordenou ela, desligando de repente.

Mike chegou ao Palazzo Rinardi a pé através do Campo Morosini em vez do Grande Canal, e achou-o lindo, apesar do estuque rosa que caía. Uma velhota destemida, com um vestido preto coberto por um áspero avental branco, veio à porta e cumprimentou-o com um aceno de cabeça.

– Por aqui, *signore* – disse ela, atravessando a coxear a entrada que dava para o corredor e murmurando sobre a artrite enquanto avançava.

– É lá em cima – indicou ela –, nas grandes portas duplas, em frente. A *baronessa* está à sua espera, mas poupe-me as pernas se não se incomodar em se anunciar sozinho.

– Não é preciso subir, Fiametta – disse Francesca numa voz suave, no cimo das escadas. Sorriu encantadoramente a Mike. – Por favor, suba, Mister Preston. A Fiametta traz-nos um chá, não é, Fiametta?

A velhota foi-se embora a coxear e a queixar-se sozinha e Francesca suspirou quando Mike subiu a bonita escadaria de mármore em direção a ela. Envergava um vestido de lã verde com um xaile de caxemira fúcsia pendurado nos ombros de qualquer maneira. O seu rosto bonito e simétrico estava perfeitamente maquilhado – não em demasia para ser óbvio, apenas o necessário para enaltecer os lindos olhos verdes e a boca tensa. Mike pensou que ela tinha aparência de rica.

– Pobre Fiametta – comentou ela –, receio que esteja a ficar demasiado velha para este trabalho. Mas, sabe, está na família há mais de meio século e

quando se tem uma criada durante este tempo todo não se pode simplesmente mandá-la embora. Ela não conhece outra vida que não seja junto dos Rinardi. – Estendeu a mão. – Sou Francesca Rinardi. Receio não saber exatamente quem o senhor é, Mister Preston, mas seja bem-vindo ao Palazzo Rinardi.

– Tem uma linda casa, *baronessa* – elogiou Mike, olhando em volta para a sala esfarrapada e elegantemente proporcional, reparando nos frescos do teto e nos retratos, nos pesados cortinados de seda e nos biblôs caríssimos e rachados que se encontravam em cima das mesas.

– Uma herança como esta pode ser um grande fardo – suspirou ela. – Como vê, o *palazzo* precisa de uma fortuna para restaurar a sua beleza original. Receio que a família Rinardi já não tenha esse dinheiro. Compreende, por isso – acrescentou com um sorriso desarmante –, que a fortuna de Poppy iria para uma grande causa.

Mike sentou-se num sofá de brocado amarelo em frente a ela.

– Suponho que, se a sua reivindicação for bem-sucedida, seria Aria a decidir o que fazer com o dinheiro dela.

– A Aria é uma criança! – replicou Francesca, desvanecendo o sorriso. – Eu sou a sua tutora legal. Mas é óbvio que ela havia de querer restaurar o *palazzo* que tem estado na família há séculos.

– E se não quisesse? – persistiu ele.

Ela encolheu os ombros, irritada.

– A Aria acaba sempre por fazer... o que eu acho melhor.

Fiametta apareceu à porta com um tabuleiro de chá nas mãos retorcidas e Mike ajudou-a.

– Obrigado, *signore* – disse ela, olhando-o com os seus olhos severos e escuros.

– Não há necessidade de ajudar – disse Francesca, friamente. – A Fiametta é perfeitamente capaz de carregar o tabuleiro de chá. É claro que quando tivermos o dinheiro de Poppy a vida dela também ficará facilitada. Teremos capacidade para contratar empregados adequados outra vez. A Fiametta era a ama do meu marido. Conheceu a mãe de Paolo, Maria-Cristina. É claro que já está velha e as suas recordações são agora um pouco vagas, mas talvez queira dar-lhe uma palavrinha mais tarde.

– Isso seria uma grande ajuda – admitiu ele. – Diga-me, *baronessa*, tem mais provas que fortaleçam a sua reivindicação? Tudo o que temos é a sua

declaração de que Maria-Cristina era a filha de Poppy, mas não disse por que razão acredita nisso. Só disse que a outra filha, Helena, nunca casou.

– Quando era miúda, Maria-Cristina era rebelde – começou ela, servindo o chá –, como a mãe, Poppy. Fazia sempre o que estava errado, casava com os homens errados, tomava as decisões erradas. Apesar de detestar dizer isto sobre a avó da minha própria filha, ela não era flor que se cheirasse. A Helena nunca chegou a lado nenhum. Angel, a mãe dela, mantinha-a sempre junto a si, amava-a de mais. Não havia dúvidas de que Helena era a sua preferida e já vê porquê. Era porque Maria-Cristina não era filha biológica de Angel, ela simplesmente tentara ajudar a sua velha amiga Poppy Mallory. E a declaração de Aleksandr é ridícula. Não havia razão nenhuma para Poppy deixar dinheiro ao «filho» no testamento, pois ela nunca teve nenhum.

– Mas não tem provas escritas? – insistiu Mike. – Nem documentos?

Francesca voltou a suspirar.

– Mister Preston – disse ela –, tudo o que temos é um papagaio! Venha comigo e eu mostro-lhe.

Ele seguiu-a por outro lanço de escadas até uma sala espaçosa no piso seguinte. Havia dois cavaletes montados junto à janela e uma grande mesa cheia de objetos de artista. E, num enorme poleiro dourado ao pé da janela, havia um grande papagaio verde.

– Este é o *Luchay* – apresentou Francesca. – Era o papagaio de Poppy Mallory. Aparentemente, quando ela morreu, um velho advogado da província apareceu na Villa d’Oro e deu o papagaio a Helena e a Maria-Cristina. O meu marido Paolo acabou por ficar com ele e agora é de Aria.

– Mas o poleiro – exclamou ele – e a gaiola... São obras de arte!

– De ouro maciço, Mister Preston, e as pedras preciosas são verdadeiras. Os anéis à volta da perna do pássaro são de esmeraldas e diamantes! Os ornamentos da base, feitos pela *Bulgari*, creio eu, estão incrustados com safiras, rubis e esmeraldas, tal como lápis-lazúli e turquesa. A Poppy devia ser doida pelo maldito pássaro. E o mais ridículo é que nada pode ser vendido porque foi o que Poppy decretou. Além disso, é tudo demasiado famoso para ser desmontado e vendido separadamente.

Mike franziu o sobrolho quando ela se aproximou do pássaro.

– *Luchay* – chamou ela. – Diz «Poppy», *Luchay*. – Mas o pássaro limitou-se a abanar-se no poleiro e a virar a cabeça. – É claro que o papagaio já é

muito velho. – Encolheu os ombros. – Mas, de vez em quando, diz o nome dela.

– Muito obrigado por me ter recebido, *baronessa* – agradeceu Mike. – Acho que agora entendo melhor a situação. É sempre mais fácil conhecer as pessoas e falar cara a cara.

– Então foi contratado por Mister Lieber? – perguntou ela. – Ele disse que provavelmente iria pôr um detetive privado no caso.

– Na verdade, não. Sou escritor. Mister Lieber e eu pensámos que talvez nos pudessemos ajudar mutuamente.

Ela olhou severamente para ele e depois esboçou um sorriso caloroso.

– Mike Preston! Bem, perdoe-me por ter sido tão profissional. Claro, não percebi que era o famoso escritor. Tem de vir cá jantar e conhecer a minha filha, Aria. Onde está hospedado, Mister Preston? Ou talvez deva tratá-lo por Mike agora que pretendemos conhecer-nos melhor.

– Estou no Cipriani, *baronessa*.

– Por favor, sem mais formalidades, trate-me por Francesca. Que tal amanhã à noite, por volta das nove? Dá-lhe jeito?

– Sim, dá-me jeito, obrigado – respondeu ele. – Será um prazer. Só mais uma coisa, mencionou que eu poderia dar uma palavrinha a Fiametta antes de ir.

– Claro – disse ela. – Mas é melhor ir à cozinha, poupará tempo. Siga-me.

Fiametta olhou para cima, surpreendida; Francesca raramente ia à cozinha, pelo que olhava em volta, com o nariz a enrugar devido ao cheiro do alho que Fiametta cortava.

– Mister Preston quer falar consigo sobre Poppy Mallory – gritou Francesca, apesar de Mike não ter notado que a velhota fosse surda. – Mister Preston é do escritório de Mister Lieber, o advogado de Genebra – acrescentou ela, enfatizando as palavras. – Eu disse-lhe que a Fiametta conheceu a Maria-Cristina.

Fiametta assentiu.

– E muito bem – disse ela, limpando as mãos a uma toalha e sentando-se à mesa.

– Fiametta acompanhá-lo-á à saída quando se for embora, Mike – disse

Francesca, conspirativa. – Receio ter de sair. Tenho um compromisso. Até amanhã, então?

– Até amanhã – despediu-se ele, apertando-lhe a mão fria e suave.

– O que quer saber? – perguntou a idosa senhora, olhando para ele. – Porque não acreditam os advogados simplesmente na palavra dela? Maria-Cristina era filha de Poppy, mãe de Paolo e avó de Aria, ponto final.

– Quem me dera que fosse assim tão fácil, Fiametta – disse Mike, sentando-se em frente a ela. O cheiro do alho era bom e forte e havia pequenas pilhas de ervas e vegetais cortados em cima da mesa, junto a eles. – Cheira muito bem – comentou ele, apreciativo.

– Sou uma boa cozinheira – retorquiu ela. – Aprendi quando era miúda. É claro que a cozinha veneziana é diferente da do resto da Itália. É melhor! Muito arroz delicioso em vez de ser sempre massa. Devia experimentar o meu *risotto*, *signore*, é o melhor de Veneza!

– Talvez experimente – respondeu ele –, a *baronessa* convidou-me para jantar amanhã.

– Ah, então não vai experimentar o *risotto*. Ela quererá algo mais fino para se exhibir, é sempre assim.

Mike assentiu; parecia que não havia afeto entre a velhota e a patroa.

– Fale-me de Maria-Cristina – sugeriu ele. – Que idade tinha ela quando a conheceu?

– Já era adulta e bastante egoísta. Muito convencida e demasiado ocupada com os seus próprios haveres para se incomodar com o filho, Paolo. Maria-Cristina era caprichosa, fugia sempre com o primeiro homem que lhe aparecia à frente. Já tinha sido casada, sabe, com um americano, Bill Aston, era o seu nome. O «Paul» era filho dele, até eles se terem divorciado e ela o ter trazido para aqui. Depois, passámos a chamá-lo sempre de Paolo. Bill Aston era um homem rico e não lhes deu um cêntimo. É claro que ela não se importava pois era tão rica como ele. Por isso, como vê, Paolo nem sequer era Rinardi de nome, só que o primo Aleksandr recusou receber o título. Foi para Paolo que era o varão vivo mais próximo. Isto foi antes de o Pierluigi nascer, claro, e antes de Aleksandr casar. Aposto que *ela* não lhe contou nada disto, pois não? – perguntou, apontando com a cabeça para a porta. – Não, claro que não contou. Não é verdade pensar que o nome de Paolo é antigo, como este *palazzo*. E a pobre Helena, irmã de Maria-Cristina. Foi sempre estranha, sempre debaixo da saia da mãe, achava eu.

Nunca falou muito e dizia-se que, no fim, tinha enlouquecido.

– Poppy foi mencionada alguma vez? – perguntou ele.

Fiametta abanou a cabeça.

– Não que me lembre, apesar de todos parecerem conhecer o boato de que um dos filhos de Angel e Felipe Rinardi não era biológico.

– Estava na casa quando o advogado de Poppy trouxe o papagaio?

– Oh, sim – respondeu ela, ansiosa. – Eu estava lá. Era um homem pequeno e do campo, com um fato preto fora de moda. Estava muito calor e ele suava como um porco. Até parece que estou a vê-lo, com o suor a pingar-lhe do rosto e a gaiola do papagaio na mão. – Riu-se com a recordação. – Que visão para aparecer à nossa porta. Enfim, ele contou a sua história a Maria-Cristina, sobre a moribunda Poppy Mallory que queria dar o papagaio aos Rinardi. «Mas para que raio precisamos de um papagaio velho e sarnoso?», exclamou ela. E, depois, viu a gaiola! Rodopiou-a e inspecionou-a com ganância. Ela gostava de joias e o pobre pássaro começou a guinchar. Estava a fazer um barulho horrível. Depois, a Helena apareceu do jardim. «O que se passa?», perguntou ela. «Que tipo de pássaro é este que canta tão bem?», «O que queres dizer com *cantar*?», perguntou-lhe a Maria-Cristina, a gozar. «O maldito pássaro está a fazer um barulho infernal!» Helena olhou para o pobre pássaro assustado e os seus grandes olhos azuis encheram-se de ternura. Era boa rapariga, de bom coração, sabe, ainda que fosse muito protegida e mimada pela mãe. Mas nunca me esquecerei do que ela disse. «Não, Maria-Cristina, estás enganada», disse ela, «ele está a cantar. E está a cantar especialmente para mim.» A irmã olhou para ela e percebi pelo seu olhar que ela pensou que a Helena estava completamente maluca. Mas sempre foi gentil com ela. «Então, fica com ele, Helena», disse ela, «o papagaio é teu. É um presente de Poppy Mallory.» E foi a única vez que eu ouvi o nome de Poppy Mallory ser mencionado na casa.

– Obrigado, Fiametta – agradeceu Mike, levantando-se para sair. – As suas recordações ajudaram muito.

Os seus velhos olhos brilhantes inspecionaram-no por uns segundos, em seguida, ela disse:

– Já conhece a Aria? – Ele negou com a cabeça. – Ela vale mais do que todos os Rinardi juntos – afirmou ela. – Eu criei-a, sabe. Tem um bom coração, Mister Preston, e não é justo casar com o Signore Carraldo. – A

sua expressão ficou triste ao acrescentar: – E é por isso que ela precisa tanto do dinheiro Mallory, para que nunca tenha de casar com aquele homem. Nunca!

A Villa Velata parecia ter-se enterrado ainda mais no vale sinistro do sopé dos Dolomitas. Uma geada matinal de dezembro já deixara uma camada de branco sobre os arbustos e os relvados, e pintara uma película de gelo através da negligenciada estrada de gravilha. Pierluigi sabia por experiência própria que ela nunca se ergueria, pois a casa estava construída na sombra da montanha e, naquela altura do ano, o sol nunca se levantava acima do seu grande volume. A geada ficava mais grossa, o gelo mais firme, e depois a neve pesada cobriria o monte e a *villa* tornar-se-ia novamente uma prisão durante quatro meses. Tal como sempre fora durante a sua infância.

O motorista percorria a estrada gelada cautelosamente no *Fiat* alugado. Os pneus recusavam-se a agarrar a superfície escorregadia e ele desejou poder praguejar, no entanto, tinha medo do passageiro silencioso. Ele não dissera uma palavra a viagem toda desde o aeroporto em Trento, onde lhe fora dito para se encontrar com ele; limitara-se a olhar pela janela, parecendo um homem a caminho de um funeral. E, tanto quanto o motorista sabia, era mesmo.

Parou o carro com um suspiro de alívio diante de uma *villa* sombria e de cor ocre, apressando-se a abrir a porta do passageiro, porém, Pierluigi já tinha saído. O motorista tirou a mala da bagageira e levou-a até à porta, subindo os degraus.

– Toco à campainha, *signore*? – perguntou a Pierluigi, que se encontrava na estrada, a olhar para a casa.

– Não, obrigado. É melhor regressar depressa, parece que vai nevar – disse ele, estendendo-lhe uma gorjeta.

– Muito obrigado, *signore*. – O motorista observou rapidamente a nota. Era justa, mas não generosa, pelo que ele suspirou; esperara mais de um homem obviamente rico. Enquanto se ia embora, Pierluigi continuava onde ele o deixara, a olhar para a *villa* como se receasse entrar.

Pierluigi sabia que a imagem da sua casa de infância nunca o abandonaria; as paredes lisas de estuque e a fachada assimétrica, a cor ocre que se transformara num castanho feio por causa da humidade; as vidraças tão distorcidas pela idade que pareciam deixar passar todas as rajadas frias do exterior; e os jardins silenciosos. Parecia que o seu pai tinha escolhido viver na casa mais desolada que fora capaz de encontrar para combinar com a desolação da sua alma.

Só durante algumas semanas de verão a Villa Velata ficava cheia de vida, com o cheiro a feno do vale e o aroma dos arbustos em flor que o pai plantara como experiência – os que tinham sobrevivido ao inverno cruel nas suas estufas – até ele os trazer para o jardim para os seus poucos momentos de glória. Os cavalos galopavam nos campos, erguendo as patas e mordendo-se uns aos outros, na brincadeira, num êxtase de entusiasmo quando o calor do sol lhes queimava os dorsos, desfrutando da liberdade dos estábulos. E a jovem Claudia corria também, selvagem, gritando de prazer e saltando como os cavalos, despindo as roupas e rolando na erva, fazendo coroas de flores com as margaridas como um fada de verão.

Ele empurrou a pesada porta da frente e entrou finalmente. O grande *hall* estava escuro, todavia, conhecia-o tão bem que podia atravessá-lo com uma venda nos olhos. Pousando a mala, atravessou-o em direção à cozinha, nas traseiras da casa. A mulher que punha uma panela no fogão antigo saltou de surpresa quando se virou e o viu.

– Signore Pierluigi! – exclamou ela. – Não estávamos à sua espera!

– Como estás, Giuletta? – perguntou ele com um sorriso. – Desculpa se te assustei.

– Não faz mal, *signore*. Suponho que veio para ver a Signora Claudia. Ela também ficará surpreendida, sem dúvida.

– Sem dúvida – disse ele sarcasticamente. – Sabes onde ela está?

– No escritório do seu pai, *signore*. Tem lá estado ocupada há já alguns dias. Diz que anda à procura de alguma coisa.

– Sim – disse ele. – Pois anda.

Atravessou o *hall*, passando pela biblioteca, até ao escritório do pai. Claudia estava sentada junto à enorme escrivaninha e olhou para ele, surpreendida. Depois, um pequeno sorriso curvou-lhe os cantos da boca.

– Ora, ora, o filho pródigo regressa a casa! – disse ela a brincar. – O que fazes aqui, Pierluigi? Pensava que tinha ouvido dizer que nunca mais regressarias à Villa Velata.

– E tu também não disseste o mesmo?

Ela abanou a cabeça.

– As minhas recordações são obviamente menos dolorosas, ou mais atraentes, do que as tuas, irmão.

– Posso imaginar porque estás aqui – replicou ele friamente. – Pensei que talvez me contactasses por causa da Poppy Mallory. Telefonei-te em Paris antes de me vir embora, mas não obtive resposta. Fui até lá primeiro, pensando que te encontraria. É claro que, como não estavas lá, percebi onde te encontravas e vim para aqui, via Genebra.

– O dinheiro de Poppy Mallory é assim tão importante para ti? – perguntou ela com desdém. – Para o Pierluigi Galli, o génio milionário de *Wall Street*? Porque não me deixas simplesmente ficar com *tudo*, Pierluigi? O que significa um milhão ou dois do passado para ti? Quando *sabes* que significa *tudo* para mim?

Desabotoando o casaco, Pierluigi dobrou-o perfeitamente. Colocou-o na cadeira e sentou-se ao lado dela.

– É óbvio que não sabes do que falas – declarou calmamente. – O dinheiro de Poppy não é apenas um milhão ou dois, são centenas de milhares de milhões. Haverá que chegue até para ti, Claudia, apesar de Deus saber que vais gastá-lo mais depressa do que uma faca quente corta manteiga. Pareces não adquirir sensatez enquanto envelheces.

– Somos da mesma idade – gritou ela, irritada. – Sou tão velha como tu!

– Mas para os homens é diferente, não é? Tenho a certeza de que tens consciência disso, Claudia.

– Então sabes porque preciso do dinheiro. – Ela encolheu os ombros. – Pela minha idade de velha. Não por ser simplesmente gananciosa como tu.

– Ouve, Claudia – começou ele com um suspiro –, vamos parar com esta

discussão estúpida. Sempre fomos levados a crer que o nosso pai era filho de Poppy Mallory, e que nós éramos seus netos, e estamos aqui pela mesma razão: encontrar provas que o comprovem. Lieber mostrou-me uma cópia do famoso testamento. Diz claramente que ela deixa a fortuna à filha. Eu expliquei que a história dizia que Poppy nunca chegou a ver o seu bebé. Angel tirou-lho à nascença antes que ela pudesse segurá-lo nos braços. E Angel levou-a a acreditar que era uma rapariga por ter medo que ela um dia regressasse e dissesse que era sua filha. Também expliquei que Felipe Rinardi detestava o rapaz por ele não ser seu filho e que lhe fazia a vida negra, razão pela qual, quando Felipe morreu, Aleksandr abandonou a casa da família e recusou herdar o título. Ele não queria nada que tivesse pertencido aos Rinardi. Veio para aqui, comprou a Vila Velata e muito mais tarde casou com Lucia Galli, cujo apelido adotou em vez do seu. Lieber concordou que a história parecia válida mas argumentou que tinha de receber documentação que a comprovasse. É por isso que estou aqui.

– Ai sim? Pensei que talvez tivesses vindo visitar a tua querida irmã. – Claudia recostou-se na cadeira, espreguiçando-se. – Então não tens saudades minhas, Pierluigi? Quando estás sozinho na tua torre de marfim, num escritório, em Wall Street? Ou naquele museu a que chamas casa, em Park Avenue?

– Eu *nunca* tenho saudades tuas, Claudia – afirmou friamente.

Ela sorriu; já sabia como era.

– Como anda a tua vida sexual? – provocou ela. – Ou já não tens tendência para aqueles atos básicos?

– Estás a ser ridícula – disse ele, gélido, ao abrir a porta. – Vemo-nos ao jantar.

– Mal posso esperar! – gritou ela, a troçar, enquanto ele se afastava.

A vasta sala de jantar não aquecida estava gelada e, por isso, jantaram na mesa redonda em frente à lareira da pequena sala de estar. Giuletta, que vivia na casa do guarda no final da estrada, serviu-lhes *minestrone* e Claudia falou incessantemente durante toda a refeição, queixando-se do facto de o seu cartão Amex ter sido cancelado e da falta de apoio que o irmão lhe tinha dado.

– Tens imenso dinheiro e nunca me dás um cêntimo – disse ela, zangada.

– Estou praticamente a passar fome em Paris enquanto tu vives no luxo!

Giuletta ofereceu veado a Pierluigi, mas ele abanou a cabeça, enviando o prato para trás.

– Estás muito enganada, Claudia – respondeu calmamente. – Ajudei-te em todos os apertos financeiros em que te meteste. Agora é altura de tomares conta de ti própria. É a única forma de aprenderes a valorizar o dinheiro.

– Valorizar o dinheiro! – Ela serviu-se de outro copo de vinho, entornando umas gotas na toalha branca. – E que valor é que o dinheiro tem para ti, irmão? Limitas-te a mudá-lo de uma conta bancária para outra, a brincar aos joguinhos, a comprar isto e a vender aquilo... Nunca fazes nada de *verdadeiro* com ele, Pierluigi! Não te traz prazer nem consolo, nenhum prazer *físico*! Para *ti*, o dinheiro é o resultado final, para mim, é o que posso comprar com ele que importa.

Giuletta levantou os pratos e trouxe a musse de chocolate que fizera durante a tarde. Claudia atacou-a com ganância, servindo-se de mais vinho.

– Tu nunca pensas nas consequências de nada, pois não? – replicou desdenhosamente. – Nem sequer no efeito que a musse de chocolate terá nas tuas ancas.

– Maldito sejas – gritou ela, atirando violentamente o prato através da mesa. – És um cretino, Pierluigi, odeio-te!

Giuletta apanhou os cacos do prato e retirou-se depressa para a cozinha. Aqueles dois nunca tinham sentido grande afeto um pelo outro e agora recomeçavam tudo de novo com uma energia renovada. Ao levar o café, pousou-o na mesa, olhando para eles, preocupada.

– Vou agora, *signora*, *signore* – murmurou ela.

– Boa noite, Giuletta. Obrigado – disse ele, contudo, Claudia estava apoiada na mesa com um ar tenso e a cabeça enterrada nas mãos. Giuletta suspirou; estava feliz por ir para casa ter com o seu marido para um momento de paz e sossego.

– És muito invejoso. É só isso – acusou Claudia sem expressão.

Pierluigi serviu-se de uma chávena de café e levou-a até à porta.

– Vou voltar para o escritório do pai para ver o que consigo encontrar – disse ele, ignorando o comentário dela.

Já lá estava há quase uma hora, a vasculhar por entre gavetas cheias e

compartimentos da escrivaninha, quando ouviu passos no *hall*. A porta foi completamente aberta e Claudia encostou-se a ela, instável. O cabelo caía-lhe despenteado sobre o rosto e a blusa de cetim creme estava manchada de vinho.

– Quero falar contigo... *irmão!* – gritou ela.

Ele olhou-a com desprezo.

– Estás bêbada, Claudia – respondeu. – Porque não vais para a cama dormir? Falamos amanhã de manhã.

– *Falamos amanhã de manhã...* – disse ela, imitando as suas inflexões perfeitas – e de *que* vamos falar amanhã de manhã, Pierluigi? Vamos falar de ti e de mim? – Um pequeno sorriso apareceu-lhe nos lábios grossos, e ela lambeu-os, provocadora. – Sobre os «velhos tempos», irmão?

A mão de Pierluigi agarrou os papéis com força.

– Vai-te embora, Claudia, está bem? – ordenou, virando-se para a mesa.

Ela deambulou na sua direção.

– Então não te lembras, irmão? Não me digas que não te lembras, sozinho na tua enorme cama de solteiro, por cima de Manhattan. Ora, Pierluigi, tu e eu sabemos bem que te lembras. – Parando atrás dele, colocou os braços à volta do seu pescoço e beijou-lhe o topo da cabeça. – Afinal, amas a tua irmã, não é, Pierluigi? E eu nunca soube quanto... até àquele dia no estábulo. Nunca me disseste quantas vezes nos observaste, irmão. Duas, três... uma dúzia de vezes, talvez? – Ela riu-se quando ele lhe desprendeu os braços e a afastou.

– Para, Claudia – ordenou-lhe ele –, para imediatamente!

– Não foi isso que disseste na altura – troçou ela –, só querias que não parasse, não parasse... Lembras-te dessa tarde, Pierluigi? Ele tinha acabado de me deixar e eu ainda estava deitada na palha. Sabia que estavas lá, no sobrado, a observar... e chamei-te. Desceste as escadas tão devagarinho, não conseguias tirar os olhos de mim, pois não? Ali deitada, meio despida, com a saia na cintura...

– Claudia, por amor de Deus! – gritou ele, afastando a cadeira e enfrentando-a.

– E, depois, foi a tua vez, não foi, Pierluigi? A tua vez de tocar no peito da tua irmã, a tua vez de deslizar por entre as pernas dela, a tua vez de...

Pierluigi levantou a mão e deu-lhe uma bofetada, fazendo com que a cabeça dela recuasse com a força do golpe.

– Sua prostituta barata! – gritou. – Tudo o que sempre fizeste foi vender o corpo!

– E tu nunca foste o maior comprador – ripostou ela, amarga, com a mão na lívida marca vermelha da face. – Tiveste-o de graça, *irmão*!

– Vou-me embora – disse ele, dirigindo-se para a porta. – Recuso ficar aqui contigo.

– Tens medo que te seduza? – zombou ela. – É isso?

Ignorando-a, Pierluigi subiu as escadas em direção ao seu quarto. A sua mala ainda estava feita e, vestindo o casaco, pegou-lhe e desceu as escadas. Claudia esperava-o junto ao telefone do *hall*.

– Como pensas sair daqui? – perguntou-lhe. – Já te esqueceste, Pierluigi? Tu não conduzes.

– Ligarei para a aldeia e pedirei um táxi – disse ele, aproximando-se do telefone.

Ela pegou nele primeiro, a rir-se descontroladamente.

– Oh, não, não vais – disse ela. – Ficámos desligados.

Ele olhou, surpreendido, para a tesoura que ela tinha na mão e para os pedaços de fio do telefone. Depois, pegando na mala, passou por ela.

– Irei a pé até à aldeia – declarou ele friamente.

– Ir a pé? – gritou ela, correndo atrás dele. – São cinco quilómetros e está a nevar...

– Vai-te embora, Claudia – replicou furioso. – Não quero mais nada contigo. Nunca mais te quero ver.

– Maldito sejas, seu cretino! – gritou-lhe, atirando-se a ele com a tesoura na mão. – Eu mato-te. – Deteve-se, a olhar aterrorizada para o sangue que ele tinha na mão que levantara para se defender. Os seus olhos encontraram-se e, sem mais uma palavra, ele saiu pela porta, fechando-a com força atrás de si.

Claudia olhou em volta, em pânico. O que fizera ela, oh, Deus, o que fizera ela...? Não pretendia magoá-lo, só quisera retirá-lo da sua complacência gelada e forçá-lo a ser simpático com ela... *Devia-lhe* isso, bolas! Andou freneticamente no *hall* frio, soluçando e limpando as lágrimas, borrando o rímel com as costas da mão. Nunca fora tão mau como agora – é claro que sempre haviam discutido, mas, desta vez, ela fora longe de mais. E nunca tinham falado daquela vez no estábulo, nem sequer depois de acontecer – todavia, ela sempre pensara que Pierluigi a amava realmente,

que era como um pai severo, mantendo-a numa rédea curta por saber que era voluntariosa e imprevisível.

Ainda a pensar em Pierluigi, Claudia não reparou no passar do tempo até o grande relógio de parede do *hall* ter dado as horas, assustando-a. Eram dez horas e ele já devia ter saído há meia hora, arrastando-se pela neve em direção à aldeia. Era uma caminhada longa e escura, por uma estrada fria e traiçoeira, ele podia cair e partir uma perna e ficar ali deitado na estrada sem que ninguém o encontrasse até ao dia seguinte – congelaria e morreria... Ela não era capaz de deixar que tal acontecesse – amava Pierluigi e sabia que ele a amava a ela...

Aterrorizada, vestiu o casaco e correu lá para fora. O piso estava escorregadio e a neve metia-se nos seus saltos altos, fazendo-a deslizar enquanto tentava atravessar o pátio e ir até à garagem. As portas estavam abertas, a neve caía e ela ficou a olhar, surpreendida. Pierluigi devia ter tentado ligar o carro, mas ele nunca conduzia... Tinha uma fobia...

Acendendo os faróis, fez marcha-atrás e tomou o caminho, seguindo aos solavancos pelos sulcos congelados até chegar à estrada que levava à aldeia. Era uma estrada inclinada, sob uma curvatura de limoeiros arqueados e por isso pouca neve penetrara pelas copas. Os limpa-vidros deslizavam, colericamente, para trás e para a frente, à medida que ela espreitava à procura dele na escuridão em frente, com medo de poder não o ver. Voltou a limpar as lágrimas, soluçando e dizendo o seu nome.

– Pierluigi – sussurrou ela –, não foi com intenção. Eu amo-te, a sério. Não sei porque te digo aquelas coisas. – Mas ainda não havia sinal dele. Ela procurou um lenço na mala, que tinha no assento do pendura, para limpar as lágrimas, mantendo um olho na estrada.

Ali! O que era aquilo? Sim, devia ser ele... Olha, ele parara e olhava para os faróis....

– Pierluigi – chamou ela.

De repente, a traseira do carro pareceu deslizar e o volante começou a dar voltas sob as suas mãos apertadas. Instintivamente, Claudia travou, tentando derrapar até parar, porém, os travões não responderam: seguia cada vez mais depressa, a deslizar e a sair da estrada em direção à margem e ao bosque, lá em baixo. Não houve sons de vidros a partir quando o carro se deteve, capotado, sob uma oliveira. Depois, ficou apenas um silêncio profundo e assustador.

Aria estava de pé em frente ao retrato de um homem vestido de preto, da autoria do pintor do século dezassete, Van Dyck. Ele vestia calções e calçava sapatos com fivelas e a sua gola e punhos brancos espreitavam por baixo do casaco de veludo. Encontrava-se arrogantemente encostado a uma coluna de mármore, com uma expressão no rosto que dizia ser ele o dono do mundo e que quem quer que tentasse tirar-lhe isso receberia o tratamento adequado.

– É intimidante – sussurrou ela a Orlando.

– Sinistro, queres dizer – respondeu Orlando, pensativo.

Ela assentiu.

– Como Carraldo, do género poderoso e assustador.

– Não falemos do Carraldo – pediu ele –, tenta esquecê-lo por um instante.

Deambulavam pelas elegantes galerias da Ca'd'Oro enquanto Aria apontava para os tesouros, gostando de ver o rosto sério e bonito de Orlando a inspecionar os quadros, recuando para examinar cada um deles a partir de um ângulo diferente. Estar com Orlando não era como estar com um dos seus colegas da escola de arte, ele era tão interessante e sensível, e bastante diferente de *todas as pessoas* que ela já conhecera.

Era quase um milagre Orlando ter entrado na sua vida quando ela estava num ponto tão baixo. Não tinha de lhe explicar o que sentia em relação à

mãe ou a Carraldo ou até a Poppy Mallory – ele simplesmente compreendia.

Como agora, vagueando pelo museu, eram atraídos pelas mesmas coisas; ela respeitava a opinião que ele tinha dos quadros, e ele pedia-lhe a sua pobre e amadora crítica sobre eles, ouvindo com atenção enquanto ela explicava e referindo, depois, aquilo em que ela não reparara – mas sempre enaltecendo as suas opiniões intuitivas.

– Tudo o que um quadro é, é o que o espetador vê pssoalmente – disse-lhe ele. – Se não significa nada para ti, então não terá valor para ti. Os girassóis de Van Gogh podem valer uma fortuna para uma pessoa e não servir para ter nas paredes de casa de outra.

As duas semanas que Orlando passara em Veneza foram as mais felizes de que Aria se lembrava, e também ela estava aliviada, pois durante esse tempo não vira Carraldo. Ele encontrava-se fora em negócios, para fúria da mãe, pois o anel de esmeraldas ainda não estava firmemente preso ao dedo de Aria. Francesca olhara para Orlando com suspeição quando o conhecera e Aria tivera a sensação de que, se não tivesse sido o próprio Carraldo a enviar Orlando para a ensinar, ela tê-lo-ia dispensado.

– O que está Carraldo a fazer ao enviar um jovem tão atraente para aqui? – perguntara ela, furiosa. – É melhor que tenha juízo, Aria, é só o que lhe digo. Carraldo não é homem para deixar passar um insulto.

– Está a avisar-me, mãe? – desafiou Aria.

– É claro que estou – respondeu ela, zangada – e é melhor que me oiça, se não a menina e o Orlando ainda se vão arrepender.

É claro que ela não se importava consigo própria, fora sobretudo o que Francesca dissera sobre Orlando que preocupava Aria. Ele contara-lhe, excitado, que Carraldo parecera gostar do seu trabalho, que tinham conversado sobre a sua necessidade de pintar o que quisesse, e que Carraldo lhe dera essa oportunidade. Seria terrível se Carraldo se zangasse e recusasse ajudá-lo na sua carreira. Ela sabia que tal era muito importante para Orlando.

– Em que estás a pensar? – perguntou ele.

– Em ti – disse ela sinceramente.

Ele riu-se.

– Espero que sejam bons pensamentos.

– Claro que sim. Estava só a pensar que gostava muito de te ajudar na tua

carreira.

– Isso é comigo – respondeu ele simplesmente –, só eu posso fazer alguma coisa.

– Mas, se eu ficar com o dinheiro de Poppy Mallory, posso ser tua mecenas – retorquiu ela. – A sério, Orlando, nunca mais terias de te preocupar com dinheiro. Podias ter quanto precisasses. Depois, ficarias livre para pintar em vez de teres de ensinar raparigas como eu.

Ele meteu o braço no dela e riu-se.

– Estou a gostar de ensinar raparigas como tu. Só agora percebi que nunca tinha conhecido «raparigas como tu»... Todas as mulheres que conheci eram ricalhaças de cabeça quente que precisavam sempre de *mais*, independentemente do que tinham. Tu nunca pareces querer nada.

– Oh, mas quero – afirmou ela, olhando para ele com olhos azuis sinceros.

– Diz-me o quê – pediu ele, mas ela limitou-se a abanar a cabeça.

– É segredo.

– E tu nunca contas os teus segredos, certo?

Ela voltou a assentir, com o cabelo escuro a cair-lhe sobre os olhos.

– Talvez nunca – disse ela determinada.

Ele riu-se outra vez.

– Só tu para dizeres isso, Aria, pões *talvez* e *nunca* na mesma frase. Vou considerar que é uma forma de me dizeres que um dia me vais contar. *Okay!* Entretanto, Carraldo está a pagar-me muito bem por este trabalho tão agradável, por isso, que tal se te levar a jantar esta noite? Onde gostarias de ir? Ao Harry's Bar?

– Oh, por favor, vamos ao Corte Sconta – pediu ela. – Mas está sempre tão cheio, não sei se conseguiremos arranjar mesa.

– Deixa estar, eu trato disso – disse ele. – A que horas te apanho?

Ela hesitou.

– Acho que é melhor vir eu ter contigo aqui... Desculpa, mas a minha mãe não gostaria – acrescentou ela, triste. – Por causa de Carraldo, sabes?

– *Okay* – concordou Orlando, cortês. – Então, encontramo-nos lá, às dez.

Corte Sconta encontrava-se metido num pequeno beco de Riva degli Schiavoni, na zona do Castello, e Aria esperou pacientemente pela lancha

pública. Estava uma noite um pouco fria e o nevoeiro pairava sobre a lagoa, abafando os sons e diminuindo a visibilidade a dezoito metros. Aconchegando-se mais no casaco, andou de um lado para o outro na paragem *vaporetti*, impaciente. Esperava há dez minutos e tinha receio de chegar atrasada, pensando que um minuto a menos na companhia de Orlando era um minuto desperdiçado. Protestando, aborrecida, afastou-se do canal e começou a andar; conseguiria chegar em quinze minutos se tomasse um atalho.

Os saltos altos das suas novas botas de *cowboy* com franjas martelavam as pedras vulcânicas da Piazzetta, que pareciam solitárias no nevoeiro. O tempo parecia ter contribuído para que as pessoas ficassem em casa e muitos cafés e lojas já tinham fechado. Virou numa rua paralela e começou a percorrer o caminho através dos becos, pensando em Orlando e no segredo que não podia contar-lhe. Como poderia? Ele provavelmente rir-se-ia na cara dela se lhe dissesse que estava apaixonada por ele. Orlando conhecia mulheres tão sofisticadas que ela devia parecer-lhe uma rapariguita. Todavia, interiormente, não o era; era adulta e desejava que ele a beijasse. Claro que já beijara dezenas de rapazes, mas com Orlando seria diferente porque se comprometeria. Amor era amor. E não tinha nada a ver com Antony Carraldo!

Ouviu o som abafado de passos na ponte atrás de si e olhou rapidamente sobre o ombro, no entanto, tudo o que viu foi neblina e sombras à luz de um candeeiro de rua. Estava completamente sozinha. Nervosa, apressou o passo, esforçando-se por prestar atenção a todos os sons... Sim, ali estava ele de novo, a soar nas pedras da pequena ponte que ela acabara de atravessar. Era ridículo, sabia-o, pois se não estivesse nevoeiro provavelmente nem teria reparado nos passos, porém, a neblina fazia com que tudo parecesse mais sinistro. Os passos pareceram aproximar-se, aumentando o ritmo e, com um grito alarmante, ela desatou a correr, descendo os degraus que davam para uma pequena praça dois a dois onde podia ver as luzes brilhantes de um café.

Parou diante das luzes, com o coração a bater, olhando para trás para ver quem era, sabendo que podia entrar no café e pedir ajuda. Uma sensação espinhosa na parte de trás do pescoço dizia-lhe que estava a ser observada. Mas parecia, afinal, que não havia ninguém e, pensando que estava a ser tola, prosseguiu o seu caminho.

A Calle Crocera parecia muito escura depois das luzes brilhantes do café e, cedendo aos nervos de repente, Aria começou a correr, dobrando a esquina para a Calle del Pestrin, tropeçando na calçada de pavimento desigual. Quase chorou de alívio quando chegou ao restaurante; com a mão no puxador, voltou-se para olhar uma última vez para trás, porém, não havia monstro nenhum a olhar para ela no nevoeiro, só silêncio. Abanando a cabeça e dizendo a si própria que era uma tonta com imaginação a mais, entrou.

Corte Sconta era um pequeno café que se tornara famoso pelo seu marisco super fresco e imaginativamente cozinhado. Os venezianos sofisticados descobriram-no rapidamente e agora era um local muito solicitado com mesas simples com toalhas aos quadrados vermelhos e brancos sempre ocupadas. Aria olhou em volta à procura de Orlando, mas ele não se encontrava lá dentro.

– Tem reserva, *signorina*? – perguntou-lhe o proprietário.

– Penso que sim – respondeu ela, esperançosa. – Signore Messenger?

Ele examinou a lista.

– *Sì, signorina*, para as dez. O *signore* ainda não chegou – disse ele, levando-a à mesa. – Gostaria de tomar algo enquanto espera?

– Aria! – Orlando apressou-se para junto dela, com o cabelo loiro húmido. – Desculpa o atraso. Nem acredito neste nevoeiro! Parei dezenas de vezes para pedir direções e, mesmo assim, perdi-me!

– Bom, ao menos já chegaste – disse ela, tão feliz por vê-lo que se esqueceu do seu susto. – Devia ter-te avisado de que isto fica um pouco fora de caminho.

– Não faz mal. – Ele sorriu-lhe. – Estou mais do que habituado a apanhar um táxi e a dizer ao motorista que me leve ao local. Em Veneza, temos de usar os dois pés e o sentido de orientação para irmos onde queremos!

– Mas isso faz parte do encanto – respondeu ela convicta –, sem carros, sem gases, sem barulho... É uma parte da beleza de Veneza.

– Tens razão – concordou ele, pegando-lhe na mão por cima da mesa. – E *tu* és a outra parte. Estás muito bonita, Aria. Sabes, tenho andado para te perguntar se me deixas pintar um retrato teu... Sempre que olho para ti, a minha mão deseja pegar num pincel e captar numa tela as madeixas

arruivadas do teu cabelo, as sobrancelhas aladas. – Erguendo a mão, delineou os lábios dela com o dedo. – A tua boca linda e suave...

– *Signore?* – O empregado sorriu-lhes, compreensivo. – Para entrada, hoje temos enguia fresca – disse ele –, caranguejo, mexilhões, vieiras e camarões muitos especiais... E para prato principal temos...

Eles estavam tão absorvidos um no outro que mal o ouviam.

– O que queres? – murmurou Orlando.

– Uma coisa qualquer – sussurrou ela.

O empregado suspirou, erguendo os olhos ao céu.

– Posso sugerir o prato misto de entradas, senhor – disse ele rapidamente.

– Enguia, vieiras e camarão com dois molhos, e, depois, talvez uma salada e o badejo... Está muito fresquinho... E para beber, *signore?*

– Para beber? Ora, champanhe, claro.

– Mas champanhe é muito caro – sussurrou Aria.

Ele abanou a cabeça.

– É a única bebida adequada, pois, esta noite, vais dizer-me que posso pintar o teu retrato.

– Mas é claro que podes – retorquiu, entusiasmada –, não precisas de me subornar com champanhe!

– Não é nenhum suborno – disse Orlando, tão indignado que os outros clientes olharam para eles, divertidos. – É uma celebração!

– Uma celebração por me pintares? – riu ela.

– Não – negou ele, sério –, por achar que estou a ficar apaixonado por ti.

Foi como se o restaurante frenético tivesse desaparecido como uma cena de palco, quando as luzes se apagam e só os dois protagonistas ficam iluminados; os olhos deles fixaram-se e as mãos tocaram-se através da mesa, e Aria sentiu que estavam sozinhos, só ela e Orlando.

– Estás a dizer que... – sussurrou ela.

– Sim, estou. – Ele apertou-lhe os dedos com força, olhando-a fixamente nos olhos. – Nunca conheci ninguém como tu. Mudaste a minha vida por completo, Aria. Costumava pensar que tudo o que importava era andar de um lado para o outro no mundo, de *resort* elegante em *resort* elegante, e ir às festas mais concorridas com pessoas sofisticadas. A minha vida tem sido superficial e estúpida, e conhecer-te fez-me compreender isso.

– Mas conheces tantas mulheres bonitas – disse ela –, todos aqueles rostos famosos das revistas...

– São mulheres como a tua mãe, Aria – respondeu ele. – Desculpa, mas é verdade. Muito poucas têm coração e o resto só pensa na calculadora. Sinto-me uma nova pessoa em Veneza, contigo. Sinto que tenho o futuro todo à minha frente, agora sei que posso fazer o que quiser.

– Orlando, eu também te amo – murmurou ela, esquecendo-se dos outros clientes –, foi isso que não te pude dizer hoje.

– O champanhe, *signore* – disse o empregado, mostrando-lhe a garrafa.

Quando a rolha saltou e os copos se encheram, Orlando disse-lhe:

– Hoje, vamos brindar a um novo começo. A ti e a mim.

– A um novo começo – repetiu ela, todavia, veio-lhe à mente a imagem sinistra do homem que nenhum deles mencionara. Carraldo. E as palavras de aviso da mãe.

O escritório de Carraldo era numa rua muito discreta de Milão e revelava a sua personalidade. As paredes e a mobília eram cinzentas, com ferragens minimalistas e cadeiras em pele; um bloco de granito polido servia de secretária e finos candeeiros de metal projetavam focos de luz nas superfícies de trabalho e nos olhos da pessoa que se sentasse diante dele. A galeria em frente revelava outro aspeto dele próprio; ali, o chão de olmeiro nu estava descolorado e as intensas paredes brancas adornadas com quadros atrevidos de novos artistas que patrocinava. No entanto, havia outro lugar sagrado pouco iluminado – a parte indefesa de Antony Carraldo, onde ele mantinha as suas mais recentes aquisições, os Impressionistas de valor incalculável e os antigos mestres que faziam dele um negociante internacional, e eram as únicas coisas que ele realmente amava. Ou amara, pois agora estava tão encantado com Aria Rinardi que não conseguia concentrar-se.

Pegou no exemplar de *Il Giorno* e releu a reportagem sobre a morte de Claudia Galli, que também referia que o irmão, o famoso corretor Pierluigi Galli, tinha sido preso e acusado de homicídio. Estava detido em Milão, sem fiança, até novas investigações. Carraldo conhecia Claudia; estivera com ela algumas vezes em festas em Paris e Nova Iorque. Era o tipo de mulher que se via sempre nas «galas de caridade» e nas «inaugurações»,

apesar de ser mais atraente do que a maioria, pois não era um mero esqueleto andante. Claudia tinha carne nos ossos e curvas que mostrava sem pudor e com ostentação. Olhara para ele de forma sedutora uma ou duas vezes, pelo que ele sabia que a tinha na palma da mão, porém, Claudia era demasiado pouco seletiva para ser sua amante. Ainda assim, era triste morrer daquela maneira. E também um pouco estranho que acontecesse agora, quando ela e o irmão reclamavam o património Mallory e Claudia podia, por fim, ser rica.

Recostou-se na cadeira, com as mãos entrelaçadas, pensando em Pierluigi. Ouvira dizer que estava com dificuldades na bolsa de valores e drasticamente ultrapassado. Só algumas pessoas na indústria tinham suspeitado da gravidade dos seus problemas, no entanto, agora, com a morte de Claudia, parecia haver motivo para homicídio. A fortuna de Poppy.

Ele conhecera Pierluigi uma vez, de forma breve, em Nova Iorque, com a irmã, e parecera-lhe um homem que escondia uma grande raiva, ou dor, possivelmente, sob uma camada de frieza. Carraldo reconhecera o sintoma – Pierluigi recordara-lhe ele próprio. Agora, pensava sobre si, e refletia.

O empregado pusera um exemplar do *Il Giorno* no tabuleiro do pequeno-almoço e, mesmo com um italiano limitado, Mike percebeu o que as letras da manchete diziam. Claudia Galli tinha morrido e o seu irmão, Pierluigi, estava na prisão, acusado de homicídio.

Mike assobiou de espanto. Quem teria pensado naquilo? E qual era o motivo? O dinheiro de Poppy Mallory? Mas de certeza que chegava para os dois. Depois, lembrou-se desconfortavelmente do olhar nos olhos escuros de Pierluigi e pensou que talvez não fosse algo assim tão difícil de imaginar.

Nessa noite, quando se dirigiu ao Palazzo Rinardi, Francesca Rinardi afirmara que não ficara nem um pouco surpreendida.

– Creio que ele se fartou de a Claudia estar sempre a arrastar o nome deles na lama – comentou sem compaixão. – Provavelmente, mereceu-o.

– Mãe! – exclamou Aria, chocada.

– E o que pensa disto, Aria? – perguntou Mike.

Ela encontrava-se sentada em frente a ele na sala de jantar octogonal e os seus grandes olhos azul-escuros ficaram tristes quando pensou por uns

instantes nos primos.

– Sabe, nunca os conheci verdadeiramente – explicou, desculpando-se. – Eram muito mais velhos do que eu e viviam muito longe. Só estive com eles uma vez ou duas. Lembro-me de pensar que a Claudia era muito bonita... Só lamento muito o que aconteceu. Lamento pelos dois – acrescentou.

Fiametta serviu o *risotto* que preparara, apesar das instruções opostas de Francesca. Flutuava ao fundo à espera da opinião de Mike, parecendo um pássaro negro e velho no seu avental gasto.

– É trágico – soluçou ela, limpando os olhos com o canto do avental. – Claudia era uma linda menina. E o pobre Pierluigi esteve sempre sob o poder do pai. Depois de a mãe deles ter morrido, não houve amor naquela casa. Aleksandr era um homem estranho, muito estranho...

– Já chega, Fiametta – disse Francesca rapidamente.

– O *risotto* está delicioso – comentou Mike a Fiametta, com um sorriso simpático –, tinha razão, é o melhor de Veneza. – Ela assentiu, satisfeita, e voltou a coxear para a cozinha.

– Pedi-lhe para servir suflé de espargos – queixou-se Francesca –, mas está a ficar tão velha e senil que acho que não se lembrou.

Os olhos de Aria encontraram os de Mike, do outro lado da mesa.

– Ela não está senil – disse Aria –, esta é a especialidade de Fiametta. Só queria exhibir-se, só isso.

– Bem, não há dúvida de que conseguiu – disse Mike, com um sorriso. – Já comi no Cipriani e no Harry's Bar, e esta foi, indiscutivelmente, a melhor refeição de todas.

– Tentamos manter o nível alto, apesar das circunstâncias – disse Francesca, friamente.

– Que *circunstâncias*, mãe? – perguntou Aria, severa. – Detesto quando fala assim, como se fosse forçada a viver a pão e água!

Mike observava com interesse enquanto elas se entreolhavam. As duas eram muito diferentes – Francesca era uma pessoa emocionalmente reservada e Aria era apaixonada e turbulenta – sempre em confronto com a mãe! Não era tão bonita como Francesca, mas havia algo mais para além disso, algo que atraía os olhares dos outros. Não era apenas o facto de ser encantadora, decidiu ele, percebendo de repente por que razão Antony Carraldo se apaixonara por ela: Aria tinha a irresistível qualidade vital do brilho e paixão da juventude.

– Peço desculpa pela má-educação da minha filha – disse Francesca, fria, enquanto Aria bufava, em silêncio, do outro lado da mesa. – Os filhos nunca veem as coisas como os pais, pois não? Acho que se chama a isso conflito de gerações.

Fiametta levantou os pratos e serviu frango cozinhado com limão.

– É uma antiga receita veneziana – referiu Aria a Mike. – Provavelmente teve origem nos mouros ou nos turcos. A Fiametta sabe essas coisas todas, não sabes? – perguntou ela, agarrando a mão da velhota que passava.

Mike observou o olhar de afeto que passou entre elas.

– Fale-me da sua avó – sugeriu ele. – Alguma vez a conheceu?

– A avó Maria-Cristina? – perguntou Aria, surpreendida. – Deus, não. Ela morreu antes de eu nascer. E não me lembro do meu pai alguma vez ter falado nela. Pelos vistos, era um pouco azeda – disse ela, alegre, mergulhando no frango –, sempre atrás de homens.

– Aria! – exclamou Francesca, escandalizada. – Não devia falar da sua avó nesses termos!

– Oh, por favor, mãe, sabe que é verdade – retorquiu ela com um sorriso.

– Maria-Cristina era uma repariga rebelde, tal como Poppy.

– Então e o *Luchay*? – perguntou Mike. – Ele não pertencia a Helena?

– Conheceu o *Luchay*? Sim, era o papagaio da minha tia-avó Helena. Quando ela morreu, o meu pai trouxe-o para casa, para mim. Não é lindo? – perguntou ela, entusiasmada. – Primeiro foi da Poppy, sabe. Deve ser o único ser vivo que realmente a conheceu. Consegue imaginar o que se esconde naquela cabecita dele? É como um *puzzle*, todos temos estas pecinhas que fazem parte da imagem da vida de Poppy, mas há bocados que estão perdidos. E *Luchay* sabe quais são. Aposto que ele sabe quem é a verdadeira herdeira. Só espero que seja eu.

Mike riu-se.

– E o que faria com o dinheiro, caso o recebesse? Ouvi dizer que gostava de ser artista. Não é o Orlando Messenger que está a ensiná-la?

Ela corou intensamente olhando para o prato.

– Como sabe isso?

– Estive na Maze Gallery, em Londres, a semana passada, e vi a exposição de Orlando. O dono da galeria mencionou que Carraldo comprou um dos quadros dele e lhe pediu para ser o seu tutor. Estava só a pensar como estão a correr as coisas.

– Bem – disse ela –, ele é muito bom. E será um grande artista, um dia, quando tiver oportunidade de trabalhar como deve ser.

– Na minha opinião, esse jovem é demasiado egocêntrico – comentou Francesca quando Fiametta trouxe a fruta e o queijo. – E, pessoalmente, não vejo valor no seu trabalho. Ainda assim, Carraldo é o perito, pelo que creio que sabe o que está a fazer. Como espero – acrescentou ela, sincera. – Receio que nesta casa nunca comamos sobremesa – disse ela a Mike. – Os adolescentes engordam muito depressa, sabe, e não queremos que Aria fique gorda antes do casamento, pois não?

Aria ergueu os olhos ao céu, suspirando audivelmente.

– Mãe! – gemeu ela.

Mike sorriu-lhe; jantar com Francesca era como negociar um campo de minas; o que quer que a rapariga dissesse ou fizesse nunca estava à altura da mãe.

– Lembro-me de ter dito que tem uma *villa*, no campo – disse ele. – Sei que já a vasculhou, mas, por vezes, uma pessoa de fora vê coisas que poderão ter escapado.

Francesca olhou para ele, interessada.

– Isso é verdade, é uma antiga casa muito grande, seria fácil perder alguma coisa. Porque não vai lá ver? – sugeriu ela. – É quase um detetive, ou, pelo menos, os seus livros parecem histórias de detetives.

Aria olhou para Mike, pensativa; talvez ele fosse realmente capaz de encontrar provas que comprovassem a sua reivindicação. Orlando fora a Londres por alguns dias, pelo que ela não podia estar com ele. Ficara tão dececionada quando ele lhe dissera que tinha de lá ir; haviam andado pelos becos e pequenas pontes que ela atravessara sozinha, mais cedo, a caminho do Corte Sconta, todavia, de vez em quando, ainda ouvia passos atrás deles no nevoeiro ondulante, mas não a assustaram nem um bocadinho – não com o braço de Orlando à sua volta. Para dizer a verdade, ela ainda nem pensara muito naquilo pois eles haviam parado várias vezes para se beijarem.

Aria estremeceu, feliz, com a recordação dos lábios dele nos dela; sentira-se aconchegada e relaxada com ele, muito diferente de quando estava com Carraldo. E gostavam tanto um do outro, apesar de só se conhecerem há poucas semanas. Claro que ela ainda não podia contar à mãe, Francesca nunca acreditaria em amor à primeira vista.

Contudo, agora, encontrava-se num imbróglio, desejosa de fazer tudo o

que pudesse para ajudar Mike pois queria muito o dinheiro de Poppy. Em seguida, livrar-se-ia da mãe, e de Carraldo, e poderia ajudar Orlando – Carraldo certamente não o faria quando descobrisse!

– Eu levo-o à Villa d’Oro, se quiser – sugeriu ela. – Posso mostrar-lhe a casa.

– Para variar, a Aria tem uma boa ideia – concordou a mãe. – Porque não combina uma hora com Mike? Espero sinceramente que encontre alguma coisa, Aria precisa realmente disto – acrescentou ela, sorrindo à filha.

Aria tinha uma marcação no dentista no dia seguinte, pelo que se encontraram passados dois dias no parque de estacionamento da Piazzale Roma. Ela chegou antes dele e esperou no pequeno *Fiat* branco, protegida por um casaco de pele de castor caro pintado de verde-escuro, e um enorme cachecol azul-claro que combinava com os seus olhos.

– Olá – cumprimentou Mike quando ela lhe abriu a porta. – Uau, está muito bonita.

– É do casaco – respondeu com um sorriso. – A mãe insistiu para que comprasse um casaco de peles de forma a parecer «respeitável» quando saísse com Carraldo, e comprei este. É claro que ficou furiosa, queria-me com algo mais tradicional, mas este é o meu estilo. Enfim, custou uma fortuna – acrescentou enquanto entrava no tráfego da periferia de Veneza –, pelo que é melhor hoje encontrarmos algo, na *villa*, que prove que sou a herdeira, se não tenho de casar com Carraldo para que a mãe o possa pagar!

Ela riu-se, mas Mike conseguiu observar que não estava contente. Pensou em Lauren Hunter, esforçando-se para pagar as contas de modo a tomar conta da irmã pequena, e ponderou se Aria não passava apenas de uma menina rica e mimada.

– Não sei se a conheço há tempo suficiente para lhe perguntar isto – começou ele cautelosamente –, mas, porque vai casar com Carraldo?

Aria olhou para ele, pensando se poderia confiar ou não. Afinal, trabalhava com os advogados de Genebra; talvez devesse ser um pouco mais cuidadosa com o que dizia. Porém, gostava dele; havia algo de confiável naquele americano inflexível, e atraente também, de forma muito pessoal. Não como Orlando, claro – mas quem poderia competir com a beleza dele? E evidentemente Mike era um homem mais velho – devia ter,

pelo menos, trinta e cinco ou trinta e seis anos. Decidindo que isso não tinha importância, contou-lhe a história da «doença» de Francesca e do casamento arranjado com Carraldo.

– Não o vejo há algumas semanas – acabou ela por dizer. – Devíamos ter anunciado o noivado no dia em que o anúncio da herdeira saiu nos jornais. Ele estava em Londres e telefonou a dizer que não conseguia chegar a tempo e logo, claro, o noivado foi adiado. Depois, a mãe e Fiametta disseram-me que *eu* era a herdeira desaparecida e achei que talvez não me tivesse de casar. Só falei com ele uma ou duas vezes desde então e disse-lhe que queria esperar. Ele foi muito simpático e compreensivo, mas...

– Mas?

– Acho que ficou magoado – concluiu ela suavemente. – Acho que se importa realmente com isto.

Fez-se silêncio por um momento, depois Mike disse:

– A Fiametta disse-lhe que era a herdeira?

Ela olhou para ele com um sorriso.

– Acha que eu não acreditaria na minha mãe, não é?

– E Orlando Messenger? – perguntou ele, à espera que ela lhe dissesse que sabia que Orlando também reclamava o património.

Ela corou, agarrando o volante com mais força.

– O Orlando é muito simpático – apressou-se a dizer. – Sei que a minha mãe não pensa o mesmo, mas acredito que, um dia, será um grande artista. E é óbvio que Carraldo também acha o mesmo, caso contrário, porque o ajudaria?

Porquê, de facto?, pensou Mike. Tentara contactar Orlando no dia anterior, na sua *pensione*, mas disseram-lhe que ele partira para Londres e só voltaria dali a alguns dias. Era óbvio que Aria não sabia da reivindicação e Mike questionou-se sobre a razão por que não lhe contara Orlando. Seria porque pensava que Francesca ficaria zangada e teria um motivo para o dispensar se descobrisse? Ou porque Aria estava tão desesperada para ficar com o dinheiro que não o queria ali? Certamente que não, pois, pelo olhar dela e pelas vezes em que corava, já havia romance no ar!

Mas uma coisa era certa. Carraldo sabia que Orlando reivindicava o património de Poppy, pois era o tipo de homem que sabia tudo; queria saber que hipóteses tinha Aria de receber a herança e, se ele a desejava tanto quanto parecia, não queria que ela a ganhasse. Mike apostaria em como

Carraldo faria tudo para Aria não ficar com o dinheiro. E, pelo que ouvira sobre ele, também apostaria que não iria gostar se, por acaso, ela fizesse dele parvo ao fugir com outro homem. Era melhor Aria ter cuidado; brincava com um fogo muito perigoso.

O pequeno *Fiat* percorria a Route 21 em direção a Treviso quando ela disse de súbito:

– Mike, é um bom detetive?

– Sou jornalista de investigação – respondeu ele –, mas suponho que pode dizer que sou uma espécie de detetive.

– Então, vai ajudar-me? – perguntou ela enquanto acelerava e ultrapassava uma camioneta enorme, acenando ao condutor ao voltar para a sua faixa. – Acho que estamos a ser seguidos. Está um *Peugeot* preto atrás da camioneta, segue atrás de nós desde que saímos da Piazzale Roma.

Mike olhou por cima do ombro justamente quando o carro preto apareceu ao lado da enorme camioneta, colocando-se, depois, atrás deles, na faixa.

Mike espreitou outra vez para o carro; o condutor, com o rosto escondido sob um chapéu de motorista preto e com pala, mantinha um ritmo estável atrás deles.

– É uma autoestrada principal – disse ele –, talvez esteja só a conduzir calmamente até Treviso.

– Não é só isso, acho que também estou a ser seguida nas ruas. – Os olhos de Aria revelavam medo quando lhe contou sobre os passos no nevoeiro. – E ontem, mesmo à luz do dia, tive a sensação de que estava a ser observada. Sabe, aquela sensação estranha que nos percorre a coluna. Fui ao teatro ontem à noite com a minha mãe e juro que alguém nos seguiu a caminho de casa. As ruas tinham muita gente e eu estava sempre a olhar por cima do ombro, mas como podia ter a certeza? Podia ser qualquer um. Mas eu *sabia* que estava ali alguém.

– Contou à sua mãe?

– Claro que não. Nunca mais me deixaria sair de casa, se soubesse.

– Mas, quem quereria segui-la? – perguntou ele, pensando em Carraldo.

– É do conhecimento público que devo ser a herdeira de Poppy – referiu ela –, saiu em todos os jornais. Pensei que alguém me estava a tentar raptar! – Olhou para ele e depois, através do espelho retrovisor, para o pequeno *Peugeot* preto, ainda atrás deles. – Tenho medo, Mike.

Ele pensou em Claudia, assassinada há poucos dias, e em Pierluigi na

prisão, e agora Aria achava que ia ser raptada – ou pior. Tudo pelo dinheiro de Poppy Mallory. A herança que parecia uma grande bênção estava a tornar-se uma maldição.

– Vamos testá-lo – sugeriu ele –, estacione em frente ao café ali da frente.

Ligando o pisca, Aria deslizou para fora da estrada concorrida e estacionou em frente à bomba de gasolina e ao café. Ambos se viraram para trás, à espera para verem se o carro preto os seguiria, contudo, ele não apareceu.

– Talvez estivesse errada – disse Aria com um risinho nervoso –, a minha mãe sempre disse que tenho uma imaginação muito fértil.

– Vamos fazer uma pausa e tomar um café – sugeriu ele.

Inclinaram-se amigavelmente no balcão, bebericando um espumoso *cappucino* quente e partilhando uma fatia de bolo de chocolate.

– Deixe-me fazer-lhe uma pergunta – disse Mike repentinamente. – O Carraldo sabe de si e de Orlando?

Aria parou a meio de uma dentada; ficou com um pedaço de chocolate nos lábios que lambeu nervosamente.

– De mim e do Orlando? – perguntou ela na defensiva.

– Sim, que... – Ele encolheu os ombros.

– Não, não sabe – respondeu baixinho. – Eu própria só o sei há poucos dias. Como soube?

Ele sorriu.

– Não sabia, foi apenas uma impressão. Tem de fazer alguma coisa em relação às suas faces coradas.

Ela voltou a corar, olhando para os pés, e ele ponderou se deveria falar de Orlando ou não, porém decidiu não fazê-lo. Talvez o próprio Orlando lho contasse mais tarde; ele decerto não queria interferir na história de amor.

– Não pôs a hipótese de Carraldo ter arranjado alguém para vigiá-la, pois não? – perguntou.

A cabeça dela ergueu-se de repente e os seus olhos olharam-no, espantados.

– Carraldo nunca faria uma coisa dessas! Ele confia em mim. Tanto quanto sabe, não tem razão para desconfiar de mim.

Mike assentiu.

– Está bem, vamos indo, então.

Ele manteve-se vigilante em relação ao pequeno *Peugeot* preto, todavia, não havia sinal dele e Aria parecia ter-se esquecido de tudo quando chegaram a Villa d'Oro.

– É magnífica – exclamou ele.

A estrada impressionante terminava num círculo diante de uma *villa* de estuque creme. Um lanço de escadas de pedra flanqueado por frontões que suportavam grandes bustos clássicos de damas do renascimento, com os braços estendidos a dar as boas-vindas, dava para um vasto pórtico suportado por quatro colunas de mármore. Havia três filas de janelas quadradas com persianas verde-escuras colocadas simetricamente de ambos os lados das maciças portas duplas, com outras quatro colunas de mármore a sustentarem os cantos do telhado plano.

– É linda – concordou ela –, mas há outras muito mais bonitas. Se visse a *Rotonda* do Palladio perto de Vicenza, saberia do que falo. Mas vamos entrar, temos de trabalhar.

A *villa* estava muito bem decorada com antiguidades venezianas, mas parecia poeirenta e desabitada, e Mike reparou que havia grandes vazios pálidos nas paredes onde tinham estado quadros.

– Foram emprestados a um museu – explicou Aria. – Já não tínhamos dinheiro para pagar a apólice e, de qualquer forma, a casa também não tem a temperatura nem o nível de humidade adequados para os preservar.

Um homem com uma boina de tecido apareceu no *hall* e ela apresentou-os.

– Este é o Alfredo. Ele e a mulher tomam conta da casa. Acho que costumava haver trinta empregados no tempo do meu bisavô, mas agora muito poucas pessoas se podem dar a esse luxo.

– Estávamos à sua espera, *signorina* – disse Alfredo. – A *baronessa* ligou. Disse para prepararmos o almoço para a uma e meia.

Aria riu-se.

– A mãe nunca se esquece das suas obrigações sociais. Bom, Mike, por onde começamos?

– Que tal pelo escritório? – sugeriu ele, porém percebeu que era uma causa perdida mal o viu. O escritório estava limpo e arrumado, a secretária imaculada, com papel e envelopes novos e selos nas gavetas pequeninas, prontos para a tarefa séria de escrever cartas.

– Porque não percorremos a casa e vemos se o Mike tem uma das suas

«impressões» sobre alguma coisa? – sugeriu Aria, sorrindo-lhe matreiramente. Era realmente muito bonita, pensou ele, seguindo-a pelas escadas; não julgava Carraldo nem Orlando por se terem apaixonado por ela.

– A *villa* foi restaurada no virar do século – explicou ela. – Quando os Rinardi deitaram as mãos ao dinheiro dos Konstant, e, meu Deus, como o gastaram! Ao que parece, estava quase em ruínas quando Felipe Rinardi começou a trabalhar nela. Restaurou todos estes belos relevos das paredes e os frescos dos tetos e tratou da humidade e das goteiras. É realmente uma pena que esteja novamente a degradar-se. A mãe quer pô-la novamente em forma, assim que conseguirmos o dinheiro.

Mike reparou que ela dissera «assim que conseguirmos o dinheiro» e não «se», apesar de ainda não ter uma prova real que comprovasse a reivindicação. Ele seguiu-a pelos quartos e pelas salas, casas de banho, salas de costura, salões para a noite no andar de cima, salas para o dia no andar de baixo, salas de armas, balneários, copas e cozinhas... Já para não falar na biblioteca, no salão grande e na sala de jantar, com uma mesa com lugar para trinta pessoas, e um candelabro que devia pesar várias toneladas, onde comeram uma refeição simples de massa, salada e queijo, acompanhados de uma garrafa do melhor vinho local.

– E os sótãos? – perguntou ele, bebericando o café.

– O telhado é quase plano, pelo que não existe propriamente um sótão, apenas os quartos dos criados. Acho que não vai lá ninguém há anos.

– Já ouvi dizer – comentou ele, pensando em Hilliard Konstant. Mas quando ela lhe mostrou o corredor bafiento e os inúmeros quartos minúsculos e atrofiados, decorados com camas de ferro decrepitas e cómodas de madeira barata, soube que ela tinha razão. Ao contrário do Rancho Santa Vittoria, não havia ali nenhum tesouro escondido.

A luz desaparecia quando desceram a escadaria de pinho em direção à cozinha.

– Talvez devêssemos tentar a biblioteca – disse ele –, podemos ter sorte. – Mas não alimentou muito a esperança. Ao longo dos anos, a Villa d'Oro fora limpa de todo o seu entulho familiar e pequenas recordações pessoais que pudessem ter interesse.

– O meu pai costumava trabalhar sempre aqui – referiu Aria, sentando-se atrás de uma secretária sólida e feita à mão, na biblioteca. – Era esta a sua

mesa. A mãe detesta-a, quer sempre livrar-se dela ou escondê-la em qualquer sítio menos proeminente, mas eu não deixo. – Olhou para Mike com uma expressão suave de tristeza nos lábios. – Teria gostado do meu pai. Ele morreu quando eu tinha cerca de seis anos, mas ainda me lembro dele. Lembro-me de me sentar no seu joelho, a esta secretária, e do dia em que ele trouxe o *Luchay* para casa. E lembro-me de ir ao seu funeral, de segurar a mão de Carraldo. Engraçado, na altura achei que Carraldo era muito forte e estava ali para me proteger. Só mostra como uma pessoa se engana – acrescentou, amarga. Afastando as recordações, dirigiu-se a uma prateleira e retirou um grande álbum de fotografias. – Gostaria de ver as fotografias do casamento de Angel? – perguntou. – Também há fotos de crianças.

– Gostaria muito – admitiu Mike, agradado.

– Aqui está ela no dia do seu casamento. – Aria apontou para uma imagem sépia e desbotada de uma linda rapariga loira numa nuvem de véu de tule e um sorriso radiante. – Era muito bonita – disse ela, suspirando. – Infelizmente, nenhum dos filhos era parecido com ela. E esta é a minha avó Maria-Cristina. E esta é a Helena.

Mike olhou com curiosidade para as filhas esmorecidas. Eram parecidas e, ao mesmo tempo, não eram: Maria-Cristina era muito loira, com intensos olhos azuis e uma expressão viva e alerta; enquanto os olhos enormes e insondáveis de Helena fixavam a câmara, sem sorrir. O seu cabelo também era loiro, embora mais escuro, e não tinha o mesmo brilho da irmã.

– E este é Aleksandr – disse Aria, mostrando-lhe uma fotografia manchada e acastanhada de um rapaz com cerca de seis anos, mantendo-se em alerta num casaco *Norfolk* e calções, com um magnífico par de espingardas dentro de uma caixa, em cima de uma mesa junto a ele. Havia mais algumas fotografias de Angel e das filhas, anos mais tarde, mas nenhuma de Aleksandr e nenhuma do marido de Angel.

– Acho que ela tentou divorciar-se dele – revelou Aria –, enfim, o que contam é que ela regressou à Califórnia e só voltou aqui depois de ele morrer. Ninguém parece saber muito sobre isso, o que é uma pena, pois se eles não tivessem sido tão pudicos a esconder os escândalos das próprias famílias, agora poderíamos conhecer a verdade.

– Mas as coisas já começam a encaixar – respondeu Mike, avaliando a informação que recebera de todas as pessoas que conhecera. Tudo o que

precisava era de mais algumas pistas para conseguir decifrar a etapa seguinte da vida de Poppy. Sabia que tinha de haver *alguma* coisa, mas precisava de mais tempo.

Já estava escuro lá fora e repentinamente caiu uma chuvada de granizo contra os vidros das janelas.

– Está a ficar tarde – disse Aria. – Temos de ir embora.

– Não podemos pernoitar? – perguntou ele de súbito. – Ainda não começámos aqui.

Ela hesitou.

– A minha mãe não vai gostar, não sem a presença dela ou de Fiametta. Fazemos o seguinte, porque não fica o Mike? Vou pedir ao Alfredo e à mulher que lhe preparem um quarto e tomem conta de si. Assim pode trabalhar o tempo que quiser.

– Talvez seja melhor eu regressar consigo – disse ele, pensativo, lembrando-se de como ela ficara assustada quando fora seguida.

– Não se preocupe, ficarei bem – garantiu-lhe ela. – Apanharei uma lancha no parque de estacionamento da Piazzale. – Ele acenou-lhe um adeus duvidoso, sentindo que devia acompanhá-la, mas a biblioteca e a casa grande com todos os seus segredos escondidos atraíam-no irresistivelmente. Tinha de descobrir coisas sobre Poppy.

Alfredo acendera a lareira e fechara os pesados cortinados de veludo verde da biblioteca, e havia um tabuleiro prateado com uma garrafa nova de *Jack Daniel's* e uma licoreira com brande em cima de uma mesa pequena. Mike manteve-se junto ao fogo, tentando visualizar os Rinardi ali, na viragem do século. A bonita Angel e o seu belo marido, e depois as crianças. Já sabia muito sobre Angel e até sobre Poppy – de certa forma. A única pessoa de quem não sabia nada era de Felipe Rinardi.

Sentou-se em frente à lareira, bebericando o seu *Jack Daniel's* e pensando em Felipe, o homem responsável pelo restauro do Palazzo Rinardi e da Villa d'Oro – não olhara a despesas, apesar de o dinheiro que gastava não ser seu; e o homem que comandara a sua casa com uma mão de ferro tão pesada que todos o detestavam.

Depois, vagueou pela sala à procura de volumes com capa de pele nas prateleiras que iam desde o chão ao teto. Numa das prateleiras com a letra *R*, reparou em várias caixas de papel a imitar mármore, como pequenos arquivos, marcados *Paolo Rinardi – Um Estudos sobre as Vidas dos Poetas*

Românticos Italianos. Retirando as caixas, levou-as para a secretária, a mesma onde Paolo se sentara a escrever aquelas páginas – o trabalho da sua vida. Provavelmente, tinha sido compilado por Francesca e arrumado numa prateleira para ser esquecido para sempre.

Ao abrir a primeira caixa, inspecionou o seu conteúdo. As folhas estavam escritas numa caligrafia tensa e muito junta e o pouco italiano que Mike sabia era insuficiente para decifrá-la. Voltando a guardá-las, abriu as outras duas caixas, vasculhando o seu conteúdo. A terceira parecia conter as notas e referências de Paolo, pelo que as remexeu sem prestar grande atenção até reparar que algumas das folhas estavam escritas em inglês.

Era uma carta e a primeira página estava endereçada *Ao Rancho Santa Vittoria* em letras grandes e muito espaçadas. Começava: *Minha querida Maria-Cristina, parece que já passou muito tempo desde que tive notícias tuas. Por favor, escreve-me a dizer que tu e a Helena estão bem. Preocupo-me convosco, estou sempre a pensar no que estão a fazer. Hoje estou a sentir-me particularmente triste e sozinha porque vi alguém que costumava ser minha amiga – mais, era como uma irmã para mim. Às vezes tu lembras-me ela, e pergunto-me o que faz com que mulheres como vocês sejam tão diferentes de mulheres como eu. É genético? Uma ligação do teu pai ou da tua mãe? Ou é puro acaso, pura coincidência? Conto-te sobre ela agora porque quero que saibas que, apesar de eu ter acreditado sempre no amor verdadeiro, sou agora mais velha e mais sensata. Sei que o amor pode acabar ou morrer – assassinado por um coração cruel e pelas ações injustificadas de outro. Agora tenho apenas o meu amor por ti e pela tua irmã e pelo pobre e triste Aleksandr. Toma conta da tua irmã, Maria-Cristina, ela precisa da tua ajuda. Não é como tu, capaz de tomar conta dela própria. Como a protegi em demasia, ela nunca desenvolveu a forte camada que tu tens. Mas agora vou contar-te sobre Poppy, para que saibas o que aconteceu entre mim e o teu pai...*

Havia mais uma dúzia de folhas e Mike folheou-as rapidamente em busca da assinatura no fim. *A tua mãe que tanto te adora, Angel Konstant Rinardi*, escrevera ela, numa letra antiquada.

Ele segurou as folhas na mão, quase a tremer de excitação. Finalmente tinha a resposta, ali mesmo, nas suas mãos. Maria-Cristina entregara a carta ao filho, Paolo, e ele guardara-a – para o caso de os seus filhos precisarem de saber a verdade.

Aproximando o candeeiro, olhou cuidadosamente para as folhas com uma letra fluida, absorvido no que Angel tinha para dizer à filha. Passada meia hora, recostou-se na cadeira, analisando o que acabara de ler. Não era a resposta completa, não totalmente, pois era o ponto de vista de Angel e ela não contara à filha a verdade toda. Contudo, preenchia os capítulos seguintes da vida de Poppy.

26

1898, ITÁLIA

Em Florença estivera calor, em Roma estivera impossível e, agora, até Veneza brilhava sob uma neblina irrespirável de calor enquanto Poppy, mais uma vez sozinha num dos seus passeios de final de tarde, atravessava a Praça de São Marcos e entrava na fresca e bem-vinda escuridão do Florian's. Sentando-se a uma pequena mesa redonda com tampo de mármore junto à janela, pediu um copo de chá gelado e começou a ler novamente a carta de Greg. Era uma carta bonita, decidiu com um suspiro, o tipo de carta que qualquer irmão escreve à irmã – exceto pelo final, que dizia: «Não me esqueças, Poppy. E não te esqueças de que te amo.» O problema era que ela também *amava* realmente Greg, mas não com aquela espécie de amor fatal que sempre imaginara que existira. Suspirando, enfiou a carta na mala e, levando um dedo inquisitivo aos lábios ligeiramente afastados, virou a atenção para os bolos deliciosamente dispostos nos carrinhos prateados.

– Recomendo a torta de avelã, *signorina* – disse Felipe Rinardi, em inglês.

Os olhos de Poppy abriram muito.

– Como percebeu que eu era americana? – gaguejou ela.

– É um mero processo de dedução, *signorina*. É óbvio que não é italiana, apesar de ter as cores de uma obra-prima de Ticiano. Não é arrogante nem fria como as francesas, apesar de estar a usar um vestido parisiense muito

chique. Não é nórdica nem alemã, apesar de ser bastante alta. E não é inglesa, apesar de falar quase a mesma língua.

Ela riu-se, divertida.

– Isso é muito engenhoso, e obrigada pela recomendação, mas acho que hoje está demasiado calor para bolos.

– Então, porque não experimenta um prato de *granita*? É o melhor granizado do mundo. Ficarei encantado se me deixar pedir-lhe um, afinal, como é uma visitante do meu país, é meu dever mostrar-lhe o melhor que ele tem para oferecer.

Os olhos de Poppy brilharam. A tia Melody proibira-a expressamente de falar com estranhos, homens em particular – mas a tia Melody estava a dormir no Gritti Palace e nem sequer sabia que ela se encontrava ali. E ele era *tão* lindo. Parecia o que ela sempre imaginara que um artista pobre seria, alto e magro com proeminentes maçãs do rosto que deixavam românticas cavidades ocas à volta dos belos olhos verdes. O seu abundante cabelo loiro caía-lhe suavemente para a testa e a mão que lhe estendeu por cima da mesa do café quando se apresentara tinha dedos longos e finos como os de um músico.

– É claro que não seria próprio aceitar sem sermos apresentados – disse ele. – Barone Felipe Rinardi, *signorina*. – Depois, os seus dedos firmes apertaram os dela e os seus lábios passaram ao de leve na pele dela, enviando-lhe um pequeno arrepio pelo braço. – É óbvio que uma senhora normalmente não fala com um estranho num café – acrescentou ele com um sorriso sedutor. – Mas posso oferecer duas referências satisfatórias. A minha família é das mais antigas de Veneza e venho aqui, ao Florian's, desde criança. Se desejar, pode verificar a minha respeitabilidade junto dos empregados!

Poppy riu-se alegremente quando ele acenou ao empregado com o braço.

– Carlo – chamou ele. – *Una granita cioccolata per la bella signorina*. – Depois, disse: – *Permesso?* – E sem esperar pela resposta dela, sentou-se a seu lado no banco vermelho. Poppy olhou-o, cautelosa. – Deixe-me adivinhar de onde é – disse ele. – Deve ser da clareira de uma floresta profunda na parte mais a norte da América, onde o sol nunca penetra para lhe aquecer a pele. Ou não, não... Também há aí um pouco do calor do Sul, talvez no azul mediterrânico dos seus olhos e na forma da boca... E essas sardas que vejo são como pó de ouro espalhado pela cana desse nariz

perfeito? É dos estados do Sul, então? Da terra dos pântanos e dos carvalhos cobertos de musgo e casas de plantações... Mas não, não tem a qualidade «preguiçosa» apropriada de uma verdadeira dama do Sul. – Suspirou dramaticamente. – Devo confessar... Estou perdido. E nem sequer sei o seu nome.

– É Poppy – disse ela, baralhada.

– Poppy? Mas que maravilhoso, é o nome perfeito para si. Poppy, *che bella*. Mas... Poppy quê?

– Poppy Konstant – referiu ela de imediato, corando muito vividamente.

– Konstant? Que nome tão invulgar – comentou ele, quando o empregado colocou uma taça de *granita* de chocolate diante dela.

Poppy olhou para baixo, desgostosa. Não devia ter dito aquilo, mas saíra-lhe, como se todo o seu desejo de ser uma Konstant se tivesse concretizado.

– É russo – murmurou –, o nome original era Konstantinov.

– Russo? Não, também não parece russa. – Felipe sorriu. – Prove isto – ordenou ele – e diga-me se não é a melhor coisa do mundo para uma tarde quente em Veneza. – Recostou-se no banco, de braços cruzados, olhando-a quando ela pegou na colher pequena. Poppy olhou para ele de soslaio com uma astúcia felina quase sedutora. – Ainda não adivinhou de onde sou – disse ela, lambendo o chocolate dos lábios com uma pequena língua rosa e pontiaguda.

– Da Califórnia? – disse ele ao acaso.

Ela engasgou-se.

– Como adivinhou?

– De onde mais poderia ser? É claro que é uma verdadeira papoila californiana, e tão bonita como a flor que lhe deu o nome.

Poppy olhou para ele timidamente sob as pestanas, sem saber se estava a testá-la, apesar de parecer bastante sério. Desejou desesperadamente ter observado mais atentamente as raparigas mais velhas nos bailes de Santa Barbara para saber o que dizer quando um homem lhe dissesse que era bonita, no entanto, em vez disso, manteve-se calada. Voltou a mergulhar uma colher desesperada no chocolate gelado.

– Poppy – disse ele, parecendo sério –, por favor, janta comigo esta noite?

– Oh, não posso! – exclamou ela. – A tia Melody nem sequer sabe que estou aqui sozinha. – Baixou os olhos, a pensar, bolas, estraguei tudo, ele

vai pensar que sou uma menina de escola tonta com uma acompanhante, demasiado jovem para ele...

– Então porque não convidar a tia Melody para se juntar a nós? – sugeriu ele, a sorrir.

– Não, oh, não... Bem, também tenho a minha irmã, sabe, a Angel.

Felipe riu-se.

– Angel, Melody, Poppy?⁸ Mas onde vão buscar esses nomes tão encantadores? Os Konstant devem ser uma família muito lírica! Então convida-se a Angel também.

– Não... por favor – suspirou ela, agonizada –, não posso. A tia Melody nunca o permitiria... Ela nunca tiraria os olhos de mim se soubesse que tenho saído sozinha, quando mais falado com um homem estranho.

Retirando-lhe a colher, Felipe pousou-a na mesa e pegou-lhe na mão.

– Mas eu *tenho* de voltar a vê-la, Poppy – murmurou ele, olhando-a nos olhos. – Seria injusto que me dissesse que não. Nunca conheci ninguém como a Poppy. Por favor, diga-me quando nos podemos encontrar.

Os joelhos de Poppy sentiram-se fracos; não conseguia respirar; era como se o mundo inteiro tivesse parado e só existissem os dois, isolados naquele canto do Florian's; nada mais existia.

– Amanhã – sussurrou ela –, aqui, no Florian's. – Depois, quando o pânico a assolou devido ao seu atrevimento, pegou na mala e fugiu para a porta.

– Amanhã, Poppy – gritou ele, correndo atrás dela. – À mesma hora, então... – Observou-a a apressar levemente o passo na sombra das colunas até desaparecer num labirinto de becos da Salizzada San Moise, com um último olhar tímido para trás.

– *Barone, perdone...* – murmurou o empregado, segurando um pratinho de prata com a conta.

– Mete-a na minha conta, Carlo – respondeu Felipe casualmente, mantendo-se na porta.

– Mas, *barone*, ainda não pagou a conta do mês passado...

Felipe franziu o sobrolho.

– Que disparate, Carlo, é claro que pagarei... Assim que puder, como sempre.

– *Sì, barone* – murmurou o velho empregado, abanando a cabeça de arrendimento enquanto punha a gorjeta que Felipe lhe dera no bolso.

Conhecera gerações de Rinardi e as fortunas deles nunca pareciam melhorar!

– Poppy, mas o que se passa contigo? – queixou-se a tia Melody ao jantar no Gritti Palace nessa noite. – Já suspiraste três vezes nos últimos cinco minutos e juro que deixaste cair o garfo tantas vezes ou mais!

– Peço desculpa. – Poppy sentou-se direita e tentou concentrar-se no que fazia, todavia, por alguma razão, a sua mente continuava a pensar em Felipe e no encontro dessa tarde, nos seus lindos olhos verdes, tão intensos e com pestanas tão compridas que, quando se olhava para eles, sentíamos que estávamos a fechar as cortinas da sua alma... E, de certo modo, ela sabia que a alma de Felipe devia ser muito romântica...

– Poppy! – disse Angel quando o empregado se aproximou, à espera para levantar o prato.

– Oh, desculpem... Desculpem... – voltou ela a dizer, surpreendida ao despertar do seu sonho acordado.

– Bem, meninas, vamos dar uma volta à Piazza? – sugeriu a tia Melody. – A noite está quente e apetece-me apanhar um pouco de ar.

– Oh, sim, sim, vamos – concordou Poppy, apressando-se pelo *hall* abobadado até à porta antes que a tia Melody mudasse de ideias. Talvez, podia ser que talvez, visse lá Felipe.

Quando se aproximaram da Piazza, ouviram a pequena orquestra a tocar melodias populares, pelo que ela se apressou, impaciente.

– Digo-te uma coisa, Poppy – declarou a tia Melody, irritada –, pareces um cavalo de corrida a ir para a meta! Saímos para passear, minha menina, não para galopar!

– Peço desculpa – disse ela outra vez. – Angel, não queres beber uma bebida fresca? Talvez uma *granita*, no Florian's? Está tanto calor – acrescentou ela, abanando-se em demasia com a mão.

– Porque não? – concordou Angel, animada. – Sinto-me um pouco sufocada com este calor.

– Acho que podemos experimentar o Quadri's – sugeriu a tia Melody, guiando-as determinada em direção ao café no lado oposto da Piazza.

– Oh – gemeu Poppy, olhando desesperada para as compridas janelas de vidro do Florian's.

– O que foi, Poppy? – perguntou Angel, surpreendida. – Os dois cafés parecem-me iguais.

– Oh... É que me disseram que o Florian's tem a melhor *granita* de chocolate – respondeu ela, forçando um sorriso.

– *Granita* de chocolate? – inquiriu a tia Melody. – O que é isso?

– É o melhor granizado do mundo, tia Melody – declarou Poppy rapidamente, esperando que ela mudasse de ideias. – Prometo, vai adorar.

As sobancelhas da tia Melody ergueram bastante.

– E como sabes tanto sobre a *granita* do Florian's, posso saber? Uma vez que nunca lá foste.

Corando, Poppy tentou desviar a conversa.

– Acho que alguém no hotel me deve ter dito... Mas é claro que podem estar enganados.

– Nunca se deve confiar numa recomendação se não se conhecer o caráter da pessoa – afirmou a tia Melody, sentando-se numa das confortáveis cadeiras de verga do Quadri's –, mas, se queres *granita*, tenho a certeza de que aqui também servem.

– Poppy – sussurrou Angel quando a tia Melody virou a cabeça para ouvir a orquestra –, estás a comportar-te de forma muito estranha. Porque estás tão ansiosa? E onde foste esta tarde?

Poppy hesitou; uma parte dela queria contar a Angel o seu encontro com Felipe, mas outra parte queria manter tudo para si própria. Mais tarde, prometeu a si mesma, contaria tudo a Angel, por agora, era o seu segredo mágico.

– Oh, fui apenas ao Florian's – sussurrou ela. – Acho que é o calor que me põe assim. – Porém, à medida que mergulhava a colher na sua *granita*, tentou imaginar novamente que era Felipe quem se encontrava sentado à sua frente, a sorrir-lhe com um olhar confiante e sedutor, dizendo-lhe que era tão bela como um Ticiano, e beijando-lhe levemente os dedos com os seus lábios firmes e frios. Ela simplesmente mal podia esperar que a tarde do dia seguinte chegasse.

Poppy experimentou o confortável conjuntinho de casaco e saia justa que Madame Monet copiara do desenho original de Worth e decidiu que era demasiado elaborado. Colocando-o de lado, experimentou um vestido de

folhos amarelo feito por Miss Mathews e decidiu, desesperada, que a fazia parecer demasiado nova! Uma simples camisa branca de seda e uma saia verde-escura pareciam ser a última opção e, elevando o cabelo ruivo, prendeu-o com uma dúzia de ganchos. Estava atrasada, correndo pelos becos silenciosos e pequenas pontes de Veneza naquela tarde, afastando as rebeldes madeixas de cabelo que lhe caíam para os olhos e colavam ao rosto, já suado por causa do calor.

O relógio da torre do Campanile mostrava dez minutos passados das três, enquanto ela entrava em passo apressado na Piazza, passando nervosamente a mão pelo cabelo e abrandando para um passo discreto à medida que se aproximava. Com o coração aos saltos com medo de que ele não estivesse ali, espreitou através da porta envidraçada do Florian's e entrou.

– Poppy! Estou tão contente. Pensei que não viria!

Os olhos esverdeados de Felipe brilhavam com sinceridade quando lhe pegou na mão, olhando para ela como se fosse a rapariga mais bonita à face da Terra. Mais uma vez, Poppy sentiu como se ele a tivesse sugado para o seu mundo privado e privilegiado, onde apenas os dois existiam. Os seus olhos fixaram-se nos dele e ela murmurou.

– Peço desculpa pelo atraso. Foi pela razão mais disparatada de todas. Não sabia o que vestir.

Sentaram-se à mesma mesa... A mesa *deles*, pensou Poppy, e Felipe pediu ao mesmo empregado de bigode preto, Carlo, para trazer *una granita per la bella signorina*.

– Estive aqui na Piazza a noite passada – disse ela timidamente. – Procurei por si...

– Ah, quem me dera ter sabido! – exclamou Felipe. – A noite passada jantei com o meu tio na nossa *villa* campestre. É o meu refúgio do verão quente de Veneza. É um local de conto de fadas, Poppy. Tem os jardins mais bonitos do mundo, cheios de quedas de água e grutas secretas. E um dia – acrescentou ele, orgulhoso –, a *villa*, os seus jardins e as vastas propriedades serão meus. – O que ele não lhe contou foi que os maravilhosos jardins desenhados e concretizados pelos seus antepassados estavam descuidados, que as vastas propriedades com os seus chalés, quintas e vinhas em ruínas não produziam nada devido aos anos de negligência e que os telhados frágeis da *villa* deixavam entrar a chuva.

– A *villa* de conto de fadas será sua? – repetiu Poppy, sem fôlego. Pensou

que ele devia ter-se esquecido que ainda lhe segurava na mão e, envergonhada, deixou-a ficar nos seus dedos quentes.

Ele assentiu.

– O meu pai e a minha mãe morreram quando eu tinha sete anos. O tio Umberto criou-me na Villa d’Oro e nos nossos dois *palazzi*, aqui em Veneza.

– Tem *dois* palácios? – engasgou-se ela.

Ele encolheu os ombros, modesto.

– Um é o *palazzo* Rinardi, o outro pertence à família por casamento. Infelizmente, deixaram-no ruir sem hipóteses de restauro. É muito caro manter estes edifícios antigos. As cheias de inverno deixam sempre marcas e os antigos pilares, as fundações que são a sua base desde há séculos, estão podres. Receio que seja necessário todo o dinheiro da família – acrescentou ele, desculpando-se.

– Mas é por uma causa tão nobre – respondeu Poppy, sincera. – Não consigo imaginar nada mais maravilhoso do que viver num palácio com a porta principal virada para o Grande Canal, e ter uma gôndola privada presa aos belos postes às riscas. O Felipe deve viver numa das maravilhas do mundo!

Ele apertou-lhe a mão, encantado.

– Então, porque não vem ver com os seus próprios olhos as maravilhas do Palazzo Rinardi por dentro, e por fora, para o Grande Canal? – sugeriu ele.
– Está lá desde o século quinze e prometo-lhe que tem uma magia própria.

A *granita* da pequena taça prateada de Poppy derreteu numa poça de chocolate enquanto ela continuava a olhar para ele, maravilhada.

– Século quinze – suspirou. – *Nada* na Califórnia é tão antigo!

– Fale-me de si e da sua casa na Califórnia. Não consigo imaginar como é.

Um pequeno tremor de prazer percorreu-lhe as veias quando os dedos dele lhe tocaram na face. E a Califórnia parecia tão distante quando lhe falou da brilhante casa branca do rancho com o seu jardim cheio de flores, da fonte gotejante de azulejos mexicanos, dos estábulos enormes e da sua maravilhosa égua árabe, *Rhane*, de quem sentia muita falta; falou-lhe dos vastos hectares do Rancho Santa Vittoria, da reunião do gado e das ovelhas. Falou-lhe da casa deles na rua De La Vina e nos passeios nas carruagens de feno e piqueniques na praia. E falou-lhe de Rosalia e Nik.

– *Os meus pais* – referiu ela, orgulhosa, pois nessa altura, na sua história, eles já o eram. – E também tenho a Angel – acrescentou –, a *minha irmã*.

– A sua irmã mais nova? – perguntou Felipe, vagamente.

– Não, oh, não. Temos as duas dezoito anos – respondeu ela sem pensar.

– As duas? – questionou ele, surpreendido. – Então são gémeas?

Poppy corou, desconfortável, apanhada numa mentira em que quase acreditara.

– Eu... sim... – mentiu descaradamente. – A Angel é a mais velha... Só por um bocadinho.

– E? – inquiriu Felipe, erguendo as sobrancelhas.

Ela olhou-o, nervosa.

– E... o quê?

– E... há mais alguém?

Claro – como podia ter-se esquecido dele?

– O Greg – acrescentou rapidamente –, o meu irmão.

– Nem sabe como a invejo – suspirou Felipe, melancólico. – Quando os meus pais se afogaram num acidente de barco, no Adriático, fui viver com o meu tio Umberto. Nem imagina como me sentia só, Poppy. O meu tio é solteiro e passava mais tempo em Paris e Londres do que com um rapazinho nas profundezas do campo.

– Lamento muito – retorquiu ela, com os olhos azuis a brilhar de compaixão quando imaginou o lindo rapazinho sozinho na sua opulenta *villa* campestre. Ela estava tão fascinada com a vida dele que se esquecera por completo da sua própria infância intolerável.

Felipe encolheu os ombros, forçando um sorriso corajoso.

– Mas isso é passado. Hoje estou aqui no Florian's com a rapariga mais bonita que conheci na vida.

Poppy olhou para a poça de *granita* de chocolate na taça prateada, sem saber o que responder.

– Deve conhecer tantas raparigas... – murmurou ela, a corar.

– Conheço, sim. Mas nenhuma como a Poppy.

Envergonhada, não respondeu e, chamando Carlo, Felipe colocou-lhe uma gorjeta na palma da mão, esquivando-se à conta.

Levando Poppy pelo braço, guiou-a através da Piazza até à Riva degli Schiavoni, e ela suspirou de prazer pelo toque dele e de alívio pela brisa que lhe ergueu as sobrancelhas quando deambulavam ao longo do Canale di San

Marco.

Segurando o largo chapéu de palha, Poppy olhou por cima da lagoa, para as ilhas de Giudecca e San Giorgio que flutuavam como um milagre no horizonte. Havia uma intemporalidade em Veneza, brilhando e pairando no calor do verão, que lhe percorreu a coluna.

– Este sítio tem uma magia antiga – sussurrou ela, encantada. – Veneza é como um amante que põe os braços à nossa volta e nos promete que nunca nos vai largar. Apesar de termos de ir embora, sabemos que regressaremos sempre... – Deteve-se de súbito, aterrorizada com o que acabara de dizer, sem saber de onde tinham vindo aquelas palavras e mal se atrevendo a olhar para ele.

– Ah, Poppy – murmurou Felipe, pressionando-lhe a mão –, esse amor é que é *verdadeira* magia.

Poppy encontrava-se com Felipe todas as tardes, mas continuava a não deixar que ele conhecesse Angel e a tia Melody. Quando não estava com ele ficava entranhada na rede de mentiras que contava, querendo ainda mantê-lo só para si. Pela primeira vez na vida tinha uma pessoa só dela, que não partilhava com mais ninguém.

Felipe levou-a a ver o Palazzo Rinardi em toda a sua glória do século quinze, defronte para o Grande Canal. Um criado de passo silencioso abriu a porta, desaparecendo tão suavemente como aparecera, deixando-os sozinhos no altivo *hall* de mármore. Deambularam de mãos dadas pelos grandes salões e Poppy olhava admirada para os frescos dos tetos e móveis embutidos feitos com as melhores madeiras. Passou um dedo curioso pela superfície de mármore fria de uma estátua estranha de uma antiga *villa* romana e pisou delicadamente os tapetes de seda valiosos gastos pelos séculos de uso. Felipe contou-lhe que nas ocasiões especiais, como um casamento, todos os candelabros de vidro de Murano brilhavam com milhares de velas e o *palazzo* ficava refletido no Grande Canal através de mil pontinhos... «como diamantes ao luar».

Poppy demorou-se no topo de uma enorme escadaria de mármore, olhando para os retratos dos antepassados Rinardi, em busca de rostos que se assemelhassem ao de Felipe, vendo o seu cabelo loiro num, os olhos esverdeados noutro, pensando como era maravilhoso ser capaz de olhar para

eles e saber exatamente de onde se vinha. Afastou-se com um suspiro satisfeito.

– Estás tão bonita nesse simples vestido branco – disse Felipe quando ela desceu as escadas lentamente em direção a ele. – Com a tua pele clara e cabelo ruivo pareces saída de um quadro de Ticiano. – A voz dele gemeu de emoção ao suspirar: – *Poppy, tu pertences aqui, a Veneza. Oh, minha querida, receio bem que me tenha apaixonado por ti.*

O tempo passava depressa e as suas tardes inocentes roubadas acabariam em breve. Poppy não sabia o que dizer à tia Melody nem a Angel, porém afastava sempre o pensamento da cabeça, rezando para que um milagre endireitasse tudo.

Tinha descoberto um mundo novo de sensualidade e não queria outra coisa senão estar nos braços de Felipe; queria o toque das mãos dele no seu rosto, na sua garganta, o puxão dos dedos dele no seu cabelo quando os lábios dele reclamavam os seus; e descobrira que queria muito mais – o seu corpo desejava o toque dele e ela sentia-se descontrolada. Contudo, apesar de o deixar a tremer de paixão, Felipe nunca fora para além dos beijos.

– Por estes dias parece que estás no topo do mundo ou infelicíssima – queixou-se Angel. – Não sei o que se passa contigo, Poppy. E *onde* passas as tardes todas?

– Oh, ando só a explorar por aí – respondeu ela vagamente. – A andar de um lado para o outro em Veneza.

– Por esta altura, deves conhecer a cidade melhor do que os nativos. – Angel suspirou. – Pessoalmente, ficarei muito contente por voltar a Paris no outono, quando as festas começam. Isto aqui é tão aborrecido, só há edifícios velhos, quadros velhos, igrejas velhas. E água! *Mal posso esperar por conhecer jovens bonitos.*

Só restavam mais duas tardes e Poppy estava desesperada. Só mais duas tardes de beijos roubados enquanto passeavam pelos canais silenciosos da tarde de Veneza, numa gôndola com cortinas, apenas com o agitar do remo do gondoleiro e a força das pequenas ondas a perturbar a sua privacidade.

– Por favor, encontra-te comigo esta noite, Poppy, não consigo estar

longe de ti por uma hora que seja – implorou Felipe quando navegavam de volta à paragem de San Marco Giardinetti.

Mas Poppy já lhe dissera que era impossível; elas tinham de ir a um *cocktail* e jantar no consulado americano nessa noite, e ela já estava preocupada que a tia Melody tivesse acordado mais cedo para se arranjar para a festa. Nenhum o mencionou, mas ambos sabiam, quando se apressaram para a Piazza, que já só tinham mais uma tarde juntos.

– É um desperdício – queixou-se Angel, olhando-se ao espelho enquanto Poppy lhe abotoava o fabuloso vestido azul-safira de Monsieur Worth. – Devia usar este vestido num baile maravilhoso e não para impressionar um diplomata velho.

– Deixa lá, estás linda – respondeu Poppy, olhando-a com admiração. – Oh, Angel, às vezes ficas tão bonita, até me falta o ar.

Sorrindo serenamente, Angel prendeu um pequeno diamante no suave cabelo loiro.

– Então o vestido ainda é um desperdício maior, pensa só no efeito que teria junto de um bonito jovem francês. – Olhou para Poppy, no seu fluido vestido cinzento, com o cabelo ruivo impecavelmente penteado num carrapito alto. – Também estás muito bonita – elogiou ela –, como uma cascata de mercúrio aquecida pelo teu cabelo em chamas... Na verdade, ultimamente andas muito *luzidia*. O que tens *andado exatamente* a fazer nestas tardes quentes enquanto nós descansamos nas camas? Recuso-me a acreditar que tens andado a ver mais quadros e estátuas. Vá lá, Poppy, conta-me! Pareces prestes a *rebentar* com tantos segredos!

– Oh, Angel – engasgou-se Poppy, com os olhos a brilhar. – *Estou apaixonada!* – Suspirou de alívio quando a verdade saiu por fim; tinha a certeza de que se contasse a Angel – sobre as suas mentiras estúpidas, sobre fingir que era realmente sua irmã, sobre Felipe e o grande amor que os unia – tudo se endireitaria como que por magia. – Ele é maravilhoso – balbuciou ela, feliz –, conheci-o no Florian's e vemo-nos todas as tardes desde então e...

– As meninas já estão prontas? – A tia Melody entrou no quarto, resplandecente em renda púrpura, cinco filas de grandes pérolas em redor do pescoço gordo e uma confeção de penas e rede no topo do cabelo

prateado. – Meu Deus – exclamou ela, analisando-as através do binóculo –, tenho de admitir que Monsieur Worth vale bem o que cobra!² – O rosto gordo e vermelho tremeu quando se riu alto com a sua pequena piada... *Worth e cobra* – repetiu ela, limpando os olhos. – Enfim, estão as duas maravilhosas. Venham se não chegamos atrasadas!

– Contas-me mais tarde – sussurrou Angel, entusiasmada, quando se apressaram para fora do quarto.

O consulado americano ocupava o piso térreo de um magnífico *palazzo* e o apartamento do cônsul ficava no *piano nobile*, o primeiro andar com as salas maiores. Os tetos dos salões dourados tinham vigas trabalhadas e abóbadas ornamentadas desde há três séculos, com os azuis, roxos e dourados a brilhar com a cor bem conservada apesar da passagem do tempo e humidade de Veneza. E por baixo de doze candelabros de cristal cheios de velas, estava uma multidão de convidados elegantemente vestidos e com joias cintilantes.

– Graças a Deus pelo Monsieur Worth – suspirou Angel, espantada. – *Imagina* se tivéssemos de usar os folhos e as rosas de Miss Mathews esta noite!

Era verdade, pensou Poppy, admirada, cada mulher que passava parecia mais elegante do que a anterior, e estavam simplesmente a pingar rubis, esmeraldas e diamantes. A estreita fila de pequenas pérolas que lhes tinham oferecido no décimo sétimo aniversário desvanecia ao lado de pedras tão vistosas.

O cônsul americano, Osgood Barrington, esperava para cumprimentá-las ao cimo da curvada escadaria de mármore.

– Estou muito satisfeito por ter vindo, Miss Abrego – disse ele com um sorriso. – E encantado por conhecer as suas magníficas sobrinhas. Lamento ter estado fora e não nos termos conhecido mais cedo, podia tê-las apresentado à sociedade jovem veneziana. Mas, deixe lá, pode ser que elas voltem em breve.

Osgood Barrington era amigo do tio de Felipe, pelo que fora muito fácil este arranjar um convite para a festa. Bebia uma taça de champanhe, mas os seus olhos estavam na escadaria à espera que Poppy chegasse. Quando finalmente a viu, apercebeu-se de que ela não era a rapariga simples e sem fôlego das tardes quentes roubadas; Poppy era uma elegante e ardente visão num simples vestido de veludo cinzento que refletia dinheiro e Paris. Os

olhos dele demoraram-se na sua carne de alabastro cremoso, no inchaço dos seus seios e na curva da sua estreita cintura sob a echarpe. Depois, reparou na irmã dela. Se Poppy era um sonho sensual, a irmã era uma visão – pálida e loira como um luar, pequena e com um perfil de tamanha beleza que ele até se engasgou. Seria imaginação sua ou toda a sala ficara silenciosa quando Angel entrou?

Felipe atravessou a sala através da multidão.

– Osgood – disse ele, sorrindo, calmamente –, porque não me apresenta às suas encantadoras convidadas?

– Muito bem, Miss Abrego – disse Osgood, contente –, era exatamente a *isto* que me referia. Este é Felipe Rinardi, Barone Rinardi, devo dizer, e é o tipo de jovem que as suas meninas deviam conhecer. Felipe conhece *toda a gente* em Veneza. Felipe, esta é Miss Abrego, de Santa Barbara, na Califórnia – apresentou Osgood – e as suas sobrinhas, Miss Angel Konstant e Miss Poppy Mallory.

No silêncio que se seguiu, Poppy soube que morreria; o seu coração batia tão alto que ela pensou que se ouviria, pelo que se encostou a uma mesa de canto próxima para se equilibrar, com receio de desmaiar. *Mallory... Mallory... Poppy Mallory... O nome odioso pairava sem cessar na sua cabeça.* As suas mentiras estavam finalmente expostas e ela olhou para Felipe com muito medo do que ele pudesse dizer.

No entanto, os olhos de Felipe passaram por ela sem um pestanejar de reconhecimento. Ele fez uma grande vénia e quase permitiu que os seus lábios tocassem na mão da tia Melody.

– Ao seu dispor, Miss Abrego – disse ele. – E encantado por mostrar-lhe as vistas de Veneza.

A tia Melody olhou para ele aprovadamente através do binóculo.

– Jovem – disse ela –, já vi vistas que cheguem nestes dois meses para o resto da minha vida. Uma pena que não nos tenhamos conhecido mais cedo. Teria sido muito mais fácil para os meus pés! Todavia, receio que seja demasiado tarde, planeamos deixar a cidade depois de amanhã.

– Oh, tia Melody – protestou Angel, olhando rapidamente para Felipe –, talvez possamos decidir ficar mais um pouco? Afinal, ainda temos tanta coisa para ver, quem sabe quando voltaremos a Veneza?

A tia Melody olhou especulativa para a sobrinha e depois para Felipe.

– *Hum* – disse ela, avançando solenemente para o salão –, veremos,

minha menina, veremos.

– Veremos não significa nada – sussurrou Angel a Felipe, com um suspiro.

– Podíamos tentar um pouco de persuasão – riu ele, tomando-lhe o braço e seguindo a tia Melody.

Poppy ficou no mesmo sítio como se tivesse sido transformada em pedra quando eles desapareceram por entre a multidão. Felipe nem sequer olhara para ela; seguira simplesmente com Angel como se ela não existisse. Era como se todas as tardes roubadas nunca tivessem acontecido, todos os beijos, a paixão retraída, as palavras de amor... tivessem sido para *Poppy Konstant* e não para *Poppy Mallory*.

– Minha querida, está bem? – perguntou Osgood Barrington, preocupado.
– Está terrivelmente pálida.

– Por favor – suspirou Poppy, com os olhos azul-escuros cheios de angústia –, *por favor*, pode dizer à tia Melody que me senti mal... e que decidi regressar ao hotel...

– Porque não me deixa chamá-la? – perguntou ele, alarmado.

– Não! Não, por favor. Não é nada, eu estou bem... Só não quero estragar-lhes a noite... – As saias de veludo cinzento do vestido de Poppy rodopiaram à volta dela como as asas de uma pomba, quando desceu as escadas a correr e se dirigiu para a noite.

– Poppy? Poppy, estás acordada?

Ela fechou os olhos com mais força, fingindo estar a dormir quando Angel se aproximou, ansiosa.

– Oh, querida – gemeu Angel –, *diz-me* que estás bem, Poppy.

– Onde está ela? – exigiu saber a tia Melody, entrando no quarto. – Querida filha, estás melhor? O que foi? Aposto que comeste alguma coisa estragada, não se pode confiar nesta comida estrangeira, sabes...

Poppy sentou-se, exausta. Não valia a pena fingir que dormia; com a tia Melody a gritar-lhe ao ouvido só conseguiria ficar quieta se estivesse morta.

– Acho que deve ter sido alguma coisa que comi – admitiu ela, baixinho.
– Mas agora estou bem. Só me dói a cabeça. – Era verdade, *doía-lhe* realmente a cabeça, mas não era nada quando comparada à dor que sentia

no coração. Preferia ter sido mortalmente ferida em combate do que morrer de uma ferida infligida por Felipe. E o mais terrível era que ela nem sequer era capaz de morrer, teria de viver e carregar aquela dor para sempre.

– Mas estás com um péssimo aspeto, filha – exclamou a tia Melody. – Vou já falar com o gerente e pedir-lhe para chamar um médico.

– Não! Não, por favor – gritou ela. – Asseguro-lhe, tia Melody, já me sinto bem.

– Bom, pareces-me muito abatida – disse a tia Melody. – Pergunto-me se não era melhor deixarmos Veneza como tínhamos planeado. Este calor é verdadeiramente pouco saudável.

– Oh, tia Melody, prometeu – gemeu Angel, borbulhando de entusiasmo. – Não é maravilhoso, Poppy? *Vamos continuar aqui!* O Felipe Rinardi, Barone Felipe Rinardi, prometeu mostrar-nos a cidade. «A sua cidade», como ele diz, e pelo que conta, parece que possui grande parte dela. Dois *palazzi*, Poppy, e uma maravilhosa *villa* antiga com imensos hectares de vinhas e plantações. Até nos pediu para ficarmos com ele e o seu tio Umberto. E, claro, o Felipe herdará tudo quando o tio morrer.

– Pareces mesmo encantada com ele – comentou a tia Melody, indulgente –, embora eu tenha de admitir que ele é um jovem muito simpático, e creio que as coisas têm sido um pouco aborrecidas para vocês as duas. – Olhou outra vez para Poppy, preocupada. – Se tens mesmo a certeza de que te encontras bem, vou retirar-me para a cama. Os meus pés estão a dar cabo de mim! – Arrastando as pantufas roxas, coxeou até à porta. – Durmam bem, meninas – disse ela, contente –, amanhã é um novo dia.

– Oh, Poppy – gemeu Angel quando a porta se fechou. – O Felipe é *tão* maravilhoso, *receio que me tenha completamente apaixonado por ele*. – Atirou-se para cima da cama, rindo e abanando os pés num festival de *chiffon* azul-safira. – E eu que pensei que seria uma perda de tempo usar o vestido parisiense! Não te disse o efeito que teria num jovem romântico francês? Bem, o Felipe pode não ser francês, mas é certamente romântico, por isso, vai dar ao mesmo. Tem um rosto tão interessantemente *assombrado*, Poppy, como se fosse um músico a passar fome. Se tivesses visto a maneira como ele olhou para mim, como se eu fosse a única rapariga no mundo inteiro... Oh, ele é maravilhoso, *maravilhoso*. Os rapazes de Santa Barbara parecem tão infantis quando comparados com ele. Não o achaste bonito, Poppy? Reparaste que os olhos dele são *realmente* verdes?

«Musgosos» é como eu os descrevo... Meu Deus, estou para aqui a falar como se fosse um soneto de Shakespeare, *devo* estar mesmo apaixonada...

Poppy virou a cara para a parede, apertando o maxilar para impedir as lágrimas de caírem, tal como fizera há alguns anos atrás quando o papá falhara em regressar.

– Poppy? Não estás contente por mim? – perguntou Angel, ansiosa. – Oh, sou tão egoísta! – exclamou ela de repente. – *Claro*, a tua *pobre* cabeça. Espera, vou buscar uma toalha fria. – Mergulhou uma toalha de linho no jarro de água fria que se encontrava em cima da mesa de cabeceira e levou-a à cabeça de Poppy. – Isto vai fazer com que te sintas melhor, prometo – disse ela. – Oh, Poppy – acrescentou com um suspiro feliz –, vai ser tudo *tão divertido!*

Não havia necessidade de Angel segurar na compressa fria sobre a cabeça de Poppy; ela já estava fria como gelo. A sua teia de mentiras e fingimento pairara-lhe nos ouvidos quando fora apresentada a Felipe como Poppy Mallory – o nome tão odioso, doloroso e *vergonhoso!* A «Poppy Konstant» não existia. E agora também nunca mais se tornaria, como nos seus sonhos, Poppy Rinardi. Felipe escolhera Angel em vez dela. E como poderia algum homem resistir-lhe, perguntou-se Poppy, farta. Ela era tão bonita. E, claro, *era* Angel Konstant.

⁸ *Angel, Melody e Poppy* significam em português: Anjo, Melodia e Papoila. (N. da T.)

⁹ A autora faz um trocadilho com o nome Worth e a palavra «worth», que em português significa «valor». (N. da T.)

1898, ITÁLIA

Poppy ficou na cama na manhã seguinte, com um braço por cima dos olhos a tentar não ver Angel vestir-se elegantemente para se encontrar com Felipe, porém, não havia nada que ela pudesse fazer para silenciar a sua conserva entusiasmada.

– Visto o amarelo, Poppy? – preocupava-se Angel. – Ou faz-me parecer muito pálida? Talvez o cor-de-rosa seja melhor. E que tal esta camisa branca simples com a saia azul-escura? Sim, acho que após a excentricidade de Monsieur Worth é melhor usar algo muito mais simples. – Atirando um monte de roupas para a cama, voltou a mudar de *toilette*. – *Oh, meu Deus!* – gemeu ela, sentando-se em frente ao espelho e esforçando-se para apanhar o cabelo de seda num carrapito. – Esta humidade faz coisas impossíveis ao meu cabelo. Não consigo fixá-lo em cima. Poppy, achas que posso prendê-lo atrás com um laço?

– Estás atrasada – disse Poppy, calmamente –, ele já está à espera há quinze minutos.

Angel olhou desesperadamente para o relógio.

– Meu Deus, então isto terá de servir. Ainda assim, é um privilégio da mulher poder chegar atrasada e, de qualquer forma, a tia Melody está com ele. Pareço-te bem? – perguntou, ansiosa.

– Estás linda, como sempre – respondeu Poppy, enterrando o rosto nas almofadas quando a faca voltou a girar-lhe na ferida, lembrando-lhe de

como se *preocupara* com o que vestir e se *estaria* no seu melhor para ir ter com Felipe.

Angel voou para cima da cama dela.

– Achas *mesmo* que ele gosta de mim, Poppy? – perguntou, melancólica –, gosta *mesmo* de mim, quero eu dizer? Parece que a noite passada aconteceu há tanto tempo, quase como se a tivesse sonhado. Oh, *quem me dera* que também viesses connosco, é pena estares com essa terrível dor de cabeça. Vou sentir muito a tua falta.

Abraçou Poppy compassivamente, depois, saltando da cama, correu para a porta, dando a volta ao trinco com a mão.

– Esqueci-me completamente – disse ela. – *Claro!* Ias contar-me sobre o homem que conheceste. *O teu amante secreto!* Oh, meu Deus, mal posso esperar para ouvir tudo sobre ele! Que divertido termo-nos apaixonado as duas ao mesmo tempo, Poppy! Lembra-te de me contares *assim* que eu voltar! – E, atirando beijinhos para o ar, voou para fora do quarto.

O tabuleiro com o pequeno-almoço de Poppy permaneceu intacto em cima da mesa no quarto escuro e abafado do hotel. A amargura da rejeição e a tristeza da sua solidão trouxeram-lhe recordações da infância, e tremeu como se estivesse realmente com a febre de que se queixava, repassando vezes sem conta a conversa de Angel em busca de uma pequena referência dela nas palavras de Felipe. Ponderou perguntar à tia Melody se Felipe a mencionara, mas era tão evidente que toda a sua atenção estava focada em Angel que ela sabia que não valeria a pena.

Nessa manhã, havia um pequeno arranjo de violetas no tabuleiro do pequeno-almoço de Angel e, junto a ele, uma nota a lembrá-la de que a tia Melody dera permissão a Felipe para acompanhá-la numa excursão pelas maravilhosas igrejas de Veneza. Naturalmente, a tia Melody fora convidada a acompanhá-la, no entanto, não havia qualquer menção a Poppy na nota.

As horas solitárias da manhã passaram tão lentamente como a procissão de um funeral. Uma empregada entrou para levar o tabuleiro de Poppy e outra trouxe-lhe o almoço leve que a tia Melody pedira, regressando uma hora mais tarde para levá-lo, intacto. Por fim, Poppy ouviu o som excitado da voz de Angel no corredor e a seguir a porta a abrir.

– Meu Deus, Poppy, ainda estás no escuro? – perguntou Angel, correndo para a janela e abrindo as cortinas. – Está um dia tão *bonito!* Oh, Poppy, *hoje foi um dia perfeitamente maravilhoso!* – Empoleirou-se, entusiasmada,

na cama de Poppy com os olhos cheios de sonhos enquanto recordava. – Fomos à igreja de São Sebastião onde Veronese está sepultado e vimos todos os seus lindos quadros, depois fomos à Santa Maria della Salute, no Grande Canal, e a San Giogio Maggiore, sabes, aquela que está na ilha que parece flutuar no horizonte, e a Santa Maria della Pietà, onde Vivaldi foi primeiro-violino entre mil setecentos e nove a mil setecentos e quarenta. Poppy, o Felipe sabe *tudo* sobre Veneza. E sabes o que ele me disse quando a tia Melody não estava a ouvir? – A sua voz tornou-se um sussurro. – «Veneza é como um amante que coloca os braços à nossa volta e promete nunca nos largar, por isso, mesmo que nos vamos embora, sabemos que regressaremos sempre para os braços dele!»

Poppy engasgou-se de horror ao ouvir as suas palavras repetidas, porém, Angel não pareceu reparar.

– Não são palavras tão românticas? – perguntou ela. – E, depois, Poppy, fomos almoçar a um pequeno restaurante que ele conhece no Zatare, apenas uma *trattoria*, com toalhas aos quadrados vermelhos e brancos, mas muito encantadora. E, oh, Poppy, a *comida*, verdadeiro *risotto* veneziano, pequenos caranguejos com a carapaça espigada e aquela deliciosa *granita* de chocolate de que nos falaste.

Parou para recuperar o fôlego e olhou para Poppy, ansiosa.

– Já te sentes melhor? Espero que sim, pois vamos todas ao Teatro La Fenice ouvir uma sinfonia. *Diz* que vens. – Os seus adoráveis olhos ensombraram-se de preocupação quando reparou no rosto tristíssimo de Poppy. – Mas ainda estás tão pálida! A tia Melody tem razão, é melhor seres vista por um médico.

– Não, a sério, estou bem – respondeu Poppy, forçando um sorriso.

– Então, diz que vens, por favor, estou desejosa que conheças Felipe, juro que ele fica mais bonito de cada vez que olho para ele. E sabes uma coisa? – murmurou ela, sonhadora. – A maneira como ele olha para mim não é igual à dos outros homens. Sabes o que quero dizer. Não é só por eu ser uma rapariga bonita, ele faz-me sentir «especial». – Suspirou, feliz, quando começou a despir-se. – Bem, suponho que é melhor descansar agora. Talvez deva dormir e sonhar com o Felipe. Oh – gemeu ela, subitamente, levando a mão à boca –, mas, Poppy, ainda não me contaste nada sobre o *teu* amante secreto! Vá, conta-me agora!

– Oh... Não é nada – gaguejou Poppy –, nada como... Como o que tu tens.

Foi apenas alguém que vi no Florian's... Alguém que... admirei à distância. Não foi importante...

– Que pena. – Angel suspirou. – Talvez tenha sido melhor assim. Gostarmos de outra pessoa é tão *extenuante*! Mal posso esperar por esta noite... e por Felipe... – acrescentou ela, sorrindo, sonhadora, ao subir para a cama.

Poppy dava voltas sem parar, ouvindo o silêncio de Angel, até a sua respiração, quando ela adormeceu nessa tarde. Primeiro disse a si própria que iria ao teatro naquela noite; forçaria Felipe a olhar para si, a reconhecer que existia, que o que ocorrera entre eles fora real... Depois, disse a si própria que era melhor não, que não conseguiria enfrentar aquilo – que não podia humilhar-se outra vez. No entanto, no fundo, sabia que teria de o ver.

Vestiu um sombrio vestido de seda vermelho-escuro que fazia com que o seu cabelo brilhasse com reflexos cor de avelã, e parecia pálida e composta ao seguir a tia Melody e Angel escadas abaixo para ir ter com Felipe. Pensou ter visto um pouco de preocupação nos olhos dele quando a viu, mas decidiu que devia ter-se enganado quando a tia Melody disse na sua voz ressonante:

– Conheceu a minha outra sobrinha na noite passada? Poppy Mallory? Claro que ela não é realmente minha sobrinha, mas todos a consideramos irmã de Angel.

– Tia Melody, claro que o Felipe *sabe* tudo sobre Poppy! – exclamou Angel. – Lembra-se? Eu contei-lhe ao almoço.

– Oh, céus, devo estar a ficar velha – suspirou a tia Melody quando Felipe cumprimentou Poppy com uma vénia sem a olhar nos olhos. – Parece que ultimamente me esqueço de tudo.

– Fico contente por se ter juntado a nós, Miss Mallory – disse ele, educado.

– A pobre Poppy tem estado muito doente – referiu Angel quando eles atravessaram o *foyer* em direção ao patamar de embarque do hotel onde a gôndola os esperava. – Estamos muito aliviadas por já se sentir melhor.

– Veneza no verão pode ser muito cansativa – comentou Felipe, acrescentando, cínico – e pode desnortear algumas pessoas.

Poppy mordeu os lábios para conter as lágrimas quando ela e a tia Melody flutuavam na sua gôndola, deixando Felipe com Angel. Lembrou-se dos encontros secretos, dos beijos apaixonados e das declarações de amor de

Felipe e disse a si mesma que aquilo não podia estar a acontecer, que não passava de um pesadelo. Em breve acordaria e tudo voltaria a ficar bem outra vez.

O *foyer* do teatro pequeno e bonito já estava cheio de gente quando eles seguiram para os seus lugares nos camarotes pintados no estilo rococó do La Fenice. Sem saber como, ela e a tia Melody tinham perdido Angel na multidão pelo que ela procurou ansiosamente nos corredores até finalmente os ver. A mão de Felipe estava pousada de forma possessiva no braço de Angel, enquanto lhe suspirava algo ao ouvido, e o coração de Poppy mergulhou ainda mais no desespero quando Angel se virou para olhar para ele. O seu rosto estava tão radiante de amor por ele que a sua beleza iluminou o teatro, e Poppy teve de morder os lábios para deter os soluços que a ameaçavam. Mal reparou na dor; todo o seu ser gritava que Felipe era *dela*, que a amava a *ela*... Não a Angel...

A orquestra já tocava a abertura de *Romeu e Julieta*, de Tchaikovsky, quando Angel e Felipe se sentaram finalmente nos seus lugares, ao lado dela. Olhou-os de soslaio, porém, os olhos de Felipe estavam fixos no delicado perfil de Angel.

Poppy fechou os olhos à medida que a música romântica encheu o teatro, sentindo cada acorde com todas as fibras do seu ser trémulo; agora compreendia toda a paixão, dor e desespero dos jovens amantes de Shakespeare. Não fazia ideia de como passara o resto do serão, dividida entre o desejo de fugir para o sítio mais longínquo possível de Felipe e a necessidade desesperante de estar perto dele, apesar de ele só ter olhos para Angel. A mera força de vontade manteve-a direita na cadeira de veludo, aparentemente absorvida num concerto de Bach, mas a desmoronar por dentro.

Permaneceu no seu assento durante o intervalo enquanto os outros bebiam champanhe no vestíbulo. As suas mãos estavam tão fortemente entrelaçadas que os nós dos dedos ficaram brancos, e fechou os olhos para bloquear a cena.

– Não gosto nada do teu aspeto, querida filha – sussurrou a tia Melody ao regressar. – Dei autorização a Angel para ir jantar com Felipe e alguns amigos, mas tenciono levar-te de volta para o hotel e chamar um médico.

Poppy deixou cair a cabeça, exausta, à medida que a gôndola flutuava de volta através da escuridão sombria do Gritti Palace. As luzes brilhavam ao

longo das margens dos canais e os cafés estavam cheios de gente; ela conseguia ouvir sons de música, conversa e risos, mas sentia-se isolada, como se a beleza e felicidade da cidade não fossem para ela. Sem Felipe, Veneza e a vida não tinham qualquer significado.

– A *signorina* precisa de um tônico – declarou o médico do hotel, a sorrir-lhe, bem-humorado. – É óbvio que não está habituada ao calor. Um clima mais fresco pode ser-lhe benéfico, os lagos, talvez, no Norte de Itália. Sim, sim, isso deve devolver-lhe a cor às faces. Para além disso, Signorina Abrego, não vejo nada de fisicamente mal com ela.

– Os lagos. – A tia Melody suspirou profundamente. – Eu própria ficaria muito satisfeita por respirar ar fresco. Mas, oh, céus, Poppy, a Angel não vai gostar nada disto!

A Angel não gostou; explodiu, protestou, chorou, e finalmente a tia Melody rendeu-se, organizando tudo para que ela permanecesse em Veneza com amigos de Osgood Barrington e com a própria *contessa* a concordar em fazer de sua acompanhante.

Poppy não conseguia decidir se se sentia aliviada ou horrorizada quando o comboio seguiu para norte; sabia apenas que o seu coração estava partido e que nunca mais seria a mesma.

A tia Melody instalou-se, satisfeita, no terraço da pequena *pensione* da Signora Rossi com vista para o lago Como enquanto Poppy vagueava pelos jardins à beira da água, concentrada, tentando não pensar em Angel.

A *pensione* era adorável e os seus proprietários tomaram muito bem conta de Poppy, dando-lhe boa comida e encorajando sorrisos, mas ela mal notava. Uma manhã, três semanas depois, o Signore Rossi apareceu no terraço com um telegrama e, enquanto o lia, Poppy quase sentia o entusiasmo de Angel. *Felipe pediu-me em casamento*, escrevera ela, *estamos muito apaixonados – espero que aproves e convenças a mãe e o pai de que é algo apropriado... Com amor, Angel.*

Um mês mais tarde, Nik e Rosalia chegaram a Itália com intenção de acabar com o súbito romance, apesar dos protestos da tia Melody de que Felipe era um jovem encantador e que só lhe faltava dinheiro.

– Não queremos perder a nossa filha para um caçador de fortunas europeu – explodiu Nik, contudo, Angel limitava-se a sorrir-lhe, confiante.

– Espera até o conheceres, pai – dizia ela.

No primeiro encontro, Felipe encantou-os astutamente, com a mistura

perfeita de respeito e franqueza.

– É claro que o rapaz não tem dinheiro – disse Nik enquanto caminhava com Poppy através dos jardins descuidados, mas ainda assim bonitos, da Villa d’Oro uns dias mais tarde. – Mas a culpa não é dele. Esta decadência foi criada pelos seus antepassados. Felipe tem ideias sensatas, sabe o que precisa de ser feito e está preparado para trabalhar arduamente de forma a consegui-lo. Sim, devo dizer que gosto do espírito dele. – Olhou com carinho para Poppy, que se apoiava ao braço dele como se de uma âncora no meio de uma tormenta se tratasse. – O que achas do Felipe?

– Eu... A *villa* é muito bonita – murmurou ela, evasiva, olhando, melancolicamente para as suas paredes de um rosa desbotado e azulejos cheios de musgo, imaginando-se a si como mulher de Felipe e dona da Villa d’Oro... Mas esse papel estava agora destinado a Angel.

Rosalia e Nik deram o seu consentimento ao noivado e Angel exibia o anel com um diamante em forma de coração que Felipe lhe dera.

– Era da mãe dele – disse ela a Poppy –, estava no cofre do banco há anos. É claro que não podiam vendê-lo apesar de precisarem do dinheiro, pois tudo o que existe está no fundo da família. Que sorte a minha! – riu-se ela, dando-lhe voltas para o admirar a outra luz. – E, Poppy, estamos tão apaixonados, queremos casar logo que possível... *Ajuda-me* a convencer o papá e a mamã a deixar-nos fazer o casamento aqui em vez de regressarmos a Santa Barbara. Podes imaginar quão romântico será um casamento em Veneza? O Felipe diz que iremos de gôndola para a igreja e que o copo-d’água será no Palazzo Rinardi. E claro que *tu* serás a minha única dama de honor!

Poppy afundou-se ainda mais no seu desespero quando combinaram uma visita ao ateliê de Monsieur Worth para comprar o vestido de noiva e o enxoval de Angel. Mal reparou que estava de regresso à cidade que antigamente achara maravilhosa, e que já não tinha desejo nem energia para tardes solitárias a descobrir uma Paris diferente daquela que a tia Melody e os guias turísticos lhe tinham mostrado.

Por entre marcações para experimentar o seu vestido branco de seda e renda, Angel atormentava-se por estar longe de Felipe, confidenciando a Poppy todos os segredos do seu romance até pensar que enlouqueceria. Nik fora mais do que generoso no acordo pré-nupcial e ela e Felipe poderiam começar as obras de restauro na *villa* e nas propriedades assim que

regressassem da lua de mel em Nova Iorque, e da grande festa em Santa Barbara, onde ela apresentaria o novo marido a familiares e amigos.

Em Paris, Poppy ardia de frustração ao suportar as provas do seu vestido de dama de honor de seda e tafetá verde pálido, imaginando-se a percorrer o caminho até ao altar nobre de Santa Maria della Salute atrás de Angel, a linda noiva. *Porquê?* Perguntou-se a si própria, andando furiosamente de um lado para o outro no seu quarto do Hotel Lotti enquanto Angel ia em mais uma expedição de compras com Rosalia. *Porque* escolhera ele Angel em vez dela? Fora por causa da sua beleza? Felipe ficara fascinado com a aparência *dela*. Não lhe dissera que ficara encantado com a sua pele branca, o azul dos seus olhos, o seu cabelo ticiano? Ela não sentira o corpo dele tremer com paixão por ela? Angel dissera-lhe que os beijos de Felipe eram tão suaves que ela não se sentia minimamente assustada com eles... Na verdade, contara-lhe *tudo*. De repente, soube a resposta. Claro, era tão simples! Felipe era pobre e Angel era a herdeira!

Com uma enorme sensação de alívio, Poppy repensou a sequência dos acontecimentos. Era tudo muito claro, agora, nem percebia por que razão não se apercebera mais cedo. É claro que Felipe ainda a amava, mas precisava do dinheiro de Angel! Oh, pobre, pobre Felipe, ele não percebia que com um amor tão verdadeiro como o deles o dinheiro não era necessário? Podiam arranjar-se... Ela poderia ajudá-lo... De certeza que haveria uma forma...

Olhou, impotente, pela janela. Paris tornara-se subitamente uma prisão e ela mal podia esperar para regressar e ver Felipe; queria dizer-lhe que não era preciso ele casar com Angel, que ela o amava e sabia que ele também a amava, e que tudo ficaria bem.

Tinha apenas uma semana antes do casamento quando o último comboio as transportou para Veneza e Poppy pensou, culpada, em Angel com o seu vestido de noiva glorioso e enxoval sumptuoso dentro das malas *Vuitton* na vagão da bagagem, e nos seus planos de futuro a saírem-lhe excitadamente dos lábios. Afinal, consolou-se Poppy, não era melhor para Angel *não* casar com um homem que não a amava? Na estação de Santa Lucia, em Veneza, permaneceu em silêncio quando Angel correu para os braços de Felipe, só que desta vez o que sentiu foi pena e não inveja.

O enxoval extravagante de Angel e as suas compras luxuosas transbordavam no quarto de hotel, pelo que ela foi obrigada a mudar-se para

outra suíte, no mesmo corredor.

– Vai tudo mudar agora, Poppy – afirmou ela, séria, enquanto a bagagem, malas de viagem, caixas de chapéus e de sapatos eram transportadas através do *hall* pelos porteiros. – Lembras-te de quando vieste para o Rancho Santa Vittoria da primeira vez? A mamã preparou um quarto especial só para ti e tu disseste-lhe que preferias partilhá-lo comigo. Oh, Poppy, acabei de me aperceber de que nunca mais vamos partilhar um quarto e que vou sentir muito a tua falta. Vou sentir falta de todos os nossos segredos, de todas as nossas confidências tontas de raparigas, no escuro. Isto tudo aconteceu tão depressa que, às vezes, me assusto. Poppy, promete-me que regressas a Itália para me visitares. Não suporto estar sem ti. – Desatando a chorar, pôs os braços em volta de Poppy. – Amo tanto o Felipe – soluçou –, mas também te amo a ti e, de repente, a Califórnia e a nossa casa parecem estar tão longe.

– Não chores, Angel – murmurou Poppy, consolando-a –, vai correr tudo bem, vais ver. Talvez seja um pouco «diferente» do que aquilo que esperavas, mas será melhor assim.

Angel olhou para ela, confusa.

– O que queres dizer?

Poppy encolheu os ombros, virando-se para não ter de encarar o olhar dela.

– Oh, sei lá... É que às vezes as coisas não são bem o que parecem, as pessoas fazem coisas pelos motivos mais estranhos...

– Poppy, não estás a fazer sentido – gemeu Angel, exasperada. – Mas, independentemente do que queiras dizer, sentirei a tua falta. E a de Greg – acrescentou ela gravemente. – É tão triste ele não poder vir ao casamento, mas o papá diz que alguém tem de ficar em casa a tomar conta do rancho. Mas – disse ela, alegrando-se –, vê-lo-ei quando formos para casa, na lua de mel.

Pobre Angel, pensou Poppy quando ela desapareceu com a última das suas malas pelo corredor. *Pobre, pobre Angel, detesto ter de magoá-la*. Dirigindo-se ao espelho, examinou o seu reflexo, beliscando as faces pálidas para lhes dar cor e alisando o cabelo húmido para ajeitar os fios rebeldes do carrapito, pensando se Felipe ainda a consideraria uma beleza depois de Angel.

Toda a semana fora dedicada a uma ronda de festas e *cocktails*, contudo,

agora, em vez de evitar Felipe, Poppy fazia tudo para ficar perto dele, olhando-o nos olhos do outro lado da mesa, sorrindo ligeiramente à medida que os seus olhos azuis assinalavam a mensagem...

O tio Umberto, alto, urbano e impecavelmente vestido com um fato feito à medida, abriu o Palazzo Rinardi para a sua primeira grande festa desde há anos. Um exército de trabalhadores e empregados trabalhara arduamente para devolver a dignidade ao palácio, preparando-o para o baile e a luxuosa cerimónia de casamento que teria lugar dois dias depois, e que contaria com mais de quatrocentos distintos convidados. As janelas altas do *palazzo* brilhavam com a luz de mil velas que cintilavam como o sonhador reflexo de um luar nas águas escuras do Grande Canal, tal como Felipe dissera a Poppy que seria durante celebrações especiais.

Poppy andava frenética; ainda não conseguira encontrar uma oportunidade para falar com Felipe a sós. Pobre Felipe, pensou ela ao subir as escadas onde ele esperava os convidados para os cumprimentar, ser forçado a casar com uma rapariga que não amava para salvar a herança da família. Mas ela salvá-lo-ia de tudo aquilo. Ela tinha um brilho desesperado nos olhos quando lhe sorriu, pois na verdade nunca mais haviam trocado uma única palavra a sós desde a terrível noite no consulado quando ele parecera tê-la varrido da face da Terra.

Pensou se seria imaginação sua quando o olhou novamente nos olhos e lhe pareceu que realmente ele estava a dar-lhe mais atenção naquela noite. A esperança encheu-lhe o coração e pensou, desesperada, que talvez também ele tivesse finalmente percebido que casar com Angel por dinheiro estava errado. Que a amava a ela como ela o amava loucamente a ele, e que não conseguia viver sem ela. Como uma sombra cinzenta no seu vestido de veludo, sentou-se calmamente entre os convidados que conversavam, à espera da sua oportunidade. E, por fim, quando viu Felipe murmurar uma desculpa a Angel e avançar para a porta, atravessou rapidamente a sala, puxando-lhe o braço, determinada.

– Felipe – suspirou ela, urgente –, tenho de falar contigo... Agora... Esta noite.

– O que queres? – disparou ele, empurrando-a depressa para uma reentrância. – Pensei que tivesses percebido o que se passa. Afinal, a culpa foi toda tua.

– A culpa foi *minha*? – questionou ela, chocada.

Ele empurrou-a mais para dentro da cortina.

– Não posso falar contigo aqui – sussurrou ele, zangado –, todavia, de qualquer forma, não há mais nada a dizer.

– Mas eu *tenho* de falar contigo, Felipe, *tenho de falar contigo a sós*. – Os seus olhos azuis imploravam e ele hesitou por um instante.

– Não vale a pena – disse ele abruptamente –, acabou. Nem sequer chegou a começar!

A mão de Poppy voou para a sua boca ao vê-lo ir-se embora... Ele não podia falar a sério, disse a si própria, se ao menos tivessem uma oportunidade para falarem a sós ela poderia fazer com que ele visse que casar com Angel era um erro quando eles próprios se amavam tanto.

Era muito tarde quando a família regressou de gôndola ao Gritti Palace. Rosalia e Angel encostavam-se, cansadas, a Nik, e Poppy estava sentada em frente, a vê-los através de olhos semicerrados. Que cena familiar tão feliz, pensou ela, amarga, a mãe, o pai e a linda filha amada. Fechando os olhos, lembrou-se dos braços do seu verdadeiro pai à sua volta e do hálito a uísque no seu rosto quando lhe dizia «*Estou de volta, menina do papá...*» e depois o seu sangue verteria no tapete quando ele caía no chão. E apercebeu-se que, após tantos anos, ainda não era Poppy Konstant, era apenas Poppy Mallory e Angel possuía tudo o que ela sempre quisera.

Em seguida, dirigiu-se para o seu quarto de hotel, pensando em Felipe até as paredes parecerem fechar-se sobre ela. Incapaz de suportá-lo por mais tempo, colocou uma capa escura em cima dos ombros e saiu do quarto, correndo pelas escadas atapetadas abaixo como se estivesse a ser perseguida por demónios.

– Para o Palazzo Rinardi – disse ao gondoleiro, metendo-se nervosamente atrás das cortinas. Ainda não sabia o que diria ao tocar à campainha de ferro da porta, rezando para que Felipe se encontrasse em casa. Sabia apenas que tinha de falar com ele, explicar-lhe, dizer-lhe que lhe pertencia antes que fosse demasiado tarde. Tremendo de medo com o seu atrevimento, tocou inúmeras vezes até finalmente ouvir o som de passos apressados nas escadas e de a voz de Felipe gritar:

– O que se passa? Quem está aí?

– Sou eu... Poppy – gritou ela, inclinando-se, fraca, contra o muro de pedra, com os joelhos a ameaçarem dar de si.

Escancarando a porta, Felipe olhou-a, surpreendido. Vestia um roupão de

seda cor de vinho sobre o pijama e o seu cabelo estava despenteado por ele se encontrar na cama.

– Rápido, antes que alguém te veja – disse ele, agarrando-lhe o braço e puxando-a para dentro. – O que te deu para vires aqui a esta hora da noite? Estás a tentar estragar as coisas entre mim e a Angel? – Os seus olhos zangados ardiam ao olhar nos dela. – Claro, é isso – disse ele, com desprezo. – Tens inveja! Estás só a tentar arranjar sarilhos.

– Não, oh, não, não é nada disso – gemeu Poppy. – Já percebi porque queres casar com Angel. Mas sabes, Felipe, é um erro quando nos amamos tanto...

– Amar? – perguntou ele, com as sobrancelhas erguidas. – *Amar?* Pergunta-te isto, Poppy, é amor que sentes por mim? Pergunta-te exatamente *por que razão* estás aqui. *Com o noivo de outra mulher!* Acho que és uma rapariga que sabe perfeitamente o que está a fazer – acrescentou ele, inclinando-se tão perto dela que Poppy foi capaz de sentir a sua respiração no rosto. – Sabes como me deixar maluco, Poppy Mallory. Oh, sim – disse ele, erguendo o rosto dela na direção do seu –, não penses que não sei tudo sobre a tua pequena charada. Interpretou muito bem o papel de uma herdeira Konstant, Miss Mallory, mas não suficientemente bem para me enganar!

Depois, a boca dele tocou na dela com tamanha agressividade que Poppy se engasgou.

– Espera, não... – gritou ela, afastando-o. – É verdade o que dizes. Inventei tudo, mas não queria mentir-te deliberadamente, não imaginei que achasses que eu tinha dinheiro...

– Por que outro motivo me teria incomodado contigo? – perguntou ele, com desdém. – Por esses olhos lindos e insolentes, pela tua pele deliciosamente branca como o leite? És uma tentação, Poppy Mallory, e o amor não entra nesse mundo! – Puxou-a para si, forçando a cabeça dela para trás enquanto a beijava.

– Não – gritou ela, aterrorizada. Aqueles não eram os mesmos beijos suaves e apaixonados que eles tinham trocado nas tardes de gôndola; eram beijos rudes e cruéis que ela não compreendia. – Não, Felipe! Vim para te dizer que o nosso amor era suficientemente forte para singrar sem dinheiro, que tudo o que precisávamos era um do outro.

Ele riu-se fortemente.

– Deves ser doida – troçou, impedindo-lhe o caminho quando Poppy se afastou em direção à porta. – Não veio aqui por *amor*, Miss Mallory – grunhiu ele, erguendo-a nos braços e levando-a para o salão. – Está aqui porque me quer. – As mãos dele estavam novamente nela, explorando-lhe os seios. – Meu Deus, a tua pele é suave como veludo – murmurou ele –, é suave como chantili...

– Não – gritou Poppy, aterrorizada –, não, Felipe... Eu grito...

– Grita o que quiseres, não há ninguém que te oiça. – Puxou-lhe o cabelo comprido, forçando a cabeça dela para trás enquanto lhe beijava a garganta. – Os empregados estão a dormir nos seus aposentos e, de qualquer forma, as paredes são demasiado grossas, eles nunca ouviriam nada... E o meu tio foi passar a noite com uma amiga... Alguém da *tua* raça, Poppy. É claro que não és uma Konstant, pois não? És uma prostituta, uma sedutora desejosa de experimentar o que os homens têm para oferecer, e tu e eu sabemos que é por isso que estás aqui esta noite.

– Não, Felipe, não – gritou ela quando os ganchos do seu cabelo caíram no bonito sofá de brocado amarelo, depois ele silenciou-lhe os protestos com a boca, forçando-a a deitar-se nas almofadas. O corpo dele pressionou, urgente, o dela, e as mãos dele encontraram o caminho por baixo das suas saias, violando a sua suavidade com dedos cruelmente intrusivos. Poppy gritou silenciosamente de agonia e desespero e as lágrimas que jurara nunca mais verter escorreram-lhe dos olhos firmemente fechados, manchando o bonito brocado amarelo à medida que ele se impulsionava dentro dela.

O brilhante sol matutino que filtrava por entre as persianas de ripa verde do seu quarto tirou Poppy da inconsciência – não podia ser chamado «sono» pois não fora certamente um descanso tranquilo. Quando acordou, sentiu-se a escalar para fora das profundidades da fissura de um pesadelo cheio de medo e desespero. A dor entre as suas pernas latejava agonizantemente e os seus seios inchados ardiam onde tinham nódoas negras inflingidas pelas carícias rudes de Felipe.

Voltou a fechar os olhos, rezando para que tudo não passasse de um pesadelo que pudesse simplesmente ser esquecido, como se não tivesse acontecido, porém não valia a pena. Por mais que tentasse, nunca seria capaz de esquecer as palavras de Felipe quando ela se manteve, destruída,

no sofá de brocado amarelo, com o lindo vestido de veludo cinzento rasgado e manchado com o seu próprio sangue.

– Sua cabra tentadora – grunhiu ele, com desprezo. – Pediste por isto!

Em seguida, colocando-lhe a capa nos ombros, chamou uma gôndola, deu uma enorme gorjeta ao gondoleiro e disse-lhe para a levar ao Gritti Palace. Agarrara-lhe nos ombros, mantendo-a de pé por um instante como se estivesse a abraçá-la, contudo, em vez disso, sussurrara-lhe ao ouvido ameaçadoramente.

– Se contas isto a alguém, a quem quer que seja, Poppy... *Eu mato-te!* – E metera-a, a tremer, na gôndola.

Era muito tarde quando ela voltou e o único *conciierge* reparou nela a atravessar o *hall* a correr. Ele espreitou com curiosidade por um momento e depois voltou a atenção para o jornal que estava a ler. Novamente na segurança do seu quarto, destruiu o vestido rasgado e, sentindo nojo de si própria, escondeu-o no cesto da roupa suja juntamente com a roupa interior rasgada. Lutando para conseguir abrir as torneiras, encheu a banheira de água quente e esfregou com força a marca que Felipe deixara no seu corpo. Depois, numa camisa de noite limpa, encolhera-se numa bola no meio da cama e desejou morrer.

Mesmo agora, com o sol a brilhar em mais um dia glorioso de Veneza – o dia anterior ao casamento de Angel – ainda desejava poder morrer. Nunca poderia contar a ninguém o que acontecera, ninguém acreditaria nela. Pensou desesperadamente em matar-se – tomaria veneno... Mas não sabia onde o comprar... Lembrou-se ansiosamente da sala das armas do rancho onde as espingardas, com os seus magníficos cabos decorados, eram mantidas em caixas fechadas, e na coleção de pistolas de Nik com as suas caixas prateadas e cabos de madrepérola dispostas numa gaveta com tampo de vidro. Teria sido tão fácil se lá estivesse e uma bala teria sido tão rápido e limpo.

Olhou para cima, apreensiva, quando bateram à porta.

– Acorda, bela adormecida – disse Angel, contente. – Temos umas compras de última hora para fazer, lembra-te?

– Oh... Porque não vão sem mim? – respondeu Poppy, desesperadamente à procura de uma desculpa. – Eu... Eu estou outra vez com uma estúpida dor de cabeça.

– Oh, pobre Poppy – disse Angel. – O ar de Veneza não é mesmo para ti,

pois não? É preciso chamar o médico?

– Não, não. – Poppy deu consigo a responder em sons muito naturais... – Só preciso de descansar, não te preocupes. – *Apercebeu-se de súbito que Angel não suspeitava de nada. Ninguém suspeitava. Só ela e Felipe sabiam a verdade.* Uma réstia de esperança brilhou no desespero. Se fosse esperta, nunca ninguém teria de conhecer a sua vergonha. No entanto, era certo que a refletia no rosto. Olhou para o espelho, mas, para além das sombras sob os olhos, estava igual aos outros dias.

Sentou-se na cama a dar o seu melhor para parecer composta quando Rosalia e a tia Melody acudiram para ver se ela estava bem.

– Estou a ficar seriamente preocupada contigo, Poppy – disse Rosalia, pondo-lhe a mão na testa para ver se ela tinha febre.

– Que disparate – disse a tia Melody –, a rapariga está simplesmente apaixonada, é só isso!

Os olhos de Poppy esbugalharam-se, apreensivos; o que queria ela dizer?

– Deve ser amor – continuou a tia Melody. – Afinal, pensei que Poppy e Angel faziam tudo sempre juntas.

– Oh, compreendo – riu Rosalia, endireitando o chapéu no espelho de Poppy. – Bom, acho que há um rapaz em casa que está mais do que ansioso por vê-la outra vez. Greg ficou muito aborrecido por não poder vir connosco, mas eu suspeito que eras *tu* quem ele queria realmente ver. Mas chega de toda esta conversa, temos de ir. Angel não deve ver mais o Felipe até ao casamento, por isso, hoje é só um jantar de família. Meu Deus, estou tão nervosa com tudo isto, todos estes príncipes e condessas! Tenho pesadelos horríveis em que caímos no canal todos aperaltados. Adeus, Poppy, não devemos voltar muito tarde. Porque não abres a janela, querida, e deixas entrar ar fresco e luz do Sol, não gosto de te deixar no escuro.

Poppy voltou a afundar-se nas almofadas pensando no que Rosalia acabara de dizer e a enormidade da sua própria estupidez atingiu-a como um golpe. *Claro, a resposta estivera sempre ali. Ela podia ter tido tudo o que quisesse. Podia ser «Poppy Konstant». Tudo o que tinha a fazer era casar com Greg!*

Às três horas de uma tarde de setembro, angelical no seu vestido de noiva, Angel navegou na gôndola nupcial ao longo do Grande Canal para a grande

igreja de Santa Maria della Salute. Nuvens pairavam no vasto céu azul, mudando o tempo de azul para cinzento, e Veneza permaneceu silenciosa numa calma de pré-tempestade onde todos os sons pareciam exagerados. Uma *cantata* de Bach tocava no grande órgão, reverberando nas paredes antigas e ecoando sobre a lagoa quieta, e apenas o sorriso trémulo de Angel iluminava o seu progresso na igreja.

Poppy, num vaporoso tafetá e seda verde com rosas frescas cor de vinho entrançadas no cabelo rico, pensou que Angel parecia realmente a visão perfeita de uma noiva. O seu vestido era feito de pesado cetim branco com uma cauda comprida coberta por camadas de renda delicada, cosidas com pérolas e cristais. A mesma renda recortada circulava-lhe o longo pescoço e um véu de tule de seda descia desde a tiara dos Rinardi, colocada na cascata de cabelo loiro. O véu escondia a expressão dos seus olhos quando ela tomou o braço do pai e percorreu o corredor da igreja, contudo, Poppy sabia que eles brilhavam de felicidade.

Poppy, agarrando o buquê com tanta força que o arame que a florista pusera a segurar as flores lhe feria os dedos, seguia-os devagar pelo corredor, com os olhos fixos na cauda do vestido de Angel. Quando finalmente ganhou coragem para olhar para cima, viu que Felipe só tinha olhos para a sua noiva quando Angel, já com o véu virado para trás, dizia os seus votos.

«Finge que és uma atriz», dissera Poppy a si mesma antes, enquanto se vestia para o casamento, «apenas uma personagem secundária de um drama estúpido.» E agora assinava o livro de registos com a mão que não queria que tremesse; e erguia o queixo e sorria orgulhosamente ao fotógrafo, e ria alegremente com os outros perante o discurso engenhoso de Felipe quando ele propôs o brinde tradicional.

– E, claro, temos todos de brindar à mais bela das damas de honor – disse ele sem um traço de zombaria no rosto. Ergueu-lhe o copo, mas sorriu a Angel.

Mais tarde, ao ficar sozinha com Angel, ajudando-a a trocar de roupa para o fato de viagem de seda azul-clara, Poppy sentiu-se determinadamente alegre.

– Primeiro vamos para Paris – suspirou Angel, extática. – Claro que Felipe a conhece tão bem como Veneza. Diz que é a sua segunda casa, mas, para mim, vai ser como descobrir uma cidade completamente nova. Depois,

Londres... E depois Nova Iorque... – Inclinando o pequeno chapéu de palha bege com um véu e rosas pálidas exatamente no ângulo perfeito sobre o olho, viu-se ao espelho e abraçou Poppy. – Amo-te tanto, Poppy – murmurou ela –, és a irmã mais querida que qualquer rapariga poderia ter. – E, mais tarde, enquanto descia as escadas de mármore, com o braço no de Felipe, certificou-se de que Poppy apanhava o buquê. – És a próxima, e espero que seja com Greg – sussurrou ela ao dar-lhe um beijo de despedida. Em seguida, numa chuva de pétalas de rosas e gritos de felicidade e boa sorte, Angel e Felipe navegaram na gôndola nupcial pelo Grande Canal até à estação de Santa Lucia e ao comboio que os levaria até Paris para o começo da sua nova vida.

O sorriso que estivera fixo no rosto de Poppy desde essa manhã desvaneceu quando eles desapareceram de vista. Terminara. Perguntara-se se o que Felipe fizera significava assim tão pouco para ele ao ponto de já o ter esquecido, pois não houvera nenhum vestígio de arrependimento ou culpa no seu comportamento. Nem sequer olhara para ela. Poppy tremeu com um ódio repentino; *odiava Felipe e odiava Jeb Mallory. Os dois homens a quem dera o seu amor e que não se haviam importado com ela, magoando-a e deixando-a, sem escrúpulos.*

– Vá lá, Poppy – disse Nik, atirando um braço afetivo para cima dos seus ombros –, não estejas tão triste. Não perdemos a Angel, sabes? Ganhámos um novo filho.

Na manhã seguinte partiriam para a Califórnia e Poppy sentiu que mal podia esperar para lá chegar. A sua resposta e o seu futuro eram bastante claros. Greg amava-a. Casaria com Greg.

1898

O belo rosto de Greg a sorrir-lhe com um olhar, que lhe dizia que sentira muito a sua falta e que a amava, iluminou a sombria estação de comboios de São Francisco como uma réstia de esperança. Ele abraçou-a e beijou-a e o sorriso de Poppy refletia um alívio tão profundo que ele se riu.

– Estou a ver que estás feliz por estares de volta – disse ele.

– E estou muito feliz por *te* ver – sussurrou ela, com uma vaga de esperança que lhe dizia que, afinal, a vida podia não ter terminado.

A casa dos Konstant nunca lhe parecera tanto um lar. Ao dar à sua égua árabe, *Rhane*, uma maçã retirada do bolso do seu casaco, Poppy olhou sobre a cerca para as colinas laranja e para o cume distante e azul das montanhas, e agradeceu a Deus por não ter permitido que ela fizesse nenhum disparate naquele manhã terrível quando se encontrava no quarto de hotel em Veneza, sozinha. Estava novamente em casa, onde pertencia, e nunca mais queria voltar a sair.

Todas as noites quando ia para a cama dizia a si própria que Greg nunca precisaria de saber o que acontecera e, finalmente, convencida de que fazia o que estava certo, dizia-lhe que devia casar com ele.

Os beijos dele eram muito suaves quando comparados aos de Felipe, brutais e exaltados, e as suas mãos muito gentis sempre que lhe acariciavam o cabelo ou seguravam o braço. No entanto, sentia-se apática e cansada e nada como antigamente.

Quando a menstruação não lhe veio, pensou que devia estar relacionado com o brutal ataque de Felipe e perguntou-se se ele a teria magoado de alguma forma; era muito ignorante e estava demasiado assustada para consultar um médico. No segundo mês, disse a si própria que devia estar anémica e que o equilíbrio natural do seu corpo fora alterado. Não se dizia que isso acontecia aos recém-casados? Mas, claro, ela não era casada pelo que não podia perguntar. E quando chegou a semana em que Angel e Felipe regressariam, ela acordou muito enjoada numa manhã.

Para celebrar o regresso da noiva e do seu marido estrangeiro, a família Abrego reuniu-se no Arlinton Hotel e houve um grande baile.

– Damos as boas-vindas ao nosso novo filho na nossa terra e na nossa casa – disse Nik, erguendo o copo a Felipe. – A um verdadeiro *nobre*!

Rosalia pensou que Nik parecia muito russo nessa noite, com o espesso cabelo loiro a ficar grisalho, os olhos tão claros como gelo, como se ainda olhasse para as planícies geladas da Rússia que agora só via na memória e em sonhos. Mas *somos verdadeiros americanos*, pensou ela, uma mistura de russo e mexicano – e, agora, italiano. Olhando para o rosto pálido e sombrio de Poppy, acrescentou para si, e também irlandês, pois assim que Greg casasse com Poppy o sangue irlandês de Jeb Mallory acabaria por correr nas veias dos Konstant.

Poppy sentou-se a olhar para baixo, brincando nervosamente com a base da sua taça de champanhe quando Felipe deu uma resposta encantadora ao discurso de boas-vindas de Nik. «A rapariga está infeliz», pensou Rosalia, intuitiva, «passa-se algo de errado...» No entanto, não havia dúvida de que Poppy estava feliz por casar com Greg e dissera-lhe há dias que também se sentia muito feliz por estar novamente em casa e que perdera o desejo de viajar. Ainda assim, parecia nervosa, ansiosa... Como se mal pudesse esperar para escapar. Mas de quê?

Nesse momento, a orquestra de dez músicos de São Francisco começou a tocar. Rosalia observou Felipe a tomar pelo braço a sua linda Angel e a dirigir-se para a pista de dança enquanto os convidados aplaudiam, e, nesse momento, Poppy foi esquecida.

* * *

Angel sentou-se na sua antiga cama no quarto de Poppy, iluminado pela luz

do candeeiro, com as pernas dobrados sob o traseiro, a relatar as suas viagens; os restaurantes em Paris, a chuva em Londres e as maravilhas de Nova Iorque. Poppy ocupou-se nervosamente no aparador, escovando o cabelo comprido sem parar, com os olhos fixos em Angel, através do espelho.

– Poppy – disse Angel, timidamente –, lembras-te da nossa promessa? Que quem casasse primeiro devia dizer? Bem... Não é nada parecido com o que as vacas e os bois fazem! Oh, Poppy, é *maravilhoso*. Como posso explicar? É o sentimento mais ternurento, carinhoso... e *suave* do mundo e, ao mesmo tempo, é excitante. O Felipe foi tão querido e compreensivo... Ora, demorei uma semana a habituar-me, mas ele nunca me apressou, limitava-se a acariciar-me, depois, quando finalmente o fizemos, pareceu algo de muito natural.

Os olhos dela brilharam com a recordação e Poppy pensou que ela devia estar a falar de um homem diferente e não do Felipe que conhecia.

– Poppy, quero que sejas a primeira a saber, para além do Felipe, claro, mas quero que saibas antes da mamã e do papá ou de outra pessoa qualquer. Adivinha? Estou grávida!

Poppy deixou cair a escova de prata com estrondo.

– Grávida? – sussurrou ela.

Angel assentiu, feliz.

– Não é maravilhoso? É claro que o Felipe espera que seja um rapaz para dar seguimento ao nome Rinardi, mas eu não me importo com o que seja, rapaz ou rapariga. – Olhou para o rosto pálido de Poppy, confusa. – Não estás feliz?

– Feliz? – repetiu Poppy, atordoada. – Oh, sim, sim, claro que estou feliz. Porque não estaria? São ótimas notícias, Angel. Mas, diz-me... Como te sentes?

Angel suspirou.

– Essa é que é a parte má. Vomito todas as manhãs assim que ponho um pé fora da cama. Aliás, algumas manhãs fico tentada a ficar na cama para não ter de passar pela sensação de enjoo, mas depois fico logo bem. É claro que estou de poucos meses pelo que a barriga ainda não se nota, continuo uma trinca-espinhas como tu. – Franziu o sobrolho ao examinar o corpo magro de Poppy. – Aliás, estás *demasiado magra*, Poppy. A mamã também disse o mesmo. Passa-se alguma coisa?

Poppy abanou a cabeça, triste. Durante as últimas semanas, comia o menos possível para evitar os terríveis enjoos e permanecer o mais magra possível de forma a guardar o seu segredo assustador. Simplesmente não sabia o que fazer. Como poderia casar com Greg quando carregava o filho de outro homem, ainda por cima seu cunhado? Começou a pentear o cabelo outra vez, com escovagens suaves e automáticas. Estava muito desesperada. A sua vida desmoronava-se e não havia maneira de fugir aos escombros. A mente pensava de novo nas bonitas pistolas prateadas da sala das armas.

– Poppy, quero pedir-te um favor. – Angel inclinou a cabeça de repente. – Sei que é pedir muito para que deixes o Greg outra vez, mas gostava tanto de te ter comigo na Villa d’Oro. Sinto-me tão sozinha lá e, Poppy, agora que estou grávida, estou um pouco assustada. Por favor, não me dê a resposta agora – disse ela, segurando-lhe a mão –, porque sei que dirás que não. Promete-me apenas que pensarás no assunto.

– Não suporto a ideia de que ficarás assustada – retorquiu Poppy, calmamente –, claro que pensarei no assunto, Angel.

Nessa noite, foi para a cama a pensar em Angel nos braços de Felipe no quarto de hóspedes ao fundo do corredor, e deu voltas e mais voltas quando uma ideia lhe assolou a mente. Pensou nela até amanhecer, no plano que se formava claramente na sua cabeça. Se resultasse, ficaria livre.

Na manhã seguinte, Poppy disse a Greg que era seu dever ajudar Angel; não seria justo deixá-la passar pelos meses complicados da sua primeira gravidez sem a sua querida amiga e irmã companheira ao lado. Ficaria com Angel até o bebé nascer, depois regressaria a casa e casariam.

– Prometes? – perguntou Greg, triste. – Prometes que voltas para mim, Poppy?

– *Prometo* – jurou ela.

* * *

Uma semana mais tarde, Angel e Felipe viajaram para a Europa e, um mês depois, Poppy fez o mesmo. Desta vez foi sozinha, permanecendo quase sempre no seu quarto do navio transatlântico e aparecendo apenas para o jantar. Alguns dos jovens oficiais tentavam meter conversa com ela, perguntando-lhe por que razão não ia aos bailes no Palm Court após o jantar, mas Poppy dizia sempre que se sentia enjoada. Não estava

interessada em namoricos, romances ou homens.

Estava grávida de quatro meses quando chegou a Itália, mas passava fome para que a barriga não crescesse. Angel, por sua vez, estava agradavelmente roliça e a brilhar e, claro, ficou muito feliz por vê-la, contudo, Felipe mal se dava ao trabalho de esconder a sua impaciência. Deixando-as na *villa*, partia para Veneza para tratar do que apelidava de «assuntos importantes».

– Nem imaginas a diferença que é estares aqui – disse Angel quando ficaram sozinhas no quarto de Poppy. – O Felipe está a comportar-se de maneira tão estranha, pergunto-me o que pode estar errado. Não que seja desagradável – acrescentou apressadamente –, mas acho que é difícil ter uma mulher que está sempre agoniada... Oh, Poppy, se soubesses como é, nunca terias filhos!

– Angel – disse Poppy –, sei como é. É por isso que estou aqui.

Angel riu-se.

– Não sejas tonta, Poppy, como podes saber? Espera até casares com Greg, aposto que saberás depressa.

– Angel – repetiu Poppy, segurando-lhe o braço e olhando, determinada, nos olhos dela –, amas muito o Greg?

– O Greg? – repetiu Angel, confusa. – Ora, amo-o mais do que tudo.

– E a mim? – perguntou Poppy, agarrando-lhe o braço com mais força.

– Claro, a ti também – murmurou Angel, alarmada.

– Ótimo, então vais ajudar-nos. Ouve com atenção, Angel, é uma história complicada, mas, infelizmente, é verdadeira. Estou muito desesperada e, se gostas realmente do Greg, vais ajudar-me.

– Mas o que foi? – perguntou Angel, assustada. – O que aconteceu?

– Lembras-te de te ter dito que conheci um homem em Veneza? O meu «amante secreto» como lhe chamaste? Posso assegurar-te, Angel, ele nunca o foi, oh, esperei que pudesse sê-lo, estava encantada com ele e não suportava estar sem ele... Não consegui ver as suas fraquezas, os seus defeitos... Oh, Angel – gemeu Poppy –, ele revelou ser um demónio do inferno. Uma tarde, atraiu-me para o seu apartamento, trancou a porta e... oh, Angel... *Ele violou-me.*

O rosto de Angel ficou lívido.

– Violou-te? – sussurrou ela.

Poppy assentiu.

– Foi... *foi um inferno.* Lembras-te de quando me contaste sobre a tua

noite de núpcias?

Angel assentiu, com os olhos a encherem-se de lágrimas.

– Bem, não foi nada parecido com a tua experiência... foi... *cruel*, Angel, um ato terrível, assustador e humilhante praticado por um homem desprezível. Quando ele finalmente terminou, eu só queria morrer.

– *Morrer?* – repetiu Angel, aterrorizada.

Poppy assentiu.

– Oh, acredita, tentei arranjar formas de o fazer. Pensei em arranjar veneno, armas, facas, tudo para me matar. – Olhou para os olhos azuis chocados de Angel. – Mas, Angel, eu sabia que não queria morrer... *porque amava Greg*. Culpas-me por não me ter suicidado?

– Culpar-te? – engasgou-se Angel. – *Claro que não!*

– Como amo Greg, e sei que ele me ama, percebi logo que aquilo não passara de uma ligação tola com o homem errado, um estrangeiro que se aproveitou das minhas noções de rapariga romântica, e de mim. Oh, Angel, pensei que nunca ninguém saberia, que era capaz de pôr tudo para trás das costas. Afinal – disse ela, lamentando-se –, eu não queria magoar o Greg, sabes? Continuava tão *encantada* como dantes. É que *a culpa não foi minha*, sabes?

– Claro que não – afirmou Angel, leal.

– Depois percebi que estava grávida – disse Poppy, devagar. – E não soube o que fazer.

– Oh, meu Deus! – exclamou Angel. – E o que *vais* fazer?

– É por isso que aqui estou. Ouve-me com atenção, Angel. Não quero que faças nenhum comentário até eu terminar. Deixa-me contar-te o meu plano. – Angel assentiu, solene. – Vou para uma *pensione* qualquer no interior de Itália, bem longe daqui, para um lugar calmo onde ninguém me conheça. Farei com que o bebé nasça lá.

– Não vais dá-lo, pois não? – perguntou Angel, horrorizada.

Poppy abanou a cabeça.

– Prometeste que não farias qualquer comentário até eu acabar – lembrou ela, reprovadora. – Agora, ouve com atenção, Angel, porque isto também te diz respeito. E ao Felipe – acrescentou, baixinho. – Estamos as duas grávidas. Os nossos filhos nascerão quase na mesma altura. Angel, estou a pedir-te para *ficares* com o meu bebé, para tomares conta dele como se fosse teu... Não percebes? Ninguém tem de saber... Seria como se tivesses

tido gémeos. – Os olhos azuis de Angel esbugalharam-se, chocados, quando ela abriu a boca para falar. – Não vês que é apenas um bebé? Outro filho doce e adorável? O *meu* filho. Como posso dá-lo a estranhos quando ele poderia ser criado como um membro da nossa família? Por favor, Angel, *estou a implorar-te...* Fica com o meu filho. Liberta-me deste terrível fardo... Não sei mais o que fazer se disseres que não – acrescentou ela, sofredora.

Angel olhou-a, aterrorizada.

– Não podes estar a falar em... *suicídio*? – sussurrou ela.

Poppy baixou os olhos e olhou para o tapete.

– Que alternativa me resta?

– Minha querida e pobre Poppy – gemeu Angel, colocando-lhe os braços em volta. – É claro que quero ajudar-te. *Tenho* de ajudar-te. Mas o que digo ao Felipe?

– O Felipe é um homem caridoso – respondeu Poppy, baixinho. – Pergunta-lhe, Angel, e vê o que ele diz. Tenho a certeza de que compreenderás que, como ele te ama, vai concordar.

Foi Felipe quem voltou para falar com ela e dar-lhe a resposta.

– A Angel insiste para que fiquemos com o bebé – disse-lhe ele, friamente.

– O *teu* bebé – disse Poppy, calma.

– Como sabes, tal não pode ser provado. De qualquer forma, é melhor do que te ter a causar sarilhos à família Konstant. Concordei que a criança seja criada como se fosse nossa.

– Como deve ser – respondeu ela friamente.

– Com uma condição – declarou ele – e a Angel concorda comigo. Depois de o bebé nos ser entregue, tu deves ir-te embora para nunca mais voltares.

– Claro, irei para casa. Para Santa Barbara.

Houve um brilho de triunfo nos olhos de Felipe quando ele respondeu.

– Não foi isso que eu quis dizer, Poppy. *Tu vais desaparecer! Nunca mais surgirás para perturbares as nossas vidas.* E, se alguma vez regressares, eu próprio informarei a tua família de que a sua «filha» seguiu os mesmos caminhos nefastos do pai! Certificar-me-ei de que *Greg Konstant* nunca mais te quererá ver. *Ele* saberá a verdade, Poppy, sobre como te atiraste a

mim, como vieste ter comigo na noite anterior ao casamento da tua querida amiga, a tua *irmã*, e te ofereceste a mim... Como me seduziste com as tuas artimanhas... *Não, Poppy. Nunca mais voltarás para casa!*

1899, ITÁLIA

O instinto enviou Poppy de volta à pequena e acolhedora *pensione* nas margens do lago Como e, para os Rossi, o bondoso casal italiano que tomara tão bem conta dela e da tia Melody. Apesar de usar a pequena aliança de ouro que comprara em Veneza, sabia pelo olhar da Signora Rossi que a mulher não acreditava na sua história de súbita viuvez. Ainda assim, a *signora* acolheu-a de coração e tomou conta dela com a mesma bondade maternal com que tratava os filhos e netos.

Poppy foi tratada com o respeito que se dava a um hóspede qualquer, pelo que, aos domingos, quando a família enorme se reunia, ela sentava-se sozinha à sua mesa junto à janela e a Signora Rossi apressava-se a servi-la em primeiro lugar. Depois, desculpava-se e ia atender as exigências de mais um neto.

Poppy tentava não observar as crianças que corriam alegremente de um lado para o outro, enquanto as mães lhes davam comida, atenção e amor e os pais adoráveis olhavam para elas com carinho; contudo, elas vinham e espreitavam pela porta para a verem, a rirem-se, e ela sentia um pouco de inveja pela simples felicidade da família. Apressava-se a comer o almoço indesejado e passeava pela bela cidadezinha de Bellagio, vagueando pela igreja mal iluminada em busca de respostas que não existiam e encontrando apenas uma paz temporária.

Quando os dias longos se transformaram em semanas e as semanas em

meses, Poppy viu-se com bastante tempo para contemplar a vingança contra Felipe. Apesar de esperar todos os dias por uma carta, Angel não lhe escreveu uma só palavra e, nas noites frias e compridas de inverno, a solidão tragava-a. Dormitava inquieta, sonhando com a sua casa e com Greg, que sabia agora amar muito ternamente sem nunca mais o poder ver. Nas severas tardes cinzentas, enfrentava com coragem os ventos gélidos que atravessavam o lago, caminhando pelos jardins sem folhas, agitada, pensando como poderia ter sido tão tola.

A sua escassa reserva de dinheiro era cada vez menor e, ansiosa, cortou nas refeições da *pensione*, comendo apenas o jantar. O seu corpo crescia desajeitadamente à medida que o bebé crescia, no entanto, não fez nada para consultar um médico ou assegurar onde fazer o parto. A Signora Rossi parecia preocupada, fazendo-lhe perguntas no seu inglês macarrónico, mas Poppy limitava-se a abanar a cabeça e a fingir que não compreendia. Era quase como se, apesar das mudanças no seu corpo, ainda não acreditasse no que ocorria.

O abril chuvoso deu lugar aos dias suaves e quentes de maio e, quando os jardins da *pensione* floriram com vinhas e rosas cheirosas, ela contemplou o futuro com receio. À noite, dava voltas na cama, pensando para onde iria e no que faria. Tinha apenas uma vaga ideia de quando a criança nasceria e, quando as primeiras dores lhe atingiram a lombar a meio de uma noite quente de maio, limitou-se a permanecer deitada sem querer acreditar no que acontecia. Depois, as dores começaram a tornar-se mais fortes e rápidas.

«Quando a criança nascer», disse Poppy a si própria, no descanso entre contrações, «toda a minha vida vai mudar. Depois, os seus gritos agonizantes trouxeram uma apressada Signora Rossi.»

– Ah, *signora* – disse ela, consolando-a –, senti que o bebé viria esta noite, vi os sinais no seu rosto... – E foi depressa à cozinha buscar água quente para o corpo contorcido de Poppy, e lençóis para atar à cama de forma a ela poder agarrar-se quando as dores surgissem.

Poppy pensou que a noite nunca mais acabava e, quando a brisa da manhã finalmente atravessou a janela, a criança ainda não tinha nascido. Preocupada, a Signora Rossi ordenou ao marido que fosse buscar o médico de Bellagio. Molhou a testa ardente de Poppy e segurou-a nos braços como teria feito com a sua própria filha, quando a dor a atingiu vezes sem conta.

– O bebê está preso – disse o médico aos Rossi, com um rosto sério. – Há o sério risco de ela o perder. E de talvez até perder a vida. Onde está a família?

A Signora Rossi encolheu os ombros, erguendo os olhos ao céu.

– O marido morreu – respondeu ela. – Está sozinha. – E apressou-se a ir para o lado de Poppy quando ela voltou a gritar.

A noite voltara a escurecer o céu quando, com um derradeiro grito de agonia que fez com que a Signora Rossi tapasse os ouvidos de horror, o bebê de Poppy emergiu finalmente para o mundo. Ao contrário do que o médico previra, não morreria; chorava com vigor e pesava uns belos dois quilos e oitocentos gramas. Poppy encontrava-se demasiado débil para sequer abrir os olhos de forma a vê-lo, pelo que o médico mandou chamar uma ama de leite à vila e começou a travar a luta para salvar a vida de Poppy.

Nos dias que se seguiram, enquanto ela volteava entre sonhos e a realidade, parecia que Poppy veria o seu desejo concretizado. Sem mais nada que a prendesse à vida, sabia que Deus estava prestes a libertá-la da sua tristeza mortal. Sonhou que flutuava suavemente para trás em direção a um túnel escuro e tranquilo, onde não havia dor, apenas paz... Seria tão fácil, pensou ela, quando a escuridão eterna se aproximou cada vez mais... Depois, o choro do seu bebê penetrou-lhe o inconsciente e, com ele, regressaram as dores do seu corpo contorcido e todas as recordações que a torturavam.

– Então, *signora* – disse o Dr. Callonio três semanas mais tarde –, decidi viver.

Poppy olhou para ele, solene.

– A escolha não foi minha, *signore* – respondeu ela friamente.

– Lembre-se, pobre *signora* – retorquiu ele, bondoso –, as coisas nunca são tão más como parecem. – Encolheu os ombros, desculpando-se. – Não sabíamos se ia sobreviver e achámos importante batizar a sua filha em nome de Deus. A Signora Rossi tomou a liberdade de escolher o nome. Helena Maria Mallory.

Poppy olhou para o céu azul fora da janela. A sua filha tinha três semanas de idade, um nome... Era real... Colocando os lençóis por cima da cabeça, virou-se para a parede.

– Não desespere, minha filha – disse a Signora Rossi, compreensiva, –,

lembre-se de que Deus nos ajuda a todos.

«Mas não a mim», pensou Poppy, mordendo o lábio para deter as lágrimas fracas e angustiadas. «Nunca a mim.»

Espreitou com receio a criança quando eles lha trouxeram finalmente. Não tinha sinais do seu cabelo ruivo – era tão loira como a própria Angel. Com um suspiro de alívio, soube que ninguém diria que não se tratava da filha de Angel. No entanto, apesar de o bebé ser tão querido e bonito como todos os outros, Poppy não sentiu qualquer carinho ou amor por ela. Era filha de Felipe.

Pensou, invejosa, o quão diferente devia ter sido para Angel. Quando o seu bebé nascesse, seria só alegria, amor e celebrações. Pedindo papel e caneta, escreveu um telegrama a Angel: *Nasceu filha*. Depois, ignorando o bebé, virou a cabeça de novo para a parede e esperou que Angel viesse.

Todos os dias esperava ansiosamente que o homem do escritório dos telegramas, em Bellagio, lhe trouxesse uma mensagem de Angel e todos os dias ficava desapontada. Com o bebé no berço ao seu lado, andava de um lado para o outro no quarto, à noite, regressando à cómoda, preocupada, para contar o dinheiro que ainda tinha na carteira. A ama de leite tinha de ser paga, tal como o médico e a Signora Rossi, que, por mais bondosa que fosse, não podia dar-lhe comida e abrigo em troca de nada... «Oh, Angel, Angel», pensava, desesperada, «prometeste que tomarias conta dela, prometeste ajudar.»

Dez dias depois, ela perdera a esperança quando, ao final de uma tarde, uma carruagem da estação de Bellagio subiu para a *pensione*. Deteve-se e Angel saiu. Envergava um vestido de seda com um padrão feito de pequeníssimas flores e um grande chapéu de palha. O seu cabelo loiro estava impecavelmente penteado e usava filas de enormes pérolas à volta do pescoço.

– Espere aqui, bom homem – ordenou ela, descendo. Tapando os olhos do sol, olhou para a casa quando Poppy surgiu a correr da porta principal.

– Angel, Angel – gritava ela. – Oh, Deus, Angel! Pensei que não virias...

Angel hesitou por um instante, depois abriu os braços e abraçaram-se com força.

– Estás bem? – sussurrou ela, com os límpidos olhos azuis ansiosos.

– Nem sequer me quero lembrar – respondeu Poppy, amarga. – E, tu?

– Tive uma menina – disse Angel. – Nasceu há um mês, como a tua. –

Meteu o braço no de Poppy enquanto caminhavam pelos jardins. – O Felipe não sabe que estou aqui. Esperei que ele fosse para Veneza por uns dias e vim. Ele não me deixa escrever-te. É claro que o fiz, mas ele intercetou as minhas cartas. Até escreveu à mamã, ao papá e a Greg... Não sei o que lhes disse, mas, desde então, a mamã nunca mais te referiu nas suas cartas. Oh, Poppy, porque não lhe contas o que se passou? De certeza que ela te ajudaria, eu sei que sim.

Poppy limitou-se a negar com a cabeça. Percebeu que Felipe a destruía. E, agora, preferia morrer a ter de enfrentar Rosalia e Nik com vergonha. Quanto a Greg, nunca acreditaria na sua história. Não, ela nunca mais poderia voltar para casa.

– O Felipe disse-me que nunca mais te poderei ver, que não queria a criança. Disse que não devo ter nada a ver contigo. Poppy, o Felipe disse coisas tão horríveis sobre ti, coisas que não podem ser verdade. – Os seus olhos azuis procuraram a confirmação de Poppy. – O Felipe disse que eras má, que eras uma cortesã e que até tentaste seduzi-lo. – A sua voz fraquejou. – Por favor, diz-me que não é verdade.

Poppy remexeu nas pedras da gravilha com o dedo do pé, evitando os olhos sinceros de Angel.

– Não é verdade, Angel – disse por fim.

– Perdoa-me por perguntar-te, por sequer pensar que... – Angel gaguejou. – É claro que eu *sabia* que não era verdade... Mas, então, porque diria o Felipe aquelas coisas tão *cruéis*? Às vezes, não o compreendo, Poppy. Às vezes penso que não é o mesmo homem com quem casei... O Felipe gentil e despreocupado daqueles dias de Veneza. Ele é capaz de ser tão *frio*, tão... distante. Sabes quando ele parece feliz? Quando estou toda bem vestida e cheia de diamantes, a fazer o papel de anfitriã da propriedade, ou de nobre no camarote da ópera. Às vezes não parece real, Poppy, parece que ele se transformou noutra coisa... – Fez uma pausa, examinando o rosto fechado e arrependido de Poppy. – Mas como me posso queixar – exclamou ela –, quando penso em ti e nos teus problemas! É claro que tomarei conta do bebé, prometi que o fazia. – Voltou a hesitar. – Tens a certeza de que queres avançar com isto? Ainda há tempo para mudares de ideias.

Poppy abanou a cabeça.

– Felizmente o bebé não é nada parecido comigo, Angel – respondeu ela. – É tão loiro e bonito, poderia facilmente ser tua filha.

– Então, de este dia em diante, será minha filha. Não me interessa o que o Felipe diz – afirmou Angel veemente. – Prometo-te isto, Poppy. Não haverá estigma, nunca ninguém saberá... Nem sequer a criança.

Poppy assentiu, satisfeita. Olhou para o condutor a afastar as moscas do traseiro do cavalo, que esperava.

– O Felipe vai ficar zangado contigo por teres vindo aqui. É melhor ires antes que ele volte.

Angel olhou ansiosamente para o bonito relógio de ouro ornamentado com pérolas e rubis que usava agarrado ao cinto.

– O comboio parte daqui a uma hora – disse ela, nervosa. – Oh, Poppy, detesto ter de deixar-te. – As lágrimas encheram-lhe os olhos quando olhou para ela.

– Vou buscar o bebé – disse Poppy. Voltou uns momentos depois e entregou-lhe o bebé enrolado num xaile de lã. – A Signora Rossi vai trazer as coisas dele – suspirou. – Não é muito, apenas algumas roupas.

Angel olhou para a carinha sonolenta do bebé.

– Mas é tão bonita, Poppy... Oh, como podes suportar? – As lágrimas voltaram a cair-lhe dos olhos e ela limpou-as rapidamente com o dedo. – Não devo chorar – disse, tentando sorrir. – Dizem que não é bom para o leite materno. – Pegando no bebé com cuidado, levou-o para a carruagem e pousou-o num cestinho que esperava. A Signora Rossi apressou-se trazendo uma trouxa nas mãos e entregou-a a Angel.

– O bebé será formalmente batizado no mês que vem – disse Angel. – Já escolheste o nome?

– A Signora Rossi chamou-lhe Helena Maria.

Ainda assim, Angel hesitou junto à carruagem.

– O que vais fazer? – suspirou ela. – O que vai ser de ti, Poppy? Quem me dera que fosses para casa, para junto da mamã, do papá e de Greg. Oh, Poppy, tenho a certeza de que Greg nunca descansará até te encontrar.

– Nunca me encontrará – afirmou Poppy distraidamente. – Certificar-me-ei disso. – Entregou-lhe o anel de noivado de safira que Greg lhe dera, há tanto tempo, parecia. – Por favor, devolve-lhe isto – pediu ela asperamente –, ele vai compreender. Acabou. E não te preocupes, Angel, é fácil para as pessoas como eu simplesmente... desaparecerem.

Angel hesitou, olhando para o anel, o símbolo, reconhecendo a finalidade do gesto de Poppy.

Em vez de o aceitar, deu-lhe um pacote.

– É todo o dinheiro que consegui reunir – disse ela. – Quem me dera que fosse mais, mas é o Felipe que toma conta das nossas finanças. – Impulsivamente, arrancou as pérolas do pescoço e deu-as a Poppy. – Toma, vende-as. Devem valer uma fortuna. Felipe disse que pertenceram à Madame du Barry... «As pérolas de uma prostituta», disse ele! «Nunca gostei delas por causa disso...» – Subiu depressa para a carruagem, com as lágrimas a correrem-lhe. – Oh, minha querida Poppy – suspirou –, voltaremos a ver-nos?

– Adeus, Angel – respondeu Poppy, baixinho.

– *Oh, Poppy!* – Angel gemeu quando o condutor chicoteou o seu cavalo preguiçoso. – Não suporto... Simplesmente não suporto... Deve haver alguma *coisa* que eu possa fazer...

– Promete-me uma coisa – pediu Poppy, de repente, agarrando-se à mão dela –, só uma coisa. Dá o meu nome ao bebé... Chama-lhe «Poppy». *Por favor*, Angel.

Angel olhou para ela, chocada.

– Será difícil... – hesitou.

– *Por favor, Angel* – implorou Poppy.

Ela assentiu.

– Está bem, prometo.

Poppy olhou-a com gratidão, sabendo que era pela última vez, depois, deu meia-volta e correu através do caminho para os jardins tranquilos ao longo das margens do silencioso lago azul.

1899

Angel enfrentou o irmão, temerosa; nunca o vira tão zangado, pelo menos não com aquela raiva profunda e incisiva que lhe semicerrava os olhos e endurecia a voz.

– Estás a mentir, Angel – disse Greg, gélido. – E nunca saberei por que razão a mãe e o pai acreditaram no Felipe.

– Por causa de Jeb Mallory – suspirou ela, aterrorizada. – Disseram que, no fundo, a Poppy é mesmo filha dele, por mais que tente negá-lo. E porque havia ela de fugir, de desaparecer, se não fosse verdade? A Poppy conheceu uma pessoa, Greg, e fugiu com ela. Alguém que amava mais do que a ti – acrescentou, cruelmente, para proteger Poppy e o bebé.

– O que te disse ela quando te deu isto? – perguntou ele, tirando o anel de safira do bolso. – Diz-me as palavras *exatas*.

Angel fechou os olhos para não ver o seu rosto angustiado.

– Disse, «Dá isto ao Greg... Diz-lhe que já não é preciso...» – suspirou, triste.

– Nunca acreditarei – gemeu ele, andando de um lado para o outro no novo e magnífico salão do Palazzo Rinardi. – Não estás a falar da Poppy que eu conheço, estás a falar de outra pessoa.

– É exatamente isso, Greg – disse Felipe da ombreira da porta. – Pobre Poppy, receio que tenha sido completamente enganada por esse canalha, mas – encolheu os ombros –, sabes como é fácil levar uma rapariguinha a

acreditar que um homem gosta dela, quando – olhou maliciosamente para Angel – as suas emoções estão envolvidas. E com o historial de instabilidade de Poppy, bem, não é assim tão inesperado, pois não, meu amigo? Se queres a minha opinião, acho que ficas muito melhor sem ela!

– *Eu não quero a tua opinião* – respondeu Greg, zangado. – Acho que, por algum motivo, tu e a Angel inventaram esta... esta charada. Mas tenciono descobrir porquê e encontrar a Poppy, nem que demore a vida toda.

– Pobre e querido Greg – chorou Angel quando ele saiu da sala – e pobre, *pobre* Poppy, é melhor que ele não a encontre.

– Não te preocupes – retorquiu Felipe cruelmente –, nunca encontrará. Espero que te tenhas apercebido de que nos colocaste numa posição impossível, Angel. Se não tivesses tomado a criança quando eu o proibi expressamente e, depois, se não tivesses convencido o padre a batizá-las às duas com o mesmo nome, podíamos ter simplesmente lavado as mãos de toda esta trapalhada. A Poppy não era responsabilidade nossa.

– A Poppy era... é minha irmã! – gritou ela. – Não me importa o que ela fez... E a culpa não foi dela, ela jurou que me diria a verdade.

– Então porque não te deu o nome do seu afamado sedutor? – perguntou ele, agarrando-lhe os ombros, zangado. – Eu digo-te porquê, porque estava a ter um caso com o marido de outra mulher! Já te contei as histórias que ouvi sobre as atividades que ela fazia à tarde. E, pela forma como se comportava na escola de São Francisco, faz sentido, não faz? A Poppy tem sangue ruim, é tão simples quanto isso. O teu pai disse que os Mallory já causaram dor suficiente. Temos de esquecê-la e de nos convencer de que teve uma morte misericordiosa.

– Não – chorou Angel –, não, por favor, não...

Nessa noite manteve-se acordada, lembrando-se da expressão fria e calma no rosto de Poppy quando a vira pela última vez, há quatro meses, em Bellagio; soubera que era a calma do desespero absoluto. Não havia qualquer futuro para Poppy e ela pensava agora se ela teria morrido.

Pensou nos dois bebés pequeninos que dormiam no quarto ao fundo do corredor, ambos de um loiro bonito, sem que nenhum se parecesse com ela, mas, curiosamente, parecendo-se as duas com Felipe. Nem sequer a sua própria mãe teria adivinhado qual delas não era sua filha. Angel ficara chocada com a amargura da reação de Rosalia perante a história de Felipe.

– Tentámos, Angel – chorara a mãe, zangada –, demos a Poppy tudo o que podíamos, o amor de uma família, uma casa como deve ser, tudo o que tu tiveste, ela também teve. Mas o sangue de Jeb Mallory foi demasiado forte. – Rosalia benzera-se, devota. – A Poppy deve pagar pelos seus pecados – afirmou ela calmamente – e nós devemos rezar a Deus para que a perdoe.

A família reunira-se para o batismo, mas Nik recusara-se a falar sobre Poppy. Nessa altura, até Angel começara a duvidar da história de Poppy por Felipe ser tão convincente. Ainda assim, manteve a promessa de dar o nome dela à criança, apesar de o ter feito de forma tortuosa, o que os chocou a todos. Contudo, também se certificou de que Poppy nunca saberia qual delas era a sua filha, ao dar *às duas* o seu nome.

Fora falar com o padre no dia anterior para lhe dizer que havia uma mudança. Entregou-lhe um pedaço de papel com os nomes que cada criança devia receber. Na igreja, ela olhara diretamente em frente quando o padre ergueu o primeiro bebé e depois o outro e disse:

– Maria-Cristina Poppy, batizo-te em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo... E Helena Maria Mallory, batizo-te em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Ouviu Felipe engasgar-se, chocado, ao seu lado.

– Pare! – ordenou ele, pálido de raiva. – Não pode dar à nossa filha o nome daquela mulher!

– E porque não, Felipe? – perguntara inocentemente Angel. – Não devemos perdoar os pecados dos outros, tal como faz o Senhor? É muito apropriado que as minhas filhas homenageiem o pobre nome da minha irmã.

Felipe olhou inquisitivo para Nik e, após um momento de hesitação, Nik assentira.

– Se é o que Angel quer – concordara ele calmamente.

E assim foi. Só ela e Felipe sabiam qual das crianças era a filha de Poppy. Se Poppy não tivesse morrido e algum dia voltasse para reclamar a filha, não haveria maneira de saber qual era a sua. O segredo da menina estava guardado e as «gémeas» eram dela e só dela. Todos diziam que Poppy devia pagar pelos seus pecados, mas Angel certificara-se de que a filha dela não carregaria o mesmo estigma. Poppy nunca mais poderia reclamar a filha.

Aria recolheu o seu bilhete na barreira e conduziu, grata, para dentro do parque de estacionamento da Piazzale Roma. Durante todo o caminho desde a Villa d'Oro chovera granizo, o que lhe reduzira a visibilidade para um mínimo, pelo que teve de seguir agarrada ao volante e espreitar através da escuridão escorregadia por mais de uma hora. Aguardou alguns minutos antes de sair do carro, esperando que Van Morrison acabasse de cantar a sua canção preferida «The Best Is Yet to Come»¹⁰, depois desligou o rádio e sorriu. Orlando comprara-lhe a cassette. «Esta canção podia ter sido feita para nós...», dissera ele... Olhou para cima, surpreendida, quando o chiar de pneus de um carro deslizou pela rampa curvada e parou no vão, junto à saída. Era um *Peugeot* preto e, mesmo dali, ela era capaz de ver que o condutor usava um chapéu de motorista preto.

O pânico assolou-a e olhou em volta para o parque de estacionamento praticamente vazio. Não havia ninguém; estava sozinha com o homem do *Peugeot* preto. Rapidamente, trancou todas as portas do carro. O seu coração batia tão alto que ela o ouvia e os tremores de medo percorriam-lhe a coluna; lera muitas vezes sobre vítimas de rapto em Itália... Algumas saíam vivas da sua provação, mas muitas não; cortavam-lhes dedos e orelhas e enviavam-nos aos seus familiares, violavam raparigas... e matavam...

Olhou para o homem através do espelho retrovisor; o rosto dele estava na

sombra, meio escondido pelo chapéu, e encontrava-se sentado no carro com o motor ligado, enviando baforadas de fumo cinzento para a noite gélida. Não podia simplesmente ficar ali sentada, pensou, a tremer de pânico; tinha de tentar fugir; no entanto, ele estacionara deliberadamente o carro junto à única saída pedonal. Restava-lhe só uma alternativa, fugir de carro e batê-lo na rampa... Ligando a ignição, Aria pôs o carro em marcha-atrás, recuou rapidamente do seu lugar e deslizou em direção à rampa que descia, olhando, com medo, pelo retrovisor. Ele previra a sua ação e saíra da sua posição, dirigindo-se rapidamente para o outro lado do vão, bloqueando-lhe o acesso. Com um grito aterrorizado, ela acelerou para longe dele, subindo a rampa para o quarto piso, sem saber o que fazer quando lá chegasse, mas rezando para conseguir sair do carro e chegar às escadas antes dele.

Os pneus chiaram quando ela fez deslizar o carro para o piso seguinte e travou a fundo quando um grupo de trabalhadores que desciam de uma carrinha se desviaram do seu caminho.

– O que pensa que está a fazer?! – gritaram eles. – Condutora estúpida... nem parece ter idade para conduzir, podia ter morto alguém ao conduzir assim!

Olharam furiosamente para ela através da janela e Aria olhou para eles como se fossem anjos caídos do céu.

– Oh, estou com tanto medo – gritou ela, desatando a chorar. – Está um homem a perseguir-me... Está lá em baixo, no terceiro piso, bloqueou-me a saída para não poder sair...

Os quatro trabalhadores musculados olharam uns para os outros, desconfortáveis e, depois, para ela.

– Andam a perseguir uma miúda? – questionou o alto, com barba. – O patife, mas o que está ele a pensar?

– Eu tenho uma filha da idade dela! – exclamou outro.

– Não tenha medo, menina, onde está ele? Vamos já tirar isso a limpo... Maurizio, ficas aqui com ela, nós os três damos conta do patife. Esperem, rapazes, é melhor levar isto. – Procurando na carrinha, o homem alto com barba entregou-lhes grandes chaves-inglesas de metal.

Aria encostou-se ao carro, a soluçar, enquanto eles desciam a rampa para o terceiro piso, beligerantes.

– Tenha calma, menina – disse-lhe bondosamente o homem que esperava com ela. – Tome, tome um cigarro.

Ela abanou a cabeça, triste, desejando que Orlando estivesse ali. Lembrou-se da maneira como o braço dele a apertara na noite em que caminharam do Corte Sconta para casa, tão seguro, tão... solidário. Orlando protegê-la-ia de tudo. Oh, Orlando, Orlando, gemeu ela, silenciosa, porque tinha de ir embora e deixar-me agora?

Os três homens musculados reapareceram no topo da rampa de saída, abanando as cabeças e fazendo sinais com os polegares para baixo.

– Não está lá ninguém agora, menina – disseram eles. – Deve ter-nos ouvido e decidido ir-se embora. Foi o melhor que ele fez, se não poderíamos ter-lhe limpado o sebo. – Colocando novamente as chaves-inglesas na carrinha, olharam para ela, bondosos. – Para onde vai agora? – perguntaram.

– Para casa – fungou ela, secando os olhos na manga de pelo verde. – Vou apanhar uma lancha-táxi. Mas, obrigada... Muito obrigada. Não sei o que teria feito se vocês não estivessem aqui.

Eles olharam uns para os outros, desconfortáveis, contemplando o que lhe poderia ter acontecido.

– Vá – disseram eles –, nós vamos consigo até à lancha.

Olhando nervosamente por cima do ombro, Aria seguiu-os pelas escadas, esperando ouvir passos atrás deles ou ver o maluco surgir numa esquina. Continuava a cair uma chuva forte de granizo e, aconchegando-se nos casacos, eles avançaram, dois a protegerem-na de cada lado, em direção ao cais dos táxis.

– O meu nome é Aria Rinardi – apresentou-se ela – e gostaria de saber onde moram para vos agradecer como deve ser. – Venderia a sua pulseira de ouro, pensou, e enviar-lhes-ia uma recompensa.

– Não é preciso, *signorina* – disseram eles, embaraçados –, teríamos ajudado qualquer pessoa nesta situação.

– Então, tomem. – Ela deitou o que tinha na carteira para dentro do bolso do homem musculado. – É para beberem um copo. Não é muito, mas nunca serei capaz de vos agradecer propriamente.

– Signorina Rinardi?

Aria deu um salto, os seus olhos abriram, alarmados, depois, reconheceu Giulio, o barqueiro de Carraldo.

– A lancha está aqui à sua espera, *signorina* – disse ele.

Os homens viraram-se para olhar para a lancha, que brilhava como ébano,

e para o emblema de um corvo preto dentro de um círculo dourado.

– Este é o barco de Carraldo – suspirou um deles, surpreendido.

– Carraldo? – Viraram-se para olhar novamente para Aria, com a expressão dos seus olhos a mudar. – Carraldo! – diziam agora, afastando-se.

– Bom... Então, boa noite, *signorina*, boa noite... – Apressaram-se através da Piazzale, a murmurar, e Aria ficou a observá-los, horrorizada. Eles tinham sido tão bondosos, tão simpáticos com ela... Haviam-lhe salvo a vida... Porém, assim que o nome de Carraldo foi mencionado, foram-se embora. E ela sabia porquê; vira a expressão de desprezo e medo nos rostos deles quando partiram.

Virou-se para Giulio, bem vestido com o seu casaco preto cruzado com botões de latão com o símbolo do corvo, e chapéu preto com o topo branco, pacientemente à espera dela para se mover.

– Giulio? – perguntou ela ao entrarem na lancha –, como sabia o Signore Carraldo que eu ia estar aqui?

– O *signore* está com a *baronessa*, *signorina*. Ela telefonou para a *villa* e disseram-lhe que a *signorina* estava a caminho de casa. O *signore* ficou preocupado com o facto de viajar sozinha neste mau tempo. Enviou-me aqui para a esperar.

O coração de Aria despedaçou-se. Já passara quase um mês desde que vira Carraldo e acontecera muita coisa desde então. Desejou nunca mais voltar a ver Carraldo; desejou nunca ter ouvido falar dele. Contudo, se não tivesse, nunca teria conhecido Orlando.

Francesca esperava por ela no cimo das escadas.

– Mas o que lhe aconteceu? – gritou ela, chocada com o rosto cheio de maquilhagem borrada. – Teve algum acidente? A menina está bem?

– Estou bem, mãe – respondeu ela, subindo a escadaria de mármore, exausta. – Apanhei um susto, só isso.

Carraldo encontrava-se junto à lareira com um copo de uísque na mão.

– O que aconteceu, Aria? – perguntou ele, severo.

Ela queria muito falar do que ocorrera, mas não podia, principalmente a Carraldo e à mãe. Entre eles, certificar-se-iam de que ela nunca mais sairia de casa, o que daria à mãe a desculpa perfeita para espiá-la. Ligaria no dia seguinte a Mike e contar-lhe-ia o que acontecera; Mike vira o *Peugeot*

preto, saberia que ela falava a sério. E, quando Orlando voltasse, tomaria conta dela. Garantiria que nunca mais ficaria sozinha e à mercê do maluco que a perseguira.

– Responda-nos, Aria! – exclamou Francesca. – Está com um aspeto horrível. O que aconteceu, por amor de Deus?

– Uns rapazes estúpidos perseguiram-me de carro até ao parque de estacionamento da Piazzale Roma – retorquiu apressadamente. – Assustaram-me. Foi só isso.

– Perseguiram-na? – perguntou Carraldo.

– Foi apenas um grupo de rapazes idiotas. Acho que devem ter estado a beber e pensaram que seria divertido. Achei que iam bater contra mim. Não foi nada, a sério, fui idiota em chorar.

Aria olhou para Carraldo apreensiva, pensando como seria desta vez.

– Tem a certeza de que está bem? – perguntou ele calmamente.

Ela assentiu.

– Estou bem. Vou só lavar o rosto e mudar de roupa.

Já estavam sentados à mesa quando ela desceu e Fiametta servia a sopa de alcachofra.

– A tua preferida – sussurrou ela, consolando-a, com os olhos agudos a olhar para o rosto inchado por causa das lágrimas.

Aria conseguiu ultrapassar o jantar, apesar de lhe doer a cabeça e dos tremores de choque ainda lhe percorrerem a coluna. Eles nunca deveriam saber o quão desesperada ela estivera.

– Bom, acho que o Antony devia contar-lhe a surpresa que tem para si – disse Francesca a sorrir de felicidade.

– Temo-nos visto tão pouco ultimamente – disse Carraldo. – Sei que a culpa é minha, tenho andado muito ocupado. Mas é quase véspera de Natal e até eu tenho de parar de trabalhar. Acontece que, em breve, tenho de ir à Califórnia tratar de uns assuntos e pensei que seria bom se fôssemos juntos e passássemos o Natal em Los Angeles. Irá gostar – prometeu-lhe ele, com um sorriso desmaiado –, um par de semanas de céu azul, sol, piscinas... Rodeo Drive.

– Los Angeles! – exclamou Aria, pensando freneticamente em Orlando. – Mas passamos sempre o Natal aqui, em casa... E as minhas lições de arte?

– Sugiro que se dê umas férias a Orlando no Natal – disse Carraldo calmamente. – Acho que precisamos de tempo para nos conhecermos melhor, Aria, e a sua mãe concorda.

– Eu também vou – declarou Francesca, sorrindo ao pensar nas compras que ia fazer na Rodeo Drive. – Afinal, não posso deixá-la ir desacompanhada, pois não?

Aria sabia que Carraldo tentava ser simpático com ela, proporcionar-lhe um tratamento especial, tudo o que ela quisesse... E subitamente odiou-o de todo o coração. O que ela mais queria era Orlando, e ele estava a tirar-lhe isso.

[10](#) O título da canção «The Best Is Yet to Come», significa em português «O melhor ainda está por vir». (*N. da T.*)

Mike trabalhara toda a noite na Villa d'Oro a compor a história de Poppy, porém, quando terminou, estava mais animado do que exausto. Pelo menos, agora sabia a verdade sobre o bebê de Poppy – era uma filha e não um filho, o que eliminava logo dois competidores – Pierluigi e Orlando. Pensou que, agora, Pierluigi também já não precisaria do dinheiro e Orlando teria apenas de confiar no seu talento para subir na vida. Também teria de escolher entre o mecenato de Carraldo e Aria. Mike não o invejava nessa decisão.

O telefone tocou às oito horas da manhã seguinte.

– É mesmo a rapariga com quem eu quero falar – disse ele a sorrir.

– Eu também quero falar consigo – respondeu Aria. – Oh, Mike é o único a quem posso contar...

A voz dela parecia abafada como se estivesse a chorar, pelo que se apressou a perguntar:

– O que foi?

– O homem no carro preto... seguiu-me de volta para a Piazzale Roma ou, pelo menos, acho que seguiu, era difícil ver com a chuva de granizo e o escuro. Nem sequer o vi antes de estacionar o carro no parque.

Entre soluços, contou-lhe exatamente o que acontecera – mas foi o que *poderia* ter acontecido que pairou na mente de ambos.

– Vou agora para aí ter consigo – disse ela. – Tenho de falar com alguém.

Mike, ajuda-me? Tenho tanto medo.

– Não saia sozinha – disse ele, urgente. – Fique onde está. Eu alugo um carro e estarei aí dentro de poucas horas. Espere aí por mim, Aria.

Ela estava junto ao seu cavalete, a pintar, quando ele finalmente chegou. O papagaio verde da Amazónia olhou para ele do seu impressionante poleiro que se encontrava ao pé dela.

– Estou a pintar o retrato de *Luchay* – disse ela, forçando um sorriso, porém, tinha sombras sob os assustados olhos azuis e uma expressão de tensão no rosto que não estivera lá no dia anterior.

Mike passou a mão pelo cabelo curto. Não tinha a barba feita e a sua gravata estava desapertada por cima da camisa amarrotada que usara no dia anterior, com os botões desabotoados junto ao pescoço.

– Parece o Philip Marlowe – comentou Aria, sorrindo.

– Muito bem, miúda – disse ele numa voz exageradamente arrastada –, dê-me as informações sobre o estratagema do parque de estacionamento antes que o Ministério Público fique a par da história.

Aria riu-se, parecendo, repentinamente a antiga Aria.

– Só o facto de estar aqui já faz com que me sinta melhor – disse.

– E só o facto de eu *a* ver já faz com que *me* sinta melhor – retorquiu ele, pensando que ela estava muito bonita, mesmo com as manchas de tinta verde no nariz, no cabelo e em todo o lado. – Parece uma rapariga que não dormiu bem – comentou, tentando tocar no papagaio. – Caramba! – exclamou, fazendo recuar o dedo quando o animal se chegou à frente e tentou mordê-lo com o bico afiado.

– O *Luchay* faz sempre isso – disse Aria, calma. – Se lhe mostrar a mão com a palma virada para cima, ele pensa que lhe está a dar comida, mas, se lhe mostrar o dedo, ele pensa que vai tocar-lhe, e não gosta que ninguém lhe toque a não ser eu. Ou, às vezes, Fiametta. Uma vez mordeu a mãe com tanta força que ela teve de levar pontos. – Riu-se. – Provavelmente, pensou que lhe estava a tentar roubar as esmeraldas. E provavelmente estava!

– Então e o homem do carro preto? – perguntou ele, sério. – Acha mesmo que anda alguém a tentar raptá-la?

Ela assentiu.

– Por que outra razão me seguiria? Foi mais do que isso, Mike, ele ameaçou-me, *aterrorizou-me*.

Mike sabia que ela não ia gostar, mas tinha de lhe perguntar.

– Não acha que devia contar a Carraldo? – sugeriu. – Penso que ele é o único homem que a pode ajudar numa situação destas.

Ela abanou a cabeça enfaticamente.

– Se ele soubesse, nunca mais me perderia de vista.

– E a Orlando?

– É claro que contarei a Orlando. Mas ele ainda está em Londres. E agora aconteceu uma tragédia, tenho de ir passar o Natal a Los Angeles com o Carraldo e a mãe. O que significa que não o verei até voltar daqui a, mais ou menos, três semanas.

– Sei que não concordará – começou ele, solidário –, mas afastar-se é talvez a melhor coisa que poderia acontecer agora. Quem sabe se, quando regressar, já teremos uma resposta para o *puzzle* de Poppy Mallory. E tudo terá acabado.

– A sério? – O rosto dela iluminou-se. – Está a falar a sério, Mike?

Ele riu-se.

– Claro que sim. Encontrei muitas coisas na Villa d’Oro. Agora sei que o bebé de Poppy era de certeza uma menina que ela entregou à sua bisavó, quando nasceu. Angel teve um bebé quase ao mesmo tempo e criou as duas meninas como gémeas. Maria-Cristina e Helena.

A mão de Aria voou-lhe até à boca e gaguejou de excitação.

– Então, sou eu? Eu sou a herdeira?

– Bem, parece que as coisas seguem nessa direção – sorriu ele.

– Oh, Mike, Mike! – Ela correu para os braços dele, abraçando-o como se ele fosse um enorme ursinho de peluche. – Não acredito! Nem sabe o que isso significa para mim. Serei livre! – Olhou para ele com o rosto a brilhar.

– Oh, mal posso esperar para dizer a Orlando!

– O Orlando está a par de muita coisa? – perguntou ele casualmente. – Oh, de tudo, claro. Conte-lhe a história toda. Sabe, quando eu obtiver o dinheiro quero ajudá-lo na sua carreira. Ele nunca pôde trabalhar no que realmente quer e, agora, por minha causa, vai poder fazê-lo. Não é espetacular?

– Ainda não – respondeu ele. – Ainda nada é certo. Lembra-se?

– Mas quase certo? – implorou ela.

– Quase – admitiu Mike –, mas ainda há muita história para desvendar. Ainda não temos provas de que Maria-Cristina era a filha de Poppy. Até lá, a Aria ainda não é a herdeira. *Okay?*

– *Okay* – concordou ela, ainda a sorrir. – Não direi à minha mãe nem a Carraldo, esperarei até sabermos com toda a certeza. Mas o que vai fazer agora, Mike? Onde vai procurar as provas?

– Na Villa Castelletto – disse ele. – A casa de Poppy.

O escritório de Lieber tentara entrar em contacto com o agente em Vicenza que tinha as chaves da *villa*, mas o homem estava fora, de férias, pelo que Mike deu consigo num beco sem saída até que ele voltasse. Era o dia anterior à véspera de Natal e Aria já partira para Los Angeles. Ele ainda não conseguira contactar Orlando Messenger e pensou se deveria tentar outra vez, contudo, já ligara várias vezes, sem sucesso. O mais provável era ele ainda estar em Londres; ainda assim, valia a pena tentar.

– *Sì, sì, signore*, ele está aqui – disse-lhe o dono da *pensione* –, um momento, *signore*...

– Orlando Messenger – respondeu uma voz profunda e educada.

– Mister Messenger, o meu nome é Mike Preston. Johannes Lieber pediu-me para entrar em contacto consigo para discutirmos a sua reivindicação do património de Poppy Mallory. Será que podemos tomar uma bebida para falarmos melhor?

Orlando pareceu impaciente.

– Vou esta tarde para Gstaad. Queria falar de quê?

– Mister Lieber pediu-me para me encontrar com alguns reivindicantes do património Mallory para estudar melhor as suas histórias – explicou Mike.

– Já contei a Lieber a minha história – repetiu Orlando, abruptamente. – Receio não ter tempo para me encontrar consigo hoje, Mister Preston. Como disse, estou a caminho de Gstaad. Porque não volta a ligar quando eu voltar?

– Com certeza – disse Mike calmamente. – E quando será isso?

– Ainda não sei, porque não me liga dentro de algumas semanas?

Mike pousou o auscultador e, pegando novamente nas notas de Lieber sobre Orlando, leu-as outra vez.

Lembrou-se do que Lieber lhe contara em Genebra.

– Tal como Lauren Hunter, Orlando Messenger não tem provas para comprovar a sua afirmação de que o bebé de Poppy Mallory era rapaz e que ele é o seu descendente – afirmara Lieber –, mas não pude pôr de lado a

reivindicação porque havia uma ponta de verdade nela.

Mike sabia que Orlando dizia que o seu avô fora filho de Poppy Mallory. As suas provas eram ainda mais ténues do que as de Lauren Hunter porque, ao menos, ela tinha o nome de Poppy Mallory escrito na sua bíblia, enquanto Orlando não tinha nada a não ser a história que, segundo ele, o pai lhe contara.

Mike encolheu os ombros. A reivindicação de Orlando não era muito digna de ser analisada agora que sabia que a criança era uma rapariga e, de qualquer forma, as datas não coincidiam. O avô Messenger nascera demasiado tarde. «Nem sequer foi uma boa tentativa, Orlando», pensou Mike, descartando-o. Contudo, depois lembrou-se do que Peter Maze lhe dissera sobre a relação de Orlando com as mulheres; ele usava-as para conseguir o que queria, e, agora, parecia que estava a usar Aria. Ela contara-lhe que provavelmente era a herdeira Mallory e Orlando podia estar a certificar-se de que ficaria com o dinheiro, de uma maneira ou de outra.

Era quase Natal e todos pareciam ir a algum lado, menos ele. Mike debatia-se sobre se devia voltar para os Estados Unidos – ainda tinha tempo, podia lá estar na véspera de Natal. Podia passá-lo com a tia Martha. Ou Lauren Hunter, em Los Angeles... De alguma forma, aquela linda rapariga com um esplêndido sorriso e corajosos olhos azuis recusava-se a sair-lhe dos pensamentos.

No final, passou o Natal no Cipriani, a trabalhar. Passou as notas que tinha à máquina e tentou compreender o que acontecera a Poppy depois de ela ter dado o bebé a Angel. Mal podia esperar para chegar à Villa Castelletto.

Aria ligou-lhe de Los Angeles, logo após o Natal.

– Que bom ter notícias suas – disse ele. – Como está?

– Estou bem – respondeu ela. – Acho eu.

Ela pareceu deprimida e ele tentou deliberadamente animá-la.

– Desfrute de todo o sol que puder – recomendou ele –, aqui está muito frio e a chover.

– Aqui também está a chover – retorquiu ela a rir. – A mãe está furiosa!

– E como está Carraldo?

– Está... a ser simpático – disse ela. – Mike, queria pedir-lhe um favor. Eu estava à espera que o Orlando me ligasse. Ainda não tive notícias e... Bem, estava a pensar se, por acaso, o número que lhe deixei ficou perdido na

pensione. Sempre que telefono dizem que ele não está, que não há mensagens nem nada. Não o vejo nem tenho notícias dele desde antes do Natal e receio que esteja zangado por eu estar aqui com Carraldo. Podia telefonar-lhe, Mike? E descobrir onde ele está? Tenho de falar com ele.

Ela parecia à beira das lágrimas pelo que ele se apressou a dizer:

– Vou ver o que posso fazer – sentindo-se um canalha, pois sabia perfeitamente que Orlando estava em Gstaad. Porém, ela já tinha muito com que se preocupar, ali sozinha com a mãe e Carraldo. Haveria tempo de sobra para esclarecer tudo com Orlando assim que regressasse.

– Obrigada – agradeceu ela –, tudo o que quero é falar com ele. Mais uma coisa, Mike, quando vai para a Villa Castelletto?

– Assim que tiver as chaves. O tipo está fora neste momento. Tenho de esperar que volte.

– Se partir antes de eu regressar, faz-me outro favor? Sei que parece estranho, mas a *villa* também foi o lar de *Luchay*, sabe. Ele viveu lá muitos anos com a Poppy. Gostava muito de o levar lá, não porque ele poderá falar nem nada que se pareça; mas por ele já estar velhinho, Mike, e sei que Poppy deve ter gostado muito dele. Pensei que seria bom para ele voltar lá, uma última vez, só para ver a *villa*. Pode levá-lo consigo?

– Se insiste. – Ele suspirou relutante, imaginando a viagem com o papagaio no banco de trás do carro.

– *Por favor?* – pediu ela outra vez.

– *Okay, okay* – riu-se ele –, claro que sim. Tenho de admitir que também estou curioso para ver a reação dele. Enfim, quando volta para casa?

– Ainda não sei – disse ela, triste. – Em breve, espero.

– Los Angeles não pode ser assim tão má! – respondeu ele com um sorriso. – Então e passos misteriosos e carros pretos?

– Nada, graças a Deus! – exclamou ela tranquila.

– Fique bem então – despediu-se ele.

– O Mike também. Se não tiver notícias suas, nem de Orlando, pelo menos sei que tentou. Vemo-nos quando eu voltar.

«Orlando, seu patife», pensou ele, «pousando o auscultador, estás mesmo a fazer jus à tua reputação.»

*L*uchay encolheu-se na sua grande gaiola, abanando as penas contra o frio à medida que Mike andava de um lado para o outro na estrada de gravilha, ao fundo dos degraus que davam para a Villa Castelletto, à espera que o agente chegasse com as chaves. Havia um aroma de madeira queimada no ar e uma brisa no vento oriental que antecipava neve, e os jardins confusos pareciam sombrios e sem vida, escondendo os sucos doces da primavera na sua hibernação de inverno.

– Vá lá, bolas – gemeu ele quando a carrinha *Peugeot* azul avançou lentamente pela estrada sulcada e estacionou perto do seu *Fiat*. Um homem de rosto vermelho e com uma gabardina pesada saiu, trancando a porta atrás dele, apesar de só Deus saber quem o assaltaria, pensou Mike, irritado; a *villa* encontrava-se completamente isolada no topo da sua colina. Era uma viagem de quase cinco quilómetros até à aldeia onde ele parara para comprar algumas provisões como café, leite, pão estaladiço saído diretamente do forno do padeiro, uma grande porção de queijo parmesão, fatias de fiambre e algumas garrafas de vinho tinto. Era o suficiente para um pequeno cerco caso a neve caísse e o enterrasse na Villa Castelletto.

– Mister Preston? – perguntou o homem de rosto vermelho. De quem mais poderia ele estar à espera, pensou Mike, amargo, gelado depois de passar meia hora ao frio. – Desculpe o atraso – disse o homem, avançando para o caminho –, mas fiquei retido no escritório. O meu nome é Fabiani.

Trouxe a chave.

Ele debateu-se com a enorme fechadura até ela finalmente ceder e, pegando na gaiola de *Luchay*, Mike entrou. Para sua surpresa, a *villa* estava agradavelmente quente.

– Mister Lieber deu-me instruções para manter a casa a uma temperatura estável – recomendou-lhe Fabiani –, ainda há aqui algumas antiguidades valiosas que pertencem ao património Mallory. Mister Lieber também nos pediu para fazermos algumas reparações mais necessárias na casa. O telhado não escoava em alguns sítios e de certeza que vai reparar nas manchas nos tetos, mas já foi arranjado. O aquecimento também foi arranjado e, claro, agora há um zelador que vem da aldeia todas as manhãs para aquecer a caldeira e ver se está tudo em ordem, e a mulher dele faz a limpeza algumas vezes por semana.

Mike seguiu o agente com a enorme gaiola na mão, à medida que ele lhe mostrava os quartos poeirentos de baixo e a vasta cozinha com o seu antigo fogão de ferro.

– O zelador jura que isto trabalha – disse ele a Mike enquanto o olhava, duvidoso –, mas eu não posso garanti-lo. Agora vou mostrar-lhe o piso de cima. A mulher da limpeza preparou-lhe uma cama e acho que deve ficar confortável por alguns dias. – Abrindo um par de portas altas, recuou para deixar Mike entrar. – Creio que este era o quarto da própria Madame Mallory – informou ele.

Mike pousou a gaiola do papagaio numa mesa junto à janela, olhando primeiro para a vista do jardim desde as janelas altas, e depois para a lareira que ardia alegremente com uma confortável cadeira de costas altas e um banquinho para os pés trabalhado, ao lado. Olhou para a enorme cama solitária por baixo do dossel de seda azul-acinzentado, e para o papagaio, a imaginar as noites frias e silenciosas quando só os dois estavam ali... Poppy e *Luchay*... O papagaio devia conhecer todas as peças de mobiliário daquele quarto, todos os cantos e armários, soubera como era quando o sol quente penetrava nas janelas e quando o luar gélido de janeiro o fazia; conhecera os aromas, o perfume dela e o poder avassalador da lavanda das flores completamente abertas nos canteiros de verão. Observou o papagaio a esticar com vontade o pescoço para a frente, a olhar para o quarto como se soubesse que se encontrava novamente em casa e que Poppy devia estar com certeza ali...

Mike acompanhou o agente à porta.

– Muito obrigado pela sua ajuda, Signore Fabiani – agradeceu ele –, tenho a certeza de que ficarei confortável por alguns dias. Deixarei a chave com o zelador antes de me ir embora. – Depois, subiu as escadas no grandioso silêncio da casa, em direção ao quarto de Poppy.

A cabeça de *Luchay* estava inclinada para um lado, como se esperasse ouvir os passos leves e ansiosos que conhecera.

– Bem, *Luchay*, o que achas? – perguntou Mike, mantendo-se diante da lareira para aquecer as mãos geladas. – *Agora* estamos a aproximar-nos, *agora* vamos encontrar a Poppy, sinto-o nos meus ossos. – Olhou esperançoso para o papagaio como se esperasse que ele dissesse alguma coisa, mas *Luchay* limitou-se a virar a cabeça para o lado e a olhar para ele com um ilegível olho de topázio.

– *Okay*, que assim seja – disse Mike com um suspiro.

Guardou as provisões na cozinha, alimentou o papagaio com as suas sementes e, depois, com uma segunda caneca de café quente na mão, vagueou lentamente pela casa. Estava confuso com os pesados cortinados de veludo vermelho, com pormenores em dourado, com as peças de mobília extremamente decoradas, os desconfortáveis sofás de veludo vermelho e as cadeiras escuras e de aparência gótica da sala de jantar. De certa forma, nada daquilo condizia com a imagem que ele tinha de Poppy; esperara um toque mais leve na casa, imaginando-a decorada com graciosos móveis venezianos da região, cores pálidas e sedas suaves italianas. Poppy vivera na *villa* durante mais de vinte anos e, no entanto, parecia que a casa fora fechada na época gótica vitoriana, intocada pelo seu próprio estilo pessoal. Só no quarto, com o seu papel de parede desbotado, espelhos dourados, pálidos tapetes persas e cortinados de seda azul-acinzentada, ele sentia a verdadeira Poppy.

Abriu as portas de um enorme roupeiro francês talhado com flores e corações. Tinha três metros e meio de largura e dois de altura e estava cheio de roupas que datavam do virar do século. O leve aroma a gardénias flutuou do roupeiro quando Mike passou os olhos pela fila de vestidos de noite e de dia, fatos elegantes e casacos. Retirou um vestido de baile de cetim cinzento com uma cauda cor-de-rosa a sair-lhe da cintura de vespa, olhando para ele e pensando em que ocasião Poppy o teria usado.

Afastando o vestido comprido, procurou nos cantos do roupeiro jornais

escondidos, esperançoso num bom achado tal como acontecera no rancho, contudo, havia apenas um esquecido par de pantufas azul de cetim poeirento. Com um suspiro, deixou as roupas no sítio, apanhando um casaco de *tweed* que caíra do seu cabide. Era um casaco de homem, muito gasto, com o nome de um alfaiate de Roma e ele sentiu um inchaço num dos bolsos. Os seus dedos tocaram nas contas frias e suaves de um colar. Retirou-o cuidadosamente, exclamando ao ver as cinco filas perfeitas de enormes pérolas beges com um magnífico fecho de diamantes. E havia mais... um par de grandes brincos de rubis e diamantes que brilhavam à luz do fogo como uma dúzia de pequenos arco-íris. Mike assobiou.

– É um *jackpot*, *Luchay*! – exclamou ele. – Devem valer uma fortuna! Agora começo a acreditar que Poppy era realmente rica.

Retirando as peças de roupa uma a uma, Mike procurou sistematicamente nos bolsos, mas não encontrou mais joias. Em vez disso, descobriu dezenas de pequenos papéis dobrados, escritos na caligrafia fina e labiríntica de uma velha mulher. Pousando-os cuidadosamente na secretária, analisou-os.

Alguns não faziam qualquer sentido, notas escritas por uma mulher doida, como recados que escrevia a ela própria. Porém, outros eram dolorosamente claros.

«À medida que envelheço», escrevera Poppy, «compreendo melhor que não é *quem* nascemos que importa, mas naquilo em que nos tornamos. As *circunstâncias* são o que nos forma, as circunstâncias e a sobrevivência. Pois quando não há mais nada que nos prenda à vida, lutamos para sobreviver. O coração humano é tão estranho!»

E havia outra:

«Estou contente, aqui, com a minha solidão e os meus pensamentos desordenados, deixando a mente vaguear ao longo do caminho que escolhe, pegando num pensamento ali, noutra recordação acolá, como um molho de flores selvagens misturadas.»

Eram as notas tristes e penosas de uma velha mulher solitária, pensou Mike, tristemente, procurando mais nos pequenos compartimentos da secretária *Louis Quinze*. Encontrou centenas delas, escritas nas costas de envelopes ou em pedaços de papel e até no resguardo de um livro muito dobrado de poemas de Keats. Intrigado, abriu as bonitas portas de vidro da biblioteca e procurou nos livros, encontrando mais rabiscos... Era óbvio que Poppy escrevia os seus pensamentos à medida que estes lhe surgiam, numa

folha de papel qualquer que tivesse à mão, na altura.

Colocando os seus achados na secretária, foi à cozinha buscar uma garrafa de vinho, depois atirou outro tronco para a lareira e começou a ler as notas, tentando perceber os pensamentos de Poppy por alguma ordem.

Estava escuro lá fora e a neve caía suave e continuamente. Os únicos sons no quarto eram o tiquetaquear do pequeno relógio de querubim prateado de Poppy e o cair de um tronco na lareira à medida que ele trabalhava durante a noite, sob um círculo de luz projetada por um candeeiro rosa pálido.

Leu durante muito tempo, olhando ocasionalmente para o papagaio; *Luchay* estava no seu poleiro dourado, com a cabeça metida na asa, a dormir, pensou Mike. Parecia contente, como se fosse capaz de sentir a presença de Poppy ainda que não pudesse vê-la... Talvez estivesse a sonhar com o regresso dos dois àquele exílio solitário, ela a fazer-lhe festinhas com os dedos suaves, sussurrando-lhe segredos com a sua voz quente e melodiosa. Tal como sempre fizera desde o início, naquele quarto frio de Marselha com a rapariga no sótão a tossir para a morte e a peixeira viúva no piso térreo a desviar os filhos do caminho enquanto passavam, com medo de que pudessem ser contaminados...

1899, FRANÇA

Poppy passou o mais que podia sentada sobre a pequena chávena de café no café-bar dos pescadores em Marselha, a pensar nos cinco francos e sete cêntimos que tinha na carteira. A sua mala de viagem de pele cara que continha todos os seus bens terrenos estava intoleravelmente pesada e ela receava o momento em que seria forçada a pegar nela e a arrastá-la.

Era outubro e o céu solarengo e ardente do verão que a incomodara enquanto vagueara através de Itália até ao Sul de França mudara agora para cinzento. Um vento forte e mistral soprou no toldo do café até este se partir como as velas de um navio, e ela tremeu, espreitando pela porta aberta para o interior acolhedor onde os pescadores, envergando pesadas camisolas azul-escuras e botas altas de borracha, se encostavam ao balcão de zinco a beber vinho tinto. Afundavam pedaços de pão fresco e estalhadiço num belo guisado cujo aroma a torturava há uma hora. Dividida entre a tentação e a fome, Poppy lembrou-se exatamente do pouco que tinha na carteira. Havia cerca de uma semana que sobrevivia a pão de forma que comprava, barato, todas as noites quando a padaria estava prestes a fechar, e a um ocasional e forte café com leite que bebia para se aquecer.

O dono do café apressou-se a ir ter com ela, retirando-lhe a chávena vazia e olhando-a, inquisitivo.

– *Eh, bien, mademoiselle. Vous désirez quelque chose?*

– *Non, non, merci, m'sieur* – murmurou ela, deslizando relutantemente da

pequena cadeira de verga e pegando na mala.

– *Au revoir, mademoiselle* – disse ele, confuso.

– *M’sieur?* – perguntou ela, virando-se, esperançosa. – Será que... Bem, *monsieur*, preciso de trabalho. Pensei que talvez precisassem de alguém para ajudar no café. Para servir ou limpar... Para fazer qualquer coisa.

Ela era tão nova e a sua expressão era tão penosamente ansiosa que ele hesitou.

– Bem... – começou ele.

– Henri? O que se passa? – A mulher dele olhou-o da porta do café. – O que quer ela?

– Só um trabalho. Pensei que pudesse ajudar com os pratos...

– Com os pratos? *Ela?* – Os olhos escuros da mulher analisaram Poppy com astúcia. – Aposto que nunca lavou um prato na vida! Enfim, para que quer ela um trabalho? As roupas que veste devem ter valido uma fortuna.

O dono do café encolheu os ombros, desculpando-se, e evitou o olhar de Poppy.

– Lamento, *mademoiselle* – murmurou ele, limpando rapidamente a mesa com tampo de zinco.

Era sempre assim, pensou Poppy, arrastando-se tristemente pela rua estreita. Não importava o quão pobre e gasta parecia, havia algo nela que fazia com que as pessoas a achassem diferente. Ninguém queria empregá-la; nem as mulheres dos hotéis elegantes nos *resorts* em voga ao longo do lago Como onde pedira um emprego como acompanhante de senhora, nem no lago Lemano, em Lausanne, onde colocara um anúncio discreto no jornal local. Dera a morada da modesta *pensione* onde, por uma soma que, há um ano atrás, teria pensado desperdiçar alegremente numa caríssima caixa de chocolates parisienses, alugara um quarto com três refeições por dia.

Para sua surpresa, uma semana mais tarde, recebera uma carta no tabuleiro do pequeno-almoço. Abrira-a rapidamente e analisou-a, nervosa... Uma tal Mrs. Montgomery-Clyde gostaria de a ver naquela tarde, às três horas, com referências, para a posição de acompanhante de senhora.

Deu algumas moedas à pobre criada da *pensione* e pediu-lhe para lhe passar a ferro o lindo casaco creme e a saia justa. Depois, puxando com força o cabelo ruivo para trás, prendeu-o com inúmeros ganchos para que não se despenteasse. Engraxou as surradas botas castanhas até brilharem e alisou o maltratado chapéu de palha com o vapor de uma chaleira na

cozinha, dando-lhe ansiosamente a sua forma original.

Investira francos preciosos num novo par de luvas creme e, puxando-as com cuidado, examinou criticamente o efeito final ao espelho, dando voltas para olhar por cima do ombro de forma a ver a parte de trás. O casaco que dantes lhe assentara perfeitamente estava agora largo, pelo que o fechou, ansiosa. Mais tarde, enquanto esperava, nervosa, no *foyer* do Hotel Beau-Rivage, que Mrs. Montgomery-Clyde a mandasse chamar, pensou que parecia encaixar bem no papel da «recatada» acompanhante de senhora.

Passaram quinze minutos, depois meia hora e uma hora. Abandonado o assento junto à palmeira dentro de um vaso ao lado da porta, Poppy aproximou-se nervosamente da receção.

– Será que Mistress Montgomery-Clyde se esqueceu? – perguntou, hesitante. – Devia ter ido falar com ela às três horas.

– Creio que ela ainda deve estar a fazer a sesta – respondeu o rececionista, indiferente. – Normalmente fá-la depois de almoço. Não há dúvidas de que chamará por si quando acordar.

Poppy começara a dormir na cadeira de veludo azul, depois, lembrando-se de que devia sentar-se bem e parecer desperta para o caso de Mrs. Montgomery-Clyde a ver, sentou-se muito direita. Eram cinco da tarde e ela quase perdera a esperança quando Mrs. Montgomery-Clyde finalmente a chamou.

– Entre, menina, entre. Mandeí chamá-la há cinco minutos, onde raio se meteu? – A enorme mulher gorda com um vestido de seda lilás e muitos diamantes olhava para ela com olhos azul desmaiado e inchados.

– Vim assim que pude, Mistress Montgomery-Clyde – respondera Poppy, corando de raiva. Reparou nos restos de chá caro em cima da mesa junto à janela e numa caixa de chocolates meio vazia junto ao sofá.

– O mínimo que pode fazer é pedir desculpa – fungou Mrs. Montgomery-Clyde, levando outro chocolate à sua pequena boca tensa. – E que tipo de *experiência* é que a menina tem para este trabalho, posso perguntar?

– Na verdade, nenhuma, Mistress Montgomery-Clyde – respondeu Poppy, lamentando-se. – Quero dizer... Eu era uma espécie de acompanhante da minha tia Melody, na Califórnia...

– *Califórnia!* – bufou a mulher. – Que barbaridade! E onde está a sua tia agora? Porque está a menina aqui? Sozinha e à procura de emprego?

Poppy ergueu o queixo na sua habitual atitude desafiadora.

– Infelizes circunstâncias familiares obrigaram-me a procurar trabalho desde... desde que a minha tia...

– Compreendo – dissera Mrs. Montgomery-Clyde precipitadamente, sem querer ouvir os pormenores aborrecidos do funeral da tia. – Bom, aproxime-se da janela. Fique aqui, à luz, onde eu posso vê-la como deve ser. – Colocando um enorme monóculo dourado no olho esquerdo, escrutinou Poppy sem piedade. – Procura trabalho como acompanhante de senhora – acabou por dizer ela, fria – num fato parisiense que custou mais do que o que ganharia num ano? Um fato *Worth*, se não estou em erro. Bom, como o conseguiu, menina? Aposto que não foi honestamente!

– Não foi honestamente? – engasgou-se Poppy, ardendo de humilhação. – Não foi *honestamente*? Ora, sua mulher miserável, gorda e gananciosa! Como se atreve a sugerir que não sou honesta?! – Os seus olhos azuis viajaram, zangados, pelo rosto chocado da mulher gorda. – A minha mãe e o meu pai compraram-me este fato e aposto que têm dez vezes mais dinheiro do que a senhora! É nojenta – acrescentou com desdém –, tudo o que a senhora tem, Mistress Montgomery-Clyde, é dinheiro. E isso não compra tudo.

– Ora – gaguejou a mulher, vermelha de raiva –, se o meu falecido marido, Mister Montgomery-Clyde, a ouvisse a falar assim comigo, punha-a na rua sem dó nem piedade...

– É uma pena ele não a ter atirado a *si* para a rua sem dó nem piedade – gemeu Poppy, batendo furiosamente com o pé no chão –, talvez tivesse vivido mais tempo. – E, dando meia-volta, dirigiu-se para a porta.

– Nunca arranjará emprego aqui – gritara-lhe Mrs. Montgomery-Clyde. – Nunca! Certificar-me-ei de que o seu nome fica manchado nesta cidade...

Nessa noite, Poppy fez mais uma vez as malas, exausta. O júbilo por ter vencido a batalha verbal esgotara-a e foi deixada em paz para enfrentar de novo a verdade. Se queria arranjar emprego junto das Mrs. Montgomery-Clyde deste mundo tinha de ter tento na língua e sujeitar-se à mesquinhez delas.

No comboio quente e cheio de gente que a levaria para Florença, disse a *si* própria que da próxima vez se vestiria mais discretamente – e teria tento na língua.

Mas em Florença, a inglesa Lady Anthea Glennis não gostara do sotaque dela e a americana Mrs. Cornélia Fish preferira uma mulher inglesa, em

Roma, a Contessa Milari não gostara do seu cabelo ruivo...

– Demasiada atitude – dissera ela depois de a olhar uma única vez.

Parecia a Poppy que os comboios estavam cada vez mais quentes e sem ar sempre que se sentava, encolhida, a um canto dos bancos de madeira mais baratos das carruagens quentes e apinhadas a cheirar a alho, a suor e a vegetais podres, a caminho de Monte Carlo. Perguntou-se o que seria que lhes dava a ideia de que não servia para ser acompanhante de senhora. Tentara arduamente manter uma boa aparência, apesar das suas circunstâncias. Pensara se não teria mais sorte se concorresse a criada de senhora.

Levou a mão ao pescoço, sentindo o calor sólido das pérolas de Angel junto à garganta sob a blusa de gola alta. *Pérolas de prostituta*, dissera Angel... *Valem uma fortuna*... Mas Poppy sabia que lhe era impossível vender uma herança tão valiosa; qualquer joalheiro suspeitaria logo que ela as tinha roubado; mandaria chamar a polícia e eles devolvê-las-iam ao seu comprador, Felipe. E quem sabia o que ele poderia fazer? Talvez a acusasse de roubo e ela acabaria na prisão. Sabia que não haveria limites para a vingança de Felipe, não em relação a ela, nem a Angel por lhas ter dado. Se não conseguisse sobreviver sem vender as pérolas, disse a si própria, determinada, então não valeria nada.

Em Menton, a Contesse de Brillard olhara para ela com suspeição, porém, quando Poppy lhe falara em francês, ela cedera.

– *Eh, bien*, Mallory – dissera, autoritária –, é demasiado nova, mas eu estou desesperada. Pode começar já, uma semana à experiência.

Durante uma semana, Poppy tropeçou em centenas de tarefas diferentes: lavar a roupa interior de seda da *contesse*, passar os seus vestidos caros de tafetá e renda a ferro, pentear-lhe o cabelo com dificuldade e ouvir um sermão por tê-la magoado com o gancho do chapéu. Adormeceu quando deveria ter estado acordada e em alerta, pronta para ajudar a patroa a despir-se quando esta regressasse das festas, às primeiras horas da manhã. E, depois, num dia terrível, esqueceu-se de cuspir no ferro antes de o pousar na roupa e fez um enorme buraco numa frágil camisa de noite. Foi despedida de imediato.

Com pouco dinheiro no bolso para comer, Poppy deambulou pela costa do Sul de França, implorando boleias a agricultores e comerciantes que se dirigiam para o mercado, procurando acolhimento nas piores zonas das

cidadezinhas, perguntando sempre nas lojas e nos cafés se conheciam alguém que precisasse de uma criada, uma empregada, uma lavadora de pratos... qualquer coisa. Mas eles limitavam-se a encolher os ombros, olhando com desconfiança para as suas roupas demasiado elegantes, apesar de estarem sujas. Ela não pertencia àquele mundo.

Quando chegou a Monte Carlo, tinha um aspeto gasto e exausto. O seu cabelo ruivo perdera o brilho, as solas das suas botas estavam terrivelmente finas e as suas roupas chiques rasgadas e surradas. Os *concierges* dos hotéis mais elegantes onde ia, esperançosa, franziam o sobrolho e indicavam-lhe a saída e as joalharias e lojas de roupa caras enxotavam-na logo.

Deixando as luzes cintilantes e o brilho de Monte Carlo para trás, percorreu lentamente o seu caminho para leste até que deu finalmente consigo, ainda sem trabalho e apenas com cinco francos, em Marselha.

Pousando a mala pesada, Poppy inclinou-se com desdém contra a parede de pedra húmida de uma rua suja e afunilada, à beira-mar. Ao fundo, através de um labirinto de chaminés e mastros, viu o mar prateado sob a luz cinzenta de outubro e o lampejo de gaivotas brancas a flutuar ao longo de um fragmento de céu sem cor. À medida que o vento varria os ganchos do seu cabelo sem vida, pondo-o à frente dos olhos, Poppy soube que para ela era o fim do caminho. Não havia empregos, ninguém se importava, não havia esperança. A solidão envolveu-a como uma mortalha.

Risos estridentes soaram do bar do outro lado da rua e, quando a cortina de contas voou com o vento, ela viu uma multidão de marinheiros lá dentro. Acabados de sair dos barcos a vapor que os tinham levado a todas as partes do mundo, faziam tudo para ficarem bêbados o mais depressa possível. Um fogueiro musculado e de cabelo preto, com as mãos e a cara sujas de carvão por ter de alimentar as fornalhas das caldeiras do navio, encontrava-se sentado no bar. No balcão em frente a ele estava uma pequena e colorida bola de penas. Ouviu-se outra onda de gargalhadas e Poppy espreitou com curiosidade lá para dentro, perguntando-se o que achavam eles tão engraçado.

— Vá lá, seu canalha, fala! — gritou o fogueiro, batendo com o punho no balcão de zinco com tanta força que a pequeníssima bola de penas piou e abriu as asas numa tentativa de se pôr em fuga.

— Ora, é um papagaio! — gemeu Poppy, chocada, corando quando se fez silêncio e os marinheiros bêbados se viraram para ela.

– É um papagaio da *Amazónia* – disse o fogueiro, olhando-a com desejo.
– Porque não entra e vê melhor? Eu próprio o comprei, depois de ter percorrido oitocentos quilómetros no rio Amazonas. Acabado de sair da selva e do ninho da mãe dele... Custou-me a merda de uma fortuna.

Ele voltou a bater com o enorme punho tão perto do pássaro que Poppy teve a certeza de que o esmagaria.

– Não – disse ela, instintivamente –, não, por favor... Não faça isso. Não o magoe!

– Porque não? – perguntou ele. – Há três meses que tento fazer com que este canalha fale e ele ainda não disse uma palavra. Filho da mãe inútil... – Erguendo a mão, fez com que o pássaro caísse no chão com um golpe violento. – Que desperdício de dinheiro – grunhiu ele quando os outros se riram, bêbados. – Devia apertar-lhe a merda do pescoço e ver-me livre dele!

Pousando a mala na rua, Poppy correu para dentro.

– Por favor, não o magoe – gemeu ela –, é tão pequenino... Tenho a certeza de que aprenderá a falar em breve. Afinal, ainda é um papagaio bebé...

Apanhando o papagaio assustado do chão, o fogueiro agarrou-lhe o corpo com um punho enorme e a cabecinha com o outro.

– Quer ver o pobre papagaiozinho morrer, menina? – grunhiu ele. – Quer ver-me a matá-lo? – A sua enorme mão apertou o pássaro quando Poppy gritou, atirando-se a ele.

– Não! Não! – gritou ela, batendo-lhe nos punhos de ferro, histérica. – Não faça isso, *não pode* matá-lo! Dê-mo a mim!

Elevando o monte de penas, ele sorriu-lhe quando os homens no bar se aproximaram.

– E o que me dá em troca? – exigiu ele quando os outros começaram a rir outra vez.

– Eu... Eu não tenho muito dinheiro... – gaguejou Poppy, tirando a carteira do bolso.

– Não era nisso que eu estava a pensar, menina – disse ele –, mas vamos ver o que tem.

Pousando o papagaio quase morto no balcão, despejou o conteúdo da carteira no zinco.

– Tem razão, não é muita coisa – disse ele, empurrando as moedas em

volta com desdém e com o dedo sujo. – Terá de me oferecer muito mais do que isto, rapariga. Fazemos o seguinte. – Colocou um braço pesado nos ombros dela. – Porque não toma uma bebida comigo e falamos do assunto?

Poppy olhou desesperadamente para o monte de penas coloridas. De súbito, o olho do pássaro abriu e olhou diretamente para ela. Houve algo de familiar naquele olhar sem esperança, pelo que ela soube que o papagaio estava sozinho e assustado como ela. Não podia condená-lo à morte nas mãos de um ignorante sem piedade. Quando o fogueiro virou a cabeça para pedir mais brande, ela esquivou-se para a frente, pegou no papagaio e correu para a porta. O som de gargalhadas estridentes seguiu-a ao longo da rua, pelo que ela olhou em volta em busca da sua mala... Deixara-a ali, à porta. Mas agora já lá não estava!

Surgiu um grito furioso do bar e, metendo o pequeno papagaio dentro do casaco, Poppy fugiu, dando voltas e virando nos becos labirínticos à beira-mar até o seu coração bater com tanta força no pequeno peito que ela foi forçada a parar. Deslizando para a sombra de uma porta escura e malcheirosa, encostou-se instavelmente contra a parede. Os seus olhos fecharam e precisou de ar. O pequeno monte de penas dentro do casaco mexeu-se, pelo que ela o acariciou levemente com a mão, agradecida por, pelo menos, ele ainda estar vivo. Ela não sabia o que faria com ele ou consigo própria. Acabara de perder o que restava do seu dinheiro e todas as suas roupas e posses; não lhe restava nada – exceto o colar de pérolas à volta do pescoço. Mas iriam para o fundo do mar com ela.

– Ei – disse uma voz feminina, zangada –, o que pensas que estás a fazer, este é o *meu* território!

Os olhos de Poppy abriram de imediato e olharam para uma rapariga loira que se encontrava à sua frente com as mãos nas ancas e um brilho agressivo nos olhos.

– Território? – repetiu ela. – Não compreendo...

– Oh, vá lá – escarneceu a rapariga –, não me venhas com essa! É claro que sabes. – Olhou para Poppy de alto a baixo, pensativa. – Bom, talvez não saibas. Mas, de qualquer forma, que raio andas a fazer por aqui? Com um fato de ricalhaço e tudo... – Tocou na lapela de Poppy para vê-la melhor. – É material do bom – disse ela –, mesmo alta sociedade, do tipo que se vê nas lojas da rue de la Paix, em Paris. – Olhou, chocada, para o peito de Poppy quando o papagaio se mexeu sob o casaco. – Que raio tens aí? –

perguntou, afastando-se, nervosa.

– Um jovem papagaio – explicou Poppy, desabotoando o casaco para lhe mostrar. – Roubei-o a um marinheiro num bar...

– Roubaste-o, foi? – A rapariga atirou a cabeça para trás, rindo-se alto. – Bem, que bom para ti. Aqueles marinheiros sovinas também nunca dão nada a ninguém. Enganam sempre uma rapariga antes de lhe pagar, já é altura de receberem um pouco do seu próprio remédio.

– Não o roubei *verdadeiramente* – respondeu Poppy apressadamente –, ele ficou com todo o meu dinheiro.

– Com quanto? – perguntou a rapariga, desconfiada.

– Cinco francos – admitiu ela.

– *Cinco francos?* Que canalha sovina, a roubar-te assim. Deus, odeio homens!

Olharam uma para a outra com curiosidade. Poppy nunca tinha visto ninguém como ela. Tinha uma altura mediana, seios grandes, cara redonda, nariz pequeno e empinado e uma boca generosa. O seu cabelo loiro sujo caía em caracóis emaranhados que ela tentara apanhar num carrapito e o rosto e a boca estavam pintados de um vermelho que não lhe ficava bem. Olhando mais de perto, Poppy conseguia ver que os olhos dela estavam delineados com um risco preto esborratado e que as suas pestanas tinham sido unidas com tinta preta.

– És uma atriz? – acabou por perguntar ela.

– Uma atriz? – repetiu a rapariga, rindo-se baixinho. – Sim, acho que sou uma «atriz», mas não do género a que te referes.

– Estava só a pensar – disse ela, educadamente –, por causa do *rouge* e assim.

– Sim, faz parte da profissão, miúda. – Olhou mais de perto para Poppy. – Também és só uma miúda – disse ela, pensativa. – Mas o que raio traz para aqui uma rapariga como tu? Uma estrangeira... a esta parte de Marselha?

– É uma longa história – disse Poppy, exausta. – Perdi o dinheiro que me restava e agora a minha mala foi roubada. Não tenho nada, e não tenho sítio para onde ir... Sou só eu e o papagaio. – Estava bastante calma à medida que apertava o pequeno molho de penas, pensando na imensidade do mar que teriam os dois de enfrentar essa noite, pois o pobre passarinho teria de morrer com ela. Ainda assim, qualquer coisa era melhor do que deixá-lo ali a morrer cruelmente nas mãos de um fogueiro bêbado.

A ansiedade brilhou nos olhos esverdeados da rapariga. Olhou depressa para a rua vazia, mas o negócio era sempre fraco àquela hora da tarde.

– É melhor vires para casa comigo – disse ela, colocando o braço à volta de Poppy, chocada com as suas omoplatas saídas. – Vou fazer-te uma chávena de café e poderás contar-me tudo.

Poppy seguiu-a pelas escadas de madeira sujas até um quarto do segundo andar. Olhou em volta, curiosa. Uma cama de ferro curvada ocupava a maior parte do espaço, contudo, a rapariga também fora capaz de lá meter uma mesa, uma cómoda, uma zona para lavar as mãos com um enorme lavatório de loiça branco e azul com jarro a condizer, e um par de cadeiras rotas de veludo cor de vinho, com a crina de cavalo a espreitar nos assentos. Todas as superfícies disponíveis estavam cheias de tralha, o que espantou os olhos de Poppy; frágeis cachecóis de seda de feiras baratos, algumas joias brilhantes e frascos de *rouge*, quinquilharias de parques de diversões e lembranças do cais, postais ilustrados com estrelas de musicais e atrizes, peças de pele surradas, uma echarpe com penas vermelhas e um par de chapéus de palha muito usados num cabide instável. E pilhas e pilhas de livros por todo o lado.

– Oh, eu sou letrada, sabes – comentou a rapariga, seguindo o olhar dela. – Sei ler e escrever. Tive a minha educação, o meu pai certificou-se disso. Foi tudo o que fez, o sacana! – Enchendo uma panela amolgada de água, subiu a uma cadeira insegura e, rodando o único bico de gás que servia para iluminar o quarto, obteve uma chama e segurou a panela por cima dela. Sorriu a Poppy. – É proibido, mas todas o fazem. Dizem que um dia ainda nos mandamos pelos ares, mas que se lixe... – Encolheu os ombros filosoficamente. – Vale a pena por uma chávena de café quente.

Os joelhos de Poppy ameaçaram ceder de repente e, com um pequeno gemido, ela afundou-se numa cadeira.

– O que foi? – perguntou seriamente a rapariga. – Não estás grávida, pois não? É que se estás conheço a pessoa certa... Mas é caro. Essas coisas não se fazem barato.

Poppy abanou a cabeça e a rapariga examinou-a outra vez.

– Fome – disse ela, decidida. – Já vi esses sinais. – Tirando uma vasilha de barro de um armário com cortina, retirou uma baguete e um pedaço de queijo e, cortando um pouco de cada um, deu-o a Poppy. – Come isto – disse ela, severa – e mais uma bebida quente, depois, veremos o que vamos

fazer.

Poppy olhou para o pobre quarto da rapariga, segura de que ela também mal tinha para comer.

– Não, obrigada – agradeceu ela, educadamente –, não seria adequado comer o pouco que tens.

– Não seria adequado? – A rapariga riu-se profundamente com outra grande gargalhada. – Que bonito paleio, *miss!* Onde aprendeste a falar francês assim?

– Com a minha ama, em São Francisco, aos cinco anos – respondeu ela, olhando para o queijo, esfomeada.

A rapariga aproximou-lho.

– Vá – disse ela, encorajando-a –, come. Podemos falar e comer ao mesmo tempo. E aviso-te de que quero saber tudo. Sobre São Francisco, a ama, as roupas caras... tudo! Mas primeiro diz-me o teu nome – perguntou quando Poppy saboreava calmamente o rico queijo cremoso.

– Poppy – respondeu ela, dando outra dentada.

– Poppy! *Mmm*, é bonito. O meu é Simonette... Na verdade é Berthe, mas sempre o odiei pelo que o mudei para Simonette. Normalmente chamam-me Netta.

– Netta também é bonito – comentou Poppy, absorvida na deliciosa humidade do pão. Há tanto tempo que comia pão velho e duro que quase se esquecera do bom que era o pão fresco.

O papagaio mexia-se fracamente no peito dela, e, desabotoando depressa um botão do casaco, ela pegou na pequena criatura, acariciando-lhe as penas com um dedo suavemente.

– É tão suave – disse ela a Netta, ansiosa. – Consegues senti-lo? Não é mais suave do que seda?

– Não sei – disse Netta. – Nunca toquei em seda verdadeira. – Mas a sua mão e os seus olhos foram gentis quando tocou no pássaro.

– Olha para as cores dele – exclamou Poppy –, esmeralda e escarlate ao longo da asa e azul-safira na cabeça. E os olhos são de puro topázio. Mas acho que ele é mais bonito do que todas essas joias. – O papagaio ergueu a cabeça, olhando para ela com um olho de topázio e sorrindo, contente. – Ora, olha, Netta, ele já se sente melhor! – exclamou ela.

– Provavelmente tem tanta fome como tu – retorquiu ela.

– Mas o que achas que os papagaios comem? – perguntou Poppy, olhando

para ela, aterrorizada. – Não tenho dinheiro para lhe comprar comida.

– Então, por agora, ele terá de comer o que tu comes, não é? – disse Netta, partindo pão e queijo em pedaços muito pequeninos e oferecendo-lhos. O bico pequeno e afiado do pássaro pairou sobre a mão dela por um segundo e depois atacou as pequenas migalhas.

– Olha para isto – disse Netta. – Achei que ele ia morder-me, mas é tão suave como um bebé. – Olhou para a janela escura e abriu mais o gás.

– Está a ficar tarde – disse Poppy. – É melhor ir andando...

– Andando para onde? – perguntou ela. Poppy baixou a cabeça, sem dizer nada, e Netta hesitou por um segundo. – É melhor ficares aqui durante algum tempo – disse ela amavelmente –, a cama é suficientemente grande para duas pessoas. Eu sei, já experimentei – acrescentou ela com uma piscadela atrevida. – E, de qualquer forma, não estarei aqui esta noite, hoje chegam três navios ao porto. – Olhou para Poppy curvada na cadeira, com os olhos semicerrados de cansaço. – Ah, que se lixem os navios – disse ela, alegremente. – Fazemos o seguinte, Poppy, vai para a cama e descansa. Eu tenho de sair por um bocadinho e, quando voltar, tu e eu vamos ao café do Victor para comermos uma refeição quente e bebermos uma garrafa de vinho. Mas, aviso-te, quero saber a tua história.

Poppy espreguiçou-se luxuriosamente na cama e Netta sorriu quando o pequeno papagaio, com as asas verdes e escarlates cortadas para restringir o voo, esvoaçou para o peito dela, aconchegando-se junto a ela.

– Esta maldita criaturinha pensa que tu és a mãe dele – disse ela. A sua gargalhada profunda foi a última coisa que Poppy ouviu antes de o sono a assolar.

– Tens a certeza de que é só isso? – questionou Netta, afastando os pratos terminados de delicioso guisado de cordeiro temperado com rosmaninho e jovens pastinagas e esvaziando o que restava da segunda garrafa de vinho tinto para o copo de Poppy.

– É só isto – assegurou-lhe Poppy. – Agora sabes tudo sobre mim.

– *Merde!* – disse Netta, pensativa. – Então é assim que os ricos vivem... sempre me perguntei. Bem, miúda, é certo que aprendeste sobre a vida da pior maneira. Ainda assim, a minha história não é muito diferente da tua... Seduzida aos dezasseis anos por um amigo do meu pai e acusada pela

mulher dele de o provocar. O meu pai espancou-me, batendo-me até as minhas costas sangrarem. E a minha mãe limitou-se a ficar a olhar. Deixaram-me no chão sem sentidos. Quando vim a mim, disse que bastava. Nunca mais os voltei a ver. – Olhou para Poppy astutamente. – Quantos anos disseste que tinhas?

– Tenho dezanove – disse Poppy.

– Dezanove, hã? Quantos anos achas que eu tenho?

Poppy refletiu.

– Trinta? – disse ela, generosa. – Trinta e quatro?

– Obrigada! – zombou Netta. – Tenho vinte e dois.

– Oh... lamento. – Poppy sorriu de repente. – Não, não lamento, porque assim significa que somos quase da mesma idade, e sinto-me contente por ter uma amiga. Netta, há meses que não falo com ninguém. Não comia uma refeição como esta há... uma eternidade... e não ia a um sítio tão bonito como este há... anos! – Olhou em volta do pequeno café atrevido. As suas mesas estavam cheias de uma colorida mistura de alegre malta vizinha e umas quantas mulheres ousadas que riam muito alto, e era acolhedor e seguro. Ela desejava nunca ter de sair dali.

Os seus olhos brilharam quando ela bebericou o vinho tinto e acariciou o papagaio, empoleirado na mesa, com um dedo gentil.

– Sabes o que acho? – disse ela, mal reconhecendo o som do seu próprio riso. – Acho que o papagaio mudou a minha sorte. Levou-me a ti, Netta. – O seu rosto voltou a ficar mais sério quando disse, baixinho: – Eu ia... suicidar-me esta noite. Ia caminhar até ao mar o mais longe que conseguisse e simplesmente deixar que as ondas me levassem... Não queria viver.

– Eu conheço a sensação – suspirou Netta, pegando-lhe na mão. – Também já a senti, Poppy.

– Os meus problemas não se foram embora – disse Poppy, calmamente –, mas tu deste-me força para encará-los de novo. Como te poderei agradecer, Netta?

– Agradecer? – zombou ela. – Que disparate! Devias era agradecer ao papagaio. Ele foi o pequeno raio de luz que te guiou até aqui.

– Um pequeno raio de luz – disse Poppy, acariciando-lhe o suave peito verde. – *Luce* – murmurou ela em italiano, pronunciando «luchay». – É este o teu nome, *Luchay*, meu pequeno raio de luz! E meu pobre amiguinho.

– Somos todos pobres aqui – disse Netta, pegando no xaile e na carteira. –

Por falar nisso, é melhor ir trabalhar. Anda, Poppy, esta noite dormirás bem após a refeição e o vinho, aposto.

Vestindo uma camisa de noite quentinha de Netta, Poppy aninhou-se na cama com *Luchay* ao seu lado, observando-a a pôr pó na cara e *rouge* nas bochechas.

– Netta – disse ela, confusa –, qual é o teu *trabalho*? O que fazes, exatamente?

– O que faço? – repetiu Netta, colocando o xaile e dirigindo-se para a porta. – Ora, sou prostituta, claro. Pensei que soubesses.

– Oh! – exclamou Poppy. – Oh, sim, claro, que estupidez a minha perguntar...

Quando a porta fechou atrás de Netta e ela ouviu o som dos saltos altos na escadas de madeira nuas, tocou nas «pérolas de prostituta» que tinha junto à garganta... Talvez a Madame du Barry não fosse tão má no fim de contas, pensou ela, quando um sono sem sonhos a levou.

1899, FRANÇA

—É claro que ficas — insistiu Netta na manhã seguinte. — Afinal — acrescentou ela —, eu não uso a cama à noite, pois não?

Depois, saiu e perguntou às raparigas da rua se elas conheciam algum trabalho que Poppy pudesse fazer.

— Ela está desesperada — disse-lhes, sincera — e é diferente de nós. Não tem capacidade para ser prostituta. Deixem-na limpar os quartos. Vá lá, meninas, aumentem os vossos critérios e os vossos preços... Pensem como galdérias de classe alta para variar! Imaginem o luxo! Vir para casa e ter o chão limpo, os lençóis limpos, para aquelas que os possuem, a roupa interior limpa, para as que a usam. Tudo por alguns tostões. Afinal, temos de alimentar o maldito papagaiozinho a sementes, não é?

Para Poppy, a casa tinha um cheiro familiar, como os quartos baratos da sua infância — uma mistura de comida, suor e sexo antigos. Era alta e estreita com uma escadaria de madeira rachada a contorcer para o quarto mais alto — um sótão sob os beirais inclinados e escarpados e, na sua nova condição de empregada e lavadeira, Poppy rapidamente ficou a conhecer bem as suas colegas de residência. Com *Luchay* empoleirado no ombro e o pesado balde cheio de água com sabão, fervida no antigo fogão semelhante a um caldeirão que havia na cave, deu o seu melhor para lavar um século de sujidade.

A rapariga que vivia em extrema pobreza permanente no sótão inclinado

tinha apenas dezanove anos, a idade da própria Poppy, e apesar da sua desesperada tosse seca, Poppy via-a deambular pela noite nublada com um toque artificial de *rouge* a mascarar-lhe a palidez e um sorriso atrevido a desviar a atenção da sua magreza indigna. Depois, voltava a vê-la outra vez na manhã seguinte, a coxear, exausta, pelas escadas acima, muitas vezes empapada pela chuva da noite e tossindo como se não pudesse parar.

– Oh, ela vai parar, sim – disse Netta, zangada, quando Poppy lhe perguntou acerca dela. – É tísica. Não durará até ao fim do inverno.

– Mas temos de a ajudar – afirmou Poppy, horrorizada. – O que podemos fazer?

Netta encolheu os ombros, mas Poppy reparou na amargura dos seus olhos verde-acinzentados.

– Diz-me tu – sugeriu Netta, impotente. E, claro, ela não tinha resposta.

O piso térreo estava ocupado pela viúva de um pescador com quatro filhos. Trabalhava numa doca a escamar e a estripar peixe e, apesar de ser a mulher mais limpa da casa e de os bibes dos filhos serem os mais brancos da rua, o cheiro a peixe continuava a penetrar no *hall*. Havia dois quartos em cada um dos três andares, todos ocupados por raparigas de rua, mas a peixeira mantinha-se afastada dos seus corações bem-intencionados, dizendo aos filhos para irem para dentro sempre que ouvia os seus passos ou as suas gargalhadas estridentes.

Poppy ouvia os saltos altos a martelar nas escadas quando saíam para trabalhar à noite e ia para a janela observá-las a descer a rua com as mãos nas ancas a caminho dos bares do cais, com as blusas decotadas a mostrar o máximo dos seus encantos. E, mais tarde, ouvia-as a subir as escadas com um marinheiro bêbado qualquer a caminhar pesadamente atrás delas, praguejando enquanto tropeçava no escuro.

Sozinha na confortável cama curvada de Netta, Poppy tentava tapar os ouvidos perante os grunhidos e asneiras que penetravam nas paredes finas, desabafando com *Luchay*, aninhado na curva do seu pescoço, e repassando vezes sem conta os acontecimentos que a tinham levado até ali... *Se ao menos* tivesse obedecido à tia Melody nunca teria conhecido Felipe e a sua vida teria sido muito diferente, e *se ao menos* tivesse visto como teria sido fácil amar Greg em vez de ser tola, quão feliz poderia ter sido...

– Mas, assim – disse ela, consoladora, a *Luchay*, quando o olho de topázio dele a olhou –, nunca te teria encontrado, pois não, *Luchay*?

O papagaio moveu as suas pobres e despenteadas penas para a frente como se desse o seu melhor para parecer mais bonito de maneira a agradar-lhe e ela sorriu-lhe.

– *Luchay* – sussurrou ela, desesperada, quando o chiar de uma cama soou a um ritmo mais acelerado e a rapariga do andar de cima começou a gemer de medo ou dor. – *Luchay*, o que faria eu sem ti? És mesmo o raio de luz da minha vida. Ouves a minha triste história e pareces tão sensato. – Ela olhou com medo para a porta quando alguém mexeu no puxador, contudo, após um momento, os passos afastaram-se. – *Quem sabe* – prosseguiu ela –, *talvez um dia faremos as nossas fortunas. E, quando as fizermos, Luchay, tu terás joias tão coloridas como as tuas penas, terás um poleiro dourado encrustado com esmeraldas e rubis e uma gaiola dourada só para ti... Serás o «Príncipe dos Papagaios», Luchay. E serás o meu único companheiro e amor, pois não quero conhecer mais homem nenhum enquanto viver.*

Netta nunca trazia os clientes para o quarto.

– Não é grande coisa – disse ela a Poppy –, mas é a minha casa e não quero aqueles canalhas sovinas aqui dentro! Além disso – acrescentou, pensativa –, não me pagam o suficiente pelo conforto da minha cama.

Quando se lembrava com um arrepio da sua única experiência sexual, Poppy tentava não pensar no que Netta fazia ou onde o «ato» ocorria, porém, já vira apalpões suficientes no corredor do edifício e nos cantos sombrios do *quartier* para ter uma ideia.

Todas as manhãs, quando Netta chegava a casa, ia imediatamente para o lavatório e enchia a grande bacia com água gélida. Depois, despia-se toda e, a tremer, lavava-se da cabeça aos pés.

– Tenho de tirar as impressões digitais sujas do meu corpo, não tenho? – questionava ela, andando, nua, pelo quarto e vestindo uma camisa de noite de flanela limpa, lavada e passada por Poppy.

Poppy nunca vira ninguém nu, nem sequer Angel, e ficou surpreendida com a atitude descontraída de Netta em relação à sua nudez e ao seu corpo curvilíneo com o peito grande.

– És demasiado boa para eles, Netta – desabafava ela, zangada –, és demasiado bonita e simpática para aqueles canalhas.

– É melhor teres cuidado – sorria Netta –, estás a começar a falar como

eu. É claro que sou demasiado boa para eles, mas tenho de ganhar a vida, não é? Enquanto ela durar – acrescentou, bocejando.

– O que queres dizer, enquanto ela durar? – perguntou Poppy, confusa.

– O que vês quando olhas para a rua? Dezenas de raparigas novas... raparigas *novas*, Poppy. Não há muitas prostitutas a ganhar a vida depois dos trinta. Se continuarem vivas e não tiverem morrido de gonorreia.

– Gonorreia? – repetiu ela, espantada. – Não percebo o que queres dizer.

– Deixa lá, miúda – murmurou Netta, fechando os olhos sonolentos –, hás de perceber.

As mãos de Poppy depressa ficaram vermelhas e ásperas por estar sempre a mexer na água enquanto se esforçava para lavar e bater com o pau de madeira os poucos lençóis usados, toalhas finas, roupa interior gasta e blusas baratas, no grande caldeirão de metal da cave, passando-as pelo corredor enferrujado e pendurando-as para secar na corda que atravessava a estreita rua sem luz. Esfregava o chão e varria as escadas; limpava o pó aos frascos de *rouge* e pó facial e arrumava as posses escassas das prostitutas. E, por vezes, por gratidão à amizade delas, comprava pequenos ramos de flores no mercado ao final do dia, quando eram vendidos por uma ninharia, e colocava uma única flor dentro de uma caneca rachada e deixava-a no quarto de cada rapariga para animá-las de manhã, quando regressassem.

As raparigas de rua não eram muito mais velhas do que ela, mas reconheciam que Poppy era diferente.

– És de qualidade – diziam elas, admiravelmente, e adotavam-na com um carinho maternal, indo ao quarto vê-la e fazendo um grande espalhafato por causa de *Luchay*, que adoravam. Espreitavam para o pequeno monte de penas vistosas com olhos tão brilhantes e concentrados como o próprio *Luchay*, oferecendo-lhe nervosamente um pequeno presente de nozes ou sementes de abóbora, com medo que ele as mordesse. – Ele dá vida a este sítio – exclamavam, encantadas, quando ele esvoaçava as pequenas asas cortadas, mostrando vistosas penas inferiores escarlates. *Luchay* era o animal de estimação que elas nunca tinham tido e algo a que podiam dar amor, atenção e carinho, como nunca faziam com os homens.

Mas, quando saíam à noite a conversar e a rir estridentemente, e a casa caía de novo no silêncio, Poppy sentia a familiar mortalha escura da solidão assolá-la outra vez. Pensava desesperadamente na sua casa, em Nik e

Rosalia, e em Greg. Na sua mente, Greg transformara-se num herói. Ele nunca se teria comportado como Felipe ou os marinheiros. Greg era um homem íntegro. Oferecera-lhe o seu amor e, como uma jovem tola, ela recusara-o até ser tarde de mais. Pensava em Angel e nas «gémeas» bebés, mas nunca pensava na criança que tivera como sua, nem fantasiava com a imagem da cara dela, pensando como seria. Era filha de Angel e tinha tão pouco a ver com a vida de Poppy como se ela não a tivesse dado à luz.

O passado desvanecia na dura realidade do presente e, em vez de se preocupar consigo própria, preocupava-se com Netta, passeando pelas amargas ruas invernais, com a echarpe de pelo pendurada desleixadamente à volta do pescoço e com as botas finas a deixarem entrar a chuva e o granizo.

– Netta – disse ela, ansiosa –, de certeza que há algo melhor para ti do que isto.

– Claro que há – respondeu Netta com um sorriso convencido –, há aí fora um milionário à espera de me fazer cair de quatro. – E arrastou Poppy para o café para um brande e sopa quente de forma a animá-las e afastar o frio que penetrava no quarto triste e sem aquecimento. Ainda assim, havia noites em que nem a própria Netta conseguia enfrentar a rua e, com o pobre e friorento *Luchay*, longe da sua selva tropical original, aninhado sob o cobertor entre elas, ela e Poppy juntavam-se para se aquecerem, sussurrando histórias das suas vidas passadas. No entanto, nunca, nunca mencionavam o futuro.

Netta enganara-se em relação a Jeanne, a rapariga do sótão. Ela não morreu nesse inverno. Conseguiu manter-se ligada à vida de alguma forma, tossindo discretamente sangue e exibindo o seu sorriso corajoso nas ruas inóspitas. Mas quando chegou janeiro, ela encontrava-se demasiado fraca para subir as escadas, pelo que ficou deitada na cama, olhando calmamente para cima, para o remendo de céu que era a sua única vista através da pequena janela suja colocada no topo da parede, sorrindo a sua gratidão às outras raparigas que apareciam para animá-la. Traziam cobertores retirados das suas próprias camas de forma a tentarem manter quente o seu corpo magro e tigelas com sopa quente do café a tentarem que ela comesse, e garrafas aparentemente com remédios, compradas com dinheiro que não podiam gastar, que o farmacêutico prometia que a curariam; e traziam *belladonna* para lhe aliviar as dores.

Sozinha na casa à noite, Poppy sentava-se junto a Jeanne, a ler-lhe um livro da pilha de Netta ou, às vezes, simplesmente a conversar com ela. Jeanne estava demasiado fraca para responder mais do que um suspiro por medo de começar a tossir novamente e de evocar a terrível hemorragia, mas olhava para Poppy com uma expressão tão doce e grata pelo seu companheirismo que Poppy era forçada a virar o rosto para ela não ver a tristeza que lhe ia nos olhos.

Luchay andava para a frente e para trás no seu rude poleiro de madeira feito com o cabo de uma vassoura, erguendo a cabeça para o lado e espreitando ansiosamente para as duas. Estava cada vez maior e mais forte e, quando mexia as asas para se manter quente no quarto gélido, mostrava as suas lindas penas verdes e escarlates, e os brilhantes olhos escuros de Jeanne cintilavam de alegria e também de febre.

– Poppy – guinchava *Luchay*, asperamente –, Poppy *cara*, Poppy *chérie*, Poppy querida... – E Jeanne ria-se, o que despontava a tosse e também o sangue.

Quando o frio no quarto ficava insuportável para os ossos tropicais de *Luchay*, ele aninhava-se sob o xaile de Poppy e, com o seu pequeno corpo junto ao dela, Poppy já não se sentia só, nem com medo.

O sol, brilhando num sólido céu azul através da janela alta e suja na primeira manhã clara de abril, foi a última coisa que Jeanne viu antes de fechar os olhos e, com o mais pequeno dos suspiros, morrer.

Netta apressou-se pelo *quartier* chamando gente para o funeral, e uma fila desordenada de raparigas de rua chorosas, com xailes pretos por cima das cabeças, seguiu o carro do lixo com o caixão de pinheiro barato de Jeanne pela ruas até à igreja de Santa Maria a Virgem.

Até a igreja era pobre, pensou Poppy, sem esperança, quando o padre entoou um serviço fúnebre breve; os castiçais de latão precisavam de ser limpos e não havia flores no altar.

– Pobre Jeanne – comentou ela, triste, à medida que o caixão era colocado na terra gelada –, que terrível acabar assim... como se não fôssemos nada.

– Teve sorte de morrer nova e de termos sido capazes de lhe dar um funeral decente – disse Netta com amargura –, a maioria de nós vai acabar nas sepulturas de indigentes. Aí é que não *somos* mesmo nada.

No dia seguinte, mudou-se outra rapariga para o sótão, mais nova do que Jeanne, talvez com dezasseis ou dezassete anos. E bonita, pensou Poppy, ou

sê-lo-ia se não pintasse a cara e adotasse uma atitude tão descarada. Suspirou pois sabia que era assim que ela tinha de ser para trabalhar na rua.

Netta tinha um amigo «especial», um capitão de navio que viajava pelas rotas do Sul e que de dois em dois meses vinha a Marselha, tão cambaleante pelas longas semanas passadas no barco que já parecia bêbado. O capitão tinha uma esposa no porto de Cherbourg e uma rapruga em todos os portos da sua rota, mas sentia um carinho especial por Netta e nunca se esquecia de lhe trazer um presente. Era grande, musculado e alegre, com o rosto mais estragado pelo sol do que bronzeado, e olhos como duas fendas azuis de tanto os semicerrar ao vento.

Sempre que ouvia que o *S. S. Marquand* vinha ao porto, Netta vestia-se com os seus melhores fatos baratos e, numa vaga de entusiasmo, via o grande navio a atracar na doca, à espera que o capitão descesse da prancha para os seus braços.

Depois disso, Poppy não a via até que o *Marquand* voltasse a navegar após três ou quatro dias, quando Netta regressava satisfeita com um brilho nos olhos e a envergar um vestido novo, um colar bonito ou um anel. Com um suspiro feliz, dizia:

– Afinal, os homens não são assim tão maus, Poppy. E quando são bons... ooooh, são muito *bons*! – E com uma piscadela feliz, saía a correr para a loja de penhores para penhorar a sua última joia e, nessa noite, era brande para todas no café do Victor.

No entanto, desta vez, quando o *Marquand* atracou no porto foi diferente. Em vez de desaparecer por alguns dias como costumava fazer, Netta apressou-se a voltar para casa com um brilho de entusiasmo nos olhos.

– *Poppy, adivinha?* – exigiu ela. – *Ele pediu-me para casar com ele! A mim*, a melhor prostituta do cais, quer que eu seja sua noiva!

– Mas... então e a mulher dele? – gaguejou Poppy, chocada.

– Morreu há dois meses – disse Netta, casualmente – e não tiveram filhos que o prendessem. Ele diz que, quando está deitado no beliche a olhar para as estrelas, só consegue pensar... em mim. Na Netta Fosquet... em breve Mistress Captian Georges Noiret! Oh, Poppy – gemeu ela, com a generosa boca a dividir-lhe o rosto num sorriso triunfante. – És capaz de acreditar? *Eu, esposa de um capitão?* E uma mulher casada e respeitada? Ele também é um homem impecável – acrescentou, suavemente.

Ela parecia tão feliz quando Poppy a beijou, felicitou e acompanhou na

compra do vestido de noiva para o casamento, que se realizaria dois dias mais tarde, que não foi capaz de perguntar a Netta o que seria dela e de *Luchay*.

– Vais ficar com o meu quarto, claro – disse-lhe Netta na festa desordeira que teve lugar no café de esquina do Victor, na noite anterior ao casamento. – Toma, aceita isto – colocou discretamente algumas notas na mão de Poppy. – Não é muito mas pagará a renda durante alguns meses e com o teu trabalho de empregada e lavadeira vais conseguir safar-te. – Houve um brilho de dúvida nos olhos dela quando o disse, mas, ainda assim, Poppy sorriu corajosamente. O barulho e os risos no café pareceram desvancer à distância quando olhou para a sua única e verdadeira amiga. – Estou tão feliz por ti, Netta – sussurrou ela. – Sei que serás feliz.

– Mistress Captain Noiret. – Netta suspirou alegremente. – *Ganhei o jogo, Poppy*.

Nenhum homem lhe podia tirar isso, pelo que atravessou o corredor da igreja de Santa Maria a Virgem sozinha, com Poppy atrás como sua dama de honor. Ela e o primeiro oficial do *Marquand* foram as únicas testemunhas e, quando Poppy olhou para Netta no seu novo vestido barato de seda chinesa azul a trocar votos, não pôde deixar de a comparar à cerimónia luxuosa de Angel. Mas Netta e o seu capitão não pareciam necessitar de um órgão *Bach* a tocar *cantatas* nem de milhares de rosas, incenso e velas para serem mais felizes, e ficaram tão casados como Angel e Felipe.

Não era comum que alguém com aquela profissão tivesse a sorte de arranjar um marido, pelo que as amigas de Netta esperavam fora da igreja para atirar arroz e pétalas de rosas ao feliz casal. O seu riso ressoou alegremente e ela e o seu capitão apressaram-se a ir para o navio que partia nessa noite em direção ao Cabo.

– Estarei de volta dentro de um par de meses – disse ela a Poppy, abraçando-a com força. – Não faças nada tolo, estás a ouvir? – E Poppy sorriu e acenou quando o capitão deslizou Netta para os seus braços e a levou pela prancha, aplaudidos pela tripulação.

Contudo, nessa noite sozinha no quarto, Poppy não sorriu. Com o futuro incerto para enfrentar mais uma vez, a solidão assolou-a de novo, tão escura e misteriosa como a noite.

Luchay andava para a frente e para trás no poleiro de madeira, ansioso.

– Poppy – tagarelava ele. – Poppy *cara*, Poppy *chérie*, Poppy querida...
– Oh, *Luchay* – exclamou ela, meio a rir, meio a chorar. – É claro que ainda te tenho.

Quando o *S. S. Marquand* atracou no porto três meses depois, Netta atravessou a prancha sozinha vestida de preto.

– Ele morreu – disse ela a Poppy, a chorar –, morreu há quatro dias. Estava uma noite quente e estávamos na cama. Eu estava por cima dele, a fazer o que ele mais gostava, e, depois, ele simplesmente engasgou-se e olhou para mim. E pronto, morreu! Foi enterrado no mar, como um almirante.

As lágrimas corriam-lhe pela cara quando Poppy lhe pegou na mão, sem saber como consolá-la.

– Eu sabia que era bom de mais para ser verdade – gemeu Netta, com o rosto coquete inchado pelas semanas de choro. – Maldito seja o canalha, porque tinha de morrer logo agora? *Debaixo* de mim! – acrescentou com um laivo do seu sorriso antigo. – Pelo menos fomos felizes. E pronto, é assim – suspirou ela, secando os olhos e tirando o chapéu. – Nunca mais encontrarei ninguém que queira casar comigo. Estou novamente em casa, Poppy, de vez. Mas, pelo menos, o canalha deixou-me os seus bens terrenos. Ainda não sei exatamente qual o montante, mas ele era um homem que viajava, pelo que não deve ser muito.

Dignas, de preto, Netta e Poppy ouviram o advogado de cabelo grisalho explicar o legado do capitão Noiret.

– O capitão alterou o testamento depois de a sua primeira mulher morrer, deixando-lhe tudo a si, Madame Noiret – referiu ele.

– Vá, diga – pediu Netta, descarada –, não pode ser assim tanto que precise de todo este aparato judicial.

– Pelo contrário, *madame* – disse ele, olhando para ela. – O capitão deixou um património considerável. Tem uma casa aqui, em Marselha, e outra em Cherbourg.

– Uma casa em Marselha? – engasgou-se Netta.

– Tal como eu disse, e outra em Cherbourg – prosseguiu ele –, mais uma soma de dinheiro no Banco Marítimo de Marselha. Prefaz um total de pouco mais de três mil francos, *madame*.

– *Três mil francos!* – repetiu Netta lentamente, com os olhos esbugalhados de espanto. – Está a dizer-me que eu tenho *três mil francos e duas casas só minhas?*

– Estou sim, Madame Noiret. Tudo o que tem a fazer é assinar estes papéis testamentários, aqui, e os títulos de propriedade e o dinheiro serão seus. Claro, devo aconselhá-la a deixar tudo no banco para que fiquem bem guardados.

– Bem guardados! – cantarolou Netta, levantando-se. – *Bem guardados?* Poppy e eu vamos dar a festa das nossas vidas no café do Victor, hoje à noite. – Pegando na caneta, rabiscou o nome nos documentos com um floreado. – Aposto que pensou que eu não sabia escrever, não é? – questionou ela, dando uma cotovelada ao advogado com um sorriso atrevido. – A festa será no café do Victor, na rue Lesange, se quiser vir – acrescentou ela, rindo-se ao dirigir-se para a porta a caminho do Banco Marítimo.

– Netta, tens de ser sensata em relação ao dinheiro – gemeu Poppy, apressando-se para acompanhá-la. – Não podes simplesmente gastá-lo em festas e roupas novas... Acabará num mês. O capitão quis certificar-se de que ficarias bem. Podes vender a casa de Cherbourg e pôr o dinheiro no banco e, se fores cuidadosa, durar-te-á o resto da vida.

– Mas eu nunca fui cuidadosa, Poppy – riu-se ela – e é demasiado tarde para começar a sê-lo. Além disso, o que faria o dia todo?

– Talvez devesse ponderar abrir um pequeno negócio – sugeriu Poppy –, algo que te dê prazer.

– Vá lá – sorriu Netta –, sabes perfeitamente que só gosto de duas coisas, um bom homem e uma boa vida. E tenciono ter um pouco de ambas agora mesmo.

– Tenho uma ideia – disse Poppy, pensativa, quando Netta saiu do banco mais tarde, abanando quinhentos francos na mão. – Tenho uma ideia... Acho que és capaz de gostar. Mas vais precisar de todo o teu dinheiro.

Netta olhou para ela desconfiada.

– Que tipo de ideia? – perguntou ela.

Poppy explicou-lhe enquanto caminhavam de volta pelas ruas outonais do cais e os olhos de Netta iluminaram de entusiasmo.

– Meu Deus, és mesmo esperta – maravilhou-se ela –, porque não pensei nisso? Com o teu cérebro e o meu conhecimento vamos fazer uma fortuna!

– Apertou a mão de Poppy, rindo alegremente. – Mas, uma última comemoração, hoje à noite, no Victor? Em memória do capitão? Ele devia gostar disso.

1900, FRANÇA

A antiga casa do capitão Noiret era no final mais elegante da rua Canabière, em Marselha, convenientemente localizada entre o porto e os hotéis, e o POPPY'S selecionava a sua clientela dos dois. No entanto, não havia marinheiros rebeldes e bêbados, saídos de uma longa viagem, desejosos de enfrentarem um porteiro de dois metros e cento e quarenta quilos, com cara de ex-pugilista e punhos parecidos a presuntos. Um homem não podia entrar no Poppy's sem uma recomendação pessoal e, ainda assim, Poppy passava um olhar crítico de cima a baixo antes de ele ter permissão relutante para se aproximar das suas preciosas «meninas».

Fora para proteger Netta e as meninas que Poppy tivera aquela ideia; e por não suportar ver Netta a gastar o dinheiro tão rapidamente como o recebera em festas e presentes e no que ela apelidava de «boa vida». A verdade era que Netta nunca tivera uma boa vida; nunca pensava no passado nem no futuro; sempre vivera para o presente – era a única maneira que conhecia. O capitão fora a sua oportunidade de escapar e, quando o dinheiro dele se gastasse, teria de voltar para a vida nas ruas sujas.

A ideia de ter a sua própria «casa» intrigara Netta, porém, para Poppy, significava um alívio por, pelo menos, a amiga não ter de ir para as ruas no inverno gélido e não ter de se vender a estranhos perigosos nas ombreiras das portas. Ela sabia que Netta nunca mudaria, mas ao menos agora não morreria física como Jeanne, nem acabaria numa sepultura de indigente –

pior do que um zé-ninguém. O que Poppy não percebera era que, inadvertidamente, se transformaria numa «madame».

Netta escolhera as raparigas, rejeitando cruelmente as que considerava demasiado velhas ou demasiado predadoras.

– Vai ser um estabelecimento de categoria – disse-lhes ela, arrogante –, quero raparigas suficientemente espertas para darem a um homem um tempo agradável pelo seu dinheiro, não apenas algo rápido. Esperamos construir uma clientela regular de «cavalheiros» e precisamos de raparigas tão bonitas e excitantes que os clientes não sejam capazes de esperar para voltarem.

Poppy ocupara-se a decorar a casa, tentando não pensar nos atos que teriam lugar nos quartos que tornava tão atrativos. Pendurando cerimoniosos cortinados de renda nas janelas, pensou, saudosa, nos seus sonhos de juventude de verdadeiro amor e no sentimento expansivo e maravilhoso de ser elevada nas asas de uma águia que pensava que era fazer amor; e, agora, ali estava ela a vender sexo em todas as suas formas – nenhuma das quais conhecia em pormenor. Ornamentando as grandes camas com quatro postes de latão com veludo de um profundo azul-escuro, pensou nos homens que se deitariam ali com elas, e esperou que fossem homens bondosos e gentis. Tentada, passou uma mão nos lençóis de cetim preto que Netta insistira em comprar, imaginou como seria ser uma rapariga nos braços de um estranho, partilhando o corpo por dinheiro. E, colocando candeeiros com luz rosa ao lado das camas, esperou, ingénua, que talvez algumas das raparigas encontrassem ali felicidade e amor.

Netta instalara um enorme bar no salão – como o do café do Victor de que tanto gostava –, mas Poppy persuadira-a de que devia ser em mogno em vez de zinco bem feito. Encheram as suas prateleiras espelhadas com todo o tipo de licor, bebidas espirituosas e, por instigação de Poppy, uma seleção de champanhes caros.

– Os nossos clientes nunca terão dinheiro para comprá-lo – protestou Netta, mas Poppy adicionara simplesmente um pesado aumento de preço e disse a Netta que, se eles não pudessem pagar, não seriam autorizados a entrar.

Num esforço para fazer com que tudo parecesse mais «elegante» e menos como um bordel, Poppy colocou seda cor de vinho nas paredes e instalou grandes reproduções e impressões emolduradas de objetos clássicos,

contudo, por mais que tentasse, não conseguiu impedir Netta de colocar um quadro a óleo de uma mulher reclinada, muito voluptuosa e nua por cima do bar. Encheu as prateleiras de livros de todos os temas, ainda que Netta lhe tenha dito, a rir, que os homens não iam ali para ler. Comprou sofás e cadeiras fundos e confortáveis, colocou uma enorme jarra de flores no bar e espalhou uma seleção de jornais do dia em pequenas mesas. Contratou duas empregadas – uma para limpar e arrumar os quartos após cada cliente e outra para preparar e servir pequenos canapés deliciosos para lhes abrir o apetite. E, quando Netta trouxe para casa um monte de *négligés* transparentes para as raparigas usarem no salão de modo a facilitar as escolhas dos clientes, Poppy limitou-se a olhar para elas, escandalizada.

– Podem usá-los no quarto – disse ela, decidida –, mas, no salão, estarão vestidas como as jovens da moda. – E escolhera pessoalmente as roupas delas, insistindo para que parecessem tão sedutoras num vestido de seda com colar e brincos bonitos e o cabelo perfeitamente penteado, como pareceriam meio despidas em roupa interior.

– Assim vão sentir-se raparigas bonitas e não prostitutas – declarou Netta, firme – e vai fazer uma grande diferença na atitude dos homens, vais ver.

Na noite de abertura esperaram nervosamente pelos primeiros clientes. Netta estava atrás do bar e as raparigas, pouco acostumadas à elegância da sua vestimenta, bebericavam champanhe e tentavam parecer descontraídas. Usando um recatado vestido de veludo cinzento abotoado até ao pescoço, com o cabelo ruivo puxado severamente para trás do rosto jovem e desmaquilhado, Poppy esperava ansiosamente no *hall*, pensando no que raio diria aos «clientes» e rezando para não corar.

Quando o primeiro cavalheiro apareceu, olhou espantado para a elegante e jovem *madame*, em seguida, tirou precipitadamente o chapéu e fez-lhe uma vénia. Outro cliente seguiu-lhe os passos, depois outro e mais outro... Poppy deu consigo rapidamente ocupada e nervosa e esqueceu-se de se preocupar com o que se passava lá em cima. Netta supervisionava o bar e os «arranjinhos» no salão, enquanto Poppy cumprimentava simpaticamente os clientes no *hall*, perguntando-lhes como estavam e comentando o tempo enquanto aceitava o pagamento – adiantado.

Os boatos sobre o Poppy's espalharam-se como fogo, tal como a sua estranha combinação de ingenuidade e conhecimento; o seu salão com cortinas de renda formais e bar sofisticado; as raparigas bonitas e espertas

que pareciam frequentar uma escola privada da moda; e a «jovenzinha» elegante no *hall* de entrada. Em menos de seis meses, o Poppy's tornou-se o segredo mais bem conhecido de Marselha. Era como um novo e exclusivo clube a que todos os homens queriam pertencer, mas só os que Poppy favorecia é que garantiam a entrada.

À medida que ela ganhava confiança, a especulação sobre a própria e linda Poppy cresceu. Que era muito nova, não havia dúvida – mas ninguém sabia ao certo a sua idade; claro que era estrangeira – alguns diziam que vinha da América – mas com o seu perfeito sotaque francês era difícil ter a certeza. Era obviamente educada e bem-criada – uma «senhora», aliás –, mas ninguém conhecia o seu passado. E com o seu impecável cabelo ruivo, olhos azuis insolentemente inclinados, pele cremosa e pernas longas, Poppy era a própria tentação. A sua indisponibilidade numa casa cheia de mulheres disponíveis só acrescentava ao desejo, mas ela deixava bem claro que o homem que se atrevesse a sugerir tal coisa nunca mais seria bem-vindo. Ainda assim, a mistura de *madame* mundialmente sensata e jovenzinha linda fez com que mais do que um homem tentasse a sua sorte.

– Nunca ficas tentada? – perguntou Netta, curiosa. – Ou estás a planear ficar celibatária para o resto da vida?

– Talvez – respondeu Poppy, indiferente, mas a sua boca ficava tensa.

Netta tinha o seu próprio quarto no segundo andar com uma enorme cama de quatro postes e uma lufada de tecidos de cetim azul. O quarto de Poppy era no piso térreo e continha uma simples cama de madeira coberta com um edredão de veludo cinzento-claro, uma cómoda e uma cadeira confortável. As cortinas pesadas eram do mesmo veludo cinzento que se tornava a sua imagem de marca e ela encontrara um bonito tapete persa antigo rosa e azul pálido numa loja de segunda mão, em Marselha. Os candeeiros eram nos mesmos tons rosa com franjas de contas que tremiam e até *Luchay* tinha um novo poleiro, não de ouro, mas de carvalho, feito por um artesão. Enquanto Poppy trabalhava, o papagaio ficava no poleiro, aceitando a admiração e os elogios que lhe dispensavam, porém, parecia ter sempre um olho ansioso nela e se ela deixasse o quarto ele adejava pateticamente atrás dela e gritava o seu nome «Poppy *cara*, Poppy *chérie*, Poppy querida».

No final do primeiro ano, Netta e Poppy avaliaram o seu progresso. Poppy

geria a casa com uma mão de ferro dentro de uma luva de veludo e o negócio era rentável. E foi possível viver bem, melhor do que Netta alguma vez esperara – nunca mais teria de se preocupar de onde vinha a sua próxima refeição, tal como as suas raparigas.

– Então, o que se passa? – perguntou ela, observando o rosto deprimido de Poppy. – Ainda pensas naquele canalha do teu passado? Ou em Greg? – Poppy olhou para a sua taça de champanhe, sem dizer nada. – Já é altura de esqueceres tudo isso – disse Netta, bruscamente –, *esta* é a tua vida agora, Poppy, *esta* é a realidade. Devias tentar desfrutar mais dela. – E, com um suspiro profundo, voltou para o seu lugar atrás do bar.

Poppy bebeu um gole do seu champanhe, afastando as recordações obscuras e contemplando o futuro. Pelo menos, agora, tinha um futuro – de certa forma. Ainda assim, não estava satisfeita. Poppy fazia com que elas ganhassem a vida, mas nunca poderia conseguir-lhes uma fortuna e, se não pudesse ter amor na sua vida, então a única alternativa era ficar rica. Tocou nas pérolas de prostituta no seu pescoço, usadas agora à mostra em vez de escondidas por baixo da blusa. Estava decidido; se estava destinada a ser uma *madame*, queria ser a *madame mais rica* de França.

1903, FRANÇA

Franco Malvasi estava sentado no seu luxuoso *Mercedes coupé*, um dos primeiros a serem vistos em Marselha, fumando um cigarro e contemplando o exterior do Poppy's. Era uma casa modesta com apenas um pequeno lanço de degraus com corrimão de ferro a separá-la da rua. Cortinas pesadas de renda cobriam as janelas brilhantes e os degraus tinham sido impecavelmente esfregados com pedra abrasiva. À primeira vista, parecia uma qualquer casa de província muito bem mantida, porém, Franco sabia que o Poppy's era o bordel mais bem gerido do Sul e estava ali para tentar descobrir porquê. Não que quisesse comprar uma mulher – era um homem demasiado meticuloso para isso –, mas qualquer negócio suficientemente conhecido para ser elogiado em locais tão longínquos como Milão, Nápoles e Roma intrigava-o. E o que o intrigava *especialmente* era a ideia de Poppy, a sua dona desmaquilhada, indisponível e com ar de senhora.

Atirando o cigarro para o chão, dirigiu-se para a noite chuvosa, olhando admiravelmente para o seu carro enquanto subia os degraus. Era um homem de muitas posses, mas, por alguma razão, aquele carro dava-lhe mais prazer do que as outras coisas. Um enorme porteiro inspecionou-o com desdém antes de permitir que ele entrasse e uma empregada de uniforme recebeu o seu casaco, perguntando educadamente se já ali tinha estado. Quando ele respondeu que não, ela pediu-lhe para esperar, Poppy já o receberia.

Satisfeito, Franco deu alguns passos na carpete vermelha do *hall*, inspecionando as dezenas de quadros que preenchiam as paredes do chão ao teto. Ele próprio era colecionador, e um grande *connoisseur* e, apesar de serem baratos, e por vezes amadores, pensou que o comprador tinha bom gosto. O som de uma *sonata* de Chopin ao piano e o murmurar abafado de vozes chegaram-lhe por trás de uma porta meio aberta à sua esquerda, pelo que espreitou em volta, curioso. Havia grandes buquês de flores em todo o lado e o seu aroma misturava-se com os perfumes subtis das mulheres no quarto rosa. Alguns casais estavam sentados nos sofás de veludo confortáveis a falar suavemente e a beber champanhe, enquanto raparigas muito bem vestidas e atraentes deambulavam pelo bar e falavam com a atrevida loira que sorria atrás do balcão. Na parte mais ao fundo da sala outra rapariga sentava-se segurando a mão de um elegante homem de cabelo grisalho que adormecera junto à lareira. A bonita rapariga no piano de ébano mudara de Chopin para Paganini, sorrindo-lhe agradavelmente, enquanto uma pequena empregada circulava a oferecer pequenos pratos de ostras e salmão fumados, patê de *foie gras* e trufas. Se não fosse o bar e o facto de as raparigas serem muito atraentes, ele poderia estar numa festa de uma casa de campo.

– Signore Malvasi?

Franco deu meia-volta, sentindo-se como um rapaz pequeno apanhado pela governanta.

– Peço desculpa – disse ele –, fiquei curioso...

– É natural – respondeu Poppy, guiando-o até ao escritório –, todos têm muita curiosidade em relação ao Poppy's. Posso perguntar-lhe quem o recomendou, *m'sieur*?

Ele observou a reação dela quando disse calmamente:

– Monsieur Nobel... Jacques Nobel – mas não houve um tremelique sequer nos brilhantes olhos azuis de Poppy quando assentiu bruscamente e escreveu o nome num livro de capa de pele preta. O papagaio esvoaçou de súbito do seu poleiro para a secretária, olhando para ele com olhos parecidos a contas de topázio.

– Compreende as regras, Signore Malvasi – disse Poppy, calmamente. – O nosso primeiro compromisso é para com as raparigas, mas é óbvio que ao protegê-las, o senhor, cliente, também beneficia. As raparigas são inteligentes e bonitas e esperam ser tratadas como senhoras no salão. Lá em

cima, a sós – encolheu os ombros –, é um assunto privado entre o senhor e elas. Mas um aviso: não haverá violência. Tenho a certeza de que deve ter ouvido tudo isto de Monsieur Nobel, mas nós temos regras. É claro que não permitimos que qualquer um entre aqui, e aqueles que admitimos no nosso «clube» concordam em responder a alguns questões... Nome, idade, morada e trabalho.

Franco analisou-a, divertido, enquanto ela esperava por uma resposta. Não podia ter mais de vinte e dois ou vinte e três anos, era tremendamente atraente no seu vestido de veludo cinzento, mas geria o seu bordel com a impertinência de uma amadora.

– Isso não é pedir muito? – perguntou ele, com um sorriso atraente. – A maioria dos homens não quer ser advertida de que está a ser condescendente para com um bordel, e decerto não quer o seu nome inscrito num livro que qualquer chantagista amador possa ver.

Poppy fechou o livro de pele preto com força.

– Consideramos que o Poppy's é um clube, não um bordel – corrigiu ela bruscamente. – Muitos dos nossos clientes já aqui vêm desde que abrimos, há três anos, sabem que podem confiar em nós e nós sabemos que podemos confiar neles. Anoto o nome de todos os nossos clientes novos para sua própria proteção, tal como das raparigas. Por exemplo, um homem que chegue esta noite, como o senhor, recomendado, mas ainda assim desconhecido... representa uma situação potencialmente perigosa para uma rapariga e, se por acaso, alguma coisa lhe «acontecer» – disse ela, encolhendo os ombros –, temos alguns recursos contra o homem. Tenho alguns nomes importantes no meu livro, Signore Malvasi, mas posso assegurar-lhe de que eu sou a *única* que os vê.

Recostou-se atrás da grande secretária oval, com as mãos entrelaçadas, olhando para o homem que tinha à sua frente. Era de estatura média, ombros largos, elegante e muito bem vestido. Tinha um rosto italiano com uma bela estrutura óssea, intensos olhos escuros sob sobranceiras pesadas e, embora não pudesse ter mais de trinta anos, a sua testa já se encontrava bastante enrugada e o cabelo negro já estava grisalho nas têmporas.

– Como veio recomendado por Monsieur Nobel – disse-lhe ela, por fim –, é óbvio que já conhece as regras.

Ele assentiu.

– Mas devo confessar que estou aqui por mais do que mera curiosidade ou

necessidade de uma mulher. Estou aqui porque estou intrigado *consigo*.

– Comigo? – perguntou Poppy, surpreendida, acrescentando, depressa –, não há nada de intrigante acerca de mim, Signore Malvasi. Bom, deseja ficar ou prefere não responder às questões? Percebo perfeitamente que não queira fazê-lo.

Franco tirou um cigarro e bateu com ele na cigarrilha de prata.

– *Permesso?* – perguntou.

Poppy negou com a cabeça.

– Poderá fumar no salão – disse-lhe ela –, mas não o permito na minha sala. Não gosto do cheiro a tabaco.

Ele assentiu, voltando a colocar o cigarro na cigarrilha.

– Então, Madame Poppy, é uma mulher de opiniões e gostos fortes, tal como princípios. Parece-me que, para uma mulher tão jovem, sabe exatamente o que quer da vida.

Ela corou; por alguma razão, aquele homem metera-se sob as barreiras que ela tão cuidadosamente erigia entre ela e os clientes. Empurrando a cadeira para trás, disse, zangada:

– Signore Malvasi, a minha vida privada só me diz respeito a mim e, apesar de não ser o primeiro a tentar, permanecerá como tal. Receio que tenha de lhe pedir para sair.

– Não tive intenção de violar a sua privacidade – disse ele, calmamente –, aliás, muito pelo contrário. É o seu jeito para o negócio que me intriga.

Poppy fez soar um sino de prata para chamar o porteiro.

– Não estou interessada nas suas especulações – respondeu ela, friamente.
– Michel, acompanha este senhor à porta.

– Já tinha ouvido dizer que era uma mulher ambiciosa – prosseguiu Franco, ignorando o enorme porteiro que lhe aparecera junto ao cotovelo –, estou aqui para lhe oferecer uma proposta de negócio. – Levantou-se com um suspiro. – Mas, enfim, se não está interessada...

Poppy ficou a olhá-lo enquanto ele se dirigia para a porta. Tocara num ponto sensível; os negócios eram agora a única coisa que lhe interessava e há três anos que a sua «carreira» não progredia...

– Espere, Signore Malvasi – chamou ela –, espere um momento. Gostaria de ouvir a sua proposta de negócio. Mas é claro que não acredito que o que tem para me dizer seja do meu interesse – acrescentou, fria –, mas ouvi-lo-ei.

Franco reparou que ela tomara inteligentemente de novo o controlo da situação e sorriu. Poppy era esperta e bonita, o que o agradava, embora, verdade fosse dita, era sobretudo por estar encantado com o seu cabelo ruivo, pele de alabastro e maravilhosos olhos azuis que falara numa ideia de «negócio».

– Esta casa é muito rentável para um pequeno estabelecimento – disse ele.
– Tenho a certeza de que para a sua parceira, Netta Fosquet, é mais do que suficiente, mas para alguém como a Poppy, alguém que conhece melhor as coisas, que sabe que há mais do que isto na vida – acenou com a mão apontando em volta da sala – será suficiente? – Esperou um instante, mas ela não disse nada. – Acho que é uma jovem mulher muito inteligente, Poppy Mallory – disse ele, acrescentando com astúcia – e não estou interessado no seu passado. É o seu futuro que me interessa.

Poppy corou, pensando nervosamente no que ele quisera dizer com... *o seu passado...* mas aquele homem não podia certamente saber nada sobre ela...

Franco inclinou-se por cima da mesa, olhando-a diretamente nos olhos.

– Acho que é capaz de fazer melhor do que isto, Poppy Mallory – disse calmamente –, *muito* melhor. A senhora é diferente. Olhe para o que criou. Porém, ambos sabemos no que poderia realmente fazer se o *dinheiro não fosse o objetivo*.

– *Se o dinheiro não fosse o objetivo?* – suspirou ela, espantada. – O que está a dizer?

– Minha querida – murmurou ele –, estou a oferecer-lhe a oportunidade de abrir uma casa numa das ruas mais elegantes de Paris. Estou a oferecer-lhe fama e fortuna, Poppy. E estou pessoalmente preparado para ser o seu fiador.

Fama e fortuna... As palavras flutuaram no ar entre eles e os olhos dela brilharam com um entusiasmo repentino... *Uma casa só dela em Paris... Na rua mais elegante... O objetivo não era o dinheiro...*

– E o que pede em troca? – perguntou ela, voltando de repente à terra.

– Não peço nada em troca a não ser o capital que invisto. Será uma parceria de negócio. Dar-me-á a sua resposta amanhã, ao almoço. Esteja no Restaurante Ghiordes à uma e um quarto – ordenou ele, empurrando a sua cadeira para trás e dirigindo-se para a porta.

– Não posso fazer isso... – gaguejou Poppy. – Eu nunca...

– Nunca é vista em público? – Franco sorriu. – Então não é altura para começar? Como espera que a sua fama se espalhe?

– Espere – pediu ela quando ele rodou a maçaneta da porta –, quem é o senhor?

– Digamos apenas que sou um amigo – respondeu ele. E, com um aceno de mão, foi-se embora.

O restaurante Ghiordes era o mais em voga de Marselha e Poppy estava nervosa. Usava um vestido de seda no seu cinzento habitual feito à medida e um frívolo chapéu rosa que comprara nessa manhã, com um pequeno véu de rede que fazia o seu cabelo ruivo parecer cor de pêssego e os olhos misteriosos.

– O Signore Malvasi espera-a, *madame* – disse o *maître*, conduzindo-a meticulosamente pelas mesas cheias.

Franco estava sentado junto à janela com uma garrafa de champanhe dentro de um balde prateado ao lado e Poppy pensou que ele parecia muito sofisticado.

– Está muito bonita, Poppy – elogiou ele, pegando-lhe na mão, e ela corou, consciente dos olhares curiosos na direção deles, perguntando-se, nervosa, se os outros clientes saberiam quem ela era.

– Tomei a liberdade de pedir champanhe – disse-lhe Franco –, pois sabia que, se viesse, era porque me ia responder que sim. Claro que, se eu estiver enganado, terei de celebrar o prazer de almoçar consigo.

Ela riu-se.

– Tinha razão – admitiu ela –, embora deva confessar que estive toda a noite acordada a pensar no que deveria fazer. É que sou muito apegada a Netta, sabe, ela é uma querida amiga... A minha única amiga – acrescentou, triste –, isto é, para além do *Luchay*.

– *Luchay*?

– O papagaio... Só que para mim ele é mais do que isso. Na verdade, foi o meu salvador, o meu raio de luz, enviado por Deus... – Voltou a corar, consciente de que revelava demasiado, ela que tentara ser tão meticulosa, calma, serena... Quisera controlar a situação.

– Só tenho pena que tenha sido o *Luchay* o seu salvador e não eu – respondeu Franco, galante –, mas talvez eu possa ser considerado a segunda

«fase».

Poppy riu-se e apercebeu-se, surpreendida, que não se rira muito nos últimos tempos.

– O problema é que – disse ela subitamente –, tenho medo de deixar Netta. Tenho a certeza de que se meterá em sarilhos e que voltará à rua não tardará nada. E também há outro motivo... – Ele ergueu as sobrancelhas inquisitivamente, mas ela abanou a cabeça, olhando, envergonhada, para o prato. – Eu... Eu não posso dizer-lhe – murmurou.

– Muito bem – respondeu –, a Netta vem consigo.

Poppy bebeu um gole do champanhe e decidiu que Franco tinha olhos simpáticos, cabelo muito castanho, quase preto, e uma espécie de... fascínio, era essa a palavra, supunha. E a combinação do rosto jovem com o cabelo grisalho era interessante... Ela voltou a perguntar-se de novo o que faria ele que lhe causava as rugas na testa.

O empregado entregou-lhes a ementa e Franco observou-a a analisar atentamente a sua... Era tão *jovem*, pensou ele, e tão vulnerável... E era uma senhora. E de todas as coisas que ele já possuía na vida, nenhuma fora uma «senhora».

Ela olhou para ele, a sorrir.

– Estou esfomeada – disse-lhe –, não tem fome?

– Que idade tem, Poppy? – perguntou ele abruptamente.

Ela corou.

– Tenho vinte e três... Faço-os hoje, aliás. Hoje é o dia do meu aniversário.

– Vinte e três – repetiu ele – e é o dia do seu aniversário. É uma dupla celebração. – Ergueu o copo. – Parabéns, Poppy.

De repente, ela lembrou-se de todos os aniversários regados a champanhe passados com o pai, que agora pareciam estar a anos-luz dali. A velha vida desaparecera para sempre, e ela estava ali agora a almoçar com Franco Malvasi... Uma mulher de negócios prestes a correr o seu primeiro grande risco que lhe traria fama e fortuna.

Enquanto falavam sobre Paris, Franco congratulou-se por pensar rápido. Sabia que era impossível aproximar-se pessoalmente de Poppy por ela declinar automaticamente todos os homens; a única maneira fora através dos negócios. Como muitas das suas ideias brilhantes, ele dissera aquilo no momento e não tinha dúvidas de que receberia a sua recompensa.

Netta limpava os espelhos por trás do bar, olhando para Poppy, suspeita.

– Mas quem é ele? – perguntou. – E como sabes que é de confiança?

– Sinto-o nos meus ossos – declarou Poppy simplesmente.

– Ah! E a onde já chegaram esses sentimentos?

– Isso foi diferente – protestou ela –, isto não tem nada a ver com *amor*, é meramente uma oportunidade de negócio.

– Ai, sim? – perguntou Netta, cética. – Tens a certeza de que este Franco Malvasi não está cativado pelos teus lindos olhos azuis? Ou pela tua reputação de única mulher casta nesta indústria?

– Não sejas tonta, Netta – respondeu ela, cerimoniosa –, além disso, ele foi recomendado por Jacques Nobel.

– *Nobel!* – exclamou Netta. – Poppy, sabes com *quem* estás a lidar? O Nobel é um dos cabecilhas da máfia criminosa que controla o Sul de França!

– Mas ele parece sempre tão simpático – disse Poppy, surpreendida –, é um dos clientes mais encantadores e respeitosos. De certeza que não pode estar envolvido em nada de realmente mau.

Netta suspirou.

– Às vezes não sei se é a tua inocência que te mantém fora de sarilhos ou se é ela que te mete neles. Aposto que nem sabes o que é realmente a máfia, pois não?

Poppy abanou a cabeça.

– Não, e não sei se quero saber – declarou ela determinada. – Mantereis a minha inocência, Netta. Não me interessa o que ele faz, tudo o que sei é que confio em Franco Malvasi.

Netta olhou-a, exasperada.

– É claro que confias – replicou ela –, ele não te está a oferecer tudo o que tu queres? Eu posso não ser uma boa mulher de negócios, mas sou suficientemente esperta para saber que ele espera algo em troca por te apoiar. Afinal, vai custar-lhe uma fortuna.

– Tudo o que ele quer é receber o capital investido – repetiu Poppy. – É o meu jeito para o negócio que ele admira, Netta, não o meu corpo!

– Não acredites nisso – murmurou Netta. – Bem, vejo que já decidiste, mas ficarei triste por ver-te partir.

Poppy olhou-a, chocada.

– Não vens comigo?

Netta encolheu os ombros.

– Gosto de estar aqui, os meus amigos estão aqui, o meu negócio vai de vento em popa. Como posso deixar tudo e ir para Paris quando sei que não estou preparada para a cidade grande? Vais precisar de raparigas mais espertas do que eu, Poppy, na tua casa de Paris.

– *Mas, Netta, eu preciso de ti* – gemeu Poppy –, *não vês? Não consigo fazê-lo sozinha, não sei nada sobre sexo! Sempre trataste dessas coisas.*

– Então não achas que já é altura de descobrires? – gritou Netta, exasperada. – Lá por teres tido uma má experiência não quer dizer que te prives a vida toda. Oh, sei que não és como eu nem como as outras raparigas, mas nem sequer te permites conhecer um homem, quanto mais apaixonares-te por um. – Suspirou. – Mas, *merde*, quando o fizeres, verás as faíscas a piscar.

– Não estou interessada em amor – respondeu Poppy, suplicante –, tudo o que quero é que venhas comigo para Paris. És a minha melhor amiga, Netta. Só te tenho a ti e ao *Luchay*. Por favor?

– Ouve, pequena – disse Netta, pegando-lhe nos ombros e olhando-a nos olhos. – Eu sei qual é o meu lugar. É aqui que pertenço. Tu és diferente, sempre foste demasiado boa para todas nós. Desta vez, não *precisas* de mim, Poppy, estás melhor por tua conta. Acredita, sabes tudo o que é necessário saber. Não fui eu que fiz desta casa um sucesso. Sem ti, teria sido outro bordel qualquer. Por isso, boa sorte, minha amiga. Mas, lembra-te, tem cuidado com Franco Malvasi.

As coisas de Poppy foram empacotadas e ela preparou-se para partir. Olhou sombriamente em redor do quarto que fora a sua casa durante três anos; dera uma lufada de ar fresco àquelas paredes, contudo, elas já pareciam tristes e vazias, como se nunca lá tivesse vivido ninguém. *Luchay* mexia-se nervosamente na sua gaiola e ela deu meia-volta para o acalmar.

– Vamos gostar de Paris, *Luchay* – assegurou-lhe enquanto ele fazia pequenos barulhos ansiosos –, tudo vai ficar bem. – No entanto, a sua mão tremeu ao pegar na gaiola, pois ela estava tão assustada como ele – e pelo que prometera fazer.

– Tens a certeza de que é isto que queres? – perguntou Netta, preocupada.
– Quando abriste aqui a casa, foi por mim. Mas isto agora é diferente. Não há volta a dar, Poppy. Serás sempre conhecida como uma *madame*.

Uma *madame*... As palavras assustaram Poppy e ela olhou, incerta, para a amiga, a rapariga que a acolhera, que tomara conta dela e a ajudara sem perguntas nem preconceitos. Por um momento, vacilou, depois, lembrou-se da sensação de impotência ao ir de Itália para França em busca de um emprego, e o choque de perceber repentinamente que ninguém a queria e que era uma «zé-ninguém». E lembrou-se dos olhos escuros de Franco Malvasi a queimarem nos seus quando se inclinou sobre a sua secretária, dizendo: *É no seu jeito para o negócio que estou interessado*... Ergueu o queixo, orgulhosa.

– Já sou uma *madame*, Netta – disse ela – e já percebi que gosto mais de ser isso do que ser uma zé-ninguém. Além disso – acrescentou com um sorriso brilhante –, desta vez, tenciono fazer a minha fortuna para nunca mais voltar a ser uma zé-ninguém.

Mas ao sentar-se sozinha no comboio com *Luchay* assustado e encolhido na gaiola ao lado dela, perguntou-se exatamente como iria fazê-lo.

1903, FRANÇA

Ver Paris outra vez fez com que Poppy sentisse dor e prazer ao mesmo tempo – dor pelas recordações que causava e prazer por estar novamente na cidade mais bonita do mundo. Os seus olhos brilharam de excitação, pagou um quarto num hotel pequeno na rue des Saints-Pères, numa zona fora de moda de Saint-Germain, e foi ao Banco de Paris ver se o dinheiro já estava depositado numa nova conta em seu nome, tal como Franco dissera que estaria. Estava – e o montante assustou-a. Era mais do que a casa de Marselha teria feito em quarenta anos!

Tomando uma refeição solitária no restaurante do hotel nessa noite, olhou em volta para os outros hóspedes; havia um jovem de aspeto honesto com a cabeça enterrada num livro turístico; um par de jovens meninas a comerem silenciosamente com os olhos fixos nos pratos; um casal idoso obviamente acabado de chegar da província; e algumas mulheres solteironas a jantarem sozinhas espalhadas pela sala, tal como ela. Com um choque, Poppy apercebeu-se que, com o cabelo severamente penteado para trás, a saia de linho cinzento e a blusa branca, era exatamente como elas – à exceção, claro, de ser mais jovem e de não usar *pince-nez*.

Olhando para o espelho mais tarde, compreendeu que não possuía estilo e que tinha um ar provinciano – certamente não parecia «grande». E como poderia uma pessoa com aspeto de professora solteirona de Marselha esperar gerir a maior casa de Paris? Tinha falta de credibilidade e

identidade, e, se quisesse ser bem-sucedida, devia possuir ambas. Os seus clientes esperariam *estilo*.

Esperara falar com Franco novamente antes de partir para Paris, de forma a discutirem os pormenores da sua nova aventura, mas ele entregara-lhe apenas uma nota rápida, confirmando os pormenores do negócio e informando-a de que a soma de dinheiro seria colocada à sua disposição no Banco de Paris.

– O meu único conselho – escrevera ele no fim – é deixar que a sua criatividade e instinto para o negócio se fundam. Fê-lo, numa pequena escala, em Marselha, mas lembre-se de que está em Paris. Se quer causar impacto nesta cidade dura e esfalfada, onde tudo já foi feito e visto, terá de pensar em *grand*.

Poppy ficou toda a noite acordada a pensar no que fazer e, na manhã seguinte, com olheiras, pediu algumas informações e dirigiu-se para a rue de la Paix e para os salões de alta costura de Doucet e Lucille. Mais animada, pediu vestidos e fatos para o dia e vestidos caros para a noite, pelos quais Lucille era conhecida, todos na cor que era agora a sua imagem de marca: cinzento-pomba.

Parando num cabeleireiro famoso, cortou o cabelo comprido para um tamanho mais em voga, de modo a encaracolar em cima e a cair em ondas nos ombros. Um dos novos esteticistas mostrou-lhe como realçar os traços com um pouco de pó, *rouge*, sombra de olhos de um cinzento-pérola e batom cor de pêssego. Comprou belas luvas de pele de cabra, sapatos e malas e arrojada roupa interior de seda cinzenta com contornos em excelente renda bege. Depois, foi ao grande peleiro, Revillon, e pediu-lhe que desenhasse uma capa de noite de pele de raposa prateada especial até ao chão, e um casaco suave de esquilo cinzento para o dia. Em seguida, dirigiu-se ao luxuoso Hotel Ritz e pediu uma suíte, ordenando que lhe fossem buscar as malas à rue des Saints-Pères.

Finalmente afundou-se, exausta, numa enorme e requintada banheira cheia de água quente e óleos perfumados.

– Agora estou pronta para Paris – exclamou ela em voz alta. – Agora estou a pensar em *grand*.

O próximo passo importante era a casa. O cavalheiro a quem pedira que lhe mostrasse as propriedades nas zonas mais exclusivas de Paris, com as quais lidava, parecia cético até Poppy lhe mostrar um cheque do banco

com o montante em branco pronto a ser preenchido e com as palavras *fundos disponíveis ilimitados* na caligrafia do próprio banco.

– Com certeza, Madame Mallory – exclamou ele, como se já o soubesse e, de repente, foi todo sorrisos e deferência. Contudo, quando ela finalmente escolheu o grande e antigo *hôtel particulier*, uma mansão privada no sofisticado *arrondissement* dezasseis, e assinou o cheque do banco com uma pequena fortuna e mão trémula, Poppy desejou de todo o coração que Franco ou Netta ali estivessem para guiá-la.

Um exército de trabalhadores eficientes, recomendados pelo agente, entraram pela casa adentro convertendo os quartos de cima em suítes elegantes e repavimentando o *hall* com mármore. Mordendo o lábio com as recordações dolorosas, Poppy pediu enormes candelabros de cristal de Veneza; e comprou uma biblioteca inteira feita com painéis de carvalho trabalhado e prateleiras já cheias de livros, diretamente retirados de uma velha mansão inglesa. Adquiriu carpetes *Aubusson* e tapetes de seda da China e Pérsia para que, quando os «convidados» saíssem das camas, só sentissem nos pés descalços suavidade e calor. Pediu banheiras feitas de ónix com graciosas torneiras douradas em forma de cisne com olhos em malaquita e lápis-lazúli; e exigiu que o tecido de brocado para os cortinados e sofás fosse especialmente confeccionado em Lyons numa inteligente mistura de tons «desmaiados» de coral e pêssego, menta e verde pálido e azuis suaves, decidindo que não queria mobília vulgar e a condizer; queria apenas as peles mais antigas e bonitas que vira nas grandes lojas e pelas quais se apaixonara. Sentia-se como uma milionária maluca a gastar como se não houvesse amanhã, mas tivera sempre em mente o facto de Franco Malvasi esperar o retorno do seu investimento.

Por fim, os seus próprios aposentos no piso térreo foram mobilados e ela mudou-se. Eram tão simples, práticos e elegantes como os seus novos vestidos de alta costura. As paredes do seu quarto estavam cobertas de seda cinzenta pálida plissada que condizia com o tecido do dossel da sua cama. Os tapetes eram do mais pálido azul-acinzentado e os cortinados de franzido tafetá branco. Os quadros nas paredes eram os seus favoritos de sempre, trazidos da sua estranha e amadora coleção de Marselha, e os poucos ornamentos eram seus. Contudo, pensando em *grand*, pediu a John Singer Sargent que pintasse o seu retrato para pendurar na biblioteca.

Ela própria pagara tudo o que havia no apartamento – nem um cêntimo de

Franco Malvasi estava a ser gasto no que não era o negócio propriamente dito. Porém, sabia que também devia ser um pouco escandalosa e, lembrando-se da promessa de tornar *Luchay* o Príncipe dos Papagaios, pediu ao grande joalheiro Bulgari, de Roma, que desenhasse uma linda nova gaiola e um poleiro cheio de joias.

– Será completamente diferente daquele velho cabo de vassoura no quarto frio de Netta, em Marselha – disse ela a *Luchay* carinhosamente. Depois, subindo para a sua nova cama com o papagaio pendurado no ombro por companhia, chorou até adormecer, pois não sabia realmente o que fazia e tinha muitas saudades de Netta.

Escondendo os nervos sob os novos vestidos de alta costura, Poppy começou a sair, sempre sozinha, pois não conhecia nenhum homem que pudesse acompanhá-la. Teve consciência da vaga de interesse quando se sentou no camarote do Folies-Bergère, envergando um sofisticado vestido e sumptuosas peles cinzentas; observou o público para ver o que este gostava nos artistas. Ignorou a gentilha e concentrou-se nos homens obviamente ricos e aristocratas que se encontravam ali para ver as raparigas do espetáculo, não meramente para solicitar uma prostitutazinha do balcão. E reparou que não era apenas a rapariga com o peito mais voluptuoso ou com o traseiro mais bonito ou com as pernas mais compridas que eles admiravam – apesar de estes atributos ajudarem –, era também a personalidade da rapariga e o toque do inesperado. Era a pequena loira cómica com rosto de querubim que entoava canções estranhas com uma expressão inocente, e a *chanteuse* arrogante de pele leitosa vestida num traje branco de freira que abriu para revelar uma atrevida roupa interior de renda preta, que mal lhe tapava os exuberantes seios, que provocavam tremores na coluna de todos os homens. Era a bailarina ruiva com um corpo ágil e versátil que brilhava com puro vigor e vivacidade, e a misteriosa cantora oriental vestida com opulentas sedas chinesas cuja principal atração era o ar de mistério e desconhecido. «Mistério», inesperado, toque de maldade, comédia, energia graciosa... Poppy viu que estas eram as características que os homens admiravam.

Uma noite, teve uma entrada triunfal no Maxim's, idolatrada pelo *maître* e empregados servis. Usava a sua capa de pele de raposa prateada até ao chão

sob a qual envergava o vestido de *chiffon* escorregadio cinzento, justo no pescoço e nos pulsos. O seu cabelo ruivo parecia vibrar contra a cor fria e as maravilhosas cinco filas de pérolas de prostituta brilhavam contra a sua pele pálida. Todos os homens no restaurante se viraram para a observar e as mulheres olharam para ela de soslaio, pressentindo uma nova rival nas suas fileiras de cortesãs já altamente competitivas. Mas Poppy recusou declinar as pequenas notas e as garrafas de champanhe que lhe foram enviadas por admiradores intrigados, abanando a cabeça e exibindo o seu pequeno e secreto sorriso. Estava ali para aprender, não para se integrar. No entanto, estava desesperadamente preocupada, pois, embora agora soubesse o que queria, ainda não fazia ideia de como recrutar as suas «meninas».

Simone Lalage era uma das cortesãs de topo de Paris há quinze anos – uma mulher de luxo reservada que, apesar de já não ser tão jovem como dantes, era ainda muito bonita. Simone não era uma mulher esperta, mas herdara uma inata astúcia provinciana de uma geração de antepassados agricultores de Languedoc e tinha um corpo que rivalizava com o de qualquer estrela de musicais de dezassete anos. Após um começo duro de vida, conseguira amealhar uma fortuna em joias e dinheiro, porém, nunca se esquecera da sua dívida de gratidão para com Jacques Nobel, o homem que a iniciara na sua brilhante carreira. E, ao percorrer os três quarteirões que separavam a sua casa na rue Le Seur, do número 16 da rue des Arbres, pagava esse favor.

Desde que Jacques a chamara há quatro meses e lhe dissera que Franco Malvasi queria que ela ajudasse Poppy, mas sem deixar que esta soubesse, Simone mantivera tudo debaixo de olho. Fora ela que chamara o agente imobiliário e guiara Poppy à casa certa, na rua certa; fora ela que se certificara de que eram enviados os trabalhadores certos à casa para terminarem o trabalho em metade do tempo; fora ela que chamara o velho amigo, o *maître d'hôtel* do Maxim's, e lhe falara sobre Poppy, pedindo-lhe para a sentar num lugar proeminente. Simone conhecia toda a gente importante de Paris; tinha sempre um olho inquisitivo para os últimos escândalos e novas modas, e parecia saber sempre o que ia acontecer antes de acontecer. Os boatos em Paris diziam que, se se quisesse saber *o que quer que fosse*, bastava perguntar a Simone Lalage.

A sua brilhante limusina castanha *De Courmont* parou diante do número 16, na rue des Arbres, e o motorista abriu a porta antes de subir os degraus para tocar à campainha. Uma jovem empregada, num modesto vestido preto e avental de musselina branco com adornos, flutuou respeitosamente quando o motorista a informou de que Madame Lalage estava ali para falar com Madame Mallory.

Simone olhou em volta criticamente, observando os bonitos tapetes persas, a impecável mobília antiga, as agradáveis e suaves cores dos cortinados, as enormes quantidades de flores – e o tabuleiro de prata vazio na mesa de parede onde normalmente estariam dispostos uma dezena de cartões de visita brancos, cuja desolação revelava que ainda ninguém se correspondera com Poppy.

Inspecionou de perto o que, em breve, seria o «sucesso» de Paris enquanto Poppy descia as escadas cobertas por um tapete azul, em direção a ela. A rapariga continuava admiravelmente jovem e elegante como a podiam tornar os melhores costureiros, e a sua escolha do cinzento pálido fora uma jogada de mestre. O seu lindo e aparentemente selvagem cabelo ruivo estava preso dos lados e caía-lhe nos ombros em exuberantes madeixas de caracóis executadas por um artista. Os seus olhos azuis tinham uma inclinação arrogante apesar de parecerem apreensivos. Poppy ainda não aprendera a mascarar os sentimentos, pensara Simone, apesar de saber que aprenderia a fazê-lo mais tarde ou mais cedo. Jacques Nobel dissera-lhe que era uma mulher bastante inteligente. E, julgando pela casa e pelas incríveis pérolas, já fizera a sua primeira conquista!

– Minha querida – disse ela, avançando arrogantemente em direção a Poppy e oferecendo-lhe a mão numa imaculada luva de pele de cabra lilás que condizia perfeitamente com o vestido –, não pode simplesmente ter uma rapariga tão nova a abrir a porta, tem de arranjar já um mordomo.

– Um mordomo? – repetiu Poppy, chocada.

– Naturalmente. – Simone esboçou o seu famoso sorriso, mostrando duas covinhas surpreendentes nas faces redondas e suaves. – Numa casa deste tamanho tem de ter os empregados adequados, caso contrário o que pensarão as pessoas? E em Paris, minha querida, o que importa é o que as *pessoas pensam*. É tão fácil estar fora de moda. – Enquanto Poppy a olhava, confusa, ela acrescentou agudamente: – Bom, vamos ficar no *hall* o dia todo? Ou vai levar-me para o salão e oferecer-me chá?

– Chá? Oh, sim, claro. – Poppy sorriu de orelha a orelha; depois de todas aquelas semanas sozinha estava muito aliviada por ter companhia, ficaria mais do que feliz por tomar chá com uma pessoa qualquer. Além disso, sabia quem Simone Lalage era e agora ela parecia um presente caído do céu. Simone sabia tudo o que ela precisava de saber.

– Estou aqui porque fiquei curiosa – explicou Simone, com os astutos olhos escuros a olharem para todos os pormenores da sala luxuosa enquanto bebia chá de jasmim numa linda chávena de Limoges. – E, como moro ao virar da esquina, não precisei de andar muito para matar a minha curiosidade. Deve considerar-me como uma vizinha, minha querida – disse ela, inclinando-se para a frente e dando palmadinhas bondosas no joelho de Poppy com a mão enluvada. – Claro que reparei em si no Maxim’s. Disseram-me que vai lá todas as noites há um mês e ouvi boatos de que também foi vista no Folies, em teatros e musiciais. E sempre sozinha. Não é surpreendente para alguém da sua óbvia riqueza e aparência? Suponho que estamos no mesmo ramo, não é assim? – Ela sabia perfeitamente qual era o ramo de Poppy, contudo, pelo seu sorriso inocente, Poppy nunca teria adivinhado.

– Não é *bem* o mesmo ramo, Madame Lalage – disse Poppy cautelosamente –, na verdade, de momento não estou em ramo nenhum.

– Trate-me por Simone, minha querida – disse ela – e sirva-me mais desse delicioso chá de jasmim enquanto se explica.

Atrever-se-ia a perguntar?, questionou-se Poppy, inspecionando-a sob as pestanas enquanto lhe servia mais chá. Simone era alta e escultural, com pele de azeitona inteligentemente abrilhantada com *rouge* e um espesso cabelo escuro comprido que usava puxado para trás num elegante carrapito. Estava maravilhosamente vestida e usava o que parecia ser vários milhões de francos em diamantes – havia filas deles à volta do seu pescoço, alfinetes em forma de estrela pregados ao peito, grandes gotas em forma de pérola nas orelhas e meia dúzia de anéis nos dedos.

Os olhos de Simone brilharam como os seus diamantes ao dizer, casualmente:

– Sou uma provinciana de coração, minha querida, transporto sempre alguma da minha fortuna pessoal na minha pessoa. Sinto que não se pode confiar cegamente nos bancos, não acha?

Poppy riu-se.

– Simone – disse ela –, tenho um problema. Esta casa não é só para mim, é para o que será o coração da minha nova aventura empresarial.

– Ai, sim! – exclamou Simone, interessada, como se o ouvisse pela primeira vez. – Então porque não fala dela? Talvez eu possa ajudá-la com o seu problema. Afinal, minha querida – acrescentou com um sorriso encantador –, dizem que não há nada que eu não conheça em Paris, seja a fazê-lo ou a consegui-lo!

Pela segunda vez, Poppy soube que tinha de depositar a sua confiança numa estranha e voltou a sentir que não estava equivocada. Começou por contar-lhe sobre o Poppy's, em Marselha, e, sem referir o nome de Franco, disse que contava com o apoio de um homem rico para abrir a sua própria casa, que seria a maior de Paris – no seu próprio estilo.

– Não é um bordel – sublinhou ela a Simone determinada –, é mais como um clube de cavalheiros, um lugar civilizado onde um homem possa relaxar e talvez jantar ou beber com os amigos ou fazer negócios. E, se também desejar a companhia de uma jovem atraente e inteligente por uma hora, ou assim, ou a noite toda, tê-la-á. – Suspirou pesadamente. – O único problema é que não sei onde encontrar as raparigas.

– É simples, minha querida – afirmou Simone bruscamente –, assim que as raparigas ficarem a saber disto, *elas* próprias contactá-la-ão. E certificarme-ei pessoalmente de que só as raparigas adequadas ficarão a saber.

– É importante – disse Poppy veementemente. – Não pode ser o mesmo tipo de rapariga que encontraríamos numa casa qualquer. Tem de ser inteligente e também atraente, mas é claro que a beleza será um bónus. E, claro, terá de ser esperta na cama, mas também deverá saber como entreter um homem, como fazê-lo sentir-se feliz para que fique satisfeito por estar na nossa casa, na nossa companhia. Deverá ser capaz de aprender; necessitará de ler livros e jornais para poder falar das artes e do que ocorre. – Olhou com seriedade para Simone. – Quero que as minhas raparigas sejam capazes de se sentar para jantar com políticos e homens de negócios, ou com artistas, atores, ou escritores, e que sejam capazes de falar com eles de maneira inteligente sobre o seu mundo. Quero que os meus clientes se sintam em casa aqui, tal como um homem se sente no seu clube.

– Compreendo – retorquiu Simone, pensativa –, com que então é uma mulher *esperta*, Poppy, e bonita. Oh, sim, é muito bonita, sabe – disse ela fazendo Poppy corar –, especialmente quando é intensa dessa forma... Toda

essa energia, brilhantes olhos azuis e cabelo ruivo. E onde está o homem da sua vida? Poderá ser este misterioso homem rico que a apoia?

Poppy negou com a cabeça, corando ainda mais.

– Não, não, claro que não... – murmurou ela –, estou demasiado ocupada para esse tipo de coisa.

Simone pousou a chávena de chá e endireitou o seu caro chapeuzinho de palha lilás.

– «Esse tipo de coisa», como lhe chamou, Poppy, é o que faz girar o mundo – comentou ela a rir-se. O seu sorriso era malicioso e, por um instante, Poppy apanhou um lampejo da rapariga que ela fora anteriormente. – E, além disso, é o que me mantém jovem. Sexo uma ou duas vezes por dia continua a ser a minha receita para o meu bem-estar físico, e para os meus olhos terem este brilho e a minha face ter um pouco de cor. E também é o sexo que a tornará muito rica e famosa – acrescentou astuciosamente. – Vou espalhar a palavra, minha querida, pelo que é melhor contratar o tal mordomo antes que a pequena empregada fique exausta de tanto abrir a porta. É claro que para um mordomo *compreensivo* tem de ir ao Smith's, a agência inglesa. Os ingleses são sempre muito mais tolerantes com estas coisas, não são? Tem de vir ao meu próximo jantar – disse-lhe ela ao entrar no magnífico carro castanho –, dou um todos os meses, sabe. São bastante famosos. É um golpe de mestre ser convidado para um dos jantares de Simone Lalage, o seu primeiro golpe em Paris, mas não o último – acrescentou ela acenando adeus.

Poppy foi à agência Smith's no dia seguinte e entrevistou mordomos, escolhendo um homem digno de cabelo grisalho cuja expressão não comprometedoramente nunca mudara ao longo da entrevista. Chamava-se Watkins e era um inglês bem-educado, alto e discreto no seu fraque de mordomo preto e calças cinzentas às riscas, altamente recomendado por uma duquesa sem sorte que já não podia pagá-lo. Poppy explicou-lhe delicadamente como era a sua «casa», mas ele limitou-se a assentir e a dizer gravemente:

– Compreendo, *madame*. A casa da Duquesa também era um pouco excêntrica.

Nas semanas seguintes, Watkins esteve muito ocupado a responder a um

fluxo de jovens raparigas que tocavam à porta, algumas delas eram bonitas mas todas eram atraentes vestidas elegantemente e esperavam tornar-se uma «menina» do Poppy's.

Sentada atrás da grande secretária de tampo em pele do seu escritório, que escolhera por parecer impressionante, Poppy questionava-as atentamente e, se elas eram demasiado jovens ou obviamente sem experiência, dizia-lhes sinceramente que não estava disposta a levar raparigas tão novas para um mau caminho por pensarem que podiam fazer dinheiro fácil.

– Acredita – dizia ela –, nunca é fácil. É melhor voltares para a tua cidadezinha ou vila na província de onde vieste, casares com o jovem vendedor ou agricultor simpático e ter um monte de filhos. É aí que está a felicidade, não aqui.

E não escolhia as raparigas mais bonitas; queria raparigas espertas que pudessem aprender, que gostassem de sexo e que fossem diferentes, cuja personalidade, humor ou perspicácia brilhassem. Quando as escolheu, disse-lhes que teriam de ter aulas de etiqueta e comportamento e que tinham de aprender a vestir-se.

– A vossa aparência é importante – disse-lhes ela –, tal como a vossa voz e a vossa atitude. Podem não ter nascido em berço de ouro, mas em breve tornar-se-ão senhoras. Já conhecem a velha história, «uma senhora na sala, uma prostituta na cama», bem, é isso que devem ser, se for isso que o homem quiser. Mas, lembrem-se sempre, vocês controlam a situação, se não gostarem do homem ou do que ele vos pede, digam-nos que nós mandamo-lo embora. Não abdicarei de nenhuma regra – disse-lhes simplesmente –, afinal, queremos agradar e, como sabem, os prazeres dos cavalheiros variam.

Elas olharam-na expectantes quando ela tocou no tema sexo e Poppy esforçou-se para se recordar do que Netta e Simone lhe tinham contado. Afastando o tremelique da voz com muito esforço – pois tinha consciência de que elas sabiam muito mais sobre o assunto do que ela, falou suavemente.

– Se um homem quiser mais do que uma parceira, e se vocês gostarem disso, então não faz mal nenhum – afirmou rapidamente. – Alguns homens gostam de vestir roupas de mulher, ou ser tratados como rapazinhos malandros, e alguns gostam de ver. Alguns não quererão nada a não ser o prazer da vossa agradável companhia – prosseguiu ela, lembrando-se das

palavras de Netta –, talvez só um carinhoso beijo de boa noite. Muitos homens estão *desejosos* de receber amor e afeto e, apesar de não poderem comprar amor, podem certamente comprar afeição. E lembrem-se sempre – disse-lhes, firme –, se se comportarem como uma senhora, serão tratadas como uma senhora...

Pensando em *grand*, Poppy enviou-as aos melhores cortureiros, dizendo-lhes que esperava que estivessem sempre bem vestidas e aprumadas, mesmo quando não se encontrassem a trabalhar, pois como «meninas do Poppy's» deviam manter a reputação de serem as mais elegantes de Paris. Encontrou um professor de dicção para as livrar dos sotaques provincianos e dos tons graves, até falarem tão suave e melodiosamente como uma grande atriz; contratou tutores para lhes ensinar tudo sobre as artes e enviava-as aos teatros para verem as últimas peças; dava-lhes a ler os últimos romances, biografias e livros de filosofia e fazia-lhes testes para ver onde residiam os seus interesses pessoais. Pagou lições de comportamento, maneiras, etiqueta, vinhos e comida. Em dois meses, cobrira tudo e, no final do curso de artes sociais, enviou-as aos grandes restaurantes – sozinhas – para testar o seu *savoir faire*. Todas as suas meninas passaram no teste com distinção, regressando, contentes, com histórias de *maîtres* servis e atentos e a atenção interessada de clientes.

Poppy estava satisfeita, as suas meninas podiam ir agora a qualquer lado. É claro que não lhes podia dar lições sobre o que fazer «no andar de cima», como ela própria apelidara; teria simplesmente de confiar em Simone Lalage que lhe prometera que tudo correria bem.

A casa estava finalmente pronta. O seu retrato de corpo inteiro de Sargent, num grande e fluido vestido cinzento pálido, dominava a biblioteca e *Luchay*, no seu maravilhoso e encrustado poleiro dourado, esperava no *hall* para impressionar os convidados.

Com a ajuda de Simone, organizou uma festa de abertura, enviando cartões brancos gravados nas melhores lojas de artigos de papelaria, afirmando que *Madame Poppy* estaria *em casa, no número seize, rue des Arbres, na noite de dez de dezembro, entre as 9:30 e a meia-noite*.

Dois cozinheiros novos foram contratados, um especializado em *haute cuisine* tradicional francesa, e o outro em pratos exóticos estrangeiros da China e da Índia. Na noite da festa, Poppy inspecionou os aparadores instáveis cheios de travessas de prata, lembrando-se de quando era criança

em Russian Hill, passando o dedo na musse de chocolate e dando uma dentada na perna do peru enquanto o papá jogava póquer e as coristas dançavam. Agora, era *ela* quem dava a festa. «Voltei à estaca zero», pensou. «Eles tinham razão, tal pai, tal filha...»

As raparigas estavam alinhadas no salão à espera da sua inspeção e Poppy dirigiu-se a elas removendo um par de brincos demasiado ostensivo ali e endireitando um laço acolá, recuando e observando-as finalmente com ar de aprovação. Os costureiros tinham feito um excelente trabalho e cada uma delas transparecia a sua própria personalidade – a vistosa vestia-se vistosamente, a modesta, modestamente e a mais excêntrica, de forma diferente – porém todas pareciam, soavam e comportavam-se como «senhoras».

– Sinto-me orgulhosa de vocês – disse-lhes ela simplesmente. – Mas sintam orgulho em vocês próprias e não se arrependarão de terem vindo trabalhar para mim.

Envergando um vestido cinzento comprido e as suas pérolas, e com um aroma a gardénias no cabelo, deambulou pelo lindo tapete *Aubusson* no *hall*, atirando olhares ansiosos a *Luchay*, que se movia para cima e para baixo no poleiro, e a Watkins, que esperava impassivelmente junto à porta. Perguntou-se se Franco Malvasi apareceria. Ela enviara um convite à sua *villa* de Nápoles, mas não obtivera resposta. Aliás, não tivera uma única palavra dele nos quatro meses que levara a erguer aquela casa e pensou, preocupada, se ele perdera interesse na sua nova «aventura de negócio». No entanto, o dinheiro continuava no Banco de Paris se ela o quisesse gastar, mas era evidente que anotava todos os cêntimos que entravam nos imaculados livros de contabilidade mantidos pelos contabilistas mais do que reputados recomendados pelo banco.

Não tinha de se preocupar com os convidados. Simone fez saber que iria à festa mais elegante de Paris e, por ora, toda a gente ardia de curiosidade. Chegaram em carros, os ricos, aristocratas, as estrelas de teatro e de musicais, as cortesãs e algumas curiosas – e aventureiras – senhoras. Mas Franco Malvasi não se encontrava entre eles. Ficaram maravilhados com *Luchay*, o guardião orgulhoso do *hall* no seu poleiro *Bulgari* cheio de joias do tamanho de bolas de ténis; admiravam o retrato de Poppy pendurado na biblioteca e elogiavam-no extravagantemente. Bebiam o seu champanhe e comiam a sua comida. E conheciam as meninas encantadoras que davam

provas de terem aprendido bem as suas lições e se misturavam discretamente com os convidados. Simone disse-lhe, depois, que tinha a certeza que todos os homens que haviam ido à festa queriam regressar.

– O *numéro seize, rue des Arbres*, está no mapa – disse ela, contente –, conseguiu, Poppy.

Ainda assim, ao fechar a porta, exausta, depois de o último convidado sair, Poppy pensou melancolicamente por que razão Franco não testemunhara o seu triunfo.

1904, FRANÇA

O «clube» discreto e bastante dispendioso no *nombre seize*, rue des Arbres, tornou-se uma palavra-passe junto dos que conheciam a Paris da moda. Diziam que a comida do *Número Seize* era a melhor do mundo e que a fabulosa biblioteca tinha livros que satisfaziam a curiosidade de todos – desde uma preciosa coleção erótica a livros de filosofia e ciência, assim como os últimos romances. Diziam que um homem podia ler o jornal em paz na biblioteca do Número Seize, e que podia comer uma deliciosa refeição ligeira – sozinho, se desejasse, ou na companhia de uma linda menina que compreendia o que ele dizia quando se gabava dos seus êxitos empresariais. Diziam que um homem se sentia em casa no Número Seize, que podia relaxar e ser ele próprio – ou quem quer que desejasse. E, se quisesse mais, diziam que, sob a aparência de clube elegante e campestre, um homem quase podia sentir o *aroma* do luxo no ar do Número Seize. Estava tudo à disposição – mediante um preço, claro, pois a taxa de filiação do Número Seize era chocante.

Todos os quartos das raparigas estavam decorados para condizer com as suas personalidades; papel de parede chinês exótico e tinta vermelha para Han-Su, a odalisca meio javanesa, meio francesa que tinha a reputação de enlouquecer os homens com o longo cabelo preto brilhante, fino como seda, até aos joelhos, que lhe cobria tentadoramente o corpo voluptuoso. Han-Su entrelaçava um homem naquele cabelo, diziam, provocando-o com a sua

suavidade, atando-o à volta do pescoço enquanto o montava e passava as unhas longas e vermelhas ao longo da sua carne até ele tremer de desejo. Han-Su conhecia segredos orientais para controlar os músculos que faziam com que um homem experimentasse novos níveis de paixão, não uma, nem duas vezes, mas várias vezes; depois, interpretava o papel de empregada oriental obediente, lavando o corpo do homem e tentando-o, trazendo-lhe chá de jasmim e champanhe.

Depois, havia Belinda, a pequena loira inglesa com pele leitosa no quarto fresco de tecido *toile de jouy* azul e branco, com olhos azuis inocentes, grandes e sedutores, e caracóis loiros cuidadosamente elaborados, voz suspirada de menina e um francês encantadoramente fraturado. A cintura de Belinda era tão fina que um homem podia facilmente contorná-la com as duas mãos, e os seus seios tão generosos que ela era capaz de meter o órgão masculino entre eles e apertá-lo até o homem quase desmaiar de prazer.

Havia também papel de parede amarelo e listado para a elegante Solange de cabelo âmbar, que nunca usava roupa interior e deixava que todos os homens o soubessem. Solange tinha pernas compridas e um traseiro redondo e, quando o seu luxuoso vestido de *chiffon* do *Lucille* flutuava e lhe delineava as curvas, eles olhavam para ela, especulativos, comparando a sua imagem descontraída e senhorial com o que sabiam que existia por baixo – e dizia-se que Solange gostava do seu trabalho mais do que as outras. Solange adorava sexo; não usava roupa interior porque gostava do *frisson* de prazer do seu corpo nu por baixo do vestido caro; era atrevida e seletiva; porém, quando um homem lhe dava prazer, ela fazia-o sentir-se como um rei.

Havia um quarto misterioso com as paredes pintadas de preto e lençóis de cetim escolhidos por uma beleza de olhos escuros da Tunísia, que, dizia-se, trouxera com ela os segredos antigos e milenares dos haréns. Mafelda nunca sorria, porém, os seus grandes e sonolentos olhos trespassavam tão ardentemente um homem como o vento do deserto, como se mal conseguisse esperar para lhe explorar os segredos do corpo. Mafelda possuía cabelo preto de *henna* e pele suave e bronzeada, e tinha o ritual, antes de fazer amor, de massajar o homem com óleos perfumados, esfregando e apertando suavemente todas as partes do seu corpo, lubrificando e esfregando enquanto ele gemia de prazer. Depois, ela tomava-o como uma leoa selvagem com o cio.

Magda era uma atrevida jovem húngara com uma estrutura óssea elevada, boca cruel e apaixonada, e uma juba de cabelo loiro, que reclamava descender da realeza e usava sempre luvas brancas compridas, até quando fazia amor. Tinha um opulento quarto de renda branca e cetim azul-escuro onde mantinha a sua corte, descalçando os chinelos de cetim dos perfeitos pés magros e ordenando ao homem que os beijasse, empurrando-o para trás arrogantemente com o pé quando a mão dele deslizava, ansiosa, pelo seu tornozelo, gêmeo sedoso, anca quente... Ordenava-lhe que pedisse desculpa e depois fazia com que ele se prostrasse aos seus pés antes de permitir a mais pequena das carícias. Fazer amor com Magda era um privilégio que, na verdade, poucos alcançavam, mas aqueles que preferiam os seus métodos ficavam satisfeitos com as suas recompensas particulares... O pé atrevido de cetim nas partes privadas bastava para os encher de êxtase.

O quarto de Villette tinha um pequeno palco delineado por espelhos onde ela se podia observar a si própria a dançar. Villette era uma exibicionista vistosa com corpo de Vénus, que não gostava de mais nada a não ser mostrá-lo. Villette queria desfilar para um homem – ou homens, pois, para ela, quanto mais, melhor. Dançava para eles, removendo todos os véus de *chiffon* das suas magníficas curvas de alabastro e arrastando-os, ainda quentes e a cheirar à sua carne, pelos rostos e corpos deles, devagar, provocadora, até tudo ser revelado. Podia dizer-se que Villette estava mais apaixonada por si própria do que por um homem qualquer, mas todos eles adoravam a sua «performance».

Depois, havia Chloe, que era um pouco mais velha e cujas curvas amplas tinham um charme maternal; e Belkis, cujos enormes olhos escuros de órfã, peito pequeno e traseiro firme tinha uma atração de menina; e havia ainda Martina e Floquette, que gostavam de trabalhar sempre juntas e conheciam o corpo uma da outra tão intimamente como o seu próprio, gostando uma da outra como se fossem irmãs. E a especial Véronique, que compreendia como desvendar os segredos de um homem e realizar-lhe todas as fantasias. Havia algo para satisfazer todos os gostos no Número Seize.

E, claro, a mulher que secretamente todos os homens desejavam era a linda e misteriosa Poppy. Estava sempre lá para os cumprimentar, sempre vestida de cinzento e sempre com um sorriso nos brilhantes e sedutores olhos azuis. Poppy era o sucesso de Paris. Quem era e de onde vinha tornaram-se as perguntas dominantes que mais pessoas faziam, contudo,

ficavam sem resposta. Poppy permaneceu um enigma encantador, sempre amigável, sempre sorridente – e sempre sozinha.

Estava uma noite gélida de fevereiro e as lareiras brilhavam, alegres, em todos os quartos, enchendo a casa com um confortável aroma a maçã, enquanto, lá fora, a neve e a lama se empilhavam nos passeios. Havia poucas pessoas nas ruas impetuosas e o grande salão estava calmo, apenas com o som de uma das raparigas a tocar Mozart ao piano, o murmúrio baixinho da sala de jantar onde uns poucos cavalheiros desfrutavam de uma refeição e falavam de negócios, e o toque dos tacos de bilhar vindo da biblioteca.

Poppy ocupou-se à secretária, passando a caneta pelas longas colunas de números, comparando os rendimentos de cada mês com os do mês anterior e assentindo aprovadoramente. Olhou para o pequeno relógio de prata em cima da secretária. Eram onze e meia da noite e ela recostou-se na cadeira, a bocejar e a passar as mãos cansadas pelo cabelo. Desde que o Número Seize abrisse há dois meses que não tivera um dia de folga; sentia-se exausta e assustada com o que fazia, apesar de nunca se dar ao luxo de o mostrar – à exceção de quando estava sozinha, tal como agora. Se algum dia teve a mais pequena réstia de esperança de poder regressar a casa, ao Rancho Santa Vittoria, um dia, e ser perdoada, já a perdera. Cortara os laços com o passado e o seu futuro era como a mais elegante – e, um dia, a mais rica – *madame* de Paris. Mas mesmo quando tentava dizer a si própria que as suas meninas eram como Netta e se venderiam a torto e a direito onde quer que fosse, e apesar de se consolar ao pensar que, pelo menos, elas estavam melhor a trabalhar ali para ela, sabia que o que fazia era errado. Porém, dizia a si própria, cansada, que já ninguém se importava com o que ela fazia ou deixava de fazer. A não ser *Luchay*.

Ainda assim, o Número Seize era um êxito indiscutível. Demoraria um pouco a recuperar o investimento inicial, mas, com a deliberada taxa de filiação elevada que também servia para manter o clube exclusivo, não demoraria tanto como temera. É claro que as suas despesas gerais eram enormes – mas também o eram os seus preços, e depressa descobriu que quanto mais caras as coisas eram, mais satisfeitos os clientes ficavam por pagá-las. Pareciam convencidos de que o caro devia ser bom.

– E, no nosso caso, é mesmo – disse ela, voltando a bocejar, tão perdida nos seus pensamentos que não ouviu a porta.

– Bem, como está a minha parceira de negócio? – perguntou uma profunda voz masculina. Os olhos dela abriram e fixaram-se, chocados, em Franco Malvasi. – Olhou para mim como se eu fosse um fantasma – riu ele –, mas asseguro-lhe de que sou bem real. Tome, sinta a minha mão, está fria mas o pulso ainda bate, o sangue ainda corre pelas minhas veias.

– Não estava à sua espera... – gaguejou Poppy, sem palavras. O seu coração batia aceleradamente e ela sentiu-se excitada e nervosa ao mesmo tempo.

Franco bateu com o cigarro na cigarrilha.

– *Permeoso?* – perguntou ele, depois, franzindo o sobrolho, disse: – Não, claro que não, recordo-me que não deixa que se fume nos seus aposentos.

Usava roupas de noite e Poppy pensou que o seu cabelo parecia mais grisalho, contrastando ainda mais severamente com o seu rosto ainda jovem, profundamente marcado por rugas de preocupação e tensão. Reparou, fascinada, nos pelos finos e pretos nas costas da mão dele quando pousou a cigarrilha na mesa e se sentou diante dela.

– Gosta da casa? – perguntou ela, ajeitando ansiosamente o cabelo despenteado. – Receio que custe muito dinheiro, mas disse-me para pensar em *grand*.

– Nunca receie gastar dinheiro num bom investimento – respondeu Franco, friamente –, como tenho a certeza de que sabe pelos livros de contabilidade que tem à frente. Os números já são ótimos para um negócio tão recente.

– Fico muito satisfeita – retorquiu ela, suspirando de alívio –, nem imagina quantas noites passei acordada a pensar por que razão nunca me vinha visitar. Pensei que pudesse estar zangado ou que perdera o interesse.

Franco fechou os olhos por um momento para que ela não lhe lesse a expressão. Que outra mulher lhe teria confessado os pensamentos de forma tão inocente? No mundo dele, todas as palavras ditas tinham perigosos significados subentendidos; nada era o que parecia. A sinceridade de Poppy encheu-o de ternura. Afastou o desejo que teve de tomá-la nos braços e dizer-lhe que pensara nela todos os dias desde há meses; que andara de um lado para o outro nos tapetes da sua *villa*, em Nápoles, a fumar cigarro atrás de cigarro, pensando no que estaria ela a fazer e dizendo a si próprio que

não podia vê-la, que ainda não era altura. Quis dizer-lhe que sonhara tê-la nos braços tantas vezes que quase sabia como isso seria, como ela responderia ao seu amor carnal...

Abanando as asas, *Luchay* voou do seu poleiro dourado e colocou-se na secretária entre eles, agachando-se e olhando com hostilidade para Franco.

– Não sei se o seu papagaio gosta de mim – disse ele, com um sorriso.

– Claro que gosta. *Luchay* é muito amigável. – Poppy pegou no pássaro, acariciando-lhe gentilmente as penas. – Provavelmente só tem fome, nada mais. Não me apercebi de que era tão tarde.

– Então é demasiado tarde para convidá-la para jantar?

Ela mordeu o lábio, envergonhada.

– A verdade é que tenho por regra nunca jantar com cavalheiros aqui. Se me virem a jantar consigo, pensarão que mudei de ideias e de certeza que ficarão furiosos quando eu recusar jantar com eles.

Franco lembrou-se do seu lindo retrato que acabara de ver pendurado na biblioteca para todos admirarem – e desejarem – e ardeu com uma inveja repentina e selvagem ao pensar nos outros homens a jantarem com ela, a namoriscarem com ela, a pedirem-lhe favores. Encolheu os ombros, friamente.

– Como quiser.

– Claro que posso pedir ao cozinheiro para preparar algo especial e servi-lo nos meus aposentos – sugeriu ela, a corar. – Isto é, se não achar que estou a ser demasiado atrevida ao convidá-lo para lá ir.

– Minha cara Poppy – riu ele, com o coração aliviado –, não saberia como ser atrevida, faz parte do seu encanto.

Poppy não sabia se aquilo era um elogio ou não, mas, sentindo-se ridiculamente agradada, liderou o caminho para as suas salas. Ficavam no primeiro andar, davam para um pequeno jardim e eram muito afastadas das atividades do resto da casa.

Franco ficou surpreendido com a simplicidade; não havia ali nenhuma da opulência luxuosa da restante casa, apesar de tudo ser confortável e bonito. O seu único luxo pareciam ser os vasos de gardénias de estufa cujo aroma subtil e vertiginoso lhe pairava nas narinas. O fogo ardia na lareira e, junto ao sofá de brocado azul, havia uma pequena mesa cheia de livros.

– Os livros são o meu escape – comentou Poppy, seguindo o olhar dele. Hesitou e depois acrescentou. – Quero que saiba que não gastei nem um

cêntimo do seu dinheiro nos meus aposentos. Não me pareceu correto pensar em *grand* aqui. Afinal, ninguém os vê a não ser eu.

Ele podia tê-la beijado por aquelas últimas palavras, ninguém mais ia ali a não ser ela. A sua Poppy estava sozinha, graças a Deus, oh, graças a Deus... Pegando numa gardénia, colocou-a na casa do botão do seu casaco.

Ela chamou um empregado e pediu um maravilhoso e pequeno jantar, selecionando um vinho da lista com um franzido concentrado. Depois, colocou *Luchay* no seu poleiro e deu-lhe um pratinho com sementes, virando-se para Franco, culpada.

– Sou uma péssima anfitriã – disse ela. – Esqueci-me de lhe perguntar se deseja beber alguma coisa.

– Não – respondeu ele –, mas gostava que viesse para aqui e se sentasse ao meu lado. Diga-me, está a gostar de Paris? Já fez amigos?

Ela sentou-se ao lado dele, rígida.

– Amigos? – perguntou, franzindo o sobrolho. – Só uma, a Simone Lalage. Ajudou-me tanto, não sei o que teria feito sem ela.

Ele sorriu.

– A Simone Lalage? Não é uma cortesã famosa? Nunca pensaria que ela fosse o tipo de pessoa que escolhesse para amiga.

– Eu não a escolhi – esclareceu ela e contou-lhe a história de como Simone chegara inesperadamente à sua porta quando ela estava desesperada para conhecer alguém, e como a ajudara a selecionar as meninas. – Estou tão orgulhosa das minhas meninas – revelou –, são todas tão simpáticas e estão tão felizes por trabalharem neste ambiente maravilhoso. A maioria delas estava nos palcos e, quando os tempos se complicaram, foram empurradas para... relações, ou até para as ruas. Tal como eu e Netta, viviam apenas com alguns francos e uma réstia de esperança. Através da Simone, ouviram falar do Número Seize e agora estão aqui. São muito espertas, quando jantam com ministros conseguem falar fluentemente sobre a situação política atual, e quando jantam com financeiros fazem as perguntas corretas. E todas conhecem as últimas peças de teatro, os últimos livros, a última moda. Como vê – disse ela, olhando para o rosto dele em busca de aprovação –, não são apenas... meras... – Tocou nervosamente nas pérolas, não querendo dizer a palavra *prostitutas*.

Franco provou o vinho, um *Château Loeville Lascasse*, assentindo, positivamente.

– Então – disse ele –, está pronta para fazer a sua fortuna? Pergunto-me quanto será uma *fortuna* para uma rapariga como a Poppy.

– Uma fortuna? – Poppy lembrou-se da história de Jeb, de como ganhara uma fortuna nas mesas de jogo de Monte Carlo e do quão rapidamente esta desaparecera, contudo, ela não fazia ideia de quanto tinha sido. – Um milhão de dólares – arriscou.

– Só um milhão? Que ambição tão modesta, Poppy, esperava mais de si do que isso.

Ela corou furiosamente, olhando-o enquanto ele comia o guisado de caça; o que esperara que ela respondesse? Dez? Onze, doze?... Vinte milhões? Como poderia ela esperar ganhar essa quantia de dinheiro, apesar do êxito do Número Seize?

– Investimentos, minha cara – disse ele, respondendo às suas questões não pronunciadas. – Se ouvir com atenção, dir-lhe-ei como tornar-se uma mulher riquíssima. Não apenas com um milhão, Poppy, mas com todos os milhões que quiser. Naturalmente, levará tempo, não se trata de um esquema para se tornar rica em três tempos, mas em dez, vinte, trinta anos será *muito* rica.

A comida e o vinho deliciosos permaneceram intocados enquanto Poppy ouvia o que ele dizia, inclinando-se sobre a mesa com o queixo pousado na mão e os olhos fixos no rosto dele. O tempo passou, a vela derreteu e a pequena criada entrou no quarto para avivar o fogo, fechando as cortinas pálidas contra a neve que caía continuamente do outro lado da janela comprida.

Quando Franco terminou, ela olhou-o respeitosamente.

– É tudo tão simples, da maneira como o diz – referiu ela, surpreendida. – Foi assim que fez a sua fortuna? – Recostou-se, assustada, quando o sorriso dele desvaneceu. O rosto dele ganhou o ar de uma máscara e, de repente, pareceu outra pessoa diferente.

– Está a ficar tarde – comentou ele friamente. – Já são horas de ir andando. Lembre-se do meu conselho, Poppy, e um dia será uma mulher muito rica.

Ela olhou nervosamente para ele com os olhos baixos enquanto o seguiu até à porta; num instante estivera descontraído e sorrira e no outro era frio e indiferente. Ela pensou no que dissera de errado.

– Voltaremos a ver-nos? – perguntou calmamente. Ele olhou-a por um

momento com olhos sinistros. – Espero que sim, Poppy – afirmou. Depois, abriu a porta e apressou-se pelo corredor.

Ela esperou, na esperança de que Franco se virasse e acenasse, mas não o fez, pelo que fechou a porta com um suspiro, perguntando-se quando voltaria a vê-lo. Desejou não lhe ter perguntado algo de tão tolo e pessoal. Sempre evitara saber exatamente o que ele fazia e, apesar do que dissera Netta, continuava convencida de que não podia ser nada de mau. Franco Malvasi ajudara-a quando ela precisara; naquela noite até lhe mostrara uma forma de investir o seu dinheiro que lhe asseguraria o futuro. Era um homem bondoso, um homem interessante e, de súbito, teve medo de o achar muito atraente.

1904, ITÁLIA

Franco não sabia quanto mais tempo poderia continuar a jogar o jogo da espera; Poppy Mallory interferia na sua vida; dominava os seus pensamentos, afetava as suas ações. Ele manipulava automaticamente o seu império empresarial e os seus executivos começaram a olhá-lo, nervosos, quando começou a andar de um lado para o outro na biblioteca da sua *villa*. Não tinham de se preocupar; a mão de ferro e o cérebro de aço de Franco ainda controlavam com perícia o império. Contudo, na mesa ao lado da sua cama encontrava-se pousada uma gardénia que ele proibira os criados de removerem. E, guardada num cofre privado, encontrava-se uma pasta com papéis que dizia tudo o que havia para saber sobre Poppy Mallory.

Franco Malvasi nascera para herdar um império. O seu pai planeara-o assim. Enzo Malvasi fora um homem que fizera a própria fortuna e que, com o poder do seu cérebro astuto e impiedade firme, conseguira sair das profundidades mais baixas do submundo siciliano – através de extorsão, proteção, resgate e chantagem – até ele próprio «possuir» um pedaço de tamanho considerável do Sul de Itália.

Enzo começara em Palermo como um jovem rebelde de dezasseis anos, ansioso por atrair a atenção da Cosa Nostra local e conseguir entrar nas suas fileiras secretas. Primeiro, recolhera para si próprio pequenas somas de

dinheiro pago à máfia para proteção, depois executara várias vinganças através de incêndios provocados e algumas pernas partidas sobre aqueles que se «esqueciam» de pagar e assim o seu trabalho aumentara gradualmente de importância, e violência, e como derradeiro teste, antes de poder ser admitido na sociedade de terror, sabia que tinha de matar um homem. Era um barbeiro da vila suspeito de passar segredos de uma Família para outra. Enzo entrara simplesmente e pedira para lhe cortarem a barba. Sentara-se na cadeira e, enquanto o barbeiro lhe colocava uma toalha em redor, dera-lhe um tiro. Enzo não sentira qualquer emoção em relação ao ato, apenas triunfo por, finalmente, se ter superado a si próprio e se ter tornado um membro efetivo da Cosa Nostra. Mas decidiu que nunca mais voltaria a alvejar um homem na barriga tão de perto; era uma grande porcaria.

Progredira rapidamente e, aos vinte e cinco anos, já vivia na ideia que um camponês fazia do luxo de Nápoles, sendo conhecido como homem duro, mesmo num mundo tão difícil como o dele. Regressou brevemente à Sicília para casar com uma bonita rapariga local, pertencente a uma respeitada Família da Máfia, cujo pai foi assassinado duas semanas mais tarde por um gangue rival.

Aos trinta anos, era o cabecilha da sua própria «Família Malvasi», com territórios e negócios que o tornaram rico e temido.

O seu primeiro descendente, um filho, tal como decidira, nasceu nove meses depois e foi chamado Franco em homenagem ao pai falecido de Carmela Malvasi. Enzo era ele próprio um homem baixo com extraordinário cabelo grisalho e um permanente franzido preocupado no rosto, mas, quando o seu rapaz cresceu e se desenvolveu, pensou, desapontado, que teria gostado que ele fosse mais robusto, alto e forte – como correspondia a um líder futuro. Ainda assim, o seu menino era inteligente mesmo em pequeno; interessado em tudo, carinhoso e a mãe adorava-o.

O padrinho de Franco arriscou viajar do seu território seguro, na Sicília, para o batismo, de maneira a mostrar respeito ao velho amigo e compatriota Enzo. O outro padrinho veio do Norte de Itália e as tias de Franco desempenharam o papel de madrinhas. A sua tenra infância foi feliz, correndo livremente pela *villa* palaciana perto de Nápoles, com o seu grande e solarengo jardim murado. Franco nem sequer reparou que os muros eram

incrivelmente altos, nem que os homens que os patrulhavam e operavam o enorme portão de ferro não estavam ali para serem seus «amigos». Todas as outras crianças que visitava, ou que o visitavam a ele, viviam exatamente da mesma forma. A mãe amava-o e o pai estava determinado a fazer dele um cavalheiro. Desde os quatro anos que tinha tutores para o ensinarem a ler, escrever e fazer contas. Possuía uma mente brilhante e curiosa e gostava de estudar. Na verdade, os seus tutores diziam que ele os cansava, fazendo perguntas atrás de perguntas e seguindo o raciocínio deles até ficar satisfeito com as suas respostas.

– O rapaz precisa de outras crianças – disse o tutor à Signora Malvasi, quando ele tinha sete anos –, precisa da escola. – Carmela só queria o melhor para o filho, mas, ao tocar no assunto a Enzo, este recusou-se sequer a ouvi-la.

– É demasiado perigoso – disse-lhe claramente –, o rapaz fica aqui.

Carmela sabia que Enzo estava aborrecido por ela ainda não lhe ter dado outro filho. Franco era tudo o que ela tinha, mas não podia permitir que o rapaz ficasse privado de uma vida «real» por causa do nervosismo de Enzo, principalmente quando a Família nunca raptava crianças; eram basicamente homens religiosos que temiam unicamente a ira de Deus e as suas mães. Nenhum membro da Família da Máfia raptaria uma criança por medo da raiva da sua própria mãe perante um ato tão bárbaro. Ainda assim, Enzo não queria ouvir falar no assunto e, quando ela finalmente descobriu que estava outra vez grávida, tomou-o como um sinal divino.

O novo bebé era um querubim com uma massa de caracóis escuros e enormes olhos castanhos. Enzo tinha, finalmente, a criança com que tanto sonhara. Depois disso, foi fácil Carmela obter permissão para que Franco frequentasse a escola local com os outros rapazes; afinal, se alguma coisa acontecesse, haveria sempre o jovem Stefano – assim chamado em homenagem ao próprio pai de Enzo desta vez.

Stefano era mimado pelo pai e cuidado pela mãe, pois como Franco estava agora ocupado no seu próprio mundo escolar, todos os instintos maternos se centravam no pequenino. E Franco adorava o irmão, apesar de nem sempre gostar dele. Principalmente ao ficar mais velho.

Quando Franco tinha doze anos, Stefano ainda só tinha cinco. Claro que, como ele era apenas um bebé, Franco tinha de lhe fazer as vontades todas. Porém, às vezes era difícil, pois Stefano parecia estragar sempre ou perder

as coisas de que ele mais gostava, como o seu navio de guerra ou o seu canivete suíço, e, uma vez, até escrevinhou nas cópias de quadros famosos que Franco tinha admirado e pendurado nas paredes do seu quarto.

Quando Franco fez dezassete anos, foi para a universidade e depois para a escola de gestão, na América, e sentiu muita falta dos anos passados com Stefano. Ao regressar, com vinte e dois anos, viu que o irmão era um rapaz de quinze anos mimado e petulante, acarinhado pela mãe e protegido pelo pai. Não havia dúvidas de que Stefano era bonito, mas também não havia dúvidas de que era estúpido e preguiçoso.

Os tutores de Stefano tiveram a vida facilitada; ele não fazia perguntas e evitava as lições o mais possível. Não tinha curiosidade sobre o mundo fora das suas barreiras mais próximas e a sua única forte motivação era o sexo. Aos quinze anos, Stefano já metera uma das empregadas em sarilhos e, apesar de ter sido avisado pelo pai, com um piscar de olho conspiratório e uma referência à sua masculinidade «herdada dos Malvasi», continuara a perseguir os seus impulsos tão decididamente como um macho em período de acasalamento.

Franco achava que sempre soubera qual o «negócio da Família», aceitando-o, tal como ao seu modo de vida especial, por não conhecer outro. Fora para a América armado com cartas de recomendação aos cabecilhas das outras Famílias e, com uma cautela inata, manteve uma vida social calma dentro do clã. Fizera poucos amigos verdadeiros na própria universidade, e nenhum que durasse, simplesmente por saber que não podia esperar que eles compreendessem. Sempre que se sentia tentado com o estilo de vida livre de problemas e preocupações dos restantes alunos, e principalmente com as lindas e loiras raparigas anglo-saxónicas protestantes que lhe pareciam iguais às imagens das princesas dos seus livros de infância, recordava-se severamente de quem era: Franco Malvasi, filho e herdeiro aparente de um padrinho da Máfia. E nada nem ninguém o faria desviar-se dessa responsabilidade.

A sede dos Malvasi era um imenso armazém e complexo de escritórios no canto sudoeste de Nápoles, delimitado pelas docas. De regresso, Franco ficou surpreendido por descobrir que Stefano já trabalhava no «negócio». Até tinha o seu próprio escritório e um assento na grande mesa oval da sala de reuniões, onde se realizavam as grandes reuniões a que iam os «executivos». O facto de Stefano ter um lugar à direita do pai, enquanto o

dele era mais ao fundo da mesa, não passou despercebido a Franco, porém não disse nada. Estivera fora durante tanto tempo, pensou, que era mais do que justo que o pai esperasse que ele provasse o seu valor; como seu herdeiro teria uma grande responsabilidade.

Estava há um mês em casa quando detetou o primeiro traço de crueldade em Stefano. Passeava pelo jardim com a cabeça enterrada num livro sobre a vida, a obra e as técnicas do pintor Fra Angelico, quando ouviu o som de um miar aflito. Correndo na direção do som, viu Stefano a segurar alto um pequeno gato pela cauda. Agarrava numa longa navalha aberta e rapava constantemente o pelo da criatura aterrorizada. De cada vez que o gato gritava e se agitava num esforço desesperado para tentar fugir do seu torturador, a lâmina cortava a pele mais profundamente. Já era uma amálgama de sangue e pelo quando Franco lho arrancou das mãos, olhando-o com desdém.

– Seu cretinozinho – grunhiu ele –, o que pensas que estás a fazer?

– É só um gato – desvalorizou Stefano –, que diferença faz?

– E que direito tens tu de o fazer sofrer? – perguntou Franco, zangado. – A pobre criatura foi quase esfolada viva! Terá de ser abatido.

– Devias ter deixado isso comigo, teria morrido em poucos minutos – riu Stefano. – És tão sensívelzinho, mano, não é disso que são feitos os padrinhos.

– Nem de crueldade sem sentido – disparou Franco. – Usa a cabeça, Stefano, e tenta controlar-te.

Depois disso, manteve os ouvidos e os olhos abertos, sempre em alerta sobre as atividades praticadas por Stefano, e não esperou muito até perceber que o irmão já era famoso pelo modo como tratava as mulheres dos bordéis baratos de Nápoles. Parecia que Stefano ia ao pior de todos, um sítio onde podia fazer de pequeno lorde, atirando dinheiro em volta, pavoneando-se, bebendo e gabando-se das suas capacidades sexuais – embora, por mais estranho que parecesse, os relatórios que surgiam sobre essa parte fossem enganadores. O jovem Stefano não era nenhum perito na cama apesar das suas declarações, mas compensava-as bem com uma amostra cruel de sadismo.

Em casa, todavia, era o bebé de Carmela. Não podia fazer nada de mal. Era alto, bonito e estava sempre a sorrir, e era tão gentil e carinhoso com a mãe como era frio e cruel com as impotentes jovens mulheres dos bordéis.

Franco tinha vinte e cinco anos e Stefano dezanove, quando uma noite Enzo os chamou e lhes disse que estava a morrer. Meia dúzia de médicos diferentes tinham confirmado o diagnóstico – cancro no estômago.

– Isto não sairá desta sala – afirmou ele, olhando para os dois com os olhos escuros já cheios de dor. – A vossa mãe não saberá e os nossos inimigos também não. Chegou a altura de eu pensar no futuro do nosso negócio, meus filhos. *No vosso futuro*. Já sabem o que sinto em relação a vocês. Deixem que um homem moribundo faça um último pedido. Façam-me um homem feliz... casem-se. Agora. Deem-me um neto para que eu possa morrer feliz, sabendo que a Família Malvasi continuará e prosperará. Deem à vossa mãe netos para que ela tenha alguma alegria quando eu já cá não estiver.

Stefano pediu a mão de Emilia Bertagna em casamento ao seu pai na semana seguinte e foi aceite de imediato, apesar de Emilia só descobrir mais tarde quando a família lhe disse que iam dar uma grande festa de noivado – a dela. Devia casar dentro de um mês.

Emilia tinha também dezoito anos; era bonita, alegre e muito divertida e, apesar de Stefano Malvasi não ser o rapaz que ela teria escolhido, era bonito. Viu que era uma boa escolha e aceitou o casamento como uma filha obediente.

Há anos que Nápoles não tinha uma celebração tão extravagante. A noiva estava linda, em metros e metros de renda branca recatada, com um séquito de doze pequenas damas de honor de cabelo escuro. Sorria alegremente, apertando o braço de Stefano ao cortarem o bolo, e Enzo Malvasi, sorrindo paternalmente da cabeceira da mesa, deu-lhes a sua bênção.

Às três horas da manhã seguinte, Franco foi acordado por uma chamada telefónica. Era Emilia, sozinha e agitada no seu hotel de Roma, onde passavam a lua de mel. Stefano bebera muito vinho nessa noite e quando fora altura de ir para a cama... Bem, dissera ela, desesperada... Tentara fazer amor com ela, sem sucesso. Praguejando e culpando-a, esbofeteara-a várias vezes no rosto, vestira-se e desaparecera. Ela adormecera exausta e a chorar, mas fora acordada mais tarde por barulhos vindos do salão da sua suíte. Abrira um pouco a porta e espreitara. Stefano estava ajoelhado, nu, em frente a um rapaz – e estava – Emilia não fora capaz de continuar, mas Franco já ouvira que bastasse. Dizendo-lhe para se acalmar, saiu da *villa* e dirigiu-se para Roma em menos de cinco minutos.

Agora sabia por que razão a reputação de Stefano com as mulheres era tão má; agora, *compreendia* o irmão preguiçoso e mimado, dominado pela mãe! Quando chegou ao hotel de Roma, estava pronto a matá-lo. Mas Stefano fizera as malas e fora-se embora. Emilia dissera que ele fora com o rapaz, uma hora antes.

Franco demorou dois dias a seguir-lhe o rasto e, quando finalmente o encontrou, foi num dos piores locais da cidade, um bar sórdido e sujo, coberto de fumo e a cheirar a suor e a ópio, com quartos por cima, patrocinados por «desviados» e pelas suas presas. Num dos quartos, encontrou Stefano a dormir, nu, num colchão rasgado e nojento coberto de piolhos, enquanto o rapazinho, de onze ou doze anos, se encolhia a um canto. Franco viu o cachimbo de ópio e cheirou o seu aroma peganhento e adocicado no hálito do irmão quando o levantou, dizendo-lhe que era um monstro. Atirando uma mão-cheia de dinheiro à pobre criança, vestiu algumas roupas a Stefano e quase o arrastou para fora do quarto.

Levou-o primeiro aos banhos públicos, ordenando-lhes que o despissem e lhe queimassem as roupas, depois, disse-lhes para o mergulharem num banho quente cheio de desinfetante forte. A seguir foi comprar roupas novas e, quando voltou, Stefano estava embrulhado numa toalha branca, com um ar furioso.

– O que me estás a fazer? Ao teu próprio irmão? – grunhiu ele, assim que Franco lhe atirou as roupas.

– És nojento – disse Franco, friamente. – És pior do que um animal. Se o nosso pai não estivesse a morrer, Stefano, levar-te-ia até ele e fazia-o compreender quem tu és. Sabes que não posso fazer isso. Ainda assim, casaste com esta pobre rapariga e vou certificar-me de que cumpres os teus votos. Se não não durarás muito.

– Não te atreverias – troçou Stefano –, vou fazer o que quiser. – Mas o olhar frio e zangado nos olhos de Franco fez com que ele duvidasse das suas próprias palavras.

Franco reuniu Emilia ao marido e ela aceitou-o de volta com humildade, apesar de agora ter medo dele. Franco disse-lhes que os visitaria algumas vezes por semana no seu novo lar, uma linda casa ao longo da estrada que dava para a *villa* Malvasi, e com os mesmos muros altos e guardas sempre presentes. Emilia dizia que Stefano se comportava razoalmente bem, apesar de se embebedar muitas vezes e desaparecer durante a noite. Contudo,

estava habituada a que os homens da sua família desaparecessem em negócios, pelo que não se preocupava muito. Franco pensava de forma diferente. Mas Enzo Malvasi estava cada vez pior e a mente de Franco tinha sempre presente o pensamento do pai doente e das suas responsabilidades quando chegasse o dia de assumir o negócio.

Franco chegava todos os dias ao trabalho antes das sete, dirigia-se a cada um dos setores desenhando planos para novas formas de expandir algumas áreas e conservar outras, decidindo onde cortar e como maximizar os lucros. Fez planos para enviar executivos para a América do Sul de modo a facilitar novas ligações de droga e esboçou as suas novas ideias para aumentar a pressão nas zonas de jogo e proteção. Usou o conhecimento adquirido na escola de gestão para reestruturar toda a base financeira do império Malvasi, planeando novos investimentos na indústria e na banca. «O Banco Malvasi» era o seu sonho, um nome que queria ver não apenas em Nápoles, não apenas em Itália, mas no sério e internacional mundo da finança. Franco queria que o negócio Malvasi tivesse uma fachada legítima de modo a lavar os seus ganhos ilegais.

Quando preparou todas as suas novas propostas para o negócio, falou com o advogado da família, Carmine Caetano, sobre os seus planos. Carmine conhecia os dois filhos Malvasi desde o nascimento e construíra a sua própria opinião sobre eles. As informações que dava a Franco, de maneira confidencial, não eram fornecidas por gostar mais dele do que do irmão, mas por estar preocupado com a sua sobrevivência, agora uma dúvida bastante séria. Quando disse a Franco que Enzo designara *Stefano* como o próximo padrinho da Família Malvasi, Carmine estava a proteger os seus próprios interesses financeiros. Ele, e os outros executivos, sabiam que com Stefano ao remo, não tinham hipóteses.

– Estou a dizer-te agora, Franco – disse ele –, o velhote está encantado com o rapaz. Não me perguntes porquê. É óbvio para toda a gente que o miúdo é o maior canalha que já pisou a Terra. Não tem cérebro na cabeça, é degenerado e perigoso. Vai arruinar-nos a todos num ano. Tens de assumir o controlo, filho. Poderá ser difícil e haverá decisões que rezarei para que não sejas obrigado a tomar outra vez. Mas tenho a certeza de que devolverás a honra à Família. E, em troca, a tua Família ser-te-á eternamente grata. Ganharás a *nossa* lealdade.

Não havia mulher mais feliz em Itália do que Carmela Malvasi quando

Emilia lhe disse que estava grávida. Foi numa noite fria de inverno e Enzo encontrava-se em frente à lareira, inclinado pesadamente na bengala e tentando em vão sentir algum calor no corpo cheio de dores. Observava ternamente o filho Stefano a beijar a mãe e, quando o rapaz se dirigiu a ele, atirou a bengala ao chão e apoiou os dois braços no filho para o abraçar.

– Meu filho, meu filho – gemeu ele –, cumpreste o teu dever. Fizeste-me muito feliz.

Os olhos de Stefano encontraram os de Franco e ele sorriu de troça.

– Darei sempre o meu melhor para que te orgulhes de mim, pai – disse ele.

Enzo morreu umas semanas depois e toda a Família Malvasi e todos os padrinhos das maiores Famílias de Itália viajaram para estarem presentes no funeral. À medida que os dois filhos, Franco e Stefano, deitavam terra em cima do féretro do pai, os seus olhos fixaram-se e houve um brilho de triunfo nos de Stefano.

Quando o cortejo funerário regressou à *villa* Malvasi para a vigília, foi emboscado por um grupo de atiradores. Os carros da frente foram desfeitos por balas e Stefano Malvasi e a sua jovem mulher foram mortos de imediato, tal como outros dois padrinhos. Com o braço à volta dos ombros da mãe destroçada, Franco inspecionou os corpos. Lamentava por Emilia, mas não tivera escolha; ela carregava o filho de Stefano na barriga e ele não quisera que nenhum rival futuro ocupasse o seu lugar de padrinho. Era agora o único cabecilha da Família Malvasi.

Franco declarara depois que o misterioso «assassinato» seria vingado, que se certificaria de que não apenas a honra da sua Família era satisfeita, mas a dos outros homens que tinham prestado a sua última homenagem ao pai.

Alguns dias mais tarde, os corpos de meia dúzia de homens foram encontrados numa garagem trancada de uma rua afastada de Nápoles. Tinham sido encostados à parede e mortos a tiro pelo que, parecia, uma equipa de atiradores.

Pelos vistos, Franco Malvasi tinha «vingado a sua honra» e era agora o novo padrinho da Família Malvasi. Ganhara a reputação de homem a ser reconhecido antes mesmo de começar. E isso ensinara-lhe uma lição. No seu negócio, *no seu mundo*, só os mais fortes e cruéis sobreviviam. Nada – nem família, nem amigos, nem amantes – poderiam interpor-se entre si e o seu negócio.

Nunca voltara atrás nessa decisão.

1904, FRANÇA

Netta subiu as escadas do *nombre seize*, rue des Arbres, com as penas vibrantes do seu novo chapéu a balançar, impertinentes. Ergueu a mão para tocar à campainha, contudo, antes que pudesse fazê-lo, a porta abriu-se de repente e um homem com um ar distinto e sotaque engraçado perguntou o que ela queria.

– Estou aqui para ver Poppy – disse ela, arrogante. – Vim de Marselha de propósito.

– A *madame* não está disponível neste momento – disse Watkins, firme.

– Oh, não senhor – respondeu ela, passando pela porta antes que ele tivesse tempo de a fechar. – A Poppy nunca está demasiado ocupada para *me* ver. Vou entrar e esperar! – Contornou-o e foi para o *hall*, com os olhos e a boca a abrirem, espantados, perante os acabamentos luxuosos. – Bem, desta vez as raparigas tiveram muita sorte – murmurou –, ela fez mesmo tudo pelo Franco Malvasi.

– *Madame* – protestou o mordomo –, receio ter de lhe pedir para sair.

– Sair? Porque deveria eu sair? – perguntou Netta, surpreendida. – Acabei de chegar, não foi?

Watkins olhou-a, nervoso; ela falava alto e baixava o nível do estabelecimento. Felizmente, não havia ali muitos convidados no momento, mas ele sabia que Madame Poppy ficaria muito aborrecida por ver aquilo... Aquela campónia no meio do seu lindíssimo *hall*, todavia, ele não podia

simplesmente escorraça-la à força para a rua.

– Pode esperar no pequeno salão, por favor? – perguntou, educado. – Vou ver se Madame Poppy ficará disponível em breve.

– Mas que «ai não me toques» – troçou Netta, caminhando devagar atrás dele por um longo corredor –, onde te desencantou a Poppy? No império dos atores? – E a sua gargalhada rouca ressoou através do corredor de teto alto.

Poppy estava à secretária a analisar as ementas da semana e levantou a cabeça, escutando, surpreendida. *Luchay* abanou as asas, percorrendo, excitado, o poleiro para trás e para a frente e tagarelando sons de troça... Ao estilo de Netta...

– Netta! – gritou ela, saltando alegremente da cadeira e abrindo depressa a porta. – Netta, oh, Netta – soluçou ela nos braços da amiga que se fecharam à sua volta. – Tive tantas saudades tuas.

– Claro que tiveste – afirmou Netta rispidamente, afastando uma lágrima – e eu tive saudades tuas. Para dizer a verdade, Poppy, senti mais a tua falta do que a do capitão... Que Deus o tenha.

– Está tudo em ordem, *madame*? – perguntou Watkins sem mudar de expressão.

– Em ordem? Oh, Watkins, está tudo ótimo agora que a Netta chegou – disse ela à beira das lágrimas.

– Tens aqui uma casa muito bonita – elogiou Netta, entrelaçando o braço no de Poppy à medida que ela lhe mostrava a casa.

Poppy sorriu.

– Mas o que estás a fazer aqui? – perguntou ela.

– Oh, precisei de umas férias – referiu Netta, despreocupada –, pensei em fazer umas comprinhas em Paris.

– Eu levo-te ao sítio certo – prometeu ela.

Netta olhou elogiosamente para o seu vestido de seda feito à medida.

– Aposto que sim, mas levarei um mês para ganhar o suficiente de modo a pagá-lo.

– Só um mês, Netta? – brincou Poppy. – Pensei que fosses dizer um ano. Deves estar muito bem!

– Estou bem, sim, mas não é o mesmo sem ti. *E* sem aquele maldito papagaio. Oh, as meninas são tão simpáticas e os clientes são leais, e há sempre clientes novos prontos e à espera, mas, sem ti – disse, melancólica

—, sinto-me um pouco sozinha.

— Então porque não vens para aqui e te juntas a mim? E se fores de novo a minha parceira? Oficialmente, de qualquer forma, metade do que eu tenho devia ser teu, pois, sem ti, eu não teria nada.

— Claro que terias — declarou Netta, leal —, mas não posso fazer isso, Poppy. Não... não seria justo. — Pensou em Franco Malvasi e encolheu os ombros. — Só queria mesmo vir aqui e ver se estavas bem. Oh, eu sei que as tuas cartas diziam que estavas e tudo isso, mas pensei ler algo mais nas entrelinhas.

Poppy levou-a para a sua sala de estar e fechou a porta.

— Muito bem, Netta — disse ela, nervosa. — É que estou preocupada com Franco Malvasi.

— Aposto que sim! — Netta caiu no sofá e tirou o chapéu. Franziu o nariz. — *Mmm*, mas o que cheira aqui tão bem? — Viu os vasos com gardénias espalhados por todo o lado, com as pétalas frágeis como creme fresco contra as folhas verde-escuras e brilhantes. — Gardénias! Que extravagância, Poppy. Deves ter mudado muito desde a última vez que te vi.

— O Franco envia-mas todas as semanas — explicou Poppy, simplesmente. As sobrancelhas de Netta ergueram-se de espanto e ela acrescentou apressadamente: — Netta, é possível apaixonarmo-nos por um homem que não *conhecemos*? — As sobrancelhas dela quase desapareceram no seu cabelo e o seu queixo caiu quando Poppy prosseguiu. — Não consigo parar de pensar nele, Netta, sonho com ele, eu... eu fantasio com ele, que está aqui a falar comigo como fez na outra noite...

— Que noite? — perguntou Netta rapidamente. — Tu não...?

— Não... Oh, não, claro que não — respondeu Poppy, a corar. — Ele veio aqui uma noite para falar de negócios, jantámos, sozinhos. Netta, foi a única vez que o vi desde que cheguei a Paris. Por isso é que é tão estranho... Quero dizer, como posso apaixonar-me por um homem com quem estive poucas vezes na vida?

— Podes apaixonar-te por um homem que viste uma vez na rua — retorquiu Netta —, mas não quando ele é Franco Malvasi! Poppy, *não te podes* apaixonar por um homem como ele!

— Um homem como ele? — questionou chocada. — Quem diz quem é bom e quem é mau? Ele é bondoso, generoso... Um cavalheiro. Ora, quando penso no Felipe e em como foi desonesto... E *era* aristocrata.

– Então e quando pensas em Greg? – perguntou Netta, astuta. – Como é Franco comparado com ele?

Poppy fechou os olhos com o coração aos pulos. Nunca se permitia pensar em Greg – ele simbolizava tudo o que ela perdera: um jovem lindo e maravilhoso, a família, o amor e o carinho, a felicidade simples e descomplicada. Greg não existia no seu novo mundo.

– O Franco é... diferente – afirmou ela cautelosa. – Mas, Netta, nunca me senti assim em relação a um homem. Quero dizer, com Felipe acho que fui apenas uma jovem estúpida e romântica encantada por um tipo lindo, apesar de achar que era amor. E com Greg houve sempre aquele companheirismo estável, o tipo de amizade e afeto que sentimos por alguém de quem gostamos profundamente, de quem gostámos toda a vida. Mas, desta vez, é diferente, Netta. Nunca me senti assim antes. Será que pode ser aquilo a que chamam «estar apaixonado»?

– Espero que não. – Netta suspirou. – Porque, se for, tens seguramente olho para escolheres os homens errados! Agora, senta-te aqui comigo e conta-me tudo.

Elas aconchegaram-se, juntas, no sofá toda a tarde enquanto Poppy falava e falava. Depois, puseram a conversa em dia e Poppy mostrou-lhe a casa, referindo orgulhosamente a sua beleza e apresentando-a às meninas como a sua «querida amiga».

Poppy marcou um almoço com Simone para que ela conhecesse Netta. As duas mulheres olharam-se rapidamente de alto a baixo, com os olhos astutos a observarem os pormenores da aparência de cada uma enquanto o silêncio entre elas crescia e Poppy pairava, ansiosa.

– Não devia usar verde-claro, minha querida – acabou por dizer Simone –, nunca favorece as loiras.

– Eu sei – retorquiu Netta, com as mãos nas ancas e as pernas afastadas ao mais puro estilo beligerante das raparigas de rua de Marselha.

– Escolha uma intensa cor de rubi – aconselhou Simone, contemplativa – e penteie o cabelo um pouco mais para trás, tem uma bela estrutura óssea, devia mostrá-la mais. – Sorrindo benignamente a Poppy, sentou-se. – Não me disse que a sua amiga era tão atraente, Poppy – comentou ela. – Se as coisas continuarem assim, a rivalidade em Paris vai tornar-se impossível.

– *Merde* – exclamou Netta, atirando a cabeça para trás com uma gargalhada. – Confesso que pensei como seria. Pensei que era muito arrogante e convencida, mas agora vejo porque disse Poppy que era tão encantadora. Sabe simplesmente como deixar uma pessoa de bom humor, não é de admirar que os homens a adorem. E consigo ver que a adoram pelas joias que usa.

Simone acariciou, complacente, o peito cheio de diamantes.

– Nós as duas compreendemo-nos, Netta – disse ela –, somos ambas raparigas da província que se safaram na vida. Para nós, Paris é só aparência. É a Poppy que é diferente: espero grandes coisas dela.

Poppy não percebeu o que ela quis dizer, mas riu-se, contente por as suas duas únicas amigas se darem tão bem. Netta ouviu, fascinada, as coscuvilhices de Simone ao longo do almoço, contudo, depois de ela se ter ido embora, confessou a Poppy que seria um alívio voltar para Marselha.

– Dou-me por satisfeita com o meu pequeno diamante e a minha casinha – disse ela, emocionada – e por não ter de fazer os jogos dela. – Pareceu pensativa por um momento e depois acrescentou: – Bem, talvez com um diamante e um par de brincos.

A visita de uma semana de Netta passou num instante, sendo toda ela preenchida com atividades; Poppy levou-a, na sua descarada vestimenta verde, ao salão de Lucille e escolheu meia dúzia de vestidos para serem postos na sua própria conta privada. Levou-a aos chapeleiros e peleiros e almoçaram juntas no Maxim's. O *maître* cumprimentou Poppy como se ela fosse uma velha amiga e todas as cabeças se viraram quando ela parou casualmente aqui e ali para cumprimentar algumas pessoas.

– Sabes uma coisa? – sussurrou Netta quando o empregado serviu *blinis* com caviar e champanhe. – És uma estrela, Poppy. Já não precisas de Franco Malvasi... *Toda a gente* te conhece.

– Esse é o problema, Netta. – Poppy suspirou com os olhos azuis tristes. – É realmente agora que preciso dele.

Quando Netta se foi embora, Poppy sentiu alguma dificuldade em adaptar-se à sua antiga rotina de trabalho e mais trabalho, e deambulava constantemente pela casa, pondo defeitos em tudo. Queixava-se que a fruta servida no almoço não era suficientemente fresca, que os queijos estavam

demasiado frios e o vinho demasiado quente. Disse a Villette que ela usava demasiada maquilhagem e a Solange que o seu vestido era demasiado curto, e, furiosa com um nervosismo inexplicável, dava longas caminhadas sozinha. As castanheiras estavam novamente desabrochadas, com as suas flores cor-de-rosa a encherem os ramos de beleza, e os céus da primavera tão azuis e limpos como se tivessem sido recentemente lavados. Olhava para o seu reflexo nas montras das lojas enquanto passava, pensando parecer outra mulher elegante qualquer que andava às compras – com a exceção de ser diferente, pois, por ser *quem* era, estava sempre sozinha.

Desesperada, regressou a casa e fechou-se no seu quarto. *Luchay* aninhou-se no seu ombro, emitindo sons afetuosos no ouvido dela pelo que Poppy o acariciou automaticamente.

– Poppy, *cara*, Poppy *chérie* – murmurou ele –, Poppy querida...

– Oh, *Luchay* – suspirou ela, deprimida –, também gosto muito de ti. O que faria eu se não ouvisses os meus desabafos? Quem me dera que me dissesse o que sinto por Franco Malvasi. Estou apaixonada, *Luchay*? É assim que é? Este sentimento nervoso, excitante... e *distrativo*? Não é como o voo das asas de uma águia, como pensei? Mas nem sequer o conheço, *Luchay*, e ele mal me conhece a mim. O que devo fazer?

– Poppy *cara*, Poppy *chérie*! – murmurou ele, consolador, mordiscando-lhe a orelha enquanto ela ria, oferecendo-lhe algumas sementes de abóbora.

Alguém bateu à porta e Watkins apareceu.

– *Madame* – disse ele –, está aqui uma pessoa para a ver.

– É o Signore Malvasi? – gaguejou ela, com a cor a subir-lhe às faces.

– Não, *madame*, é uma senhora. Receio que queira dar o nome.

– Suponho que seja uma rapariga à procura de trabalho, Watkins. É claro que não precisamos de mais nenhuma, mas trá-la ao escritório que eu falo com ela.

Watkins tossiu discretamente.

– Não é uma rapariga qualquer, *madame*, talvez o escritório não seja um local adequado para ela. Posso sugerir que receba a senhora no pequeno salão?

Uma «senhora», preocupou-se Poppy enquanto arranjava o cabelo e se apressava para o pequeno salão, esperando que não fosse uma esposa furiosa no rasto do marido errante. Deteve-se, com a mão na porta, dando-se um momento para se compor, depois, erguendo arrogantemente o queixo,

entrou, pronta para a batalha.

– Boa tarde, *madame* – disse ela –, sou Poppy Mallory.

A mulher loira vestida num discreto, porém caro, vestido preto deslizou da janela para junto dela.

– *Bonjour, madame* – disse ela numa voz baixa e educada.

Poppy olhou-a com curiosidade. Era alta e muito bonita de uma maneira atrevida, educada, discreta, com suave cabelo loiro, grandes olhos verdes e boca petulante. Parecia uma das dezenas de mulheres que ela vira a passear pelas lojas na rue de la Paix, do tipo com um marido rico, título e árvore genealógica que recuava desde há séculos. Poppy sabia que teria um *château* no campo e uma casa citadina perto do Parque Monceau, e dinheiro suficiente para comprar o que quisesse. Então, por que razão, pensou, desconfortável, se encontrava ela ali?

– Estou aborrecida – disse subitamente a mulher –, a minha vida está a dar comigo em doida. O meu marido é um cavalheiro encantador e nojento, nunca viria a um sítio destes. – Os seus grandes olhos verdes estavam desesperados ao procurarem o rosto de Poppy. – Procuro excitação – sussurrou ela –, algo que quebre a monotonia dos meus dias. Pensei muito nisto antes de vir aqui, mas agora vim oferecer-lhe os meus serviços.

– *Os seus serviços?* – gaguejou Poppy, chocada.

A mulher olhou-a, sombria.

– Onde mais poderia obter o que quero? Quero sexo, Madame Poppy... Sexo com estranhos onde não tenha de ser uma «senhora»... Quero sexo delicioso e excitante, não a rotina de um marido que está demasiado ocupado a pensar no seu próximo negócio ou golpe político. Quero o toque do ilícito excitante na minha vida... Quero ser uma prostituta quando quiser e uma senhora o resto do tempo. Vim aqui porque ouvi que a sua casa era fantástica, que um homem podia encontrar aqui comida soberba e vinhos excelentes... Tal como a promessa do que quer que lhe dê prazer, «pode ter tudo», é o que se diz do Numéro Seize. Com um preço.

– Está a dizer que quer trabalhar aqui? Como as outras raparigas? – perguntou Poppy, chocada com o facto de uma mulher falar assim. Até agora pensara que só os homens sentiam aquilo em relação ao sexo.

– Sim. – Sentando-se cerimoniosamente numa pequena cadeira dourada, a mulher retribuiu o olhar.

– Mas é óbvio que vem de boas famílias, talvez até de uma família

importante – protestou Poppy –, não tem receio de ser descoberta? A Paris da Moda é uma sociedade muito pequena e fechada. O boato espalhar-se-ia num instante.

– Naturalmente, já pensei nisso. Planeio disfarçar-me, usarei uma peruca escura e uma máscara nos olhos... E, claro, não me pavonearei no salão. Estarei disponível apenas para clientes especiais... Escolhidos por si. E serei exorbitantemente cara, apesar de eu própria receber apenas um franco por cliente. – Sorriu com frieza. – Mas prometo dar-lhe qualidade pelo preço que pagarem. – Olhou fixamente para Poppy. – Bem, o que diz, *madame*?

Poppy pensou no murmurinho que se espalharia por Paris e soube que o escândalo a tornaria num enorme sucesso.

– Vamos decorar um quarto especialmente para si – concordou ela, com um sorriso –, que combine com a sua dupla personalidade misteriosa. Mas, diga-me, *madame*, como se chama?

A mulher olhou para ela com os olhos verdes sorridentes e semicerrados.

– Porque não me trata simplesmente por Cathérine? – disse ela.

Cathérine, com a sua peruca escura e véu a ocultar-lhe a face, apareceria à porta traseira do Numéro Seize três tardes por semana, deslizando como uma sombra para a sua própria suíte no segundo andar. Ali, trocava o seu habitual e elegante vestido preto por roupa interior de renda preta, colãs de seda preta e sapatos de salto alto. Abrindo um elegante armário *Buhl*, retirara um longo chicote preto e, abanando-o encantadoramente, pousara-o na *chaise longue* de estilo *Império* diante da cama.

– Esta será a minha especialidade – dissera ela a Poppy, contente –, pelo menos posso expressar as minhas fantasias.

– Mas nós não permitimos violência – gaguejara Poppy, chocada.

– Isto não é *violence*. – Cathérine riu-se. – Isto é *prazer*. E passara o chicote suavemente entre os dedos. – Tive um amante inglês que me ensinou tudo sobre isto – revelou ela, animada –, disse-me que gostavam por causa da forma como tinham sido criados, com amas sádicas que lhes batiam constantemente, e escolas onde lhes batiam com uma vara, normalmente para prazer do próprio professor. Agora – disse ela, encolhendo os ombros –, já não conseguem viver sem isto. – Suspirou. – É a coisa mais excitante que já fiz.

– Excitante? – suspirou Poppy, curiosa.

Os olhos semicerrados de Cathérine estavam cheios da excitação recordada quando ela disse roucamente:

– É tão excitante que todo o nosso corpo treme e o deseja, mal podemos esperar para ver o chicote na pele, as gotas de sangue vermelho, o som dos gemidos de êxtase... E, depois disso, oh, depois disso, quando o homem finalmente nos toma... Oooohh, Poppy, depois podemos realmente saber o que ele faria por nós. Claro que nem todos os homens querem isso. – Encolheu os ombros. – E há muitas outras formas de prazer sexual de que também gosto.

Arrastando-se para fora das fantasias eróticas de Cathérine, Poppy fez uma nota mental para que quando um inglês fosse ao Numéro Seize, lhe fossem oferecidos os serviços especiais de Cathérine.

Cathérine era um segredo bem guardado, mas parecia que falava com as amigas mais chegadas. De repente, surgiram à porta do Numéro Seize mais mulheres da alta sociedade, envoltas em casacos de gola alta e escondidas por trás de chapéus com véus, ansiosas por um escape sensacional, e Poppy ficou rapidamente com um grupo de mulheres lindas que passavam alegremente as tardes mascaradas e nuas sob lençóis de cetim no Numéro Seize, em vez de irem para as compras no Poiret ou tomarem chá no Fauchon.

Os rumores de que no Numéro Seize um homem podia ser seduzido pela própria mulher – ou até pela do melhor amigo – chegaram tão longe que alcançaram Nápoles e Franco Malvasi riu-se quando os ouviu. Era início de junho, passara quase um ano desde que vira Poppy pela primeira vez. Nessa altura, ela era demasiado jovem, demasiado vulnerável, um pequeno animal ferido a proteger-se a si próprio de um antigo predador – o homem. De maneira inteligente, ele dera-lhe dinheiro e conselhos e mantivera-a à distância, até ela se tornar a mulher mais rica e famosa do mundo. Poppy estava pronta para ele.

1904, FRANÇA

*L*uchay abanou as penas desfrutando do sol de agosto, esticando primeiro uma asa e depois a outra, alisando as penas da longa cauda e tornando as do peito fofas. Observava Poppy através de um dos olhos de topázio enquanto ela fechava o colar de pérolas e se inspecionava ao espelho.

Estava um calor abrasador. Toda a gente se retirara para as suas *villas* na costa ou para as casas de campo e a cidade ficara deserta. Poppy dera um mês de folga às raparigas, tencionando ir a Marselha, mas Netta estava de namorico com a sua mais recente conquista, um comerciante têxtil de Toulouse, e fora de férias com ele. Poppy encontrava-se sozinha, sem nada para fazer, na cidade vazia. No entanto, naquele dia acordara com um propósito em mente.

Olhou para o seu reflexo no espelho. Envergava um vestido azul; era a primeira vez, em anos, que usava outra cor que não fosse o cinzento e parecia que saíra de um luto. Num mau momento, inspirada pela luz do Sol e pelos céus azuis limpos, comprara uma dezena de vestidos num arco-íris de cores pálidas e veranis, e gostava da sensação jovem de usar um tecido simples de algodão, após tantas noites a vestir elaborados vestidos de cetim e veludo.

— Sinto-me outra vez como uma menina, em vez de uma mulher de vinte e quatro anos, *Luchay* — riu ela, dando-lhe um beijo na cabeça suave de penas. O carro esperava lá fora, em frente à porta principal, um longo e encantador

De Courmont verde-escuro como o de Simone Lalage, só que Poppy recusara o motorista e vê-la ao volante de um enorme carro criara mais sensação em Paris.

Acelerou pela rue des Arbres e entrou na Avenue du Bois de Boulogne, percorrendo o seu caminho através de um labirinto de ruas e dirigindo-se para os subúrbios. Meia hora depois, passou por uma propriedade desolada numa aldeia suja e desalinhada na margem sudoeste da cidade, ouvindo o vendedor exortar a sua beleza.

– Não seja ridículo – disse-lhe ela, severa –, nem a aldeia nem o pedaço de terra são lindos e o preço que pede é demasiado elevado. Só uma tola como eu vem aqui comprá-la, por isso é melhor aceitar o que estou a oferecer e resolver o assunto. Se não – encolheu os ombros, despreocupada –, vou a outro sítio qualquer.

– Quinze hectares, *madame*? A esse preço? – perguntou ele, deprimido.

– Quinze hectares – disse ela, decidida.

– É um roubo! – suspirou ele, liderando o caminho de volta para o seu escritório. Poppy assinou o título de propriedade com uma caligrafia floreada, entregando-lhe um cheque com o valor exato que planeara gastar.

Depois, regressou sozinha para ver os seus decadentes quinze hectares e a vista distante do horizonte de Paris...

– Descobre para que lado crescerá a cidade – dissera-lhe Franco –, estuda os seus planos, as ligações de comboio, as necessidades da indústria, depois, compra um pedaço de terra no caminho futuro. Compra-o por uma pechinha e deixa o investimento estagnar até que a cidade o acompanhe. Não só em Paris, mas em qualquer cidade ou país... Não receberás um retorno rápido do teu dinheiro, mas, quando a cidade se desenvolver, a tua terra terá de súbito muita procura e valerá uma fortuna.

Poppy suspirou com prazer ao olhar pela última vez para os seus feios quinze hectares. Eram a sua primeira aposta no futuro e prometiam-lhe que, depois, já não precisava de ser uma *madame*.

Era final de tarde quando conduziu de regresso pela rue des Arbres e estacionou muito vistosamente à porta. As janelas dos seus aposentos foram abertas devido à noite quente, mas o ar não circulava e oprimia sem uma brisa. Sentindo-se sozinha, pediu um jantar leve e uma garrafa de champanhe para celebrar a sua compra.

– Mas só te tenho a ti para celebrar comigo, *Luchay* – murmurou ela,

triste, abrindo as portas de vidro que davam para o seu pequeno jardim. Estava cheio de tinas e vasos com rosas e camélias. Uma fonte de pedra com a cabeça de Baco encrustada na parede respingava suavemente, de tal forma que, se fechasse os olhos, quase podia imaginar-se no jardim da casa dos Konstant, novamente uma criança com Angel e Greg, e Rosalia a chamá-los para o jantar com o pequeno sino de prata... O antigo e familiar manto da felicidade envolveu-a de novo e ela tremeu.

Estava encostada à porta aberta com a cabeça inclinada para trás e os olhos fechados quando Franco entrou, e parecia que os seus pensamentos se encontravam a milhares de quilómetros dali.

– Não faz bem beber sozinho – disse ele, reprovador.

Poppy olhou-o com um pequeno engasgo, com tanto prazer de o ver que quase desejou chorar.

– Estava a sentir-me tão sozinha – sussurrou ela – e agora estás aqui.

Ele pegou-lhe na mão, segurando-a com as suas, enquanto a levava aos lábios.

– Posso assumir que o champanhe é para celebrar a minha chegada? – perguntou ele com o seu habitual sorriso trocista.

Ela negou com a cabeça.

– Era para celebrar o teu conselho. Hoje, comprei a minha primeira parcela de terra. A minha primeira aposta na minha fortuna.

– Então vamos brindar ao teu sucesso – disse ele, servindo o vinho.

Ela sorriu-lhe com os olhos, sentindo-se tão tonta e sem fôlego como se já estivesse bêbada. Provaram o vinho, ainda olhando nos olhos um do outro, e, atrás deles, *Luchay* movia-se ansiosamente no poleiro, saltando para cima e para baixo e guinchando.

– Pobre *Luchay*, não te esquecemos – afirmou Poppy, a rir-se, saindo do seu encantamento; mas o papagaio continuava a picar, zangado, o poleiro dourado, olhando para Franco com olhos brilhantes.

– Conheço uma pequena estalagem no campo, na floresta, perto de Rambouillet – disse Franco –, onde servem a comida mais deliciosa do mundo. E se deixássemos esta cidade cansativa e quente e fôssemos para um sítio onde podemos respirar o ar puro do campo e comer um jantar maravilhoso?

Poppy olhou para o seu vestido azul de algodão.

– Mas já é tarde e ainda nem sequer mudei de roupa...

– É um lugar muito simples, não é preciso mudares de roupa. De qualquer forma, estás linda. Por favor, diz que sim.

Luchay saltou para cima e para baixo no seu poleiro, zangado, enquanto *Poppy* dava a mão a *Franco* e eles saíam da sala.

– *Poppy* cara. *Poppy* chérie. *Poppy* querida – gritou ele –, *Poppy*, *Poppy*, *Poppy*...

A pequena estalagem tinha um encanto rústico com antigas vigas de carvalho, paredes deslavadas e janelas baixas e compridas abertas para deixar entrar o ar escuro das noites de verão que cheiravam a feno e a rosas. A filha dos donos serviu-lhes uma deliciosa truta rosa pescada do riacho e uma salada com vegetais colhidos do jardim, temperados com ervas frescas, e o próprio dono serviu-lhes vinho fresco, de cor amarela e com aroma a frutas.

Poppy olhou para *Franco* do outro lado da mesa com velas ao centro.

– Sinto-me ébria de ar fresco. – Sorriu. – Já me tinha esquecido de como cheirava... É tão bom, até o consigo provar!

– Trabalhas muito – respondeu ele, franzindo o sobrolho. – Deixaste o *Numéro Seize* tornar-se o teu mundo todo.

– Mas não tenho outra vida – respondeu ela, surpreendida. – Que mais faria eu?

Ele não respondeu, limitando-se a pedir ao empregado para trazer mais vinho. Mais tarde, enquanto se dirigiam para o jardim, ele disse:

– Porque não compras uma casa no campo, um retiro só teu? Vê se gostas deste lugar esta noite, da sua beleza veranil, da sua simplicidade. Precisas do contraste, *Poppy*, para manteres a sanidade mental.

Ela virou-se de forma a olhar para a estalagem baixa e deslavada perdida no seu suave jardim verde, vivo com frutos e flores, sons de galinhas e pássaros e fragrâncias com aromas a ervas e rebentos. De súbito, o seu coração quis tê-lo. Mas havia um problema.

– Não tenho ninguém com quem partilhá-lo – retorquiu ela simplesmente.

Franco colocou-lhe as mãos nos ombros e virou-lhe a cara para si.

– Partilha-o comigo, *Poppy* – disse ele calmamente –, deixe-me comprá-lo. Será o *nosso* retiro, um lugar para onde podemos escapar do meu mundo

e do teu. Juro-te que, na minha vida, nunca disse isto a outra mulher. *Poppy, eu amo-te*. Há tanto tempo que to queria dizer, mas tive de esperar que sarasses as tuas feridas. Oh, sim – acrescentou ele, sombrio –, sei tudo sobre ti, sei quem tu és e de onde vens... Tudo.

A mão de Poppy voou-lhe até à boca e ela olhou para ele, angustiada.

– Então, como podes amar-me se sabes? – engasgou-se ela. – Há coisas na minha vida demasiado terríveis até para serem contadas.

– Então, estamos quites – afirmou ele serenamente –, porque também há coisas na minha vida demasiado terríveis para serem contadas. Mas de certeza que o que importa é o facto de eu te amar... Poppy, se disseses que me amas serei o homem mais feliz do mundo.

– Não sei – murmurou ela, incerta –, não sei o que é o amor... Pensei que sabia, mas estava enganada. O que sinto por ti... é amor, Franco?

– Espero que sim, minha querida – disse ele, tomando-a nos braços; depois, a boca dela tornou-se suave e flexível sob a sua e o corpo dela pareceu leve quando a apertou mais. Quis continuar a beijá-la para sempre.

Poppy abriu os olhos quando ele afastou a boca da dela, olhando-o, surpreendida, com êxtase.

– Oh, sim, amo-te, Franco – murmurou ela. – Amo de verdade.

– Então fica comigo esta noite – sussurrou ele –, deixa-me amar-te, Poppy.

– Receio – sussurrou ela –, não saber nada sobre o amor... Só...

– Começaremos do início – disse-lhe ele –, não haverá más recordações, só tu e eu no pequeno quarto de uma estalagem com as janelas abertas para o ar fresco da noite estrelada. Oh, e vou amar-te, Poppy, prometo que vou amar-te.

Mais tarde, lá em cima, no limpo e pequeno quarto da estalagem, numa simples cama de madeira com simples lençóis de algodão branco e janelas abertas para o estrelado céu azul, ele ajudou-a a despir-se, retirando-lhe todas as peças de roupa do corpo magro como se destapassem uma obra de arte, acariciando-a gentilmente, elogiando-a com palavras de carinho até ela ficar sob o feitiço dos seus braços. Deitados, nus, sob os lençóis de algodão frios, o corpo dela respondeu às práticas de persuasão dele, tremendo com uma paixão nova enquanto ele a acariciava e persuadia até entrar finalmente nela e eles serem um só.

E, afinal, foi como Poppy sempre imaginara que seria; *foi* erguida nas

asas de uma águia... *Elevou-se* para outro reino... E percebeu, finalmente, que aquilo era amor verdadeiro.

Na manhã seguinte, enquanto conduziam de volta para Paris, cheio de felicidade, Franco disse:

– Vamos procurar uma casa de campo juntos, será uma aventura. – Olhou para Poppy, mas ela olhava diretamente em frente, com o sobrolho franzido. – Passa-se alguma coisa? – perguntou, preocupado. – Estás com dor de cabeça por causa do calor?

– Não – disse ela –, estava só a pensar quando vamos usar a casa de campo. Eu em Paris e tu em Nápoles? Não parece funcionar. – Olhou-o, esperançosa, pelo canto do olho, à espera de o ouvir dizer que era claro que ela tinha razão, que devia abandonar imediatamente a sua casa de Paris, casar com ele e ir viver para Nápoles.

– Claro que arranjarei tempo para vir a França – respondeu ele, calmamente –, mas, de qualquer forma, é altura de arranjares um lugar para ti, para onde possas escapar da pressão e das pessoas. Afinal – ele sorriu-lhe, mantendo os olhos na estrada –, não quero que fiques exausta por causa do trabalho, pois não?

Poppy suspirou.

– Compreendo – retorquiu baixinho. – Não parece muito para duas pessoas apaixonadas, pois não?

– Lamento, Poppy – disse ele, olhando-a, decidido –, mas não posso deixar o meu trabalho. Tenho de estar em Nápoles.

– E eu tenho de estar em Paris – respondeu ela suavemente. – É assim.

Franco olhou-a, lendo-lhe os pensamentos com astúcia.

– Não significa que não te ame ou que não preferiria estar contigo – acabou por dizer –, mas o meu negócio é em Nápoles e é lá onde tenho de estar.

– Então, porque não vou contigo? – perguntou ela, ansiosa. – Porque não desisto do Numéro Seize e vou viver contigo? – Quase disse a palavra *casar*, mas foi demasiado orgulhosa para sugeri-lo, o pensamento que lhe pairou na mente foi o de, que talvez por tê-la feito a mais sensacional *madame* de Paris, Franco não se sentir preparado para casar com ela.

– Isso não é possível – afirmou ele friamente –, lá tenho outra vida. Não

me pergunte porquê, limita-te a acreditar em mim. E eu amo-te, Poppy, sei que amo. Não consigo viver sem ti. Mas somos ambas pessoas muito ocupadas, por isso vamos aproveitar os intervalos de tempo que temos e desfrutá-los.

Os pedaços de papel estavam espalhados pela casa tão aleatoriamente como os pensamentos de Poppy. Mike encontrou-os nos armários do quarto, nas gavetas da cozinha, metidos dentro de livros e enfiados em vasos, contudo, após uma semana, ainda não conseguira percebê-los. Tratava-se de fragmentos da vida dela e ele ordenara-os, construindo gradualmente as histórias de Netta, do Numéro Seize e de Franco Malvasi.

Olhou para *Luchay* no seu poleiro sob a janela, lembrando-se de que Aria dissera que o papagaio saberia a história toda – afinal, vivera-a.

– Se ao menos conseguisses falar, *Luchay* – disse ele, cansado –, era *a ti* que Poppy contava todos os seus problemas... Bolas, pássaro, *sabes* tudo sobre Poppy. Sabes onde uma mulher daquelas guardava os seus segredos porque, como é óbvio, não ia contá-los a meio-mundo.

Mas o papagaio limitou-se a virar a cabeça e a alisar as penas, pelo que Mike gemeu.

– Já percebi – disse ele, frustrado –, só falas com a Poppy. É isso, não é?

– Poppy *cara*, Poppy *chérie*, Poppy querida... – repetiu o papagaio, abanando as asas. – Poppy, Poppy, Poppy...

O telefone tocou com o seu som antiquado a interromper o silêncio sinistro da *villa* e Mike, zangado, desviou o apoio dos pés com um pontapé ao levantar-se para o atender.

– Mike? É a Aria.

A linha não estava nítida, pelo que ele a ouvia muito mal.

– Olá, Aria – gritou –, como está?

– Acabei de regressar da visita que fiz a Hilliard Konstant, no Rancho Santa Vittoria – disse ela. – Nem sequer sabia que tinha um tio-avô ainda vivo quando a mãe me disse que lhe contou sobre ele.

– Como correu? – perguntou ele, sorrindo ao pensar no desagradável e velho Hilliard a lidar com a elegância social de Francesca.

– A princípio foi um pouco estranho. A mãe insistiu em alugar a maior limusina que conseguiu encontrar, pelo que chegámos lá como duas estrelas de Hollywood. Tive a sensação de que não era propriamente o estilo do tio Hilliard. Mas ele foi muito simpático comigo, disse-me que se lembrava de Angel e Maria-Cristina. E de Helena, claro. Disse que a Maria-Cristina era a extrovertida, sempre em festas e muito bem vestida, e que Helena mantinha todas as emoções escondidas dentro dela. «Como Pierluigi Galli», disse ele, «as pessoas assim são muito imprevisíveis.» O que acha que ele quis dizer, Mike?

– Não sei, mas o Hilliard é um homem muito cauteloso. Primeiro diz que não se lembra, depois alimenta-a com estas pequenas sementes de informação. Tenho a sensação de que o velho Hilliard sabe mais do que diz.

– Achei que ele parecia muito sozinho, senti muita pena dele – comentou Aria –, mas, enfim, apesar de a mãe insistir muito e querer saber sobre o dinheiro dos Konstant e as propriedades, ele foi muito simpático para mim. Gostei dele e acho que ele gostou de mim.

– Claro que gostou, não pôde evitar. Como estão as coisas com Carraldo?

Mesmo através da linha pouco nítida, ele ouviu-a suspirar.

– Estão bem, acho eu. Ele deu uma grande festa na passagem de ano. Até foi divertido, conheci todo o tipo de estrelas de cinema, o problema é que todas pensaram que eu era a namorada de Carraldo. Foi como ser da realeza, mas pior. Foram todos muito simpáticos e mantiveram a distância. Acho que ficaram surpreendidos por eu não estar carregada de diamantes e pedras, mas a mãe compensou mais ou menos por mim. Ela é a sensação de Hollywood!

– Aposto que sim! – Ele riu-se.

– Mike? Estava a pensar se soube alguma coisa sobre Orlando.

Ele fez uma careta, pensando no que dizer.

– Telefonei para a *pensione* algumas vezes – admitiu –, disseram-me que tinha ido para a Suíça, esquiar, acho eu.

– Compreendo – respondeu serenamente. – Então terei de esperar até que ele regresse. De qualquer forma, obrigada, Mike.

A voz dela pareceu muito triste e, numa tentativa de a animar, Mike disse:

– Estou a fazer progressos com Poppy, aqui na *villa*. Ela teve uma vida muito excitante!

– Oh, claro, a Poppy! – exclamou ela, como se se tivesse esquecido com a sua preocupação por Orlando. – Já encontrou provas?

– Ainda não, mas estou a tentar. Estou sempre a pedir ao *Luchay* para me dizer onde as pistas estão escondidas, mas ele não fala. Só diz «Poppy *cara*, Poppy *chérie*, Poppy querida...».

– Poppy *cara*... – começou o papagaio a imitá-lo e Mike riu-se.

– Mas tinha razão ao pedir-me para o trazer, Aria. Ele parece perceber que pertence aqui.

– Só queria que ele revivesse essas recordações, só isso – disse ela, triste. – Tenho de ir, Mike, a mãe está a chamar-me. Vamos às compras, outra vez. É o que todos fazem por estas bandas. Carraldo foi para Houston em busca de quadros, disse ele, pelo que estou livre por alguns dias. Oh, céus, penso que isto é um pouco injusto, ele tem sido tão bom para mim. E principalmente com a mãe, pois tenho a sensação de que não a suporta. Vemo-nos quando eu regressar. Em breve, espero. Ou pode ligar-me primeiro, se encontrar «provas». Rezarei por si!

Pousando o antigo auscultador no descanso, Mike deitou-se na cama – na cama de Poppy – com os braços atrás da cabeça, pensando em Carraldo. Que tipo de homem seria, pensou. Ganhava biliões legalmente através dos negócios de arte? Ninguém sabia ao certo, e provavelmente nunca saberia. Porém detestava que Aria estivesse envolvida. Não admirava que ela rezasse para que ele encontrasse provas substanciais.

* * *

Carraldo encontrava-se no seu avião de regresso a Los Angeles. O seu rosto parecia cinzento e tinha rugas de tensão em redor da boca. Os dois últimos dias haviam sido muito exaustivos, embora não mais do que esperara. Os

médicos do Southern Methodist Hospital estavam entre os melhores do mundo e, desta vez, fizeram-lhe um monte de testes que o tinham deixado fraco de cansaço. E podia nem sequer se ter dado ao trabalho, pois as coisas não haviam mudado. As conclusões deles eram exatamente as mesmas desde a última vez que lá tinha ido e na última vez anterior a essa. A dor voltou a atingir-lhe o peito e, com um suspiro, retirou o habitual comprimido branco da caixa prateada e colocou-o debaixo da língua, à espera do alívio que traria.

Pensou em Aria em Los Angeles, perguntando-se se as suas pequenas férias juntos podiam ser consideradas um êxito. Ela era educada para ele, mas também nervosa e distraída, e ele sentia que ela contava os dias para regressar a Veneza. É claro que sabia por que razão ela queria voltar; dissera-lhe que Mike Preston se encontrava na *villa* de Poppy, e sabia que esperava que ele encontrasse provas. Também sabia exatamente onde estava Orlando e o que fazia, e sabia que, quando quisesse, poderia referir essa informação ao ouvido de Aria – e seria o fim de Orlando. No entanto, ainda não possuía toda a informação de que necessitava. E não queria usar os seus métodos habituais. Pegando no auscultador telefónico do avião, pediu para lhe fazerem uma chamada para Mike Preston, na Villa Castelletto.

– Ainda não nos conhecemos, Mister Preston – disse ele, formalmente. – Mas já ouvi falar muito de si através de Aria.

– Sim, senhor – respondeu Mike, surpreendido. – Em que posso ajudá-lo?

– Isto pode parecer-lhe estranho, Mister Preston, mas estou a pedir a sua confiança. É claro que entendo que a informação que procura é, basicamente, um assunto privado entre o senhor e Lieber, mas preciso de um favor. Quando finalmente descobrir quem é a herdeira, ou o herdeiro, do património de Poppy Mallory, quero que mo diga em primeiro lugar. É claro que sei que acabará por dizer a Aria mais cedo ou mais tarde, *mas preciso de sabê-lo de imediato*. Só lho estou a pedir, Mister Preston, porque é um caso de vida ou morte. Provavelmente, isto parece-lhe muito dramático, mas confie em mim, eu sei o que digo.

Mike hesitou, pensando na morte misteriosa de Claudia e no medo de Aria de andar a ser seguida. Com uma pontada de medo, lembrou-se de

Lauren Hunter sozinha em Los Angeles...

– Por favor, confie em mim, Mister Preston – insistiu Carraldo. – Prometo que não se arrependerá. É tudo o que lhe posso dizer agora.

Mike assentiu. Não sabia porque devia confiar nele, mas confiou.

– Eu telefono-lhe – prometeu. – Assim que tiver a certeza.

– Obrigado – disse Carraldo, soando cansado –, esperarei até ter notícias suas.

Recostou-se na cadeira de camurça cinzenta, olhando para as nuvens a flutuarem através das janelas do avião como uma cadeia de montanhas com os picos cheios de neve. Era quase fevereiro – altura do *carnivale* de Veneza. Ele daria uma grande festa – uma festa de *noivado*. Depois, se ela concordasse, ele e Aria casariam na semana seguinte.

Orlando acabara o quadro do chalé de Pamela e colocou-o no pequeno cavalete de mesa, pronto para a surpreender quando acordasse. Era quase meio-dia e toda a gente tinha saído já para as pistas de esqui há uma hora. Ouvira-os a planear encontrarem-se no Eagle Club para almoçarem, porém não fora convidado. De certa forma, havia um entendimento de que ele era propriedade de Pamela e, por isso, ela tomaria conta dele, quando quisesse.

O chalé era luxuoso de uma maneira deliberadamente rústica e alpina; a enorme lareira circular estava acesa durante todo o dia e toda a noite no centro da vasta sala de estar, e as janelas de vidro triplo ofereciam vistas maravilhosas das montanhas cobertas de neve, de todos os lados. A manhã parecia arrastar-se e Orlando verificou mais uma vez o relógio de ouro *Cartier* que Pamela lhe oferecera no Natal – um bom relógio, mas não o melhor que a *Cartier* tinha para oferecer. Como muitas mulheres ricas, Pamela era cuidadosa com o seu dinheiro.

A casa era como uma prisão, pensou ele, rondando as suas impecáveis tábuas do chão como um urso enjaulado, no entanto, não valia a pena regressar já a Veneza, não até que Aria voltasse. Calculou a diferença de horário entre Los Angeles e Gstaad, perguntando-se se lhe devia telefonar, contudo, depois decidiu, zangado, que ela poderia esperar. Subindo as escadas em direção ao quarto de Pamela, abriu a porta de rompante.

Ela apoiou-se, sonolenta, num dos cotovelos, afastando o cabelo dos olhos.

– Oh, Orlando – murmurou –, precisamente o homem que eu queria ver. Anda cá, querido.

Ele encaminhou-se para a cama, olhando-a sem expressão.

– Porque me olhas assim? – perguntou ela, severa. – Às vezes, és tão estranho, Orlando, que acho que não te conheço realmente.

– Claro que conheces – retorquiu ele, desabotoando a camisa.

– Bom – disse ela, observando-o, a sorrir. – Porque não te juntas a mim, está muito quentinho aqui dentro.

– Já terminei o teu quadro – disse ele, colocando o braço à volta dela.

– Lindo menino – suspirou ela, relaxando sob as carícias dele. – Vê-lo-emos mais tarde, está bem?

«Claro», pensou Orlando, beijando-a, «claro que sim, Pamela... Tudo o que quiseres, Pamela...»

Mike realmente não esperara que Lauren atendesse quando lhe ligara, ela estava sempre tão ocupada de manhã a trabalhar, que sorriu, satisfeito, com o som da voz dela.

– Olá, Lauren Hunter – disse ele. – Como estão as coisas na Califórnia?

Ouviu-a rir, um pouco sem fôlego.

– Solarengas – respondeu ela –, como de costume. Mas onde estás?

– Não vais acreditar, mas estou sozinho, só com o papagaio de Poppy Mallory, na sua decadente *villa* italiana no meio de nenhures. *E* está a nevar lá fora!

– Com o papagaio de Poppy Mallory! – exclamou ela. – E na *villa* dela! Que excitante, Mike!

– Não é assim tão excitante – gemeu ele –, não consigo encontrar o que procuro.

– Então ainda não sabes...? Ainda não sabes quem é?

A voz dela pareceu esperançosa e ele sorriu.

– Desculpa, miúda, ainda não te consigo dizer. Esta situação toda é ainda mais complicada do que parecia no início. Mas, escuta, Lauren, como estás? E como está a Maria? Quero dizer, estás bem, não estás? Não há problemas?

– Não mais do que o habitual – respondeu ela, parecendo confusa. – Porquê? O que queres dizer?

– Oh... nada – respondeu ele, depois –, sim, bem, na verdade eu quero dizer-te uma coisa, Lauren. Uma das possíveis herdeiras foi assassinada, provavelmente leste sobre ela nos jornais, e agora outra acha que anda a ser seguida. Só gostaria que mantivesses os olhos abertos, que estejas alerta... Sabes... – Ele ouviu-a soluçar e falou rapidamente. – Não pretendo assustarte, e provavelmente não acontecerá nada, mas toma conta de ti. Está bem, Lauren Hunter?

– Está bem – anuiu ela. – Mike? Quando regressas?

Ele pensou por um momento.

– Assim que puder, Lauren. *Okay*?

– *Okay* – respondeu ela, e ele pensou que provavelmente sorria. – Como está a tia Martha? – perguntou.

– Ótima, e a Maria?

– Ótima. Tenho de ir trabalhar, Mike, estou muito atrasada...

– Falamos depois, Lauren Hunter – disse ele ainda a sorrir.

Pousando o auscultador, fechou os cortinados de seda de um azul-acinzentado, afastando a noite de neve, e atirou outro tronco para a lareira. Afundando-se na confortável poltrona funda de Poppy com um copo de vinho tinto na mão e uma enorme sandes de fiambre e queijo na outra, admitiu finalmente a derrota. Estava esgotado – e já esgotara todas as possibilidades da Villa Castelletto. Enquanto comia a sandes vagorosamente e a acompanhava com o vinho, pensava que não havia dúvidas de que chegara a um beco sem saída e não sabia onde procurar mais.

Prendendo o dedo do pé no banco que, nessa manhã, empurrara para trás furiosamente, pousou os pés e olhou para o fogo, a pensar em quantos longos invernos Poppy passara ali sozinha assim, sentada naquela cadeira, a olhar simplesmente para as chamas e a reviver o passado. Caramba, pensou quando o banco oscilou, devia tê-lo partido ao pontapeá-lo e provavelmente era uma antiguidade muito valiosa! Gemendo, pegou-lhe e analisou-o. Parecia um peça vitoriana bastante normal, com uma base de mogno decorada, suportada por quatro patas de leão, e com um topo bordado com rosas cor-de-rosa sobre um fundo azul-escuro. Abanou-o cuidadosamente, inspecionando os danos. Depois, de súbito, reparou numa pequena fechadura dourada.

– *Luchay* – disse ele, chocado –, acho que encontrei o esconderijo de Poppy!

Remexeu rapidamente nos objetos da secretária em busca de uma chave, porém, não teve sorte, pelo que pensou no tempo que demoraria a procurar na enorme casa, com todos os seus quartos cavernosos – sem sequer, provavelmente, encontrar nada. Correndo para a cozinha, procurou nas gavetas até encontrar uma chave de fendas, depois subiu novamente as escadas, dois degraus de cada vez.

A fechadura era de boa qualidade; ele teve de pressionar bastante até que, com um estalido, ela finalmente cedeu. Mike olhou para a impecável pequena pilha de livros de exercícios infantis, provavelmente comprados há anos numa loja da aldeia. Mal se atreveu a abri-los.

– É isto, *Luchay*? – disse ele, espantado. – Vamos finalmente conhecer o resto dos segredos de Poppy?

1907, PARIS

Greg Konstant estava no final da sua viagem anual à Europa, em mais uma ronda de visitas inúteis às embaixadas, consulados e polícia de Roma, Veneza e Florença. Gastara mais umas semanas fúteis a deambular pelas ruas, sem nunca ver a beleza das cidades antigas, sempre à procura nos rostos da multidão que passava, esperando em vão pelo milagre em que veria Poppy. Tantas vezes vislumbrara madeixas de cabelo ruivo ou a fração de um perfil, ou um andar em particular que lhe parecera familiar, apressando-se atrás do seu sonho só para encontrá-lo mais uma vez destroçado quando a rapariga se virava, olhando para ele com desconfiança. Ele desculpava-se de imediato, dizendo que pensara que se tratava de outra pessoa, de uma pessoa que conhecia... Uma rapariga americana.

– O nome dela é Poppy Mallory – diria ele, ansioso –, tem mais ou menos a sua idade, talvez tenha ouvido falar dela?

Mas elas abanavam sempre a cabeça e iam-se embora.

– Não sei porque insistes em regressar – dissera-lhe Angel, farta. – A Poppy escolheu desaparecer e já é altura de aceites isso.

– Nunca o aceitarei até saber a razão pela qual o fez – respondera ele, teimoso. – A Poppy nunca «desapareceria». Deve ter-lhe acontecido alguma coisa.

Encontrava-se no bar do Ritz, em Paris, sentado com uma bebida solitária e preocupado com Angel. Era óbvio que a irmã não era feliz com Felipe,

apesar de fazer o impossível para o disfarçar. Parecia-lhe que Felipe se tornava mais autocrático e exigente a cada ano que passava, tratando Angel como uma das suas lindas posses em vez de como sua mulher, embora fizesse um esforço para dominar a língua afiada e desrespeitosa sempre que Greg estava por perto.

– Isso é pouco tem medo de ti – dissera Angel com um sorriso cansado. – Ele sabe quais os seus interesses, e que tu e o papá é que controlam as finanças. Sem o dinheiro dos Konstant, Felipe é simplesmente mais um aristocrata decadente, com título mas sem conta bancária.

– Ainda o amas? – perguntara ele, zangado, pronto a enviá-la de volta para a Califórnia no próximo barco se ela dissesse que não.

– Às vezes pergunto-me se alguma vez amei – respondera ela, triste. – Mas nunca poderei deixá-lo, Greg... Por causa das crianças.

Ele vira como o rosto de Angel se iluminava sempre quando as suas duas meninas andavam por perto e, agora, havia ainda Aleksandr, de dois anos, o menino dos olhos de Angel. Eles eram os únicos elementos na sua vida vazia de sociedade que Felipe lhe impusera, que traziam de novo o antigo brilho da beleza verdadeira ao rosto de Angel. Atualmente, ela era uma mulher magra e elegante, com cabelo suave e olhos intensos, sempre magnificamente vestida, contudo, apesar de ter apenas vinte e sete anos, poderia ter qualquer idade. Perdera toda a vitalidade da juventude, a sua *joie de vivre*. A vida já não era «divertida» para Angel.

As gémeas tinham oito anos. Maria-Cristina era a mais loira, com intensos olhos azul-escuros, enquanto Helena tinha cabelo dourado e os olhos cor de musgo de Felipe. Maria-Cristina era elétrica e alegre, Helena era calma e mais reservada. E o jovem Aleksandr era um rapazinho sensível, muito dominado pelo pai.

Desta vez, instalado na Villa d'Oro, Greg reparara que Helena se comportava de maneira estranha. A princípio, pensara que estava simplesmente a ser desobediente ao não responder-lhe, mas Helena era uma menina bem-educada e com modos e, mesmo em brincadeiras de crianças, nunca ignoraria um adulto.

– Fico surpreendida por não teres reparado mais cedo – dissera-lhe Angel, triste, quando ele perguntara. – É muito simples. A Helena é surda.

– Surda? – gemera ele, chocado. – Mas porquê...? Como...?

– Quando reparei a primeira vez tinha ela poucos meses de idade. Foi o

contraste entre as duas raparigas, sabes?

– Mas de certeza que se pode fazer alguma coisa! Afinal, ela é apenas uma criança.

– Se pudesse, não achas que eu já teria feito? – retorquira Angel, amarga. – Levei-a ao melhor especialista de Roma, e depois ao de Milão, ao de Paris e ao de Londres. Levei-a a todo o lado, Greg. E todos os médicos disseram a mesma coisa. Ela tem uma má-formação no osso do tímpano e a pressão causa a surdez. Quando tiver vinte anos, Helena será completamente surda.

Greg olhara horrorizado para a linda criança loira que brincava no jardim diante deles, rindo e guinchando com deleite enquanto ela e a irmã seguiam o *cocker spaniel* castanho e branco que ele lhes dera de presente. Lembrou-se de Angel a brincar com o seu pequenino cão preto *Trottie*, que morrera há muitos anos, quando ele fora um irmão mais velho babado. Ela tinha sido tão perfeita; tivera beleza, encanto, afeição, a dádiva do amor... As fadas boas tinham dado a Angel todas as dádivas no seu batismo para lhas tirarem mais tarde.

– Escondi-o de toda a gente, à exceção de Felipe, claro – disse Angel. – Não queria que ninguém soubesse. Estou sempre por perto para a ajudar, pelo que ninguém repara. Respondo às perguntas que ela não consegue ouvir, ou viro-lhe o rosto para as outras crianças e digo-lhes para falarem mais alto... Não aguento que os outros saibam.

– Mas e quando ela for mais velha? – perguntou ele, preocupado.

– Nunca ninguém a magoará – afirmou Angel, destemida. – Ela viverá aqui onde é amada, rodeada por estes lindos jardins. Contratarei tutores para que aprenda a ler os lábios, esforçar-nos-emos para tornar a sua voz o mais normal possível... *Resultará*, vais ver, *resultará*!

Fora desde a sua Grande Viagem à Europa, há nove anos, pensava ele sentado no bar do Ritz, que as coisas haviam começado a correr bastante mal. Nem sequer o Rancho Santa Vittoria era o mesmo.

– Greg Konstant? És tu, não és?

Greg franziu o sobrolho ao homem, confuso.

– Meu Deus – exclamou ele, suavizando o rosto –, és o Charlie Hammond, não és?

– Charles Hammond, o terceiro, da turma de noventa e cinco de Harvard. Seu velho patife, não me reconheceste? Depois de todos os sarilhos que causámos em Boston? Não podes dizer que não tivemos uns pequenos

problemas com os copos uma vez ou duas, talvez até três! E o que fazes sozinho em Paris, no bar do Ritz? Estás à espera de uma senhora, aposto.

Charlie Hammond sentou-se em frente a Greg e pediu mais bebidas ao empregado. Era um homem alto e bem-parecido de trinta e três anos, com cabelo castanho encaracolado e olhos castanhos a condizer, e sentia-se muito em casa no ambiente cosmopolita do Ritz.

– É o meu bar preferido – disse ele, olhando em volta para verificar quem mais lá se encontrava. – É sempre o primeiro sítio a que vou, em Paris. É garantido encontrar alguém conhecido no bar do Ritz, ainda nunca me desiludi. Ainda assim, tenho de admitir que não esperava encontrar-te *a ti*, Greg. Ora, não nos víamos desde os nossos dias de faculdade, há dez anos, não é? Desde então, já muita água passou por baixo da minha ponte, posso dizer-te, e da tua também, aposto. Acabo de chegar por causa de assuntos relacionados com a banca, velho amigo. Lembras-te?

– Claro – respondeu Greg, a sorrir –, a família de banqueiros em Filadélfia. Na universidade dizias sempre que nunca te juntarias a ela, que serias um construtor naval, se não estou em erro?

Charlie sorriu ao pousar o uísque.

– Bem, sabes como é... É difícil escapar ao aperto da família, velho amigo. Mas construo barcos e viajo neles. Nos fins de semana e no verão, claro. Mas tu ias ser sempre um rancheiro, nunca quiseste outra coisa senão gerir a grande propriedade da Califórnia.

– É verdade. – Greg encolheu os ombros. – Eu nunca mudei.

– Então, que raio faz um rancheiro californiano sozinho em Paris?

– Vim visitar a minha irmã a Veneza. Sigo sempre por Paris no caminho de regresso.

– Ah, Paris, a cidade das luzes e do pecado! – exclamou Charlie, alegre. – Aposto que tens uma linda mulherzinha pacientemente à tua espera no rancho e, por agora, três ou quatro filhos... Tal como eu. Ainda assim, isso não impede que um tipo passe um bom bocado em Paris, pois não? Afinal, é o melhor sítio para isso. Dizem que o Numéro Seize, rue des Arbres, não tem igual nos deleites sensuais. E se fôssemos lá jantar e ver as vistas? Um pouco de diversão na cidade do vinho, das mulheres e da música, eh?

– Obrigado, Charlie – respondeu Greg, friamente –, mas não sei se estou com disposição para uma casa grosseira...

– *Casa grosseira?* Atenção ao que dizes, amigo, não é uma casa

grosseira! Normalmente, é preciso duas recomendações e uma garantia bancária para entrar lá dentro! O Numéro Seize é como um excelente clube de cavalheiros, em luxo e elegância. *E* dizem que o seu restaurante rivaliza com o do Maxim's. Por isso, porque não jantamos, bebemos umas garrafas de champanhe e vemos o que se passa lá dentro? Disseram-me que se pedirmos a companhia de um par de raparigas encantadoras para nos entreterem com um pouco de conversa feminina, podemos fazê-lo. Queres passar pelas brasas em frente da lareira da biblioteca? Também podes fazê-lo. Queres ouvir a música de Chopin ou Liszt ser tocada no piano por uma rapariga muito mais bonita do que um pianista qualquer, sem te importares com o talento dela? Um jogo de bilhar? Uma conversa de negócios? E, lá em cima, meu amigo... – Charlie recostou-se na cadeira, respirando fundo de modo apreciativo –, dizem que o que quer que te tente, será teu. *E* que as raparigas são as mais elegantes, bonitas e talentosas da cidade! Bem, como podes recusar tudo isto?

Greg riu-se, aliviado por ser retirado dos seus pensamentos tristes.

– Velho amigo – disse Charlie, alegre –, só há um senão, é que o maldito sítio custa uma fortuna. – Piscou o olho. – Ainda assim, vale a pena. E, outra coisa, ouvi dizer que a *madame* é ainda mais bonita do que as raparigas, mas que é completamente intocável. Dizem que nunca ninguém conseguiu atravessar a porta do quarto dela. – Sorriu enquanto se encaminharam do bar para a rue Cambon e chamaram um táxi. – Quem sabe? – disse ele. – Com o nosso encanto, Greg, tu ou eu poderemos ser os sortudos!

Por aqueles dias, havia alturas em que Simone Lalage não suportava a companhia da Paris «da moda». Há vinte e cinco anos que fazia parte dela, dizendo a si própria que estava a ficar demasiado rica, demasiado confortável e demasiado *velha* para ter o trabalho de ser sempre encantadora e de estar sempre maravilhosa, pelo que agora, ocasionalmente, gostava de ficar em casa. Pediria ao cozinheiro que lhe fizesse um jantar divinal e expulsaria todos os cavalheiros que ainda procuravam a sua companhia, ansiosos para dizerem que tinham jantado com Simone e espalharem a notícia das suas últimas piadas e afiados disparos verbais. O problema era que, muitas vezes, aborrecia-se a si própria com a sua companhia e, quando

tal acontecia, pedia a sua limusina castanha e percorria com estilo os dois quarteirões em direção ao número 16, rue des Arbres, para jantar com Poppy.

Simone bebia o seu terceiro copo de magnífico champanhe *Pol Roger* e ouvia as histórias de como era o maravilhoso Franco, cheio de bondade e cortesia; como Franco a fazia sentir a mulher mais amada da Terra, e como a fazia sentir-se atraente e *atraída* na cama; pelo que ela já perdia a paciência.

– Não há nada de novo que me possa dizer sobre o que se passa entre lençóis – disse ela, amarga –, é a emoção envolvida que conta. Na minha vida, só a senti com dois homens e de ambas as vezes me arrependi. Assim que souberam que eu gostava realmente deles, deixaram-me a roer as unhas e a pensar onde estariam. Às vezes nem sequer apareciam e, posso dizer-lhe, Poppy, essas eram as noites mais longas do mundo. Agiam como se eu lhes pertencesse e, mesmo quando o meu orgulho me dizia que já bastava, eu ainda os aceitava por simplesmente não ter vontade de acabar com tudo. Oh, sim, até eu, a *indomável* Simone Lalage. É claro que acabei por ver a razão. Decidi pôr de lado essas tolices românticas e ter relações mais confortáveis, que *eu* pudesse controlar. Acredite, querida – disse ela, acariciando o cabelo que naquela semana fora pintado de castanho-avermelhado para condizer com a limusina e os rubis birmaneses –, é uma vida mais feliz.

– Mas, Simone, está a perder tanta coisa! – exclamou Poppy. – Eu também costumava pensar assim, mas com Franco é diferente, é *maravilhoso*! Olhe para mim! – Rodopiou diante de Simone, com as saias do vestido de *chiffon* cinzento a rolar nos seus lindos tornozelos, com o copo de champanhe erguido e o rosto a brilhar de vitalidade. – Não me acha diferente? O amor não me mudou?

Simone olhou para o retrato de Poppy que Franco insistira em mover da biblioteca para o seu aposento privado, depois, olhou para a amiga.

– Está mudada, admito – respondeu Simone, enchendo o copo – e espero que seja para melhor.

– Oh, Simone – disse Poppy, desesperada –, como a posso convencer de que o amor vale tudo? Mais do que riqueza, mais do que a fama... – O rosto dela brilhava com sinceridade quando acrescentou –, estar apaixonado é o champanhe da vida, Simone. Serve para provarmos e nos embebedarmos, e

depois... *wheeee*... – Caiu de costas no sofá de brocado azul, a rir-se.

Simone olhou-a astuciosamente.

– Não é um caso de longa distância, este seu romance? Com Franco em Nápoles a maior parte do tempo, e a Poppy aqui?

– O Franco é muito ocupado – respondeu Poppy na defensiva –, disse-me que detém toda a responsabilidade de um grande negócio. É o que provoca aquelas rugas de preocupação no rosto dele. Tem apenas trinta e poucos anos, sabe, como... – Ela quase disse «como Greg», mas deteve-se a tempo e perguntou-se por que razão lhe ocorrera tal pensamento. Há anos que não se permitia sequer pensar em Greg, ou naquele mundo longínquo.

– E trinta anos não é a idade ideal para casar? – sugeriu Simone, vendo a reação dela. Embora tivesse uma nova aparência sofisticada, Poppy continuava ingênua e pouco realista – apesar de Simone não conseguir perceber como geria ela um bordel tão bem-sucedido e permanecia inocente – nem como podia estar tão apaixonada por Franco Malvasi e não saber que ele era um dos reis mais frios e brutais do crime organizado. Se não tivesse tanta certeza do amor de Franco por Poppy, poderia ter ficado apreensiva com a segurança dela.

– Talvez – respondeu Poppy, evasiva –, mas temos a nossa pequena quinta em Montespán, onde nos conhecemos, e fugimos de todas as pressões do nosso trabalho. É um autêntico paraíso, Simone, ar fresco do campo, leite ainda quente das nossas próprias vacas. Temos manteiga e ovos frescos, que temos de procurar no galinheiro onde as galinhas os põem, e vegetais do jardim. E uma enorme cama de penas onde dormir. Somos como dois campônios quando estamos em Montespán.

– Foi o que a Marie Antoinette pensou quando brincou às camponesas em Versalhes, e veja o que lhe aconteceu – retorquiu Simone, ácida. – Parece horrível, Poppy, leite de vacas, *uh!* Prefiro mil vezes champanhe!

Bateram à porta e Watkins apareceu.

– Estão dois cavalheiros na sala de jantar que gostariam de a conhecer, *madame* – disse ele.

– Quem são eles, Watkins? – perguntou ela, olhando para Simone com um suspiro. – Uma das raparigas não pode fazer-lhes companhia?

– Já jantaram com Véronique, *madame*. Não são clientes habituais e um deles é, bem, bastante *bisbilhoteiro*. É ele que insiste em conhecê-la, *madame*.

– Diga-lhes que estou a jantar, Watkins – pediu Poppy com um suspiro. – Tentarei falar com eles mais tarde.

– Grandes gastadores a quererem festa, não há dúvida – sugeriu Simone.
– Querem poder voltar para casa e gabar-se aos amigos que conheceram a misteriosa Poppy do famoso Numéro Seize.

Poppy franziu o sobrolho.

– Tiveram de ser recomendados por, pelo menos, duas pessoas para entrarem aqui – comentou ela –, pelo que suponho que devem ser decentes, apesar de bisbilhoteiros.

Greg observava indulgentemente enquanto Charlie tragava outro copo de vinho.

– O seu amigo tem bom gosto – sorriu Véronique –, mil oitocentos e noventa e seis foi um ótimo ano para os vinhos de primeira colheita, apesar de eu poder ter recomendado um *Château d'Yquem* com o *foie gras*, e um *Tokay* com a sobremesa.

– Receio que quando Charlie começa a beber um certo tipo de vinho se mantém fiel a ele – disse Greg, desculpando-se. – É um simplório, sempre foi.

– Compreendo – respondeu ela, abanando a cabeça para que os bonitos brincos de topázio e diamante balançassem, elegantes. – É por isso que ele insiste em ver a *madame*.

Chamando o empregado, Greg pediu uma garrafa de *Toquay* e Véronique sorriu, agradecida, brincando com uma pequena taça de *crème brûlée*, com a cor do caramelo a combinar quase na perfeição com a cor dos seus olhos. Havia uma característica inerte naqueles olhos, pensou Greg, e ela tinha uma sensualidade vibrante e suave, como um gato que se acerca do seu leite.

– Então, quando vamos conhecer a *madame*? – perguntou Charlie, exasperado.

– Um pouco mais tarde – suavizou Véronique –, depois de terminarmos o nosso vinho maravilhoso.

– Espere um momento – disse ele, franzindo o sobrolho –, não podemos simplesmente chamar-lhe «madame» quando a conhecermos. Qual é o nome dela, por amor de Deus?

– O nome da *madame* é Poppy – referiu Véronique com um sorriso.

O pé do copo de cristal de Greg estalou-lhe nas mãos e o sedoso vinho de um dourado maravilhoso verteu na toalha. Empregados prestáveis correram para limpar os estilhaços, perguntando, preocupados, sobre o seu corte enquanto ele olhava com um rosto pálido para Véronique.

– Disse... Poppy? – sussurrou ele.

– Ora, sim, Madame Poppy. É bastante famosa, sabe – retorquiu Véronique com os olhos muitos abertos de surpresa.

– Diga-me, de onde é ela? – perguntou ele, ansioso. – Como é ela? Tem cabelo ruivo...?

– A *madame* é muito bonita e, sim, o cabelo dela é ruivo. Mas ninguém sabe de onde é. – Véronique sorriu-lhe, confusa. – A *madame* é um enigma. Mas verá por si próprio quando a conhecer. Porque não me deixa tratar da sua pobre mão? É uma pena o vidro ter-se partido, agora está a sangrar e o vinho já não pode ser bebido.

– Gostaria de enviar um recado a Madame Poppy – disse Greg, chamando o mordomo.

A sua mão tremia à medida que escrevia a breve mensagem. De repente tivera tanta certeza de que era ela que nem sequer sentira necessidade de pôr a verdade em causa.

«Poppy», escreveu ele, «tenho de falar contigo. Greg.»

Ao dobrar a nota começou a duvidar de si próprio. Encontrava-se no mais famoso bordel de Paris e, pela primeira vez em anos, alguém mencionara o nome de «Poppy». Estava a ser ridículo. A rapariguinha inocente que conhecera não poderia gerir um sítio daqueles. Mas ele não sabia o que acontecera durante os anos que tinham passado; não sabia os segredos que Angel conhecia acerca de Poppy; não sabia o que todos diziam sobre ela ter voltado a ser o que era antes, «como o pai»... Um milhão de pensamentos e desejos assolaram-lhe a mente ao entregar o recado a Watkins, pressionando uma nota de cinquenta francos na palma da mão dele.

– Entregarei o recado, senhor, mas não aceito gratificações – disse o mordomo suavemente.

– Aqui não se aceitam gorjetas – explicou Véronique –, é uma das regras da *madame*. Ela diz que o Numéro Seize é caro porque pagam pelo melhor. Não se deve receber mais do que o necessário.

Mas Greg nem sequer a ouviu, nem viu Charlie a beber o seu *Toquay* e a

atacar com *gusto* a sobremesa de chocolate cheia de açúcar. Tudo o que via era o rosto de Poppy.

Simone achou que, quando Poppy leu o recado, uma luz se acendeu dentro dela. E, quando ela olhou para cima, a expressão nos seus olhos foi tão vaga e fria como se tivesse acabado de olhar para a sua própria campa.

Correu para junto de Poppy, lendo o recado por cima do seu ombro. *Poppy, tenho de falar contigo. Greg.* Era tudo o que dizia. Eram apenas seis palavrinhas inócuas, mas parecia que Poppy podia não recuperar do seu impacto.

– Quero que me faça um favor, Simone – acabou Poppy por dizer. – Por favor, imploro-lhe que, como amiga, diga que sim. Este homem nunca aqui esteve... Não a conhece, nem a mim. Quero que o conheça e finja ser a Madame Poppy. Pode fazer isso por mim, Simone?

Simone sabia que Poppy estava metida em sarilhos.

– É uma pessoa do seu passado, não é? Não se preocupe, deixe estar. – Virou-se para o mordomo. – Watkins, fale com Véronique à parte e avise-a do que vai acontecer, depois traga-a juntamente com os cavalheiros para o salão azul.

Poppy afundou-se na sua cadeira quando a porta se abriu atrás delas. O seu rosto não tinha cor e ela tremia tão violentamente que os dentes batiam. *Luchay* esvoaçou do seu poleiro para o ombro dela, murmurando ansiosamente ao aproximar-se. Mas ela só conseguia pensar no facto de *Greg estar ali. Estar naquela casa.* Uma vaga de esperança invadiu-lhe o coração; talvez ele tivesse vindo com o propósito de a encontrar, de a levar para casa; talvez a tivesse perdoado e quisesse devolvê-la ao seu lugar adequado na vida... *Talvez ainda a amasse.*

Voltou à realidade com um sobressalto; o recado dele não dizia nada disso. Como poderia dizer? Ela era a *madame* de um bordel em Paris. «Poppy» não era melhor do que uma prostituta. Tocou, desesperada, nas pesadas pérolas que tinha ao pescoço. Ela era a Madame Poppy e amante de Franco Malvasi, e não era verdade que amava Franco acima de qualquer outra pessoa? Acima de Greg?

– Cavalheiros – disse Simone com uma voz rouca –, estou *enchanté* por conhecê-los. O meu *anglais* não é muito bom, mas dou-vos as boas-vindas

ao Numéro Seize.

Greg olhou espantado para a bonita francesa... Era verdade que tinha cabelo para o arruivado e era encantadora... Mas não era a Poppy.

Os astutos olhos escuros de Simone analisaram-no da cabeça aos pés, e ela gostou do que viu. Pensou que Poppy era uma tola por trocar um homem daqueles por Franco Malvasi, mas quem percebia mulheres apaixonadas?

– Esperavam outra pessoa? – sugeriu ela, suavemente.

– É que Poppy é um nome tão incomum – disse Greg. – Era o nome de uma pessoa que conheci.

– Conheceu? – perguntou ela, inteligente. – Então a sua amiga já morreu?

– Não sei, *madame* – disse Greg, sincero. – Mas obrigado por ter falado comigo. Peço desculpa por tê-la feito perder tempo.

– É para isso que serve o meu tempo, para ser perdido com um homem bonito. – Simone sorriu-lhe, incapaz de resistir ao impulso de namoriscar. – E o seu nome é?

– Sou Greg Konstant.

– Talvez nos voltemos a ver, Mister Konstant?

– Receio que não, parto amanhã para Nova Iorque. Não penso regressar. Há aqui muitas recordações tristes para mim.

– É pena – disse Simone quando apertaram as mãos e se despediram – que ache Paris *triste*.

Poppy estava sentada junto à lareira com um copo de brande apertado na mão, olhando apreensiva para Simone.

– Então? – sussurrou ela.

– Mister Greg Konstant é bonito, é um cavalheiro e não tenho dúvida nenhuma de que é rico. É tudo o que deveria ter, Poppy, fiquei com a sensação de que ele deveria ter sido seu.

Poppy engoliu o brande com a mão ainda a tremer.

– Num outro tempo, Simone, tal como em todos os livros de histórias. Mas agora, não. Nem nunca mais. – Depois, afundou-se no sofá e desatou a chorar.

Véronique observou Greg com atenção quando ele regressava ao bar. Não

era o tipo de homem que costumava frequentar o Numéro Seize e era um enigma. Era bonito, e ela não tinha quaisquer dúvidas acerca da sua masculinidade, ainda assim, ele não revelara interesse nela – bem... talvez apenas uma vez quando ela o apanhou a olhar longamente para si, contudo, não tinha ido mais longe. O seu amigo Charlie era de um tipo que ela conhecia bem, alegre, um pouco ébrio, generoso e direto; estava em Paris para passar um bom bocado com um rapariga bonita. Charlie não necessitava dos seus serviços especializados. Mas Greg Konstant era diferente.

– Quero beber champanhe, dançar e cantar – gritou Charlie, muito alto. – Traga uma das bailarinas.

– Terá a sua própria rapariga especial – disse Véronique – e prometo que será uma experiência que jamais esquecerá. Espere aqui enquanto eu providencio tudo.

Ela disse a Watkins para levar a Charlie duas garrafas de champanhe – sem ser *vintage* – pois enquanto *connoisseur* detestava ver bom vinho a ser desperdiçado num bêbado, e pediu-lhe para ir buscar Villette.

Charlie olhou confuso à medida que Villette atravessava a sala, na sua direção. Envergava um esvoaçante vestido vermelho de *chiffon*, o longo cabelo loiro escorria desde os ombros até à cintura e a sua pele cor de mel brilhava com a luz. Véronique sussurrou-lhe ao ouvido.

– Villette dançará para si como nunca ninguém dançou. Vá ter com ela, Charlie, ela será a sua Salomé.

Um pouco cambaleante, Charlie deu o braço a Vilette e dirigiu-se às escadas com uma garrafa de champanhe numa das mãos.

Véronique virou a sua atenção para Greg. Ele olhava para baixo, para o seu copo de uísque, perdido em pensamentos sombrios.

– Parece estar a milhares de quilómetros daqui – comentou ela, tocando-lhe no braço.

– Quem me dera estar – respondeu, amargo. – Venho todos os anos, e todos os anos me apercebo de que estou só a perder tempo.

– Então, porque vem? – perguntou ela. – De que anda à procura?

– Não é de «quê», é de «quem» – retorquiu ele, acabando o uísque.

Pegando-lhe na mão, ela disse:

– Não é bom beber sozinho, sabe. Porque não vem comigo para o pequeno salão? É muito sossegado. Podemos conversar.

Greg olhou para ela. Era alta, graciosa, encantadora; a sua pele era suave e o cabelo loiro com madeixas âmbar parecia o pelo malhado de um gato. Os seus lábios suaves estavam meio abertos e os olhos semicerrados brilhavam intensamente ao olharem para os dele. Era bastante sedutora. Mas não era a mulher que ele queria.

– Está bem – disse ela, lendo-lhe a mente –, é que às vezes é mais fácil para um homem falar com uma mulher sobre a outra mulher que ama.

Era verdade, apercebeu-se ele de imediato. Não havia mais ninguém com quem pudesse falar sobre Poppy. Angel e o resto da família tinham-na simplesmente apagado das suas vidas. Era tentador falar livremente, por fim, dizer a alguém como a amava, como tivera a certeza absoluta de que um dia voltaria a encontrá-la.

O pequeno salão estava calmo. Um fogo baixo brilhava na lareira e havia focos de luz e sombras projetados por pequenos candeeiros de vidro verdes.

– Sente-se ao meu lado – convidou Véronique, dando palmadinhas convidativas num sofá fundo. Um empregado colocou uma garrafa de uísque na mesa baixa em frente a eles e desapareceu discretamente. À exceção de outro casal que conversava intimamente no outro canto do salão, estavam sozinhos.

– Anda à procura de alguma coisa – murmurou ela, colocando os pés sob o traseiro e apoiando a cabeça numa mão. – Diga-me o que é... E porquê. – Os seus olhos semicerrados cor de caramelo olharam para os dele, simpáticos.

– A minha busca terminou – retorquiu Greg, abruptamente. – Perdi a rapariga que amava. Ela simplesmente desapareceu, ninguém sabe onde, nem porquê. Só Deus sabe como *tentei* encontrá-la – disse ele, desesperado –, *acredite, eu tentei*. – Bebeu o uísque de um trago para aliviar a dor. – Ela persegue-me, Véronique. O rosto dela está sempre no meio da multidão e, ainda assim, não está. Nunca é *ela*. As pessoas dizem que sou maluco por voltar todos os anos para deambular simplesmente pelas ruas na esperança de a ver. E talvez até seja. Mas ainda a amo, compreende?

– E, agora, lamenta o seu sonho perdido – sussurrou Véronique, compreensiva. – Diga-me como ela era. Era muito jovem? Bonita? O que o persegue, Greg? São as recordações do seu passado? Ou o que poderia ter sido?

– Lembro-me dela quando éramos novos, a cavalgar pelo rancho – referiu

ele, com os olhos a olharem para o espaço vazio como se pudesse visualizá-la outra vez ali. – O seu longo cabelo ruivo flutua no vento porque lhe roubei a fita... Um cabelo muito encaracolado e selvagem, mas macio ao toque. E os seus olhos são de um azul muito intenso e brilhante e está sempre com um olhar arrogante, quase *insolente*. Tem os membros compridos, é magra e graciosa. Conheci-a quando ela tinha sete anos e soube logo que era a rapariga com quem casaria. Tudo o que tinha a fazer era esperar que ela crescesse. Ela é tão *inocente*, Véronique. O que dizem sobre ela ter um sangue ruim, como o pai, não pode ser verdade... Recuso-me a acreditar! – Esvaziou o copo e serviu outro.

A mão de Véronique estava pousada simpaticamente no braço dele, com dedos compridos e magros, e unhas pintadas de um rosa-perolado.

– Não deixe que ninguém mude o seu sonho – sussurrou ela, inclinando-se para a frente –, deixe-a permanecer como era.

– Nem sequer sei como ela seria hoje – respondeu Greg tristemente –, não a vejo há tantos anos... Ela tinha apenas dezoito anos.

– Então, já não seria nenhuma menina – comentou Véronique na sua voz baixa e rouca –, agora seria uma mulher... A mulher que esperava que ela se tornasse... – Os seus olhos semicerrados brilharam, hipnotizadores, no salão sombrio e, ao aproximar-se, Greg cheirou-lhe o perfume – um aroma suave, verde, húmido e a flores da floresta.

– Ela seria o tipo de mulher que *o* queria tanto como o Greg a queria a ela, não é? Sabia isso mesmo quando ela estava a crescer. Disse a si próprio que ela seria ardente, imaginou-a nos seus braços, aquele corpo esguio, as pernas lindas e compridas entrelaçadas nas suas...

– Oh, Deus – gemeu ele, desesperado –, eu queria-a tanto... Sonhei como seria a nossa noite de núpcias, quão apaixonadamente inocente seria. Ela faria amor comigo tão naturalmente como um animal do bosque por não ter desonestidade... nem falsa modéstia. Ter-me-ia dado o seu corpo da forma como dava tudo... Por completo.

– Pobre Greg – murmurou Véronique roucamente, porém, um pequeno sorriso assolou-lhe a boca. Finalmente, tinha o que tanto tentara ter.

Um grupo barulhento atravessou as portas do salão a rir e a conversar, sentando-se junto à lareira e pedindo bebidas. Endireitando-se no sofá com o movimento gracioso de uma bailarina, Véronique estendeu-lhe a mão.

– Venha comigo – disse ela, roucamente –, podemos continuar a falar.

Quero ouvir os seus sonhos, o mundo privado que tem na cabeça...

Entraram num pequeno elevador com aspeto de jaula, desenhado para duas pessoas e decorado em suave veludo âmbar que dava diretamente para o salão do terceiro andar e, quando as portas douradas se fecharam suavemente atrás deles, pareceu a Greg que tinha perdido a noção do mundo real. No último andar do Numéro Seize a fantasia ganhava toda a espécie de formas.

– Tem de compreender – disse Véronique com a voz rouca, enquanto eles caminhavam, de mãos dadas através do corredor alcatifado –, que no terceiro andar do Numéro Seize tornamos os sonhos realidade, e que estou aqui para ajudá-lo a encontrar exatamente o que procura.

Abriu a porta e, pegando na mão dele, sussurrou:

– Venha para dentro, Greg, venha comigo, quero ajudá-lo a encontrar exatamente o que procura... Exatamente *quem* precisa...

Hipnotizado, deixou-a arrastá-lo para dentro do quarto mal iluminado. Uma cama de quatro postes, que parecia pertencer a uma mansão jacobina, estava negra devido à idade, e tinha a madeira muito trabalhada, com desenhos de rosas, unicórnios e medalhões heráldicos, e cortinas de seda cor de pêssgo que esperavam encerrar os ocupantes na cama, no seu próprio mundo privado.

– Deve estar exausto – murmurou Véronique. – Deixe-me tirar-lhe o casaco. Porque não se senta aqui, nesta confortável cadeira, enquanto eu preparo uma bebida?

Greg reclinou-se e fechou os olhos, desapertando a gravata e ouvindo o ruído suave do vestido dela a mover-se em redor do quarto. Sentiu depressa o toque dela no seu joelho. Estava ajoelhada aos pés dele com a luz do candeeiro a pintar-lhe a curva do peito de um creme quente.

– Isto é para si – disse ela, passando-lhe um bebida pálida e nublada. Ele olhou-a desconfiado pelo que ela respondeu: – Confie em mim, vai fazer com que se sinta melhor. Beba-a depressa, depois, relaxe e oiça-me. Isso – disse ela com um pequeno suspiro de satisfação enquanto ele esvaziava o copo –, agora deixe-me tirar-lhe os sapatos. Quero que relaxe enquanto lhe conto as coisas maravilhosas que podem acontecer aqui, no terceiro andar do Numéro Seize. – Tirou-lhe a gravata e desabotoou-lhe a camisa, em seguida, colocou-se atrás dele e começou a massajar-lhe o pescoço. Os seus dedos eram frios e firmes à medida que circulavam pelos seus músculos

tenso, enquanto ela se aproximava para lhe sussurrar ao ouvido. Mais uma vez, ele sentiu o seu aroma delicioso a musgo na floresta e flores verdes.

– Estamos no quarto dos sonhos – murmurou ela –, longe do resto do mundo, das preocupações, do passado... Longe do futuro. Estamos simplesmente aqui, juntos... A mulher que procura está aqui, neste quarto, a linda rapariga vibrante de membros compridos, pele suave, cabelo ruivo selvagem, jovem, inocente...

As mãos dela percorreram-lhe as costas, circulando e massajando e, repentinamente, Greg sentiu-se leve, como se flutuasse num mar agradável de bem-estar. Não tinha noção de mais nada a não ser daquelas mãos suaves na sua carne nua e da voz rouca e hipnotizante que lhe murmurava ao ouvido.

– Meu querido – murmurou ela enquanto as suas mãos lhe passavam pelo peito, rodeando-lhe os mamilos até ele gemer de intensos impulsos de desejo –, esta é a terra onde os sonhos se tornam realidade – sussurrou ela –, é aqui que satisfazemos os desejos do coração. – Ajoelhou-se entre as pernas dele e ele ouviu-a suspirar de prazer quando disse: – Um corpo tão jovem e firme, Greg, tão forte e musculado. Mas é claro que é um homem que gosta de andar no exterior, adora espaços abertos. Adora andar a cavalo com a sua rapariga de sonho e observar o seu cabelo ruivo selvagem a voar ao vento... Vem, deixa-me beijar-te – murmurou ela, com a boca a provocar, matreira, a dele. Ela voltou a suspirar de prazer, passando a ponta da língua quente nos lábios dele, provando-o. Depois, beijou-o e parecia que toda a energia de Greg se fundia com a dela num grande impulso apaixonado. Ela libertou os seios do vestido quando ele lhe colocou os braços em redor, apertando-a mais e não permitindo que ela tirasse a sua boca da dele.

– Delicioso – suspirou ela –, maravilhoso... Mal posso esperar... – Depois, de repente, ela deslizou do joelho dele e desapareceu. – Já volto – sussurrou ela ao desaparecer por outra porta.

Greg ficou ali, sem vontade de se mexer. Os seus membros estavam pesados e todas as suas ramificações nervosas ardiam de prazer. Não teve noção do tempo que Véronique esteve ausente, sabia apenas que teria esperado para sempre...

– Vem, Greg – chamou ela da cama –, vem até mim... Estou à tua espera.

As cortinas de seda cor de pêssego estavam fechadas e ele abriu-as de novo, com vontade. Ela encontrava-se deitada nas almofadas apenas com

uma camisa de noite branca simples apertada com pequenos laços azuis no peito. Mas seria Véronique?

– Prometi que tornava os teus sonhos realidade, Greg – sussurrou ela, estendendo-se luxuriosamente e espalhando o cabelo nas almofadas de cetim. – Sou o teu sonho, Greg, o teu sonho perdido. Olha! Olha só para este cabelo ruivo. Não é o cabelo do teu verdadeiro amor?

Ele soluçou, inclinando-se para a frente como um homem bêbado de forma a tocar numa madeixa vermelha, deixando-a cair por entre os seus dedos, pensativo.

– Olha para esta cara – murmurou ela, sorrindo-lhe –, não é a cara dos teus sonhos?

Ele espreitou mais de perto, a cara dela a enevoar a recordação de Poppy.

– É a nossa noite de núpcias, meu querido – continuou ela a murmurar –, a noite por que ambos esperávamos há muito, muito tempo. Não há necessidade de adiar mais a tua paixão. E não há necessidade de eu adiar a minha. Sempre soubeste que sou muito inocente. Não é, Greg? Não é assim que eu sou? Voltei para ti, Greg, e esta noite estamos juntos. É a nossa lua de mel. Vem para a cama e ama-me, meu querido.

A sua voz rouca parecia ter-se apoderado dos tons familiares de Poppy quando ele lhe pegou na mão que ela lhe estendeu e deslizou para dentro da cama, junto a ela.

– Querido, querido Greg – sussurrou com uma voz excitada de menina enquanto lhe beijava o rosto. Inclinou-se sobre ele para fechar a cortina de seda, fechando-os no seu novo mundo privado cor de pêssego onde tudo o que importava era a grande cama de penas e os seus dois corpos, quentes de desejo.

– Sempre te quis, Greg – suspirou ela, desapertando os laços azuis sobre os seios –, mas sou apenas uma menina, não sei nada. Tens de me ensinar agora. Deixa-me aprender para que, no futuro, eu possa fazer amor contigo da forma adequada.

– Oh, minha querida – gemeu ele, com o rosto iluminado pelo amor. – Esperei tanto tempo... – A sua boca sugou um seio e ela suspirou infantilmente.

– Oh, Greg – disse ela –, sinto-me maravilhosa, quero que faças mais... Quero que me toques...

Os lábios dele viajaram lentamente pelo corpo dela e ela tremeu, ansiosa,

afastando as pernas quando a boca dele se aproximou.

– Oh, Greg, oh, meu querido – murmurou ela –, não fazia ideia que me sentiria assim, ah, Greg...! – Arqueou as costas em resposta à boca urgente, gemendo de prazer. A sua cabeça balançava de um lado para o outro e ela apertava os lençóis de cetim com dedos angustiados e a gritar de prazer. – Ah, Greg – suspirou ela ao atingir o clímax. Ele ajoelhou-se sobre ela, revelando a sua paixão. – Agora, sei o que é ser uma noiva... – suspirou ela –, a tua noiva, Greg, és o meu único homem, o único homem que eu queria... Ama-me, Greg, oh, por favor, ama-me agora... Mal posso esperar...

Com um gemido de paixão reprimida, entrou dentro dela. Véronique engasgou-se com uma dor fingida e, depois, entrelaçou as pernas à volta dele, apertando-o cada vez com mais força e rodeando-o com os braços até os seus corpos estarem presos, e todo o amor e desejo dele explodir dentro dela num final intenso de paixão mútua.

– *Ah!* – gemeu ele. – *Ahhhh, Poppy, Poppy, meu amor!*

Os olhos semicerrados de Véronique abriram-se, surpreendidos.

– Poppy? – suspirou ela.

Greg olhou para ela com olhos pouco nítidos e drogados; os seus corpos ainda estavam unidos e, perante o cabelo ruivo, os intensos olhos azuis, os membros longos e a pele cremosa do seu verdadeiro amor, ele sorriu.

– Poppy – disse ele outra vez, afastando-lhe o cabelo para trás –, Poppy, meu amor, és tão doce, tão doce. És exatamente como eu sabia que serias. És o meu pequeno animal do bosque.

O cérebro de Véronique organizou os acontecimentos da noite anterior: a recusa da *madame* em ver Greg... Simone disfarçada de Poppy... Recuperou o fôlego astutamente. Depois, sorriu-lhe.

– Greg – disse ela, numa voz quente e rouca –, vamos falar sobre a tua vida passada, já nos conhecemos há tanto tempo.

– Não te lembras? – questionou ele, deitando-se de costas nas almofadas e tomando-a nos braços. – Quando montávamos juntos nos vastos campos do Rancho Santa Vittoria? Como costumavas tentar derrotar-me nas corridas para ver quem conseguia juntar mais gado em menos tempo? Lembras-te de como eu te levava a ti e a Angel para a escola de Santa Barbara, e como a odiaste no início e davas murros nos narizes dos outros miúdos? Pensavas que eras uma durona, mas eras a rapariga mais feminina que eu alguma vez

vira! Ainda que te costumássemos chamar bicho-pau! Bicho-pau – repetiu ele, com a voz abafada –, oh, Deus, olha só para ti agora.

– A Poppy ama-te, Greg – murmurou ela, retirando-se debaixo dele. – Olha, ela vai mostrar-te o quanto te ama.

Ela sorriu timidamente quando Greg fechou os olhos, imerso nos prazeres do seu corpo e nas imagens que ela lhe pusera na cabeça.

– Chamam-me *o camaleão*, Greg Konstant – sussurrou ela. – Entro na tua cabeça e posso ser quem tu quiseses. *E, agora*, sou a *Poppy*.

Poppy acordou assustada depois de baterem à porta. Ainda se encontrava no sofá, e sabia que devia ser tarde pois o fogo apagara-se e o quarto estava frio. O relógio da lareira dava as quatro e meia e ela sentou-se, afastando o cabelo para trás enquanto dizia:

– Entre.

Watkins olhou para ela, surpreso. Normalmente, *madame* ficava de serviço até o último cliente se ir embora ou ir lá para cima, e verificava sempre o livro da noite às quatro e meia. Ia para a cama às cinco e dormia até ao meio-dia, tendo uma energia fenomenal. Contudo, naquela noite, parecia bastante deslavada e exausta.

– Peço desculpa, *madame* – disse ele –, não me apercebi que estava a descansar. Trouxe o livro da noite, como habitualmente.

– Obrigada, Watkins – agradeceu Poppy, cansada. – A casa já está calma?

– Sim, *madame*, só cá está um grupo a falar de negócios na biblioteca e o pessoal da cozinha está a preparar-lhes o pequeno-almoço para as cinco.

O livro da noite era um registo das atividades noturnas, que rapariga tinha estado com que homem, se tinha jantado com ele, se ele passara a noite... E quanto lhe iria custar. Poppy folheou as páginas, passando o dedo pela lista de nomes das raparigas e verificando os clientes. Parou no nome de Véronique.

– Véronique? – gaguejou ela.

– Está com Mister Konstant, *madame*, o cavalheiro americano que estava ansioso por conhecê-la. O amigo dele, Mister Hammond, está com Villette.

– Então, ele ainda cá está? Com Véronique...?

– Correto, *madame*. – Watkins olhou-a, apreensivo. Ela estava muitíssimo

pálida e ele receou que desmaiasse. – *Madame*, está doente? – perguntou ele, sem rodeios. – Posso ir buscar-lhe qualquer coisa? Devo chamar um médico?

– Deixe-me sozinha, Watkins – suspirou Poppy, angustiada.

Desesperada, ela atirou o livro da noite para o chão, inclinou-se para a frente e pousou o rosto no tampo de pele frio da secretária. Arrepios de frio percorreram-lhe o corpo e desejou poder chorar, mas parecia que a fonte de lágrimas tinha finalmente secado. Em vez disso, sentiu apenas uma agonia violenta dentro de si. Greg estava lá em cima com Véronique... A rapariga mais esperta, o camaleão que não só satisfazia o corpo de um homem, como também lhe satisfazia a mente. Extraía os seus sonhos mais profundos e desejos obscuros para se poder transformar neles. Pela primeira vez, Poppy foi obrigada a pensar no que ocorria exatamente naquele quarto do terceiro andar do Numéro Seize: *Greg fazia amor com Véronique*.

O seu olhar pousou no livro preto no chão. Era um livro que a amaldiçoava e que, ao mesmo tempo, proclamava o seu sucesso. Continha todos os pecados da sua carreira. Mas era evidente que Deus escolhera a forma mais cruel para a castigar pelos seus pecados.

Encaminhou-se para o poleiro de *Luchay*. Ele estava a dormir com a cabeça de penas coloridas enfiada por baixo da asa.

– *Luchay* – sussurrou ela –, fiz todas as coisas más que uma mulher pode fazer. És a última réstia de inocência na minha vida, como a inocência verdadeira de uma criança. – Pensou por um momento na própria filha, no mundo luxuoso e protetor de Angel e tremeu ao pensar no que fizera.

A linda mansão de Paris com os seus segredos escondidos parecia prendê-la no seu silêncio abafado e, colocando uma capa de pele sobre os ombros, correu através dos corredores silenciosos e atravessou a porta de baeta verde que dava para as cozinhas. Ignorando os olhares surpreendidos do pessoal que preparava o pequeno-almoço, saiu pela porta de serviço em direção ao jardim.

Os seus passos percorriam estranhamente a rua vazia à medida que avançava depressa pela rue des Arbres em direção à Avenue des Bois de Boulogne. Hesitou, sem saber que caminho seguir, olhando, desesperada, para a rua. Um carro bonito parou ao seu lado e ela entrou.

O motorista observou-a desconfiado. Era rica e estava bem vestida, mas parecia um pouco louca... Provavelmente fugia do marido – ou do amante,

melhor dizendo, àquela hora da noite.

– Siga para qualquer lado – suspirou ela. – Só quero pensar.

O motorista encolheu os ombros; afinal, tivera razão.

Poppy encostou-se a um canto do carro, olhando vagamente para as ruas vazias de Paris, analisando uma e outra vez todos os erros que cometera na vida, pensando, angustiada, que *se ao menos* não tivesse ido para a Europa com Angel, *se ao menos* não tivesse conhecido Felipe, *se ao menos... se ao menos...* pudesse ter sido a mulher de Greg em vez daquela criatura em que se tornara.

– Riqueza! – recordara-se ela amargamente. – Lembra-te de que foi isso que disseste que querias... «Mais amor, não!»

A linha prateada do rio Sena abria-se ao lado do carro que passava e Poppy olhou, taciturna, para a sua superfície suave e lisa. Talvez o rio fosse a única maneira de poder escapar ao seu passado... Escapar a todas as lembranças tortuosas de quem era e do que poderia ter sido. Longe da realidade de quem era agora. Pensou como seria, como o rio frio se fecharia sobre a sua cabeça, deixando apenas uma ondulação momentânea para depois voltar a ficar suave e sereno, como se nada tivesse acontecido. Seria tão fácil, pensou, desejosa, tão tentadoramente fácil... Ninguém precisava dela, ninguém a queria agora... Soluçou de choque ao lembrar-se: *Luchay... e Franco!*

Tocou nas pérolas do seu pescoço, agitada; como *pudera* ter-se esquecido de Franco? O homem que a amava, o homem de quem era uma amante apaixonada. Esquecera-se do quão feliz era quando estava com ele, e do homem bom e gentil que ele era. Esquecera-se de todas as coisas *boas* que tinha na vida. Devia ligar a Franco agora e dizer-lhe que precisava dele, que ele devia vir imediatamente ter com ela... Só ele podia fazer com que a sua vida parecesse novamente boa. *Só Franco entenderia.*

– Motorista, por favor, leve-me para casa – ordenou ela, urgente. – Numéro Seize, rue des Arbres.

As sobrelanceiras do condutor ergueram-se quando deu a volta, dirigindo-se para a Avenue du Bois de Boulogne. É claro que agora a reconhecia. Ela era a famosa Madame Poppy!

Greg despertou de um sono profundo a sentir-se renovado. Olhou, confuso,

para a enorme cama de madeira trabalhada e depois para a seda cor de pêssego e lençóis de cetim, pelo que, gradualmente, a recordação da noite anterior lhe veio à memória. Pensara ter ido para ali com Véronique, no entanto, lembrava-se vividamente de estar com Poppy... ou fora apenas um sonho? Um sonho maravilhoso e sensual onde finalmente encontrara o seu amor perdido e ela se lhe entregara? Até se lembrava do avassalador sentimento de felicidade de a tomar nos braços e dos seus corpos se tornarem um só. De certeza que estava enganado. Era um sonho vivo e a mulher que tivera nos braços na noite anterior fora Véronique.

A almofada de cetim ao seu lado estava lisa e intocada e, ao abrir as cortinas, viu que o quarto estava vazio. Bateram à porta e uma pequena criada de uniforme entrou com um tabuleiro nas mãos.

– *Bonjour, m'sieur* – disse ela. – Vim acordá-lo. Mademoiselle Véronique disse-me que hoje o senhor parte para a América e que o comboio para Cherbourg sai às nove. Também disse que o devia acordar às seis. Trouxe-lhe o pequeno-almoço: café, torradas, *croissants*, brioches. Se desejar mais qualquer coisa, senhor, é só pedir. Oh, e o criado foi ao seu hotel, *m'sieur*, buscar uma muda de roupa, um fato, uma camisa... Tudo o que precisa. O criado virá daqui a pouco preparar-lhe o banho, senhor. *Bon appétit*.

Greg voltou a recostar-se nas almofadas, pensativo; aquele sítio era gerido como um grande hotel. Tudo o que um homem quisesse poderia ser providenciado, quer fosse champanhe com *croissants*, um criado para assegurar que não precisaria de regressar ao seu hotel com as mesmas roupas da noite anterior ou a mulher perfeita para tornar os seus sonhos realidade. Estava tudo pensado para fazer um homem feliz, e funcionava. Durante uma noite na sua vida, ele fora um homem completamente feliz.

Bebeu o café e contemplou o tolo que tinha sido, deambulando sozinho pela Europa todas as primaveras na esperança de encontrar Poppy. Já passara demasiado tempo. Agora, era amargamente óbvio que se Poppy tivesse querido voltar para ele, tê-lo-ia feito. De certeza que sabia que não havia nada de absolutamente terrível que pudesse ter feito que não tivesse a ajuda dele. Angel tivera razão; fora a decisão de Poppy. A escolha de Poppy. Ela trocara-o por outro homem e já era altura de encarar isso.

Meia hora depois, de banho tomado e envergando roupa limpa, mantinha-se nos degraus do Numéro Seize, rue des Arbres, à espera que o mordomo lhe chamasse um táxi. Viu um a aproximar-se; parecia prestes a parar, mas,

depois, arrancou apressadamente. Greg julgou vislumbrar uma mulher lá dentro, mas continuava perdido nos seus pensamentos.

O mordomo fez sinal a outro carro e ele entrou.

– Hotel Lotti, motorista – disse ele, olhando para trás com um sorriso. O Numéro Seize, rue des Arbres, era uma casa de sonhos e, por mais estranho que parecesse, tivera um papel importante na sua vida. Voltaria a Santa Barbara para começar uma nova vida, uma vida sem Poppy Mallory. Agora, enfrentaria o futuro em vez de estar sempre a olhar para o passado.

Poppy esperou até o carro de Greg dobrar a esquina, impedindo os olhos de olharem para ele uma última vez. Não mudara. Tê-lo-ia reconhecido em qualquer lado, ao mesmo bonito e alto Greg. Tinha um ar tão confiante, tão distinto, ali, nos degraus da sua casa... Parecera um homem em controlo da sua própria vida. Mas compreendera que era demasiado tarde para sair e correr para os braços dele, a pedir-lhe perdão. Greg não lhe pertencia, nem pertencia ao seu mundo. Franco, sim.

Correu para o telefone nos seus aposentos e, apesar de saber que seria difícil e que a ligação seria difícil, exigiu que a operadora passasse a chamada para Itália. Era urgente, disse ela, retraindo um soluço, era uma questão de vida ou morte.

1907, ITÁLIA

A sala de reuniões da *villa* de Franco refletia os seus gostos clássicos. Quando a mãe morrera dois anos após o seu pai, ele esvaziara a casa da mobília pesada e ornamentada, dos cortinados de veludo e das centenas de bibelôs e adereços que eram as recordações da vida deles. Ao ficar completamente vazia, andou pelos quartos, observando-os com novos olhos. Agora eram seus e tencionava que refletissem as suas escolhas, o seu gosto e o seu amor pela beleza.

Contratou um arquiteto para remodelar o interior; deitara abaixo algumas paredes internas, abrindo as divisões para proporções maiores. Acrescentara altas colunas de mármore e construíra duas novas alas, uma fachada Paladina e um *hall* de entrada, e o próprio Franco escolhera os finos e antigos papéis de parede, resgatados de antigas casas em França e Inglaterra. O exterior tinha sido pintado com um ocre típico da Toscana, com colunas e persianas brancas, e ele comprara mais terras para poder ampliar os jardins em socalcos de vários níveis, orlados com balaustradas de mármore. Depois, foi construída uma parede ainda mais alta, encimada com cruéis fragmentos de vidro partido e lanças de ferro pontiagudas para proteger a *villa* e Franco dos seus inimigos.

Franco escolhera todas as peças de mobiliário, todos os tapetes, todos os candeeiros e candelabros de parede de prata, com o maior cuidado possível; a sua casa era um exemplo de simplicidade moderada e luxuosa, do tipo que

só o dinheiro podia comprar.

Depois de a *villa* estar terminada, virara a atenção para o seu verdadeiro amor, os antigos quadros dos mestres, especialmente os da escola italiana. Franco nunca pusera os pés numa galeria de arte, nem numa loja. Sabia o que queria e simplesmente contratou um comerciante de arte conhecedor para encontrar as peças e comprá-las – o dinheiro não era um problema. Começou pelo topo com uma Madonna, de Botticelli, pintada em 1486, que pendurou no seu quarto. Colocou um par de candelabros de prata florentinos em ambos os lados e, por baixo, uma pequena mesa com uma toalha de seda vermelha, com fotografias da mãe e do pai. Não havia uma única fotografia do seu irmão mais novo, Stefano. As imagens, o terço volteado e o crucifixo pendurado sobre a cama – oferecido pela mãe na sua primeira comunhão – eram os únicos ornamentos no seu quarto. E mais ninguém, a não ser as empregadas e o seu criado pessoal, o viam. A Madonna, de Botticelli, dava-lhe mais prazer do que qualquer uma das mulheres que já possuía, e era só sua.

A sua coleção cresceu com o passar dos anos para incluir exemplares dos melhores períodos de Itália: Giotto do tempo medieval, Paulo Uccello e Fra Angelico do início do Renascimento, um magnífico Rafael e um Correggio do período alto do Renascimento. Depois, foi atraído para os prazeres mais sumptuosos, teatrais e carnavais de Tintoretto, Ticiano e Veronese. Colecionou livros, saltérios medievais e breviários iluminados; comprou um par de globos fantásticos do mundo do século catorze; qualquer coisa rara e bonita era bem-vinda à sua casa.

Colecionar arte era um prazer solitário pois Franco não tinha amigos fora do negócio, e o negócio e a sua Família ocupavam-lhe o tempo todo. Vivia num mundo onde não podia confiar em ninguém, e nunca levava uma mulher para casa – tinha um apartamento em Nápoles para isso. Sempre considerara a sua vida suficiente até que um dia, supunha, desposaria uma rapariga adequada e produziria um herdeiro. Pensara ter construído um sistema e um estilo de vida que lhe aportavam beleza e prazer suficientes para contrabalançar o stresse e a fealdade das suas responsabilidades e da sua posição. Nenhum homem devia esperar mais. Ou assim pensava até ter conhecido Poppy.

Sentava-se muitas noites sozinho na sua biblioteca a pensar nela; sentava-se na sua secretária a olhar para o espaço vazio quando devia estar a

trabalhar, pensando no que ela estaria a fazer e com quem estaria; deitava-se, sem sono, na sua grande cama de madeira que pertencera ao palácio dos Doge, lembrando-se do aroma fresco e doce do cabelo e da pele dela e do malicioso e insolente declive dos seus sorridentes olhos azuis. Andava de um lado para o outro a amaldiçoar Felipe Rinardi pelo que lhe fizera, desejando matá-lo, e a sua fúria era tal que ele próprio lhe teria dado o golpe final; mas depois dizia a si próprio que, se não tivesse sido Felipe, ela teria desposado Greg Konstant e vivido na Califórnia, a milhares de quilómetros do seu mundo e a anos-luz da sua compreensão. Pois nunca na sua vida conheceria uma mulher como Poppy.

Mesmo agora, naquela reunião importante, quando era vital que mantivesse a concentração, os seus pensamentos fugiam para ela e para a sua vida em conjunto na pequena quinta de Montespan, onde ambos tinham fingido não ser as pessoas em que se haviam tornado. Ele próprio marcara aquela reunião, chamando os seus executivos superiores; os advogados, os consultores financeiros e os banqueiros, tal como os homens que dirigiam as operações de rua. Embora Franco nunca perdoasse a traição do pai por ter indicado Stefano como seu herdeiro no testamento, tinha sido um filho cumpridor. Aumentara o negócio do pai mais do que cem vezes, até dominar o submundo italiano do Sul.

Olhou em redor da mesa, dirigindo-se aos seus homens. À sua esquerda estava Carmine Caetano, o advogado que o alertara da traição cometida pelo pai e que ainda era o seu homem de confiança, leal a si e à Família. Nunca duvidaria de Carmine, não por o velhote o amar, mas por lhe ter provado ser um bom líder. Fizera de Carmine um homem muito rico.

Gaspari, o banqueiro que escolhera pessoalmente para liderar o seu banco, o Banco Credito e Maritimo, estava sentado junto a Carmine Caetano. Era um homem alto de cabelo grisalho que, com os seus fatos às riscas e aparência conservadora, dava uma impressão de solidez e respeitabilidade à sua posição. Franco dera início ao seu primeiro banco no ano em que o pai morrera e agora tinha sete, incluindo uma filial em Marselha. Os bancos eram uma ferramenta útil e legal para canalizarem os grandes montantes de dinheiro ganhos com os seus inúmeros negócios e, agora, também Gaspari era rico e leal.

Salvatore Melandri era um siciliano. Tal como Franco, frequentara a escola financeira nos Estados Unidos e tinha um cérebro tão

economicamente astuto como o de um campónio das ruas sicilianas. Salvatore sabia sempre o que estava a acontecer antes de acontecer e Franco considerava-o valioso, compensando-o de acordo com o seu valor.

À sua direita estava Giorgio Verone, um homem jovem ainda na casa dos vinte que subira na vida e se tornara o braço-direito de Franco. Giorgio era duro e ambicioso; acatava as ordens à letra sem nunca cometer erros. Ouvia, aprendia, compreendia e era um assassino frio e sem piedade que não tinha medo de pegar numa arma e fazer, ele próprio, o serviço. Franco nunca confiava todos os seus planos, todos os seus pensamentos, todas as suas preocupações a uma só pessoa, mas talvez de todos os seus homens de topo, Giorgio era o seu amigo mais próximo.

A outra dezena de homens à volta da mesa era muito importante no seu ramo, mas nenhum deles conhecia a estrutura inteira do negócio da Família Malvasi, nem nunca conheceria. Cada um deles tomava conta do seu próprio setor e reportava a Franco. Tal como Giorgio, todos tinham subido a pulso, normalmente a partir das ruas da cidade. Pertenciam tanto à Família Malvasi como à sua própria família.

Franco era respeitado como líder da Família. Era justo e generoso. Um homem podia ir ter com ele com um problema pessoal que Franco o convidava a sentar-se junto a si, a falar consigo, a dizer-lhe o que precisava. E se Franco achasse justificado, o homem não sairia de mãos a abanar. Franco pagava operações e funerais a pessoas de quem nunca tinha ouvido falar; doava grandes somas a obras de caridade para crianças; pagava para que velas fossem acesas e missas fossem celebradas. Ia a primeiras comunhões e era o padrinho de muitas crianças. Dava bónus de Natal absurdamente generosos a cada membro da sua Família e beijava as suas esposas e os seus filhos quando eles vinham à *villa* agradecer.

E, no entanto, havia agitação. Sentia-a como o primeiro abalo de um terramoto, e não sabia o que era, nem porquê. Encolheu os ombros com desdém; aprendera a confiar no seu instinto, mas havia algo de mais urgente na sua mente nesse momento.

– Cavalheiros – disse ele –, provavelmente conhecem a razão pela qual convoquei esta reunião. O boato espalhou-se e até já anda nas ruas. A Família Palozzi tem inveja do nosso poder. Todos vós se lembram da batalha de quando lhes tomámos uma parte do território, há dez anos. Agora querem-no de volta. Mario Palozzi veio pessoalmente aqui para falar

comigo na semana passada. A sua proposta foi que, se lhe devolvêssemos as áreas que tomámos, ele e a sua Família ficariam eternamente gratos. A Família Malvasi e a Família Palozzi marchariam lado a lado como aliadas. Por outras palavras, cavalheiros, Mario prometeu ser bom connosco se lhe dêssemos o que ele quer. Naturalmente, disse-lhe que qualquer um que recebesse um presente tão precioso se consideraria meu amigo. Disse-lhe que a Família Malvasi era dona legítima desses territórios, que foram adquiridos quando a sua própria Família não tinha uma liderança forte. «Temos de andar para a frente, meu velho amigo, não para trás», foi o que lhe respondi. «E em amizade, não em guerra.» Abraçámo-nos quando ele se despediu e mandei cumprimentos à mulher e aos filhos. – Franco fez uma pausa, olhando para os rostos em redor da mesa. – Mas estava a olhar para a cara do meu inimigo.

– Os membros da Família Palozzi são arruaceiros calabreses – exclamou Caetano, o advogado, com desprezo –, sempre foram e sempre serão. Se não estivessem a competir connosco estariam a fazê-lo com outra Família. Mario Palozzi é um campónio gordo e estúpido com delírios de grandeza. Mesmo que se lhe desse o poder, não saberia o que fazer com ele!

– O Mario está farto de ser pobre – disse Gaspari, o banqueiro. – É um grande gastador e é preguiçoso.

– Gosta demasiado de fazer de magnata – acrescentou Melandri, o graduado pela escola financeira. – O que se diz na rua é que mantém a mulher e os sete filhos numa casa modesta na sua própria aldeia, enquanto ele vive à grande com as suas mulheres e a sua comitiva num palácio da cidade. Duvido que seja capaz de causar mais problemas; não tem nem o dinheiro nem o apoio dos seus homens.

– É verdade, o Mario é um idiota – afirmou Giorgio Verone, o jovem que subira a pulso até ter chegado ao topo. – Mas é um idiota zangado. E é verdade que os seus homens estão inquietos. Cada vez entra menos dinheiro nos cofres da Família pelo facto de o Mario ter perdido o controlo. A maior parte das suas gentes aceita subornos, desde os miúdos que recolhem o dinheiro até aos jovens da proteção: fica mais dinheiro nos bolsos deles do que nos de Mario. As suas outras aventuras de negócio falharam. Mario está falido. Na minha opinião, a Família Palozzi poderia ser facilmente dominada.

Franco olhou-o severamente.

– Sabes o que isso envolve – disse ele, frio. – E sabes que sou contra o desnecessário derramamento de sangue.

– Eu sei, senhor. – A boca de Giorgio Verone curvou num sorriso. – Mas o sangue de *Mario* é realmente considerado *necessário*?

– Ainda que os seus negócios não estejam em ordem, a sua Família está obrigada a apoiá-lo – respondeu Franco, friamente. – Outra batalha sangrenta seria inevitável. Preocupa-me o facto de não permitir que a imagem da Família Malvasi se torne uma Família de «arruaceiros de rua».

O telefone tocou na sala silenciosa e Giorgio suspirou quando um dos homens foi atendê-lo. Estava a fazer progressos; sabia que tinha tempo suficiente para convencer Franco de que Mario Palozzi precisava de ser eliminado. Depois, claro, a Família Palozzi receberia um novo líder. E quem melhor do que ele próprio? Giorgio trabalhara tanto; começara por distribuir cartões de lotaria aos sete anos e fora uma ascensão longa, dura e sangrenta até ao sítio onde se encontrava agora, aos vinte e nove. Estava no seu auge; tinha a esperteza das ruas; tinha contactos e conhecia todas as negociatas que existiam. E não tinha medo de usar uma arma.

Observou o rosto de Franco a ficar cada vez mais sinistro quando o homem lhe disse o nome da pessoa que estava ao telefone. O franzido que se instalara permanentemente entre as suas sobrancelhas desvaneceu e ele pareceu, de súbito, dez anos mais novo. Parecia quase infantil, pensou Giorgio, como um homem que acabara de ganhar uma fortuna nas mesas de jogo. *Ou um homem apaixonado.*

Franco olhou hesitante em redor da mesa e Giorgio avaliou o seu dilema; queria desesperadamente falar com a pessoa que ligara, mas estava no meio de uma reunião muito importante. Um reunião *de vida ou morte*.

– Diga-lhe que atenderei a chamada – disse Franco. Pousou a mão no ombro de Giorgio ao levantar-se, acrescentando: – Por favor, continua a tua discussão. Dentro de momentos apanharei tudo.

Salvatore Melandri prosseguiu com a reunião, como o homem de negócios bem treinado que era.

– O Mario perdeu toda a credibilidade com os seus homens – disse ele, zangado, mas Giorgio observava Franco a sair da sala, pressentindo o esforço que ele fazia para não parecer preocupado. Se pudesse, Franco teria corrido para o telefone. E Giorgio sabia quem estava do outro lado da linha.

A voz de Poppy estava tão abafada que, no início, Franco mal a reconheceu.

– Poppy – disse ele severamente sobre a linha cheia de interferências. – O que foi? Estás bem?

– É o Greg – soluçou ela. – Oh, Franco, é o *Greg!*

O punho dele ficou tenso à volta do auscultador.

– O que tem o Greg? – perguntou. – *O que tem o Greg, Poppy?*

– Ele... Ele... – Ela começou novamente a soluçar e ele franziu o sobrolho.

– Tenta acalmar-te, por favor – ordenou ele. – O que se passa? Estás doente? Estás ferida?

– Eu *vi-o*, Franco – suspirou ela. – Eu *vi* o Greg. Ele esteve aqui, no Numéro Seize... Aqui... *com a Véronique.*

Franco encostou a testa contra a parede verde e fria que tinha à frente... Poppy nunca lhe falara sobre Greg... Eles nunca haviam falado sobre o passado dela. Mas ela sabia que ele sabia tudo sobre ela; investigara o passado dela antes de a ter conhecido naquela primeira vez, em Marselha; mesmo aí quisera saber quem era a misteriosa Poppy... Estava tudo naquele ficheiro secreto, guardado a sete chaves no cofre por detrás da sua cama.

– Ele já se foi embora? – perguntou ele, de súbito com medo.

– Sim... oh, sim... – soluçou ela.

O alívio de Franco foi tão profundo que a sua voz tremeu.

– Então está tudo bem, querida – disse-lhe ele –, acalma-te. Chama a Simone, pede-lhe para ir para a quinta contigo... Devias sair daí por uns tempos.

– Mas, Franco, *eu preciso de ti!* – gemeu ela. – Estou desesperada, Franco. Passei pelo Sena hoje e... Pensei.... *Vi o meu passado, Franco, e apercebi-me no que me tornei.*

Ele olhou para Giorgio, de pé junto à porta.

– Estamos à sua espera, senhor – disse Giorgio. – Acho que pensámos em algumas possibilidades interessantes.

Franco franziu o sobrolho. Giorgio ultrapassara os limites ao sugerir que ele os fazia esperar; em qualquer outro momento teria lidado com ele da forma adequada, mas, naquele instante, Poppy soluçava ao telefone e o coração de Franco estava despedaçado.

– *Por favor*, Franco – suspirou ela –, *por favor, oh, por favor*. Só tu podes fazer com que tudo fique bem. Eu amo-te, Franco. Diz-me que vai ficar tudo bem, diz-me que nos amamos um ao outro, que somos tudo o que resta no mundo. Diz-me que o Greg não existe. *Por amor de Deus, Franco, vem comigo para Montespan*. Ao menos lá, quando estás comigo, sei que sou real.

– Estás demasiado perturbada para conduzir. Pede a alguém que te leve – ordenou ele. – Espera lá por mim. Vou ter contigo assim que puder.

– Esta noite? – pediu Poppy.

Ele olhou para Giorgio, ainda à espera junto à porta meio aberta.

– Esta noite – concordou ele.

Giorgio dirigiu-se para o seu lugar, à direita de Franco. Agora sabia exatamente como eram as coisas.

1907, FRANÇA

Montespan era o único sítio sem ser o Rancho Santa Vittoria que Poppy alguma vez sentira como sua casa. Tal como a casa dos Konstant, tinha aquela qualidade de saber receber, a sensação que lhe pertencia e ela e a ele. Fora a primeira casa que eles tinham visto e ela apaixonara-se logo por ela.

– Já não quero ver outras – dissera a Franco, no jardim, admirando os telhados largos de telhas de lousa e chaminés gémeas e simétricas, as grandes janelas com persianas verdes, paredes pintadas de rosa e cadeias de edifícios exteriores que se alongavam de ambos os lados como braços estendidos. – *Esta casa é o «lar».*

Lá dentro havia passagens de pedra e chãos de olmeiro pálido. As vigas do século catorze que esperavam que estivessem escuras da idade estavam na sua cor original de amarelo empalidecido e a casa tinha um ar leve, aberto e airoso. Franco rira-se enquanto ela ia de quarto em quarto, exclamando novas frases de deleite, e apreciando um roupeiro escondido, uma enorme lareira de pedra, uma despensa com um lava-loiça especialmente profundo onde podia arranjar as flores que apanhava. E o quarto deles.

As vigas amarelas afilavam-se num cume no sítio onde colocariam a cama, de frente para duas janelas idênticas com vista para o prado alinhado de árvores e com o brilhante riacho de Montespan que jorrava, salpicava e

ondulava sobre um caminho de pedras polidas, até se encontrar com o rio Cher, a vinte quilómetros de distância. Franco rira às gargalhadas – um som que nenhum membro da sua Família alguma vez ouvira – perante o deleite de Poppy com os pormenores pequenos e simples.

– Vives num palácio, rodeada de coisas bonitas – observou ele. – Como podes ficar tão contente com um velho lava-loiça de pedra e um armário?

– O Número Seize é um negócio – respondeu ela, com desdém –, não é a minha casa.

Ela enchera gradualmente a casa com coisas simples, mas nem por isso menos bonitas. Desfizera-se do cinzento que era a sua imagem de marca e comprara tapetes de cores vivas da Índia e da Turquia, cortinados de algodão puro da Provença e grandes cestos de flores perfumadas e secas do mercado local. As mesas e cadeiras robustas da quinta tinham sentado gerações de pessoas do campo e a cama deles foi feita com o olmeiro local – grande, simples e confortável – um lugar para sonharem nos braços um do outro, longe das verdades de Paris e Nápoles.

A peça favorita de Poppy era um roupeiro do século dezasseis, um vasto armário de olmeiro pálido e polido, feito com a madeira de uma única árvore, e carinhosamente esculpido com buquês de flores, há duzentos anos, por um artesão para a sua noiva. E sempre que regressava a Montespan, Poppy pendurava as suas roupas parisienses no seu interior cavernoso, vestia uma blusa simples e uma saia, e pensava sonhadoramente no dia em que, também ela, seria uma noiva.

Nunca se aproximava da casa sem uma emocionante sensação de felicidade, quase vertiginosa, como se o fardo pesado da sua vida em Paris se elevasse como que por magia dos seus ombros e ela voltasse novamente a ser uma jovem mulher a regressar a casa para estar com o seu amante. Contudo, desta vez, quando o *De Courmont* verde-escuro deslizava no caminho de gravilha, Poppy procurava consolo.

A velha Madame Joliot, a empregada, vivia na casa pequena ao fundo da estrada. Tomava conta da casa, das galinhas e dos patos, enquanto o marido cuidava do jardim, cortava os troncos e tomava conta da pequena manada de frísios brancos e pretos, com focinhos doces. Ela acendera as lareiras na noite gelada e o calor começou lentamente a derreter o gelo nas veias de Poppy.

Ela tirou o vestido bonito parisiense e, enrolando-se num roupão suave de

caxemira azul, deitou-se na cama, olhando para o fogo flamejante, à espera de Franco. Era como se toda a vida parasse até ele chegar ali. Não se permitiu pensar em Greg ou no que sucedera; forçava simplesmente a sua mente a ficar vazia, vendo unicamente o fogo e *Luchay* no seu velho poleiro de madeira, observando-a com os olhos de topázio em alerta. A vida dela ficava em suspenso até Franco chegar, só aí poderia voltar a sentir – tudo, a dor, o amor, toda a raiva. E o arrependimento. Depois, Franco beijá-la-ia e tudo voltaria a ficar bem.

O tiquetaquear do relógio em cima da lareira e o movimento ocasional dos troncos na grelha induziam-na num sono inquieto. A madrugada rompeu e Franco ainda não tinha chegado. Poppy correu descalça pelas escadas abaixo, abrindo de rompante a porta da frente como se esperasse que ele ali estivesse. Colocando a mão sobre os olhos, analisou a estrada, esperando ver um carro, mas a estrada estava silenciosa e vazia.

De novo em casa, olhou para o telefone, desejando que tocasse, rezando para ser Franco a dizer que estava em Paris, que estava a caminho... Mas também ele estava silencioso.

Luchay voou para junto dela quando voltou para a cama.

– Diz-me que ele está a chegar, *Luchay* – suspirou ela –, diz-me que ficará tudo bem.

Madame Joliot subiu e desceu as escadas durante todo o dia com chávenas de café e taças de caldo a ferver, mas Poppy virava simplesmente a cara e enterrava-se mais profundamente nos cobertores. Quando a hora de jantar chegou e passou, e ela ainda não tinha comido nada nem falado, Madame Joliot apressou-se a ir à sua casa onde o marido a esperava.

– A *madame* ou está doente ou está a ficar doida – disse-lhe ela. – Não gosto de a deixar naquele estado, não se sabe o que poderá fazer.

– E onde está o marido dela? – perguntou, mergulhando um pedaço de pão estaladiço na sopa. – Era ele que devia lá estar com ela, não tu.

– Marido! – fungou Madame Joliot. – Ela não usa aliança. Ainda assim, apesar disso, é uma senhora educada. Tenho medo de a deixar sozinha. Volto para lá depois de jantar e fico lá com ela. Dormirei na cozinha.

A casa estava escura e silenciosa e Madame Joliot acendeu os candeeiros e as lareiras. Encheu a grande chaleira de ferro e colocou-a no fogão a ferver e depressa o seu apito suave se misturou com o crepitar dos troncos e a fragrância de café acabado de fazer. Aqueceu leite tirado de uma vaca que

ela própria ordenhara nessa manhã, numa panela de cobre; depois verteu-o para uma tigela cheia de pão branco suave e adicionou uma pitada de açúcar.

– Prove isto, *madame*, por favor – implorou ela ao silencioso monte de roupas de cama. – Far-lhe-á bem. Não ganha nada em passar fome.

Poppy espreitou-a, agradecida.

– É muito bondosa, Madame Joliot – sussurrou ela –, mas não devia estar aqui. Tem de ir para casa ter com o seu marido.

– Disparate – disse ela, alegremente –, vejo que precisa mais de mim, é por isso que aqui estou.

– Madame Joliot – disse Poppy, exausta –, quero chorar, mas não consigo. Não é uma coisa terrível, *madame*? Todas as minhas lágrimas devem ter sido vertidas no passado e Deus não permite que eu verta mais.

– A dor às vezes arrebatava-nos assim – disse Madame Joliot, bondosa. – Não é o Monsieur Franco? – acrescentou ela, preocupada.

Poppy olhava-a, mas Madame Joliot sabia que ela não a via realmente.

– Talvez – suspirou ela, por fim. – Talvez seja.

Então, eram sarilhos por causa de um homem, pensou Madame Joliot enquanto arrumava a cozinha e se instalava na cadeira de baloiço junto à lareira, com uma chávena de café. Bem, pela sua experiência, uma mulher conseguia sempre lidar com um problema daquele género.

À medida que os quilómetros escuros passavam por baixo das rodas do *De Courmont* castanho de Simone Lalage, Franco ouvia a chuva cair no tejadilho. O motorista era um bom condutor, cuidadoso e não dado a correr riscos, mas, numa noite de tanta trovoadas, Franco teria preferido estar ele próprio ao volante. A viagem fora longa; primeiro o comboio para Roma, depois para Génova, Nice e, finalmente, Paris. Telefonara a Simone de Nice e ela enviara o seu carro para ir ter com ele assim que o comboio de Paris chegasse à estação, três horas mais tarde devido às violentas trovoadas elétricas que assolavam o Sul de França.

Franco sentia-se cansado, sujo e com a barba por fazer e estava desesperadamente preocupado com Poppy. Ninguém tivera notícias dela desde que lhe ligara. Simone dissera-lhe o que acontecera no Numéro Seize, mas acrescentara, surpreendida:

– Eu percebi que Poppy ficara perturbada e que não queria ver Greg Konstant, mas não me tinha apercebido do *quão* perturbada ficara.

O seu carro esperara em Paris para o levar rapidamente até Montespán e na bagageira encontrava-se um cesto com champanhe e guloseimas feito para tentar um inválido – ou um par de amantes. Simone pensava sempre em tudo.

Enquanto conduziam através da noite, os pensamentos de Franco vagueavam entre Poppy e a situação tensa que deixara para trás, em Nápoles. Não havia pressa em lidar com a situação da Família Palozzi, tranquilizara-se ele; os seus homens discutiam formas de lidar com ela; quando regressasse, apresentar-lhe-iam as suas sugestões e depois ele tomaria a decisão final. Guerra ou não? Vida ou morte para Mario Palozzi? O rosto vívido e doce de Poppy substituiu o de Mario na sua mente; os intensos olhos azuis a brilhar, a pele cremosa que nunca mudava de cor ao sol, apesar de ela andar com as pernas nuas e sem chapéu na quinta. Ele lembrou-se do seu cabelo a voar ao vento, com uma cor de fogo ofuscante à luz do Sol, e cor de cobre quando estava espalhado na sua almofada ao luar. «Oh, Poppy, Poppy», gemeu ele silenciosamente. «Não suportarei se me disseses que ainda estás apaixonada por ele... Amo-te tanto. Não consigo viver sem ti.»

A limusina *De Courmont* passou calmamente por cima do quintal de gravilha e ele espreitou através da chuva que cegava para a casa escurecida. Ao contrário da *villa* de Nápoles, as portas nunca estavam fechadas em Montespán, pelo que ele simplesmente levantou o trinco e entrou. Madame Joliot estava a dormir junto à lareira, com um enorme gato laranja em cima do joelho. O *border collie* preto e branco que viera com a casa quando eles a haviam comprado conhecia os passos dele e observou-o silenciosamente da sua posição no velho tapete junto ao fogão, com a cauda a abanar.

As escadas de madeira sem tapete rangeram quando ele se apressou a subir e a abrir a porta para o quarto deles. Poppy estava sentada na cama a olhar para ele e o brilho vermelho das brasas na grelha pintava-lhe a carne de um rosa quente. Os seus olhos pareciam escuros na estranha meia-luz quando Franco disse, com os lábios tensos:

– Estou aqui para conhecer o meu destino, Poppy. Vais dizer-me que ainda estás apaixonada por Greg Konstant? Que queres voltar para ele? –

Ele agarrou-a pelos ombros. – *Diz-me já* – declarou ele num tom selvagem do desespero. – *Diz-me já para que eu fique finalmente a saber a verdade.*

– Não! Não! – gritou ela. – Não percebes? A rapariga que era Poppy Mallory ama o Greg. Sou eu, a Madame Poppy, que te ama, Franco. Oh, eu amo-te, eu amo-te... Graças a Deus que vieste. Não sei o que teria feito se não tivesses... Preciso de ti, Franco. Diz-me que me amas, diz-me que sou real... Diz-me que existo. Não me quero lembrar do passado, só quero estar aqui, contigo... – Lágrimas soltaram-se dos olhos e ela soluçou histericamente quando ele a envolveu nos seus braços, murmurando que a amava, que iriam ficar juntos para sempre, que ele precisava dela, que não conseguia viver sem ela...

Luchay observava sem pestanejar do seu velho poleiro de madeira enquanto Franco amaciava as almofadas. Levou-lhe uma camisa de noite lavada e vestiu-a tão carinhosamente como a uma criança, depois, envolveu-a nos cobertores e foi avivar a lareira. Despiu-se e ficou parado por um instante, nu, diante das chamas. O seu corpo era tão duro, musculado e disciplinado como o seu estilo de vida. Estava cheio de desejo por ela, precisava de reclamá-la outra vez como sua, mas sabia que teria de esperar. Poppy devia dormir para acalmar os seus medos e a sua exaustão e, no dia seguinte, começariam uma nova vida, sem a sombra de Greg Konstant.

Quando a madrugada cinzenta e trovejante rompeu, Poppy virou-se nos braços dele, sentindo o seu desejo. Os seus lábios encontraram os dele num beijo que era mais do que apenas um símbolo da necessidade dela; ela amava-o e ele amava-a a ela e o sexo deles tinha uma nova intensidade, como se ambos compreendessem que finalmente se comprometiam um com o outro, na totalidade.

As repentinas trovoadas da primavera desapareceram tão rapidamente como tinham aparecido, deixando o céu num puro e límpido azul, pintalgado com nuvens de algodão brancas. As duas semanas seguintes foram as mais felizes que Poppy guardava memória. Pela primeira vez não comparara o sítio *onde* estava com o Rancho Santa Vittoria, e não comparara *quem* era com a rapariga que costumava ser; e expulsou Greg Konstant completamente da sua mente.

O franzido de preocupação desaparecera do rosto de Franco e ele era novamente um rapaz, rindo-se enquanto a perseguia através do prado até ao riacho, tirando as roupas e mergulhando na piscina gelada criada pelos

pedregulhos que se amontoavam. Juntos, agrupavam as vacas à noite, tentando ordenhá-las e enchendo-se de leite espumoso quando os animais davam coices nos baldes, impacientes com os seus dedos amadores. Procuravam nas sebes os sítios preferidos das galinhas para fazerem os ninhos, recolhendo os ovos, e bebiam o champanhe oferecido por Simone sentados debaixo de um carvalho, segurando uma improvisada linha de pesca, numa tentativa vã de apanhar uma truta para o jantar. Recusavam atender o telefone e nunca olhavam para o jornal. Afastavam o resto do mundo das suas vidas enquanto fingiam ser gente simples do campo cujo único problema era passar vagarosamente os dias, enchendo-se de boa comida fresca e sexo apaixonado.

Franco estava confortavelmente sentado no lado oposto da mesa após cearem uma grande e fofa omeleta e uma salada fresca que brilhava, empurrada por um pouco de vinho branco fresco e delicado. Pela primeira vez na vida ele sentia estar a viver a vida de um homem normal, com os prazeres e ânsias diários de um homem – podia imaginar-se casado com Poppy e a dirigir aquela pequena quinta. Podia ver-se a regressar para ela todas as noites depois de um dia de trabalho no campo, e encontrá-la à sua espera – talvez com um criança nos braços. O seu filho. Alguém para herdar Montespan e a liberdade e felicidade que ela simbolizava. Não podia imaginar alegria maior.

– Porque precisa alguém de mais do que isto? – perguntou ele. – Eu nunca mais quero sair daqui.

Poppy riu-se, apertando a mão dele do outro lado da toalha azul.

– Não durarias nem cinco minutos aqui sem uma mulher para tomar conta de ti – brincou ela.

– Já tive muitas mulheres na minha vida – disse ele, sério –, mas não teria durado um dia sequer com nenhuma delas, sozinho. Além disso, *tu* és a minha mulher. Não há mais ninguém. Nem nunca haverá.

– Sim – disse ela, sorrindo-lhe. – Eu sei.

Madame Joliot e o marido iam todas as quintas-feiras ao mercado da cidade local, regressando após um caloroso almoço no café, carregados de produtos frescos – um patê especial confeccionado por um talhante, um pedaço de vitela de primeira qualidade, uma esplêndida truta pescada num grande rio e

alcachofras duras e com espinhos embrulhadas em jornal.

Cheirando o delicioso aroma do *stock* que Madame Joliot trouxera do talho, Poppy e Franco acorreram à cozinha para ver as coisas boas que ela trouxera para casa.

– *Mmm* – queixou-se ele, tocando nas escamas prateadas do peixe –, porque não consigo pescar um destes?

– Não usou o isco certo, M’sieur Franco – disse Madame Joliot, cambaleando para trás e para a frente entre a despensa e o fogão – e, além disso, o riacho é demasiado raso, os peixes veem a sua sombra. A única forma de apanhar uma truta é «fazendo-lhe cócegas».

– Madame Joliot, a senhora é uma mina de informação – disse ele, tocando na parte do jornal. – O que é isto? Alcachofras! As minhas preferidas... – Parou a meio da frase, olhando para a manchete a negrito que corria no topo da página.

HOMICÍDIOS DO SUBMUNDO ABALAM O SUL DE ITÁLIA, dizia MASSACRES NA CALÁBRIA E EM NÁPOLES.

– Eu cozinho-as para si, M’sieur Franco – disse Madame Joliot –, vai tê-las frias para o jantar desta noite, com recheio de sapateira fresca.

– Espere! – A voz de Franco ficou subitamente tão fria e estranha que ela saltou, alarmada.

– O que foi? – perguntou Poppy, com o sorriso a desvanecer ao ver-lhe o rosto tenso.

As alcachofras verdes e inchadas caíram no chão quando Franco retirou o jornal. Dobrou-o cuidadosamente e depois, sem dizer mais uma palavra, saiu da cozinha.

Pressentindo sarilhos, Madame Joliot ocupou-se na despensa enquanto Poppy olhava, preocupada, para ele.

– Franco – disse ela. – Franco, o que foi? – Os seus pés nus não fizeram ruído na pedra fria e cinzenta do chão à medida que o seguia através do *hall* em direção às escadas. Tinham passado a tarde a fazer amor e o corpo dela ainda cantava do toque dele; havia sido tudo maravilhoso, até há apenas uns minutos atrás. Subitamente, Franco mudara.

Ele estava junto à janela do quarto deles, a ler o jornal rasgado. Esmagando-o numa bola, meteu-o no bolso e olhou para ela.

– Tenho de ir, Poppy – disse ele. – Imediatamente. Não há tempo a perder.

– Mas *porquê?* – lamuriou-se ela, angustiada. – *Não me podes deixar agora.*

O rosto de Franco estava frio e fechado como o de um estranho e havia uma expressão nos seus olhos que Poppy nunca tinha visto. Ele parecia uma pessoa diferente da do seu amante risonho e jovial das duas semanas anteriores.

– Eu disse que tenho de ir. As vidas de homens dependem disso – disse-lhe abruptamente.

– É o teu negócio, não é? – lamentou-se ela. – Eu sei que é, porque o teu franzido está de volta, com todas as rugas de preocupação. Não vás, Franco. O que quer que seja, não é bom para ti... Endurece-te, desespera-te... Nós não precisamos de nada nem de ninguém, agora. *Por favor*, fica aqui comigo.

Franco já vestira uma camisa limpa e apertava a gravata. Tirou o seu casaco do roupeiro e o sobretudo preto.

– Vou levar o teu carro para a estação de caminho-de-ferro em Montespain-sur-Cher – disse-lhe. – Providenciarei para que um dos motoristas de táxi te traga de volta. Não quero que venhas comigo para me veres partir.

Ela observou silenciosamente enquanto ele pegava na pasta de documentos de cabedal que levava consigo mas que nunca abria, voltando-se então para ela.

– Vou pedir-te para me fazeres uma promessa – começou ele calmamente. – Nas próximas semanas poderás ler certas notícias nos jornais. Poderás ouvir certas coisas discutidas nas mesas de jantar do Numéro Seize; haverá muitos mexericos nas ruas, tanto entre os criados como entre os clientes. Peço-te para não leres essas notícias, Poppy; não oiças os mexericos nem as histórias. *Não acredites em nada disso!* Estou a pedir a tua confiança. Consegues prometer-me agora que ma darás?

– Eu sempre confiarei em ti, Franco – prometeu ela, assustada.

Ele agarrou-a pelos ombros, olhando atentamente para ela, como se quisesse ter a certeza de que se lembraria daquele dia.

– É tudo o que um homem quer ouvir – murmurou. E com um leve beijo na boca dela, ele partiu.

Poppy regressou sozinha ao Numéro Seize e uma semana passou, porém, ela ainda não ouvira nada sobre Franco. Sentou-se à secretária com a seleção diária de jornais espalhados à sua frente. Cada um tinha uma manchete sobre a GUERRA DE GANGUES deflagrada em Itália e França. *O recente surto de violência espalhou-se de Nápoles para a Calábria e Sicília, atravessando a Itália, através de todos os gangues – e as grandes cidades, dizia a notícia.*

E não apenas as cidades; pequenas aldeias foram envolvidas, tomando partidos nas maiores disputas territoriais do submundo desde que este se tornou conhecido para o homem «inocente». E esta «guerra» – nenhuma outra palavra servirá – foi desencadeada pela ganância de um homem. Um homem deu a ordem aos seus «soldados» para assumir o controlo do território de outro, e provocou uma cadeia de devastação cujas baixas dizimaram famílias inteiras e cujas repercussões se refletirão em todos nós para sempre.

Até agora, a chamada Máfia restringiu-se ao seu código de honra particular; que não haveria mortes fora das Famílias. Este homem decidiu de outra maneira. Mulheres e crianças inocentes foram mortas, juntamente com os seus homens. Transeuntes nas ruas foram ceifados no seu fogo cruzado. Trabalhadores inocentes foram esmagados sob os pneus dos seus carros em fuga. E, em algumas aldeias, tal como nas grandes cidades, há pessoas que agora mesmo temem pelas próprias vidas.

A fotografia que veem em baixo mostra esse homem. Esta é a cara do demónio que causou mortes e destruição. É dele a ganância que conta vidas como nada na sua necessidade de ser saciada. Esta fotografia, leitores, apresenta-vos o diabo encarnado: Franco Malvasi.

Poppy sabia que não devia continuar a ler; ela prometera a Franco... Mas não conseguia descolar os olhos das cruéis palavras impressas. As reportagens pareciam saber tudo...

Enzo Malvasi, nascido na Sicília... criou o seu pequeno império... Stefano foi morto a tiro no funeral do seu pai juntamente com a mulher grávida e três outros membros proeminentes das Famílias da Máfia...

Os homicídios por vingança – seis homens alinhados e fuzilados numa garagem de Nápoles... Apesar de os rumores afirmarem que o próprio Franco planeara a morte do irmão de modo a herdar o império Malvasi. Em dois anos, ele duplicou a herança do pai, em quatro, triplicou-a. Franco Malvasi tornara-se a si próprio rei do submundo italiano e dizia-se que nada o impediria, nem mesmo o assassinio do seu próprio irmão, de manter essa posição. Foi a sua ganância e tentativa de assumir o controlo do território de um pequeno ladrão, Mario Palozzi, que desencadeou uma reação em cadeia de violência territorial numa escala nunca vista neste século. O homem nesta fotografia é um assassino a sangue-frio.

Poppy afundou-se na secretária, pousando a cabeça no jornal com o retrato de Franco. Lembrava-se do seu sorriso pueril ao correrem de mãos dadas pelo prado, do seu olhar terno ao ajudar uma criança a atravessar as pedras do riacho de Montespan, e a cara inocente do homem que ela amava ao dormir, com a testa aliviada do seu franzido cansado enquanto se deitavam juntos na grande cama, no seu «lar». Ela queria acreditar com todo o coração que aquelas notícias não eram verdadeiras. Franco avisara-a para não as ler. Ele saberia o que elas diriam. *Mas como poderia ele saber a não ser que o que elas dissessem fosse verdade?*

– Bom – clamou Simone, irrompendo pela porta –, viste os jornais, suponho? – Levantando a cabeça, Poppy fitou-a, pálida. – Claro, os jornais estão a fazer um autêntico festim disto – continuou Simone mordazmente –, mas eu não tenho dúvidas de que quase tudo é verdade. Não sobre Franco, claro. Ele não é um homem violento. Suspeito de alguma traição dentro das suas fileiras. Mas pensei que deveria vir de imediato para ter a certeza de que tu estavas bem. – Os seus olhos aguçados captaram a palidez de Poppy e a sua mão trémula a segurar o jornal.

– Não leves isto demasiado a sério, Poppy – aconselhou ela gentilmente. – Todos os homens têm pés de barro, especialmente os que nós pensamos que são deuses. Tu tens sido ingénua durante demasiado tempo, receio que este seja um despertar violento para as realidades do mundo. Oh, sei que tiveste tempos duros, foste sempre aprendendo sobre a vida da maneira mais difícil. Mas é melhor acreditares nisto, Poppy. *O Franco é o mesmo homem que amaste ontem. Ele não mudou nada. Apenas a tua perceção dele*

mudou.

Ela plantou um beijo afetuoso na face de Poppy.

– Não há nada que eu possa dizer – acrescentou –, exceto que mantinhas a tua fé nele.

Poppy fitou o rosto familiar de Franco, as feias manchetes, as palavras cruéis e condenatórias. Depois, olhou para Simone.

– Simone – sussurrou. – Estou grávida.

1907, ITÁLIA

A *villa* parecia uma fortaleza. Trinta homens com espingardas patrulhavam os seus perímetros e mais duas dúzias cobriam todas as entradas. Fora colocado um homem em todas as janelas dentro de casa e mais meia dúzia permanecia junto à porta do escritório do segundo andar de Franco.

Ele afastou-se da janela, carrancudo. Há um mês que as manchetes tinham surgido nos jornais, há um mês que ele tinha estado com Poppy. Um mês que mudara todo o rumo da sua vida e que quase o destruía.

Recostou-se na sua cadeira de cabedal verde, com as mãos entrelaçadas. A sua cabeça estava mergulhada para o peito e a testa sulcada em pensamento. Não podia negar que o que acontecera era culpa sua, mas não da maneira como os jornais mostravam. Fora porque, como padrinho da Família Malvasi, não estivera ali onde deveria ter estado. Deixara que outras prioridades viessem primeiro e, no seu mundo, não havia outras prioridades. A Família era tudo. Permitira que a sua mente se distraísse, brincando aos maridos e mulheres com Poppy como se fosse um homem comum. E por isso, e pela primeira vez na vida, depositara tolamente a sua confiança num outro homem. Um homem que o traía. Agora perdera a face perante a sua própria Família e era injuriado como um selvagem perante o resto do mundo.

Franco dirigiu-se novamente para a janela e olhou outra vez para o

exterior. Aquele era o seu mundo – tão longe como o fim da sua terra. Era um homem marcado. Dali para a frente, quando saísse dele, viajaria num carro blindado com vidros escurecidos, acompanhado por guarda-costas. Não havia outra escolha para ele agora, não podia abandonar o seu mundo porque este nunca o abandonaria. Procurá-lo-ia e vingar-se-ia onde quer que fosse. A sua única resposta era assumir o controlo absoluto, dominar aquele mundo e punir todos os desafiadores. Não era o que ele teria escolhido, mas era o seu único rumo.

Suspirou, cansado. As batalhas tinham terminado e sido ganhas, os territórios miseráveis de Palozzi eram dele, juntamente com duas outras grandes áreas cujos padrinhos o tinham desafiado. Muitos haviam morrido, esposas tornadas viúvas e crianças órfãs. E agora era altura para a sua vingança.

A reunião fora marcada para as três da tarde. Um olhar para o seu relógio mostrou que era um minuto antes da hora. Respirando fundo, desceu as escadas para a sala de reuniões.

Estavam todos ali, à espera. Caetano, o velho advogado, de rosto carrancudo. Gaspari, o banqueiro, apreensivo. O homem de negócios, Salvatore Melandri, parecia friamente agradado. E ali estava o seu braço-direito, Giorgio Verone, cujos olhos calorosos sorriram ao levantar-se para lhe estender e apertar a mão, entusiasticamente.

– Conseguimos, Franco – disse ele, triunfante. – Ganhámos. Agora possui tudo.

– Sim, Giorgio, possuo. – Tomou o seu assento à cabeceira da mesa, indicando a Giorgio para se sentar a seu lado.

– Na nossa última reunião, há um mês, cavalheiros – começou ele suavemente –, discutimos maneiras e formas de lidar com Mario Palozzi. Pensei que tinha deixado claro os meus sentimentos. Aparentemente, não foi assim. Alguém tomou sobre si mesmo o uso do meu nome para começar esta guerra. Alguém com poder suficiente para afirmar que as ordens vieram de mim. Um de *vós*, cavalheiros.

Recostou-se e, juntando as mãos, olhou-os. Eles defenderam-se inquietos do seu olhar.

– Oh, vá lá, Franco – protestou Giorgio –, sabia que era a melhor maneira de agir. Era a única forma de manter a tua credibilidade dentro das Famílias.

– A minha *credibilidade*? E que credibilidade tenho eu *agora*, entre a Família? Parece que quebrei todas as regras. Muito bem, cavalheiros, se é esse o caso, aceito-o. A Família Malvasi é agora mais rica e mais importante. Temos de pensar na Família. Planeio ir mais além nos nossos interesses nos Estados Unidos no próximo ano e expandir ainda mais.

– Os Estados Unidos? – questionou Giorgio ansiosamente. Ele sabia que ficaria com a posição de cabecilha do território Palozzi ali em Itália, mas a América era uma oportunidade de carreira de ouro.

– És um jovem ambicioso, Giorgio – disse Franco, levantando-se. – E imprudente. Foram as *tuas* acções que causaram esta guerra. *Eu acuso-te a ti, Giorgio Verone, das mortes de pessoas inocentes. És tu quem merece o nome que me deram nos jornais: Um selvagem, um assassino implacável, o diabo encarnado...* – Colocou casualmente a mão no ombro de Giorgio, que olhou para ele, apreensivo.

– Fi-lo por si, Franco – respondeu ele, bajuladoramente. – Pensei que precisava de ajuda. Estava perturbado por causa daquela mulher. Todos concordaram que estava a perder a firmeza. Até as outras Famílias falavam disso. Até se espalhou um rumor de que planeavam assumir o controlo da Família Malvasi... Foi a decisão certa... Todos me apoiaram. Viu isso.

– *Um padrinho nunca precisa de ajuda* – disse Franco calmamente, tirando um pequeno revólver de cano curto do bolso. Colocando um silenciador no cano, pressionou-o contra a parte de trás do pescoço de Giorgio e este olhou para ele descontroladamente. – Cavalheiros, são todos testemunhas de que este importante membro da nossa Família desobedeceu às suas ordens e ao seu código. É minha decisão que ele deverá ser tratado da maneira adequada. – Eles olharam-no nos olhos, concordando com a cabeça. – Um padrinho trata, ele próprio, dos seus inimigos pessoais – afirmou Franco. – É a coisa certa a fazer.

– Não – gritou Giorgio, agarrando os braços da sua cadeira, os seus olhos a rolares petrificados. – Não... não...

Franco era um especialista. Não houve confusão, não houve sangue. Poder-se-ia nem saber que Giorgio estava morto se não fosse pelo elegante pequeno buraco negro na parte de trás do seu pescoço. E pela sua expressão de terror ainda nos olhos.

Algumas noites mais tarde, uma blindada limusina preta *Mercedes* parou no exterior de um pequeno armazém nas docas de Nápoles. Quatro guarda-

costas saltaram para fora dela, erguendo-se com metralhadoras, a postos, enquanto Franco caminhava rapidamente para dentro. Os doze homens sentados à volta da mesa do fundo levantaram-se para o cumprimentar.

– Franco – disse um deles –, a minha Família manda cumprimentos. Estamos honrados por ter esta reunião contigo. E confiantes de que conseguiremos alcançar um acordo satisfatório sobre os novos territórios.

Franco sentou-se à cabeceira da mesa.

– Não vou desperdiçar o vosso tempo, cavalheiros – disse friamente. – Estou aqui para ver o rosto dos meus inimigos. Acuso-vos de traição às vossas próprias Famílias e de homicídio. São homens mortos... cavalheiros.

Afastou-se rapidamente conforme os seus soldados entraram rapidamente por trás e, enquanto a grande limusina preta acelerou e dobrou a esquina, o som de disparos de metralhadoras ecoou através da noite.

Gaspari, o banqueiro, perdeu-se num acidente de barco no mar, uma semana depois. Salvatore Melandri, o brilhante jovem diplomado pela escola financeira, disparou sobre si próprio, acidentalmente, dez dias depois. E dois meses após isso Caetano, o velho advogado, morreu em casa, na cama. A certidão de óbito dizia que fora um ataque cardíaco. Franco decidira, por causa da Família, ser discreto.

Os novos diretores executivos que escolhera eram de meia-idade, reservados e obstinados. E a sua lealdade era inquestionável. E, se não o fosse, tinham o exemplo dos seus predecessores como aviso.

1907, ITÁLIA

Poppy encostou-se às confortáveis almofadas de veludo azul enquanto o comboio avançava de Génova para Nápoles. Olhava pela janela para o cenário que passava, mas pensava em Franco. Tinham decorrido dois meses desde o seu romântico idílio em Montespan. E ela estava grávida de dois meses.

Todas as suas chamadas telefónicas foram atendidas por um homem frio e de ar eficiente que lhe dissera que Franco não estava, mas que lhe diria que tinha ligado. Netta fora ter com ela imediatamente assim que lera as notícias nos jornais, e observara desesperadamente enquanto Poppy girava em torno do telefone, esperando pela chamada que nunca chegava.

– Tu não precisas de um homem como Franco Malvasi – disse ela, zangada. – Avisei-te desde o início, Poppy, mas tu parecias uma avestruz a enterrar a cabeça na areia. Não quiseste ouvir a verdade.

– *O Franco disse-me a verdade!* – replicou ela, com os olhos a brilhar de raiva. – Não foi o *Franco* que fez isto. Ele avisou-me para não acreditar nas reportagens. Pedi a minha confiança.

– E claro que tu lha deste. Fá-lo sempre – disse Netta, amarga. – E onde te levou esta *fé* toda? Estás grávida e não há sinal do Príncipe Encantado.

Poppy afundou-se numa cadeira, a soluçar.

– Eu não sei, Netta – lamentou-se ela. – Não sei onde ele está.

Quando já não conseguiu aguentar mais, Poppy disse-lhe que iria a

Nápoles falar com Franco. Netta olhou-a, horrorizada, e correu a buscar Simone.

– Seria muito insensato ir para Nápoles, Poppy – afirmou Simone preocupada. – Esqueça, é melhor manter apenas as suas ilusões e ficar aqui.

– O que quer dizer com isso de manter as minhas ilusões? – questionou ela. – Todas vocês agem como se ele fosse mau. E, no entanto, nunca foi outra coisa a não ser vosso amigo.

– Não sabe nada sobre este mundo – disse-lhe Simone. – Não faz ideia de como é, Poppy. *Imploro-lhe* que não vá. – Mas ela já compreendera pela expressão no olhar de Poppy que a decisão estava tomada.

Fora uma longa viagem e, apesar de ter pernoitado em Nice, Poppy não dormira. Permaneceu no meio do turbilhão de atividade na estação de caminho-de-ferro de Nápoles, esperando pela sua bagagem e deixando as familiares vistas e sons de Itália reavivarem as suas antigas memórias. Nem os gritos estridentes dos carregadores e dos vendedores ambulantes de fruta, e o palavrório de despedidas e reuniões, podiam destruir a beleza da língua italiana. Olhou para as mulheres de xailes negros a segurarem preciosos bebés de olhos negros e perguntou-se se o seu filho teria os olhos de Franco.

Pedindo ao carregador para lhe chamar um táxi para a levar para a Villa Carmela, seguiu-o através da multidão esmagadora. Aguardou enquanto ele indicava a morada ao motorista, mas o taxista ergueu as mãos no ar, gritando numa torrente de italiano que ela não conseguiu compreender.

– O que está ele a dizer? – perguntou Poppy, perplexa. – Não sabe onde é?

– Oh, sabe, *signora* – respondeu o carregador –, mas diz que está demasiado ocupado.

Ela observou, surpreendida, o motorista bater com a porta do seu táxi e seguir para o bar no lado oposto da rua. O motorista seguinte ouviu o endereço e depois encolheu simplesmente os ombros e voltou para o seu jornal. O terceiro recusou definitivamente ir à Villa Carmela, olhando para Poppy com uma mistura de desdém e medo, e ela encolheu-se contra a parede enquanto o carregador seguia pela fila de táxis, sem nenhuma sorte.

Empinando o queixo com raiva, Poppy entrou num táxi.

– Leve-me ao melhor hotel da cidade – ordenou ela arrogantemente.

A sua suíte era palaciana no estilo provincial de veludos vermelhos, dourados e espelhos, mas tudo o que ela via era o telefone preto à espera numa pequena mesa embutida. Do outro lado do telefone estaria Franco... Ele estava ali, talvez a apenas cinco, dez minutos... A sua voz tremeu ao pedir para ligarem o seu número.

Franco olhou da sua secretária enquanto Alfredo, o seu secretário pessoal, atendia o telefone.

– Peço desculpa, *signora*, ele não está aqui – dizia suavemente para não o perturbar. – Vou ver se ele recebe a sua mensagem. Sim, *signora*. Aqui em Nápoles. Sim, sim... Obrigado, *signora*.

Franco recostou-se na sua cadeira e fechou os olhos. Sabia que era Poppy a ligar novamente, e não sabia o que fazer. Pensara que não voltar atrás era a maneira mais suave de terminar as coisas. Mais fácil para ela, mais fácil para ele. Porque a amava tanto quanto qualquer homem amara uma mulher. Ver o seu doce rosto novamente, sentir os seus beijos, deitar-se com ela na sua grande cama em Montespán, apenas enfraqueceria a sua resolução. Apenas o faria acreditar que não era a pessoa que ele sabia que era. E essa crença fora quase a sua ruína. Não podia dar-se ao luxo de cometer outra vez um erro daqueles.

– O que disse ela desta vez, Alfredo? – perguntou, cansado.

– A *signora* está aqui em Nápoles. Está no Grand Hotel. Nenhum taxista a traria aqui.

O rosto de Franco estava impassível; não poderia dar-se ao luxo de revelar as suas emoções em frente a qualquer homem, mas o franzido entre as suas sobrancelhas aprofundou-se e um pequeno pulsar palpitou nervosamente na sua face.

– Obrigado, Alfredo – respondeu ele, voltando a atenção de novo para os papéis na sua secretária. Contudo, a sua mente só pensava em Poppy... Ela estava ali... Ele poderia ir buscá-la naquele mesmo instante. Em quinze minutos ela poderia estar nos seus braços. Levá-la-ia para a *villa*, implorar-lhe-ia que ficasse, pedir-lhe-ia que casasse com ele. Poderiam viver ali, decerto não necessitariam de mais ninguém, nem de amigos, nem de jantares, nem de idas à ópera. Tudo o que precisavam era um do outro.

Empurrando a cadeira, dirigiu-se para a janela. As suas firmes resoluções já se estavam a dissolver. Não tinha o direito de agir como um apaixonado

idiota; ela não pertencia ao seu mundo e ele tinha de a libertar. E conhecia apenas uma maneira de o fazer.

– Alfredo, vais telefonar a todos os florista de Nápoles, e até de Roma... Para onde quer que tenhas de ligar... E vais dizer-lhes para enviarem todas as gardénias disponíveis para a suíte da *signora* no Grand. Depois vais telefonar-lhe e dizer-lhe que um carro esperará por ela às nove horas desta noite. Quero que envies três guarda-costas com o *chauffeur*. – Pensou por um instante. – Ruggiere, Fabiando e o Dottore. – Escolhera deliberadamente o Dottore porque ele era o homem mais assustador que conhecia – um cirurgião falhado cuja especialidade era a faca, e cujo único desejo era utilizá-la.

Poppy encolheu-se contra os frios estofos pretos de cabedal da limusina *Mercedes* enquanto se deslocava pelos subúrbios de Nápoles e subia as colinas. O *chauffeur* conhecia bem a estrada e buzinava avisando os camponeses nos seus carros de feno. Eles voltavam-se para olhar, benzendo-se enquanto o carro passava. Ela não fazia ideia para onde ia e olhou de relance para os homens que se encontravam ao seu lado. Tinham testas curtas e olhos selvagens e bovinos transmitidos durante gerações de consanguinidade, e estavam agachados na ponta dos assentos, olhando atentamente para a estrada, com pequenas metralhadoras nas mãos.

O terceiro guarda-costas, sentado ao lado do *chauffeur*, tinha esperado por ela no *foyer* do Grand. Era alto e estava bem vestido e a sua cabeça esquelética era quase careca. Os seus olhos eram de uma cor indeterminada atrás de uns óculos de finos aros dourados, e uma fina cicatriz corria desde o olho direito até ao canto da boca de lábios finos, franzindo-os num permanente sorriso sinistro.

– Sou Emilio Sartori – disse-lhe ele –, geralmente conhecido como Dottore por causa da minha formação como médico. Tinha planos para ser um cirurgião, compreende, antes de os meus interesses se terem... desviado.

O grande carro abrandou, parando diante de portões altos de ferro colocados num maciço muro de pedra. O luar brilhou nos estilhaços de vidro e nos espigões de ferro e nas armas apontadas a ela quando uma dúzia de homens cercaram o carro.

– Está tudo bem – disse-lhes o Dottore –, é a senhora de quem ele está à espera.

Eles observaram cautelosamente para dentro do carro e Poppy fechou os olhos, perguntando-se se fora capturada pelos inimigos de Franco, esperando pela bala que tinha a certeza que viria. Porém, os grandes portões abriram-se e o carro avançou novamente através do caminho de gravilha e parando finalmente em frente de um impressionante pórtico Palladiano. Mais quatro homens com metralhadoras observaram-na enquanto ela subia os degraus ao lado de Dottore, tropeçando de pânico. Desviando os olhos dos olhares curiosos, disse a si própria que nada daquilo interessava, nem as armas, nem os seus rosto cruéis e os seus olhares assustadores, implacáveis... Nada interessava exceto o facto de que em breves momentos estaria com Franco.

– Aguarde aqui, por favor, *signora* – disse-lhe o Dottore. – O *signore* virá ter consigo assim que possível. Está numa reunião.

A divisão alta de colunas em que ele a deixara era clássica e formal e de um gosto perfeito. As paredes estavam pintadas de um fresco verde-amêndoa e as elaboradas cornijas destacavam-se num branco e pálido terracota. As lindas colunas de mármore ao lado das portas duplas eram da Roma antiga e não fora feita uma única tentativa para restaurar a sua desmoronada beleza. Poppy vagueou nervosamente, admirando os importantes retratos, tocando em pequenas caixas de prata gravadas com o brasão de Carlos I, o requintado candelabro *Paul Storr*, os ovos *Fabergé*, o relógio *Caffieri*. Não se tinha apercebido antes de quão rico Franco era; a sua casa era como um lindo museu recheado de objetos de valor incalculável. Pensou na sua pequena quinta em Montespán e na simples mobília campestre, nos corredores de pedra e vigas inclinadas e nos grandes molhos de flores colhidos no prado e colocados num recipiente de cobre para o leite. As casas pertenciam a duas pessoas diferentes. Subitamente, ficou com medo. Não era o mesmo tipo de medo físico que sentira na limusina quando pensara que poderia morrer; era menos simples.

– Não esperava ver-te aqui, Poppy. Na minha casa.

Ela virou-se para o enfrentar, com as mãos nas pérolas do seu pescoço. Franco estava junto à porta, sem sorrir. Parecia mais magro, esquelético, e as linhas do seu rosto estavam gravadas ainda mais profundamente –, mas era finalmente Franco. Ela sentiu-se fraca com amor por ele.

– Eu... Eu estava apenas a admirar a tua coleção – balbuciou ela, pousando a mão na estatueta de porcelana de um pequeno cão.

– A estátua é do *Papillon*, o cão chihuahua de Marie Antoinette – disse ele, caminhando na sua direção. – Ela encomendou-o a Sèvres, em mil setecentos e noventa. Foi encontrado no seu provador em Versalhes... depois.

Poppy tremeu ao lembrar-se das palavras proféticas de Simone quando lhe contara pela primeira vez sobre a sua vida na quinta de Montespan. *A Marie Antoinette também fez de leiteira*, dissera. *E olha o que lhe aconteceu*. Poppy perguntou-se rapidamente se o cão também tivera a sua cabeça cortada.

Ela aguardou que Franco colocasse os braços à sua volta, que a beijasse, que lhe dissesse que estava feliz por vê-la, finalmente.

– Nunca pretendi que viesses aqui, Poppy – disse ele, servindo champanhe em dois pequenos e bonitos copos *Lalique*. – Mas já que aqui estás, devemos celebrar.

– *Franco, eu tinha de te ver. Eu precisava de ti!* – disse ela, desesperadamente.

– Receio não poder estar disponível sempre que *precises* de mim – disse ele, oferecendo-lhe o copo.

As suas mãos tocaram-se e uma centelha de nostalgia brilhou nos seus olhos.

– Ouviste falar do que aconteceu?

Ela assentiu.

– Eu li, e houve algum falatório...

– E? – perguntou ele, bruscamente. – Que pensas tu?

– Tu pediste-me para confiar em ti – disse ela simplesmente.

Ele acenou, olhando para ela.

– A fé é uma mercadoria tão rara – respondeu ele ironicamente.

Alguém bateu à porta e o Dottore entrou.

– O jantar está servido, *signore* – disse ele na sua suave e sedosa voz aguda que arrepiou a espinha de Poppy.

A sala de jantar era tão grande como o salão, talvez doze metros de comprimento por nove metros de largura, com uma estreita mesa de refeições de carvalho no centro.

– A mesa veio de um mosteiro do século treze – explicou-lhe Franco,

como se fosse o curador de um museu. – Agrada-me pensar naqueles velhos monges sorvendo os seus simples caldos onde nós agora jantamos tão sumptuosamente. Todas as peças nesta casa têm uma história. Ali a mesa da biblioteca pertenceu ao cardeal Richelieu, os vasos foram de um imperador chinês da Terceira Dinastia, estes mesmos talheres agraciaram outrora a mesa da rainha Ana de Inglaterra. Suponho que tenho esta paixão por peças das vidas de outras pessoas por não ter uma vida real própria. As quatro paredes, bem vês, são as minhas fronteiras. Os jardins, de uns meros quatro hectares, são o meu país. Sou «rei» deste pequeno império, Poppy, embora agora se espalhe por outros continentes. Mas o que estás a ver é o meu mundo pessoal inteiro. Herdei um terço desta prisão, e outro terço criei, mas as barras no último terço foram colocadas à sua volta por homens que me atraíram.

Um homem de luvas brancas colocou pratos de cristal com caviar em frente deles e as minúsculas colheres de prata tiniram contra os copos.

– Estou feliz por teres vindo aqui – disse Franco, colocando com a colher os cintilantes grãos negros numa torradinha triangular –, porque agora podes ver por ti própria como é. Experimenta o caviar, é beluga, o meu favorito.

– Eu não sabia sequer que tu gostavas – exclamou Poppy.

Ele sorriu, acenando com a cabeça.

– O homem que pescava trutas no ribeiro de Montespan e que apreciava beber leite quente diretamente da vaca já não existe, Poppy. Mas há compensações. A um homem na prisão é permitida a melhor comida que ele puder comprar. Portanto, esta noite vamos ter o melhor, champanhe, caviar, vitela com trufas brancas, vinhos da casta *châteaux*. O que pode mais um homem pedir?

A raiva queimava os olhos de Poppy ao atirar o prato de cristal, os copos *Lalique* e as pratas da rainha Ana ao chão.

– Que jogo estás a jogar, Franco? – silvou ela. – O que se passa? Estou aqui porque tu não foste ter comigo. Eu esperei. Estava assustada por ti, preocupe-me contigo. *Eu amo-te, Franco!*

O seu rosto estava pálido e os seus olhos azuis brilhavam à luz das velas quando alcançou e tirou os ganchos do seu cabelo.

– Olha para mim – ordenou ela enquanto o cabelo lhe caía nos ombros numa brilhante massa encaracolada. Ela arrancou os brincos das orelhas, as

pérolas do pescoço, os anéis dos dedos. Rasgando o vestido de *chiffon* vermelho, deixou-o cair a seus pés. Não usava nada deliberadamente por baixo por saber que ele a tomaria de imediato nos seus braços e faria amor com ela e, agora, estava nua em frente a ele. – *Isto é quem eu sou!* – chorou ela. – *Isto* era como eu era para ti em Montespan. *Isto* era a mulher nos teus braços, a mulher que disseste que amavas. Estás a falar comigo sobre caviar e mesas do cardeal Richelieu quando tudo o que quero é que digas que me amas, que estás contente por me ver. – A sua voz caiu num sussurro. – Quero que me digas que nada interessa em todo o mundo... exceto nós.

Franco lembrou-se de todos os atos cruéis que fizera na vida e soube que nada era mais cruel do que o que tinha de fazer naquele momento.

– Já não sou um homem livre, Poppy – disse ele calmamente. – Já não posso dizer-te essas palavras. – Ajoelhando-se, levantou-lhe o vestido dos pés, deslizando-o lentamente para cima, sobre o comprimento das suas coxas, passando o tentador triângulo de pelo de bronze que guardava os seus preciosos segredos cujos sabores e textura ele conhecia tão bem; passando a encosta do seu ventre cremoso, a delicada curva dos seus seios, até ao seu longo e gracioso pescoço. Com as mãos nos ombros dela, olhou para o rosto que amava; a pele de alabastro cor-de-rosa, as sardas do nariz, a boca suave, apaixonada e trémula, os olhos azuis ardendo de lágrimas e desespero. Passou as mãos uma última vez pelo seu sedoso e selvagem cabelo ruivo, obrigando-se a recordar a maneira como ela era, como sentia, o cheiro a gardénias da sua pele.

– É cruel prender uma borboleta num mundo de armas, maldade e morte súbita – sussurrou ele. – Nunca sobreviveria. Tu viste finalmente a verdade. Vai para casa, Poppy. Vai para casa. Imploro-te.

Nesse momento, ela soube que não valia a pena; não havia nada que pudesse dizer ou fazer para o levar a mudar de ideias. Pensou no filho de Franco no seu ventre. Era a carta vencedora no jogo de póquer do amor e, se ela lho dissesse, ele poderia transigir. Mas como poderia ela fazê-lo? Estaria a condenar uma criança inocente a uma vida atrás daquelas quatro paredes, uma herança que nenhuma pessoa saudável alguma vez quererá.

Franco tocou um sino para chamar o criado.

– Lembra-te – disse ele, tranquilo –, se alguma coisa correr mal, se alguma vez precisares de ajuda... tudo o que tens de fazer é ligar.

Ela assentiu, olhando-o uma última vez. Depois, virou-se e fugiu da sala.

1907-1908, FRANÇA

Poppy deixou Paris e foi com Netta para Montespán antes de a sua gravidez se tornar demasiado evidente, deixando Simone a supervisionar o Numéro Seize. Era final de setembro e a quinta parecia idílica sob o bonito céu azul. Havia uma brisa quente no ar e o pomar estava repleto de macieiras, ameixoeiras e pereiras; carros puxados por cavalos passavam por elas nas estradas do campo à medida que ela e Netta se dirigiam à aldeia ou seguiam no *De Courmont* verde-garrafa até Montespán-sur-Cher ou, por vezes, até mais longe, a Orleães, onde compravam coisas para o bebé, exclamando ao verem pequenos casaquinhos e toucas, ou berços com folhos em renda e organza.

As faces de Poppy estavam coradas do sol e o seu corpo inchava devido à saúde e ao bebé. Proibira-se sequer de pensar em Franco com receio de que o seu desespero magoasse o feto, pelo que, em vez disso, concentrou todas as suas energias no bebé. Ficava deitada durante horas na margem relvada a ver os pica-peixe a mergulhar no pequeno riacho como pontos de luz brilhantes como joias, sentindo-se a mãe de toda a Terra e pensando por que razão não se sentia assim há tanto tempo. Se não pudesse ter Franco, pelo menos teria um filho seu, e queria-o mais do que tudo no mundo. Imaginava uma filha com cabelo ruivo e os olhos escuros do pai, porém, quando o bebé finalmente nasceu, dois dias antes do Natal, era um menino.

Pensou muito antes de escolher o nome; não podia dar-lhe o nome de

Franco, como o pai, e, apesar de ter pensado chamar-lhe Nik, em homenagem ao «pai» que amava, não lhe pareceu correto. E nem sequer lhe passara pela cabeça chamar-lhe Jeb, pois a recordação era dolorosa. Acabou por chamar-lhe Rogan, em homenagem à sua ascendência irlandesa. Contudo, o apelido que registou na certidão de nascimento não foi Mallory, nem Malvasi, o do pai. Foi um apelido inventado por não querer que o filho carregasse o estigma das identidades do pai e da mãe. Quando crescesse e comesse a fazer perguntas, pensou no que lhe diria, porém, por agora, era apenas Rogan.

– Não podemos ficar aqui para sempre, sabes – disse Netta, preguiçosa, numa das últimas noites de fevereiro. – A Simone diz que precisam de ti no Numéro Seize e, pelo que refere, eu estou a ser roubada a torto e a direito em Marselha. – Suspirou. – Estou quase a mandar tudo às urtigas e a casar outra vez. – Olhou para Poppy, enroscada no sofá a ver o fogo brilhante com o bebé a dormir no berço, ao seu lado. – E, tu?

– Desistir do Numéro Seize? – ponderou Poppy, pensativa. – Não posso fazê-lo agora, Netta, tenho de pensar em Rogan. Tenho de fazer dinheiro para poder tomar conta dele. Um rapaz precisa de boas escolas, de um futuro. De uma herança.

– Estou a falar de casamento, não de dinheiro.

– Casamento? – Poppy olhou-a, surpreendida. Netta sabia como ela se sentia em relação a Franco. – Sabes que nunca casarei.

– Porque não? Podias sempre voltar a apaixonar-te, se quisesse.

– Não sejas ridícula – respondeu ela, zangada. – Sou a Madame Poppy. Quem casa com uma mulher assim?

– Duas das tuas meninas casaram – contrapôs Netta. – A Solange casou com um político em ascensão e é agora uma *grande dame* que frequenta todos aqueles jantares importantes. E a Belinda casou com um aristocrata.

– Com título mas sem dinheiro – suspirou Poppy. – A Belinda vai voltar quando ele não for capaz de lhe dar o estilo de vida luxuosa a que ela se habituou no Numéro Seize. Aquela morada é como uma doença contagiosa – acrescentou, amarga.

– Ainda assim, agora a casa é tua desde que Franco te passou o título de propriedade. E também tens a quinta – lembrou Netta. – És uma mulher rica, Poppy.

Poppy achou que era verdade; era rica. Aceitara o presente de Franco do

16, rue des Arbres, e da quinta de Montespan, por causa de Rogan. As propriedades eram a segurança dele no caso de lhe acontecer alguma coisa a ela. Entretanto, ela continuaria com o Numéro Seize por ainda ter o conforto de uma bela saúde. Quando fosse *realmente* rica, prometeu a si própria, nunca mais ninguém a magoaria. Os ricos nunca sofriam, nunca sentiam dor. Viviam num isolamento almofadado afastado do resto do mundo, desfrutando dos seus prazeres. Ao longo dos anos, aprendera muito sobre «os ricos». Entretanto, continuara a comprar pequenas propriedades aqui e ali, em redor das grandes cidades francesas e até em Itália. É claro que, naquele momento, não valiam nada, todavia continuava a confiar no conselho de Franco. Tinha a certeza de que um dia seria uma das mulheres mais ricas do mundo e encontraria uma forma de ser feliz sem um homem. E sem amor.

Esperou mais um mês até o bebé já não depender do seu leite materno e deixou-o em Montespan ao cuidado de uma carinhosa e rechonchuda ama maternal que já cuidara de dois filhos próprios.

– O Rogan nunca saberá sobre o Numéro Seize – soluçou ela enquanto conduziam de regresso a Paris –, nunca saberá a verdade sobre a mãe!

– Porque não desistes de tudo? – implorou Netta. – Abandona tudo e vai para casa ter com o teu filho, que é onde pertences.

– Não posso – disse ela, limpando as lágrimas e sentando-se direita. – Preciso do dinheiro, Netta.

A casa parecia tão bonita como ela se lembrava e as suas meninas foram ter com ela, excitadas e contentes por vê-la. No entanto, claro, nenhuma delas, nem os clientes do Numéro Seize, sabiam da existência do bebé.

Luchay gritou de deleite ao estar de novo entre o barulho e a excitação e, preocupada por tê-lo negligenciado em favor do bebé, Poppy apressou-se a ir à *Cartier* encomendar duas pulseiras de esmeraldas e diamantes para lhe colocar nas patas.

– Estás lindo, meu querido *Luchay* – sussurrou ela quando ele as espreitou com desdém. – Não te disse um dia que ia fazer de ti um Príncipe dos Papagaios? – Riu-se. – Isto é apenas o começo. *Tu* usarás as joias nesta família, *Luchay*. *Eu* limitar-me-ei às minhas pérolas de prostituta.

Algumas semanas depois, regressou a casa após um belo dia passado no

campo com Rogan e encontrou uma carta à sua espera na secretária. Estava num simples envelope creme e endereçada numa caligrafia que não reconheceu. Como se encontrava ocupada, só mais tarde, nesse noite, arranjou tempo para a ler. Estava impressa em enormes letras pretas num simples papel creme e ela Poppy engasgou-se ao lê-la.

Mr. Greg Konstant do rancho Santa Vittoria está muito ansioso por saber do seu paradeiro. Se não quiser que ele fique a saber o que é e onde está, obedeça às seguintes instruções. Coloque dez mil dólares americanos em notas de baixo valor numa mala de viagem. Leve-a consigo quando partir para o campo na sexta-feira, como de costume. Pare nos estábulos abandonados nos arredores da aldeia de Luz St. Pierre e deixe a mala na primeira manjedoura. Não faça nenhuma tolice. Está a ser observada, tal como o seu filho. Se desobedecer a estas ordens, vingar-nos-emos.

Foi a palavra *vingança* que gelou o coração de Poppy. Pensou no seu doce filho, impotente e feliz com a ama em Montespán, e o seu instinto foi correr para ele, tomá-lo nos braços, pronta a protegê-lo de qualquer ameaça. Andava a ser observada, dizia a nota... De repente, o pânico assolou-a. *Quem* andava a observá-la? *Quem* a odiava assim tanto para fazer aquilo? *Quem* era demasiado maldoso e cruel? *E quem sabia?*

Não era ninguém dali, disso tinha a certeza. Só Simone e Netta sabiam a verdade e eram suas amigas. A outra única pessoa que sabia sobre Greg era Franco. Ainda não fazia ideia de como ele obtivera a informação, mas sabia que a tinha. É claro que não era Franco. Então, quem estava a chantageá-la? De repente, o rosto do Dottore veio-lhe à mente; podia vê-lo tão claramente como se ele estivesse ali... Com os óculos dourados e finos a refletirem a luz de tal forma que não não era possível ver-lhe os olhos, a cicatriz fina a dividir-lhe a face e a pressionar-lhe a boca onde os músculos danificados a tinham encolhido, o sorriso de lábios finos e a voz suave e aguda... O Dottore era próximo de Franco; seria possível ter-se apoderado da informação sobre ela... O que dissera Franco sobre traição?

Olhou para o telefone. Há quase um ano que não ia a Nápoles. Rogan nascera e fora altura de seguir com a sua vida. Ainda assim, Franco dissera que, se acontecesse alguma coisa, que se alguma vez ela precisasse dele,

devia ligar...

Olhou para a carta ainda na sua mão... «Estamos a observá-la», dizia, ameaçadoramente, «vingar-nos-emos...» E Rogan estava sozinho na quinta só com uma ama e os velhos Monsieur e Madame Joliot para o salvarem.

Pegou no telefone, ligou para o banco e pediu-lhes para prepararem dez mil dólares até à hora de almoço.

– Em notas de baixo valor – recomendou e não, não se importava com a taxa de câmbio, nem com o facto de ser bastante caro comprar dólares com francos naquele momento; precisava do dinheiro naquele dia.

A estrada que conduzia a Luz St. Pierre estava ladeada de árvores, tornando a aproximação ainda mais escura quando Poppy parou o carro em frente aos velhos estábulos. Com a mala de viagem de couro preto nas mãos, olhou nervosamente para o outro lado da estrada. Os estábulos tinham pertencido a uma antiga *maison bourgeoise* que ardera há alguns anos e, como o resto dos edifícios exteriores, tinham sido simplesmente deixados ao abandono. O telhado fora destruído por anos de invernos rigorosos e mau tempo e agora as paredes vergavam de forma perigosa.

Um leve cheiro a cavalo dominava ainda o local quando Poppy atravessou os montes de palha e folhas mortas, olhando, receosa, por cima do ombro. À derradeira luz do Sol só conseguia ver a antiga manjedoura de ferro. Apressada, colocou a mala lá dentro e fugiu, torcendo dolorosamente o tornozelo no caminho traiçoeiro e não arranjado. Abrindo a porta do carro, correu lá para dentro e, quase a soluçar de medo, ligou a ignição. Sem se atrever a olhar para trás, conduziu através da aldeia de Luz St. Pierre a caminho do seu bebé.

A ama mantinha sempre Rogan acordado até tarde à sexta-feira para que Poppy pudesse vê-lo antes de ele ir para a cama, e ele esperava-a quando ela abriu a porta. Vestia o pequeno fato-macaco com calção branco que ela lhe comprara em Paris na semana anterior e os seus olhos azuis iluminaram-se quando a viu. Os dedos pequenos entrelaçaram-se no cabelo dela e gorgolejou de deleite pelo que ela soube, sem quaisquer dúvidas, que havia uma coisa na sua vida mais importante do que dinheiro. O filho.

Luchay guinchou alto, como se lhe recordasse, e Poppy riu-se, aliviada.

– Tu também, *Luchay* – disse ela –, tu também vales mais do que ouro.

A carta seguinte chegou à sua secretária exatamente um mês depois. Era quase idêntica à primeira.

Dez mil dólares não são suficientes para comprar o meu silêncio. Desta vez o preço é vinte mil. Deixe-os no mesmo local, sexta-feira à noite, a caminho de Montespán. E lembre-se de que está a ser observada e de que a vingança se serve fria.

Poppy pensou no que fazer; parecia óbvio que as exigências nunca iam parar. Não estavam satisfeitos com dez mil dólares, agora queriam vinte... E, quando mais ela desse, mais eles quereriam. Era um círculo que nunca mais acabava.

Era quinta-feira de manhã; tinha até ao dia seguinte para agir. Pegando no telefone, pediu ao banco para ter vinte mil dólares prontos para o dia seguinte. Depois, ligou para o Hotel Bristol e marcou uma suíte. Escolheu o Bristol por ser discreto, caro e muito adequado, e tinha a certeza que não havia criminosos a pernoitar no hotel. Em seguida, telefonou para Montespán e pediu à ama para fazer a mala e vir com Rogan para Paris. Deviam apanhar o comboio das três e quinze em direção a Orleães, onde um carro iria ter com eles à estação para levá-los ao hotel. Ela encontrar-se-ia lá com eles.

Demorou muito tempo a pegar no telefone para ligar a Franco e, quando o fez, as lágrimas verteram silenciosamente pelo seu rosto.

– Poppy? – disse ele. Ela não sabia por que razão o facto de o ouvir a dizer o seu nome trazia de volta todas as emoções que julgava ter enterrado, porém soube que nunca poderia deixar de amá-lo.

– Franco – sussurrou ela. – Não tencionava ligar, mas disseste que se alguma vez eu estivesse em sarilhos...

– Diz-me o que se passa – disse ele de imediato.

– É que... estou a ser chantageada – referiu ela. – Não sei o que fazer.

Disse-lhe que alguém ameaçava contar a Greg Konstant quem ela era e onde vivia e expor a relação de ambos. Que já pagara dez mil dólares e que estava prestes a pagar vinte mil.

– Não te preocupes, Poppy – tranquilizou ele, com a voz a parecer distante. – Eu trato de tudo.

– Franco – disse ela, hesitante. – Pensei... Bem, estava a tentar pensar em quem poderia ser e como saberia. Não pode ser ninguém daqui, sabes.

– Não tentes perceber quem é – aconselhou Franco, amargo. – Deixa-me tratar disso. Não quero que te preocupes mais. – Fez-se silêncio, em seguida, ele disse: – Poppy, fico contente por me teres ligado a pedir ajuda. – Depois, o telefone ficou mudo.

Poppy pousou relutantemente o auscultador, sentindo-se como se lhe tivessem cortado o fio que a ligava à vida. Depois, apoiou a cabeça na secretária e desatou a chorar.

A fim de manter a charada, dirigiu-se a Montespán à sua hora habitual. Como dantes, deixara a mala de viagem preta com o dinheiro na manjedoura. Em seguida, foi-se embora como se se encaminhasse para a quinta, contudo, seguiu uma estrada tortuosa de volta para Paris. Mais uma vez, comprara tempo.

Duas semanas mais tarde, chegou um pacote à sua mesa. Continha vinte e cinco mil dólares em notas de baixo valor e um cheque de Franco no valor de cinco mil dólares. Havia um recado dos banqueiros dele a dizer que o Signore Malvasi se sentia responsável pelos cinco mil dólares que faltavam por não ter agido suficientemente depressa. E que o Signore Malvasi dissera que não havia motivos para preocupações porque o assunto já estava tratado.

Sentindo-se como Atlas quando o fardo de carregar o mundo lhe foi retirado dos ombros, Poppy dirigiu-se rapidamente para o Hotel Bristol a buscar Rogan e levá-lo a um espetáculo de marionetas no Bois de Boulogne. Usando um chapéu com véu, empurrou-o no elegante carrinho através dos caminhos cobertos de folhas, sorrindo e acenando às outras mães e amas, sentindo-se uma verdadeira *maman*. Depois, levou-o de novo para o hotel e disse à ama que no dia seguinte deviam regressar à quinta. Ela passaria o fim de semana com eles, como de costume.

O Numéro Seize florescia. Poppy foi forçada a recusar mais inscrições de membros do que gostaria, simplesmente por não ter espaço que chegasse, nem raparigas. Mas sentia-se relutante em expandir o negócio porque o

prestígio do Numéro Seize era a sua exclusividade. Além disso, valorizava as raparigas. Não eram as mesmas do início; Belinda e Solange tinham casado – e casado bem. Algumas das outras haviam feito bastante dinheiro para satisfazer as suas necessidades e desejos, compraram uma casa e, sendo um ótimo «partido», escolheram alguns dos cavalheiros locais. E outras tinham simplesmente criado os seus próprios negócios de cortesãs de alta sociedade. No entanto, havia ainda uma dezena da velha guarda na casa e Poppy ficou surpreendida quando Watkins a informou de que Véronique estava desaparecida.

– Teve algum problema em casa? – perguntou ela às outras raparigas. – Alguém da família está doente? Talvez tenha tido de sair rapidamente e não teve tempo de nos avisar. – Ninguém sabia.

Passou uma semana e Poppy ficou seriamente preocupada. Véronique sempre fora uma solitária, sem nenhuma amiga em particular junto das restantes raparigas. E, apesar de ser uma das suas melhores meninas, Poppy apercebeu-se, surpreendida, de que não a conhecia assim tão bem. Véronique nunca desabafara com ela como as outras raparigas, pelo que não sabia nada da sua vida pessoal nem dos seus problemas.

Ficou chocada quando Watkins acompanhou o inspetor da polícia ao seu escritório e este lhe pediu para identificar o corpo na morgue que eles suspeitavam ser de Véronique Salbé. Ao ver o pobre rosto frio e cinzento de Véronique, de quem se lembrava ser vivaça e bonita, ficou agoniada.

– Foi encontrada no Sena, *madame*, entrelaçada numa corda da Pont d'Iéna – disse o inspetor. – Não há sinais de violência no corpo, nem suspeitamos de imoralidades. Afogou-se, simplesmente. É óbvio que cometeu suicídio.

Poppy recordou-se da noite em que Greg estivera no Numéro Seize com Véronique, e é claro que sabia que fora ela a chantangista. Pensou no pacote dos dólares e no recado que dizia «o assunto foi tratado pelo Signore Malvasi...». Agradeceu o incómodo ao inspetor e disse que lamentava muitíssimo – que o suicídio de Véronique era trágico. Mas agora sabia a verdade.

Caminhou pelas ruas de Paris grande parte da noite, pensando no que acontecera. E, à hora mais solitária da noite, quando a própria Paris dormia, apanhou um táxi para o Numéro Seize, rue des Arbres. Mantivera a confiança em Franco, mesmo quando os jornais o chantagearam, chamando-

lhe «o diabo personificado». Dissera a si mesma que tal não era verdade, que Franco não podia fazer aquelas coisas. Agora era de outra opinião. Franco tratara do seu problema da forma como tratava de tudo. O pai do seu filho era um assassino cruel e sanguinário.

1914

Rogan tinha seis anos e meio em junho de 1914 quando o arquiduque Francisco Fernando, herdeiro do trono austro-húngaro, foi assassinado por um nacionalista sérvio. Um mês depois, o Império Austro-Húngaro, com o apoio da Alemanha, declarou guerra à Sérvia. As repercussões reboaram por toda a Europa e, de súbito, só se falava de guerra em Paris.

Poppy sabia que os idílicos anos privados com o filho chegariam ao fim em breve. Quando ele era bebê, mantivera-o protegido em Montesper, indo até lá todas as sextas-feiras à noite substituir a ama e dedicar todo o seu tempo ao filho, regressando relutantemente ao Numéro Seize nas tardes de segunda-feira. Não se esquecera da sua ambição de ser a mulher mais rica do mundo e nunca negligenciara o seu negócio e agora era ainda mais importante, pois não queria ganhar dinheiro apenas para si própria, queria ganhar dinheiro para Rogan. Tinha um herdeiro.

Quando ele tinha quatro anos, fora forçada a enfrentar o facto de Rogan precisar mais do que a companhia dos rapazes da aldeia local; precisava de estar em Paris. Comprara então um pequeno apartamento junto ao Bois de Boulogne, inscrevera Rogan na escola local e, daí em diante, Poppy dividia o seu tempo entre as suas duas casas e as duas personalidades que inventara. No Numéro Seize era a sempre elegante mulher de negócios Madame Poppy, com o famoso cabelo ruivo e luxuosos vestidos de seda cinzenta, cujos insolentes olhos azuis prometiam tudo e não davam nada. No

apartamento no Bois de Boulogne era a reservada viúva mãe de um filho pequeno e, como todas as outras mães respeitáveis, estava sempre lá para o ir buscar à escola.

Distinguia sempre Rogan dos outros meninos que saíam do pátio da escola mal as lições terminavam, pois ele já era mais alto do que os colegas e tinha cabelo ruivo. Ela julgava que o seu coração rebentaria de amor e orgulho quando os olhos azuis dele se iluminavam ao vê-la, à espera junto ao comprido *De Courmont* verde-garrafa – o modelo mais recente e elegante. Estava sempre em casa para verificar se ele preparava as lições e também lá estava sempre para as festas de aniversários e passeios divertidos no parque ou no rio; e para os natais juntos em Montespán, com Netta.

Ninguém podia apontar-lhe defeitos nos seus dois papéis, mas, por vezes, Poppy pensava, desesperada, em *quem* era realmente, e sentia-se um pouco amarga, invejando as jovens mães normais com as suas vidas simples e honestas; até invejava as raparigas que trabalhavam no Numéro Seize, pois, pelo menos, tinham escolhido aquele papel e sabiam quem eram.

Na maior parte das vezes, quem importava era Rogan e considerava os anos desde que ele nascera como os mais felizes da sua vida. O seu amor infantil e inocente era instintivamente dela. Ele só a amava a ela e ela adorava-o. Era seu amigo e companheiro; fazia-a rir e fazia-a chorar; fazia-a sentir-se carinhosa e fazia-a sentir-se protetora. Rogan era tudo o que os seus amantes perversos nunca tinham sido. Tudo o que tinha era para ele. Todo o seu tempo passado no Numéro Seize, todo o seu trabalho, todas as suas horas a representar a charada de ser alguém que não era, eram para ele. Rogan era o seu futuro.

É claro que o Numéro Seize contava com ministros e políticos entre os seus clientes, tal como financeiros e industriais e, por vezes, Poppy juntava-se a eles ao jantar, ouvindo as suas conversas de mobilização e armamento com o coração receoso pelo filho. Quando compreendeu que a guerra era inevitável, transformou silenciosamente o seu dinheiro em ouro. No começo de agosto levou Rogan à Suíça e transferiu o ouro e os títulos de propriedade para o cofre de um banco em Genebra. No dia seguinte, a Alemanha declarou guerra à França.

Poppy permaneceu na Suíça tempo suficiente para instalar Rogan na

escola que escolhera – ao fazer uma série de perguntas cuidadosamente formuladas a vários dos seus clientes em relação àquela que seria a escola adequada para um rapaz de boas famílias; depois regressou a França, pois, para bem de Rogan, não podia simplesmente deixar o seu negócio cair nas mãos do inimigo.

Rogan sorria corajosamente quando se despediram e Poppy pensou que a diretora tinha um ar simpático e tomaria conta dele, contudo, a recordação do quarto e da sua pequena cama branca com um solitário ursinho de peluche quase lhe partiu o coração. No comboio, no regresso, disse a si própria que era pelo melhor, que não podia deixar Rogan num país em guerra, que ficaria mais seguro na Suíça montanhosa independentemente do que ocorresse em França; no entanto, ainda assim, teve de se forçar a não voltar para trás para o ir buscar.

Em setembro, os franceses, juntamente com a Força Expedicionária britânica, enfrentaram os alemães em Marne. A batalha durou quatro dias até o inimigo ser forçado a retirar-se pelo rio Aisne, no entanto, houvera muitas baixas e muitos jovens acabaram por não regressar.

O Numéro Seize sofreu uma mudança dramática; uniformes caqui e azuis substituíram os fraques e os *smokings* e a normalmente calma atmosfera de casa de campo tornou-se pesada com um entusiasmo desesperado. Os jovens oficiais vindos das frentes de combate queriam diversão e excitação, dançar e rir, namoriscar com uma rapariga bonita, esquecer a guerra e queriam uma noite mágica no famoso Numéro Seize para não se lembrarem das noites frias passadas nas trincheiras. E Poppy providenciava essa magia.

Convertia o grande salão num clube noturno com umas das melhores bandas de Paris para que se dançasse; improvisava pequenas mesas onde eram servidos champanhe e canapés, com velas para criar a ilusão de romance aos olhos das raparigas de modo a que cada jovem se sentisse desejado.

Havia quem dissesse que o que ocorria no Numéro Seize era imoral, mas aos olhos de Poppy teria sido imoral não receber homens dispostos a dar a vida para salvar a dela e a do filho. As raparigas ganhavam o mesmo valor extravagante que sempre tinham ganho, porém Poppy não tirava dinheiro para si. É claro que o Numéro Seize mantinha a sua exclusividade; os mesmos políticos e financeiros, traficantes de armas e industriais, todos

pagavam um valor exorbitante para subsidiar o custo do entretenimento aos homens que lutavam, pelo que as suas contas ainda eram estáveis. Continuava a ser uma boa mulher de negócios.

Vendeu o apartamento no Bois de Boulogne mas manteve a quinta e os velhos Monsieur e Madame Joliot a tomarem conta dela. Toda a sua vida se centrou no Numéro Seize, passando todos os momentos em que se encontrava desperta a supervisionar todos os pormenores, desde a busca por mantimentos frescos que se tornavam cada vez mais escassos à medida que todos os homens e jovens eram chamados a lutar, deixando as quintas negligenciadas no campo abandonado, até à supervisão do guarda-roupa das raparigas, que devia ser mantido excentricamente elegante tanto quanto a restrição permitisse. Cozinheiras substituíram os cozinheiros nas cozinhas e havia agora empregadas em vez de criados. E se o Numéro Seize estava um pouco mais desleixado, à luz das velas ninguém reparava.

Só nas poucas horas que tinha para dormir Poppy se permitia pensar no seu menino. E em Franco. Pois, por muito que o proibisse, ele ainda lhe assolava os sonhos. E, para sua vergonha, nesses sonhos, fazia amor com ela.

Poppy não tivera amantes após Franco; nunca tivera amantes, só os dois homens que amara. Apesar de vender sexo, não era promíscua e a ideia de sexo sem amor enchia-a de desespero. O celibato era a sua única opção e ainda que se enfeitasse todas as noites, não era para nenhum homem apreciar – era para todos os jovens que vinham à sua casa em busca de beleza e elegância.

À medida que os meses passaram, as bravas esperanças de uma vitória próxima desvaneceram e a luta transformou-se numa amarga fila de trincheiras que se estendiam desde Ostend até às fronteiras da Suíça. Poppy estava desesperada para ver Rogan, mas a única forma de obter uma autorização de viagem era pedir a alguém no poder para mexer uns cordelinhos. Conhecia uma dezena de homens que poderiam fazê-lo, mas, quando pedia diziam que tinham de saber a razão. Afinal, afirmavam, ela era uma mulher conhecida. Todos sabiam que estava a fazer uma fortuna e suspeitariam que levasse dinheiro às escondidas para outro país. Naturalmente, *eles* não suspeitavam dela, mas ela tinha de entender a sua posição... Se ao menos lhes pudesse dar uma razão plausível...

Mas era óbvio que não podia; nunca ninguém poderia saber sobre Rogan.

Tudo o que ela podia fazer era rezar para que as suas cartas lhe chegassem ocasionalmente e receber notícias através da morada do seu banco. Ele também escrevia, de vez em quando, notas pequenas e escrevinhadas a dizer que estava bem, que estava ocupado, que a escola era divertida e os amigos espetaculares. Oh, e que tinha muitas saudades dela... Pedia desculpa, mas tinha de ir, uns quantos iam escalar – ainda não a parte norte do Eiger, mas esperava escalá-lo um dia e fazer com que ela se orgulhasse dele.

Poppy já se sentia muito orgulhosa com os seus progressos no desporto e nos estudos; não podia sentir-se mais. Um dia, prometeu a si mesma, quando já tivesse bastante dinheiro e Rogan já fosse suficientemente crescido para se aperceber de certas coisas, encerraria o Numéro Seize e iria viver para a Suíça ou Inglaterra – ou talvez até para a Califórnia – com o filho.

O ano de 1915 passou sob o manto negro do luto pela quantidade de vidas perdidas em Neuve-Chapelle e Ypres, seguindo miseravelmente para 1916 com um ataque muito sério aos franceses em Verdun e a batalha feroz e decisiva de Somme, onde os Aliados sofreram cerca de seiscentas mil mortes e os alemães perto de seiscentas e cinquenta mil.

Havia agora uma nova filosofia de vida no Numéro Seize; ninguém podia falar sobre isso, mas estava lá. Hoje estava-se vivo e, por isso, vivia-se hoje. Quem sabia o que o amanhã trazia? E quem se importava? A aura de felicidade tornou-se um pouco mais sombria, o ritmo um pouco mais frenético e o amor um pouco mais necessário. Poppy sentia-se uma ilusionista, trazendo de volta os tempos anteriores à guerra para os seus soldados. Quando vinham ao Numéro Seize, ela tomava conta deles como uma mãe, encontrando-lhes quartos nos hotéis cheios e enviando-os aos melhores barbeiros de Paris para cortarem o cabelo e fazerem a barba, certificando-se de que as suas roupas eram lavadas e os seus uniformes limpos e passados a ferro. Limpavam-lhes os sapatos e era-lhes posta comida e bebida à frente – grátis – e, quando finalmente se iam embora, saíam com uma das suas pequenas embalagens de «pacotes de cuidado» com cigarros, chocolates e patê de *foie gras* caseiro.

– Volta depressa – dizia ela, suavizando as suas próprias regras e dando-lhes um beijo de despedida, vendo-lhes a expressão nos olhos mudar e os

jovens rostos a ficar tensos de rugas perante o futuro que voltariam a encontrar. E ela agradecia a Deus por não ser o filho que enviava para a guerra.

O ano de 1917 findou com os britânicos a tomarem Passchendaele com um enorme custo de vidas e, finalmente, no verão de 1918, os franceses forçaram os alemães a recuar na segunda batalha de Marne. Em setembro, a linha alemã voltou a ser quebrada e, em outubro, a Alemanha pediu a paz.

Poppy apanhou o primeiro comboio para Genebra; contou os minutos para ver o filho, um pouco receosa que ele a tratasse como uma estranha após quatro anos de separação. Enquanto conduzia através das montanhas com os cumes cobertos de neve e dos vales verdes repletos de vacas, pensou no aspeto de Rogan. Afinal, da última vez que o vira ele tinha seis anos, agora, tinha quase onze.

Rogan devia estar à espera nos degraus pois quando o carro passou na estrada em frente à magnífica mansão suíça que era a escola Le Rossant, correu para ir ter com ela.

– Mãe! – gritou ele. – *Estás aqui, finalmente!* – E, quando ela saiu, ele colocou os braços à volta dela num grande abraço.

– Cuidado – disse Poppy, a rir –, vais esmagar-me! – Olhou, espantada, para o filho de onze anos que vira pela última vez quando ainda era um rapazinho. Rogan já era mais alto que ela, tinha os ombros largos e o seu corpo jovem parecia duro e forte, porém, o seu chocante cabelo laranja ainda lhe pendia para os olhos tão azuis como os da mãe.

– Mãe, és tão bonita como eu me lembrava – disse ele. – Anda, quero mostrar-te aos meus amigos, há anos que me gabo de ti. Agora eles vão ver que eu disse a verdade!

– Rogan – respondeu ela, triste –, perdi o teu crescimento. Perdi todos os anos que passaram entre o rapazinho e o rapagão! Acho que vou chorar.

– Nada de lágrimas, *maman* – retorquiu ele suavemente. – Pelo menos agora estamos juntos.

Poppy pensou em todas as outras mães cujos filhos nunca regressariam e voltou a agradecer a Deus.

Gostou de conhecer os amigos de Rogan e de ser exibida na escola que fora a casa do filho durante os últimos quatro anos e meio, e, em seguida,

levou-o para fora para alguns dias de privacidade juntos para poderem voltar a conhecer-se bem.

O Hotel Beau-Rivage, em Lausanne, trouxe-lhe de novo as recordações do dia horrível em que respondera ao anúncio para trabalhar como acompanhante de Mrs. Montgomery-Clyde. Lembrou-se de se esconder nervosamente atrás do mesmo vaso com uma palmeira perto do pilar da receção e recordou-se que os lábios tensos da mulher se tinham fechado gananciosamente em redor de uma tablete de chocolate enquanto a olhava dos pés à cabeça como se ela fosse uma baixa forma de vida. Contudo, agora, pensava, orgulhosa, conseguia igualar as ricas Mrs. Montgomery-Clyde do mundo, franco por franco, dólar por dólar.

Le Rossant fizera um bom trabalho durante a sua ausência. O filho era esperto, perspicaz e bonito. Rogan falava fluentemente três línguas e sentir-se-ia em casa em qualquer parte do mundo. Tinha o ar e os modos de um cavalheiro. De alguma forma, com uma mãe como ela e um pai como Franco, adquirira «raça».

Era um milagre jantar com ele e tê-lo a tomar conta de si tão bem como qualquer amante. E era maravilhoso andar às compras com Rogan por Genebra, comprando-lhe tudo o que não lhe pudera dar durante tanto tempo – coisas mundanas como camisolas e meias, um casaco desportivo de *tweed* e um relógio de ouro caro, que mostrava as horas numa dezena de países diferentes e as fases da Lua, que ele pedira ao ver a montra de um joalheiro.

Conduziram até às montanhas para que ele pudesse mostrar-lhe a vila de Gstaad, onde a escola se instalava nos meses de inverno, dizendo-lhe que gostava muito de esquiar nos seus maltratados esquis de madeira e que era maravilhoso escalar até alturas estonteantes. Apanharam a pequena ferrovia para as montanhas e escalaram juntos os trilhos da floresta, passando a noite numa pequeníssima estalagem alpina que transbordava de ótima comida fresca e hospitalidade que não se via em França desde o início da guerra. E falaram e falaram.

Poppy perguntou-lhe sobre as aulas, os desportos, os tutores e as suas ambições. Perguntou-lhe qual era a sua comida preferida, que tipo de música gostava de ouvir e que livros lia. Em seguida, muito casualmente, Rogan perguntou-lhe quem era o pai.

Estavam a almoçar num pequeno restaurante de madeira na montanha com vista para a vila de Gstaad e Poppy observava carinhosamente o filho a

devorar o seu prato favorito de *rösti Oberlanderart*, que, contara ele, consistia em fiambre, *bacon* e cebolas com queijo gratinado por cima e um ovo estrelado.

– Nunca soube o que aconteceu ao meu pai e tinha medo que a conversa te pudesse magoar – comentou Rogan humildemente. – Mas, sabes, *maman*, tenho de saber.

Poppy olhou silenciosamente para o vale, tentando permanecer calma e com ideias claras.

– O teu pai era um homem simpático, um homem *bom* – disse ela por fim. – Morreu antes de tu nasceres, Rogan... Morreu num acidente. Num acidente de carro, em Itália.

– Estavas com ele... quando aconteceu? – perguntou ele baixinho, horrorizado.

Ela negou com a cabeça.

– Ele estava sozinho. Foi numa viagem de negócios, sabes. Amava-o muito, Rogan.

– Pobre *maman*. – A mão dele cobriu a dela, consoladora.

– Pelo menos tenho-te a ti. Quando nasceste pensei que eras um pequeno mensageiro vindo dos céus para me ajudar. Tal como o *Luchay* – acrescentou ela.

– O *Luchay*?

– Não te lembras? O papagaio?

– Claro. – Ele sorriu. – O *Luchay*! O papagaio verde mágico... «Poppy cara, Poppy *chérie*... Poppy querida...». Claro que me lembro do velho pássaro sensato. Deve ser muito velhinho agora.

– O *Luchay* viverá mais do que todos nós – disse ela, firme – e sabe todos os segredos da família.

– Temos segredos? – perguntou Rogan, casualmente, quando o empregado serviu o café a Poppy.

Ela abanou a cabeça.

– Querias saber sobre o teu pai. Era inglês. O seu nome era Franco... Frank, quero eu dizer. Conhecemo-nos em Itália quando eu estava de viagem...

– De viagem? – perguntou ele, espantado. – Mas eu pensava que tinhas vivido *sempre* na Europa!

Poppy sentiu-se corar enquanto uma mentira se seguia a outra.

– Não... não, nasci na América. O meu pai emigrou da Irlanda para a Califórnia. Não te lembras? Eu disse-te que escolhi o teu nome por causa dos nossos antepassados irlandeses. Enfim, o meu pai, o teu avô, às vezes jogava. No início deu-se bastante bem na Califórnia, mas, depois, perdeu muito dinheiro. Tinha lá um grande rancho com gado e ovelhas. Eu costumava ajudá-lo a recolhê-lo...

– *Tu?* – disse Rogan, chocado.

Poppy quase se riu se o caso não fosse tão triste. Rogan sabia muito pouco sobre ela e, agora, até as histórias que contava eram mentira ou meias-verdades...

– Enfim, quando Jeb, o meu pai, morreu, não deixou nada. O rancho foi vendido... Não sei o que aconteceu depois. Tinha-me apaixonado pelo teu pai e casámos. Ele morreu tão novo, mas deixou-nos a quinta em Montespán e dinheiro suficiente para continuarmos a viver confortavelmente.

Ela sentiu os brilhantes olhos dele a colocarem-na entre a espada e a parede quando Rogan disse:

– Mas, *maman*, lembro-me de teres um negócio. Não foi isso que sempre me disseste quando me deixavas com a ama? Estavas fora tantas vezes.

– Ah, sim – mentiu ela apressadamente –, durante muito tempo tive uma pequena boutique perto da rue du Faubourg Saint-Honoré. Chapéus e coisas assim... As mulheres gostavam muito. Foi um êxito até a guerra surgir.

– Então e agora? – perguntou Rogan, ansioso. – Tens dinheiro? Se esperasses que eu comesse a trabalhar, eu podia tomar conta de ti.

Ela sorriu, ele era tão protetor, tão carinhoso com ela.

– Tive muita sorte com os investimentos que fiz, Rogan – respondeu, modesta. – Acho que te vais dar conta de que, quando eu morrer, serás um jovem muito rico.

– Não fales em morrer! – exclamou Rogan com um franzido de horror a assolar-lhe o bonito rosto jovem. – Além disso, não me importo com o dinheiro. Planeio, eu próprio, ganhar muito.

– A sério? – Poppy riu-se. – E como vais fazer isso?

– Ainda não sei – respondeu ele pensativo. – Mas sei que vou fazê-lo.

Ele era tão dolorosamente jovem que o coração dela se comoveu.

– É claro que vais, Rogan – concordou ela suavemente. – És tal como o teu pai.

– Sou *mesmo, mamã*? – perguntou ele, ansioso. – Sei tão pouco sobre ele. Nem nunca sequer vi uma fotografia.

– Todas as fotografias foram destruídas num... num incêndio – respondeu, desesperadamente em busca de uma história. – Mas não quis dizer que eras fisicamente parecido com ele. O Frank tinha cabelo escuro, apesar de estar quase todo grisalho quando... Enfim, tinha cabelo e olhos escuros e uma estatura média, mas tu tens outras qualidades que são parecidas às dele. – Hesitou, pensando no charme de Franco e na sua impiedade, e ficou de súbito receosa pelo filho. – Sabes, Rogan – disse ela, amarga –, quando *nascemos* somos uma coisa, mas é aquilo em que nos *tornamos* que importa. Quero que te lembres disto.

Ele assentiu, pensando no que ela dissera.

– Acho que percebo, *mamã*. Darei o meu melhor para te orgulhares de mim.

– Tudo o que peço é que te orgulhes de ti próprio – afirmou ela calmamente, depois sorriram um ao outro.

– Se o meu pai era inglês, então devemos ter lá família. Adorava conhecê-los, agora que a guerra acabou – disse Rogan, ansioso.

– Sim... não – titubeou ela, inventando rapidamente outra história. – Frank era muito mais velho do que eu, só tinha a mãe, a tua avó, que na altura já era muito velhota, acho que tinha oitenta e tal anos. Morreu no início da guerra. Receio que sejas o último da linhagem. Não há propriedades nem nada... A família do teu pai chegou a ser rica, mas, no final, foram reduzidos a meios muito modestos. Receio que Frank não tenha deixado uma herança muito grande.

– Não faz mal, mãe – apressou-se ele a dizer. – Não falemos mais disso, vejo que te deixa triste. Tenho-te a ti e é só disso que preciso.

Poppy sorriu vagamente.

– Foi o que te disse quando o teu pai morreu – sussurrou ela. – *Pelo menos, tenho-te a ti*.

Foi a sua última noite juntos. Ela partia para Paris no dia seguinte e Rogan pedira se podiam receber alguns amigos.

– Claro – disse ela, contente. – Trá-los para jantar no Beau-Rivage. Passarão a noite contigo, será muito divertido.

Poppy sentia-se nervosa, como se tivesse um encontro marcado com um amante, ao vestir para jantar um vestido de seda cor de ameixa com uma modesta gola alta. Prendeu exuberantemente o cabelo num carrapito alto e segurou-o com um salpico de estrelas de diamante, pôs uma bracelete de rubis e diamantes em redor do pulso e colocou brincos a condizer nas pequenas orelhas bonitas, depois, examinou-se ansiosamente ao espelho pensando se estaria bem vestida para interpretar o papel de mãe de Rogan. Perguntou-se se precisava de pó no nariz e beliscou as bochechas para lhes dar cor. E, claro, estava adiantada, Rogan e os amigos só chegariam meia hora mais tarde. Caminhou ansiosamente de um lado para o outro na sua suíte, pensando como se compararia às outras mães.

O restaurante do Beau-Rivage estava cheio de homens de negócios estrangeiros, políticos, generais do exército e banqueiros, encontrando-se todos na Suíça para falarem sobre acordos de alta finança e de paz, e Poppy sentiu-se orgulhosa por a sua mesa estar cheia de rapazes estudantes que riam e conversavam facilmente enquanto desfrutavam da refeição cara que ela pedira. Olhando para cima, os seus olhos repararam num homem sentado na zona oposta. Empalideceu quando ele ergueu o copo, cumprimentando-a. Tratava-se de um financeiro bastante conhecido que supostamente fizera uma grande fortuna no negócio das armas. Também era um dos melhores clientes do Numéro Seize e Poppy conhecia-o bem; conhecia o seu gosto pela comida e bebida, e pelas mulheres. Já lhe pedira mais do que uma vez para ela jantar com ele, apesar de conhecer as regras; e, ao contrário dos outros, recusara-se a aceitar um não como resposta até ela finalmente lhe dizer que, se persistisse, teria de lhe pedir para não regressar ao Numéro Seize. Ele obedecera, mas Poppy sabia que se ressentira por ela o ter colocado naquela posição.

– Está tudo bem, *maman*? – perguntou Rogan, impaciente. – Estás tão calada e pálida.

– Eu... sim... não, estou bem. É que está um pouco quente aqui dentro... – Ela olhara diretamente para a porta em busca de um escape, mas era demasiado tarde, ele levantava-se e caminhava na sua direção... Oh, Deus, era o fim... Ela esperou como um animal encurralado, incapaz de se mover.

Os seus olhos encontraram-se à medida que ele avançava para a mesa,

tendo Jacob Le Fanu parado quase impercetivelmente; depois, com o mais leve dos sorrisos, seguiu o seu caminho.

– Olhem – disse um dos rapazes, excitado –, aquele não é o Jacob Le Fanu? O negociante de armas? O filho dele anda na Le Rossant. Dizem que o Le Fanu fez muito dinheiro com a guerra.

– A sério? – questionou Poppy, alegre, contudo, por dentro, tremia. Sempre pensara que seria capaz de manter as duas vidas separadas; nunca imaginara uma situação daquelas. Apercebia-se agora de como podia ser perigoso. Le Fanu fora discreto, mas outro homem poderia não ser tão sensível. Curioso, nunca simpatizara com Jacob Le Fanu, porém, agora, estava-lhe agradecida.

Na manhã seguinte, a caminho de Paris, pensou no que fazer. O tempo passava rapidamente; o décimo oitavo aniversário de Rogan surgiria ao virar da esquina. Ele deixaria Le Rossant e iria para a universidade. Entraria no mundo dos jovens homens – e os jovens homens sabiam tudo sobre locais como o Numéro Seize. Tinha apenas sete anos para restaurar a fortuna empobrecida pela generosidade para com os soldados nos tempos de guerra – sete anos para finalmente assegurar a herança de Rogan.

1919, FRANÇA

O grande salão do Numéro Seize fora despejado das mesas e cadeiras gastas, que haviam parecido tão elegantes à luz das velas durante os anos de guerra, e transformado, por uma enorme quantidade de dinheiro, num superclube privado azul e prateado. Os clientes eram entretidos com pequenas atuações de cabaré, recrutadas das melhores casas de Paris, e dançavam ao som de uma banda de *jazz* trazida especialmente de Nova Iorque. Havia um cintilante e novo bar de *cocktails* para rivalizar com o do Ritz, todo em pele branca, aço cromado e com espelhos de vidro laminado, considerado o epítome do chique, apesar da biblioteca tranquila com painéis de madeira e de a elegante sala de jantar formal permanecerem intocáveis. De certa forma, Poppy conseguira atravessar inteligentemente o período entre gerações de clientes mais velhos e clientes mais novos, que se lembravam da sua bondade nos tempos de guerra. Só que agora, claro, o custo era o dobro do que nos anos anteriores ao conflito. Tinha de se ser muito rico para se conseguir pagar a filiação do Numéro Seize.

Poppy também recriara Montespan como uma casa para Rogan. Não foi apenas uma questão de cortinados novos, tentou inventar um passado. Comprou antiguidades inglesas para poder dizer que tinham pertencido à família do pai dele, molduras antigas e procurou em lojas de quinquilharias fotografias de rostos anónimos que reclamava serem parentes; encheu as prateleiras do novo escritório do filho com caríssimos livros raros que

planeava dizer-lhe terem feito parte da coleção do pai. Comprou «lembranças» do pai – uma antiga caneta de tinta permanente que, diria, ter sido usada por ele, um pesado relógio de bolso que fora do «avô» dele, um anel de ouro com o antigo selo da família. Até encontrou uma bonita e antiga sela de montar que podia dizer ter pertencido ao seu próprio pai quando vivera na Califórnia. E, na sua mente, todas aquelas coisas se tornaram a «herança de família de Rogan».

– Para uma mulher sem passado – disse Netta meio admirada, meio desesperada, ao olhar em volta para a nova Montesperan –, criaste uma ilusão incrível.

– E porque não? – perguntou Poppy, orgulhosa. – Porque tem o Rogan de se ver privado de recordações só porque o pai morreu?

Netta olhou para ela, preocupada; receava que Poppy começasse a acreditar na sua própria história.

– Mas sabes que ele não morreu – afirmou ela calmamente. – Além disso, vi o Franco há um mês em Marselha. – Não tivera a intenção de lhe contar, mas tinha de a trazer de novo à realidade.

Os joelhos de Poppy transformaram-se em gelatina; mesmo após todos aqueles anos, ouvir o nome de Franco fazia com que o seu coração batesse com a força do coração de uma jovem apaixonada.

– Como estava ele? – perguntou ela baixinho.

– Mais velho. Está com o cabelo totalmente grisalho. Parece magro, cansado, preocupado. Sempre rodeado de guarda-costas, até dizem que a casa dele tem uma armadura. Ele... – Ia dizer que era detestado por toda a gente, mas não foi capaz de a magoar. – Ele é um homem muito assustador – disse, sombria.

– *Porquê*, Netta? – perguntou Poppy, com pena. – *Porque* não pôde ele ser como todos os outros homens? – Mas já sabia a resposta.

Porém, Netta tinha de admitir que, quando Rogan voltou a casa nas férias, certo ou errado, Poppy parecia ter feito um milagre. O rapaz pegou no relógio que lhe disseram ter pertencido ao pai como se este fosse o Cálice Sagrado.

– Vou tomar muito bem conta dele, *maman* – disse, reverente –, obrigado por mo dares. – Quando lhe entregou o anel timbrado, deslizou-o orgulhosamente pelo dedo mindinho da mão esquerda, tentando decifrar o símbolo e excitado por ter pertencido à sua família inglesa, fazendo com

que Poppy ficasse nervosa quando mencionou querer tentar traçar a árvore genealógica.

Rogan analisou todos os livros da «coleção do pai», maravilhando-se com a sua antiguidade e beleza.

– Devem valer uma fortuna – exclamou ele, surpreendido. E olhou para os rostos nas molduras prateadas, procurando uma semelhança dele próprio – e encontrando-a. – Acho que tenho os olhos da minha avó – dizia ele a Poppy, ou – o meu cabelo é parecido com o teu ou com o do avô?

– És exatamente como o teu pai – dizia-lhe ela, segura, agradecendo a Deus por tal não ser verdade.

Quando Rogan expressou interesse na agricultura, ela comprou mais hectares para ele; quando disse que estava intrigado com a astronomia, ela comprou-lhe um telescópio enorme; quando quis um barco, um cão, um pequeno quadro que admirava de um novo impressionista, ela comprava-lhe.

– Tenho receio de dizer que gosto de tudo – queixava-se ele –, porque sei que mo compras. És demasiado boa para mim, *maman*.

– Que disparate – respondeu Poppy, alegre. – Tive de passar anos sem poder mimar-te e, antes que eu dê conta, serás crescido e casado. Ao menos deixa-me desfrutar deste período.

– Nunca te deixarei – afirmou Rogan, sério –, já estiveste demasiado tempo sozinha. Um dia, cuidarei de ti, *maman*.

Poppy ouvia com atenção os conselhos dos financeiros e banqueiros seus clientes, e só os seus investimentos a tornavam muito rica. E com o Numéro Seize a mostrar novamente lucros consideráveis, soube que, finalmente, era uma mulher rica. Embora não tão rica como tencionara ser. Os seus pedaços de terra secretos começavam a dar fruto. Já vendera dois, com um enorme lucro, nos arredores de Paris, onde as novas fábricas estavam a ser construídas. É claro que não vendera toda a terra que eles tinham pretendido para as suas fábricas – mantivera alguma para quando as fábricas precisassem de se expandir poder pedir valores ainda mais exorbitantes. Franco ensinara-a bem!

* * *

Quando Rogan levava os amigos a casa durante as férias da escola, ela passava todo o seu tempo com eles na quinta, mandando-os pescar ou ajudar com o feno e com a execução das enormes refeições. Quando Rogan estava fora, ela passava o tempo com Netta e *Luchay*, que agora usava quatro anéis com joias nas pequeníssimas pernas.

– Tens de participar da nossa felicidade e boa sorte, *Luchay* – disse ela e, inspirada, pegou no telefone e ligou para *Bulgari*, em Roma, para pedir uma nova gaiola para ele. – Dourada – ordenou –, como o palácio de Sherazade. Quero que seja *fabulosa*! E não me importa o custo. – Queria o melhor para *Luchay*, o seu talismã de boa sorte, apesar de não comprar muitas joias para si própria.

– Estes são os anos felizes – disse ela ao papagaio enquanto ele esfregava a cabecinha suave no seu pescoço. – E merecemo-los, não foi?

A astúcia de Jacob Le Fanu para negócios vantajosos e os seus contactos influentes na política transportaram-no de uma casa alugada em Argel para uma mansão no bairro de Belgravia, em Londres. Tinha a reputação de ser um negociador incansável, um homem que nunca se esquecia de nada e um mulherengo. Tratava-se de um homem sem formação que subira a pulso, cuja enorme fortuna lhe garantia uma *entré* em quase todos os círculos da sociedade, à exceção do que contava realmente – o topo. Era baixo, de cabelo e olhos escuros, e tinha uma suave sensualidade Levantina que as mulheres pareciam adorar. Jacob considerava-se um amante *par excellence*, e orgulhava-se de nenhuma mulher lhe conseguir resistir durante muito tempo, principalmente quando encontrava uma bracelete de diamantes escondida entre as flores que ele enviava ou um par de brincos metidos entre chocolates. Conhecia todos os métodos que existiam para conquistar o coração de uma mulher; e empregava-os a todos frequentemente.

Quando estava em Paris frequentava o Numéro Seize não pelas raparigas, mas pelos contactos. As pessoas que eram alguém podiam ser encontradas lá. Ele usava-o como um clube, um local para conversas privadas de negócios que podia não querer manter em público num hotel ou num escritório. O Numéro Seize era útil, mas ele também gostava da adrenalina de uma tarde passada com uma das raparigas «especiais» da sociedade por fazê-lo sentir bem observar as da classe alta – à qual nunca poderia

pertencer – reduzidas ao estatuto de prostitutas.

Aos olhos de Jacob só havia uma verdadeira senhora no Numéro Seize – Poppy. Todos lhe tinham dito que ela estava indisponível, mas ele sabia que não era bem assim. Agraciara-a com flores de diamantes e chocolates de rubis, mas ela devolvera-os com um recado educado a dizer que nunca aceitava presentes. Enviara cestos com fruta fora de estação, pêssegos e morangos, e ela agradecera-lhe e dissera que os enviara para o hospital das crianças onde tinha a certeza de que seriam apreciados; comprara-lhe um adorável *poodle* branco bebé, que de certeza a enterneceria, mas nunca chegou a sabê-lo, pois ela dissera-lhe que não eram permitidos animais no Numéro Seize e, como achava que não se devia devolver um animal, dera-o a uma amiga que vivia no campo.

Jacob estava sem ideias, mas ainda não desistira da batalha. Poppy era um desafio e as suas táticas evasivas só faziam com que se tornasse mais desejável. Estava determinado a ser o homem que quebraria a sua linda fachada de gelo.

O facto de a ter visto no Beau-Rivage fora suficientemente intrigante para começar a fazer perguntas. O filho dela era aluno na Le Rossant e fora fácil descobrir que a mãe de Rogan era «uma viúva»; que o pai fora um inglês e que Rogan era um ano mais novo do que o seu próprio filho.

Passaram alguns meses quando deu por si de novo em Paris, instalando-se no Crillon por achar sempre que a sumptuosidade discreta do hotel contrabalançava com a sua própria extravagância. Pediu que uma centena de rosas vermelhas fosse imediatamente enviada ao Numéro Seize, todavia, desta vez, não adicionou qualquer joia. Em vez disso, escreveu uma nota a dizer que se sentia feliz por estar novamente em Paris e que ficaria encantado se ela jantasse com ele naquela noite, ali, no Crillon ou no Maxim's... Onde quisesse, pois achava que tinham algo para «falar».

Quando as rosas vermelhas chegaram, Poppy leu o recado e soube o que lhe estava reservado. Sentou-se à secretária a olhar para as lindas flores e a pensar no que fazer. Uma hora depois, enviou uma mensagem ao Crillon com a resposta.

Quando Jacob chegou da sua reunião no Palácio do Eliseu, a mensagem dela esperava-o e ele leu-a com um sorriso satisfeito, apesar de não ter ficado tão agradado quanto gostaria. Poppy tinha muito prazer em jantar com ele, dizia, mas numa das salas privadas do Numéro Seize, às nove da

noite. Jacob quisera ser o primeiro homem a ser visto em público com a glamorosa e esquiva Poppy; quisera mostrar a toda a Paris que Jacob Le Fanu vencera onde todos os outros homens haviam falhado. Ainda assim, pensou, com um pequeno sorriso de satisfação, ela não se atrevera a recusá-lo e não tardaria até que toda a gente o soubesse – ele certificar-se-ia disso.

Poppy usava um vestido de suave *chiffon* cinzento com cristais brilhantes. Deixava-lhe os ombros cremosos à mostra e revelava um generoso vislumbre dos seus seios redondos, o que era quase deliberadamente tentador. Estava muito bonita e Jacob tentou adivinhar a sua idade, sem sucesso. Poppy não tinha idade; nunca parecia envelhecer, só ficava mais bonita.

– Mister Le Fanu – disse ela, alegre –, que bom vê-lo de novo em Paris. Já passou tanto tempo desde que nos vimos em... Genebra, não foi? Soube que tem um filho na Le Rossant. Porque não me conta tudo sobre ele ao jantar?

Jacob era demasiado esperto para a deixar perceber que ficara muito surpreendido por ela ter referido a noite em que ele a vira a jantar com o filho. Pensara ser o único tema que ela tentaria evitar, até ele ser forçado a falar nele.

– Quando um homem trabalha muito durante toda a sua vida, tal como eu fiz – respondeu ele –, é bom saber que tem um filho para herdar o fruto do seu trabalho. Mas, claro, eu não preciso de lhe dizer isso.

Poppy sorriu simpaticamente, fazendo soar o sino que chamava Watkins.

– Eu própria escolhi a ementa de hoje – disse-lhe. – Espero que goste. Se bem me recordo, tem uma apreciação particular por trufas. Pedi que me enviassem especialmente algumas do Périgord, esta tarde. E o Watkins decantou o *Château Haut-Brion* que bebe sempre quando cá vem. Como vê, Jacob, o Numéro Seize é ainda melhor do que um grande hotel; lembramo-nos sempre do que prefere e damos o nosso melhor para providenciá-lo.

Ela continuou a falar enquanto Watkins servia o bife *consommé* coberto com uma fina camada de massa folhada, observando Jacob a abrir a côdea e a deixar respirar o delicioso aroma. Uma das suas fraquezas era o bom vinho e Poppy organizava uma armadilha com tudo o que tinha à mão, atraindo-o para uma sensação de segurança até perceber exatamente qual o jogo dele.

Observou Jacob a derreter-se sob a influência da comida maravilhosa e do

poderoso e estonteante vinho. Ela comeu pouco, inclinando-se para a frente com o queixo apoiado na mão, ouvindo-o com um sorrisinho secreto a contar as suas conversas no Palácio do Eliseu; já sabia onde Jacob estivera nessa tarde e porquê. Ela, também, tinha os seus contactos.

– Um pouco de brande? – perguntou. – Ou talvez um porto de mil oitocentos e noventa e cinco? – Jacob mantinha-se diante da lareira, com ar de quem já era possuidor daquele sítio, pousando o copo na cornija e agarrando-lhe as mãos.

– Poppy – disse ele, pesadamente –, sabe o que sinto por si.

– Fico honrada, Jacob – respondeu ela calmamente –, mas muitos homens sentem o mesmo por mim. Tenho a certeza de que é por eu ser a única mulher indisponível do Numéro Seize. Já ouvi alguns homens apostarem a rapidez com que seduziriam Poppy Mallory. É uma espécie de jogo, agora. – Sorriu-lhe. – Às vezes, os homens adultos são muito infantis.

– O que sinto por si não é infantil – grunhiu ele, puxando-a para mais perto. – É a mulher mais desejável do mundo, Poppy. É a única mulher que eu quero.

– Por favor, largue-me, Jacob – disse ela calmamente. – O Watkins poderá entrar a qualquer momento.

Ele largou-a, relutante, quando o mordomo apareceu carregando um tabuleiro de *petit fours* e café; Watkins fora instruído para interrompê-los com um pretexto qualquer a cada mais ou menos dez minutos.

– É claro que me apercebi de que a Poppy não queria que certos factos viessem a público – insinuou Jacob, tirando um morango mergulhado em chocolate negro do pequeno tabuleiro de prata e mordendo-o com gosto. Limpou os dedos ao guardanapo. – Decidi comprar um apartamento na rue de la Cour. É uma rua agradável na Margem Direita, muito discreta. E fica muito próxima dos escritórios governamentais, tal como do Numéro Seize, claro.

– Então deve estar a planear passar muito tempo em Paris – comentou Poppy calmamente.

– Isso depende de si, Poppy. O apartamento é seu. Comprei-o esta tarde para si.

Ela olhou-o em silêncio, observando o rosto com uma forte estrutura óssea, testa alta e cabelo preto encaracolado, brilhantes olhos castanhos a olharem para ela e lábios carnudos levemente separados quando os lambeu

em antecipação.

– Mas eu não preciso de apartamento nenhum, Jacob – retorquiu ela por fim. – Pensava que já lhe tinha explicado que tenho como regra nunca aceitar presentes de homens.

– Mas eu não sou um «homem» qualquer – replicou ele, com um sorriso a erguer-se nos cantos da boca. – Sou o homem que sabe mais sobre si do que qualquer outro. Fiquei surpreendido por descobrir que tínhamos algo em comum na Le Rossant. Algo que nos poderá aproximar. É claro que sou a discrição em pessoa, quando quero.

– Então, enganou-se – declarou Poppy, fria. – Eu nunca misturo negócios com prazer. E certamente não com a minha família. Tenho a certeza de que Mistress Le Fanu não gostaria de saber sobre este... este ninho de amor na rue de la Cour.

Jacob grunhiu, rindo-se e servindo-se de outro brande.

– Não *me* pode chantagear, Poppy – disse-lhe ele, sorrindo largamente. – Pense, se se soubesse que a Madame Poppy andava a ameaçar contar os segredos dos clientes às suas mulheres, ou até aos seus rivais de negócios, o Numéro Seize ficaria rapidamente mais deserto que um navio a afundar-se ficaria sem ratos! Não lhe restaria um só homem! Por isso, pelo que vê, não tem grande escolha, minha querida, pois não? Porque não permite que sejamos amigos, Poppy? Eu sou um homem generoso. Tomarei muito bem conta de si.

Jacob ergueu as sobrancelhas negras de forma inquisitiva, mas tinha o aspeto de um homem que já conhecia a resposta que aguardava e o ar satisfeito de um homem que ganhara.

Poppy olhou-o diretamente nos olhos.

– É uma oferta generosa – disse, gélida –, mas o senhor não é o primeiro a fazê-la. Sempre as recusei e não vejo motivo para mudar de ideias agora. – Rezou para que ele não ouvisse o tremelique nervoso na sua voz, nem detetasse o seu acelerado batimento cardíaco ao prosseguir. – Mas, sabe, eu também tenho amigos em locais importantes, no Palácio do Eliseu, por exemplo. Já dei uma palavrinha a esses «amigos» e expliquei-lhes a gravidade do meu problema. Eles foram capazes de assegurar-me, Jacob, que um homem com a sua reputação e honra nunca forçaria uma senhora a fazer algo que ela não quisesse. Contudo, claro, se tentasse – ela encolheu os ombros, eloquente –, nunca mais seria bem-vindo nos círculos deles.

Estaria acabado em França, Jacob.

Ele moveu-se instavelmente, deixando cair o tabuleiro de doces ao chão.

– É uma mulher esperta, Poppy – retorquiu com o rosto repleto de raiva.

– No meu ramo, tenho de saber tomar conta de mim – respondeu ela. – Mas há mais uma coisa, Jacob. Mais ninguém, a não ser o senhor, sabe sobre o meu filho. Se o boato sobre ele se espalhar, ou se Rogan alguma vez ouvir falar no Numéro Seize, sei quem foi. Estou a avisá-lo agora, Jacob, de que isso seria muito insensato.

Ele pegou no copo de brande e bebeu-o de um trago.

– Então, vamos parar por aqui, Poppy – disse, forçando o seu antigo sorriso. – Devia ter percebido que seria demasiado esperta para mim. É a única que pode dizer que derrotou Jacob Le Fanu.

– Mas é claro que eu nunca diria tal coisa, Jacob – afirmou ela, fingindo-se chocada.

– Amigos, então? – perguntou ele, estendendo-lhe a mão.

– Amigos – concordou ela, a sorrir.

No entanto, quando lhe voltaram a chegar uma dúzia de rosas com um cartão de desculpas no dia seguinte, percebeu que ele era um inimigo.

1925, FRANÇA

Era o décimo oitavo aniversário de Khalim Le Fanu e o seu pai prometera-lhe o maior dia da sua vida.

– Traz uma dúzia dos teus amigos a Paris para passar o fim de semana, Khalim – dissera-lhe ele, generoso. – Vamos pô-los no Ritz, jantarão no Maxim’s e depois podem ir a qualquer clube de que gostem. Quero que te divirtas, filho – dissera ele, piscando-lhe o olho, sabedor. – Oh, e Khalim, certifica-te de que convidas aquele rapazinho simpático de que me falaste, o Rogan.

Rogan tinha agora dezassete anos e era um jovem forte, de aspeto robusto. Media um metro e noventa de altura, tinha o corpo largo e musculado de um atleta e a voz rouca de um homem. Ficara surpreendido, porém contente, por ter sido incluído na festa de Khalim; Khalim era um rapaz bonito e popular na turma um ano acima da sua, e Rogan ficou especialmente entusiasmado com a festa porque a mãe não o deixava ir a Paris muitas vezes.

Mr. Le Fanu alugara meio andar no Ritz para a festa do filho. Enchera os quartos de champanhe e comida e, lá fora, na rue Cambon, encontrava-se o presente de Khalim, um carro desportivo escarlata da marca *Bugatti*. Os amigos receberam todos um conjunto de botões de punho de diamante para comemorarem a ocasião e, às dez da noite, dirigiram-se para o Maxim’s nos seus trajes de noite e bastante entusiasmados.

Tinham estado a beber champanhe a noite toda, já se encontrando um pouco ébrios quando chegaram. Assim que os empregados lhes levaram pequenas montanhas de caviar, pedaços de patê cremoso de *foie gras* e um prato brilhante de ostras frescas e marisco, Khalim avisou-os para não beberem muito vinho.

– Esperem até mais tarde – disse ele a sorrir. – Vamos precisar de toda a nossa energia para as raparigas.

As «raparigas» tinham sido o grande tópico de conversa, logo após o novo carro de Khalim, claro, e Rogan sentiu uma agitação antecipatória nas virilhas ao contemplar os deleites que o esperavam. Alguns dos rapazes afirmaram já terem estado com raparigas, apesar de ele não conseguir perceber se era verdade por também estarem nervosos.

– É fácil – gabou-se Khalim – e as raparigas do Numéro Seize vão facilitar-nos a vida. O meu pai disse-me que são as mulheres mais bonitas do mundo.

Rogan comeu outra ostra por alguém lhe ter dito que eram afrodisíacas, contemplando a hipótese de segurar uma das mulheres mais bonitas do mundo nos braços, e rezando para que ela não o achasse desadequado.

– O meu pai diz que têm imensa experiência – afirmou Khalim –, sabem mesmo como dar prazer a um homem. Também podíamos ter jantado lá, o meu pai diz que têm um dos melhores restaurantes de Paris, mas pensou que poderia estragar a surpresa. Disse que o Maxim’s era o sítio onde se deveria ir quando se fizesse dezoito anos.

– E tinha razão – concordaram todos, entusiasmados –, isto é excelente, Khalim.

– Mas, primeiro – disse ele, prolongando a tortura deliciosa –, vamos ao Club Tombeau, em Montmartre, ver o espetáculo e dançar!

Beberam mais champanhe no Club Tombeau, apesar de não ser tão bom como o do Ritz ou o do Maxim’s; ainda assim, beberam imenso e a sua confiança aumentou quando viram as raparigas meio despidas em saias curtas cheias de franjas e sapatos altos a deslizarem pelo palco.

Eram duas e meia quando finalmente se dirigiram para o Numéro Seize, saindo dos táxis diante da elegante casa urbana, a rir, ansiosos.

– Não esperem uma casa de prostitutas – avisou-os Khalim, excitado. – O meu pai disse que este é o clube mais exclusivo da Europa. Se ainda não perderam a virgindade, é o local perfeito para o fazerem!

Eles olharam para a casa, inseguros.

– Tens a certeza de que este é o sítio certo? – brincou Rogan. – Parece mais uma casa onde a tua família poderia viver.

Eles riram outra vez quando Khalim revirou os olhos, sorrindo.

– Sou Khalim Le Fanu – declarou com ar importante ao mordomo que respondeu à campainha. – O meu pai disse-nos que somos esperados.

– Com certeza, senhor – respondeu Watkins –, por favor, entrem.

Juntaram-se no *hall*, olhando em volta com os olhos muito abertos, esperando ver raparigas nuas estendidas em sofás de veludo, contudo, só viram um papagaio intensamente verde num poleiro. E que poleiro! Colocaram-se todos em redor dele, admirados.

– É de ouro – disse Rogan, maravilhado.

– As joias não podem ser verdadeiras – disse outro.

– Olhem só para as esmeraldas e para os diamantes das patas dele.

Rogan observou-as, confuso. Achou que só *Luchay* tinha joias nas patas, mas supôs que a última moda agora seria decorar as patas dos animais de estimação. Khalim estendeu um dedo ao pássaro.

– Vá, fala! – ordenou ele, mas o papagaio inclinou-se para a frente e picou-o ferozmente. Ele saltou para trás com um grito de dor e Rogan disse, espantado:

– Eles normalmente não são maus! O nosso papagaio é igual a este e é manso como um cordeiro.

– É por ser o Khalim – riram os outros –, não gostou de ti!

Um murmúrio discreto de conversa chegou da sala de jantar iluminada à luz das velas, à direita, e viram o fogo brilhante na lareira da biblioteca de painéis em madeira, ao fundo do corredor.

– O meu pai disse que seja verão ou inverno, a lareira do Numéro Seize está sempre acesa – referiu Khalim quando o mordomo lhes tirou os casacos pesados e os cachecóis de seda brancos. – Disse que temos de ver o bar de *cocktails* e o salão de baile.

– Se me acompanhar, senhor, eu mostro-lhe o caminho – disse Watkins.

Eles seguiram-no, empurrando-se uns aos outros e sussurrando comentários sobre a decoração sumptuosa.

– Tens a *certeza* de que este é o sítio certo? – suspiravam a Khalim. – Ainda não vimos uma única rapariga!

Exclamaram, espantados, ao verem o bar de *cocktails* espelhado e

engasgaram-se quando observaram o salão de baile azul e prateado.

– É um pouco diferente do Le Tombeau, não é? – perguntou Khalim, satisfeito.

– *E olhem só para as raparigas* – sussurrou Rogan. De repente, parecia que havia dezenas delas, altas, pequenas, rechonchudas, redondas ou elegantemente magras; loiras, morenas, ruivas, todas deliciosas como chocolate e assustadoras como um extraterrestre vindo de Marte.

Uma linda jovem loira em *chiffon* vermelho foi ter com eles.

– Sou a Olga – apresentou-se ela, com um forte sotaque russo. – Venham beber um pouco de champanhe connosco e assistir ao cabaré. Esta noite temos uma artista em ascensão, Gaby Delorges. Canta canções muito atrevidas – acrescentou com um piscar de olhos –, mas é claro que vocês, jovens rapazes, não entenderão, pois não? – Riu-se ela quando eles protestaram, guiando-os através da tapete azul-escuro da sala até uma mesa com uma toalha prateada, logo à frente. Cada um dos rapazes ficou rapidamente com uma rapariga bonita ao lado e o champanhe começou novamente a ser servido.

– Vais gostar da Gaby – sussurrou Olga ao ouvido de Rogan –, é a melhor dançarina de Paris e é muito bonita.

– Não é mais bonita que tu – respondeu ele, impressionado com a sua imaculada pele dourada e cabelo de seda curto.

Ela sorriu, bonita.

– Sabes mesmo encontrar a entrada do coração de uma rapariga, Rogan – murmurou ela.

Gaby Delorges era encantadora e alarmante, dobrando o corpo sinuoso em curvas perigosas à medida que escorregava de uma *chaise longue* de veludo preto a cantar asperamente sobre um dos seus amantes gostar dos seus dedos dos pés, outro gostar dos seus dedos das mãos, outro gostar das suas ancas, outro gostar dos seus seios... Rogan susteve a respiração quando Gaby acariciou descontraidamente os seios, ouvindo Olga a rir suavemente ao seu lado.

– Mais champanhe, Rogan? – sussurrou ela, enchendo-lhe o copo.

Depois, dançaram e ele segurou-a perto de si, sentindo a sua masculinidade tremer quando ela insinuava o seu corpo junto ao dele. Ele olhou em volta da sala iluminada à luz das velas e reparou que alguns dos rapazes já tinham desaparecido.

– Este lugar é maravilhoso – sussurrou ela, pousando a cabeça no corpo dele. – Prometo fazer tudo o que o teu coração desejar esta noite, Rogan.

A fragrância fresca e limpa do cabelo dela invadiu-lhe as narinas e, por impulso, ele inclinou a cabeça e beijou-a.

– Também te quero beijar, Rogan – sussurrou ela quando ele lhe acariciou o pescoço –, mas aqui não é permitido. Vem comigo para o meu quarto.

Atordado pelo champanhe em excesso e numa agonia de desejo, saiu do salão de baile de mãos dadas com ela, tropeçando ao emergir no *hall*.

– *Ops* – disse Olga, a rir-se –, deixa-me pôr o braço à tua volta. Talvez seja melhor irmos de elevador em vez de escadas.

Rogan encostou-se a ela, contente, enquanto esperavam pelo elevador, fechando os olhos e visualizando o prazer que o esperava... Só o toque da mão dela na sua cintura lhe provocava um imenso desejo de a despir, de vê-la nua... de lhe tocar...

Com um pequeno ruído, o elevador parou e as portas douradas abriram revelando o interior de veludo âmbar e uma linda mulher ruiva que se encontrava lá dentro. Ela tirou os olhos do grande livro de contabilidade que segurava e sorriu-lhes. De repente, o seu sorriso desvaneceu-se e a cor do seu rosto desapareceu, deixando-lhe os lábios brancos.

– *Bonsoir*, Madame Poppy – murmurou Olga, apertando a mão de Rogan, contudo parecia que ele se transformara em pedra.

– Deixa-nos sós, Olga – ordenou Poppy, com uma voz tão fria como gelo, pelo que ela se foi embora rapidamente, como se nunca tivesse ali estado.

– Rogan, eu quero explicar – disse Poppy.

– *Explicar?* – gritou ele subitamente desperto. – *Explicar o quê*, mãe? Que *tu* és a *madame* do famoso Numéro Seize? Deus, devia ter percebido quando vi o papagaio no *hall*, mas fui tão ingénuo que pensei que era apenas uma moda, que hoje em dia todos os papagaios elegantes usavam joias nas patas! Mas são só os papagaios dos *bordéis*, não é, mãe?

– Rogan – pediu ela –, estou a implorar-te que me oiças, que me deixes dizer-te a verdade...

– Todas as coisas que me compraste – continuou ele, horrorizado com tal percepção –, tudo o que temos, a quinta, as joias de *Luchay*, a minha educação... foi tudo pago com o dinheiro deste *lugar*. Os pais dos meus amigos vêm aqui, *devem* saber sobre ti... O Khalim Le Fanu...

– O Le Fanu? – gritou ela. – Foi *ele* quem te trouxe aqui?

Os olhos azuis de Rogan brilharam de horror ao verem-na.

– Já percebi – gritou ele, agoniado –, todos devem saber sobre ti. *Sobre a minha mãe!* Todas aquelas histórias de o meu pai ter morrido... Ora, provavelmente nem nunca sequer tive um. Aposto que nem *sabes quem* ele era! Tenho vivido uma mentira, todos estes anos! – O seu bonito rosto jovem enrugou de dor e Poppy aproximou-se, metendo-lhe a mão no braço, consoladora.

Rogan saltou para trás como se tivesse sido queimado.

– *Não me toques, mãe!* – exclamou ele, com a voz repentinamente fria e ameaçadora. – *Nunca mais te aproximes de mim. Nunca mais na vida te quero ver.*

– *Espera, Rogan* – pediu ela quando ele atravessou o *hall*. – *Rogan, por favor...* – Mas ele não olhou para trás uma única vez ao abrir a porta e correr para a luz.

– *Rogan, volta* – gritou Poppy, correndo pelas escadas atrás dele, segurando-se ao corrimão para se apoiar, chamando desesperadamente o nome dele enquanto o via correr para o final da rua e desaparecer ao virar da esquina.

Compreendeu finalmente como é que Franco era capaz de matar pessoas, pois, nesse momento, odiou tanto Jacob Le Fanu que desejou matá-lo. Queria ver a vida a sair-lhe do corpo como a sua saía agora; queria vê-lo chorar de agonia como ela chorava agora. Jacob Le Fanu esperara seis longos anos, mas obtivera a sua vingança.

Claro, pensou Mike, agora era óbvio. Nos seus diários, Poppy tinha o hábito de atribuir nomes que significavam algo de especial para ela... *Luchay* fora o «raio de Luz» de Poppy e agora ele lembrava-se que ela escrevera que, para ela, Rogan fora o seu «pequeno mensageiro enviado dos céus». Rogan Messenger... Pegou na cópia da declaração escrita de Orlando que Lieber lhe enviara e leu-a outra vez.

– O avô Messenger nasceu em Paris – dissera Orlando.

«Veio para Inglaterra muito jovem. Estava sozinho e não tinha um tostão, mas conseguiu finalmente arranjar trabalho a tocar piano num clube noturno de Mayfair, num daqueles sítios elegantes que havia nos anos vinte onde as pessoas da alta sociedade se encontravam para se divertirem. Pelos vistos, era tão pobre que teve de pedir o salário adiantado para poder comprar uma jaqueta em segunda mão e na primeira semana não conseguiu comer; vivia a café e *hors d'oeuvres* dados por um empregado generoso. Costumava dizer, a brincar, que era o único homem que quase morrera à fome numa dieta de caviar e salmão fumado.

«Havia uma mulher que ia lá muitas vezes, a esposa de um financeiro famoso qualquer, que se apegou muito a ele. O avô era um homem muito bonito, muito alto e loiro – parece que saio a ele. Ela começou

por pedir-lhe para tocar nas suas festas, na sua grande casa de Londres depois, na casa de campo, Hawksfield Abbey, em Sussex, pelo que a “amizade” progrediu a partir daí. Ninguém sabe se houve mais qualquer coisa entre os dois, mas pelo que o meu pai me contou, duvido. O avô Messenger era um homem de grande moral.

«Nessa altura, ganhava dinheiro, embora não muito, só para sobreviver. Acho que os fins de semana passados a tocar nas festas de campo eram a única vez em que podia contar com três refeições por dia, o que lhe deve ter parecido um bónus. De qualquer forma, Lady Melton estava sempre a dizer-lhe que ele era demasiado bom para ser simplesmente um pianista de bar, principalmente após descobrir que frequentara uma escola na Suíça e falava fluentemente três línguas. E que tinha um cérebro. Ela falou com o marido e convenceu-o a dar-lhe um emprego nos seus escritórios. Ele safou-se bem, ganhando bom dinheiro – e ainda só tinha vinte e dois anos.

«Lady Melton certificou-se de que ele frequentava os melhores círculos e foi num deles que conheceu a minha avó, numa festa na casa de Hawksfield Abbey. A avó Messenger, Lydia Lyle como se chamava na altura, tinha uma vida confortável, apesar de não ser milionária, se me entendem. Mas eles apaixonaram-se um pelo outro e casaram e, como presente de casamento, o pai dela comprou um lugar na bolsa de valores ao meu avô. Nesse tempo, o único filho que tinham, o meu pai, já era nascido e, um ano depois, o avô já fizera fortuna a jogar muito inteligentemente na bolsa. Não tiveram mais filhos, não sei porquê, pois as pessoas tinham famílias numerosas nessa altura.

«O avô Messenger morreu dois anos após o meu nascimento e a avó alguns meses depois – pareciam tão devotos um ao outro que ela não conseguiu viver sem ele. Ele deixou uma pequena e bela fortuna que o meu pai devia ter aumentado – Deus sabe que teve todas as oportunidades para isso –, mas era um homem fraco e a minha mãe era viciada no jogo: gostava quase tanto de flutuar pelas mesas como de beber o seu *gin*. Quando se aborrecia, ia até Monte Carlo ou Hong Kong ou fazia um longo cruzeiro – um sítio qualquer onde pudesse desfrutar dos seus dois vícios. Era muito bonita e o meu pai passava mais tempo atrás dela, com medo de a perder, do que a tomar conta dos negócios. Com o jogo e o estilo de vida excêntrico, quando fui para a

escola, eles já tinham dificuldade em pagar as mensalidades.

«Quando tinha catorze anos, o meu pai disse-me que o avô Messenger lhe contou coisas sobre a mãe dele – posso citá-lo de forma exata. “Poppy Mallory era uma prostituta”, disse ele. “Oh, não era uma prostituta elegante da alta sociedade que dorme com um rei, tem meia dúzia de príncipes por baixo dos cobertores e arranja um título e uma propriedade rural. Poppy já morreu, graças a Deus”, disse o meu avô, “e tu nunca vais conhecê-la. Apaguei-a da minha mente há quarenta anos. Ou quase, pois ela era uma mulher que não se esquecia facilmente.”»

«Por isso, Mr. Lieber», terminara ele, «compreende porque me considero o herdeiro de Poppy Mallory.»

Mike não tinha quaisquer dúvidas de que Orlando era bisneto de Poppy, mas, então, por que razão Poppy não mencionara o próprio filho no testamento? Só falava na filha. Não teria incluído Rogan no testamento por ele ter fugido e a ter deixado? Telefonou a Lieber, em Genebra, para lhe contar as novidades.

Lieber não ficou muito surpreendido com Orlando.

– Sempre achei que havia algo na história dele – dissera. – E havia uma nota adicionada ao testamento. Na altura não a considerei importante... Poppy parecia uma velhota maluca incapaz de dizer coisa com coisa... Achei que só dizia disparates. Pensei que se tratava de alguém do escritório de advogados. Era para alguém chamado «Rogan», para lhe dizer que ela escrevera o testamento por ele não saber sobre a filha, para o caso de ela se esquecer, pois, às vezes, a memória atraía-a. Ela disse: «Quis certificar-me de que ela também ficaria bem. Mas, claro, tu tratarás disso.» Mas é óbvio – acrescentou Lieber – que ainda não podemos dizer ao Orlando Messenger o que já sabemos até descobrirmos a verdadeira história sobre as filhas, e, se houver outra herdeira, o património deverá ser dividido em duas partes iguais.

Mike pensou no que ele dissera e depois fez uma chamada para Los Angeles, para Carraldo.

Havia um último caderno para ler, o caderno que ele esperava dar-lhe a resposta final sobre o que acontecera a Poppy e dizer-lhe quem era a filha.

Pensou em ligar a Aria para lhe contar, mas decidiu esperar até ter a certeza. Dirigindo-se a *Luchay*, acariciou a asa suave do pássaro e o papagaio olhou para ele sem piscar os olhos.

– Pobre *Luchay* – disse Mike. – Pobre rapaz. Ela deixou-te, não foi? E nunca mais voltou.

Mike regressou à secretária e voltou a abrir os livros. Ao lê-los era quase como se Poppy estivesse ali, naquele quarto... Agora, sentia que a conhecia realmente.

1927, FRANÇA

Poppy estava novamente sozinha na quinta de Montespan. Já tinham passado mais de duas semanas desde que Rogan desaparecera. O Numéro Seize, rue des Arbres, continuava fechado e envolto em lençóis por causa do pó, exatamente como ela o deixara na noite em que Simone lhe dissera que os parisienses elegantes ainda choravam a sua morte.

– Dizem que nunca mais haverá um lugar como aquele – referira ela a Poppy – e acham que um dia o vai reabrir.

Poppy abanou a cabeça.

– Nunca – suspirou ela. Percorrera os caminhos da sua vida um milhar de vezes desde aquela noite terrível, dizendo a si própria que tudo o que fizera fora para sobreviver. Mas sabia no seu íntimo que tal não era verdade; havia outro motivo. Toda a vida pensara em si própria como sendo a rapariga à sombra de Angel Konstant; finalmente, no Numéro Seize, tornara-se a Madame Poppy, uma das mulheres mais cortejadas e desejadas de Paris, e uma das mais ricas. Agora, era outra vez apenas a Poppy Mallory, com milhares de contactos e milhões de francos no banco. E devido ao seu falso orgulho e à sua obsessão em enriquecer, perdera a única coisa que realmente lhe interessava – o amor e o respeito do filho.

Se não tivesse sido Netta, não saberia o que poderia ter feito. Netta vendera o seu negócio de Marselha e fora viver com Poppy para a quinta.

– Estou a ficar demasiado velha para fazer o papel de *madame* feliz –

suspirara ela –, tenho quase cinquenta anos. Estou farta de ter de encolher a barriga e disfarçar os meus cabelos brancos com tinta!

– Eu não me importo com essas coisas – disse Poppy, tocando levemente nos seus novos cabelos grisalhos das têmporas –, cada cabelo branco é um dia mais próximo do fim.

Netta olhou-a, horrorizada. Poppy mal comia, estava magra e débil como um espeto. A sua face perdera toda a suavidade e as suas proeminentes maçãs do rosto ensombreciam os buracos das bochechas. Porém, de certa forma, parecia ainda mais bonita. E os seus olhos continuavam a brilhar com a velha intensidade quando verificava as movimentações das dezenas de detetives privados que contratara em todo o mundo para procurarem o filho. Os relatórios semanais, todos sem nenhuma novidade, já enchiam uma dúzia de armários no seu escritório.

Quando Rogan desapareceu, Poppy esperara que ele regressasse e, quando se apercebeu de que ele não voltaria para casa, fez tudo para o encontrar. Pensou em pedir ajuda aos homens poderosos que frequentavam o Número Seize e que a chamavam de amiga, mas nem eles eram suficientemente fortes para aquela situação. Pensou em ir à polícia, mas tal significaria expor-se, tal como a Rogan, a uma onda de publicidade, pois era uma mulher conhecida e seria impossível manter tudo em segredo. Compreendeu, por fim, que o único homem a quem poderia pedir ajuda era Franco.

– Mas não lhe *podes* pedir a ele! – exclamou Netta. – Assim que lhe disseres que tem um filho, ele nunca mais o largará!

– Não saberá que Rogan é dele – dissera ela. – Digo-lhe que tive outro amante...

– O Franco só terá de fazer as contas – disse Netta, sem rodeios. – O rapaz tem dezassete anos. O teu único amante nessa altura era Franco.

Poppy contemplou a ironia amarga da verdade. As coisas não tinham mudado. Continuava a não poder contar a Franco sobre Rogan e nunca poderia dizer a Rogan quem era o pai.

Depositara toda a sua esperança nos detetives privados, recrutando mais e mais à medida que os meses passavam sem qualquer pista sobre ele.

– Mas ele é tão diferente dos outros – dizia ela, desesperada, enquanto as semanas vazias passavam –, é tão alto, tem um metro e noventa, e tem o cabelo tão laranja.

– Há milhares de jovens altos, *madame* – respondiam eles, pacientemente – e o cabelo pode ser pintado, não é?

Netta fora novamente para Marselha, de férias. Seguiu de regresso para Montespán no seu pequeno carro desportivo novinho em folha quando este se descontrolou na estrada molhada pela chuva e embateu numa árvore. Teve morte imediata. Assolada de dor, Poppy enterrou a amiga no cemitério apinhado de uma colina com vista para o porto de Marselha, desejando ter sido ela. Agora perdera a amiga, tal como o filho – sentia-se como se o mundo se fechasse.

Os longos meses de inverno passaram na solidão e infelicidade de Montespán e, pela primeira vez, permitiu-se recordar a filha. Lembrou-se do pequeno bebé que segurara nos braços, do seu cabelo fino e emaranhado, da sua pele rosada, e pensou em como seria agora. Já tinham passado vinte e oito anos, recordou-se, chocada; a criança era agora uma mulher. De repente, foi invadida por um forte desejo de a ver. Caminhava pelas veredas solitárias e gélidas em redor da quinta, a desejar que o seu novo e estranho desejo se fosse embora. Mas não ia e, na semana seguinte, deu consigo a apanhar o comboio para Veneza.

A cidade era intemporal sob o céu azul de maio, flutuando contra o horizonte Canaletto, tal como ela se lembrava. Os hotéis elegantes tinham posto os seus toldos de verão, os gondoleiros transportavam os turistas pelos canais e a pequena orquestra ainda tocava na Praça de São Marcos.

Poppy espreitou através das janelas do Florian's, meio expectante de ver Felipe à sua espera, depois, com uma sensação de *déjà-vu*, sentou-se à mesma pequena mesa com tampo de mármore, no mesmo sofá vermelho, tal como no dia em que o conhecera. Um jovem empregado serviu-lhe chá gelado, e ela pensou no que acontecera a Carlo, o velhote de bigode que costumava trazer-lhe a *granita* de chocolate. Felipe contara-lhe que ia ali desde criança, que eles o conheciam bem... Era ridículo, sabia-o, mas não conseguiu deixar de perguntar... Afinal, o Felipe não levaria ali os filhos, da mesma forma como a levava a ela?

– Pode ajudar-me? – perguntou ela ao jovem empregado. – Eu costumava conhecer uma família que vinha aqui há muitos anos, mas perdi o contacto. O nome deles era Rinardi... Baronessa Rinardi.

Ele abanou a cabeça.

– Peço desculpa, *signora*, só trabalho aqui há alguns meses. Mas posso perguntar aos outros empregados, se quiser.

Ele voltou alguns momentos depois com um homem de cabelo grisalho que lhe sorriu de orelha a orelha.

– Ah, os Rinardi – exclamou ele, batendo com as mãos no avental branco –, uma família muito *fina*, com filhos lindos. E a *baronessa*... uma grande beleza! Quando as crianças eram pequenas costumava trazê-las sempre cá, quando residiam no *palazzo*. Mas receio que já não seja assim. Sentimos a falta deles.

– Já não? – perguntou ela. – Mas, porquê?

– Ouvi dizer que a *baronessa* regressou à América, *signora*. – Ele encolheu os ombros. – Acontece às melhores famílias... a infelicidade... a separação. Sim, a *baronessa* tinha um rosto *infeliz*, apesar de ser muito bela.

– E as crianças? – perguntou Poppy, com a voz trémula.

– As meninas eram encantadoras, ambas muito bonitas de um modo muito diferente, uma era muito volátil e a outra muito calma. E o rapaz era bonito como o pai. – Suspirou. – Quem sabe? Talvez a família venha a juntar-se outra vez no futuro. Se Deus quiser.

– Talvez – respondeu Poppy automaticamente. – Obrigada, *signore*.

– Foi um prazer, *signora*. Bem-vinda a Veneza.

Então Angel tivera um filho, pensou ela, bebericando o chá; sempre dera o herdeiro tão desejado a Felipe. E as duas raparigas, uma extrovertida, outra introvertida – podia perceber qual era a sua filha. Olhou, triste, pela janela; tivera tanta certeza de que a veria, tanta certeza de que a reconheceria de imediato. Contudo, era demasiado tarde para trazer o passado de volta. E, além disso, Angel e as filhas estavam a seis mil quilómetros dali, na Califórnia. No Rancho Santa Vittoria.

Saiu rapidamente do Florian's em direção ao escritório da agência de viagens Thomas Cook, Ltd. Havia um navio, disseram-lhe, o *Michelangelo*, que partia de Génova para Nova Iorque dali a três dias. Poppy comprou rapidamente um bilhete antes que pudesse mudar de ideias. Finalmente ia para casa.

1927, CALIFÓRNIA

Poppy cavalgara até ao seu esconderijo de criança, no topo da colina que dava para a casa dos Konstant. O cavalo que alugara num estábulo local pastava contente ali ao lado e o ruído contínuo que provocava ao arrancar a erva misturava-se com o gorjeio dos pássaros e o zumbido das cigarras.

Primeiro fora até à casa dos Mallory e só encontrara ruínas. Vagueara, horrorizada, através da vegetação que lhe dava pela cintura e que dantes era um jardim, e sentara-se novamente nos degraus quebrados da frente, lembrando-se, com a mesma sensação de ansiedade no estômago, de como costumava ali ficar à espera que Jeb regressasse. Recordou-se do índio cego e assustador na cozinha de adobe, do quarto escuro e anónimo que pertencera à mãe, e do seu quartinho desolador repleto de sombras e medos quando o pai não voltava. Lembrou-se do piano brilhante e enorme no salão e dos brinquedos no armário que tivera de deixar para trás quando ela e Jeb começaram a vaguear pelas cidades em busca de jogos de póquer; e sentiu o mesmo horror em estar sozinha e abandonada.

A casa dos Mallory nunca fora um lugar feliz, mas seria dela se Jeb Mallory não a tivesse perdido no jogo; teria algo real para deixar a Rogan, em vez de ter de inventar um passado.

A única parte da casa que ainda se mantinha de pé era a cabana de adobe que já ali estava há duzentos anos. As suas paredes grossas de argila bloqueavam o som dos pássaros e a luz do Sol mal entrava através das

pequenas janelas altas sem tocar no chão poeirento. Poppy fechou os olhos e pôde ver-se a si própria quando era criança pequena, a sustentar a respiração para que o velho índio não a ouvisse a roubar um pedaço do pão fino de milho. Tivera tanto medo que o velho índio a apanhasse. Mesmo agora aquele local tremia com emoções perturbadoras, com sentimentos de solidão, tristeza... e morte. Com um pequeno gemido de medo, saiu da pequena divisão de adobe, respirando o ar fresco e regressando, com agrado, às ervas emaranhadas. Virou-se instintivamente de modo a olhar para a colina que se erguia suavemente atrás da casa em ruínas. Não havia papoilas a crescer ali.

Percorrera o atalho familiar para a casa dos Konstant, parando automaticamente no seu esconderijo, tal como fazia quando era criança, atraída até lá todos os dias como um íman de forma a observar a família mágica, bonita e feliz, desejando pertencer-lhe de todo o coração.

Parecia exatamente igual, com as paredes brancas a brilhar, as flores a florir, a fonte a chapinhar, os telhados vermelhos a cintilar ao sol. Os homens continuavam a trabalhar nos jardins e os póneis árabes continuavam a correr no cercado. E, atrás disso, a terra dos Konstant estendia-se para além do que a vista podia alcançar.

Poppy afundou-se na relva com os joelhos unidos sob o queixo, perdida nos seus sonhos. De repente, um homem alto de cabelo grisalho desceu os degraus da casa e dirigiu-se ao antigo estábulo. O seu coração acelerou, pensando que ia desmaiar ao reconhecer Greg. Claro que estava mais velho, no entanto, à exceção do cabelo grisalho, não mudara. Era o mesmo homem alto, magro e bonito de que se lembrava. O homem a quem chamara irmão – o homem que se apercebera, demasiado tarde, que amava. Alguns minutos depois, Greg apareceu de novo no jardim ao volante de um *Packard* azul-escuro. A sua voz, ao gritar a alguém para se apressar, enviou a Poppy tremeliques de prazer e dor, pelo que mordeu o lábio de forma a evitar chamá-lo. Depois, uma bela mulher desceu os degraus, abanando-se com um grande chapéu de palha e rindo-se e Poppy percebeu que devia ser a mulher dele.

– Melissa, porque te atrasas sempre? – ouviu-o a queixar-se.

– Acho que, após todos estes anos, deixei de tentar chegar a horas – riu ela, entrando no carro.

– Venham lá, rapazes! – gritou Greg, colocando malas de viagem e sacos

na bagageira, e o coração de Poppy saltou quando três rapazes adolescentes desceram os degraus. Eram os filhos de Greg, os filhos que ela poderia ter tido. Eram tão parecidos com ele, à exceção do mais novo, que ficara para trás; esse era como o avô Nik. – Despacha-te, Hilliard – ouviu Greg dizer. Depois, atrás deles, a andar muito lentamente, apareceu Angel! Poppy lembrou-se da última vez em que a vira... Mas o cabelo de que se lembrava como sendo loiríssimo parecia agora ainda mais claro, e, chocada, apercebeu-se de que o cabelo de Angel estava quase branco.

Depois de meterem as coisas no carro, abraçaram-se e beijaram-se e partiram. Angel acenou-lhes e Poppy semicerrou os olhos para dar uma última olhadela a Greg e à sua família. Sentiu novamente a dor familiar da inveja; estava de novo onde tinha começado há anos, de fora, a olhar. Afinal, nunca fizera realmente parte da família. Continuava a ser apenas um sonho.

Observou Angel a caminhar pelo familiar caminho relvado que dava para a pequena sombra criada pelas árvores de que se lembrava tão bem; era o sítio para onde iam sempre quando queriam contar os segredos uma à outra. Poppy permaneceu sentada, aflita, a desejar ir ter com Angel, mas tinha medo... Sabia que não devia fazê-lo, não devia... mas queria muito ir para «casa». Acabou por pegar nas rédeas do cavalo e descer lentamente a colina em direção à casa.

Sentando-se no banco de madeira trabalhado à sombra das árvores, Angel abriu o livro que levava. Era o diário da mãe; descobrira-o no outro dia, no sótão, no meio de uma pilha de livros escolares antigos. Hesitara em lê-lo, mesmo agora, doze anos após a morte de Rosalia, por não lhe parecer correto. O seu próprio diário era algo de tão pessoal; tinha registadas todas as suas esperanças, os medos, amores, desgostos, assim como as primeiras festas, bailes e visitas que fizera em São Francisco. Aquilo seria como uma visita privada à alma da mãe.

As primeiras páginas só falavam do pai, como se tinham conhecido, como Rosalia gostava dele, a noite de núpcias... Tinham sido escritas por uma menina, não pela mãe. Fechou os olhos, meio adormecida, desfrutando da luz quente do Sol que atravessava as folhas e do silêncio especial e vivo do campo.

Tinha duas semanas valiosas só para si. Duas semanas antes de ter de voltar para Itália e para o filho que a detestava quase tanto como detestava o

pai; duas semanas antes de ter de decidir o que fazer com as filhas problemáticas; só duas semanas de uma rara solidão que nunca pensara querer.

Os olhos de Angel abriram-se de repente com o som de passos na relva. Seria um sonho? Pensou ela, enquanto Poppy caminhava na sua direção. Ou seria um fantasma? O cabelo vermelho de Poppy estava mal atado num laço, como ela usara sempre, embora agora estivesse matizado de cabelos prateados. Estava tão magra como fora aos dezoito anos e ainda conservava a graciosidade leve de passos longos que sempre parecera a Angel igual a um cavalo de corrida. Voltou a fechar os olhos, chocada. Poppy era real. Estava ali.

– Vim para casa, Angel – suspirou Poppy. Depois, cobrindo o rosto com as mãos, caiu e começou a chorar.

– Porque estás aqui, Poppy? – perguntou Angel, asperamente, resistindo ao impulso de a abraçar e consolar. – Esta já não é a tua casa.

– Tinha de vir – gemeu Poppy. – Perdi tudo o que era importante para mim... Tudo. Não percebes, Angel? Eu tinha de vir, tinha de te encontrar... Tenho de saber o que aconteceu à minha filha.

– Quebraste a tua promessa – recordou-lhe Angel, fria. – Nunca mais nos devias contactar.

– Mas já passou tanto tempo – implorou Poppy. – Diz-se que o tempo cura as feridas...

– Feridas! – suspirou Angel. – Feridas, Poppy? Tu não inflingiste *feridas*. *Infligiste golpes mortais*! Nem fazes ideia da tragédia que me trouxeste e à minha família! Deus, quem me dera que o meu pai nunca tivesse conhecido Jeb Mallory!

Os olhos magoados e cheios de lágrimas de Poppy olharam para os dela.

– Não podes dizer isso – gaguejou. – Angel, nós éramos como irmãos. O que aconteceu não foi por culpa minha...

– Não me contaste a verdade, pois não, Poppy? – perguntou Angel, friamente. – Mas o Felipe contou. Era só *uma* das coisas que usava para me torturar. Disse-me que uma noite foste ter com ele, muito apaixonada e insistente... Até me disse como te sentiste nos braços dele. O *Felipe* era o amante secreto com quem te encontravas todas as tardes quando te escapulias do hotel! *E o Felipe é o pai da tua filha!*

Poppy deixou cair a cabeça em silêncio. Era quase verdade.

– Ele não fez amor comigo, Angel. Ele violou-me – respondeu ela calmamente.

– Tu foste ao Palazzo Rinardi a meio da noite – acusou Angel, com desdém. – Ele disse-me que te foste encontrar com ele.

– Não foi bem assim – gritou ela, desesperada –, juro-te que não foi.

Angel encolheu os ombros, fria.

– Como e porque aconteceu já não me importa. Mas, se não tivesses sido tu, eu nunca teria conhecido Felipe. – A sua voz estava repleta de vinte e oito anos de amargura ao olhar para Poppy. Queria que ela soubesse tudo para poder perceber, finalmente. – A minha vida toda mudou por causa de ti, Poppy! Tive de viver durante anos com um homem que desprezo e que me odeia. Tudo o que Felipe sempre quis foi o dinheiro dos Konstant! Quando cheguei ao meu limite, vim-me embora. Peguei nas miúdas, mas deixei lá o rapaz. E, agora, o meu filho odeia-me, Poppy, quase tanto como odeia o pai, pois *teve* de ficar lá a viver com ele!

Os seus olhos perfeitamente claros estavam cheios de dor ao lembrar-se.

– Tinha empacotado todas as nossas coisas – continuou ela –, estávamos prontos, no *hall*. Eu tinha dito ao Felipe na noite anterior que íamos partir, que era o fim. Felipe saiu da sala das armas, era outono e pensei que ele ia caçar. Vestia um casaco de caçador verde e tinha uma espingarda debaixo do braço. «Aleksandr», disse ele, «vem para junto do teu pai.» O rapaz olhou para mim, pensando no que fazer. Abanei a cabeça e pus o braço à volta dele. Só tinha nove anos... Felipe elevou a espingarda e apontou-lha. «Eu disse para vires para junto de mim, Aleksandr.» Repetiu ele. Coloquei-me à frente do meu filho, aterrorizada. «O que vais fazer?», gritei quando ele se virou e apontou a arma às miúdas. «Se o Aleksandr não vier para aqui, terei de matar uma das raparigas», afirmou ele... «*E tu sabes qual, Angel.*» «Não podes fazer isso!», gritei. «Não podes matar a tua filha!» Mas o Felipe sempre achou que estava acima da lei. «Matar?», troçou ele. «Será um acidente de caça, minha querida... Muito triste... Toda a gente sabe que o Barone Rinardi adora os filhos.» O Aleksandr saiu dos meus braços e dirigiu-se para junto do pai. «Por favor, não as mates, papá», pediu ele, corajoso. Nunca esquecerei o sorriso de triunfo no rosto de Felipe ao pôr a mão no ombro do rapaz. «Podem ir embora», disse-nos ele, desprezando-nos. «O Aleksandr fica comigo.» O Aleksandr foi sempre uma grande desilusão para o Felipe. Era uma criança delicada, tímida e intelectual que

detestava a maneira de ser do pai, detestava a forma como ele interpretava o papel de *barone*, como um senhor feudal. Felipe queria que o filho fosse um atleta, um desportista, e torturava Aleksandr por causa do seu físico débil, sempre a forçá-lo a nadar, a montar a cavalo e a disparar, troçando dele por causa dos óculos, pois era míope. O pobre Aleksandr detestava cavalos e detestava matar. O Felipe nunca viu a beleza da inteligência dele, nunca leu a poesia que escrevia, nem as suas histórias. Os tutores disseram-me que o meu filho era um génio criativo, que devíamos escolher as escolas com cuidado de modo a certificarmo-nos de que os seus talentos seriam motivados. «O Aleksandr fica comigo», disse o Felipe, «será meu refém para garantir o dinheiro dos Konstant. Enquanto estiver comigo, os Konstant pagarão.» O meu filho manteve-se lá, corajosamente, enquanto o pai nos apontava a arma ao ver-nos sair. «Eu volto para te vir buscar, Aleksandr», prometi. Mas o Felipe limitou-se a rir. «A escolha é tua, Angel», gritou ele. «Podes ficar aqui comigo e com o nosso filho.» Os olhos de Aleksandr olharam para mim tão esperançosos, apesar de não ter dito nada. Mas, sabes, naquele instante percebi o quanto Felipe odiava a filha, a tua filha, Poppy. Foi a *ela* que apontou a arma... Eu sabia que, se ficássemos, ele a mataria um dia. O Aleksandr estaria seguro porque o Felipe precisava dele. Eu teria de voltar para o salvar mais tarde. Não tive escolha, sabes. Foi para salvar a tua filha, Poppy, que sacrifiquei o meu filho. Trouxe as miúdas para aqui – prosseguiu ela, exausta. – Durante anos negociámos com o Felipe. O meu pai oferecia-lhe mais e mais dinheiro, mas ele limitava-se a rir e a dizer que não chegava. Nunca permitiu que Aleksandr me escrevesse. Fiquei louca de medo com o que ele pudesse fazer ao rapaz, como o torturaria. Por fim, o meu pai disse que ia com a mamã a Itália confrontá-lo, negociar com ele, um milhão de dólares, dois milhões, pelo meu filho. Encontravam-se no navio *Lusitania* quando ele foi afundado por um submarino alemão.

Poppy sentiu-se como se estivesse a morrer por dentro. Lembrava-se do dia em que Nik e Rosalia tinham ido salvá-la do terror do asilo em Pittsburgh, de a terem levado para ali, de lhe terem chamado de filha, de a terem amado. Pensou em Nik, tão sólido e forte, e em Rosalia, tão alegre e encantadora, sempre a rir. Eram recordações tão vivas que não conseguia acreditar que tinham ficado perdidos nas ondas verdes do oceano Atlântico.

– Greg ficou a tomar conta do rancho – continuou Angel. – Se tivesses

visto como sofreu todos estes anos à tua procura, nem te terias atrevido a voltar! Implorei-lhe para não continuar a procurar-te, mas como lhe podia dizer a verdade e magoá-lo ainda mais? Finalmente, acabou por esquecer tudo e casou com Melissa, com quem tem três belos rapazes. Os dois mais velhos estão na escola militar e parece que o mais novo, Hilliard, seguirá o mesmo caminho. Por isso, não há ninguém para tomar conta do Rancho Santa Vittoria. Tudo o que o meu pai construiu já não significa nada. O Greg já vendeu centenas de hectares a investidores, parece que estão preparados para pagar uma fortuna por esta terra, o dinheiro vai para os filhos dele. Daqui a poucos anos já não conseguirás reconhecer esta terra. O Greg está satisfeito com Melissa – acrescentou ela – e adora os filhos. É tão feliz como se espera que um homem seja. Não penses que podes chegar aqui e destruir isso, Poppy.

Poppy abanou a cabeça.

– Eu vi-o uma vez, em Paris, há muitos anos. Ele não me viu. Podia ter ido ter com ele, Angel, mas percebi nesse momento que era demasiado tarde. – Hesitou. – Fui até à casa dos Mallory – referiu. – Angel, o que aconteceu ao meu pai?

– Morreu no incêndio que destruiu a casa, cinco anos depois de teres desaparecido. Foi enterrado na capela metodista de Santa Barbara. A mamã e o papá não o deixaram ficar na mesma terra onde está a tua mãe, nunca percebi porquê. – Olhou para o pequeno diário com capa de pele azul de Rosalia. Provavelmente continha a resposta, mas sabia agora que nunca a leria.

Poppy sentiu a antiga sensação de raiva que tinha do pai voltar outra vez, a chama do ódio que arderia para sempre. *Ele* fora a causa de tudo aquilo... *Ele* é que devia ser julgado no paraíso. Se tivesse tomado conta da mulher, da filha, da terra, nada daquilo teria acontecido. Por causa dele, ela perdera o filho. Tal como Angel.

– Angel – perguntou ela, receosa da resposta –, o que aconteceu ao Aleksandr?

– Felipe recusou-se a devolvê-lo, independentemente do valor do suborno. Até tentámos cortar a mesada, mas é claro que ele ameaçou-o logo. Consultámos advogados estrangeiros, mas a lei era inflexível. Quando a esposa deixa o marido ele tem direito a ficar com os filhos. Disseram-me que tive sorte por ter as miúdas. O Felipe morreu repentinamente, há dois

anos, e voltei a Itália para ver finalmente Aleksandr. Recusou falar comigo, foi hostil, um alienado. Tentei explicar-lhe como sempre pensei nele, como sofri por ele, como sabia que Felipe queria matar a irmã e que, por causa disso, não podia regressar. Ele nem sequer quis ouvir. Com a morte de Felipe, era agora o Barone Rinardi, mas recusou aceitar o título. Durante anos, Felipe forçara-o a montar, a disparar e a fazer todas as coisas físicas que queria que ele dominasse até que se cansou do jogo. Como vingança, livrou-se do tutor de Aleksandr, recusou mandá-lo à escola... *Aleksandr não foi educado!* Mas, pelo menos, Felipe não conseguiu privá-lo dos livros, e ele leu a vasta biblioteca, aprendendo por si próprio as coisas de que mais gostava. Escapou para um mundo só dele onde não permitia que mais ninguém entrasse. Principalmente a mãe que prometera voltar... e não o fizera.

Poppy tapou o rosto com as mãos; conhecia a sensação de esperar e esperar por alguém que nunca chegava...

– Ele não queria ter nada a ver com os Rinardi nem com os Konstant. Tudo o que pediu foi dinheiro suficiente para comprar uma remota *villa* italiana no sopé das Dolomitas. Está rodeada por hectares de jardins abandonados e antigos, e mora lá sozinho, onde estuda os seus livros e cria ordem no caos circundante. Não me quer ver nem à sua família. Tudo o que quer é ser deixado em paz. Gosto de pensar que é finalmente feliz.

A voz dela pareceu tão melancólica que Poppy lhe pegou instintivamente na mão.

– Eu conheço a sensação, Angel – disse ela. – Eu também perdi o meu filho...

– *Não me digas*, Poppy – respondeu Angel, retirando a mão da dela. – Não quero saber nada sobre ti. Só quero que voltes para onde estiveste. A minha vida não é tua, os meus filhos não são teus. Tu não tens nada. Já trouxeste sofrimento que chegue a esta família.

Poppy afastou-se dela, chocada com o ódio tranquilo que lhe ia na voz. Porém tinha de encontrar o que fora ali procurar.

– Eu vou – disse ela calmamente. – Mas primeiro imploro-te que tenhas compaixão de mim e me fales da minha filha. Como é ela? Deste-lhe o meu nome?

– Como uma tola, dei o teu nome às duas. Talvez porque, apesar de te amar na altura e sentir pena de ti, saber que um dia voltarias para a

reclamar. Eu tenho *duas* filhas, e os nomes delas são Maria-Cristina Poppy Rinardi e Helena Mallory Rinardi. E tu, Poppy, não tens nenhuma. Lembras-te? *Elas são as duas minhas*.

– Angel – implorou ela –, por favor, deixa-me vê-la, pelo menos diz-me qual é a minha, e onde está...

– Não! Não há nada mais a dizer. – Um olhar de profunda tristeza assolou completamente o rosto de Angel que Poppy se assustou... O que acontecera a Maria-Cristina e a Helena para que ela ficasse assim? Contudo, sabia que Angel não lhe diria.

– Posso voltar para te ver outra vez, Angel? – perguntou ela, humilde.

Angel negou com a cabeça, olharam uma para a outra pela última vez, vendo-se como eram agora e como tinham sido quando eram meninas despreocupadas, a cavalgar pelo ensolarado Rancho Santa Vittoria nos seus póneis, sem uma preocupação sobre o amanhã.

Sem mais uma palavra, Poppy virou-se e avançou pelo caminho relvado. Parecia a caminhada mais longa da sua vida e compreendeu que o aroma a arbustos de lantana e rosas, o canto das cigarras e o alegre gorjeio dos pequenos pássaros ficariam para sempre na sua memória, enquanto abandonava aquele lugar e a família que amara.

1931, ITÁLIA

Sempre que a limusina *Mercedes* à prova de bala atravessava os enormes portões de ferro e os ouvia fechar atrás de si, Franco lembrava-se de que vivia numa prisão. Mas já não se importava com o isolamento. De certa forma, quase preferia a solidão.

Há muito descobrira que a única maneira de escapar à sua prisão era através da sua mente. Depois de as últimas reuniões terminarem e as decisões do dia serem tomadas, jantava, sempre sozinho, na comprida mesa de refeições iluminada por valiosos candelabros de prata, comendo escassamente em porcelana delicada e bebendo apenas um copo de vinho num magnífico copo *Lalique*. A seguir, atravessava o *hall* a caminho da biblioteca e fechava suavemente as portas atrás de si, esquecendo os rostos rudes dos seguranças e toda a tensão e responsabilidade. Ficava sozinho com os seus livros preciosos, quadros dos mestres antigos e recordações.

Por vezes, vagueava pela sala linda e espaçosa, olhando para a sua coleção de quadros, ou folheava um ou outro livro da sua maravilhosa coleção de livros raros e, de vez em quando, ficava simplesmente sentado na sua habitual cadeira funda, apagava o candeeiro, acendia um cigarro e lembrava-se de como a vida costumava ser quando era um homem feliz.

Naquela noite fora diferente. Comera devagar, até se servira de um segundo copo de vinho de modo a prolongar um pouco mais o prazer da antecipação, adiando o momento delicioso em que veria a sua última, e mais

valiosa, aquisição.

Bebeu finalmente as últimas gotas do seu copo de vinho e, com o coração aos pulos de excitação, caminhou lentamente pelo *hall* até ao seu santuário. Estava uma noite quente e as janelas altas da biblioteca foram abertas para deixarem entrar a brisa. Conseguiu ouvir os passos dos seguranças a patrulharem lá fora ao apagar todos os candeeiros à exceção de um junto ao grande cavalete, que continha um quadro ainda coberto por um pano. Acendeu outro cigarro e afundou-se na cadeira, olhando sombriamente para o quadro tapado. Não o via há anos, só sabia que o queria, a qualquer preço, e que instruíra o seu agente a ultrapassar os valores dos outros no leilão.

Apagando o cigarro, dirigiu-se ao cavalete e, com a mão trémula, retirou o pano. Olhou para o retrato de Poppy com lágrimas nos olhos; era a Poppy como ele a vira pela primeira vez, Sargent captara a sua arrogância luminosa da juventude e todos os medos do seu rosto vívido. Parecia ter captado todas as nuances de um animal jovem desejoso de ser libertado da trela e, ao mesmo tempo, assustado com a liberdade. E também as cicatrizes da experiência, na insolência cautelosa dos olhos e do sorriso desafiador. Poppy envergava um vestido cinzento de cetim e diamantes brilhantes em forma de estrela no cabelo ruivo, e, na mão, segurava uma única gardénia branca.

Franco voltou a afundar-se na cadeira com um suspiro de prazer. Depois de quase vinte e cinco anos estava novamente a sós com Poppy.

Num esforço para exorcizar a sua solidão, Poppy tornara-se uma viajante do mundo; viajara em transatlânticos, comboios, navios de carga, barcos a vapor do Nilo, mulas e camelos. Quase não lhe faltavam países para visitar, nem ruínas ou monumentos históricos que não tivesse visto. E sempre sozinha.

Era a misteriosa mulher elegante que viajava em primeira classe no transatlântico *Ile de France* a caminho de Nova Iorque; a linda e reservada estrangeira que jantava sozinha no Expresso do Oriente a caminho de Istambul; a mulher magra e cautelosamente chique que não falava com ninguém no cruzeiro do Cairo até Luxor; a única mulher que enfrentava o calor impiedoso da Índia durante o dia para ver o Forte Vermelho e o Taj Mahal à luz do Sol e de novo sozinha ao luar. Era a única mulher a bordo do

cargueiro que ia de Calcutá para Rangum, e a única mulher no bar do Raffles Hotel, em Singapura. Convidavam-na para jantar, dançar, beber uma bebida, em Hong Kong, Deli, Viena, Buenos Aires, no topo de uma montanha na Bolívia e em muitos outros sítios. Ela não aceitava os convites. Só falava com os guias ou com camareiras, valetes e empregados nos navios ou hotéis em que ficava. Fugia do mundo e de si própria. E não estava a ser bem-sucedida.

Tinham passado quatro anos desde que falara com Angel e durante quatro anos tentara esquecer. Depois disso, voltara para a sua suíte palaciana do hotel em São Francisco, desejando morrer. Angel responsabilizara-a por todos os desastres que tinham acontecido na família Konstant e ela acabara por aceitar. Rogan também fugira por sua causa, tal como a pobre criança que decidira abandonar mesmo antes de nascer. Sentindo uma infelicidade amarga e sem saber o que fazer, vagueara sem destino para o Sul da Califórnia, até Los Angeles, onde alugou uma suíte no Beverly Hills Hotel e ficou durante uma semana a pensar.

No final dessa semana, telefonara aos seus advogados de Paris a dizer-lhes para porem a casa e o conteúdo do Numéro Seize, rue des Arbres, à venda. Não queria ficar com nada. Depois, ligou aos detetives que procuravam há tanto tempo Rogan e pediu-lhes para procurarem tudo o que pudessem encontrar sobre as duas filhas da Baronessa Angel Rinardi, dizendo-lhes que circulava o boato de que uma delas tinha sido adotada à nascença – e que ela precisava de saber qual era. Não a queria retirar a Angel, mas precisava de conhecê-la, pois, um dia, tencionava deixar-lhe toda a sua fortuna. Seria tudo o que faria por ela.

Los Angeles era uma cidade jovem e em ascensão e o sol quente e o aroma doce das laranjeiras encantaram-na. Comprara um carro para poder deslocar-se aos vales vastos e planos e às súbitas cadeias de colinas, admirando o patrimónioo luxuoso e as elegantes mansões brancas das estrelas da florescente indústria cinematográfica, Pickfair e Greystone e o novo hotel de quarenta e quatro quartos, Greenacres, que estava a ser construído por Harold Lloyd com um custo de dois milhões de dólares. Era tudo tão bonito e brilhante sob o sol da Califórnia, parecia prometer que as vidas dos que ali viviam seriam agradáveis, tranquilas e fáceis e, de súbito, Poppy ficou tentada a comprar terra e a construir uma casa para si própria. Porque não?, pensara ela, afinal, era uma mulher rica e podia dar-se a esse

luxo; agora, podia comprar o que quisesse. Não suportaria regressar à casa de Montespán e pensou que talvez encontrasse a paz de que necessitava ali, na Califórnia.

Comprara um terreno de dois hectares no cimo de uma colina no norte de Beverly Drive, na Sunset Boulevard, e pediu a um arquiteto que lhe construísse uma *hacienda* de estilo espanhol, muito parecida com a casa dos Konstant. O impulso de comprar mais terra apoderou-se dela e, lembrando-se do conselho de Franco, analisou a borda periférica da cidade em expansão e comprou parcelas de terra que ninguém queria em Wilshire e Sunset, e Santa Mónica; e aventurou-se até mais longe, comprando terra coberta de arbustos inúteis no Vale de São Fernando, a quilómetros dali. Depois, deu instruções aos seus agentes para negociarem a compra da antiga casa dos Mallory e todas as terras em volta que os Konstant quisessem vender. Tencionava comprar aquilo que teria sido a sua herança para um dia a poder dar aos filhos.

Triste com a sua dor e solidão, embarcou num impulso de compras. Comprou antiguidades e quadros para a casa que não passava de um plano no gabinete de arquitetura; comprou imensas árvores transplantadas para ladear a estrada ainda não marcada e centenas de plantas e arbustos exóticos para a paisagem do futuro jardim. Comprou uma fonte de pedra trabalhada para o quintal e fez o plano de uma piscina azul-turquesa rodeada por uma margem de teixo verde. E, à noite, quando dava voltas na cama, sonhava com o dia em que Rogan e a filha vinham ter consigo e lhes diria: «Estão a ver? Esta é a vossa casa. Esteve todos estes anos à vossa espera. Isto tudo é vosso, e isto, e isto... Tudo o que têm a fazer é dizer que me perdoam.»

Quando os detetives enviaram o relatório, ela abriu-o, ansiosa. Talvez agora pudesse ficar a saber a verdade. Eles tinham mantido contacto com agentes em Itália, diziam, onde as duas jovens residiam atualmente, na Villa d'Oro. Os registos que tinham procurado e visto indicavam que eram gémeas, nascidas a 5 de maio de 1899, e batizadas dois meses mais tarde na capela da Villa d'Oro. Não existiam provas de que eram outra coisa a não ser irmãs gémeas.

Poppy fechara os cortinados da sua solarenga, brilhante e intensa suíte do Beverly Hills Hotel e chorou na escuridão. Quando as lágrimas secaram, chamou a empregada para lhe fazer as malas e apanhou o comboio de Chicago para Nova Iorque; o seu plano de ter uma casa em Beverly Hills

era inútil, não tinha filhos para desfrutarem dela. Voltaria para a casa de Montespan. Na jornada de três dias no comboio perguntou-se porquê. Primeiro Franco desaparecera, depois Rogan, depois Netta... Até os Joliot se tinham finalmente reformado, pelo que tinha uma nova empregada a tomar conta da casa e de *Luchay*... Sem eles, Montespan já não era um lar.

Já não restava ninguém para a receber de braços abertos. Só *Luchay*, e *Luchay* já não chegava para lhe aliviar a dor e fazê-la esquecer. Depois, cancelou impulsivamente o bilhete do transatlântico de Nova Iorque para França e foi para a Argentina.

As suas viagens preenchiam-lhe o tempo e custavam-lhe muito dinheiro. Onde outrora fora prudente, poupando dinheiro para a herança de Rogan, era agora uma gastadora sem reservas. Comprara roupas maravilhosas que, negligente, deixava muitas vezes esquecidas nos roupeiros dos hotéis onde ficava por todo o mundo. Comprara rubis na Birmânia, esmeraldas na Índia e ouro em África. E onde quer que fosse, analisara o terreno, comprando terra como investimento para o futuro. Mas onde quer que fosse, o que quer que visse, e por muito que gastasse, nunca deixava de pensar em Rogan e na filha. Não tinha ninguém para amar e ninguém que a amasse.

Foi enquanto ela estava num pequeno barco de carga delapidado, usufruindo do Mar do Sul da China, a caminho de Manila vinda de Singapura, que compreendeu que havia uma pessoa no mundo que a conhecera verdadeiramente, e que a amara apesar dos seus defeitos e das suas falhas de caráter. *Se alguma vez precisares de mim*, dissera ele, há tantos anos, *basta ligares*. Lembrou-se com um arrepio de Véronique e do que acontecera na última vez que pedira a ajuda dele. Mas aquilo era diferente. Tudo o que queria que Franco fizesse era encontrar a sua filha.

Três meses depois estava de regresso a Montespan, rodeada de tantas lembranças e recordações que pensava que, se não fosse por *Luchay*, daria em doida. Os seus quatro anos de viagens pareciam ter desvanecido como um sonho e o seu plano que parecera tão belo e razoável no meio do Mar do Sul da China parecia-lhe repentinamente carregado de incerteza e até de perigo. Agora, à noite, pensava em Franco na sua *villa* fortificada de Nápoles e no brilho do luar a tocar nas maléficas armas negras. Ela deixara-o nessa noite, há quase vinte e cinco anos, por ele a ter assustado e levado a acreditar que era impossível o amor deles sobreviver caso ela ficasse. Franco herdara o manto do pai e aceitara-o, mas não quisera que ela se

tornasse um alvo para os seus inimigos. Como poderia ela ir ter com ele após tantos anos?, pensou, incerta. Não fazia ideia de como era a vida dele agora, nem se pensava nela.

Quando ordenara que o Numéro Seize fosse vendido, dissera à Drouot, a leiloeira, para vender o seu conteúdo; não quisera ficar com nada. Apesar de se recusar a assistir, ouvira dizer que o leilão causara grande alarido em Paris, com compradores e imprensa à procura de um vislumbre da lendária Poppy, e o entusiasmo fizera com que os preços subissem espetacularmente, concedendo-lhe outra fortuna.

Analisava agora a lista que a Drouot lhe enviara com os preços e os nomes dos compradores, reconhecendo muitos dos antigos clientes entre eles, comovida por quererem pagar tão generosamente por uma lembrança dos tempos felizes passados no Numéro Seize. As camas sumptuosas foram vendidas por montantes astronómicos – as pessoas até tinham comprado os lençóis de cetim como *souvenirs*. E as elegantes peças antigas, os lindos tapetes, as pratas, a porcelana, tudo fora vendido por um valor muito superior ao real. Contudo, fora o seu retrato pintado por John Singer Sargent que ultrapassara todos os recordes. Parecia que todos queriam o retrato da *madame* mais famosa e bonita de Paris. A oferta fora aumentada por um agente italiano com instruções para o comprar a qualquer custo, e o preço de venda ultrapassara em cem vezes o seu valor. Quando ligou à Drouot para perguntar sobre o quadro, informaram-na que era de conhecimento público que o agente em causa trabalhava para o chefe da Máfia, Franco Malvasi.

Agora, Poppy sabia que podia pedir-lhe um favor.

1932, ITÁLIA

Poppy pensou no assunto com muito cuidado. Agora sabia com toda a certeza que tipo de homem era Franco, mas também sabia que ele tinha outro lado. O Franco que conhecia era um homem reservado, carinhoso, gentil, atencioso e era *esse* lado que a atraía. Lembrando-se da última vez em que o vira – das mensagens telefônicas sem resposta, dos motoristas de táxi assustados que se recusavam a levá-la à *villa*, e dos guarda-costas sinistros, desta vez decidiu fazer as coisas de maneira diferente.

Conduziu ela própria até ao Sul de França e através de Itália na sua nova excentricidade, o novo *De Courmont coupé*. Era comprido, estreito, elegante na sua cor preferida, verde-garrafa, e com estofos em pele amarelada, e ela usava um chapéu de feltro verde a condizer que lhe tapava o cabelo ruivo. Pressionou o pé no acelerador, sentindo o motor poderoso a responder e os quilómetros passaram rapidamente sob as suas rodas.

Só quando chegou a Nápoles começou a ficar nervosa. Nunca contara a Franco sobre Felipe nem sobre a sua filha – apesar de ele saber, claro, que ela tivera uma criança. Franco sempre dissera que sabia tudo sobre Poppy; dissera-lho no primeiro encontro que tiveram. Porém, ela não acreditava que ele soubesse que ela entregara a filha a Angel. Talvez pensasse que o enganara deliberadamente todos aqueles anos, quando a verdade era ela ter prometido a Angel que não contava. E, claro, ele nunca soubera de Rogan, pois quando a deixara, cortara todos os laços. Sabia que Franco a apagara da

sua vida como se ela nunca tivesse existido, embora não fosse apenas isso que a incomodasse. Era uma jovem quando se tinham visto pela última vez; o que pensaria Franco dela agora?

Nápoles fervia sob o calor dos últimos resquícios de verão quando Poppy se instalou numa suíte do Grand Hotel, tomou banho e vestiu um fino roupão de seda, deambulando nervosamente entre o silencioso telefone que esperava e o espelho alto do quarto que lhe mostrava a verdade. Recusara-se a cortar o generoso cabelo ruivo num corte da moda à joãozinho, pelo que este lhe caía pelos ombros da forma como Franco se lembraria, embora agora estivesse mais suave, fino e com cabelos grisalhos nas têmporas. Os seus olhos continuavam do mesmo azul e talvez ainda tivessem um pouco da insolência antiga, porém atualmente tinham pequenas rugas à volta, marcas das alegrias e das tristezas passadas. Abrindo o roupão, olhou para o corpo nu, vendo-o como ele o veria; a curva dos seios um pouco mais funda, as ancas um pouco mais redondas, mas a sua cintura continuava fina e as nádegas rijas e as longas e elegantes pernas eram tão magras como sempre tinham sido.

Voltou a fechar o roupão com um suspiro; não podia recuar o tempo, nem por Franco. E, se pudesse recuar, mudaria toda a sua vida.

No entanto, preocupou-se muito com a sua aparência, escolhendo e descartando vestidos até encontrar o que lhe parecia adequado. Aplicou pó nas sardas do nariz, um pouco de *blush* nas faces, um toque de batom cor de coral aos lábios e o seu aroma preferido a gardénias e, finalmente, pronta.

Não podia adiar mais o momento, pelo que pegou no telefone e marcou o número, batendo nervosamente com as unhas no tampo da mesa à medida que este tocava.

– *Pronto*, Malvasi – disse ele.

As unhas de Poppy pararam de bater, o seu coração deu um pulo e os seus olhos esbugalharam-se, espantados...

– Franco! – engasgou-se ela... – Eu não esperava... Pensei que não estarias aí...

– Poppy – disse ele –, és mesmo tu?

– Sim... Desculpa, não consigo pensar... Não esperava falar contigo, pensei que tivesse de falar com várias secretárias, deixar primeiro umas mensagens...

– Marcaste o meu número privado – retorquiu ele. – Sou sempre eu que

atendo. E estou muito surpreendido, Poppy, por estar a falar contigo.

– Franco – sussurrou ela, aproximando o auscultador da face como se fosse o rosto dele –, pareces o mesmo.

Ela ouviu-o suspirar e dizer:

– Após vinte e cinco anos, Poppy, nenhum de nós é o mesmo.

– Estou aqui... no Grand Hotel de Nápoles – disse ela, ansiosa. – Queria ver-te...

Houve uma pausa e ele disse, advertindo-a.

– É melhor não, Poppy. Lembras-te?

Ela assentiu; lembrava-se demasiado bem.

– Mas é importante – implorou ela. – Eu *preciso* de te ver. Estou aqui para te pedir ajuda.

– Então vou enviar-te um carro – respondeu ele apressadamente. – Estará aí em meia hora.

Ela sabia que não suportaria a lembrança da limusina preta à prova de bala com vidros fumados, dos guarda-costas e das armas.

– Eu tenho o meu próprio carro – afirmou em resposta. – Vou ter contigo, Franco. Conheço o caminho. – Preparara-se há semanas descobrindo onde ficava a *villa*.

– Direi aos guardas do portão que estou à tua espera – apressou-se ele a dizer. – Daqui a uma hora, Poppy?

– Sim, daqui a uma hora. – Ela esperou até ouvir o clique do auscultador dele a pousar antes de pousar o seu.

O calor em Nápoles fora todo o dia insuportável e, mesmo agora, quando o crepúsculo mudava para azul-escuro, a temperatura mal tinha caído. Poppy abriu as janelas do carro, deixando a brisa quente tocar-lhe nos cabelos, grata pela lufada de ar. À medida que o comprido carro verde subia as colinas, pensou como seria ver Franco outra vez, tocar-lhe na mão, olhá-lo nos olhos, e tremeu como se a brisa tivesse ficado fria.

Desta vez, os guardas lá fora eram diferentes, vestiam elegantes uniformes azuis e bonés militares; não tinham metralhadoras visíveis e havia uma cabina à entrada ligada à casa por uma linha telefónica.

– Estávamos à sua espera, *signora* – disseram-lhe, educados, espreitando intencionalmente para o banco de trás e abrindo a bagageira. Mas não a inspecionaram pessoalmente e ela percebeu que Franco devia ter-lhes pedido para não o fazerem – ainda assim, ela podia ter uma daquelas

pistolas pequenas na carteira de pele creme que não parecem suficientemente grandes para matarem um homem, mas que ela sabia que eram.

As portas do portão abriram, Poppy pressionou nervosamente o pé no acelerador. O grande carro rondou pela estrada de gravilha até chegar junto de um mordomo que esperava no pórtico de colunas brancas.

– O Signore Malvasi está na biblioteca, *signora* – disse-lhe ele.

– Espere – disse ela quando ele se preparou para bater à porta e anunciá-la. – Eu entro sozinha.

Ela deslizou para dentro da biblioteca sem um ruído. A grande sala estava repleta com o aroma das flores do jardim que abriam à noite. Havia focos de luz projetados de candeeiros e um tesouro em forma de quadros brilhava nas paredes. Franco estava de pé junto à janela aberta, a olhar para o jardim banhado pelo luar. Claro que parecia mais velho, mas continuava o mesmo homem magro e vigoroso de que ela se lembrava, e imaculado, como sempre, num impecável *smoking*. O seu cabelo estava agora completamente grisalho, apesar das pesadas sobrancelhas ainda serem escuras e os olhos, virando-se para olhar para ela, ainda conservavam a mesma característica intensa como se lhe pudessem ler a alma.

Franco olhou-a em silêncio; pensara nela, perguntando-se como estaria agora, como seria estar com ela outra vez. E ela estava ali...

À luz suave era a Poppy dos seus sonhos; de novo uma menina, como ele sempre pensara nela, num vestido de seda cor de pêssego que evidenciava o vermelho do seu cabelo e fazia com que a sua pele brilhasse como o alabastro. Ela inclinou a cabeça para um dos lados naquele antigo olhar insolente, e ele quis beijá-la.

– Estás linda... como sempre, Poppy – limitou-se a dizer. – O tempo não te mudou.

– É um truque da luz – respondeu, dirigindo-se a ele e estendendo as mãos. – Vivi dezenas de vidas diferentes, e estão todas refletidas no meu rosto.

Agora estava junto dele e, quando ele lhe pegou nas mãos, conseguiu ver a verdade. Mas, mesmo que a vida tivesse sido cruel para com ela, abençoara-a com a intemporalidade; era mais bonita agora do que quando fora rapariga.

– Nunca pensei sentir-me assim tão contente por ver alguém – disse ele

simplesmente.

– Nem eu – respondeu ela. Depois, aproximou-se e o aroma familiar a gardénias pairou nas narinas dele quando os seus lábios se encontraram.

Poppy afastou-se, enterrando o rosto no ombro dele.

– Não foi para isto que aqui vim – sussurrou ela –, mas agora tenho a certeza de que nunca amei outro homem, Franco. Só a ti... sempre.

Ele acariciou-lhe suavemente o cabelo.

– É demasiado tarde para nós – retorquiu calmamente. – Sempre foi demasiado tarde. Foi impossível desde o início. Nada mudou, Poppy. Nunca mudará.

Ela assentiu.

– Eu sei. Só estou feliz por estar aqui contigo... agora, por um bocadinho.

Colocando a mão sob o queixo dela, Franco elevou-lhe o rosto na direção do dele.

– Então, vamos desfrutar dos nossos instantes roubados – afirmou ele, muito alegre. – Vamos beber champanhe, conversar como conversávamos em Montespán, ao jantar. Podes contar-me tudo sobre ti.

Ele avançou para a garrafa que esperava e tirou-lhe a rolha, rindo como um rapaz à medida que enchia os copos até a espuma transbordar.

– Poppy – disse ele –, acho que fui velho a vida toda. Só tu tens a capacidade de me tornar novo.

Ela aceitou o copo, rindo-se muito apesar de ainda não ter bebido nada, regozijada por estar simplesmente com ele outra vez.

– É a nossa festa privada – comentou ela –, a nossa festa de *reunião*, Franco! Tu e eu, juntos outra vez!

Fizeram um brinde, rindo quando o vinho dourado entornou.

– Tu és o champanhe da minha vida – disse ele –, sempre borbulhaste de vitalidade e efervescência...

– Exceto quando estou infeliz – retorquiu ela –, o que, agora, é quase sempre.

Olharam sombriamente um para o outro.

– Quem me dera que não fosse verdade, Poppy – desejou ele.

Ela encolheu os ombros.

– Já tentei fugir a esta tristeza. Durante quatro anos percorri o mundo. Não há um monumento histórico que não tenha visto, um oceano que não tenha atravessado. E – acrescentou com um riso amargo –, nada disso me

interessou nem um bocadinho!

– Ouvi dizer que fechaste o Numéro Seize.

– Há muito tempo. Vendi o conteúdo recentemente. Tu compraste o meu retrato. Foi como soube que podia voltar a recorrer a ti. Como te disse, preciso de ajuda – recordou-lhe ela.

Fez-se um curto silêncio, depois ele disse:

– Estou sempre aqui para te ajudar, Poppy. Fico contente por te teres lembrado. – Franco bebeu rapidamente o seu champanhe, desejando não se sentir a ponto de a esmagar num abraço e implorar-lhe para nunca mais o deixar... Claro que não podia fazê-lo; devia controlar a situação, como sempre fizera. – Deves ter fome – disse ele, tomando-lhe o braço. – Pensei que pudéssemos jantar aqui. É a minha sala preferida, onde mais ninguém pode entrar. Apreciaremos a brisa que entra por aquelas janelas grandes.

Foram colocados lugares numa mesa redonda coberta por uma toalha de caxemira, e um carrinho de servir guinchou sob o peso dos pratos com salmão fresco cozido, camarões rosa, ostras e lagostas, suflés gelados e uma grande taça com figos, melão, cerejas e morangos silvestres.

– É uma natureza-morta, como os teus maravilhosos quadros – gaguejou Poppy –, um banquete medieval digno de um príncipe!

– Então, esta noite, tu és a realeza – declarou ele com um sorriso. – Afinal, é a nossa celebração, não é?

Ele voltou a encher-lhe o copo e deixou-a falar sobre as suas viagens; reparando que as palavras eram ditas com muito entusiasmo, tal como as das mulheres que se encontram sozinhas há muito tempo. Colocou o salmão no prato dela e cortou-o delicadamente em pequenos pedaços, enchendo-o com frutos, cortando os figos de modo a revelar o seu interior rosa suave a rebentar com sucos doces, depois gostou de a ver comê-los. Tentou com toda a força mantê-la longe do seu coração e, no final, quando ela se calou e se limitou a olhar para ele com os olhos grandes e maravilhosamente azuis, ele soube que não era capaz. Ainda a queria mais do que alguma vez quisera outra mulher no mundo.

Em seguida, foram juntos até à janela e olharam para o jardim banhado pelo luar.

– Então – disse ela, olhando-o nos olhos –, nada mudou, Franco?

– Nada mudou – murmurou ele. E, ao tomá-la nos braços, soube que nunca mudaria.

Ela esperou, ainda a tremer por causa dos beijos, enquanto ele pegava no auscultador e dispensava os guardas internos; disse ao mordomo que não precisaria de nada e que não queria ser perturbado. E, quando teve a certeza de que se encontravam sozinhos, pegou-lhe na mão e guiou-a até à escadaria grande.

O quarto dele tinha a simplicidade do luxo absoluto. Preciosos tapetes de seda, cortinados suaves, uma linda e antiga cabeceira trabalhada e um único quadro na parede, a *Madona* de Botticelli. Contudo, depois, Franco abriu uma cortina de veludo para revelar o retrato dela.

– Sabes – sorriu ele –, agora estás sempre comigo. És a primeira coisa que vejo de manhã e a última que vejo à noite.

Ela sentou-se, nervosa, à beira da cama.

– Sei que é tonto, Franco – sussurrou –, mas sinto-me tão ansiosa como uma noiva.

– Então, é isso que serás – murmurou ele, colocando os braços à volta dela.

Porém, o corpo dela disse a si própria que não era a noiva dele, que se lembrava do corpo dele. O vestido de seda deslizou-lhe dos ombros e ela ficou nua tal como ele gostava que ela ficasse, apenas com as cuecas cor de pêssego e as pérolas. Poppy sentiu-o tremer quando os lábios dele foram lentamente da sua garganta até aos seus seios.

– Franco – gemeu ela –, oh, Franco, querido...

Despindo-se, colocou-se ao lado dela, abraçando-a. Ficaram deitados com os corpos unidos, sentindo os corações a bater, depois ele beijou-a outra vez e o desejo de possuí-la, de reclamá-la, tornou-o feroz. Impulsionou dentro dela vezes sem conta, até ela gritar de paixão, atirando a cabeça de um lado para o outro a exigir o momento final.

– Poppy, oh, Poppy – gritou ele enquanto impulsionava dentro dela –, ah, Poppy, meu amor...

Permaneceram deitados e em silêncio durante algum tempo, como viajantes encantados que regressavam de outro mundo e se reorientavam.

– Se soubesses o quanto te amo – disse ele finalmente. – De certeza que agora sabes.

Ela virou-se para o olhar nos olhos; os seus rostos estavam tão próximos que as respirações se misturavam.

– Eu sei – disse ela, simplesmente. – Nunca mudará.

A noite foi passada em momentos de ternura, nos braços um do outro.

– Estar nos teus braços é como estar em casa – sussurrou ela, com amor mais duradouro desta vez, mais prolongado, com ternura e o frenesi da paixão. Quando o sol quente se voltou a erguer no céu de verão tardio, arrancando-os do seu mundo privado para o mundo público, ela implorou-lhe para a deixar ficar. – Não me mandes embora, Franco, ainda não... Vamos fingir só por um momento como costumava ser.

Franco dirigiu-se à janela, nu, abrindo a cortina do seu mundo. De repente, nada daquilo importava; trocaria tudo por uma semana com a mulher que amava.

– Conheço um sítio – disse ele calmamente –, uma antiga *villa*... Há anos que não vou lá e provavelmente está em ruínas e a cair aos bocados. Mas ninguém de lá nos conhece, ninguém se importa. Talvez só por alguns dias...

– Alguns dias – suspirou Poppy –, alguns dias afastados das nossas vidas reais. Quem lá está para se preocupar com isso, Franco?

Ela esperou por ele na biblioteca enquanto ele avisava os seus três principais homens e lhes dizia que estaria fora uma semana, que não saberiam para onde ele iria nem com quem, sem guarda-costas nem carros à prova de bala e armas.

– É uma loucura – avisaram eles. – És o Franco Malvasi, serás reconhecido onde quer que estejas. É demasiado perigoso. – Franco limitou-se a encolher os ombros perante os argumentos deles; pela primeira vez em quase vinte e cinco anos fazia exatamente o que queria, e queria-o apaixonadamente, a qualquer preço.

– Espero que mantenham tudo dentro da normalidade – disse-lhes. – Certifiquem-se de que a casa é vigiada como se eu cá estivesse. Tragam o médico e deixem que se saiba que tenho uma pequena doença e que estou de cama, isso explicará a minha ausência. – Mostraram expressões preocupadas quando ele saiu, mas não se importou. Enquanto conduzia para fora da sua prisão no *De Coumont* comprido, baixo e verde-escuro, tudo o que lhe importava era Poppy.

A *villa* nas colinas de Vicenza tinha um ar frio, branco e degradado sob o manto invasor de plantas verdes.

– Tal como Montespan era – disse Poppy, alegre –, quando a vimos pela primeira vez.

Os pilares a cair que guardavam a entrada eram encimados por pavões de pedra e musgo descontrolado e os portões de ferro com o nome «Villa Castelletto» estavam enferrujados, recusando-se a abrir mais do que um palmo. Rindo-se, encolheram-se ao entrar, percorrendo o caminho de plantas selvagens até ao círculo da frente que expunha um pórtico. De mãos dadas, subiram os quatro degraus largos que davam para as altas portas de carvalho. A maçaneta cedeu sob o toque de Franco e ela olhou para ele, surpreendida.

– O zelador é uma mulher da aldeia. Disseram-lhe para cá vir esta manhã limpar e certificar-se de que havia comida na cozinha. Estás a ver, deixou a chave na fechadura.

O ambiente era deliciosamente frio após o calor lá de fora e, tirando os sapatos, Poppy caminhou descalça através do *hall*, espreitando para dentro das salas. A decoração provavelmente não mudara durante cem anos; havia pesados cortinados de veludo vermelhos com borlas douradas e grandes peças de mobília gótica distribuída entre frágeis armários venezianos pintados e mesas talhadas. O chão era de mármore lá em baixo e de madeira polida lá em cima e os tetos altos estavam pintados com cenas alegóricas de donzelas, pastores e cupidos.

Pensou em Montespán, na casa de campo simples com lembranças falsas de uma vida que nunca existira, e com as suas recordações de tristeza e perda. Uma leve réstia de esperança assolou-lhe a mente; talvez aquilo não fosse apenas por alguns dias, talvez fosse um novo começo...

– Estou esfomeada – disse ela, com os olhos a brilhar de felicidade –, vamos ver o que há na cozinha.

Havia cestos com fruta e vegetais, ovos, massa, pão e vinho. Atando um avental à cintura, Poppy fez omeletas, massa e uma salada, enquanto Franco enchia os copos de vinho e mastigava pão com vontade. Sentaram-se um em frente ao outro na mesa da cozinha, comendo a sua refeição e olhando-se de vez em quando, e elogiando o quanto estava deliciosa.

– É como nos velhos tempos – afirmou Franco com um suspiro satisfeito.

– É melhor – respondeu Poppy –, pois agora conhecemos a verdade sobre nós próprios. – Lembrou-se, de repente, da razão pela qual se encontrava ali e de que não estavam muito longe de Veneza – provavelmente até próximos da Villa d'Oro – pelo que ficou ansiosa por lhe falar da filha de modo a pedir-lhe ajuda. No entanto, não era o momento certo para o fazer. Tinha de

esperar.

Os dias passaram numa sucessão de sonho; tomavam o pequeno-almoço no pátio banhado pela luz da manhã que dava para os jardins verdejantes e, por vezes, depois passeavam pela aldeia para comprarem mantimentos e vinho. Em seguida, dormiam durante a tarde calorenta, nos braços um do outro, ainda quentes e húmidos do amor que haviam feito. As portas enferrujadas do portão recusavam-se a abrir, pelo que o grande carro verde ficava estacionado lá fora, à espera do seu prazer da noite, quando, de banho tomado e novamente frescos, conduziam até um restaurante para um jantar simples de salada, *risotto* e vinho fresco veneziano. A mulher vinha todas as manhãs à casa para fazer a limpeza, mas nunca os via.

– É o fantasma da casa – exclamava Franco, rindo-se quando regressavam a casa e a encontravam imaculada; com as camas abertas e uma garrafa de vidro cheia de água na mesa de cabeceira.

Todavia, eram as noites que Poppy considerava mágicas, afastados da realidade, juntos na poeirenta e opulenta *villa* verde-escura. O suave mundo noturno do lado exterior das janelas abertas parecia tangível como o veludo e a humidade quente do seu corpo, a frescura dos lábios de Franco no seu corpo e o aroma das flores e do seu amor faziam com que ela se sentisse um gato selvagem exuberante. Não queria mais nada a não ser os braços de Franco à sua volta, o corpo dele perto do seu, a respiração dele a misturar-se com a sua.

As noites aromatizadas passaram depressa, apesar de ela se recusar a contá-las. Quase começara a acreditar na leve réstia de esperança que lhe dissera que havia uma vida junta para os dois, que Franco poderia escapar do seu mundo e ela do seu passado quando ele lhe disse:

– Está na altura de regressarmos, Poppy. De volta à realidade.

Estavam na cama. Os lençóis, amachucados por causa do seu amor, tinham sido atirados para trás e eles estavam lado a lado, com as mãos a tocarem-se e os dedos entrelaçados como os corpos tinham estado. O zumbido contínuo e agudo das cigarras preenchia o silêncio que invadia o quarto.

– Afinal – disse ele suavemente –, estes foram os nossos instantes roubados.

– Às vezes, acho que é só isso que temos, instantes roubados. E sonhos – respondeu Poppy, amarga. – Quando éramos novos tínhamos sonhos bons,

sonhávamos que íamos ter tudo. Quando crescemos apercebemo-nos de que só receberíamos pedaços desses sonhos, pequenas partes para valorizarmos aqui e ali. O truque é reconhecer os instantes roubados e desfrutá-los quando os temos e lembrarmo-nos deles. Pois são a única coisa que faz com que a vida seja suportável.

Ele levou a mão ao rosto dela, sentindo as lágrimas quentes e salgadas nos dedos.

– Ninguém consegue ter tudo, Poppy – murmurou, triste.

Ela fechou os olhos para tentar conter as lágrimas, mas elas rolaram-lhe pelas faces até às orelhas e ao cabelo – e até ao rosto de Franco quando ele a apertou contra si. Ela pensou no que ele dissera... «Ninguém consegue ter tudo», e lembrou-se de Angel, a rapariga que ela achava ter tudo, e compreendeu que ele tinha razão. Os sonhos não se realizam.

– Quando temos de ir embora? – perguntou ela, desgostosa.

– Amanhã. – Ele não se dera tempo para pensar naquilo, não se dera tempo para mudar de ideias.

Poppy assentiu, secando as lágrimas a um canto do lençol.

– Então ainda temos esta noite – disse ela, com a voz a tremer ao conter um soluço.

– Sim, temos esta noite, minha querida – disse ele, tomando-a nos seus braços seguros e ternos.

Poppy parecia pálida e preocupada na manhã seguinte, quando Franco fechou as grandes portas de carvalho pela última vez e eles atravessaram em silêncio o caminho de gravilha até ao carro. Ela observou-o sombriamente a meter as malas na bagageira do *De Courmont* e a fechá-la.

– Eu conduzo – disse ele –, tu não pareces com vontade de o fazer.

Ela olhou para trás, por cima do ombro, quando arrancaram; a *villa* parecia igual a quando tinham chegado, fria e misteriosa sob o céu azul e as emaranhadas plantas verdes. Só que agora era diferente, agora continha as suas recordações e os fragmentos quebrados dos seus sonhos.

O carro rondou suavemente a descida das colinas em direção a Verona.

– Vamos até Milão e depois para Génova – disse-lhe Franco, com a voz a soar diferente, mais viva, mais profissional. – Marquei-te lá um hotel para esta noite.

– E, tu? – perguntou ela.

– Eu pedi um carro para me ir buscar.

Poppy compreendeu; ele estava deliberadamente a mudar para o outro Franco, o tal que ela não conhecia.

– Muito bem – concordou ela baixinho.

A viagem que outrora parecera passar a correr, parecia agora longa e cansativa. Chovia quando chegaram a Milão e pararam para almoçar.

– Bolas – murmurou Franco, batendo nervosamente com os dedos em cima da toalha da mesa do restaurante –, a chuva vai atrasar-nos.

Poppy afastou a comida intocada e olhou-o, triste. Parecia que ele mal podia esperar para voltar à sua fortaleza outra vez.

Ela dormitou desconfortável enquanto avançavam através da tarde longa e cinzenta, consciente de que ele se encontrava ao seu lado, contudo, sempre que abria os olhos e o fitava, Franco estava focado na estrada molhada, concentrado na condução e perdido nos seus pensamentos.

Ela acordou sobressaltada de um sono profundo quando o carro parou de repente.

– Estamos quase a chegar a Génova, Poppy – disse ele –, tens de acordar.

– Franco – respondeu ela agressivamente –, não podemos... Não é possível... – As mãos dela estenderam-se e abraçaram-no.

– Não, Poppy – afirmou ele, decidido. – Não vale a pena. Pensa na realidade das coisas. Temos de regressar.

– Eu amo-te, Franco – sussurrou ela, sabendo que era o fim.

– Obrigado – agradeceu simplesmente. Ela reparou que a mão dele tremia ao dar outra vez a volta à chave na ignição e que o rosto parecia tenso e distraído.

Franco conhecia a estrada que procurava, porém, na chuva pesada, era difícil ver exatamente onde ela começava. Conduziu calmamente, verificando os sinais quando estes surgiam; estavam uma hora atrasados e ele sabia que os seus homens ficariam ansiosos. Por fim, viu o brilho de faróis em frente.

– Ali estão eles – disse a Poppy, que dormitava ao seu lado.

Ela lembrou-se que não lhe pedira para a ajudar a encontrar a filha; de alguma forma não tivera tempo... Mas os faróis cegavam-nos; de certeza que Franco não conseguia ver para onde ia.

– Não achas que deviam desligar os faróis agora que já nos viram? –

perguntou ela. Depois, uma chuva de balas assolou-lhes o para-brisas e ela apagou.

O telefone tocou de súbito quebrando o silêncio que invadia a Villa Castelletto. Mike esticou-se para o atender, ainda com a mente em Poppy e em Franco. Pegou no auscultador à espera que Aria estivesse do outro lado da linha.

– *Pronto* – disse ele, sentindo-se muito italiano.

– Mister Preston?

A voz era-lhe vagamente familiar, mas não conseguiu perceber quem era e franziu o sobrolho.

– Sim, é Mike Preston.

– Fala Pierluigi Galli.

– Galli! Mas... – Deteve-se repentinamente; ia dizer: «Mas pensei que estivesse na prisão.»

– Fui libertado... sob fiança – explicou Pierluigi. – Telefonei para o Palazzo Rinardi e Fiametta disse-me que estava aí. Gostaria de falar consigo, Mister Preston. Infelizmente, não posso sair de Villa Velata e, como não posso ir ter consigo, ficar-lhe-ia muito grato se dispensasse um pouco do seu tempo e viesse cá. Não estou muito longe de onde se encontra.

As sobranceiras de Mike ergueram-se de surpresa: primeiro, haviam deixado Pierluigi sair sob fiança – tanto quanto sabia, a polícia não tinha mais suspeitos do homicídio de Claudia; e, segundo, após a terrível reunião

que tinham tido em Nova Iorque ele não conseguia imaginar o que Pierluigi lhe queria dizer. Fora sua opinião que por baixo da fachada tensa de Pierluigi Galli corriam águas muito profundas. O homem era tão sigiloso que poderia ter sido contratado como exemplo do espião perfeito. Ainda assim, queria falar e Mike ia de certeza ouvi-lo – ainda que estivesse a cair um nevão lá fora.

– Dê-me as direções – pediu ele. – Vou para aí assim que puder.

A viagem durou quatro horas debaixo de neve e Mike não dormira – ficara toda a noite acordado com Poppy, tinha frio e sentia-se cansado e esfomeado quando finalmente chegou à Villa Velata. Estacionou o carro e ficou um minuto a olhar para a casa. A montanha coberta de neve fazia-lhe sombra, as persianas estavam fechadas e a humidade invadia o estuque castanho; era o sítio mais despretensioso que Mike alguma vez vira, pelo que pensou se Pierluigi não tinha trocado uma prisão por outra.

Foi o próprio Pierluigi que atendeu a campainha.

– Ninguém quer trabalhar na *villa* – explicou ele a Mike com um desmaiado sorriso sardónico – desde que Claudia morreu. Por isso, como vê, tenho de me desembaraçar sozinho.

Mike olhou-o, sobressaltado; não pensara que pudessem ficar sozinhos, afinal, aquele homem era acusado de homicídio.

– Não se preocupe – disse Pierluigi tranquilamente –, não vou matá-lo, Mister Preston, só quero falar consigo.

Levou Mike até ao escritório. Uma grande escrivaninha estava encostada à parede; as suas gavetas tinham sido abertas e havia pilhas de papéis por todo o lado.

– Peço desculpa pela desarrumação – disse ele –, mas continuo à procura de provas que comprovem a minha reivindicação de que sou o herdeiro legítimo de Poppy Mallory. Sente-se, Mister Preston. Uma bebida? Provavelmente precisa de uma após a longa viagem. Hoje está muito frio lá fora, apesar de a temperatura aqui dentro não parecer muito mais elevada!

Atirou outro tronco para a lareira que ardia e Mike observou-o secretamente. Apesar do recente encarceramento, Pierluigi estava impecavelmente vestido como da última vez em que o vira; uma camisa branca imaculada, fato escuro, gravata simples de seda... De luto pela irmã Claudia? Contudo, o período passado na prisão deixara as suas marcas: estava magro, o fato feito à medida ficava-lhe largo e a mão tremia quando

serviu as bebidas.

– E já encontrou as provas? – perguntou Mike bebericando o uísque e esperando que este alcançasse os seus dedos gelados.

– Ainda não. – Pierluigi fitou-o. – Queria muito fazer-lhe a mesma pergunta.

Mike olhou para o líquido cor de âmbar que tinha no copo; era um copo lindo, requintado mas pesado – quem quer que o tivesse comprado tinha bom gosto.

– Se tivesse – respondeu calmamente –, não poderia dizer-lhe.

Pierluigi suspirou.

– Mister Preston – disse ele, escolhendo as palavras com cuidado –, estaria mais do que disposto a ser tremendamente generoso com o homem capaz de provar que eu e a minha irmã somos os verdadeiros herdeiros.

Mike olhou para ele, surpreendido.

– Digamos que, metade da fortuna de Poppy? – sugeriu Pierluigi.

Mike pousou delicadamente o copo na mesa e levantou-se.

– Acho que é melhor ir andado – retorquiu ele friamente.

Pierluigi suspirou.

– Isto não é bem o que parece, e é importante para mim, Mister Preston.

– A fortuna de Poppy parece ser importante para um grande número de pessoas – referiu Mike, encaminhando-se para a porta –, mas isso não quer dizer que necessariamente lhes pertença.

Os dolorosos olhos escuros de Pierluigi encontraram os dele do outro lado da divisão.

– Sabe – respondeu –, se fosse decidido que eu e a minha irmã somos, de facto, os herdeiros Mallory, gostaria que o dinheiro fosse usado para criar uma fundação em sua memória, uma associação de caridade para ajudar os jovens... a irem para a faculdade. É a educação que nos salva, Mister Preston. É simplesmente no poder privado da mente que somos, por fim, libertados.

Mike abanou a cabeça, confuso.

– Não há nada que eu possa fazer para o ajudar – retorquiu.

Pierluigi acompanhou-o à porta em silêncio e os cumprimentos foram breves. Mike olhou uma vez para trás enquanto o carro se afastava; a porta já estava fechada e a casa isolada, sempre na sombra, pareceu ainda mais sinistra e secreta.

Pensou no que acabara de acontecer. Pierluigi oferecera-lhe um suborno – um enorme suborno – para deitar as mãos à fortuna de Poppy e, todavia, ainda que os seus negócios precisassem rapidamente de financiamento, não queria o dinheiro para si. Estava disposto a dá-lo. Porém, Pierluigi também era um assassino acusado; talvez achasse que já não precisava do dinheiro... Tudo o que queria era um monumento a Claudia. Mas, se amava assim tanto a irmã, porque a matara? Mike lembrou-se dos olhos assustadores de Pierluigi. Talvez não houvesse motivo, a não ser que amasse a irmã em demasia – ou demasiado bem?

Estava escuro quando chegou de novo à Villa Castelletto, que, se já era fria, estava agora gelada. Precisava de uma bebida e tinha muita fome. Preparando a habitual sandes de fiambre e queijo em pão estaladiço, besuntou-a com mostarda e agradeceu silenciosamente a Lieber por dar instruções aos zeladores da *villa* para a manterem quente.

Comeu de pé junto à mesa da cozinha, bebendo o vinho tinto que gostava enquanto os seus pensamentos regressavam mais uma vez a Poppy. Quase tinha medo de descobrir o que lhe acontecera, tal como a Franco.

Terminou a sandes, pegou na garrafa de vinho e levou-a lá para cima. O papagaio piscou os olhos na gaiola quando ele acendeu o candeeiro e Mike sorriu-lhe.

– Desculpa, *Luchay* – disse –, não queria assustar-te. Aposto que também tens fome. Toma lá. – Encheu o pratinho do papagaio de sementes e riu-se. A solidão da Villa Castelletto devia estar a afetá-lo; falava com o papagaio da mesma forma que Poppy devia ter falado.

Atirou um fósforo para a lareira que o zelador deixara acesa, estendendo as mãos durante um momento na direção das chamas. A coleção de cadernos de Poppy estava em cima da bonita secretária, à sua espera. Deixou o papagaio sair da gaiola e este voou para as costas da sua cadeira quando ele se sentou e começou a ler.

– Tal como nos velhos tempos, não é? – disse Mike.

1932, ITÁLIA

O inimigo de Franco planeava tudo muito bem; não andava atrás de novo território, só queria resolver uma questão antiga. A vingança por vezes tinha de esperar um longo período de tempo no mundo deles, pois lá por o tempo passar não queria dizer que estivesse esquecido. Por vezes, uma ferida aberta permanecia aberta – até a morte a fechar.

Os melhores homens da Família Malvasi demoraram poucas horas a descobrir quem fora o autor do ato e alguns dias a planejar a própria vingança. O corpo de rosto fino e fato impecável do Dottore foi encontrado a flutuar na baía de Nápoles, a cicatriz enrugada que ia do olho ao lábio fazia com que a cara inchada parecesse ainda mais grotesca na morte do que fora em vida. Tinha sido expulso da Família Malvasi há vinte anos por algo que Franco julgara como violência desnecessária. Esperara pacientemente por uma fenda na armadura de Franco. E finalmente encontrara-a.

O Dottore subornava há muitos anos um dos criados da *villa*, pelo que conhecia as movimentações de Franco. Quando ouvira dizer que ele se tinha ido embora – sozinho –, percebera que, finalmente, tinha a sua oportunidade. E, quando o seu espião lhe dissera que o carro ia buscar Franco na estrada à saída de Génova, dirigira-se lá e estacionara a um quilómetro do ponto de encontro, na mesma estrada. Esperara que fosse difícil; teria de disparar contra Franco enquanto ele conduzia, mas a chuva ajudara-o. O Dottore fora forçado a ligar as luzes dos faróis perante a

terrível tempestade e, supondo que se tratava do seu próprio carro, Franco abrandara. Fora um alvo fácil. O único erro de cálculo consistia no facto de ele esperar que Franco estivesse no lugar do pendura, para onde direcionara as balas.

Franco pensara que era o fim. Vidros partidos voaram-lhe para a cara e uma bala raspou-lhe a cabeça. Sentiu metal quente queimar-lhe o peito e ouviu Poppy gritar ao seu lado. O carro deslizou na estrada molhada e, com sangue a escorrer-lhe pelo rosto e a terrível dor aguda no peito, esforçou-se para o imobilizar de modo a não capotar na margem; parou quando as rodas da frente tocaram na valeta. Os faróis do carro que esperava baixaram e brilharam quando o motor foi ligado e Franco lembrou-se de ouvir os pneus guincharem à medida que este se afastava. Depois, tudo ficou em silêncio e a noite tornou-se mais escura enquanto ele caía, inconsciente, em cima do volante.

Perdeu a noção do tempo, não fazia ideia se tinham passado minutos ou horas. Tudo o que percebeu, ao voltar a si, foi a dor aguda nos pulmões e o sangue quente que lhe gotejava da têmpora. Depois, lembrou-se de Poppy.

– Deus, oh, Deus, mas o que lhe fizeram? – gemeu ele, estendendo a mão para lhe tocar. Tocou-lhe no braço; estava quente e conseguiu sentir o sangue pegajoso, contudo, estava demasiado escuro para ver o que quer que fosse. Remexeu desesperadamente na chave da ignição, querendo ligá-la, querendo acender as luzes... Os faróis acenderam repentinamente, iluminando a sebe e o painel de controlo brilhou com a cor verde. Podia vê-la – e quase desejou não tê-lo feito. Ela estava meio sentada, meio deitada no seu assento, tal como estivera quando ele a acordara para lhe dizer que estavam quase a chegar. Quando se virara para falar com ele, as balas haviam-lhe raspado o lado direito da cabeça e do corpo.

– Oh, minha querida – gemeu ele, tocando-lhe no lindo cabelo empapado de sangue. Colocou a mão no peito dela e sentiu o bater desmaiado do seu coração... Estava viva, mas precisava imediatamente de ajuda.

Franco cambaleou para fora do carro, olhando selvaticamente em volta, para a noite. O seu assassino ainda podia estar escondido à beira da estrada, à espera de atacar. Mas tudo o que importava era ajudar Poppy. Cambaleou determinado em direção à noite, levando um lenço de papel à ferida que

tinha na cabeça, respirando com dificuldade enquanto a bala lhe queimava os pulmões.

Os guarda-costas de Malvasi tinham estado a patrulhar o local onde o carro o esperava, a quase um quilómetro de distância, quando ouviram o som de tiros através da tempestade. Entraram logo para dentro do carro, conduzindo na chuva sem faróis, em direção ao sítio do tiroteio. Foi um milagre não terem atropelado Franco quando este se colocou em frente ao carro no meio da estrada.

– Ajudem – gemeu ele quando correram na sua direção –, ajudem-na. Por favor, ajudem-na.

As freiras do Hospital da Cruz Vermelha de Génova estavam habituadas a tratar todo o tipo de pacientes e também a rezar por eles, no entanto, na sua capela privada, de dia e de noite, rezavam mais arduamente para que o barão do crime Franco Malvasi e a mulher que ele trouxera, mais viva do que morta, fossem perdoados.

Franco tinha duas feridas de bala na cabeça, porém, em ambos os casos, elas haviam apenas passado de raspão, estilhaçando o osso mas não penetrando no cérebro. No entanto, cirurgiões especializados passaram quatro horas a remover os fragmentos no osso do crânio e outra equipa de médicos altamente qualificados removeram-lhe a bala do pulmão esquerdo e tentaram minimizar o dano. Em poucos dias já se sentava na cama do hospital, cheio de ligaduras e fraco, perguntando por Poppy.

– Ela está gravemente ferida – disseram-lhe. – Só o tempo e Deus têm a resposta.

Uma bala penetrara-lhe no lado direito do cérebro, não profundamente mas o suficiente para causar estragos. Outras balas tinham atingido o seu braço direito e o ombro, porém, como ela se encontrava de lado, protegera inconscientemente o corpo com os braços e nenhum dos órgãos vitais tinha sido atingido. Havia uma probabilidade de sobreviver, diziam eles, mas ainda ninguém sabia se o cérebro ficara danificado.

Não deixavam que ele a visse.

– Ela está demasiado doente para perceber que o senhor está lá – diziam-lhe – e o senhor também está demasiado doente para ir.

Franco ordenou que colocassem guarda-costas junto à porta de dia e de

noite, mas as freiras não permitiram.

– O hospital é a casa de Deus – afirmavam elas, lamentando –, salvamos vidas, não as tiramos. Não haverá armas nem violência aqui dentro. – Mas não fizeram qualquer tentativa para retirar os homens de Franco do quarto; compreendiam que o risco era demasiado grande.

Duas semanas mais tarde, quando disseram a Franco que ele teria alta do hospital, Poppy ainda não abrira os olhos, não se mexera e não falara. Ele foi vê-la, levando uma gardénia na mão. Ela estava deitada na cama, com a cabeça completamente ligada. Os seus olhos estavam profundamente fechados e ele conseguiu ouvi-la a respirar. Foi estranho, vê-la ali diante de si, quando, ao mesmo tempo, ela não se encontrava ali. Quem sabia por onde Poppy vagueava nos seus sonhos? Colocando a gardénia em cima da almofada, Franco beijou-a suavemente e deixou-a a sonhar.

Recusou sair do hospital até ela acordar e ele ter a certeza de que estava bem.

– Mas, *signore* – protestaram elas –, não pode ficar aqui. Precisamos do quarto...

– Deixem-me ficar – pediu ele – e prometo que no ano que vem o vosso hospital terá uma ala nova com mais cem quartos!

Aconteceu três semanas antes de Poppy abrir os olhos. Ele estava sentado junto à cama dela e ela olhou-o pouco nitidamente.

– Franco? – perguntou. A voz era fraca e áspera, mas reconhecera-o.

Franco sorriu-lhe.

– Vai ficar tudo bem, Poppy. Vais ver, tudo vai ficar bem. Em breve ficarás melhor. Depois poderás ter o que quiseres. Basta dizeres.

Ela sorriu.

– Gardénias – disse.

Ele encheu o quarto dela de flores até as freiras protestarem e dizerem que o aroma avassalador era demasiado.

Poppy ficava um pouco melhor de dia para dia, mas, quando os médicos disseram a Franco que demoraria muito tempo, meses, talvez até um ano, ele transferiu-a para uma clínica de Nápoles numa ambulância especial.

Encheu a suíte dela de flores, livros, camisas de noite e roupões bonitos, um espelho prateado para que pudesse ver o progresso do seu pobre cabelo

curto, fora rapado quando a operaram; deu-lhe presentes de todo o género e ia vê-la todos os dias, monitorizando pessoalmente o seu progresso junto dos médicos.

– Há alguns danos residuais – disseram-lhe –, mas a *signora* teve muita sorte; a bala não perfurou a zona do cérebro que afeta o movimento, pelo que não há paralisia. Mas ficará com a memória afetada... Ainda não sabemos quão drasticamente. A propósito, ela não tem recordação nenhuma do acidente. Acha que o carro derrapou na chuva e que era ela que ia a conduzir. Seria sensato não a contrariar.

Poppy recuperou mais rapidamente do que o previsto e, dois meses depois, disseram-lhe que podia ir para casa.

Franco sentou-se na cama dela, desejando mantê-la ali nem que fosse só por mais uma semana. Mas era altura de a deixar partir.

– O que queres fazer? – perguntou ele.

Ela sorriu-lhe, parecendo uma rapariguinha com o seu novo cabelo curto.

– Ir para casa – disse simplesmente.

– Para Montesper?

– Montesper? Ora, claro que não, para Villa Castelletto. – Franziu o sobrolho, confusa. – Não é essa a nossa casa, Franco?

Ele assentiu seriamente.

– Acho que sim.

– Penso sempre nela como a minha casa – disse ela, perplexa –, mas, enfim, ultimamente ando tão confusa.

– É tua, Poppy – respondeu ele. – O que desejares é teu.

Os seus ingénuos olhos azuis ficaram de repente astutos outra vez.

– Tu? – disse ela ternamente.

Ele sorriu.

– Essa é a única coisa que tenho de te recusar.

– Então é adeus, Franco.

– Desta vez é adeus.

Ela não pareceu ouvi-lo.

– Tenho de ir primeiro a Montesper – gemeu –, buscar o *Luchay*. O meu querido, como fui capaz de me esquecer dele? E ver se o Rogan já regressou.

– O Rogan?

Os olhos dela abriram ao olhá-lo com malícia.

– O que foi? – murmurou, vagamente. – O pobre *Luchay* deve estar a sentir-se sozinho. Eu detesto sentir-me sozinha. Vou lá buscá-lo e depois vamos para a *villa* de vez. – Sorriu-lhe docemente. – Há algo de muito satisfatório nestas palavras, Franco. «De vez, para sempre...»

Ele olhou-a, triste; num instante ela era a sua antiga Poppy, no instante seguinte era como a peça perdida de um *puzzle* enquanto os seus pensamentos e recordações lhe deslizavam do cérebro e fugiam ao seu controlo. «Que Deus me perdoe», disse ele, «silenciosamente, pelo que lhe fiz.»

1932, FRANÇA

Angel estava sentada no jardim da Villa d'Oro quando leu o cabeçalho do jornal: TENTATIVA DE HOMICÍDIO DE FRANCO MALVASI, BARÃO DO CRIME. No entanto, foram as últimas palavras que lhe chamaram a atenção. *Malvasi estava na companhia de uma mulher que ficou gravemente ferida na chuva de balas. Foi identificada como sendo a Signora Poppy Mallory.*

O jornal caiu na relva quando a imagem do corpo de Poppy perfurado de balas lhe veio à mente, e enterrou o rosto nas mãos, cheia de pena e tristeza. Porque estava Poppy com um homem daqueles? Já toda a gente ouvira falar nele, todos sabiam o que era...

– Oh, Poppy, Poppy – gemeu ela. – Tínhamos tanto, como pode tudo ter terminado assim?

Impulsivamente levantou-se, devia ir ter com ela, não podia simplesmente deixá-la ali, sozinha, e talvez a morrer... Afinal, tinham-se amado como irmãs... Pegando no jornal, viu que Poppy se encontrava no Hospital da Cruz Vermelha, em Génova... Iria para lá imediatamente.

– Mamã? O que estás a fazer aqui fora, sozinha? – perguntou-lhe a filha Helena do outro lado do relvado, pelo que Angel ergueu automaticamente o braço em resposta. Por vezes, a voz de Helena parecia quase normal; lia muito bem os lábios e, se visse uma pessoa, sabia sempre o que ela estava a dizer, no entanto, quando cresceu, a sua recordação dos sons diminuiu e agora, com trinta e três, a maioria das suas palavras era mera aproximação

dos padrões vocais corretos. Agora, só Angel e Maria-Cristina compreendiam realmente o que Helena dizia e a sua frustração, pois sempre que iam às compras ou almoçar fora ela ficava infantilmente zangada e com lágrimas nos olhos. Como era tão bonita, alta e loira, com divinos olhos azuis – profundos como as grutas do mar e encantadoramente inocentes –, as pessoas viravam-se para olhar para ela, dirigindo olhares solidários à mãe.

O problema era Helena ter a mentalidade de uma criança; a determinação de Angel em protegê-la do desprezo doloroso por ser diferente das outras crianças não só a isolara como a retardara. Helena nunca fora à escola como Maria-Cristina; ficara em casa ao lado da mãe, e durante anos Angel agarrara-se ao pretexto de que não havia nada de errado. Sorria quando as pessoas olhavam para Helena, confusas, explicando que se tratava de uma criança muito tímida; respondia às perguntas que Helena não conseguia ouvir; enquanto criança nunca permitira que ela fosse a festas nem, mais tarde, a bailes de adultos, dizendo que ela era demasiado «frágil». Recusara-se a permitir que Helena crescesse. Quando finalmente deixaram Felipe e Aleksandr e regressaram à Califórnia, Helena, de doze anos, era tão dependente como uma criança de seis.

No Rancho Santa Vittoria, Rosalia reparara no que estava a acontecer e avisara Angel. Pensara, compassivamente, que Angel era demasiado protetora por ter perdido o filho. Helena passara de uma criança doce para uma adulta infantil, ainda isolada de uma vida normal, embora feliz e apaparicada no seu pequeno mundo onde todos a compreendiam e amavam. Nunca sequer conhecera alguém fora do círculo familiar Abrego/Konstant e amigos, a não ser médicos e especialistas a que continuava a recorrer para fazer tratamentos, e Angel culpar-se-ia para sempre por não ter reparado no que lhe acontecia.

Helena atravessou o relvado a baloiçar preguiçosamente a raquete de ténis. Envergava um vestido branco curto e as suas pernas nuas estavam bronzeadas pelo sol. Era tão graciosa, pensou Angel, triste, caminhava como uma bailarina... E talvez pudesse ter sido uma, se ela não a tivesse protegido tanto por causa dos seus medos estúpidos.

– Mamã? Porque não vens ao corte de ténis ver-me? Prometeste que virias... Senti a tua falta, mamã – acrescentou, mas as suas palavras eram apenas uma mistura de sons discordantes.

– Desculpa, querida. Estava só a ler o jornal e perdi completamente a noção do tempo. Vou já.

– Já é tarde, a Maria-Cristina aborreceu-se. Já não quer jogar mais.

O que era muito típico da sua outra filha, pensou Angel, tinha a capacidade de atenção de uma borboleta – e um estilo de vida semelhante, pousando de homem em homem como uma borboleta pousa de flor em flor.

Maria-Cristina namoriscara toda a pequena sociedade de Santa Barbara e depois mudara-se para São Francisco. Fora considerada a debutante mais popular de 1916 e, no final da temporada, ficara noiva de um dos rapazes mais apetecíveis entre os jovens solteiros. Três meses mais tarde, rompeu o compromisso e iniciou uma carreira de festas e noivados que durou até ela ter vinte e cinco anos e todos lhe dizerem que já era demasiado velha para casar, que já estava ultrpassada.

Fizera uma pausa suficientemente longa na sua busca impetuosa de felicidade para perceber que o que lhe diziam era provavelmente verdade. Num mês voltou a ficar noiva do devoto rapaz que a pedira em casamento quando ela tinha apenas dezoito anos. Casaram três meses depois com toda a pompa e circunstância e quatrocentos convidados dançaram no seu casamento. Contudo, Maria-Cristina não vira nenhum motivo para o marido interferir na sua habitual ronda de festas e namoricos, pelo que a única diferença que o casamento lhe parecia ter provocado era o facto de agora dar festas na própria casa. A devoção do seu jovem marido começou a diminuir, mas ela troçava dos seus pedidos para assentar e se comportar como uma mulher casada responsável. O divórcio, que aconteceu três anos mais tarde, provocou um escândalo que precisou de um ano para findar.

A vida de Maria-Cristina transformara-se na de uma mulher solteira sem preocupações; agia como se não tivesse um único problema no mundo. Mas também não tinha um homem para se preocupar consigo. Até conhecer Bill Aston.

Bill tinha quarenta anos e era um solteiro rico da Costa Este. Possuía um apartamento em Manhattan, uma casa de férias em East Hampton e uma antiga casa de família veranil junto ao oceano, em Palm Beach, para onde ia jogar polo. Tinha uma educação esmerada e era sofisticado e, pela primeira vez, Maria-Cristina ficou impressionada. Depois de casarem, Angel pensou com alívio que, por fim, a filha crescera.

Durante algum tempo, Maria-Cristina interpretou o papel da requintada

dona de casa da Costa Este; parecia gostar de dar pequenas festas chiques em Manhattan, dos almoços de caridade em East Hampton, dos jantares elegantes em Palm Beach, e apreciava a sua nova fama social de «linda e elegante Mrs. Bill Aston». Parecia o casamento perfeito – até ter o bebé: Paul.

Dois meses mais tarde, telefonara a Angel a dizer que voltaria para Itália – Bill pedira-lhe o divórcio. Com esperança de que eles pudessem resolver as coisas, Angel perguntara-lhe o que tinha acontecido, mas Maria-Cristina limitara-se a encolher os ombros.

– O mesmo de sempre, mamã – suspirara, cansada –, aborrecimento.

Quando Aleksandr se recusou a herdar o título após a morte de Felipe, Paul, de sete anos, era o próximo na linha de sucessão, pelo que se tornou Paolo, o Barão Rinardi. Mas o facto de ter uma criança para cuidar parecia não fazer grande diferença na vida selvagem de Maria-Cristina; como sempre, limitava-se a encolher os ombros perante as responsabilidades. Nunca cuidava realmente dele, quem o fazia era Fiametta.

«Sou tão culpada como Poppy», pensava Angel, resignada. «Não fui bem-sucedida como esposa e parece que não sou bem-sucedida como mãe. Tudo o que sempre dei aos meus filhos foi amor, mas parece não ter sido suficiente.» Lembrava-se de Poppy como a vira da última vez – magra e ainda elegante mesmo com uma saia de linho, botins e o *sombrero* preto que usava sempre quando cavalgava. Pensou na pergunta que Poppy lhe fizera e que ela se recusara a responder. «Oh, Poppy», pensou, triste. «Não percebes? Não importa que filha era a tua. Já não te pertencem a ti nem a mim... São do mundo.»

Nessa noite, quando foi para a cama, rezou, como fazia sempre, por Aleksandr, Helena e Maria-Cristina, porém, desta vez, incluiu uma oração para Poppy, pedindo a Deus que a guiasse. Deveria ir ter com Poppy como o coração lhe dizia para fazer? Ou seria que a prioridade ainda era a segurança do seu segredo? Mas não lhe caiu nenhuma resposta do céu e, no final, teve de tomar a decisão sozinha. Sabia que não podia arriscar-se a ver Poppy outra vez. Só poderia dar mau resultado.

1933, ITÁLIA

A quinta parecia abandonada e negligenciada quando os trabalhadores chegaram a Montespán e empacotaram as coisas. Ignoraram *Luchay*, agachado no seu poleiro, à medida que enchiam caixotes com quadros, relógios, vasos, pratos e livros e cestos com flores secas. Os astutos olhos redondos do papagaio pestanejavam nervosamente enquanto eles carregavam as bagageiras com a vasta coleção de roupas e objetos pessoais de Poppy, rindo quando o pássaro gritou de raiva quando o atiraram para a sua gaiola, tapando-a com um pano e afastando a luz.

O caminhão reboou por França e Itália. De vez em quando, parava e eles atiravam-lhe uma taça de sementes e água para dentro da gaiola, apesar de nunca tirarem o pano, e o papagaio ficava simplesmente agachado no seu poleiro, tornando as penas fofas e escondendo a cabeça por baixo da asa, com medo. Finalmente, o caminhão parou e as grandes portas abriram.

– *Allons-y* – gritou o musculado condutor francês, tirando sem cuidado a gaiola do papagaio lá de dentro.

Enquanto o homem a transportava, baloiçando-a violentamente ao subir a escadaria curvada, o papagaio ergueu a cabeça incerta, como se escutasse a voz familiar de Poppy, mas tudo o que ouviu foi o som de grande atividade: o varrer de uma vassoura no chão, o barulho de uma esfregona molhada no chão de mármore, o guincho de um pano no vidro de uma janela e o som de passos pesados. Sentiu o cheiro a tinta fresca e a sabão... e o aroma doce e

familiar a gardénias.

– O que temos aqui? – perguntou a voz de uma mulher. O pano de linho foi retirado e o papagaio pestanejou perante a repentina luz solar, batendo as asas cheio de medo.

– Oh, pobre criatura, está tão assustada! – exclamou a mulher, abrindo a porta e estendendo-lhe a mão, mas *Luchay* afastou-se, percorrendo o poleiro até à ponta mais longínqua da gaiola.

– Deixe-o – disse Franco, calmamente –, ele só gosta da Poppy. Por agora, certifique-se de que tem comida e água e de que é deixado em paz.

Colocaram a gaiola de *Luchay* e o seu lindo poleiro cheio de joias junto à janela aberta de um grande quarto ensolarado. Os homens trabalhavam no jardim lá fora, arrancando as ervas daninhas e recriando os relvados. Os aromas do jardim misturavam-se com o das gardénias e o pássaro olhou inquisitivamente, erguendo a cabeça de um lado para o outro, ouvindo os ruídos dos outros pássaros e o ladrar de um cão pequeno. Uma ambulância branca e comprida com uma cruz vermelha de lado parou suavemente junto aos degraus e Franco apressou-se a ir ajudar enquanto levavam Poppy numa maca para dentro de casa.

– Já estamos em casa? – perguntou ela numa voz clara quando eles a puseram no quarto.

Luchay sacudiu as penas.

– Poppy *cara*, Poppy *chérie*, Poppy querida! – gritou ele, agitando as asas, excitado.

– *Luchay*? És tu, finalmente? – disse ela. – Ah, vem cá, meu querido, vem a mim... – Franco levou a gaiola até à cama onde eles a tinham deitado num molho de almofadas de linho branco e fresco e o papagaio adejou instavelmente na sua mão estendida.

– Poppy, Poppy... Poppy... – murmurou ele.

– Também tive saudades tuas, *Luchay* – disse ela suavemente. – Preciso de ti, meu amigo.

A voz de Poppy parecia cansada, a sua cabeça rapada estava coberta por uma nova e farfalhuda camada de cabelo cobre e âmbar e uma feia cicatriz vermelha que ia desde a têmpora direita até ao crânio. As maçãs do seu rosto estavam gravemente salientes e os seus olhos azuis encovados e cansados e até as sardas pareciam ter desvanecido na brancura translúcida da sua pele. Os dedos ossudos que acariciavam a asa do papagaio tremiam

como se nunca parassem.

Uma mulher num uniforme sussurante e engomado com avental branco aproximou-se da cama e Franco disse-lhe:

– Poppy, a enfermeira está aqui para cuidar de ti. Certificar-se-á de que tens tudo o que precisas.

– Preferia estar sozinha – respondeu Poppy, exausta. – São demasiadas enfermeiras e demasiados médicos... Pede-lhe para se ir embora.

– Ainda não, Poppy, ainda precisas de ajuda.

Pegando-lhe na mão, Franco olhou-a com uma mistura de ternura e tristeza nos olhos.

– Vou deixar-te descansar agora. Voltarei para te ver quando te sentires mais forte.

– Estou em casa, Franco? – perguntou ela, com os olhos a fecharem, cansados.

Ele assentiu.

– Agora, estás em casa, Poppy – disse ele, inclinando-se para lhe dar um beijo na face.

Pela primeira vez em semanas, Poppy estava calma e apática, mas com a chegada da primavera parecia sentir-se mais forte, aventurando-se finalmente a ir lá para fora. *Luchay* agachava-se no seu ombro à medida que ela deambulava hesitantemente através dos novos jardins imaculados, com lágrimas a correrem-lhe pelas faces.

– Isto não é a nossa «casa», *Luchay* – chorou ela –, o jardim da nossa casa era emaranhado, verde e misterioso... Era um lugar especial. Porque estamos aqui? Este não é o nosso lar.

A enfermeira veio a correr; parecia ansiosa e, mais tarde, ligou a Franco. No dia seguinte ele veio vê-la. Reparara que às vezes Poppy lhe dava as boas-vindas com um olhar alegre e noutras limitava-se a olhar para ele, confusa, como se fosse um estranho a perturbar a sua quietude.

Naquele dia, Poppy estava insolente e autocrática.

– Mande os jardineiros embora – disse ela abruptamente. – Não quero relvados nem roseirais impecáveis. Quero ervas daninhas e trepadeiras verdes altas para esconderem coisas. – Os olhos dela pareciam novamente confusos. – Não é este o local, Franco? – perguntou. – Não é isto a nossa

«casa»? Pensava que era...

– Não te preocupes – consolou ele –, será exatamente como desejares. O que quer que te faça feliz, Poppy.

A pessoa seguinte a ser despedida foi a enfermeira.

– Já não preciso de enfermeira nenhuma – disse ela a Franco quando ele veio a correr para a *villa*. – Além disso – acrescentou com o olhar matreiro e sabedor nos olhos –, ela não é a minha enfermeira. É a minha *guarda*.

Ele assentiu.

– Tens razão – disse –, já estava na altura de ela se ir embora.

Na semana seguinte, apareceu uma nova «governanta» que também não durou muito tempo.

– Não precisamos destas pessoas todas à nossa volta – suspirou Poppy a *Luchay* enquanto a viam a ir-se embora através do caminho, de mala na mão. – Ficaremos juntos sozinhos, *Luchay*, só tu e eu. Até o Rogan voltar para casa.

O verão deu lugar ao outono e o outono deu lugar ao inverno. Franco veio vê-la no Natal com o grande carro carregado de lindos embrulhos que ela nunca chegou a abrir. Recusava-se a falar com ele e limitava-se a ficar o dia todo sentada em frente à lareira, a olhar para as chamas. No entanto, apesar de tudo, ele ainda vinha vê-la uma vez por mês.

À noite, Poppy comia uma refeição simples preparada para ela por uma mulher que vinha da aldeia e bebia um copo de vinho. Em seguida, subia lentamente as escadas até ao seu quarto, sentava-se à secretária e começava a escrever.

– Às vezes sei tudo, *Luchay* – disse ela, olhando para as palavras tristemente escrevinhadas – e às vezes não sei nada. Pensei que, se anotasse tudo, poderia captar as minhas recordações e, quando me esquecesse, elas estariam aqui para me lembrar.

Na vez seguinte em que lhe disseram que Franco ia visitá-la, ela deu-se a um grande trabalho para parecer bonita. O seu lindo cabelo vermelho vivo, pintalgado nas têmporas por cabelos brancos, voltara a crescer e ela lavou-o e penteou-o até brilhar, prendendo-o em cima com os ganchos em forma de estrela. Procurou nos vastos *armoires* que guardavam um quarto de século de roupa até encontrar o vestido de cetim cinzento-claro com a grande faixa cor-de-rosa que envergara para o retrato. Como sempre, usava as pérolas e arrancou uma das gardénias das dezenas de plantas que cresciam no jardim,

oferecidas por Franco, fosse verão ou inverno.

Quando ele chegou, ela estava junto à janela do salão ornamentado, à espera dele, com a cabeça inclinada para o lado, um sorriso nos lábios e uma gardénia na mão.

– Franco – disse ela claramente –, quero que vejas uma coisa. Aproxima-te, querido. Olha para mim.

Luchay movia-se, agitado, no seu poleiro enquanto Franco caminhava devagar na direção dela, com o rosto tão cinzento como o vestido.

– O que foi, Poppy? – perguntou ele. – Porque estás assim vestida...?

– Não estou parecida com o retrato, Franco? – perguntou ela, suavemente. – Fui aquela mulher pintada por Sargent. Mas agora, olha... Vês a cicatriz no meu crânio? E, aqui, este traço de carne viva no meu pescoço? E aqui, nos meus ombros? E ao longo do meu braço... Tenho outras cicatrizes, Franco, mas não consegues vê-las. Ninguém consegue, só eu. Mas, sabes, já não sou a mulher do retrato. Essa desapareceu, Franco, para sempre. Para ti, a realidade não é esta concha de mulher meio endoidecida que envelhece... É a mulher do retrato que está pendurado na parede do teu quarto. Essa recordação é *real*, Franco. Fica com ela. A outra desapareceu para sempre. Libertou-te.

– Poppy – gemeu ele, desgostoso –, não sabes o que estás a dizer.

– Oh, sim, Franco, querido, hoje sei. Não quero que voltes aqui. Por favor, Franco. Diz-me adeus por agora, enquanto a recordação do que fomos ainda permanece. Depois, deixa-me na minha solidão e no meu mundo meio confuso. Sabes, já não preciso de ninguém.

Franco inclinou-se para lhe beijar a mão, depois, com um soluço engasgado virou-se e saiu rapidamente do quarto. A gardénia que ela segurava, com as pétalas suaves a murcharem assim que fora arrancada da árvore, caiu no chão inadvertidamente.

Passado um instante, Poppy caminhou lentamente pelo salão vermelho e dourado, atravessou o corredor de mármore vazio e, levantando graciosamente as saias compridas, subiu a grande escadaria curvada sob a cúpula pintada com ninfas e cupidos e voltou para o quarto.

– Agora somos só tu e eu, *Luchay* – disse ela, cansada – e o passado, pois nunca nos deixará. – Um franzido confuso assolou-lhe o rosto. – Só há mais uma coisa a fazer. Se ao menos me lembrasse o que é...

Recordou-se de uma coisa mais tarde... Teria sido na semana seguinte ou

no ano seguinte? Não conseguia lembrar-se.

– Tenho de fazer o meu testamento, *Luchay* – disse ela quando se sentaram à sua secretária, depois de jantar. – É claro que não tenho de me preocupar com Rogan – acrescentou com segurança –, ele tomará conta de tudo quando regressar a casa. Mas tenho de escrever isto enquanto tenho memória, porque, sabes, *Luchay*, às vezes nem sequer me lembro de que tenho uma filha.

Este é o meu derradeiro Testamento, escreveu ela com a mão trémula, lavrado no quarto dia do mês de novembro do ano de 1933. Deixo tudo à minha descendente. Nunca a conheci, mas ela é minha filha. *Angel Konstant Rinardi* dirá quem é. Assinou por baixo, em letras calma e cuidadosamente escritas, mas a mão trémula traiu-a com uma mancha de tinta preta.

– Oh, e um recado para o meu filho! – disse, pegando numa folha de papel branca.

Rogan, escreveu. *Às vezes, a minha memória falha e, para o caso de não me lembrar quando te vir, fiz este testamento porque tu não sabias da existência da minha filha. Quis certificar-me de que ela também ficava com alguma coisa. Mas, claro, tu garantirás isso.*

– Agora estou cansada, *Luchay* – disse ela, caminhando lentamente para a grande cama branca. – Amanhã telefonaremos ao advogado. Dar-lhe-emos isto e depois saberei que posso dormir sem me preocupar mais com os meus filhos. Afinal de contas, receberão a sua herança.

Quando o voo da Swissair circundou Los Angeles, Mike olhou para a familiar fileira de casas bonitas com piscinas azuis a brilhar à eterna luz do Sol e para as infindáveis filas de carros que serpenteavam ao longo das estradas estreitas que uniam a cidade. Passara duas semanas em Veneza, ouvindo novamente as gravações das cassetes e analisando as notas que tomara na Villa Castelletto, pensando, zangado, que chegara a um novo beco sem saída. Teria Poppy sido sepultada sem ter visto Rogan outra vez? E sem conhecer a filha? E, se ela não sabia, quem saberia?

Lembrara-se do olhar sardónico de Hilliard Konstant quando lhe contou, entusiasmado, sobre as suas descobertas.

– Beba um copo de *manzanilla* – dissera ele, alegre – e conte-me tudo.

Hilliard era filho de Greg Konstant; era a única pessoa viva que conhecera Angel e os seus três filhos, e, ainda assim, dizia que não se lembrava de nada em relação a eles. Mike apostara que o velhote estivera a brincar com ele desde o início, deixando-o procurar no seu grande mausoléu e biblioteca, e dizendo-lhe para trabalhar e descobrir por ele próprio! Agora, tinha a maior parte de uma história – e a certeza de que Hilliard sabia o resto. Razão pela qual fora a Los Angeles para tentar descobrir.

Pensou na reunião que tivera recentemente com Lieber, em Genebra; o advogado confirmara que Orlando não seria informado que era um dos herdeiros do património de Poppy até eles saberem a identidade da filha e o

nome do outro herdeiro ou herdeira – se, realmente, existia.

– Mas não nos esqueçamos de que quando informarmos Orlando que ele é bisneto de Poppy – dissera ele –, também temos de lhe dizer o nome do seu tetravô. Franco Malvasi. Um dos mais conhecidos chefes da Máfia do século passado!

Mike lembrou-se de Lauren Hunter, provavelmente ainda à espera de herdar. Nas últimas semanas pensara muito nela e tentara analisar porquê. Não era pena que sentia por ela, e Lauren também não queria que fosse; aceitara as suas responsabilidades e, com o amor como força motivadora de vida, Mike sabia que ela ultrapassaria tudo. Seria duro, mas Lauren conseguiria. Tudo o que sabia era que nunca tinha sentido nada de semelhante na vida e, quando o avião tocou o asfalto e percorreu o terminal, percebeu que, por um instante, o passado e Poppy Mallory teriam de esperar. Ele ia ver Lauren.

Eram quatro da tarde e o Denny's estava bastante calmo. Mike viu-a logo; ela tirava o pedido a um cliente com dois filhos pequenos, sorrindo-lhes quando lhes levou os assentos para crianças. Tinha o cabelo loiro-arruivado solto, preso dos lados por alguns ganchos em forma de conchas e, de saia preta curta e blusa branca, parecia bonita e eficiente. Lauren voltou a sorrir, dando pancadinhas na cabeça do mais pequenito ao afastar-se. Depois, viu Mike e o seu lindo sorriso voltou a engrandecer.

– Olá – disse ela, caminhando na sua direção. – O que estás a fazer aqui?

– Tive de vir a Los Angeles, por isso vim ver-te – disse Mike, sincero.

Ela corou, mas ele pôde ver que ficara contente.

– Mais uma vez obrigada pelo ursinho – disse ela –, tornou o Natal da Maria muito mais feliz.

– Gostava de conhecer a Maria – disse ele –, parece uma miúda fantástica.

– A sério? – perguntou Lauren, ansiosa, depois, os seus olhos ficaram baços. – Bom, não sei bem – disse ela –, sabes como é... A Maria tem o horário dela e eu tenho o meu. Torna-se muito complicado com as *babysitters* e tudo...

– A que horas saís? – perguntou Mike de repente.

– Às quatro e meia. Daqui a meia hora.

- Ótimo. Venho ter contigo.
- Está bem – concordou ela, um pouco relutante.

Apesar de o sol brilhar, estava um dia frio para Los Angeles e Lauren usava um casaco vermelho de pele falsa.

– Foi o meu presente de Natal para mim própria – disse ela quando ele o admirou.

Mike lembrou-se do lindo casaco verde de Aria que custara uma fortuna e que, caso ela não fosse a herdeira, Carraldo teria de pagar, pensando em como o destino podia ser injusto.

- Muito bem – disse ele – e agora?
- Tenho de ir buscar a Maria à creche.
- Ótimo. Vamos a isso. Eu vou atrás de ti no meu carro.

Ela vivia num prédio sem elevador num antigo bloco de apartamentos à saída de Ventura Boulevard, em Studio City, pelo que Mike a ajudou a subir as escadas levando o carrinho de Maria e a mala, enquanto ela segurava o bebé.

– É muito bonita – disse ele quando o bebé lhe sorriu por cima do ombro de Lauren.

- É o bebé mais bonito de todos – concordou ela firmemente.

Era um apartamento típico de Los Angeles, aberto com uma sala de estar e jantar combinada, e uma cozinha.

– Só tem um quarto – disse-lhe Lauren – e uma casa de banho. É só. Mas é suficientemente grande para nós neste momento, não é, Maria? Queres café? – perguntou ela. – Enquanto faço o jantar?

- Pode ser.

Ele sentou-se num dos bancos da bancada da cozinha, observando Lauren a ligar a cafeteira e a começar a preparar a comida de Maria. Pensou que estava com melhor aspeto, um pouco mais redonda e luminosa, como se se cuidasse um pouco mais. Ficava-lhe bem. Era uma linda rapariga – ou seria se perdesse o franzido de preocupação que tinha constantemente no rosto.

Maria estava no seu parque de brincar, rastejando e testando os dentinhos nos brinquedos. Era realmente um bebé adorável, pensou Mike, com cabelo escuro e grandes olhos azuis. Maria olhou-o nos olhos e sorriu, acenando-lhe com a perna de uma pequena boneca *Raggedy Ann*.

– Olá – disse ele –, olá, Maria. – Ela sorriu-lhe novamente. – Quantos meses tem ela? – perguntou, enquanto Lauren colocava uma chávena de café à sua frente.

– Quase dezoito.

– É tão querida. Então, o que queres jantar? Comida francesa, italiana, chinesa, japonesa?

Lauren riu-se.

– Como sabias que era a minha noite de folga?

– Não sabia – sorriu ele –, estava só muito esperançado.

– Tenho de arranjar uma *babysitter* – disse ela, duvidosa – e não tenho nada para vestir.

– Eu detesto vestir-me bem para comer. Um sítio que aceite calças de ganga é suficientemente bom para mim.

Ela suspirou, mas sorria-lhe.

– És um homem muito bondoso, Mike, sabias?

– Eu, não. – Sorriu ele. – Eu sou um jornalista de investigação muito mau, lembras-te?

– Lembro. Ia perguntar-te sobre Poppy, mas podes contar-me ao jantar. – Ela colocou Maria na cadeirinha alta e ele viu-a a dar-lhe de comer. Havia algo de confuso em relação ao bebé, mas ele não sabia dizer o quê. Algo que não estava cem por cento certo...

– É melhor ir andando – disse ele. – Tenho uns telefonemas para fazer. Aponho-te às sete e meia?

– Sim – disse ela. – Estarei pronta.

Foram a um pequeno restaurante francês em Melrose e Lauren estava tão obviamente contente que ele se sentiu bem. Usava um vestido simples de ganga azul com um cinto de pele largo que enfatizava a sua pequena cintura; o seu longo cabelo loiro-arruivado estava solto e maquilhara-se o suficiente para lhe evidenciar os olhos azul-acinzentados.

– Nem imaginas o mimo que isto é – disse ela, sincera –, não vinha a um sítio tão bom desde que a Maria nasceu.

Mike reparou que ela não dissera «desde que a minha mãe morreu», mas «desde que a Maria nasceu». Lauren tinha uma atitude positiva e ele esperava que tal ajudasse quando lhe contasse que não era a herdeira

Mallory. Ela ouviu-o, fascinada, a contar a história de Poppy ou o que sabia até àquele momento.

– Pobre Poppy – disse ela –, parece que tudo lhe correu mal. O que aconteceu no fim?

– Ainda não sei – respondeu ele com um suspiro –, mas acho que conheço quem saiba. Foi por isso que vim à Califórnia. Vou encontrar-me com ele amanhã. Mas, sabes, Lauren, receio que não haja muita esperança de que sejas parente de Poppy. O nome Mallory deve ter sido apenas uma coincidência.

– Também não estava à espera – retorquiu ela sinceramente. – Foi um tiro no escuro, como tentar ganhar num casino. Espero que a Aria fique com o dinheiro. Parece precisar dele.

– Não precisa mais do que tu – comentou ele, pensando no bebé. – Lauren, o que se passa com Maria?

Ela deixou cair o garfo, chocada.

– O que queres dizer? – perguntou, nervosa.

Ele pegou-lhe na mão, do outro lado da mesa.

– Há algo de errado com ela, não há? Porque não me dizes?

Lauren olhou para as mãos entrelaçadas e depois para ele. Os seus olhos eram compreensivos; ela sentiu que lhe podia confiar o seu segredo.

– Não sei exatamente o que é – disse calmamente. – Acho que a mente dela tem algo de errado. Ela não reage, sabes, e não tenta falar. A maior parte dos miúdos da idade dela já diz «mamã» e «papá» e tenta imitar palavras e sons, mas a Maria é tão quieta.

Agora percebia o que o confundira. O bebé nunca fizera um som enquanto ele estivera presente.

– O que vais fazer? – perguntou ele.

– Nada. Sempre tive medo de o admitir, até a mim própria, até tenho pesadelos. És a primeira pessoa a quem conto isto – acrescentou, com lágrimas no canto dos olhos. – Tenho medo que ma tirem, sabes, e que a ponham num daqueles lares. Não posso pagar tratamentos, nem médicos especializados. Acho que estou apenas a tentar adiar o inevitável, mas não posso perdê-la, Mike, não posso! A Maria é tudo o que me resta. – Olhou para ele, implorando. – Acho que me vais dizer que estive equivocada, mas acho que não fiz nada de mal. Afinal, ela é só um bebé.

– Tenho a certeza de que não lhe causaste mal – afirmou ele –, mas um

dia terás de descobrir o que ela tem e se pode ser ajudada.

Lauren baixou a cabeça, olhando para o guardanapo que torcia entre os dedos.

– Eu sei – disse baixinho. – É que é difícil enfrentar tudo sozinha.

– Olha – começou ele, com o coração a derreter sob o olhar dela. – Vou descobrir o nome do melhor médico para a observar. Farei uma marcação em teu nome, ele examina-a e talvez lhe faça alguns testes, depois, pelo menos, saberás o que ela tem. Terei todo o gosto em pagar, Lauren.

Ela olhou-o, hesitante – por um lado, o que ele oferecia era tentador, mas, por outro, era assustador pois ela podia não ter força para aguentar a verdade. Mas ele tinha razão, tinha de pensar na vida de Maria, não na sua.

– Não posso deixar que pagues – disse rapidamente –, não seria correto.

– Não és tu que estás a deixar. É a Maria. Vamos chamar a isto um presente de aniversário.

Ela sorriu.

– Ela não faz anos.

– Vamos fingir que faz – retorquiu Mike, apertando-lhe a mão. – Telefono-te amanhã para falarmos da consulta. Depois vou para Santa Barbara e para o Rancho Santa Vittoria tentar arrancar a verdade ao velho Hilliard Konstant.

Hilliard envelhecera nos três meses em que Mike não o vira.

– Estou bem, muito bem – disse ele ainda mais irritantemente do que Mike se lembrava. – O que faz aqui? Veio dizer-me que encontrou a herdeira de Poppy Mallory? – Um sorriso malicioso atravessou-lhe o rosto quando ele serviu dois copos de *manzanilla*. – Senti a sua falta, sabe, jovem. Habituei-me a tê-lo aqui na biblioteca, a mexer nos livros.

– Pois, mas tenho a sensação de que me podia ter poupado muito tempo – replicou Mike, sem rodeios.

– Suponho que é a si que tenho de agradecer o facto de ter enviado aquela mulher italiana abominável para falar comigo. A esposa de Paolo Rinardi?

– Francesca – disse Mike com um sorriso, imaginando os dois a beberem xerez juntos. – Mas o bónus foi ter conhecido Aria.

– É uma rapariga simpática – admitiu Hilliard, pensativo. – É estranho pensar que ainda tenho familiares. Dantes não estava muito interessado, e

acho que nunca dei muita atenção ao lado italiano. É evidente que ela é neta de Maria-Cristina, também é bonita como ela era, mas duvido que tenha o mesmo temperamento. A Aria não me parece ser do tipo rebelde.

– Pensei que não se recordava de Maria-Cristina – comentou Mike.

Os olhos pálidos de Hilliard semicerraram, manhosos.

– Bem, sabe, nuns dias lembro-me de algumas coisas, noutros, não. É um dos privilégios de envelhecer.

– Muito bem, chegou a hora da verdade, Hilliard. – Mike pousou o copo e enfrentou-o, desafiadoramente. – Vou dizer-lhe tudo o que descobri sobre Poppy e depois pode dizer-me o que sabe. *Exatamente tudo o que sabe.* Combinado?

Hilliard bebeu o xerez e esfregou as mãos uma na outra, alegre.

– Vamos a isso – concordou. – Estou ansioso para ouvir.

Ouviu com atenção Mike contar a sua história, fazendo perguntas aqui e ali, assentindo ocasionalmente quando concordava como se coincidissem com o que ele já sabia.

– Pelo que vê – disse Mike, finalmente –, estou outra vez num beco sem saída, Hilliard. Sei que uma das filhas era de Poppy, mas continuo sem saber qual delas era. *Mas acredito que o senhor sabe.*

– Não sabia do filho, Rogan – respondeu Hilliard, lentamente. – Isso significa que há agora mais gente a reclamar o dinheiro?

– Sim e a reivindicação dele é válida. É bisneto de Poppy.

– Não sabia nada sobre o Numéro Seize, nem dessas coisas todas – comentou Hilliard. – E tenho a certeza de que o meu pai e Angel também não sabiam. Mas ela sabia sobre o chefe da Máfia. Não em pormenor, mas lera sobre ele nos jornais. Ouvi-a dizer a uma das filhas, Maria-Cristina, acho eu.

– *Porque* disse ela a Maria-Cristina? – perguntou Mike calmamente. – Por ser a filha de Poppy?

– Não me diga que não consegue descobrir por si próprio. – Hilliard sorriu, malicioso. – Até agora fez um ótimo trabalho. Além disso, porque lho diria? Para que uma cabra gananciosa deite as mãos ao dinheiro?

– *Porque mo diria?* – exclamou Mike, zangado. – Porque o dinheiro de Poppy está parado, *para nada*, quando podia estar a ser usado para uma boa causa! Para uma destas pessoas significa muito, liberdade, educação, amor, poderia significar tudo. E um velho egoísta como o senhor não tem o direito

de as privar disso. Olhe, Hilliard, uma pessoa já morreu, outras podem estar em perigo.

Hilliard olhou-o, chocado.

– Morreu? – repetiu ele. – Quem morreu? Não foi... a jovem Aria?

– Não, não foi a Aria, mas ela pode estar em perigo. O jogo acabou – acrescentou Mike, firme. – Tem de me contar a verdade.

Hilliard recostou-se na cadeira de rodas, já sem vontade de lutar ou fazer joguinhos. Tinha um ar gasto e velho e a sua mão tremia ao servir-se de outra bebida.

– Muito bem, se significa assim tanto, vou dizer-lhe o que sei.

Bebericou a bebida em silêncio durante um momento, reorganizando os pensamentos.

– Primeiro, vou dizer-lhe *como* sei – começou ele. – A Angel viveu aqui, no rancho, sabe, nos últimos anos da sua vida. Sempre detestou viver em Itália; trazia-lhe más recordações apesar de as suas duas filhas passarem lá muito tempo. Principalmente Helena, que acabou por sair de debaixo das saias da mãe. Maria-Cristina estava sempre a bordo de um avião ou de um barco. Mudava de país tão depressa como mudava de namorado, mas o filho, Paolo, foi criado em Itália. A velhota de que me falou, Fiametta, a ama de Aria, cuidava dele. Enfim, estávamos em mil novecentos e trinta e nove, acho eu. Eu estava em casa, de licença do exército, com a minha mulher e um filho pequenino. Angel queixara-se de uma constipação que não se curava e que, subitamente, pareceu atacar-lhe o peito. Era uma mulher linda, sabe, Mike, verdadeiramente bonita, mesmo nessa altura, com quase sessenta anos. Mas foi como se de repente uma lâmpada dentro dela se tivesse apagado. Ficou com muitas rugas e envelheceu depressa em poucos dias. Lembro-me de a ver, estava deitada na cama e sorriu-me, apesar de estar muito doente. Lembrava-me a mulher do livro que eu estava a ler na altura, *Lost Horizon*¹¹. Lembra-se da mulher que se desfaz em pó quando o amante a tira do vale encantado de Shangri-la? Bem, era assim que Angel estava. «Diz ao teu pai que quero falar com ele, está bem?», pediu-me ela naquela voz clara e doce. Fui buscar o meu pai e lembro-me de ele ter um olhar muito preocupado nos olhos enquanto o acompanhava nas cabanas da tosquia. «É assim tão mau?», perguntei. Ele assentiu. «Ela está muito mal, filho», disse ele, triste. «Mas continua a recusar ir para o hospital.»

Hilliard fez uma pausa para bebericar o xerez, afundando-se nos seus pensamentos por um instante.

– Eu não fui com ele – disse. – Percebi que era algo privado entre eles. Mas o meu pai não fechou totalmente a porta e eu estava à espera no *hall*. A voz de Angel era sempre cristalina, pelo que pude ouvir claramente o que ela dizia.

«Greg, quero dizer-te uma coisa sobre Poppy», disse ela, «esta pode ser a minha última oportunidade e acho que deves saber a verdade.»

«Não devias falar de últimas oportunidades, Angel, é um disparate», disse ele, na voz reprovadora que costumava usar connosco quando éramos miúdos.

«Tens de me ouvir, Greg», disse ela, parecendo nervosa.

«Mas eu não quero saber», respondeu o meu pai. «Já não quero. Está tudo no passado, sabes. É melhor ficar esquecido.»

«Menti-te a ti e a toda a gente», respondeu ela, «e antes de morrer estou determinada a deixar tudo em pratos limpos. Por isso, senta-te ao meu lado, Greg, e escuta.»

Ouvi a cadeira a arrastar no chão quando ele se sentou, depois ela começou a falar-lhe de Poppy e do seu marido, Felipe. O meu pai ouviu-a e no fim disse:

«Angel, preferia que não me tivesses dito.»

«Precisava de te dizer», declarou ela, «tinhas o direito de saber. É que, sabes, eu sabia que ela um dia voltaria para tentar encontrar a filha, e quando ela finalmente apareceu recusei dizer-lhe.»

«Não quero saber», replicou ele e consegui perceber que estava a chorar. «Por favor, não me digas, Angel. Para mim, elas são ambas tuas filhas e nem sequer quero pensar na Poppy. Vamos deixar as coisas como estão.»

Houve um grande silêncio e depois Angel disse:

«Tenho mais uma confissão a fazer e, desta vez, a culpa foi minha. De mais ninguém, só minha. Sabes que sempre protegi a Helena em demasia. Ela era uma menina tão querida, Greg, sempre a sorrir... Depois, descobrimos que era surda. Não suportava vê-la magoada com a impaciência e birras das outras crianças, pelo que comecei a apoderar-me da vida dela. Respondia às perguntas que ela não ouvia, recusava deixá-la ir onde quer que fosse sem mim. Lembras-te das governantas e das amas...? Oh, quando ela era criança não havia problema, mas, depois, a criança

tornou-se mulher, com os sentimentos e as emoções de uma mulher, apesar de não saber nada sobre o amor ou homens. Afinal, nunca conheceu nenhum... Certifiquei-me disso. O único lugar a que Helena ia sem mim era ao médico de São Francisco. Eu deixava-a lá enquanto ia às compras, na cidade. O doutor Barton via-a há anos, desde que tínhamos voltado de Itália. Operara-a uma vez, mas sem muito sucesso. Tinha quarenta e tal anos, era casado e tinha filhos. Tive de ir a Nova Iorque resgatar Maria-Cristina de uma série de acontecimentos infelizes e, claro, tive de deixar Helena aqui, pelo que dessa vez ela teve de ir ao médico, em São Francisco, sozinha, apesar de eu ter naturalmente providenciado um carro para a levar. O doutor Barton era um homem muito atraente e eu não me tinha apercebido de como Helena era bonita, sempre pensei nela como sendo uma criança, sabes. Mas o doutor Barton via-a com outros olhos e ela, pobre rapariga, apaixonou-se. Nem sequer sabia que tipo de “amor” era... Era tão inocente como a criança que tentei fazer com que nunca crescesse! Fiquei fora mais tempo do que o previsto, quase dois meses. Quando voltei, reparei que ela estava diferente, mais reservada... Mas só mais tarde notei outra coisa. Levei-a a outro médico, um ginecologista, e ele confirmou que ela estava grávida. Helena chorou quando lhe disse, não compreendia. Mentalmente era como uma criança de doze anos. “Mas eu não quero um bebé, mamã”, disse ela, “só quero o Richard.” Richard Barton, o médico! Levei-a para o Arizona e disse a toda a gente que era por causa da saúde dela. A pobre rapariga mal sabia o que se estava a passar. Foi terrível, Greg, absolutamente terrível para ela. Tive vontade de matar o doutor Barton, mas é claro que não pude fazer nada, só lhe telefonei a dizer para nunca mais se aproximar dela. Mas não lhe falei sobre o bebé. Providenciei que a criança fosse adotada e que o casal a fosse lá buscar. Era o fim. Era como se nada tivesse acontecido. Levei Helena de volta para Itália durante um ano ou dois para ela se afastar dele e tentar esquecer o bebé. Receio que a tenha começado a tratar como uma verdadeira inválida, acarinhando-a e vigiando-a sempre quando não era preciso. Gradualmente, ela começou a adaptar-se ao papel. Não falou durante quase um ano inteiro e, quando recomeçou a fazê-lo, disse uma coisa estranhíssima... Eu sabia que não havia nada de realmente errado com ela, mas ela já não era “normal.” Eu atrasara-a com o meu estúpido amor avassalador, tal como se a tivesse magoado fisicamente. Nunca tive o discernimento de a largar, pelo que ela seria sempre uma inocente infantil

num mundo de adultos.»

Angel chorava e tossia e eu ouvi o meu pai tentar acalmá-la.

«Só estás a conseguir ficar mais triste ao falares do passado», disse ele.

«A Helena já não se lembra da criança», disse Angel, «ou, pelo menos, creio que não. Nunca a refere, acho que, para ela, tudo não passou de um pesadelo. Tenho uma cópia assinada do formulário de adoção e o nome e morada do casal. É claro que nunca mais os vi. Mas mantive o papel escondido todos estes anos dentro do exemplar do meu livro preferido, na biblioteca. E, com ela, está uma carta a explicar a verdade sobre Maria-Cristina e Helena. Quero que saibas onde está, Greg, para o caso de eu já cá não estar quando for preciso.»

«Não a quero», disse Greg, quase aos gritos, lembro-me. «Deixa lá a carta, Angel. Já não é importante. As *duas* miúdas são tuas filhas.»

Ela tossia outra vez, mas, quando acabou, disse-lhe:

«Bem, Greg, já sabes onde está quando eu morrer. Tinha de to dizer para que entendesses a Helena e tomares conta dela.»

Acho que estavam os dois a chorar, e percebi que era melhor não andar por perto. Depois, observei o meu pai para ver se ele ia à biblioteca buscar o livro, mas, pelo que sei, ele nunca o fez. Angel foi para o hospital e morreu duas semanas depois de pneumonia. Nunca vi o meu pai tão afetado, ficou devastado. Mas, ainda assim, nunca procurou o livro.

– E o Hilliard procurou? – perguntou Mike.

Hilliard assentiu.

– Claro que sim. Na altura não me disse grande coisa. Nunca tinha conhecido a Poppy Mallory, nem o marido de Angel, Felipe. – Guiando a cadeira de rodas para as prateleiras, tirou uma antologia de poemas de Keats. – Sabe – disse ele com o velho sorriso malicioso –, não o enganei. Se tivesse procurado bem, tê-lo-ia encontrado.

– Teria demorado dez anos, e o Hilliard sabe – retorquiu Mike, vendo-o a retirar um envelope do meio das páginas.

– É isto – disse Hilliard, oferecendo-lho –, esta é a sua resposta. E far-lhe-á muito bem!

O papel estava envelhecido e a desfazer-se nas dobras. Mike abriu-o com cuidado. Leu o que Angel escrevera e olhou para Hilliard.

– Helena? – perguntou ele, surpreendido.

– Helena – disse Hilliard com um sorriso de triunfo. – Pelo que vê, está de

volta ao início. Ainda não sabe quem é a «herdeira»!

[¹¹](#) Em português, *Horizonte Perdido*. Trata-se de um livro de 1933, da autoria do escritor inglês James Hilton. Ficou conhecido por falar no mito de Shangri-La, uma cidade perdida nas montanhas do Tibete. (*N. da T.*)

Uma neblina branca pairava a poucos centímetros do Grand Canal, dividindo-se brevemente quando o aguado sol do meio-dia a atravessou, deixando vislumbrar as ilhas de Giudeca e San Giorgio, que pareciam flutuar nas nuvens, antes de voltar a encerrar-se.

Era o primeiro dia do *carnevale* e as pessoas já estavam mascaradas, apesar de as verdadeiras festividades só começarem à noite. Os *maschereri*, os famosos fazedores de máscaras de Veneza, tinham estado a trabalhar até altas horas para preparar as tradicionais máscaras *bauta*, brilhantes máscaras pretas e brancas feitas de papel machê que cobriam a cara toda, deixando apenas espaços vazios para os olhos. Eram as máscaras de Carnaval mais sinistras e, de certa forma, as mais anónimas. Havia máscaras mais elaboradas: algumas pareciam pavões decorados com penas e eram usadas em combinação com capas e com penas; havia máscaras feitas de renda e decoradas com «diamantes», máscaras de porcelana com feições de bonecas. Mas a antiga tradição da *bauta* usada com um capuz preto, capa preta comprida e encimada por um tricórnio, fazia com que as pessoas ficassem completamente anónimas – ou se tornassem quem desejavam.

O Palazzo Rinardi estava a ser completamente enfeitado; o chão de mármore brilhava de tanto ser polido, a madeira luzia, as pratas e cristais cintilavam e os tesouros resplandeciam. Havia trabalhadores em escadotes a inserir centenas de velas nos candeeiros enormes, e uma equipa de doze

empregados apoderara-se da cozinha de Fiametta e preparava comida requintada para ser servida na festa dessa noite. Francesca supervisionava tudo como uma rainha, dando ordens que contradizia passado um minuto, fazendo com que todos dessem em doidos, enquanto Aria se escondia no seu quarto junto ao telefone, à espera que este tocasse.

Pensou se devia ligar novamente a Orlando, mas já lhe telefonara para a *pensione* tantas vezes desde que regressara que o seu orgulho a desencorajava. «*Sì*, o *signore* já voltou», diziam eles, pacientemente, «dar-lhe-emos a sua mensagem, *signorina*.» Mas Orlando ainda não lhe ligara. Não falava com ele desde um pouco antes do Natal, quando lhe dissera que ia para Los Angeles com Carraldo. De certeza que ele sabia que se tratara de algo que Aria não *quisera* fazer. Mas não tivera escolha e, uma vez lá, parecera que Carraldo nunca mais queria voltar. A mãe não ajudara, gostava muito de fazer o papel de anfitriã rica e social. «Ninguém poderá dizer que Francesca Rinardi não deixou a sua marca em Hollywood!», exclamara ela quando finalmente se tinham vindo embora há uns dias, com as malas carregadas de novos objetos sofisticados, em especial o vestido que ela usaria na festa daquele dia à noite. Tratava-se de uma coluna fluida de *chiffon* de seda branca, enfeitada com prata e cristais desde o pescoço até à bainha, criado especialmente para ela por Bob Mackie, o rei dos estilistas de Hollywood. Fizera-lhe uma máscara especial para ela usar com o vestido, com plumas brancas ponteadas por cristais e com os buracos dos olhos delineados com cristais, a condizer.

Aquela noite seria triunfante para Francesca e ela tencionava estar radiante. E aquela noite seria a mais desesperante para Aria, pois o seu noivado com Carraldo seria anunciado numa festa para trezentas pessoas. Pior, ele dissera-lhe que queria casar logo que possível – na próxima semana, se ela concordasse. «É claro que concorda», dissera-lhe Francesca, determinada. «É o seu dever. Além disso, o Carraldo tem sido muito paciente. Já esperou demasiado tempo, e eu também.»

Aria percebeu que não valia a pena protestar, limitar-se-ia a esperar até voltar para Veneza e para Orlando. Ficara toda a noite acordada a planear como fugiriam juntos e como, caso Mike demorasse muito tempo a recolher as provas que determinavam ser ela a herdeira, arranjaria trabalho e tomaria conta de Orlando. Ele não teria de se preocupar com nada, disse a si própria, podia passar simplesmente o dia todo a pintar. E, claro, quando ela

finalmente tivesse o dinheiro de Poppy, poderia ter tudo o que quisesse, tudo. Sabia que um dia ele a compensaria ao tornar-se um grande artista.

O telefone tocou e ela pegou-lhe, deixando-o quase cair ao chão.

– *Pronto?* – sussurrou.

– Aria, fala o Mike.

– Mike! Onde esteve? Há tanto tempo que não tenho notícias suas. Está tudo bem?

– Sim... claro, está tudo bem – respondeu Mike, detestando enganá-la, mas não tinha outra escolha segundo as instruções de Lieber. O assunto da herdeira ou herdeiro estava agora nas mãos do advogado. Mike finalmente desvendara o resto da história e seria Lieber quem contactaria os herdeiros de modo a informá-los oficialmente de que eram os verdadeiros beneficiários do património de Poppy.

– Tenho mesmo de saber sobre a Poppy – disse Aria, preocupada. – Não sabe o que tem acontecido por estas bandas... A mãe e o Carraldo vão dar uma grande festa de Carnaval esta noite, *uma festa de noivado!* Tenho estado a tentar contactar Orlando desde que cheguei, há um par de dias. Receio que ele esteja zangado comigo...

– Espere, espere – interrompeu-a Mike, apressadamente –, uma coisa de cada vez, Aria. Olhe, estou no Gritti Palace, porque não vem ter comigo? Podemos falar.

– Adoraria – disse ela, triste –, mas a mãe não me perde de vista. Vem um cabeleireiro de Roma, às três, para nos pentear, e traz uma maquilhadora para pintar as nossas caras. Vou parecer uma virgem enfeitada para o sacrifício! – acrescentou ela, amarga. – Mas o que posso fazer? A mãe disse que era o meu dever. Oh, Mike, já tem as provas sobre a filha de Poppy? Por favor, diga que tem, assim não terei de participar nesta farsa.

– Ainda não tenho a certeza – respondeu, desejando poder contar-lhe toda a verdade sem se esquivar.

– Então continua à procura? É tão importante. Se eu tivesse o dinheiro de Poppy agora, podia dar a maioria à mãe e fugir com Orlando. Ele precisa de alguém que tome conta dele, sabe. Um artista não ganha muito até se estabelecer, e isso pode demorar muito tempo. Eu teria de tomar conta de nós os dois.

– Não se preocupe com Orlando – referiu Mike secamente. – Eu sei que ele ficará bem.

– Claro que ficará – gemeu ela –, mas, e eu? Já lhe telefonei imensas vezes, Mike, mas ele não retribui as chamadas. Não acredito que já não queira saber de mim, não depois do que se passou entre nós. Está simplesmente zangado comigo, é só, e não posso dizer que o culpo. Imagine como se deve ter sentido ao ver-me entrar no avião rumo a Los Angeles com Carraldo e deixá-lo a passar o Natal sozinho...

Mike suspirou.

– Suponho que ele não foi convidado para a festa? – perguntou ele.

– Claro que não! Na verdade, suspeito que a mãe pediu a Carraldo para o dispensar, ele já não é meu tutor. Mas o Mike está convidado – acrescentou ela –, estou a convidá-lo agora. O único problema é que poderei não estar presente.

– Onde vai? – perguntou ele alarmado.

– Oh, não sei... Não tenho sítio para onde ir. Sem Orlando não sei para onde me virar, não sei para onde escapar...

A voz dela tinha a calma do desespero e ele disse, ansioso:

– Não faça nenhum disparate, Aria. Irei à festa e falarei consigo.

– Venha às dez horas – disse ela – e, a propósito, tem de vir mascarado.

Era estranho, pensou Mike, enquanto se preparava para a festa, vestindo as calças até ao joelho compradas precipitadamente, o casaco de brocado e calçando os sapatos com fivelas, que o único reclamante do património de Poppy com quem nunca se encontrara fosse um herdeiro verdadeiro; e como nunca tinha visto Orlando, não podia julgar o afeto que Aria lhe tinha. Até agora, tudo o que sabia sobre ele era o que tinha ouvido. E também nunca conhecera o outro pretendente de Aria, Carraldo. Pensou na longa conversa que mantivera com Carraldo naquela tarde e esperou ter feito a coisa certa.

Colocando a máscara de veludo preta que lhe cobria os olhos, olhou-se ao espelho. Parecia um cavaleiro do século dezassete – à exceção de se ter recusado a usar a peruca poeirenta. Atirou a capa preta para cima dos ombros e colocou o tricórnio, depois, decidiu ir tomar uma bebida ao Harry's Bar que ficava a caminho do Palazzo Rinardi.

A neblina aumentara com o pôr do Sol. As margens de algodão hidrófilo em cascata depositaram-se na cidade ao anoitecer como um misterioso e intangível manto cinzento, desbotando as cores vivas dos festivaleiros e

abafando os gritos de riso e a música. Luzes coloridas pendiam das árvores e gôndolas alegremente decoradas deslizavam lentamente na névoa, deixando vislumbrar *Punchinellos* e Arlequins, donzelas exóticas em joias e metros de tule e cetim multicoloridos, pássaros tropicais vistosos e criaturas fantásticas e brilhantes vindas de outros planetas. Naquela noite, Veneza era a cidade da ilusão e, envolta no seu cobertor nublado, parecera recuperar o passado.

Luchay estava no seu poleiro encrustado de joias no *hall* do Palazzo Rinardi, tal como sempre estivera em todos aqueles anos no Numéro Seize, enquanto Ária esperava com a mãe e Carraldo no cimo da escadaria de mármore para cumprimentar os convidados. Envergava um vestido de saias largas de veludo cor de vinho do século dezassete e um magnífico colar de rubis e diamantes – o presente que Carraldo lhe dera nessa noite. Uma máscara prateada escondeu-lhe a expressão desesperada dos olhos quando Carraldo lhe pegou na mão e sorriu encorajadoramente. Vestia uma cópia do fato usado pelo cavalheiro de Van Dyck no retrato da *Ca' d'Oro*, e, para Ária, parecia ainda mais sinistro.

Francesca, parecendo um magnífico sincelo no seu vestido de cristais e diamantes, estava no seu elemento; finalmente alcançara a ambição da sua vida e, naquela noite, era a rainha de Veneza! As velas tremeluziam nos grandes candeeiros do *palazzo* e tochas ardiam na plataforma cor-de-rosa onde os barcos atracavam, iluminando os convidados à medida que chegavam nas gôndolas adornadas com laços ao som de um quarteto de cordas que tocava música de Vivaldi, Handel e Albinoni. Havia também um pianista para o *cocktail* nos dois grandes salões onde se serviam bebidas, e uma banda esperava no salão de baile, há muito em desuso, para tocar as músicas de dança após o jantar.

Pierluigi Galli, anónimo numa máscara *bauta*, de capuz preto e tricórnio, descera da sua gôndola na doca do Palazzo Rinardi. Envolvendo-se na sua capa preta para se proteger do frio, esperou pela lancha que desembarcaria a carga de convidados, seguindo atrás deles à medida que todos entravam no *palazzo*. Na confusão geral, o mordomo que verificava a entrada dos convidados não reparou que havia uma pessoa a mais.

– Meu Deus – exclamou Francesca quando ele fez uma vénia para lhe beijar a mão. – Não reconheço ninguém esta noite, as máscaras estão muito elegantes. Mas o seu jogo terminará na mesa de jantar, senhor. Toda a gente

tem um cartão com o nome no lugar onde se deve sentar, pelo que, depois, saberemos quem é!

Pierluigi mal sorriu; não tinha intenção de jantar.

– Sorria, Aria, *por favor* – sussurrou Francesca à filha. – Olhe, aqui está o Mike. Devia ter trazido peruca – censurou ela, reprovadora. – Ou, pelo menos, um capuz.

– Está ótimo – disse-lhe Aria –, tem as pernas certas para calças até ao joelho. Podemos falar? – sussurrou-lhe quando ele a beijou. – Escaparei assim que puder e irei ter consigo ao salão.

– O Orlando ainda não ligou – disse-lhe ela quando foi ter com ele, meia hora depois. – O que vou fazer? Acho que vou ligar-lhe só mais uma vez.

– Não! – exclamou Mike, sério. – Não faça isso.

– Não é correto, pois não? – admitiu, triste. – Uma rapariga não deve andar atrás de um homem desta maneira. É que, sabe, amo-o, e sei agora que não posso ir para a frente com este noivado!

– Aria! – chamou Francesca. – Venha cumprimentar a Contessa Mifori...

– Falamos depois – disse ela, deprimida.

Mike decidiu que era melhor mantê-la debaixo de olho, não sabia o que ela poderia fazer naquele estado. Se ao menos lhe pudesse ter dito que ela era a herdeira, seria tudo mais fácil...

– Então, Mister Preston – Carraldo interrompeu-lhe os pensamentos. – Por fim, encontramos-nos, e posso agradecer-lhe pessoalmente por ter confiado em mim. Acho que compreende agora a razão pela qual isso foi necessário. – Os seus olhos escuros e sombrios, meio escondidos pela máscara, procuraram o rosto de Mike.

– Fico contente por ter ajudado – referiu Mike, sombriamente. – Só gostava de ter sabido mais cedo.

– Infelizmente nenhum de nós pode fazer recuar o tempo. Mas agora o seu trabalho terminou e tem de desfrutar. Deixe que seja eu a preocupar-me com o resto.

A festa corria bem, o champanhe jorrava, o jantar estava delicioso e o serviço impecável, e Francesca pusera Mike numa mesa junto a uma rapariga que ele sabia ser muito bonita sob a misteriosa máscara dourada, com uma voz e um corpo muito sensuais, tal como um sotaque inglês e italiano bastante atraente. Ela manteve-o tão distraído que não reparou no empregado de libré e peruca a sussurrar ao ouvido de Aria, e a sala tinha

tanta gente que não notou que ela se fora embora. Apenas mais tarde, quando foi finalmente à sua procura.

Aria atendeu o telefone na cozinha, a única divisão onde tinha a certeza que a mãe não iria.

– Orlando? – disse ela, sem fôlego. – Oh, até que enfim! Tenho estado a tentar contactar-te...

– Não liguei antes porque sabia que não podia competir com Carraldo – disse ele, parecendo frio e distante ao telefone. – Não tinha o direito de te prender. Só queria dizer-te que não foi por não te amar, mas por não ter nada para te oferecer a não ser a vida dura de um artista que tenta singrar.

– Mas é só isso que eu quero – suspirou ela –, *tu* és tudo o que eu quero. Telefonaste mesmo a tempo de me salvares, Orlando... Porque, oh, *porque* não me telefonaste mais cedo?

– Não pude – disse ele abruptamente. – Não nos podemos voltar a ver.

– Por favor, oh, *por favor* – pediu ela –, *tenho* de te ver. *Eu tenho de falar contigo*. Por favor, Orlando.

– Está bem – concordou ele, cedendo. – Vai ter comigo daqui a meia hora à Igreja de Santa Maria della Pietà. Estarei à tua espera.

Aria colocou uma capa preta sobre o vestido de veludo e, pondo a máscara, enfiou o cabelo dentro do tricórnio. Depois, esgueirou-se pelas escadas de serviço, atravessou a cozinha e saiu para a Calle San Vidal. Estava frio lá fora e envolveu-se na capa enquanto passava pelos becos húmidos e nublados de modo a encontrar-se com Orlando.

Um rosto mascarado apareceu-lhe na neblina e ela assustou-se agachando-se contra uma parede com o coração aos pulos quando um homem com a máscara de nariz pontiagudo de Médico da Peste lhe acenou na brincadeira com o pau que tinha na mão e se foi embora, a rir. Os becos enevoados pareciam duplamente silenciosos à medida que ela avançava através da Praça de São Marcos e olhava atentamente por cima do ombro, imaginando ouvir passos novamente. «Estás só a ser tonta», dizia a si própria, «ninguém te está a seguir, são só outros festivaleiros que vão a caminho de uma festa.» Mas acelerou o passo ao atravessar a Salizzada San Moise.

A deserta Praça de São Marcos estendeu-se perante ela no seu manto de neblina, tão silenciosa e misteriosa como um palco vazio. Os candeeiros de rua projetavam uma luz pálida e difusa, deixando remendos de sombras

profundas sob as arcadas, e ela pôde ouvir ecos estranhos de *As Quatro Estações* de Vivaldi a ser retransmitida pelos altifalantes da igreja, onde se devia encontrar com Orlando. Algo se mexeu na escuridão e a mão dela voou-lhe até à boca, abafando um grito que se transformou num riso de alívio quando um gato lhe tocou nas pernas e fugiu em direção à neblina.

O homem perseguiu-a na sombra das arcadas; estava envolto numa capa preta, com o tricórnio puxado muito para baixo até à máscara. Sabia exatamente o caminho que ela seguia... Ela estava cada vez mais perto, mais perto...

De repente, saltou para a frente dela desde as sombras e Aria gritou, paralisada de medo. Só teve tempo de lhe ver o perfil antes de dar meia-volta e fugir pelo caminho que tomara. O homem usava um capuz preto e a sinistra máscara *bauta*. E do buraco cavernoso e vazio do olho pingavam três gotas escarlates, como três gotas de sangue fresco.

Ela conseguia ouvi-lo atrás de si à medida que atravessava a Piazzetta e o Grand Canal, rezando para que alguém ali estivesse, para que houvesse uma gôndola na doca... O nevoeiro parecia pressionar-lhe os olhos e atacar-lhe a garganta, o seu coração batia muito depressa, cada vez com mais força... Estava quase a chegar ao canal, conseguia ouvir alguma coisa, pessoas... Estavam a rir... Oh, obrigada, Deus, obrigada...

De repente, ele atirou-se para cima dela. Um poderoso braço rodeou-lhe o pescoço e a sua cabeça inclinou-se dolorosamente para trás e ela olhou, aterrorizada, para a lâmina de aço de uma adaga...

– Não – gritou ela –, não, não...

– O que se passa? – gritou alguém na neblina. – O que se passa aí?

– Socorro! – gritou ela. – Socorro!

– É só alguém na brincadeira – respondeu outra voz, rindo enquanto se aproximavam dela... Ela podia vê-los...

O braço que lhe apertava o pescoço afrouxou de súbito e o seu atacante desapareceu na neblina como se nunca ali tivesse estado. Recuperando o fôlego aliviada, Aria correu na direção das vozes, mas elas já se tinham ido embora, pelo que voltou a perdê-las no nevoeiro.

– Socorro – gritou, correndo através da Piazzetta em direção ao canal, rezando para que estivesse um barco à espera. – Oh, por favor, alguém me ajude, por favor... – Viu uma gôndola e acenou-lhe freneticamente. Até o gondoleiro estava mascarado, com uma máscara preta *bauta* e uma capa. –

Leve-me à Igreja de Santa Maria della Pietà – soluçou ela, afundando-se nas almofadas à medida que deslizavam na neblina cinzenta. Assim que chegasse à igreja, Orlando estaria à sua espera e tudo ficaria bem... Só que não iam na direção certa. A gôndola virara num dos canais mais estreitos. – Onde vamos? – gritou Aria, nervosa. – Este não é o caminho certo! – O gondoleiro virou-se para olhar para ela e, pela primeira vez, viu que só metade da máscara dele era preta. O outro lado era branco, com três gotas a deslizarem do buraco do olho!

O suor de medo percorreu-lhe a espinha quando se levantou.

– Não – gritou –, não... não... não...

O gondoleiro mascarado aproximou-se dela, manejando o remo intimidatoriamente.

– Oh, Deus – sussurrou Aria –, por favor, ajuda-me, *por favor, ajuda-me...*

De repente, ouviu-se um estrondo de música e riso, depois o ruído suave de um motor quando uma lancha barulhenta apareceu no nevoeiro em direção a eles, repleta com um aviário de máscaras de pavões coloridos que bebiam champanhe, riam e conversavam. Distraído, o seu atacante virou-se para olhar e, no milésimo de segundo em que a lancha passou por eles, Aria atirou-se para o outro barco, passando por cima da nesga de água.

– *Ops* – gritaram eles, rindo enquanto a ajudavam a levantar. – Já não o conseguias suportar, hã? Então porque não te juntas a nós? – E puseram-lhe uma taça de champanhe na mão. Ela virou-se, olhando de novo para o canal, mas só viu o nevoeiro cinzento, vazio e circular.

– Para onde vais, *carina*? – perguntaram-lhe.

– Para a Santa Maria della Pietà – sussurrou ela, a tremer.

– À igreja? No Carnaval? Não deves estar boa da cabeça! – exclamaram, a brincar, enquanto a lancha deslizava no Grand Canal. – Podemos deixar-te no Molo? Vamos virar aqui.

Aria saltou da lancha, observando-a a desaparecer de novo na neblina. Olhou em volta, apreensiva, sentindo milhares de olhos a olhar para si na escuridão, depois, virou-se e correu o mais depressa possível através da ponte até Riva degli Schiavoni.

O nevoeiro parecia ainda mais denso ali, girando da lagoa e pressionando contra os olhos dela, cegando-a... «Estás quase lá», dizia a si própria freneticamente enquanto corria, quase... «só mais uns metros, é só passar

aquela pequena ponte...» O *Verão* de Vivaldi soou mais alto, com a sua batida urgente a condizer com a batida do seu coração. Parou, com a mão nos lábios, a escutar... Seria a sua imaginação? Ou ela ouvira passos atrás de si outra vez? Oh, Deus, sim, sim... Ouvia-os muito bem, agora, passos a correr, a aproximar-se, mais perto... mais perto... Com um grito aterrorizado, virou-se e esbarrou no homem mascarado que se encontrava à sua frente. Quando o braço poderoso a agarrou, sentiu a respiração dele no seu rosto... E viu as três gotas escarlates de sangue na máscara.

– Não! – suspirou ela, impotente –, por favor, não... – Os seus olhos estavam fixos na adaga quando o braço dele se preparava para lha enfiar no peito.

De repente, a cabeça dele ergueu-se com o som de passos a correr. Recuou com um gemido furioso quando um grupo de homens com capas e capuzes iguais aos dele, usando o tricórnio e a máscara *bauta*, emergiu do nevoeiro. Quando ele se virou para começar a correr, Aria viu o brilho fraco de uma pequena pistola e voltou a gritar de terror ao ouvir o tiro, depois, com um grito agudo, o seu atacante caiu no chão.

Tudo acontecera no espaço de poucos segundos e ela olhou, aterrorizada, para o corpo que jazia no chão, com sangue a escorrer-lhe do peito, e depois para o homem mascarado que disparara.

Carraldo olhou para o homem que acabara de matar.

– Perdoa-me, pai – disse ele, calmamente. Mas não era a Deus que pedia perdão, era a Franco Malvasi, a quem sempre chamara simplesmente de «o homem». – Está tudo bem, Aria – disse ele, cansado –, está a salvo, agora.

Demasiado apática para falar, ela olhou para o revólver na mão dele e começou a soluçar.

– Não é preciso ter medo – tranquilizou Carraldo, suavemente, retirando a máscara. O seu rosto parecia tão cinzento como o nevoeiro, gotas de transpiração escorriam-lhe pelas têmporas e os seus olhos estavam cheios de dor. De repente e sem fazer barulho, ele caiu no chão aos pés dela. Aria percebeu que estava a gritar – estava a gritar muito...

– Pare, Aria, pare! – ordenou Mike, colocando os braços à volta dela. – Por favor, pare!

Ela tremeu nos braços dele.

– O Carraldo – gaguejou ela –, o que se passa...?

– A lancha vai levá-lo para o hospital – disse ele. – Ele vai ficar bem.

– Ia encontrar-me com Orlando – disse ela, soluçando no peito dele –, ele está à minha espera na igreja... Ouvi a música... Estava quase lá, sabia que tudo o que tinha de fazer era encontrá-lo para ficar em segurança...

Largando-a, Mike dirigiu-se ao corpo que jazia quieto no chão, junto a dois dos homens de Carraldo, que o guardavam.

– Tirem-lhe o capuz e a máscara – pediu-lhes, calmamente.

Aria observou-os num fascínio de terror a tirarem o capuz e a revelarem um chocante cabelo muito loiro. Depois, tiraram-lhe a máscara.

– Minha pobre Aria – disse Mike, gentilmente –, receio que já tinha encontrado Orlando.

Aria tomara um sedativo e dormira até à tarde do dia seguinte. Só mais tarde, nessa noite, depois de ter respondido às perguntas da polícia, Mike conseguiu explicar-lhe exatamente o que acontecera.

Ela encontrava-se sentada na cama, tão pálida como as almofadas e com nódoas negras vívidas nos braços e na garganta, onde Orlando a agarrara.

– Não compreendo – sussurrou ela –, pensei que ele me amava. Eu amava-o realmente, *de verdade*.

– Só amava o que pensava que ele era – disse Mike, gentilmente.

– Mas *porque* é que Orlando me queria *matar*? – questionou ela, desesperada.

– Receio bem que ele a tenha enganado desde o começo – respondeu Mike. – Nunca lhe contou que reivindicava ser o herdeiro de Poppy. – Os olhos chocados de Aria encontraram os dele. – E tem de agradecer a Carraldo por ter descoberto coisas sobre ele – acrescentou. – Ficou desconfiado quando se apercebeu de que Orlando não lhe dissera a si, nem a ele, que reclamava ser o herdeiro, pelo que decidiu investigar o passado dele. As histórias de Orlando sobre ter sido expulso de escolas por causa de brincadeiras de rapazes e mau comportamento não passavam de mentiras. Ele era um rufia cruel que gostava de torturar outros rapazes. Com treze anos, já tentara matar um professor ao deitar-lhe fogo ao quarto. É que, sabe, o professor descobrira a verdade sobre ele e revelou tudo a Orlando e

aos pais. Foi tudo abafado na condição de os pais o internarem para ser tratado, mas o psiquiatra disse-lhes que a bonita aparência física de Orlando era uma fachada útil por trás da qual ele escondia uma personalidade psicopata. Os pais não o enviaram para Itália apenas para estudar arte, também queriam livrar-se dele.

«Carraldo começou a temer por si e foi por isso que a levou para Los Angeles, para sua segurança, ou assim pensou. Descobriu que, quando Orlando devia estar em Londres, estava na verdade a segui-la, os passos, o homem no *Peugeot* preto. Carraldo não podia fazer nada a não ser que Orlando desse o primeiro passo, pois não podia acusá-lo de nada. Afinal, tudo o que ele tinha feito até então era ocultar-lhe coisas, e sem dúvida que, se o assunto surgisse, ele arranjará uma desculpa qualquer.

«Orlando tinha uma cópia da lista dos nomes dos potenciais herdeiros. Obviamente achou que a reivindicação de Lauren Hunter era demasiado rebuscada, mas sabia que devia haver uma filha qualquer, pois era o que dizia o testamento, e que ou os Galli ou a Aria deviam ser descendentes diretos dessa filha. Na sua mente perversa, pensou que tinha três rivais sérios que reclamavam o dinheiro de Poppy. A Aria, a favorita, e Claudia e Pierluigi Galli. Embora Orlando acreditasse, corretamente, que a sua própria reivindicação era a verdadeira, sabia agora que podia haver outro herdeiro, ou possivelmente até três ou quatro... Quem podia saber? Tal significava que teria de partilhar o património. E Orlando queria tudo só para si. Estava farto de ser um parasita da sociedade dos ricos à qual gostaria de pertencer, agora queria ser o rei. Quando finalmente tivesse o dinheiro, teria a sua vingança por todos os insultos que tivera de ouvir com um sorriso na cara durante todos aqueles anos.

«Carraldo descobriu que Orlando estivera com Claudia em Paris na semana em que ela morrera, e que ela deixara uma mensagem no atendedor de chamadas dele a dizer que ia para Villa Velata. Orlando também foi até lá em segredo... E foi ele quem danificou os travões do carro de Claudia. O que não esperara era que Pierluigi também lá estivesse, pensou que apareceria depois, no funeral, e também planeou livrar-se dele. Em vez disso, Pierluigi foi acusado de homicídio e levado para a prisão. Nem Orlando se poderia ver livre dele ali. Nessa altura, percebeu que eu estava a investigar, a tentar descobrir a história de Poppy, e decidiu jogar ao jogo da espera com Pierluigi, arranjará uma forma de tratar dele mais tarde, se

tivesse de o fazer.

«Quando Carraldo compreendeu o que acontecera, usou a sua influência para tirar Pierluigi da prisão dando-lhe vários milhões para pagar a fiança. Mas ordenou-lhe que se mantivesse quieto. Carraldo nunca lhe diria isto, mas acho que a Aria deve saber que ele também ajudou Pierluigi ao apoiá-lo com milhões de dólares, mais do que o suficiente para lhe salvar a empresa. Acho que pensou que Pierluigi já sofrera o suficiente com a perda de Claudia e por ver a sua reputação manchada ao ser acusado de a matar. Julgo que compreendeu muito bem que, para Pierluigi, a vida profissional era a única vida que ele conhecia, sem ela não seria nada. Carraldo é um homem de compaixão, Aria. Enfim, Pierluigi estava na festa e esteve na festa até ao fim, se Carraldo não tivesse disparado contra Orlando, ele tê-lo-ia feito. Veio para vingar a irmã, mas Carraldo ultrapassou-o. O que a deixou só a si, Aria, entre Orlando e todo aquele dinheiro.

– É uma maldição – chorou ela –, o dinheiro de Poppy é uma maldição!

– Isso não é verdade – respondeu Mike sereno. – Se Orlando fosse normal, nada disto teria acontecido. É injusto culpar a Poppy. Vou contar-lhe a verdadeira história sobre o que lhe aconteceu e depois talvez compreenda Orlando.

Aria abanou a cabeça.

– Não quero ouvir mais nada – suspirou ela. – Só queria não tê-lo conhecido. E agora, por minha causa, o Carraldo está doente. A mãe disse-me que teve um ataque cardíaco e está no hospital...

– É há muito conhecido que Carraldo sofre de problemas de coração, não se deve culpabilizar. Poderia ter acontecido em qualquer altura, era inevitável.

Aria rodava agitadamente as mãos sem anéis.

– Mas o Carraldo salvou-me a vida, e é por minha causa que está a morrer. – Olhou para Mike com os olhos cheios de lágrimas. – Tenho de ir ter com ele. Quero agradecer-lhe.

– Amanhã – prometeu ele. – Agora tem de descansar.

* * *

O quarto do hospital era muito calmo, só se ouvia o ruído suave das máquinas e a onda nervosa do monitor com a batida do coração dele.

Carraldo conseguia senti-la a ondular incontrolavelmente no seu peito e sabia agora que os pequenos compridos brancos já não serviam para nada.

Fechando os olhos, pensou na vida, perguntando-se se tomara a decisão certa há tantos anos atrás, quando concordara em tornar-se o filho legítimo de Franco Malvasi. O que lhe trouxera?, perguntou a si próprio. Sabia a resposta. Riquezas em que nunca tocara e uma consciência com a qual não podia viver. Porém, Franco educara-o; pintara-lhe a camada de homem civilizado por cima do seu início rude de menino de rua; Franco ensinara-lhe tudo o que ele sabia sobre as coisas de que mais gostava no mundo e, com esse conhecimento, ele encontrara o caminho do êxito e de uma certa felicidade. Fizera uma fortuna legal para si, que deixava agora a Aria. Fizera tudo o que podia para não deixar que essa fortuna caísse nas mãos dos seus inimigos, mas sabia que agora era demasiado tarde para fazer o que achava que a ia proteger dos predadores – casar. Ainda assim, estava satisfeito, Aria teria dinheiro suficiente para ser livre. Podia fazer o que quisesse, tal como o pai Paolo deveria ter feito.

Pensara ter sido muito inteligente quando Franco morrera, imaginando que ao matar os seus inimigos comprava a sua liberdade. E, de certo modo, isso até acontecera, pois nunca tivera de viver como um prisioneiro na *villa* de Nápoles, tal como Franco. Vagueara livremente pelo mundo nos seus poderosos aviões a jato; jantara com príncipes, era conhecido de algumas pessoas em lugares cimeiros, e era convidado para todas as festas importantes. E, ainda assim, dormia com as prostitutas dos *bassi*, tal como faria se tivesse permanecido um ladrãozeco nas ruas de Nápoles. E, apesar de todo o seu êxito social, nenhum homem lhe chamava de amigo. Era um prisioneiro da sua solidão tal como teria sido caso nunca tivesse deixado aquela *villa*, com os seus guardas armados e cães agressivos, pois sabia o *que* era, e que não poderia escapar a isso.

Só com Paolo encontrara uma relação verdadeira, uma amizade sem julgamentos, e, grato, quisera cuidar da filha dele. O que não esperara era apaixonar-se por ela. Aria encantara-o com a sua juventude vibrante e ele tivera vontade de a capturar, de lhe ensinar sobre a vida, de vê-la crescer e transformar-se na bonita mulher que sabia que ela se tornaria, e quisera protegê-la do mundo cruel com o poder da sua riqueza. Sabia que não lhe restava muito tempo; talvez um ano, talvez meses ou até semanas... Ninguém sabia. Num dia estaria vivo e noutro estaria morto, era tão simples

como isso. Mas, por enquanto, queria Aria. Era injusto para ela, sabia isso agora, mas também sabia que o seu egoísmo lhe asseguraria a liberdade.

A dupla ironia era a rapariga que amava ter-se apaixonado pelo bisneto de Franco Malvasi. Pois se Franco tivesse sabido que tinha um filho, teria sido Orlando a herdar o império Malvasi e não Carraldo. E ele teria vivido a sua vida em Nápoles, como um homem comum. Este era o acaso do destino.

Ouviu alguém entrar no quarto e soube que era Aria mesmo antes de abrir os olhos... Conhecia os seus passos leves e reconheceu a fragrância do seu cabelo quando se inclinou sobre ele.

Os seus olhos escuros abriram de repente e ele olhou para ela com o seu familiar meio-sorriso sardónico.

– Que simpático da sua parte ter vindo visitar-me – murmurou ele, mas ela limitou-se a olhá-lo, chocada com a sua tez cinzenta e voz fraca. – Sente-se ao meu lado – pediu ele. – Quero falar consigo.

Aria colocou as flores em cima da mesa e sentou-se junto à cama.

– Como está? – perguntou ela, ansiosa.

– Quem sabe? – disse Carraldo com um sorriso. – Dizem-me que estou a morrer há dois anos.

– Não! – exclamou ela. – Não pode ser verdade, deve haver alguma coisa que eles possam fazer. Mandaremos chamar os melhores especialistas...

– Aria – disse ele gentilmente –, já fui aos melhores médicos do mundo, se se pudesse fazer alguma coisa, eles já teriam feito.

Ela tapou o rosto com as mãos, chorando silenciosamente, e os olhos dele encheram-se de tristeza.

– Não chore – disse ele –, ainda não faço tenções de partir. Além disso, quero falar consigo. – Fez uma pausa por um instante, recuperando o fôlego. – Vivi num mundo diferente do seu – acabou por dizer –, um meio mundo, cheio de violência e maldade, mas prometo que nada disso a tocará. O seu pai sabia a verdade sobre mim e deu-me a sua amizade, de homem para homem. Amei-o por isso e agora amo-a a si, a filha dele.

– Eu não sabia – sussurrou ela, angustiada –, não compreendia. Percebo agora que fui muito egoísta e pouco bondosa consigo!

– Como poderia eu esperar outra coisa? – perguntou ele. – Era uma menina em busca de romance e amor verdadeiro. Eu sabia que não podia pedir-lhe isso.

Aria baixou a cabeça, olhando para as mãos dele simplesmente pousadas

nos lençóis brancos; pareciam frágeis e vulneráveis. De repente, o poderoso Carraldo parecia indefeso.

– Quando eu partir – dizia ele –, a minha fortuna pessoal será sua, a minha coleção de arte, as galerias, as casas, tudo. A sua mãe também ficará bem, já tratei disso com os meus advogados. Depois, ficará livre. Gostaria de pensar que tomará conta das Galerias Carraldo, Aria, quando eu já não puder. Foram a única coisa boa da minha vida.

– Por favor – suspirou ela, pegando-lhe na mão –, não fale assim. Vai melhorar e tomar conta das suas galerias durante muito tempo. Prometa-me que vai ficar melhor?

Os seus olhos azuis olharam para os dele, ansiosos, e ele pensou que ela era muito bonita e que tivera muita sorte em conhecê-la; ela e o pai tinham sido uma lufada de ar fresco na sua vida.

– Lamento pelo Orlando – acabou ele por dizer.

– Eu não sabia que ele era o bisneto de Poppy – sussurrou ela. – Foi o Mike que me disse.

– O Orlando nunca teve provas, foi Mike quem as descobriu.

– E, afinal, eu não sou a herdeira – disse ela.

– Já não importa – suspirou Carraldo. A dor voltava ao seu peito, com as suas amarras de ferro a esmagá-lo. Gotas de suor apareceram-lhe na testa e ele fechou os olhos, respirando rapidamente.

A linha verde em ziguezague do monitor saltou selvaticamente e Aria olhou-o, alarmada.

– Estou a cansá-lo – disse ela, pegando-lhe nas mãos –, não deve falar mais.

Passado um momento, quando ele parecia mais calmo, ela disse:

– Vim agradecer-lhe por me ter salvo a vida, mas as palavras não pareciam suficientes para pagar uma dívida tão grande. Pensei muito no assunto e, se ainda me quiser, gostaria de casar consigo.

Os olhos escuros de Carraldo sorriram-lhe.

– Afinal, é tal e qual como o seu pai, Aria – disse ele suavemente.

Ela ficou ali sentada durante muito tempo, simplesmente a segurar-lhe na mão até ele parecer adormecer, depois, inclinando-se sobre ele, beijou-o gentilmente nos lábios antes de se ir embora.

Antony Carraldo sofreu um fulminante ataque cardíaco momentos antes da madrugada da manhã seguinte, e, antes de o Sol nascer, já ele morrera. Várias centenas de pessoas foram ao seu funeral, apesar de poucas terem feito luto por ele. Contudo, havia lágrimas de tristeza verdadeira no rosto de Aria Rinardi ao colocar um feminino lírio do vale, uma gipsofila e botões de rosa creme em cima da sua campa.

Mike abriu a garrafa de champanhe com um estalido satisfatório e Lauren apressou-se a pôr um copo por baixo do líquido que jorrava.

– Não podemos desperdiçá-lo – disse ela, a rir –, sabe demasiado bem.

– Há mais do mesmo sítio de onde este veio – disse ele. – Brindamos a quem? À Maria? A Poppy Mallory? Ou a ti?

Ela pôs a cabeça de lado, pensando na pergunta.

– A nenhuma delas – decidiu, finalmente. – Brindaremos a ti, pois sem ti eu nunca teria descoberto a verdade sobre Maria e sobre mim.

– Então também temos de brindar à Maria – argumentou ele –, pois foi ela que me deu a pista. Assim que compreendi o comportamento estranho de Helena por causa da sua surdez, apercebi-me de que fora provavelmente isso que me intrigara em relação a Maria. Conseguia ver-lhe inteligência nos olhos, não parecia haver nada de errado com o seu intelecto, mas, ainda assim, ela era muito silenciosa. Depois, lembrei-me de que Helena tinha o nome de família Mallory, e pensei nos nomes inscritos na tua Bíblia de família... Não demorei muito a ir atrás das provas, nascimentos, óbitos, casamentos, comecei simplesmente contigo e recuei até à filha dela.

«Angel dissera na sua carta que as pessoas que tinham adotado o bebé de Helena tinham o apelido James e viviam em Ventura County, aqui, na Califórnia. Disseram a Angel que lhe iam dar o nome de Mary e que o seu segundo nome seria Mallory. Mary Mallory James. A investigação não

demorou muito depois disso.

«Maria-Cristina foi morta durante a Segunda Guerra Mundial enquanto conduzia uma ambulância e Helena, que se tornara uma reclusa, morreu anos mais tarde. Foi nessa altura que deram o papagaio a Aria. Se ela tivesse vivido, teria havido continuidade na família e não teria havido mistério nenhum. Ainda assim, deu-me a oportunidade de conhecer Poppy Mallory – acrescentou ele, pensativo – e, para dizer a verdade, é uma oportunidade que não teria perdido por nada deste mundo. Poppy foi uma mulher que viveu mais com o coração do que com a cabeça e, quando tudo correu mal, ela conseguiu encaixar as peças do *puzzle* e continuar. *Indomitable*, é esta a palavra que eu usaria para a descrever.»

Lauren olhou para ele com os olhos azuis sérios.

– Este brinde devia ser para a Poppy – afirmou ela, erguendo o copo.

– À Poppy – brindou Mike. Fez-se silêncio, depois, ele disse: – Então, agora vamos brindar a Miss Lauren Hunter, a herdeira Mallory.

Lauren suspirou.

– Acho que vou precisar de muito champanhe – comentou ela –, porque é sério pensar que agora tenho o património valioso e todos aqueles milhões.

– Vais ser bem aconselhada – referiu Mike. – Lieber vai certificar-se disso.

– Há uma coisa que sei que quero fazer com ele – revelou ela. – Lembra-te de me teres dito que, se o dinheiro fosse dele, o Pierluigi queria criar uma fundação em memória da irmã? Para ajudar os jovens sem-abrigo e garantir que entravam na universidade? Gostaria de usar alguns dos milhões para isso. Gostaria que se chamasse Fundação Poppy Mallory. Podíamos ter bolsas de estudo especiais com o nome de Claudia.

– Isso é muito bonito, Lauren – elogiou ele.

Ela encolheu os ombros.

– Eu própria era uma desses jovens com pouca sorte até à semana passada.

Olharam para Maria que brincava alegremente com o seu ursinho de Natal.

– Sei que o problema de audição é sério, mas o médico espera que, após a operação, ela recupere parte dela. – Lauren olhou para ele, esperançosa. – Disse-me que ela poderá falar e que com a leitura de lábios ficará bem. Fico contente por não ter sido nada pior.

– Então e os *teus* planos? – perguntou ele, olhando-a nos olhos.

– Afinal de contas talvez consiga ir para a Stanford – disse ela, alegre. – Pensei comprar uma casa lá perto e tenho esperança de que me deixem viver fora do campus, com a Maria. Agora consigo contratar uma ama e pagar os tratamentos médicos. – Suspirou, olhando para ele, agradecida. – A Poppy Mallory nunca saberá como agradeço o presente dela, pois é mesmo assim. Não fiz nada para merecer este dinheiro todo.

– Vamos simplesmente dizer que, afinal, o dinheiro encontrou a pessoa certa – afirmou Mike, sorrindo-lhe. – É engraçado, sabes, Lauren, estava mesmo a pensar o quanto gosto da Califórnia, ponderando, eu próprio, comprar aqui uma casa. A Poppy também me deixou um legado, um livro, e a Califórnia é tão boa como outro sítio qualquer para o escrever. Talvez sejamos vizinhos. E, sempre que te conseguires ver livre dos rapazes universitários, talvez possas jantar comigo, de vez em quando?

– Gostaria muito – declarou Lauren, com os olhos azuis a brilhar tal como os de Poppy deviam ter brilhado ao apaixonar-se há muitos, muitos anos.

Epílogo

1957

Mesmo agora, enquanto velhota, sozinha na sua *villa* italiana vistosa e ornamentada, longe do seu lar de infância na Califórnia, Poppy lembrava-se de ver as flores das quais recebera o nome na semana em que nascera. É claro que sempre lhe tinham dito que tal era impossível, um recém-nascido tão novo não conseguia ver. Mas aquele campo, curvado para cima em direção às colinas por detrás da antiga casa de adobe, tinha sido arado no outono e semeado com cevada para o inverno e, após as tempestades, as gratas papoilas californianas nunca mais tinham voltado a crescer. Então, como era possível ela lembrar-se tão bem, se não tivessem ficado gravadas na sua memória?

Se fechasse os olhos era capaz de sentir a sensação de leveza de estar nos braços da mãe, e cheirar a fragrância doce e airosa da pele dela à medida que caminhava, enterrada até aos joelhos, num mar de flores. Lembrava-se de ser segurada perigosamente para a frente de modo a partilhar o prazer da mãe perante a vista de centenas de pétalas em forma de coração que abanavam na brisa como borboletas de seda escarlates. E recordava-se dos profundos corações purpúreos e do pólen fofo e dourado dos estames tão claramente como o seu próprio reflexo ao espelho.

Era uma história que contava a *Luchay* vezes sem conta. E, ao envelhecer, só falava com o papagaio sobre as suas recordações *felizes*, apesar de *Luchay* conhecer bem a história da sua vida. *Conhecia todos os seus*

segredos.

Raramente falava às mulheres que vinham da aldeia para limpar a *villa* – as trinta e duas divisões repletas de mobília floreada e ornamentada que ela desprezava... «Não passam de tecidos vermelhos e de ornamentos», costumava dizer a *Luchay*, rindo-se de gozo. As mulheres viam o que ela queria e preparavam-lhe as refeições; e ela supunha que lhe roubavam, mas não lhe interessava – provavelmente tinham dezenas de bocas para alimentar em casa. E, agora, no final, só restava ela. Uma velha sozinha que se sentia tão cansada que dormia a sesta e sonhava com sonhos antigos, esperando poder finalmente exorcizá-los. Depois, talvez, pudesse voltar a acordar.

O estrangeiro alto parou o carro junto aos pilares cheios de musgo com os pavões a desfazerem-se. Tentou empurrar os enferrujados portões de ferro, mas estes recusaram abrir mais do que uma nesga. A *villa* mal era visível na sua verdura emaranhada, e, encolhendo os ombros, ele atravessou o caminho não aparado.

Apressando-se para os degraus da frente, tocou à campainha, metendo as mãos nos bolsos e andando de um lado para o outro no pórtico como um homem indeciso que não sabia se havia de mudar de ideias. Pegou no jornal que lhe saía do bolso e voltou a olhar para ele.

– Mallory – leu –, na Villa Castelletto, no Veneto, em Itália. Poppy, de setenta e cinco anos. Sempre amada e recordada pelo seu amigo Franco. – Ouviu o som de passos no chão de mármore e depois a porta a abrir. Uma velha camponesa com a cabeça coberta por um xaile preto apareceu na abertura.

– *Che desidera?* – perguntou ela.

Ele disse-lhe que queria saber sobre a mulher que costumava viver ali, que era um parente há muito perdido. Precisava de saber, disse ele, onde ela fora enterrada.

A mulher olhou duramente para ele por um instante, com os olhos negros a analisarem-no. Em seguida, abriu devagarinho a porta. Ele espreitou através dela para o corredor sombrio; as cortinas estavam fechadas e os espelhos encontravam-se cobertos por mantos pretos.

– É uma pena que esteja demasiado atrasado para o funeral. Ela foi

enterrada no cemitério da aldeia. O homem veio e tratou de tudo. Ele e eu fomos as duas únicas pessoas que assistimos à cerimónia fúnebre. Se tivesse chegado mais cedo... – acrescentou ela, faladora –, teríamos sido três. Depois o advogado levou o papagaio, dizem que o deu a alguém... Não sei quem. Tudo o que sei é que era a única coisa de que ela gostava. Pobre alma solitária. – Benzeu-se, murmurando uma oração à medida que ele se virava e se dirigia rapidamente de novo para a estrada.

– É pena que esteja demasiado atrasado – gritou a mulher, estridente. – A *madame* nunca recebia visitas... Teria sido bom para ela...

O cemitério tinha quatro paredes repletas de túmulos muito brancos. Cada um deles tinha um santo, uma *Madona* ou uma figura de Cristo na cruz, e cada um deles estava decorado com fotografias da pessoa morta e um vaso de flores. No centro do cemitério estavam as sepulturas maiores e mais elaboradas e ele avançou, inspecionando-as e lendo cuidadosamente os nomes; contudo, nenhum dos túmulos barrocos encimado por flechas e anjos era o de Poppy.

Encontrou-o, por fim, num canto ensolarado junto ao muro mais longínquo, uma sepultura singela rodeada de mármore rosa e com uma lápide simples que dizia o nome, a data do nascimento e a do falecimento. *À memória de*, fora escrito. E, no túmulo, jazia uma gardénia fresca; as suas folhas verde-escuras pareciam de cera e brilhavam, e as suas flores perfumadas eram tão cremosas e suaves como o leite fresco.

Rogan passou as mãos cansadas no cabelo grisalho, olhando para a sepultura. Após uns momentos, saiu rapidamente do cemitério e, sem olhar para trás, entrou no carro e partiu.